

John Carter Brown  
Library  
Brown University

The John Carter Brown Library  
Brown University  
Purchased from the  
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

10225

MEMORIAL  
DE  
PORTUGAL  
RESTAURADO,  
PARTE PRIMERA  
TOMO I.

10220, 6995

10220

HISTORIA  
DE  
PORTUGAL.  
RESTAURADO,  
PARTE PRIMEIRA,  
TOMO I.

Antonio - José de Pinho junior.  
XII. 906.

O Círculo de Monteão

de 58-59

conforme a versão

do Prof. Ribeiro

Prólogo 4/6/11

ПОРТУГАЛИЯ  
РЕСТАУРАДО  
СИЛВА ЛИМЕРЯ  
ТОМО I

# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO,

EM QUE SE DA' NOTICIA DAS MAIS GLORIOSAS  
acções assim politicas, como militares, que obráraõ os Portu-  
guezes na restauraçao de Portugal, desde o primeiro de De-  
zembro de 1640, até ao principio do anno de 1643.

ESCRITA POR

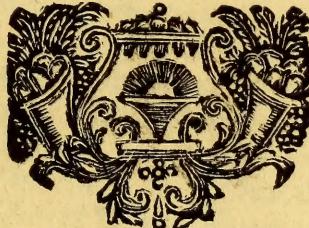
D. LUIZ DE MENEZES,

CONDE DA ERICEIRA, DO CONSELHO DE ESTADO  
de Sua Magestade, seu Vedor da Fazenda, e Go-  
vernador das Armas da Provincia de Traz  
os Montes, &c.

PARTE PRIMEIRA,

*Terceira vez impressa, e emendada.*

TOMO I.



LISBOA:

Na Offic. de DOMINGOS RODRIGUES.

Anno de M.DCC.LI.

---

*Com todas as licenças necessarias.*

HIСТОРИА  
DE  
ПОРТУГАЛ  
РЕСТАУРАДО  
ЗАСЛАГА ПОЯ  
ДИКИИ ДИИНЕС  
ПИЯДЕ ПЯМЕ  
ЛОМОТ

ЛІСБОА:

ЛіоГо. де ДОМІНГОС РОСІОНЕС  
Анна ВІДООЛІ

Сама книга відмінно збереглася



## PROLOGO.

ESTA ceremonia, Leiter, de escrever Prologo, mais por escusar a censura de que falto á ley de dar principio com elle a huma historia tão grave, que por me parecer a ley precisa, me resolvo a observála: porque discursado o fim com que se establecto, avalio por inutil este trabalho, entendendo que na escolha da historia, e no acerto de escreverla consiste toda a fortuna dos Authores. Porque nem a amizade dos Leitores pôde encobrir os defeitos do Escritor, nem esclarecer-lhe os acertos o odio; e entre estes dous extremos (ordinariamente viciosos) se levanta o Tribunal da justiça dos desinteressados, por independentes, ou por não conhecidos, que costumão dar o louvor por premio aos benemeritos, e a censura por castigo aos culpados.

Huma das maiores emprezas do mundo he a resoluçao de escrever huma historia: porque além de inumeravel multidaõ de inconvenientes, que he necessario que se vençao, e de hum trabalho excessivo, que he preciso, que se supere: no mesmo tempo, em que se pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-se vencido formar o intento, vencer a lis

a liçāo ; assentar o estylo ; colher as noticias , lançar os borradores , tirálos e n limpo , conferí los , e apurálos , quando quem escreve se anima na emprensa do livro que escreveo ao pomposo titulo de Author , entaõ começa a ser reo , e réo julgado com taõ excessiva tyrannia , que tendo lingoa para fallar de tantas pessois , como saõ as que comprehendem qualquer volume , a naõ pôde ter para deixar de ser condenado sem ter ouvido . Julgo por muito errada a opiniaõ commua , que assenta , que a historia he paralelo da pintura : porque he tanto mais privilegiado o Pintor , que o Escritor , que teve lugar Apelles , pondo em publico huma figura que havia pintado , de lhe emendar a roupa , que hum artifice dellas lhe condemnou por imperfeita , e de castigar a ousadia de outro , que , naõ sendo Pintor , se atreveo a arguir , lhe o perfil da figura . Naõ he concedida aos Escritores tanta liberdade : porque no mesmo ponto que os sinetes do prelo acabáraõ de sellar a historia que escreveraõ , logo perderaõ toda a acção de emendála , e na dificuldade de satisfazer a hum mundo de juizos diversos , fica provado o desengano , de que naõ pôde haver historia bem avaliada de todos . O Sol por que costuma taõ repetidamente ostencer se do berço do Oriente ao tumulo do Occato aos olhos do universo , se expõem á censura dos que sem penetrar a magestade do seu resplendor , e a utilidade dos seus rayos , sujeitando a razão ao appetite , huns o condemnão de claro quando a calma os aperta , outros de escuro quando o frio os afflige , sem reparar que os latidos do caõ Celeste , que amedrentaõ na Canícula os vapores , de que as nuvens no Inverno se formão , taõ , e naõ o Sol , culpados no rigor da calma , como as nuvens na aspereza do frio .

Que importa , que a verdade da historia , e puzreza

reza do estylo a formem como o Sol perfeita, se os Leitores pertendem avaliá-la como querem, e naõ como merece.

A estas, e outras muitas difficultades se sujeita quem se resolve a escrever huma historia que peña opiniao communa dos historiadores costuma ter de seculos passados, em que mais desfogados os animos entraõ a descobrir a verdade dos successos. Porém quaes seraõ os inconvenientes, quaes os perigos quasi invenciveis, a que se arroja quem tomou a temeraria resoluçao de imprimir em sua vida a historia do seu tempo. Em verdade que até imaginado faz horror este intento: porque oppostas, e incompativeis as obrigaçoes forçosas aos riscos manifestos, naõ parece possivel, apurados, destilarem hum composto perfeito; pois faltar á verdade, fica sendo infamia do Author, descobrilla nas accoens desacertadas, cahe em descredito dos comprehendidos. Encarrecer os benemeritos, será inveja dos indignos: louvar os viciosos, opprobrio dos benemeritos: contar todos os successos, he empenho invencivel: callar alguns, pôde ser queixa dos interessados. Nos casos grandes, e ainda nos inferiores ajustarem-se todos em que saõ verdadeiramente contados, difficultosamente se poderá conseguir: porque eu experimense tey, achando-me em quatro batalhas, e em outros encontros, com muitos mil homens, naõ se descobrirem dous que concordassem ne mesmo facto; e tenho alcançado que a razão desta variedade vem a ser, que como hum só homem naõ he possivel assistar a todos os successos de hum conflito, entendendo erradamente que cahe no descredito de naõ ter parte em tantas accoens diversas, todas as que naõ pôde alcançar com a vista desacredita por fabulotas. Se pois me naõ soy possivel contar sem contradiçao em varias

con-

denaraõ a hum Author Francez , que imprimindo hum livro , em que affirmava , que Francisco I. Rey de França naõ fora prezo na batalha de Pavia. E perguntandolhe a razaõ , porque calumniava a sua verdade , lançando ao mundo aquella mentira , respondeo , que nos seculos futuros quem lesse a sua historia , e a dos Castelhanos , daria credito á opiniao a que se affeçoasse. Estes forao os motivos que me persuadiraõ a taõ difficultoso empenho , animandome juntamente a tomallo por minha conta as muitas circunstancias , que me habilitaraõ : porque além de herdar de antigos , e valerosos Avôs ser a verdade alma da vida , como he da historia , tive a fortuna de me criar no Paço com o soberano , e esclarecido Principe D. Thodosio , assistindolhe continuamente de idade de sete até quinze annos , e igualmente aprendendo com elle a primeira gramatica , e a liçao das historias. Neste tempo fiz memoria das primeiras politicas com que El Rey D. Joaõ deo principio ao governo deste Reyno.

De quinze annos comecey a servir na guerra , em que pasley por todos os Postos taõ vagarosamente como qualquer soldado da fortuna , e cheguey ao mayor emprego de Governador das Armas. Achei me em todas as occasioens grandes da Provincia de Alentejo do anno de 1650. até a batalha de Montes Claros , e fuy voto em todos os negocios de mayor consideraõ. A guerra das Provincias aonde naõ assisti , e a das Conquistas conferi com os Cabos , e Officiaes que se acharaõ em todas as emprezas , depois de examinar os papeis mais intimos em que a curiosidade de varias pessoas se havia exercitado.

As negoceaoens fóra do Reyno , que tocarao a diferentes sujeitos , escrevo por informaõ de cada hum delles , e pelos livros em que os Embayxadores

dores lançaraõ as Embaixadas. Os mais negocios pelos documentos das Secretarias de Estado, e Guerra, buscando em todos, além destas noticias, a segurança de testemunhas desinteressadas, que tiveraõ sem dependencia parte em todos os successos politicos, e militares.

Dez annos de trabalho me levou este primeiro volume: no discurso deste tempo naõ houve pessoa douta ou intelligente que se animasse a examinallo, a quem o naõ entregasse, sujeitando-me a qualquer censura que se me apontava, e emendando o que se me advertia, ainda que fosse contra o proprio entendimento, entendendo, que como esta Historia naõ ha de ser só satisfaçao do meu juizo, se naõ dos alhejos, fico melhor livrado em ter por defensores os que a emendarão. He documento, que felicemente devo ao sobre todos prudentissimo discurso do Principe noslo senhor. Antes que começasse a escrevella passey por espaço de dous annos as historias mais seletas antigas, e modernas, conhecendo, que era necessário assentar o estylo: porque naõ tendo seguido mais escolas, que as militares, que naõ costumaõ deixar á liçaõ dos livros muitas horas de exercicio, haviaõ levado a inclinaçao a equivocos, e termos poeticos, frase de que os primeiros annos mais continuamente se alimentaraõ, e de que me fez apartar o mais que me foy possivel a doutrina dos mestres da historia, e a dos preceitos historicos de Mascarde Italiano, e do Padre Mene Francez, que nesta idade com grande elegancia se empregaraõ neste assunto. Nos ultimos dous annos padeci mayor trabalho: porque tocandome nelles a occupaçao de Vedor da Fazenda da Repartição da India, que costuma deixar poucas horas livres, as que me ficavaõ de descanso, empregava neste exercicio, conhecendo, que passar

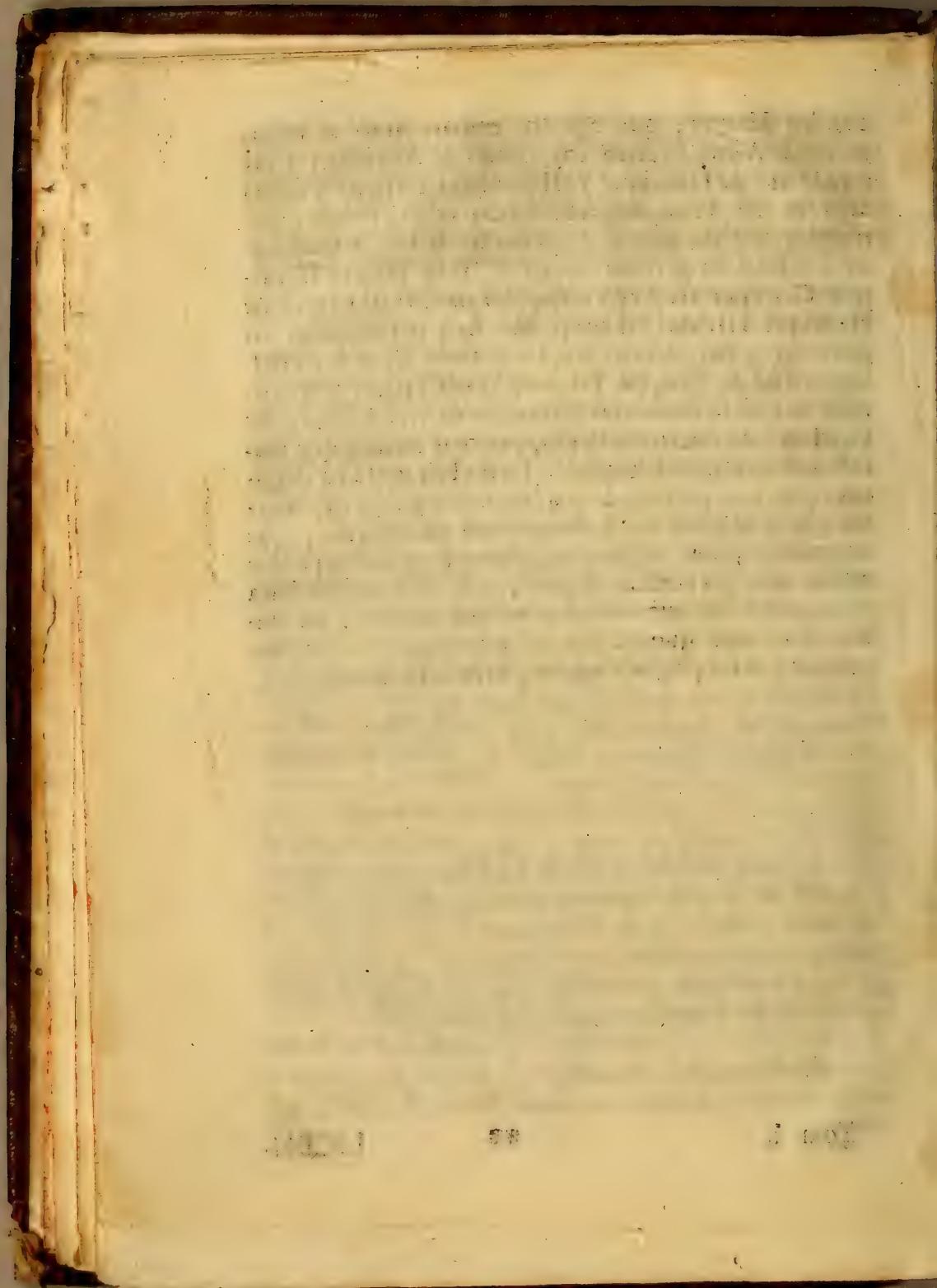
dia sem lançar linha , he perder do tempo a melhor joya , qué atégora naõ tem havido milagre que fosse poderoso para restauralla.

Huma das maiores satisfaçoens que tenho alcançado neste meu emprego , he imprimirse quasi juntamente com este livro os que com tanto louvor proprio , e com tanta honra da Naçao Portugueza escreveo o moderno Livio Manoel de Faria , e Sousa ; e como em todos chegaõ os successos , que refere nas quatro partes do mundo , da fundaçao de Portugal até o anno de 1640 fica com a minha historia enfiada a de Portugal até a paz celebrada entre esta Coroa , e a de Castella , que he o assumpto que comprehendem estes douis volumes.

Agora , leitor , ou pio , ou malevolo , ou desinteressado , he necessario affiar o discurso , e eu seguro que muito menos ha de custar aos leitores arguir , do que a mim me tem custado o escrever. E se alguma satisfaçao se entender que mereço pelo meu trabalho , naõ quero maior recompensa que o conhecimento , de que atégora naõ sahio ao mundo historia mais verdadeira : pois sem affeição , odio , esperança , ou temor , naõ perdoey a requisito algum necessario para a historia , que me ficasse por escrever , parecendome só escuzado relatar defeitos particulares , tendo por opiniao , que os que se arrojaraõ a desbrillar merecem mais o titulo de satyricos que de historiadores , exceptuando aquelles que referiraõ vicios de que depende a narraçao da sua historia , como he necessario que me aconteça , quando chegar a referir os successos da vida del Rey D. Affonso VI.

Naõ podia Tito Livio eximirse de contar os excessos de Tarquino , originando-se da sua laciua a mudança de Reys á Républica no Imperio Romano : mas pudera Quinto Curcio encobrir os vicios de Alexandre

xandre Magno, que não lhe embaraçaraõ as victorias da Ásia. Preciso foy a Joaõ de Mariana relatar a cegueira de Henrique VIII. de Inglaterra na indigna affeição de Anna Bolena, sendo este desatino a primeira causa de passar de defensor da Igreja Catholica á cabeça da perfidia heretica: mas pudera Henrique Caterino de Avila dissimular os divertimentos de Henrique III. de França, que não pertenceraõ ao governo da sua Monarchia, Faminiano Estrada os desconcertos de Chapim Vitelio, e o Cardeal Bentivoglio nas suas memorias historicas os vicios de alguns Cardaes do Sacro Collegio, e outros muitos que usaraõ desta indigna liberdade. Descobrirem-se os defeitos que não prejudicaráõ a interesles publicos, muitas vezes servem os Leitores mais de estimulo, que de emenda, usando dos exemplares para desculpa dos vicios que pertendem seguir, e hé Deos verdadeira testimunha de que o meu principal intento, he atalhar todos os que pôdem offendere a sua Divina Majestade, e fer prejudiciaes á gloria desta Monarchia.





## L I C E N G A S. DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimir-se a Obra de que se tra'a, e depois voltará conferida para se dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 6. de Fevereiro de 1750.

*Fr. R. de Alencaſtre Abreu. Amaral. Almeida.  
Trigojo.*

### DO ORDINARIO.

PO'dem-se reimprimir os Livros de que trata a Peſtição, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 6 de Fevereiro de 1750.

*D. Joseph Arcebispo de Lacerd.*

### DO P A C O.

Q Ue se possaõ reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impressos tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença, para que corra, e tem isto não correrá. Lisboa 7 de Fevereiro de 1750.

*Marquez P. Attaide, Gaſtro. Almeida.*

DO

## DO SANTO OFFICIO.

**P**õ de correr. Lisboa 8. de Junho de 1751.

*Sylva. Abreu. Almeida.*

## DO ORDINARIO.

**P**õ de correr. Lisboa 11. de Junho de 1751.

*D. J. A. L.*

## DO P, A C O.

**T**axaõ para correr, em seiscentos reis cada hum  
Lisboa 12 de Junho de 1751.

*Marquez P. Almeida. Castro. Doutor Quintella*

**HISTO**



# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO I.

## S U M M A R I O.

**I**NTRODUCC, AM da Historia; e fundamentos para se escrever. Noticia das antiguidades do Reyno. Elogio dos Reys, e Varoens insignes de Portugal. Motivos da sua infelicidade. Pretendentes da Coroa, e fundamentos da justiça, com que esperavaõ alcançalla. Diligencias de Filipe II. para a conseguir. Irresoluçoes d'El Rey o Cardial D. Henrique, e receio das Armas de Castella, causa total de acabar a vida sem nomear Successor ao Reino. Deixa eleitos cinco Governadores, tres delles daõ sentença por El Rey D. Filipe. Para confirmalla entra pederoso em Portugal. Coroa-se o Prior do Crato em Santo Tom. I. A tarém,

2 PORTUGAL RESTAURADO,  
tarém: determina defender Lisboa: fica vencido, e  
o Reino entregue. Passa ElRey de Badajoz a Thomar, onde se celebraraõ Cortes, e foy jurado. Acabadas as Cortes, entra em Lisboa. Intenta o casamento da Duqueza D. Catbarina, que não consegue. Volta a Madrid, deixando o Cardial Alberto governando o Reino. Começaõ a quebrar-se os Capitulos jurados em Thomar. Morte de Filipe II. Successão de Filipe III. Jornada, que faz a Portugal com pouca utilidade: volta a Madrid, onde morre.

*Introduçāo à  
História.*

**A** PROVIDÊNCIA Divina, que distribue tōda a humana grandeza, e costuma igualar a pena á culpa, e o premio ao mercimento, havendo permittido, que os animos valerosos dos Varoens Portuguezes padecessem fessenta annos o infelice dominio de Castella, ou por castigo da vaidade de haverem superado com acçoes singulares as Naçōens mais remotas, ou por desconto da gloria, que na liberdade lhes destinava, suspendendo os golpes da espada da Justiça, e mostrando os fructos do ramo da Misericordia lhes influio alentado espirito, para que sacudindo taõ pezado jugo, libertassem a esclarecida Patria, melhor fabrica da Natureza, da injusta sujeiçāo que padecia. O maravilhoso effeito, que produzio esta resoluçāo, determino escrever, se não com a eloquencia, e erudição, que pede assumpto taõ levantado ( que nenhum dos Historiadores antigos logrou melhor emprego ) com taõ solida, e independente verdade, que não achem os especulativos que contradizer; porque encontrar em qualquer parte esta alma da História, he tirar o credito a tudo o que nella se refere; e como a verdade he diamante de tanto fundo, e de valor taõ intrinseco, que em nenhum tempo achou maior preço, que o de seos mesmos quilates, queixem-se embora os que dependerem da falsidade do Escriptor; para que a posteridade não abomine os seos erros. A abelha, e aspid nascem no mesmo campo; aquella transforma as flores em mel, este em peço-  
nha.

## PARTE I. LIVRO I.

3

nha. Espero que no campo desta Historia sejaõ os Leitores abelhas, para naõ haver flor nociva. Ver-se-ha no discurso della contender com dilatada Monarquia pequeno Dominio, e vinte e oito annos huma só Naçaõ, parto de taõ pouca terra, pelejar, ajudada de poucos soccorros, contra todas as de Europa, vencendo quasi sempre soldado a soldado, partida a partida, tropa a tropa, troço a troço, e exercito a exercito, sendo em qualquer das contendidas maiores o numero dos Castelhanos superior ao dos Portuguezes. Ver-se-haõ mortes, incendios; destruiçoens, e calamidades; e os Portuguezes, novos Anteos, tirarem todos os annos maiores forças da propria terra. Ver-se-haõ sitiós, intreppezas, traças, e disposiçoens admiraveis, contendidas politicas, intrinsecas, e externas, que quando ameaçavaõ a ruina, celebravaõ os Portuguezes o triunfo, e quando os successos eraõ mais embaraçados, e os empenhos mais vigorosos na Europa, sustentar-se a guerra em Africa, continuar-se na Asia, superar-se na América; naõ havendo Mar, que naõ partissem as nossas quilhas, Terra, que naõ pizassem as nossas plantas, Elemento, com que naõ contendassem os nossos braços, Naçaõ, que naõ confessasse as nossas victorias.

Os cabedaes com que me achey para tanto emprego, me animaraõ a tomar por minha conta esta obra; quando naõ saiba levantar-lhe mais, que as columnas, naõ faltará outro Arquitecto, que com estes materiaes aperfeiçoe este edificio, remunerando-se-me o trabalho, a que me exponho, na confislaõ do zelo com que resgathei da prizaõ do esquecimento tantas acçoens heroicas, podendo herdar da natureza deixallas sepultadas; porque os Antigos, e valerosos Portuguezes souberaõ melhor empunhar a espada, que apparar a penna; pois de todas as virtudes podéraõ ser o melhor exemplar com maiores vantagens das que lograõ, se naõ deixaraõ esquecer muitas das grandes maravilhas, que fizeraõ. Porém para formar perfeitamente o corpo desta obra, he necessario fazello luminoso, mostrando os principios da Monarquia Portugueza, assim para ficarem mais claros os

*Fundamentos  
para se escrever  
a Historia.*

## 4 PORTUGAL RESTAURADO,

successos modernos, que dependem de noticias antigas; como para que se conheçaõ os muitos espiritos bellicosos, que em todos os seculos brotou taõ pequeno distrito, que naõ parecerá improprio tomar taõ alto principio em Historia, que naõ he geral do Reino, porque esta pequena luz naõ poderá offendere ao Leitor por breve, como por achar muitos Authores, que seguirão esta ordem em Historias similhantes.

*Noticia do Rei-  
no de Portugal,  
e suas antigui-  
dades.*

*L* *\**  
*1800*  
*150*  
*2170*  
*Christo*  
*Redem-  
pção Universal*  
*Tubál*  
*Noé*  
*Adão*  
*Europa*  
*Japheth*  
*Italia*  
*Mar Mediterraneo*  
*Estreito de Gibaltar*  
*Promontorio Sacro*  
*Turgio*  
*Oceano*  
*Rio Sálio*  
*Tejo*  
*Setubal*  
*Coroa deo*  
*Imperio de Hespanha*  
*Povoaçãoens*  
*Reinos*  
*fortuna*  
*hora*  
*idade*  
*Naçãoens*  
*dominio*  
*Mundo*  
*particular*  
*providencia*  
*esteve*  
*Seculos*  
*Reino de Portugal*  
*separado*  
*alheio Dominio*  
*pelejando*  
*liberdade*  
*fora*  
*sem-razaõ*  
*vivesse*  
*sujeito*  
*nasceo*  
*dominando*  
*idade*  
*contenda*  
*contenda*  
*tiverão*  
*Portugue-  
zes Reys*  
*formaraõ*  
*Républica*  
*elegerão*  
*Capitaens*  
*vencendo*  
*varias Naçãoens*  
*até*  
*vicios*  
*alguns Reys Godos*  
*entregaraõ*  
*toda Hespanha*  
*infelice domi-  
nio dos Mouros*  
*Sujeita sem remedio*  
*lastimosamente a*  
*esta*

O Reino de Portugal teve principio com o nome de Lusitania, como assentaõ as mais certas opiniões, no anno 1800 da Creação do Mundo, 150 depois que Deos (castigados os insultos dos homens) suspendeo a inundaçao das aguas, 2170 antes que Christo, para Redempção Universal, se revestisse da natureza humana. Foy Tubál neto de Noé segundo Adão do Mundo, primeiro pay dos Portuguezes; porque pertencendo a Japheth, de que foy quinto filho, a propagaçao de Europa, e fahindo Tubál de Italia navegou o Mar Mediterraneo, tocou o Estreito de Gibaltar, e o Promontorio Sacro, e Turgio na parte mais occidental de Europa, onde desembarcou, affeicoad de hum sitio sobre o Mar Oceano, que banhavaõ as aguas do Rio Sálio por hum lado, ficando por outro pouco distantes as do Tejo. Neste lugar fundou Tubál o primeiro de Hespanha, que com a duraçao do nome de Setubal, que quer dizer ajuntamento de Tubal, conserva o agradecimento do beneficio; e com esta Coroa deo principio ao Imperio de Hespanha. Os annos dilatáraõ as Povoaçãoens, e dividiraõ os Reinos. A fortuna, hora nesta, hora naquelle idade entregou a varias Naçãoens o dominio do Mundo; porém por particular providencia, esteve em todos os Seculos sempre o Reino de Portugal, ou separado de alheio Dominio, ou pelejando pela liberdade; porque fora sem-razaõ, que vivesse sujeito quem nasceo dominando. De idade em idade, e de contenda em contenda tiverão os Portuguezes Reys, formaraõ Républica, e elegerão Capitaens, vencendo varias Naçãoens, até que os vicios de alguns Reys Godos entregaraõ toda Hespanha ao infelice domnio dos Mouros. Sujeita sem remedio lastimosamente a esta

## PARTES. LIVRO I.

3

esta disgraca á Naçao Portugueza, brevemente se anhou a arrojar dos hombros tão custoso pezo, tomando ( Feniz de todas as idades) das cinzas, a que estava reduzida, materia o ardor com que conseguiu a sua liberdade.

O Infante D. Pelaio toy o primeiro restaurador de Hespanha, e ElRey D. Affonso o Catholico o primeiro, que emprendeo a Conquista de Portugal. Entrou por Galliza na Provincia de Entre Douro e Minho, ganhou aos Mouros as Cidades de Braga, e Porto: na Beira a de Viseu: em Traz os Montes a Villa de Chaves, e outros Lugares nas tres Provincias. Recuperaraõ esta perda outra vez os Mouros: retaurou-a ElRey D. Fernando o Magno, e dilatou com algumas victorias por esta parte mais a Conquista. Os Portuguezes poucos, e sem Capitão, padeciaõ varias fortunas, e tuperaraõ com muito trabalho grandes difficuldades, ate que Deos lhes dispensou para remedio o que permittio a outras Naçoens para castigo. Deo-lhes Reys, e tão ornados de virtudes, que souberaõ grangear, não só de presente, mas de futuro, a segurança de sua misericordia. Conquistavaõ os Reys de Leão os Lugares de Portugal, e encorporavaõ-nos á sua Coroa, como premio de seu trabalho. Toleravaõ os Portuguezes esta oppresião, pela inferioridade do poder, e porque prudentemente sacrificavaõ a grandeza dos animos aos revezes da fortuna, accommodando se á sujeição dos Leonezes por cobrarem forças, para se livrarem do Captiveiro dos Mouros. Durou esta disgraca até que, reinando em Leão D. Affonso VI, passou de França a servir na guerra, que fazia aos Mouros, o Conde D. Henrique, filho legitimo de Henrique ( neto de Roberto, primeiro Duque de Borgonha) e de Sibila tambem da Casa de Borgonha: por seu Pay, bisneta de Roberto o Devoto, Rey de França: por sua Mäy, quasi com o mesmo lustre na ascendencia: e por si, esclarecido tronco dos Reys de Portugal, tão prudentes, e valerosos Principes, que tendo a espada por Sceptro, e a Ley Evangelica por Coroa, ao mesmo passo, que venciaõ o Mundo, grangeavaõ a gloria, e as mesmas accções, que os fizeraõ celebres, e os habilitaraõ para ser Santos: tratavaõ aos virtuosos

Tom. I.

A 3

tuosos

## 6 PORTUGAL RESTAURADO,

tuozos como pay, e aos vassallos como filhos, e com huma, e outra assistencia sempre vencerão, nunca com traiçao: sempre triunfarão, nunca com vâagloria; porque era a Fé o objecto das Conquistas, e a misericordia o triunfo que tiravão dos Conquistados. O Conde D. Henrique depois de conseguir gloriosas emprezas contra os Mouros em serviço d'El Rey D. Affonso VI, mereceo pela sua grande qualidade, e valor casar com sua filha D. Thereta, dar-lhe em dote a Cidade do Porto, e conceder-lhe tudo o que conquistassem, com que vinha só a interessar hum cuidado certo, e huma esperança em duvida. Logo que foy Senhor do Porto ganhou Coimbra, e Viseu, e todas as mais Povoaçãoens de que entaõ se compunhaõ as tres Provincias de Entre Douro e Minho, Traz os Montes, e Beira. Desbaratou os Mouros em dezasete Batalhas, interprendeo Lisboa, e ganhou-a, ( ainda que os Barbaros a recuperaraõ ) e unindo ás virtudes as victorias, passou a Jerusalém, nomeado pelo Pontifice Urbano II. por hum dos doze Capitaens, que forao com Gofredo áquella Conquista. Ganhada a Santa Cidade, voltou a Portugal trazendo preciosas reliquias, que ficaraõ por testimunho da gloria, que adquirio nesta jornada, e da sua Fé. Depois de chegar levantou muitos Templos, e naõ houve acção heroica, que naõ exercitasse, nem demonstração de Christandade, que naõ fizesse. D. Affonso Henriques filho do Conde D. Henrique, e primeiro Rey de Portugal, foy nascido, felice objecto de milagres, criando-se raro exemplo de virtudes, vivendo prodigioso triunfador de inimigos; enxugou as lagrymas de teu pay morto com o sangue de D. Affonso VII Rey de Castella, e de Leão, que desbaratou, deixando-o ferido em huma batalha, ganhada nos Campos de Valdevez. Foy depois D. Affonso Henriques sitiado dos Mouros na Cidade de Coimbra, para onde logo passou: o aperto foy grande, porém de forte a constancia, que livrou a Cidade: escassou Leiria, Praça fortissima naquelle tempo: juntou treze mil homens, passou a Alemtejo, Provincia sujeita a Itmar Rey poderoso a que obedeciaõ cinco Reys, e a estes quinze Regulos; unio-se o poder de todos, e formaraõ hum

*Elogio do Conde  
D. Henrique.*

*Elogio d'El Rey  
D. Affonso  
Henriques.*

## PARTES I. LIKRO I. 7.

hum Exercito, em que se contavaõ mais de duzentos mil homens destros, e bem armados. Avillaraõ-se desigualmente hum, e outro Campo em o de Ourique, e reconhecendo D. Affonso, que os Portuguezes receavaõ a multidão dos Mouros, recorregoa Deos afflito confiado, e achou taõ propicia aquella infinita misericordia, que se abrio o Céo, e lhe appareceo Christo pregado na Cruz: prometeo-lhe a victoria, deo-lhe as Chagas por Armas, e seguirrou-lhe na descendencia o Reino, ainda que com suspenſão, sem limite. Amanheceo, e acclamaraõ-o os soldados por seu Rey, coroando-o as esperanças de vencer, como a outros a fortuna de conquistar; pelejou, e satisfez-lhe Deos a promessa, vencendo a maior batalha, de que em Hespanha havia triunfado a Ley Evangelica. Interprendeo Santarem, e fazendo voto de levantar hum Templo em Alcobaça da Ordem de Cister, ganhada a Praça satisfez magnifico a promessa: atacou valerosamente a opulenta Cidade de Lisboa, e conseguiu a empreza com acções heroicas, ajudado de huma Armada de Inglaterra. Destruio facilmente ao Miramolim Rey de Marrocos, que sitiava Santarem com hum grande Exercito, defendendo esta Villa o Infante D. Sancho, de cujo galhardo braço recebeo El Rey de Marrocos muitas feridas. Foraõ tantas as virtudes d'El Rey D. Affonso, que he este o resumo dellas, deixando de escrever muitas, de que se puderaõ compôr grandes Heróes. As horas em que este excellente Príncipe deixava de pelejar, e de acodir ás obrigações de Rey, gastava orando: foi muito favorecido de S. Bernardo, que floregeo em seu tempo: instituiu as Ordens Militares de Aviz, e a da Aza, que durou pouco: levantou, e enriqueceo muitos Conventos, fez notaveis fabricas, viveo felice, morreo Catholico, he contado por Santo. Naõ desfistraraõ as acções de tão heroico Progenitor seu filho, e neto D. Sancho I., e D. Affonso II., aquelle rompendo El Rey de Sevilha nos Campos de Xarafe, desbaratando hum Exercito de Mouros, que sitiava Beja, e tornando no Reino do Algarve a Cidade de Silves, asilo de Piratas Mauritanoes: este ganhando a Villa de Alcacere, e degollando a El Rey de Badajoz,

D. Sancho I.  
D. Affonso II.

## 8 PORTUGAL RESTAURADO,

D. Sancho II.

trinta mil homens. De D. Sancho II., de quem se desculpou a natureza para o Governo, se não apartou a virtude: se viveo molestado dos homens, morreo favorecido do Ceo. Seu irmão D. Affonso III. Conde de Bolonha, que succedeo no Reino, acabou de ganhar o do Algarve, e encorporou-o á Coroa de Portugal, lançando os Mouros de todos os Lugares de hum, e outro Reino. El Rey D. Diniz filho de D. Affonso III. foy o exemplar da Justiça, e a admiraçao do valor, da prudencia, e da liberdade, ja domando a braveza de D. Sancho de Castella, ja destruindo a politica de seu filho D. Fernando; aquifazendo hum feroz Urlo em pedaços; accolá compondo as differenças entre os Reys de Aragaõ, e Castella, dispensando magnanimo thesouros na jornada; no socego da paz fortificando todas as Praças do Reino, entobrecendo-o com a Ordem Militar de JESU Christo, que instituiu, e com a Universidade de Coimbra, e ornando a lingua Portugueza com a suavidade do Metro, de que cafreia, sendo o primeiro, que nella compoz versos. El Rey

D. Affonso IV.

D. Affonso IV. seu filho, e da Rainha Santa Isabel, que virtude deixou de exercitar? El Rey D. Affonso de Castella seu genro, que padeceo da sua vingança o castigo, alcançou felice na sua generosidade o socorro, cauia total da insigne victoria, ganhada nos campos do Sallado a quatrocentos mil Mouros, sendo a sua instancia incendiaria da batalha; e o seu braço motivo do vencimento. El Rey D. Pedro seu filho, mais severo, que cruel, dando-lhe este titulo os que appeteciaõ os vicios, que elle abominava, vendo defunta aquella maravilha de D. Ignez de Castro, que adorara viva, vingou nos cumplices a sua morte, fazendo os victima do Simulacro, que trasladou por entre tochas accesas de Coimbra a Alcobaça, querendo, que encontrando sempre com chamas pizafle coraçõens despedaçados; e coroando-a antes de sepultada, satisfez da sorte que lhe foy possivel com a grandeza do lugar o agravo do homicida; considerando aquella innocencia morta, sem mais causa, que a de nascer formosa; sem mais culpa, que a de ser amada: e como não podia haver excesso em dor tão justa, era impos-

D. Pedro.

## PARTE I. LIVRO I.

9

impossivel ter defeito Principe taõ fino. El Rey D. Fernando foy amante, e liberal, partes que, assentando sobre huma gentil disposiçao, puderaõ ilbornar a fortuna, que determinou levallo com o desvanecimento ao precipicio; porém que maquina se sustentou nestes pólos, que naõ perigasse? D. Joaõ Primeiro, antes Mestre de Aviz, e D. Joaõ o I. Defensor do Reino, depois Rey, e Tronco de todos os de Europa, foy no resplandecente das acçoes, e invencivel do animo, crystal, e aço, formado pela natureza unido espelho em que pudesem verse os melhores Principes, e Capitaens, que desejassem a maior composiçao de virtudes. Naõ se contaõ de Cesar mais victorias, nem se refere de Cataõ mais prudencia. Satisfez com a morte do Conde Joaõ Fernandes Andeiro os aggravos do Paço, Pelejou, venceo, e triunfou de El Rey de Castella D. Joaõ Primeiro em Algibarrota, e muitas vezes dos seos Exercitos, assistido do valor invencivel do Conde D. Nuno Alvares Pereira, segundo Atlante de Portugal, e primeiro Progenitor da Serenissima Casa de Bragança; ajudando El Rey a superar assim aos Castelhanos, como aos mäos Portuguezes. Socegada a guerra, opulento o Reino, crescida a descendencia Real, passou El Rey poderosissimo a Africa, chegou á Cidade de Ceuta, saltou em terra, atacou a Praça, entrou-a, rendeo-a, e entregou a defensa della a Dom Pedro de Menezes, hum dos valerosos, e esclarecidos antecessores desta Familia. Foy El Rey D. Joaõ devotissimo, melhor lustre das acçoes, e maior segurança das victorias. Deixou por Successor da Coroa seo filho terceiro D. Duarte, que a logrou com D. Duarte, menos felicidade do que merecia; foy muito sciente, e muito valeroso, entrou em Ceuta dos primeiros que a occupáraõ, padeceo, vivendo, a pena de ver no Reino infelidades a que resistio com grande constancia: foy destrissimo domador dos mais ferozes cavallos, e nos exercicios da Cavallaria excedeo a todos os do seu tempo: ajustou as Leys do Reino, e fez guardar as mais justas a seos Vassalos. D. Affonso quinto, o que chamáraõ Africano: que Sol o vio sem elgrimir a espada, e que meya Lua, que naõ eclipsassem os seos Estandartes? Aizila, Alcacer,

## 10 PORTUGAL RESTAURADO;

cacer, e Tangere forao emprego do seu poder, e desporto do seu valor. Tiverao os Castelhanos por seu Rey, e os Portuguezes por seu Capitao: nunca a felicidade o fez subarbo, nem a disgraca pôde diminuir-lhe a gloria.

**D. Joao II.** que, sendo Principe, se ensaiou na empreza de Arzila, na victoria de Touro, chegando a ser Rey, mereceo o titulo de Principe Perfeito: tantas forao as virtudes de que se compunha! Nunca aliviou em outros homens o peso do Governo; porque como nao receava algum perigo, e qualquer cuidado o disvelava, vinha a ter só director da sua reputação, com que segurava os seus acertos; castigou os vassallos indomitos, e nunca aguardou que lhe pedissem premio os benemeritos; aos Castelhanos trazia tão opprimidos, que, se encontravaos os designios, lhes dava a escolher a paz ou a guerra, e elles castigados com as suas victorias, se rendiaõ sempre ao seu preceito por conseguir a sua amizade. Deixou no Cabo de Boa Esperança descoberto desembaraçada a estrada Real da India, e no Reino de Congo conquistado seguro fundamento da Fé, que depois se estabeleceo nas mais remotas partes do Mundo. El Rey D. Magoel felizes sem competencia, sendo contado por filho unico da ventura, por descobrir, e conquistar tantos Imperios, que todo o Universo celebrou o seu valor, e admirou a sua prudencia; que Nação de o respeitar? Tres partes contava do Mundo Europa, antes que elle reinasse, quarta lhe descobrio o seu desvelo, sujeitando a America ao seu dominio: onde deixou aos Castelhanos o que desprezou por mais facil, querendo só triunfar na Asia do menos util, e mais custoso, para se coroar na gloria pelas innumeraveis mãos dos espiritos, a que franqueou as portas do Céo. Seu filho D. Joao III. foy o centro de toda a piedade, teve generoso sentimento de que seu paiz lhe não deixasse campo para dilatar as Conquistas; governou-se pela Religiao com que estabeleceo a justiça, sempre inclinado á misericordia: sustentou a India com repetidos soccorros, e foy venturoso instrumento de passar a ella o prodigioso, e admiravel S. Francisco Xavier, gloria de Navarra, e esplendor da

**D. Manoel.**

**D. Joao III.**

## PARTE I. LIVRO I.

II

da India. El Rey D. Sebastião filho do Príncipe D. João, é neto d'El Rey D. João III. ii. feliciter sucedeu no Reino ; porém, se lhe faltou a fortuna, scbiou-lhe o valor, e o não conseguir o que intentava, não lhe pode roubar a gloria de emprender dilatar a Fé, e extender o Imperio ; desejava mais, que a grandeza herdada, a opinião adquirida : e tudo conseguira, se lhe não atalhara os passos a inveja da fortuna ; porém o mar de lagrymas, que custou aos Portuguezes a sua disgraça, não affogou as esperanças da sua restituicão ; tão arraigadas em muitos coraçoens, que passaraõ da sujeição de Portugal a Castella a sua liberdade ; com que parece que desejallo era mais affecto, que desaffogo, demonstraçoens que só se concedem ao maior méricimento. Faltando El Rey D. Sebastião, sucedeu no Reino seu tio o Cardial D. Henrique ; as virtudes de Prelado o fizerão grande na estimação do Mundo ; a sua perplexidade , que choraraõ os Portuguezes, celebraraõ os Castelhanos : foy o seu maior cuidado dilatar a Fé , e desterrar os vicios ; virtudes, que , assim como a Coroa , lhe prepararaõ a Tiara.

O Cardial D.  
Henrique.

Estes forão os Príncipes Portuguezes , que coroaram a Monarquia Lusitana, e estes os exemplares, que imitaraõ Varoens insignes do seu tempo em Portugal , procedidos de outros , que em todos os séculos enobrecerão o Mundo. Sirvaõ de abono as acçoens de Viriato ; as Varoens insignes, de Sertorio, contado como Portuguez ; o valor de Bal. Portuguese. lare ; de Baucio Capeto ; Rechila ; El Rey Wamba ; D. Payo Correa , que fez parar o Sol ; D. Nuno Alvares Pereira , que fez tremer a terra ; D. Pedro de Menezes ; D. Duarte de Menezes ; D. Vasco da Gama ; D. Francisco de Almeida ; Affonso de Albuquerque ; D. Henrique de Menezes ; e Nuno da Cunha , que merecerão o título de Grandes ; Duarte Pacheco ; D. Luiz de Ataide Conde de Atouguia ; D. João de Castro ; e outros muitos , que he impossivel contallos , cujas acçoens nunca pederaõ ser encarecidas. Vencerão huns , e outros em varios tempos muitas vezes aos Carthaginezes , aos Romanos , aos Godos, aos Mouros, e aos Castelhanos , e dos Gentios, e Turcos infinitas Naçoens , contendendo, e pelejando quasi sem-

## 12 PORTUGAL RESTAURADO,

tempre com numero inferior ao dos inimigos: cortaraõ naõ conhecidos Mares, ganharaõ muitos Reinos, e fizerão conhacer a Ley Evangelica na Africa, na Asia, e na America a Naçoes inumeraveis, pregando-a Varoens Santissimos, muitos delles Martyres gloriosos, floretendo em Portugal em todos os teculos nomens insignes em todas as Faculdades; porém como a fortuna naõ contente a grandeza dos Impérios, toda elta gloria alcançada em Portugal, todas eltas victorias conseguidas, todos eltes Reinos Conquistados desbaratou a omiliaõ de hum Pincipe Portuguez, e a negociaçao de hum Rey Castelejano, ajudado dos animos ambiciosos de hums homens ingratos ao langue, de que se alimentavaõ, e inimigos da illustre Patria, em que nasceraõ, que produzio este aborto por permissao Divina, porque tendo a gloria de Portugal chegado ao maior auge, era necessario, que se abatesse, para tornar a subir. E como eltes forao os fundamentos infelices dos gloriosos succellos deita Historia, dar-lhe-he-mos principio, particularizando-os com as distincçoes, e brevidade que for possivel.

*Motivos da perda de Portugal.*

Choravaõ afflictos os Portuguezes a lastimosa disgraca d'El Rey D. Sebastiaõ, e com profundo sentimento se queixavaõ da perplexidade d'El Rey o Cardial D. Henrique, o qual tendo a irresoluçao por natureza, e o receio por effeito do Habito, e dos annos, dilatava a Portugal a nomeaçao de sucessor, em conhecido prejuizo da sua tranquillidade; porque, desvanecidas as idéas de casar se, intento, que teve no principio do seu Governo, sem reparar na Dignidade Sacerdotal, que profelava, e em sessenta e sete annos, que havia feito, debilitado com muitas, e continuas infirmidades, parecendo por huma, e outra razao, que seria conhecidamente infructuoso o matrimonio, ainda que fosse dispensado; porque para ser a successao natural, difficultavaõ os annos, e os achaques, e para ser milagrosa, naõ parecia meritorio o sacrificio da mudanca da vida. Reconhecerao os Preteadentes da Coroa de Portugal estes effeitos dos annos em El Rey, e tomaraõ confiança para declarar em sua vida a sua pretenção. Eraõ elles (começando pela parte mais poderosa a que

que assistio a fortuna) D. Philippe II Rey de Castella, por ser filho da Imperatriz D. Isabel, filha mais velha del Rey D. Manoel de Boa Memoria. A Duqueza de Bragança D. Catharina, casada com o Duque D. Joaõ, filha do Infante D. Duarte irmão da Imperatriz. O Duque de Saboya Emmanuel Philisberto, filho da Infanta D. Beatriz, filha segunda del Rey D. Manoel. Raynuncio filho primo- genito da Princeza de Parma D. Maria, irmã mais velha da Duqueza D. Catharina. O Prior do Crato D. Antonio, filho, que pretendia ser legitimo / Infante D. Luiz filho terceiro del Rey D. Manoel. A ultima Pretençora, com mais remota, e de menos provada justiça, era Catharina de Medicis Rainha de França, dizendo, que descendia del Rey D. Affonso III., Conde de Bolonha, e da Condesa Matilde sua primeira mulher; porém averiguando-se que não teve filhos deste primeiro matrimonio, foi excluida da pretenção; e seguiu quasi os mesmos paslos a dos Duques de Saboya, e Parma, porque como eraõ pouco poderosos, e não uniraõ ás instancias dos Embaixadores, que mandáraõ, subornos, e ameaços, artigos naquelles tempos sem contradicção, ficou todo o vigor da contenda entre El Rey D. Philippe, a Duqueza de Bragança D. Catharina, e o Prior do Crato D. Antonio. A Duqueza era todo o emprego da affeiçao del Rey D. Henrique: D. Antonio só nos primeiros annos alcançou o seu favor. Havia ficado captivo na batalha de Africa, e com industria alcançado liberdade: tanto que chegou a Lisboa, tratou de manifestar a sua justiça: porém procedeo nas diligencias com tanta demazia, que, offendendo-se El Rey, não só lhe encontrou a negociação de legitimar-se (que com maior calor applicava) mas obrigou-o a sahir da Corte, e procedeo com severidade contra seos procuradores: mas D. Antonio, que se constituia vivo retrato del Rey D. Joaõ I. assim no modo de nascer, como nas esperanças de reinar, não afroxou com o desferro as negociações, procurando por todos os caminhos ganhar os animos da Nobreza, e Povo. A Duqueza de Bragança, e o Duque D. Joaõ seu marido esperavaõ, que a sua justiça, e o favor del Rey seu tio, conhecidamente inclinado a coroallos, Diligencias da  
D. Antonio.

ven-

## 14 PORTUGAL RESTAURADO,

vencessem todas as contradicçōens, e superassem as forças de todos os emulos. Estas razoens taõ forçosas perluadião o animo delRey, deixando le juntamente vencer des inclinase ElRey muitos successores, que com a Casa de Bragança dava à Casa de Bragança á Coroa de Portugal, considerando no Duque de Barcelos D. Theodosio, Primogenito della, taõ galhardo espirito, que de onze annos se havia achado na batalha com ElRey D. Sebastião, e perdida ella ficára prizoneiro, levando os Mouros para Marrocos com huma gloriofa ferida na cabeça, naõ podendo a guerra crear com melhor leite taõ poucos, e generosos annos. Todas estas circunstancias arrazoadas, e forçosas affeçoavaõ os Portuguezes desinteressados á justiça da Casa de Bragança: porem naõ puderaõ prevalecer os clamores dos independentes contra os ambiciosos, que atropelaraõ as Leys da razaõ, armados do interesse; naõ tendo força aquelles golpes para romper a dureza destes peitos, que em tudo degeneraraõ da antiga constancia, e fidelidade Portugueza, deixando se persuadir do poder delRey de Castella, e das diligencias de D. Christovaõ de Moura.

Na grande fabrica do Elcurial achou a nova da perda delRey D. Sebastião a ElRey D. Philippe: e como naquelle tempo era avaliado pelo melhor mestre da Politica, por naõ perder o credito, naõ intrepose dilacão, grande inimiga dos negocios de tantas consequencias. Despachou logo a Portugal D. Christovaõ de Moura, que avallou pelo sogeito mais capaz para lograr o seu intento, por ser D. Christovaõ Portuguez, e apparentado com muitas familias deste Reino. Havia passado a Castella por menino da Princeza D. Joanna, que deixou Portugal por morte do Principe D. Joaõ seu marido. Em quanto a Princeza foy viva, lograva D. Christovaõ grandes favores seos; quando morreu, o deixou muito encõmendado a seu irmão ElRey D. Philippe, o qual, reconhecendo a sua capacidade, o occupou e.n os maiores Lugares. Chegou D. Christovaõ a Lisboa, e como era composto de bom natural, ajudado das liçoens de taõ excellente mestre, propoz a ElRey com dissimulaçō o negocio apparente, a que disse forçado, que era dar-lhe o pezame da morte delRey.

*Manda ElRey  
D. Philippe a D.  
Christovaõ de  
Moura por im-  
baxado.*

## PARTE I. LIVRO I. 15

Rey D. Sebastião. E logo com grande destreza começo a affeiçar os animos de todos os Portuguezes á pretençaõ del Rey D. Filipe, governando-se pela inclinaçāo, que reconhecia em cada huma das pessoas com que tratava. El Rey D. Henrique obrigado dos clamores de todo o Reino, e da affeiçāo que sempre teve a sua sobrinha a Duqueza de Bragança, da justiça com que havia de preferir aos mais Pretendentes, e do temor que lhe cautáraõ as diligencias de D. Christovaõ, que lhe naõ foraõ escober-  
tas, determinou nomear a Duqueza Succesflora do Reino: e foy este impulso com tanta resoluçāo, que comunicou a D. Joaõ M ascarenhas, de quem muito se fiava, que o dia seguinte declarava a Duqueza de Bragança por sucessora do Reino. O que se dilatou em fiar a D. Joaõ este segredo de tanta importancia, tardou elle em desco-  
brillo a D. Christovaõ de Moura, mancha que indignamente cahio em animo taõ nobre, e valeroso, que havia sustentado o segundo, e memoravel sitio da Praça de Dío. D. Christovaõ, tanto que teve esta noticia, consideran-  
do baldada a diligencia, a que viera, e destruidos os fun-  
damentos de toda a sua fortuna, acodio logo a atalhar a resoluçāo del Rey. Chegou tarde ao Convento de Xabre-  
gas, onde El Rey estava; e naõ podendo conseguir au-  
diencia, passou a noite nos Olivaes vizinhos, naõ que-  
rendo, que pela manhã se anticipasle a resoluçāo del Rey  
á sua diligencia. Assim o conseguiu, e fallou-lhe ao ama-  
nhecer, enlaçou no discurso tantos ameaços, e usou de  
tanta aspereza, reconhecendo a debilidade do seu espiri-  
to, que parecia, que entre El Rey, e D. Christovaõ se ha-  
via trocado o exercicio, e a grandeza. Foy esta efficacia  
taõ poderosa, que bastou para dar a Coroa de Portugal a  
El Rey D. Filipe, e para a tirar da cabeça a Duqueza de Bragança: porque El Rey D. Henrique remisso, e teme-  
roso suspendeo a deliberação de declarar a Duqueza suc-  
cessora do Reino; de que resultou succederem tantos embaraços, que veio a cahir Portugal na infelice sujei-  
çāo de Castella. D. Christovaõ avizcou promptamente a El Rey do muito que a sua industria havia conseguido:  
porque naõ só ficava divertida a deliberação del Rey no-  
nlar

Fala D. Christo-  
vaõ a El Rey,  
suspende a resolu-  
çāo.

## 16 PORTUGAL RESTAURADO;

mear a Duqueza de Bragança sucessora do Reino (havendo elle trazido ordem para lhe dar o parabem, quando assim sucedesse) mas que se achava com tantas, e tão importantes pessoas á sua devoçāo, que por instantes lhe cresciaõ as esperanças de grangear para ElRey D. Filipe o Reino, que ambiciotamente solicitava, fiado, mais que no seu poder, na debilidade das forças de Portugal, e mais nos seus exercitos, que na sua justiça.

ElRey D. Filipe recebeõ com grande contentamento as noticias de D. Christovaõ; e logo para dar maior calor ás diligencias, e aos subornos, elegeo para Embaixador de Portugal a D. Pedro Giron, Duque de Orluna, tomndo por pretexto mandar a ElRey D. Henrique com mais formalidade assin o pezame da morte delRey D. Sebastiaõ, como o parabem de haver tomado posse da Coroa. Era D. Pedro destro, focegado, e prudente, disposições que frizavaõ com o genio de D. Christovaõ de Moura, de quem era grande amigo. Chegou D. Pedro a Lisboa, e feita a função publica, applicou todas as negociações occultas: compraraõ se huns, intimidaraõ se outros, e todos se confundiraõ, para se perderem todos. ElRey chamou a Cortes para mostrar o extremo da irresolução; porque quando todos aguardavaõ, que nomeasse Sucessor, decidiu judicialmente a contendia, declarando-se Juiz della, como era de direito. Ordenou para este intento, que fossem citados os Pretendentes, para que requeressem sua justiça por si, ou por seus procuradores: e querendo, para o caso em que faltasse, durando o litigio, nomear Juizes que a decidissem, e Governadores que executassem a sentença, e administrassem entretanto o Reino, lhe consultaraõ os Tres Estados delle quinze Fidalgos, e vinte e duas pessoas de letras. Destes elegeo onze para Juizes da Caufa, e dos quinze cinco para Governadores do Reino, depois de sua morte. Eles forao D. Jorge de Almeida Arcebispo de Lisboa, D. Joao Tello de Menezes, Diogo Lopes de Sousa, Dom Joao Mascarenhas, Francisco de Sá: porém ficou esta nomeação em segredo até a morte delRey, e veio a ser a sepultura do Reino. Dispoz ElRey mais, que todos os Esta-

*Márla ElRey a  
Portugal o D.  
que de Ofensa.*

*Chama ElRey a  
Cortes.*

*Nomea ElRey  
Governadores  
Juizes.*

dos

## PARTES. LIVRO I.

17

dos jurassem de não obedecer à Prétendente algum; senão ao que, pela sentença, que sobre a causa se proferisse, fosse declarado sucessor do Reino. O Duque de Bragança foy o primeiro que obedeceo a este preceito, fazendo virtude da impossibilidade. D. Antonio tomou o juramento constrangido. El Rey D. Philippe protestou, que não vinha no contrato, dizendo: Que a sua justiça era tão clara que não queria pôlla em Juizo; manifesta destreza para a ameaçar com o poder, e bem lograda; porque El Rey D. Henrique, vendo esta resolução, acabou de se entregar de todo ao receyo, e depondo todas as Leys que o obrigavaõ á justiça da Casa de Bragança, determinou anteorihe El Rey D. Philippe, prevalecendo o defeito contra o affecto.

Tomada esta resolução, intentou persuadir a Duqueza D. Catharina, a quem antes determinava correr, a que se satisfizesse tão com as offertas, que El Rey de Castella lhe fazia, e que desistisse da pretenção. Eraõ estas: Largarhe o Brasil, de que poderia o Duque de Bragança tomar o Título de Rey: que em Portugal lhe concedia perpetuo o Mestrado de Christo, e todas as isenções, e privilegios que pudessem engrandecer a sua Casa: que lhe dava licença para poder todos os annos mandar huma Não á India por sua conta, e que ajustaria o casamento de seu filho o Príncipe D. Diogo com huma de suas filhas, por serem duas, qual elle escolhesse. El Rey D. Henrique, para facilitar as dificuldades, que suppunha achar nesta proposta, mandou a Villa Viçosa o Padre Jorge Serraõ da Companhia de JESUS, e logo em seu seguimento ao Doutor Paulo Affonso, de que fazia grande estimação, e hum dos primeiros Deputados da Mesa da Consciencia. Chegáraõ os dous a Villa Viçosa, e juntos faláraõ á Duqueza. Foy a substancia da proposta, dizerem-lhe da parte del Rey: Que sua Alteza, mais como pay, que como parente, lhe aconselhava não quizesse deixar o certo pelo arriscado: que elle não podia negar que sempre tivera por sem duvida a justiça da Casa de Bragança, e que o seu intento fora preferiria a todos os Prétendentes da Coroa: porém que vendo as tropas del-

*Effeto das Cortes.*

*Muda o Car-*  
*dial de opinião;*  
*e quer eleger D.*  
*Philippe.*

*Proposta á Dn<sup>a</sup>*  
*queza, e condi-*  
*ções para desfe-*  
*rir.*

*Manda a Villa*  
*Viçosa o Padre*  
*Jorge Serraõ, e*  
*o Doutor Paulo*  
*Affonso.*

Tom. I.

B

Rey

## 18 PORTUGAL RESTAURADO,

Rey D. Philippe muito vizinhas, e o pouco poder com que a Casa de Bragança se achava para lhe resistir, julgava que, nomeálla; era o mesmo que destruilla que assim pedia a Sua Alteza com toda a affeição, e encarecimento, que deposita outra qualquer imaginação, aceitasse os partidos que lhe offerecia El Rey de Castella; para que elle sem escrupulo pudesse nomealho por Successor da Coroa de Portugal, e que Sua Alteza se servisse de responder sem a menor dilação. A Duqueza ficou justamente admirada desta proposta, á qual respondeo em huma discreta carta, de que se conserva o original. Continhaõ as razoens della: que o alivio que lhe ficava, era considerar aquella proposta como nascida del Rey D. Philippe, e naõ de sua Alteza: que na brevidade com que ordenava lhe responderesse, naõ podia obedecer-lhe; como desejava, por escrito, por ser a materia de tanta consideração, e pezo, que naõ era possivel tratalla, fensaõ de rosto a rosto; e assim lhe pedia licença para lhe ir beijar a maõ, e juntamente representar-lhe a notoriedade da sua justiça, na qual conformavaõ quasi todos os maiores Letrados do Reino: mas que sobre tudo iõ com sua Alteza queria aconselhar-se, e com os interesses publicos de feos naturaes; porque a ninguem mais que a elles convinha, que houvesse hum Rey Portuguez, e que neste sentido, quando importasse que a sua Casa cedesse do seu direito, por seguir este fim, deixaria a pretenção do Reino, pondo-se aos pés de sua Alteza, para que determinasse o que mais conviesse á conservação da Coroa: que toda a sua ancia, todo o seu desejo, e cuidado se resumia em buscar meios, para que se conservasse a memoria dos gloriofos Príncipes feos Progenitores; a qual, havendo mais de quatro centos annos que durava neste Imperio, naõ podia haver razão para o aggregar a huma Monarquia, onde com o nome perdesse a fama singular de suas acções. Que se o poder de Castella era grande, e as suas Armas horriveis, que o poder de Deos era maior, e as victorias, e bons sucessos da guerra só da sua maõ se distribuiaõ: que naõ presumia de hum Príncipe tão Catholico, como D. Philippe, que tomasse as armas para ocupar o que lhe naõ pertencia:

*Resposta da Duqueza.*

cia: que se sua Alteza a nomeasse por Succesflora do Rei-  
no, faria o que era obrigado em consciencia, e de justi-  
ça; e que fendo a causa taõ justa, o Ceo a tomaria por  
sua conta, huma vez declarada, e a defenderia contra  
todos seos inimigos: que se desta resoluçao resultassem  
guerras, e danños, nunca sua Alteza podia incorrer em  
culpa alguma; nem ter o menor escrupulo: pois cumpria  
inteiramente com sua obrigaçao, dando a cada hum o  
que lhe tocava, como Rey Christao, e Juiz recto, que  
só sua Alteza o era nesta causa, por mais que Castella o  
negasle: e que isto supposto o declarar a sentença em  
favor da justiça, mais era evitár guerras que causállas: e  
que a parte inobediente á razao, e ao direito, quando  
encontrasse por força o que estivesse julgado que naõ era  
seu, sempre correria por sua conta o damno que se origi-  
nassem desta discordia: e que se para o socego publico fos-  
se necessario, que ella naõ falasle palavra nos seos inter-  
esses, o faria logo, com tanto que sua Alteza declarasse  
em Cortes geraes de todo o Reino a resoluçao, que to-  
mava de nomear a EI Rey Catholico Succeslor da Coroa; e  
pois era justo que ouvisse a todos em hum negocio, que  
a todos tocava: que se arrojava a pedir a sua Alteza, que  
se naõ entregasle a temer ameaços del Rey de Castella; e  
porque siava muito da sua christandade: que quanto aos  
partidos que elle lhe offerecia, lhe naõ convinha aceitalllos;  
e que só querendo elle ajustar-se em huma de duas con-  
veniencias, se poderiaõ os negocios compôr com menos  
embaraços: as quaes eraõ, ou casar o Duque de Barcel-  
los com huma Infanta de Castella, ou dar-lhe EI Rey Ca-  
tholico a D. Philippe seu filho segundo, para que casasse com  
huma de suas duas filhas, que desta sorte renunciaria todo  
seu direito em hum dos dous, para que em qualquer suc-  
cessão ficasse este Reino sempre com Principe proprio, e  
de nenhuma sorte se unisse á Coroa de Castella: que nes-  
ta conformidade podia ella da sua parte (ainda que ficas-  
se a sua Casa defraudada de taõ generosa herança) ceder  
da sua pretençao, seguindo a regra, de que péza mais  
o bem commum que o particular; e que naõ punha duvi-  
da que os Portuguezes applaudiriaõ similhante resolu-

## 20 FORTUGAL RESTAURADO,

ção, pois conseguiaõ o que desejavaõ : e que de outra sorte naõ entendia dos que eraõ fieis, e constantes, e que desejavaõ parecer se com os antigos zelotos da conlervaçao da Patria, que viriaõ em outro partido, ainda que alguns o intentassem. Concluia finalmente: que quando sua Alteza lhe naõ concedesse licença para ir em pessoa comunicar-lhe este negocio, era elle de tanta importancia, que naõ podia resolvorse com a pressa que o Doutor Paulo Affonso lhe havia representado da sua parte, pois era só, e menos assistida de Conselheiros, que El-Rey Catholico : que se servisse de dilatar a este respeito a sua resoluçao ultima; e quando quizesse tomalla, fosse em Cortes, aonde ella avizaria a sua determinaçao; rematando, que nunca havia de exceder o gosto de sua Alteza, a quem rogava, pela boa memoria dos Principes seus Avós, quizesse attender, e considerar todas estas razoens, e outras muitas que de palavra diffiera a Paulo Affonso, com quem conferira diferentes difficultades, e duvidas, que podiaõ succeder nesta causa, sendo mais del Rey, e do Reino, que sua: pedindo a Deos allumasse nella a sua Alteza, e o guardasse infinitos annos. Era a data em Villa-Viçosa, em 20 de Outubro do anno de 1579.

Esta carta achou a El Rey D. Henrique caminhando para a morte a toda a pressa, mas o desejo que tinha de parecer Pay da Patria, lhe deu alento para se passar a Almeirim a dar principio ás Cortes, que havia convocado para aquelle lugar. Porém chegando á noticia do povo, que elle intentava nomear por Successor do Reino a El Rey D. Filipe, clamaraõ todos furiosos contra esta resoluçao, e quizeraõ abrogar a si o direito de eleger Principe: proposiçao que de antes tinhaõ feito, e que se lhe naõ havia admittido. El Rey nesta ultima afflicçao concedeo ao povo que propuzesse as razoens por onde lhe tocava este privilegio: mas naõ chegou a examinállas, aguardando por horas as ultimas de sua vida. Esta noticia chegou a Villa-Viçosa, e obrigou a Duqueza de Bragança a se pôr a caminho sem esperar licença. Chegou a Almeirim a tempo que El Rey estava expirando: po-

*Altera-se o ponto com a noticia de se querer eleger El Rey de Castella.*

*Chega a Duqueza a Almeirim.*

porém achando-o ainda com inteiro juizo, e voz desembaraçada, teve lugar para conferir com elle largo espaço, e saão da conferencia tão alegre, que todos, os que a víraõ, entenderão que vencerão a pretençaõ; de que alguns indignamente ficáraõ pouco tatisfeitos, ou por temer entregue o coração a Castella, ou por não terem afeiçoados á soberania da Duqueza de Bragança, que pudera suavizar a peleja do Duque D.Joaõ, se fora mais activo. Expirou El Rey, e ficáraõ desvanecidas todas estas

*Morte do Car-  
dinal, e clau-  
las do seu Testa-  
mento.*

presumções, porque aberto o Testamento, se achou nela, que o Reino se entregasse a quem tivesse mais justiça. Tanto pôde o temor, que viveo no coração d'El Rey depois de morto, e o obrigou a que tomasse esta desacertada, infelice, e escrupulosa retoluçao, de que logo experimentou o castigo a sua memoria: porque os mais de seos vassallos estimaraõ a sua morte, e não houve algum a que custasse pezar a sua falta. Morreu o ultimo de Janeiro, dia em que havia nacido, aos setenta e oito annos da sua idade: foy de estatura pequena, branco, e louro, olhos azuis, parecido a El Rey D. Manoel mais no corpo, que no animo; esteve depositado em Almeirim; está sepultado em Belem.

Tanto que El Rey D. Henrique morreu, ficáraõ os cinco Governadores exercitando o seu poder, e começaraõ a maquinar a Portugal a sua ruina. Foy a primeira acção, que fizeraõ, despedirem as Cortes: logo despediram os Embaixadores a El Rey Catholico, pedindo-lhe que se despedisse os Governadores, e esperar a sentença, insinuando-lhe, que sahiria a seu favor. O que entaõ pareceo desatreza, se contou, depois da sentença dada, por promessa, com pouco credito dos Governadores, ficando fôra desta calunia D. Joaõ Tello de Menezes, porque não se achou em Aya-Monte quando se declarou a sentença, mas conservou em todo o tempo o animo tão inteiro, que na força das negociações escrevia o Duque de Ossuna a El Rey D. Filipe, que a D. Joaõ Tello ou se lhe havia de cortar a cabeça, ou trazello sobre a cabeça: e da mesma sorte o Arcebispo de Lisboa. El Rey Catholico, tanto que lhe chegou a nova da morte d'El Rey D.

*Despedem os Go-  
vernadores as  
Cortes, e fazem  
aviso a El Rey  
de Castella.*

*Aparta-se dos  
mais D. Joaõ  
Tello, e fica ma-  
is acreditado.*

*Junta El Rey D.  
Filipe Exercito.*

## 22 PORTUGAL RESTAURADO,

Henrique, juntou logo o Exercito, que muitos dias antes havia prevenido, chamando a este fim de Flandes os Mestres de Campo, e Capitães de maior reputação, obrigando-os a que trouxessem consigo os soldados mais veteranos. Compunha-se o Exercito de dezoito mil Infantes, e mil e quinhentos Cavallos; a boa qualidade da gente fazia dissimular o pouco numero delle, e as mais prevenções correspondiaõ á importancia da empreza.

*Nomea o Duque de Alva por General.*

Elegeo EIRey por General desta gente a D.Fernando Alvares de Toledo Duque de Alva, excellente Capitão daquelle tempo, soltando-o do Castello de Uzeda, onde o tinha prezado para fiar do seu valor esta Conquista. Seguiu EIRey com toda a Casa Real ao Exercito, com determinação de juntar o trato brando ao rigoroso, considerando, que seria mais facil render aos Portuguezes com a suavidade, que com o poder; porém a debilidade das forças de Portugal fazia excusar todas estas politicas. Em quanto EIRey D. Filipe prevenia o Exercito, acodio o Prior do Crato a representar aos Governadores a sua justiça, e achando nelles menos attenção da que pretendia, seguiu outro caminho mais precipitado, por lhe faltarem meios para lograr o seu intento. Dispoz em Santarem os

*Acclama-se Rey o Prior do Crato em Santarem.*

animos dos poucos que o acompanhavaõ, os quaes obrigados da fidelidade, e do impulso, sem attenção ao perigo, o acclamáraõ Rey com poucas ceremonias, e menos Entrada em Lisboa, prudencia. Com este titulo passou D.Antonio a Lisboa, boa, prepara-se onde sem contradicção foy obedecido: logo se preparou para a defensa. para defender a Cidade com maior confiança que forças; porque, consumidos em Africa os soldados, e os thesouros, e divertidas as alianças pelas negociações d'EIRey Catholico, as Províncias do Reino divididas em opiniões, por maiores que forao as diligencias do Prior do Crato, não pôde juntar mais que quatro mil homens, huns lavradores, outros escravos, e todos tão mal armados, e com tão pouca disciplina, que não entendiaõ a mais facil operação militar, e o Prior do Crato, a que não faltavaõ virtudes, carecia totalmente de experiençia.

*Diligencias do Duque,*

Entre a ambição d'EIRey Catholico, e as temeridades do Prior do Crato fluctuava o Duque de Bragança,

e

• e fiado só na sua justiça , a representava com repetidas instancias aos Governadores: seguios a Santarém para onde se mudáraõ ; passou com elles a Setubal , que buscáraõ por refugio da peste, em que ardia o Reino; e desenganado finalmente de que eraõ infructuosas todas as suas diligencias , e que os animos de quasi toda a nobreza estavão corrompidos , o Povo sem forças nem constancia , os amigos largando a sua justiça por attender á propria comodidade; naõ querendo nem unir se a D. Antonio ( como elle pretendeo ) nem aceitar os partidos , que El Rey D. Philippe lhe mandou offerecer por D. Christovaõ de Moura , se retirou a Portel , Lugar seu na Província de Alemtejo, deixando aos Governadores sustanciada em hum papel a sua justiça taõ clara , que , a naõ se interporem a ambiçao , e o medo , pouca duvida houvera em se proferir a sentença a seu favor. Foraõ as suas razoens expos- Retira-se a Portel.  
Razoens do D. que.

tas neste sentido. Mostrava : que Deos instituira o Rei- no de Portugal , elegendo no Campo de Ourique a El Rey D. Affonso Henriques com Imperio independente , e soberano , e que fora estabelecido nelle , e seos Successores , para levarem , como fuccedeo , o seu Santo nome , e Ley Evangelica ás Naçõens mais barbaras , e Regioens mais remotas : que esta eleiçao fora confirmada com huma das mais insignes victorias , que alcançáraõ dos Infieis as Ar- mas Catholicas: que fora El Rey antes della acclamado pe- lo Exercito , e depois eleito , e jurado pelos Tres Estados do Reino nas Cortes , que se juntáraõ na Cidade de Lame- go , celebradas no anno de 1145.. nas quaes se decretáraõ , e estabelecéraõ as Leys fundamentaes , e forma que se devia ter na successão deste Reino ; porque o intento dos Portuguezes fora naquelle primeira creaçao delle , eleger Reys , que os governassem em paz , e justiça , conservassem a sua liberdade , e defendessem de seos inimigos: decla- rando , (por anteverem com prudencia os casos futuros) que quando faltasse a algum dos Reys filho Varáo , pude- se herdar o Reino a si ha mais velha , se estivesse em Po- tugal , e casasse com Portuguez , excluindo com ley , e clausula expressa qualquer Infanta que casasse fóra do Rei- no com Principe estrangeiro ; porque como instituiçao

## 24 PORTUGAL RESTAURADO,

Reys para sua conservaçāo, e quizeraō, que fosse Imperio hereditario nos Principes naturaes, negāraō justamente aquele privilegio aos estrangeiros, e as Princezas que com elles casassem, para que naō fossem instrumento da sua ruina: que admittirāo as filhas em quanto naturaes, e as excluiraō em quanto estrangeiras: querendo mostrar, que instituiō Principes para a Republica, e naō Republica para os Principes; porque a sucessāo dos Reys só devia atender á sua conservaçāo, e liberdade, devendo este governar-se pelas suas proprias leys, seguindo inviolavelmente na sucessāo as que decretaráo em seos principios; e sendo esta taō importante, que lhe segurava, e livrava entrar como herança em poder de seos inimigos, naō permitindo que qualquer estrangeiro, ou natural, que naō vivesse no Reino, e tivesse nelle seu domicilio ( como depois declararáo as leys, que lhe deraō os seos Principes ) gozasle alguns bens da Coroa, posto que lhe pertencessem por direito hereditario: e que neste sentido naō podiaō permitir que lograsle toda esta Coroa, quem naō fosse natural deste Reino: que esta mesma ley se observára, e tivera seu justo vigor quando por morte d'El Rey D. Fernando, que acabou sem mais filhos que a Infanta D. Beatrix, casando com El Rey D. Joaō I. de Castella, fora excluida da sucessāo por este fundamento nas Cortes celebradas na Cidade de Coimbra no mez de Abril do anno de 1382, nas quaes declararáo os Trez Estados do Reino de consentimento cōmum, e sem controversia alguma, que a Infanta D. Beatrix por ser casada com El Rey de Castella, era incapaz de succeder no Reino; e os Trez Estados juntos em Cortes, a quem só tocava decidir estas materias, houvéraō por vago, e elegéraō El Rey D. Joaō I. que o havia governado, e defendido dos Castelhanos com taō insignes victorias, como a fama celebrava; e que naō só excluiraō estes verdadeiros Portuguezes a Rainha D. Beatrix, mas tambem aos Infantes D. Joaō, e D. Diniz, filhos d'El Rey D. Pedro, e de D. Ignez de Castro coroada depois de morta, por se haverem passado a Castella, e estarem impedidos, e prezos por aquelle Rey, Mostrando que o zelo da honra, o amor da Patria, e conservaçāo da liberdade

berdade em Rey natural, e desimpedido, era a ley mais justa, e o affe<sup>c</sup>to mais poderoso, e mais conforme ao intento, que tiverão os Portuguezes na eleição dos seos Príncipes: e que ainda que aquelles fundamentos não forão tão claros, e notórios, este exemplo só bastava para excluir totalmente a pretenção d'El Rey D. Filipe, e dos mais Príncipes estrangeiros, e justificar por melhor, e mais sólida a causa de D. Catharina sua mulher; porque nella concordiaão as mesmas prerogativas, que os Doutores apontavaão, confórme as disposições, e regras mais infallíveis de Direito, como os maiores Juriconsultos haviaão mostrado; porque, extinta em El Rey Dom Sebastião a primeira linha d'El Rey D. Manoel, de quem eraão descendentes todos os da controvérsia, e morto sem filhos legítimos o Infante D. Luiz, e ultimamente El Rey D. Henrique sem sucessão, ficava entrando a linha do Infante D. Duarte, filho d'El Rey D. Manoel, que devia sem dúvida ser preferido pela prerogativa de masculina á feminina da Imperatriz D. Isabel sua irmã, M<sup>ay</sup> d'El Rey D. Filipe, que se fundava esta opinião não só no Direito commun, em que a linha dos varoens precede á das femeas, (como dispoem ainda os particulares na sucessão dos Morgados) mas que era conforme á disposição d'El Rey D. João I. no seu Testamento, approvado, e admittido como Ley justa, na qual chama á sucessão do Reino ao Infante D. Duarte seu primogenito, e a seos legítimos descendentes; e, faltando elles, aos mais Infantes seos filhos, precedendo sempre os maiores, e as suas descendencias ás dos menores: com o que se mostrava sem dúvida, que, extintas as linhas dos outros filhos d'El Rey D. Manoel, ficava preferindo, e entrando na sucessão da Coroa a linha do Infante D. Duarte, que por ser de varão lograva a mais qualificada prerogativa, para ser preferida, e anteposta a todas as outras, em que não concordia esta razão, por descenderem de femeas: juntando-se a estas razões o benefício da representação de Justiniano, admittida, e praticada neste Reino, em virtude da qual, representando a Duqueza ao Infante D. Duarte seu Pay, e El Rey D. Filipe á Imperatriz sua M<sup>ay</sup>,

26 PORTUGAL RESTAURADO;

Máy, assim como o Infante por Varaõ havia de preferir à propria Imperatriz, que El Rey só representava, assim a Duqueza, que representava seu pay, lhe ficava preferindo: conforme a Direito, e decisões de Jurisconsultos em casos similhantes, e que da mesma sorte, naõ podia o Prior do Crato D. Antonio, ter alguma acção á Coroa, porque ainda, que era filho do Infante D. Luiz, naõ era legitimo, nem o Summo Pontifice o quizera legitimar, por ser contra direito, e em prejuizo dos que tinham esta prerrogativa, sem a qual ainda os particulares naõ eram admittidos á sucessão de Morgados, e bens da Coroa, quanto mais a ella propria, estando vivos, e existindo os netos, e legitimos descendentes d'El Rey D. Manoel, aos quaes pertencia o Reino, conforme ás Leys Divinas, e humanas, e à disposição d'El Rey Dom Joaõ I. no seu Testamento; nem se podia valer do exemplo da sucessão deste Príncipe, sendo tambem illegítimo, por naõ haver naquelle tempo sucessor legitimo no Reino, que se lhe antepuzesse, e das Historias constava, que o Infante D. Joaõ, por quem El Rey D. Joaõ tomou posse, no principio do seu Governo, vendo-se prezo em Castella, e com risco manifesto da vida, lhe transferira o Direito, que tinha ao Reino, e lhe pedia, que se coroasse, mandando a feos parciaes, que lhe assistissem, querendo com animo Real, e zelo Portuguez, que a Coroa de seos Avós se conservasse antes independente, e separada na cabeça de seu irmão, que sujeita, e entregue nas mãos de seos inimigos; e que por este respeito esperava, que o Prior do Crato sendo imitador desta acção gloria, assistisse com a maior efficacia á causa mais justa, e á conservação do Reino mais certa; que lhe naõ devia obstar o direito da Duqueza de Parma D. Maria, irmãa mais velha da Duqueza sua mulher, por ser já defunta, e ficarem feos filhos em grão mais remoto, e naõ se extender o beneficio da representação mais, que a sua Máy, além de serem estrangeiros, fundamento, que só bastava para se excluir: mostrava mais, que sendo tão evidentes as razões, e fundamentos do direito da Duqueza D. Catharina sua mulher, naõ tinha menor força as conveniências

cias politicas, e interesses publicos, que se deviaõ considerar em negocio tão importante: porque se entrasse no Reino, como era justo, a Duqueza sua mulher, e elle, não só procurariaõ conservar todas as suas leys, e privilegios antigos, mas lhe concederiaõ de novo todos aqueles, a que desse lugar a justiça: que haviaõ de favorecer a Nobreza, aliviar o Povo, respeitar os Ecclesiasticos, e procurar mostrarse em tudo, mais que Senhores, verdadeiros Pays de seos vassallos: e que juntamente ficasse segura a successaõ do Reino, achando-se a sua Casa com filhos varoens, que ja haviaõ derramado o sangue pelo serviço da Coroa: Que procurariaõ conservar, e dilatar as Conquistas com augmento da gloria, que os Portuguezes tinhaõ adquirido em todo o Mundo: E que ultimamente só na sua Casa se podiaõ contar todas as circumstancias de que necessitava o grande aperto, em que se via este Reino, porém se ( o que Deos não permittisse) viesse o Reino a cahir nas mãos d ElRey de Castella, tudo o referido experimentariaõ ao contrario; e perdendo a gloria, a honra, e a liberdade, viriaõ a ser contados como escravos, e vil despojo de seos maiores inimigos; que tivessem por certo, que todas as promessas dos Castelianos eraõ falsas, e todas as suas esperanças fingidas, cobrindo-as com huma industria dissimulada, para te vingarem das injurias antigas, querendo vencer com a destreza aqueles, de quem sempre foraõ vencidos com as armas: que não degenerassem do seu antigo valor, temendo as prevençoens de Castella; porque se estivessem todos unidos, e constantes, não deviaõ temer o mesmo, que em mais apertados termos não temeraõ seos antepassados: Que tivessem por infallivel, que ElRey D. Filipe como prudente, se não havia de empenhar em huma guerra tão injusta, e difícil dentro de Hespanha, com risco manifesto dos Estados, que fóra della dominava, conhecendo, que todos os Principes de Europa eraõ émulos da sua grandeza, e a maior parte dos subditos desejava sa-cudir o jugo, que os opprimia; e por este respeito as suas preparaçoens se deviaõ suppôr apparentes, só para atemorizar aos cobardes, e ignorantes; e que reconhe-cendo

28 PORTUGAL RESTAURADO,

cendo a falta do seu Direito, naõ queria sujeitarse ás amoestaõens do Summo Pontifice, que o obrigavaõ a desistir das armas, nem admittia o Nuncio Apostolico, por entender, que trazia esta commisão; naõ ignorando que ainda em caso, que tivesse ao Reino algum Direito, o destruia querendo ser Arbitro, e Juiz da propria causa, e com desprezo das Leys Santas, e justas introduzisse na posse com a violencia das armas, para mostrar, que só a ellas devia a Coroa, e tratar depois aos Portuguezes como vencidos, e conquistados: Que tivessem tambem por sem duvida, que lhes haviaõ de assistir, sendo necessario, todos os Príncipes de Europa com socorros, e divertoens, assim pelo parentesco, e amizade, que conservaraõ sempre com Portugal, como pela razão do estado, e conveniencia propria, receando justamente, que se El Rey D. Filipe juntasse este Reino, suas Conquistas, e riquezas aos que dominava, cresceria tanto o seu poder, e grandeza, que nenhum delles ficava seguro da sua ambição, que meditava o Imperio Supremo de toda Europa: Que entendessem, que materia taõ grave, e taõ importante a todos, naõ podiaõ, nem deviaõ decidilla os Juizes particulares, que El Rey D. Henrique nomeara, e só pertencia aos Tres Estados unidos em Cortes, aconselhados assim dos Juizes, como das mais pessoas de letras, que houvesse no Reino, para que juntos deliberassem o que tocava a todos: e que assim deviaõ juntar-se, e tomar em congresso universal com maduro conselho, a deliberação mais justa, e util ao bem publico, resolução, que elle só desejava; protestando, que para este fim assistiria ás Cortes com todas suas forças, e authoridade, e da mesma sorte, que qualquer outro acordo, que se tomasse, ou assento, que se fizesse, dava por inválido, e de nenhum vigor, e que assi n lhe naõ podia prejudicar a elle, nem á justiça da Duqueza sua mulher: o que a todos fazia manifesto, porque depois naõ recorressem á ignorancia: e que esperava em Deos, que pondo de parte paixõens, e interesses particulares, tratassem só do bem publico, e resolvessem com ponderação, e acordo o que julgassem mais conveniente, e acertado. Estas razões do Duque coro-

corrobrou depois a noticia mais clara das leys de Lamego, que a politica de Castella pretendeo tirar da publicidade dos livros imprelos, porque nellas se achão razões muito mais claras, e mais forçosas das que elle criereceo aos Juizes, e Governadores; e feita esta diligencia, passou com a sua Casa a Portel, levando consigo seu filho o Duque D. Theodosio, que alcançou liberdade á instancia d'El Rey D. Philippe. Os Governadores vendo-se apertados das instancias de D. Antonio, e medroso dos ameaços, que lhes fazia, e vendo tardar a Armada de Castella, que El Rey Catholico lhes promettera, se resolveraõ a passar de Setubal a Aya-Monte, lugar de Andaluzia; ou por temerem, que as pedras de Setubal, por haverem sido as primeiras, que se levantaraõ com o Dominio de Hespanha, se desunissem dos edificios para castigar a semirazaõ com que deliberavaõ sujeitallas; ou por querer Deos, que dessem sentença por El Rey D. Philippe na sua jurisdiçao, para que do seu mesmo suborno fahisle cegamente mais este artigo á justiça da Casa de Bragarça.

Chegados a Aya-Monte Dom Joao Mascarenhas, Diogo Lopes de Souta, e Francisco de Sá, ficando em Lisboa o Arcebispo D. Jorge de Almeida, e D. Joao Tello de Menezes; declararaõ a El Rey D. Philippe por Successor da Coroa de Portugal, dizendo, que lhe tocava, por ser Varão de boa linha, e de maior idade, e publicaraõ a sentença em Castro-Marim, ultimo lugar do Rei, no do Algarve fronteiro a Aya-Monte, de que o divide o Guadiana; e com tanto desacordo se governaraõ os Governadores, que até o tempo, que elegeraõ para pronunciar esta sentença, a fez desestimada do mesmo Principe, por quem a deraõ; porque havendo nesta occasião entrado El Rey D. Philippe com o Exercito em Portugal, e vendo, que só lhe custava a Conquista deste Reino os passos, que dava nelle, pizando sem contradicção a terra, que injustamente adquiria, fez pouco caso de sair a sentença a seu favor, que poucos dias antes com tanta vehe-mencia sollicitava: porque para conseguir a Conquista de Portugal, achava, que os seos Exercitos eraõ os melhores Juizes; e para dissimular com pretextos apparentes a

*Sentença dos  
Governadores  
a favor d'El Rey  
D. Philippe.*

*sua*

## 30 PORTUGAL RESTAURADO,

sua pretençaõ , julgava Aya Monte por lugar muito suspeito , para justificar a sua causa: que assim costuma Deos castigar os animos ambiciosos, excusando se do agradecimento os mesmos que recebem injustos benefícios.

Em quanto succediaõ em Portugal as disgraças humas a outras , e se ateava cada vez mais a peste , foy chegando o Exercito de Castella a Badajoz , e nelle a ultima ruina do Reino , que maior gloria havia adquirido naquelle seculo. Uniraõ se em Badajoz todas as Tropas , e composto o Exercito marchou a Elvas sem opposiçaõ o Duque de Alva : abriraõ lhe nesta Cidade as portas, naõ havendo quem defendesse a entrada dellas. El Rey D. Filipe ficou com toda a Corte em Badajoz ; porque nas maiores operaçoes sempre se inclinava o seu genio a obrar só com o entendimento. Havia passado ordens a todas as fronteiras de Portugal que ao mesmo tempo , que este Exercito , entrassem varios troços pelos lugares , com que confinavaõ Foy diversaõ util para atemorizar os povos , e suspender os animos de alguns , que intentavaõ juntar se em Lisboa com o Prior do Crato. O Duque de Alva passou com o Exercito de Elvas a Estremoz , e deste lugar a Setubal , fazendo marchar os soldados sem offendere a disciplina , porque a sua severidade era mais propria para os exercicios Militares , que util para os politicos , como publicaraõ os grilhoens , que elle dizia trouxera arrastando para esta Conquista , lançados , como se entendeo , pelos infelices sucessos do governo politico de Flandes , ainda que se tomasse outro pretexto. Rendeõ se Setubal fazendo pouca resistencia , e o Duque deixando conquistada toda a Provincia de Alemtejo , e garnecidos alguns lugares della embarcou o Exercito na Armada , que estava prevenida na Barra de Setubal : chegou nella a Cascaes , lugar contado de alguns pelo ultimo do Mundo , desembarcou sem resistencia todo o Exercito , e com verdadeira forma militar marchou na volta de Lisboa , distante de Cascaes cinco legoas. Caminhavaõ os soldados alegres , levando por objecto o despojo desta Cidade. Grande era a satisfaçao , que pretendiaõ de taõ facil , e breve jornada ; porém tinha esta confiança a disculpa de serem

*Junta-se em Badajoz o Exercito, entra em Portugal sem resistencia.*

*Fica El Rey em Badajoz esperrando successo.*

*Chega o Exercito a Setubal, governado pelo Duque de Alva.*

*Embarca-se na Armada , chega a Cascaes , e marcha a Lisboa.*

serem os mesmos, a que se deo o facco da Cidade de Anvers, por castigo de se amotinarem em Flandes; descontento, que veio a ser hum dos motivos mais principaes da contumacia, e victorias dos Hollandezes. O Prior do Crato com o Sceptro sem segurançā, e com a Coroa sem firmeza, desvanecido, e mal aconselhado aguardava em Lisboa o ataque de hum Exercito de vinte mil soldados velhos, governado pelo Duque de Alva, hum dos maiores Capitaens daquelle tempo, naõ se achando para a oposição mais, que com quatro mil soldados, que naõ mereciaõ este nome, sendo da qualidade, que fica referido, e sem outra noticia da arte militar, mais que aquella, que lhe ensinava D. Antonio, que a naõ sabia. Sahio elle a Belém, lugar pouco distante de Lisboa, tanto que recebeo avizo, que os Castelhanos chegavaõ. As primeiras tropas inimigas intimidaraõ de forte a gente, que levava consigo, que desamparando-o, se retiraraõ á Cidade; seguio-os por força D. Antonio; e o Duque de Alva sem outra contradicçāo, alojou o Exercito com a frente na Ponte de Alcantara, ocupando destramente todos os postos mais convenientes. O dia seguinte sahio D. Antonio a buscar na desesperaçāo o ultimo remedio, que encontrou facilmente, naõ sendo para os disgracados a fortuna nuncia avara destes alivios; animou á empreza os que sem disposiçāo; nem fórmā levava ao precipicio, atacáraõ todos furiosamente aos Castelhanos, e todos foraaõ ligeiramente rotos, naõ ficando a D. Antonio outra jaçtancia mais, que a que lhe concedeo o Duque de Alva, chamando a este succeso victoria. Se o fabuloso utilizara, cestreza foy fazer corpo onde naõ houve materia, que faltou, e faltará aos Castelhanos em todos os seculos, para celebrarem este titulo contra Portugal: e neste conhecimento naõ quiz a prudencia do Duque de Alva malograr esta pequena occasiāo, entrando em Lisboa com triunfo, sem lograr a victoria. Foy recebido nella com lagrimas universaes, chorando huns os que levou a morte, outros o que roubavaõ os soldados, todos a liberdade, que perderaõ. Salvou-se D. Antonio, naõ podendo prevalecer ás diligencias dos Castelhanos, que o buscavaõ, contra a fidelidade

Marcha D. Antonio a Belém,  
retira-se a Alcantara.

He desbaratado  
na Ponte.

Entra o Duque  
em Lisboa.

Salvou-se D. Antonio, e rendeu-se os mais lugares do Reino.

## 32 PORTUGAL RESTAURADO;

delidade dos Portuguezes, que o encobrião. A disgracía de Lisboa seguirão os mais lugares do Reino, competindo na brevidade de entregar-lhe ao Duque de Alva; porque só quando os Portuguezes concorrerão todos a render-lhe, conseguirão os Castelhanos sujeitá-lo. Chegou a El Rey D. Filipe a nova de tanta felicidade a tempo, que hum perigo catharro lhe havia posto a vida em duração: (taõ pequenos accidentes arruinaõ no Mundo as maiores fabricas) porén o alvoroço parece, que foy remedio, porque convaleceo brevemente. Mas a Justiça Divina, que lhe permitio saude, não quiz dilatar lhe o castigo; tal era a qualidade da culpa de usurpar injustamente o Reino á Duqueza de Bragança! Adoeceo a Rainha D. Anna de Austria tua quarta mulher, e em breves dias acabou em Badajoz a vida com geral sentimento de seus vassallos, por ter ornada de muitas virtudes. El Rey receando a corrupção daquelles ares, mandou leos filhos para Madrid: e sem embargo da pena, e dos lutos, recebeo em publico o Cardial Riario, que veio da parte do Summo Pontifice a notificá-lo, que não entrasse em Portugal com armas, e délle consentimento a que elle fosse Arbitro das contendas. Havia o Cardial chegado á Corte muitos dias antes que o Exercito sahisse de Badajoz; porém El Rey, tendo noticia da instrucção da Embaixada, lhe negou audiencia, esperando, que o Duque de Alva entrasse em Lisboa. Conseguido o intento, ouvio a proposta, mostrou-se muito obediente á Igreja, despedio o Cardial, e partio para Elvas.

Entra em Elvas

A cinco de Dezembro do anno de 1581 entrou El Rey em Elvas, dia, em que não só passaraõ os infelizes Portuguezes de filhos a vassallos, mas de vassallos a escravos, perdendo a liberdade, e a pureza dos costumes, em que permaneceraõ tantos séculos: porque entrou a ambição com as cadeas, e com os ferretes a lizonja, e de sorte se revestiraõ de hum, e outro traje, que em poucos dias não pareciaõ forçados, cegamente persuadidos da destreza dos Castelhanos, que para os enganar mais facilmente cobriaõ com demonstrações de amizade animos de inimigos. El Rey fazia particular estudo de não mos-

Chega a El Rey  
a nova deste  
sucesso.

Morre a Rai-  
nha de Castella  
D. Anna.

Dá audiencia  
ao Cardial Le-  
gado.

mostrar a estes novos vassallos diferença alguma no trato daquelle que haviaõ tido dos antigos Reys de Portugal, porque suípiravaõ. Neste sentido recebia muito brandamente a todos os que vinhaõ beijar lhe a maõ. Foy hum dos primeiros o Duque de Bragança, que de Portel passou com sua Casa a Villa-Boim, lugar seu, huma legoa de Elvas: entrou nesta Cidade com seu filho o Duque D. Theodosio, mostrando ao mundo o pouco que importaõ as leys, quando nos litigios os Juizes te deixaõ subornar, e a parte he hum Principe poderoso. El Rey os tratou com todas as demonstraõens de affabilidade, e cortezia. No dia seguinte ao que chegáraõ a Elvas passou El Rey a Villa-Boim, a visitar a Duqueza D. Catharina, que beijando-lhe a maõ, experimentou desvanecidas as justas esperanças que teve de reinar. Voltou El Rey no mesmo dia a Elvas, e brevemente partio a Thomar, para onde havia chamado Cortes. Por todos os lugates porque passava foy muito festejado, dourando os Portuguezes cegamente a pirola, que tomavaõ, e de que brevemente experimentaraõ o amargo interior. Celebraraõ se as Cortes em Thomar, e juraraõ a El Rey os Trez Estados do Reino. Foy o primeiro o Duque de Barcellos, o ultimo o Duque de Bragança seu Pay, o qual assistio com o Estoque, como Condestavel, ao acto das Cortes. Lançou-lhe El Rey em hum destes dias o Tuzão de ouro, parece, que só a fim de o prender com mais huma cadea. Foraõ muitas as ceremonias deste acto, e grandes as demonstraõens com que El Rey tratou ao Duque, e a seu filho. Sentiraõ muito os Grandes de Castella esta preferencia: porém o animo d'El Rey, entranhado nas subtilezas da politica, não se deixou vencer das queixas dos Grandes, a que trazia taõ opprimidos, que eraõ os primeiros que sentiaõ a uniaõ de Portugal, por ser sagrado, de que se valiaõ nos successos de maior aperto. Concluiuõ-se as Cortes, jurando primeiro os Trez Estados ao Principe D. Diogo primogenito d'El Rey Catholico, e jurando El Rey de guardar os fóros do Reino divididos em vinte e cinco Capitulos, que eraõ os mesmos; que El Rey D. Manoel havia promettido aos Portuguezes, quando

Tom. I.

C

pas-

*O Duque de Bragança dá obediencia a El Rey de Castella.*

*Visita El Rey à Duqueza.*

*Parte a Thomar donde chamou as Cortes.*

*He jurado nas Cortes.*

*Lança o Tuzão ao Duque.*

## 34 PORTUGAL RESTAURADO,

passou a ser jurado por Principe de Castella, e Aragaõ, por succeder nelta Coroa sua mulher a Rainha Dona Isabell, filha primeira dos Reys Catholicos.

*Capitulos, que  
El Rey jurou ao  
Reino.*

Era a substancia do que continhaõ os Capitulos: Conservar a Coroa de Portugal nas leys, estylos, liberdades, isençoens, moeda, Casa Real, e officios della, de que usavaõ os Principes naturaes do Reino, e que os officiaes serviriaõ aos Reysesstando em Portugal. Excluaõ aos estrangeiros das dignidades Ecclesiasticas, governos civis, Praças, Habitosh, Cõmendas Militares, Jurisdições, Rendas, Títulos, Lugares, Senhorios, Doações, Privilegios, Prefidios, Cõmercio, e trato das Conquistas; e finalmente de tudo o que tocava á Coroa de Portugal na paz, e na guerra, em que só entrariaõ privativamente os Portuguezes, admittindo aos estrangeiros, que tivessem servido esta Coroa em tempo dos seos Reys antigos: Que o Vice Rey deste Reyno, naõ seria senaõ Pessoa Real, que fosse filho, irmão, ou tio d'El Rey; Que em qualquera parte, que El Rey estivesse, assistiria com elle certo numero de Pessoas, com titulo de Conselho de Portugal, e só por suas mãos correriaõ todos os despachos, e que estes se escreveriaõ em lingua Portugueza: E que os Portuguezes seriaõ admittidos, como os Castelhanos, aos Officios da Casa Real: Que as Cortes se naõ juntariaõ fóra do Reino, e que só nelle se poderia tratar materia, que lhe tocasse: Que do Summo Pontifice se naõ impetrariaõ Bullas para levar terças, nem subsidios das Igrejas: Que vagando bens da Coroa, se naõ poderiaõ applicar a ella, e só repartir-se pelos parentes da pessoa, por quem vagassem, ou por outras benemeritas: Que se acodiria ás Conquistas de Portugal com as Armas de toda a Monarquia, fendo necessarias: Que se abririaõ os portos feccos, cõmerciando os mercadores sem pagar direitos: Que El Rey faria quanto lhe fosse possivel, por assistir o mais do tempo em Portugal, e que o Principe se criaria neste Reyno, para que cobrasse amor aos Portuguezes, e os estimasse conforme elles mereciaõ: E rematavaõ os Capitulos, dando a bençaõ a seos descendentes, que religiosamente trazassem de observallos, e amaldiçoando os que

os alterasse. E que sendo caso que elle, ou seos succes-  
tores naõ guardassem tudo o promettido, e jurado, que  
os Trez Estados do Reino naõ teriaõ obrigados a estar  
pela concordia, e poderiaõ livremente negar-lhes sujei-  
çao, vassalagem, e obediencia, sem por este respeito  
incorrerem em crime de lesa Magestade, nem outro mao  
caso. Porem esta clausula, se a naõ imprimiraõ os Calte-  
lhanos, achaõte na ley Regia de Portugal, impresa em  
Madrid por Joaõ Salgado de Araujo Abbade de Pera; e  
justificasle por todos os manuscripts daquelle tempo;  
iendo a destreza de recatalla a primeira demonstraçao do  
animo, com que forao jurados todos os capitulos, que  
tocavaõ em conveniencias de Portugal: e assim nenhum  
houve dos que Filipe II. firmou neste sentido, que elle  
(em parte), seu filho, e neto totalmente naõ rompessem,  
com qua forao os mesmos Principes os que justificaraõ  
mais, que todas as leys, a resoluçao que os Portugue-  
zes tomaraõ de te livrar de seu dominio.

Despedidas as Cortes, passou El Rey de Thomar  
a Almada, Villa que o Tejo, onde he mais estreito, di-  
vide de Lisboa: em Almada aguardou El Rey alguns  
dias as prevençoes da entrada que havia de fazer em Lis-  
boa. Entendo-te que se detivera, esperando reduzir o  
Prior do Crato D. Antonio por meio do Duque de Medi-  
na Sidonia, com quem professara sempre estreita amiza-  
de: mas desvanecese esta negociaçao, e D. Antonio  
conseguiu salvar-se, passando em hum navio do Porto a  
França. El Rey entrou em Lisboa com apparato magnifi-  
co: porém mostrou a Cidade mais o seu poder que o seu  
affecto; porque se observou, que naõ houve voz algu-  
ma, que o acclamasse. Acabadas as festas, entraraõ as  
pretençoes, a que El Rey deferio tão elstretamente, que  
nenhum dos mais solícitos em lhe entregar o Reino se  
achava, que naõ estivesse arrependido: porque como a  
ambiçao havia sido directora das accões destes animos,  
tanto que se naõ viraõ satisfeitos, logo deixaraõ de ser  
cegos. Pudera ser contado como effeito toda prudencia  
de El Rey D. Filipe, naõ premiar estes Vassallos, para dar  
exemplo aos muitos que dominava; mostrando que os

*Passa El Rey de Almada.*

*Passa D. Anto-  
nio a França.  
Entra El Rey  
em Lisboa.*

## 36 - PORTUGAL RESTAURADO ;

Reys naõ devem pagar acçoens indignas , por naõ chegar a padecer o mesmo damno que fabricaraõ. Porém perturbou fazer se este discurso a seu favor , a resposta que deu ao memorial offerecido pela Duqueza de Bragança : porque pedindo ella satisfaç. das promessas feitas pelo Duque de Ossuna a El Rey D. Henrique , assim de casar o Principe D. Diogo com huma de suas filhas , como das outras mercês para a sua Casa acima referidas , remetteo El Rey o memorial ao Conselho de Estado , fiando se na disposiç. dos Conselheiros , que tambem seriaõ ajudados das suas inspiraç. Votaraõ elles que se pagasse com algum dinheiro o prejuizo , que padecera a Casa de Bragança no sacco , que os Castelhanos deraõ ao Castelo de Villa Viçosa , em que perdeo hum grande thesouro ; que promettesse dotes ás filhas da Duqueza , e benefícios Ecclesiasticos a seos filhos segundos. Conformou se El Rey facilmente com o Conselho de Estado , e occultou o Duque o despacho , por naõ mostrar ao Mundo mais esta ofensa , quando só o softimento podia achar por desafogo. Mas como materias taõ grandes naõ podem estar occultas , passando por tantas mãos , publicou se esta , e castigou a censura do Mundo assim o desacerto del Rey , como a lisonja dos Conselheiros de Estado ; dando este remate á justa pretenç. da Casa de Bragança , tendo só poder para lhe tirar as esperanças da Coroa a iniquidade dos animos , que venderaõ a El Rey de Castella a sua justiça , e o ambicioso animo com que El Rey , sem ter alguma , te fez senhor do Reino que lhe naõ pertencia : se bem ao passo das suas semirazoens experimentava El Rey os castigos do Ceo , porque quando tomou Lisboa vio morrer a Rainha sua mulher , e quando respondeo indignamente ao memorial da Duqueza de Bragança , lhe chegou avizo de Madrid da morte do Principe D. Diogo seu filho primo- genito. Chamando Cortes a Lisboa , bulcou o alivio de taõ grande sentimento , fazendo jurar nellas por Successor de Portugal seu filho D. Filipe. Se Deos naõ fora mais poderoso , e taõ incomprehensivelmente justo , grande prudencia era buscar o remedio na caufa do damno : porém hum Rey Catholico parece que estava obrigado , vendo se

*Não admite o  
Duque os despa-  
chos del Rey.*

*Morreu o Princi-  
pe D. Diogo , e  
jura-se em Cor-  
tes D. Filipe.*

do se soccorrido com estes auxilios, a depôr a contumacia desistindo da empreza, e não occasionar os estragos, e mortes, que depois sucederão.

Achou-se nas Cortes o Duque de Bragança exercitando o Officio de Condestavel: acabadas elles, se voltou para Villa-Viçosa, onde morreu dentro de poucos dias, não podendo o animo com o pezo de tantos infortunios. Foy o seu genio religioso, e a sua inclinação espiritual, disposição que o levou a attender menos, do que era necessário, à diligencia da sua pretenção; e aspirando religiosamente a maior Coroa, costumava dizer, que por não cair em huma culpa venial, deixaria perder o Imperio de todo o Mundo; virtude que inclue de sorte em si todas as outras, que basta para fazer immortal a sua memoria. El Rey Catholico, tanto que teve noticia da morte do Duque de Bragança, julgou que se lhe abrirá o caminho de segurar a consciencia gravada com o pezo da justiça da Duqueza D. Catharina. Resolveu-se a tomalla por mulher, supondo que ella não havia de pôr em duvida largar o direito da Coroa de Portugal pelo dominio da Monarquia de Hespanha; e que elle em se livrar de escrupulo de tantas consequencias, não conseguia pequeno dote; buscando todos os caminhos para ficar com o Reino sem escrupulo: porém nunca o escrupulo o fez largar o Reino. Tomada esta resolução, mandou por varias pessoas tentar o animo da Duqueza: acharam-a todas mais alheia desta prática, do que imagináraõ. Applicou El Rey o ultimo esforço, e entregou a disposição do combate a D. Ignez de Noronha mulher de Vasco da Silveira, avó materna dos Condes de Unhão. Era dotada de muitas virtudes, que lhe grangeáraõ grande respeito, e autoridade na Corte: deu-lhe El Rey poder para usar de todos os caminhos suaves, e quando não bastassem, procurasse reduzir a Duqueza com ameaças. Passou D. Ignez a Villa-Viçosa, fallou á Duqueza, e dispôz com todo o artificio o seu intento. Entendeu logo a Duqueza o fim a que caminhavaõ os seos discursos, e desejou atalhallos, passando varias vezes a outras materias: porém vendo que D. Ignez se deliberára a lhe propôr as conveniencias, que lhe

Tom. I.

C 3

*Morte do Duque que D. Joaõ.*

*Determina El Rey casar com a Duqueza.*

*Elege D. Ignez de Noronha para esta diligencia.*

## 38 PORTUGAL RESTAURADO,

resultavaõ desta , como ella chamava , grande fortuna insinuando-lhe juntamente os dãos , que lhe poderiaõ resultar de resoluçao contraria. Respondeo com espirito Real , generosidade de Matrona Portugueza : *Que ella naõ havia de trocar as memorias do Duque D. Joao pela vaidade da Coroa de Hespanha , nem offendre o direito de seu filho o Duque D. Theodosio por nenhum respeito humano , e que se este era o fim com que El Rey D. Philippe caminhava aquella pretençao , que errava , a seu parecer , o intento , porque seu filho naõ perdia o direito , que tinha á Coroa de Portugal , ainda que ella o renunciasse , nem El Rey se livrava de escrupulo , comprando o que lhe naõ podia vender : e que quando estas razoens naõ bastassem para o dissuadir , que recolhendo-se em hum Convento atalharia a sua determinaçao. Naõ cabe em algum peito humano maior valor , nem maior constancia ! Voltou-se a Lisboa D. Ignez com a resposta , que admirou toda a prudencia d'El Rey D. Philippe : o qual vendo desvanecida esta idea , e conhecidas todas as disposiçoes , que bastavaõ para lhe segurar a Coroa ; depois de dous annos de assistencia em Portugal , determinou passar a Madrid , para dar calor a outros negocios da Monarquia , que pediaõ tratar-se de mais perto.*

*Volta El Rey a Madrid.*

*Visita a Duqueza , que mostra a mesma confiança.*

Sahio de Lisboa , e passou a Villa Viçosa a visitar a Duqueza de Bragança : neste lugar se deteve trez dias , e em todos elles teve muitas horas de conferencia com a Duqueza , tentando todos os caminhos de alcançar della o direito , que tinha á Coroa : offereceo-lhe grandes , e varios partidos ; e a Duqueza naõ cedendo do valor referido , respondeo a El Rey : *Que se ella tinha justiça , que naõ podia desherdar seu filho de tão generosa pretençao , e que se naõ a tinha , que sua Magestade acabaria nelle muito bom soldado. El Rey dissuadido desta idea , passou a Villa Boim , e seguiu felicemente a jornada chegando a Madrid , onde foy recebido com geral contentamento de seos vassallos. Deixou por Governador de Portugal ao Cardial Alberto Arquiduque de Austria seu sobrinho , seu cunhado , e depois seu genro. Antes de tomar esta resoluçao teve intento , conforme se entendeo , de que ficasse governando este Reino a Imperatriz Maria , sua irmãa ,*

*Deixa o Cardial Alberto com o governo de Portugal.*

*viu-*

viuva do Imperador Maximiliano, e māy do Cardial Alberto. Estando em Thomar lhe escreveo, pedindo-lhe que passasse a Hespanha. Naō dilatou ella fazer a jornada; chegou a Barcelona, e logo passou a Portugal, onde seu irmão estava, e com elle voltou para Castella, mostrando o efeito que mudára de opinião. O Cardial tanto que começou a exercitar o domínio, mostrou logo o que os Portuguezes antes receavaõ, que as Cortes de Thomar forão tão formalidade occasionada do receio. Começáraõ a quebrar-se as promessas, que ElRey com tantas ratificações jurou em Thomar, e confirmou em Lisboa, guardando-se as Fortalezas com Infantaria Castelhana, freio que declarava a deliberação do jugo: Os negocios naõ se expediaõ como se havia prometido, esperando-se de Madrid a resolução das Consultas de importância, entendendo-se, que todas se haviaõ de determinar em Lisboa: Os tributos dos portos seccos naõ se levantaraõ: as forças marítimas se começáraõ a divertir para a jornada de Inglaterra, tirando-se do Reino gente, artilharia, munições, e dinheiro em grande quantidade: Os officios de justiça naõ se davavaõ em Lisboa, proviaõ-se em Madrid á custa dos cabedaelos dos pretendentes: Os castigos dos que falavaõ qualquer palavra contra o governo, e dos que naõ haviaõ servido ElRey na conquista do Reino, eraõ tantos, ainda que ocultos, que se naõ perdoava nem aos Religiosos; porque aquelles a que a tyrannia suppunha delinquentes, eraõ arrebatados de improviso, e levados á Torre de San Giaõ, donde os lançavaõ ao mar, que naõ querendo occultar tanto delicto, trazia os corpos ás redes dos pescadores, e retiravaõ-se dellas os peixes offendidos do insulto, recusando ser mantimentos de homens, que mudando as disposições de Deos, lhes queriaõ dar homens por alimento; e foy necessário, que á instancia dos pescadores o Arcebíspº de Lisboa fosse em procissão bensher o mar, profanado com tantos sacrilegios, para que elle (como sucedeo) tornasse a pagar o tributo do peixe, que dantes costumava. Arzilla gloriosa Conquista de ElRey D. Affonso V., se entregou a ElRey de Marrocos, naõ bastando aos moradores prometterem defender-se dos

*Guarnecem-se as  
Fortalezas com  
presidio Castel-  
hana, e que-  
brantaõ-se os  
mais capitulos  
que se juraraõ  
nas Cortes.*

*Tyrannias dos  
Castelhanos.*

*Entrega se Ar-  
zilla a ElRey  
de Marrocos.*

## 40 PORTUGAL RESTAURADO;

Mouros, sem outro soccorro mais que o de seos braços; dando ElRey D. Philippe esta praça, e nella muitos lugares confiados, só por divertir o emprestimo, que ElRey de Marrocos queria fazer ao Prior do Crato de duzentos mil Cruzados. Estas, e outras demonstrações acentráo de lóerte a afflcação nos animos de todos os Portuguezes, que muitos se sahiraõ do Reino, vendo que nelle naõ tinhaõ livres mais, que os olhos para ver o que padeciaõ, e chorar o que perderaõ: porém naõ faltavaõ outros a que naõ confundia o temor, e achando-se sem mais soccorro que o da esperança, recorriaõ ás profecias: e espalhavaõ-as pelo povo, para que estivesse sempre vivo o desejo da liberdade, até que o tempo oferecesse occasião de procuralla. Clamavaõ ao mesmo fim muitos Prégadores nos pulpitos, donde fallavaõ livremente, que confessava ElRey Catholico darihe cuidado a guerra que lhe faziaõ; e ao passo deste receio os mandava castigar. Era hum dos mais resolutos o P. Luiz Alvares da Companhia de JESUS, Religiao em que esteve sempre viva a fé Portugueza. Prégando este Religioso na Capella a ElRey, estando ainda em Portugal, dia de S. Philippe Apostolo, tirou do mesmo Evangelho o Thema, e com grande vigor voltou para ElRey, e lho referio dizendo: *Philippe, qui videt me, videt & Patrem.* E ajustou ao Thema hum discurso eloquentissimo, mostrando que a representação era o direito, que preferia a todo o outro, e que aquelle que o offendia, tyrannizava a justiça. Bem conheceo ElRey, que falava a favor da Casa de Bragança, mas valeo-se da sua prudencia para o dissimular, e admirou ao auditorio tanta ouvidoria, atribuindo ás grandes letras, e virtudes do Prégador. Este mesmo virtuoso Varaõ pêrgando ao Cardial Alberto o Evangelho do paralytico, tomou por Thema, *Surge, tolle grabatum tuum, & ambula.* E voltando se para o Cardial, lhe disse: Serenissimo Príncipe querem dizer estas palavras, levantai-vos depressa, tomay o vostro fato, e ide para vossa casa. Alentavaõ-se com este pequeno desafogo os Portuguezes opprimidos com tanta multidaõ de pezes. O Cardial naõ teve no seu governo mais cuidado, que

*Liberdade gene-  
rofa do P. Luiz  
Alvares.*

Q in-

## PARTE I. LIVRO I.

41

o intempestivo assalto, que o Prior do Crato D: Antonio Entra D. Ant<sup>o</sup>io em Portugal deo a Lisboa com huma Armada de Inglaterra, que a Rainha Isabel lhe permittio, persuadida da politica de meter gal com huma Armada Inglesa a guerra em caia a El Rey Catholico, como elle havia feito pouco tempo antes. D. Antonio saltou em terra em Peniche, nobre Villa dos Condes de Atouguia, que dista doze leguas de Lisboa; caminhou a esta Cidade sem oposição, entrou o arrabalde della, e foy rebatido das antigas muralhas; naõ achando no Reino os parciaes, que lhe supunha, te tornou a embarcar sem outro effeito. P. Morre em Paris sou se segunda vez a França, e morre em Pariz, cançado de procurar favores alheios, verdugo, que acaba muito depressa a vida; está sepultado na Igreja da Ave Maria, conservando na humildade da sepultura o titulo de Rey; que até as cinzas cobrem os homens com desvanecimento.

El Rey D. Philippe em quanto viveo, depois de usurpar Portugal, que forão dezoito annos, sempre passou em continuo cuidado na pouca segurança com que dominava animos forçados, e bellicosos; e conforme o receio forão as cautellas, e as prevenções, até que os achaques, unindo se aos annos, lhe vencerão o espirito, e com setenta e hum de idade acabou a vida no Escorial a 17 de Setembro do anno de 1598. Forão tantas as penas com que morreó, e tão continuas, que parece aguardava o Tribunal Divino, que elle restituuisse Portugal á Duquesa de Bragança; porém acabou sem esta satisfação, fiado, como se entende, na misericordia de Deos, que muitas vezes, querendo governalla afraqueza das nossas idéas, e utar della como nos convém, e naõ como fomos obrigados, vimos a condennar nos pelos mesmos fundamentos, que nos facilitaõ à sentença. Foy El Rey D. Philippe, á custa da liberdade Portugueza, o primeiro Rey a que obedeceo toda a Monarquia de Hespanha, depois da sua destruição infelice. Logrou o titulo de Prudente, porque nos Príncipes, assim como ás virtudes, tambem aos vícios se chama politica: mas a politica naõ merece sempre o nome de prudencia, porque nem sempre alcança fundamentos virtuosos, e naõ pôde haver verdadeira

Morte d<sup>r</sup> El Rey  
D. Philippe II, &  
seu elogio.

plus

## 42 PORTUGAL RESTAURADO,

prudencia sem este alicerse. Cuidava muito do governo, conhecia os vassalos, premiava os mericimentos, ouvia a todos, e a todos respondia, não com generalidade, senão com resolução ás pretenções, de que mostrava ter inteira notícia; porém se accaso suspeitava, que para a conservação do Imperio era necessário cortar por muitas vidas, a nenhuma perdoava, ainda que as culpas não fossem muito manifestas, e os delinquentes fossem os mais chegados em sangue. Pretendeo dominar toda Europa, mais com as negociações, que com as armas; e aquellas a que deu exercicio, forão entregues a varios Capitaens, não seguindo o exemplo do Imperador seu pay, mais amante das victorias, que dos Reinos, por serem ganhadas pelo seu braço. Com o pretexto da Religiao introduzio em França a guerra civil, e com iudustrias, promessas, ameaços, e Exercitos fez senhor do Reino de Portugal, que lhe não tocava, Teve estatura pequena, presença venerável, olhos grandes, e azuis, nariz bem proporcionado, beiços grotos, o debaixo caido, como da Casa de Austria, e todo junto era de aspecto verdadeiramente Real. Careceo do sentido do olfacto, e costumava dizer, que o não offendia, porque desfistimava as delicias. Aborreco tanto deixar-te governar de seos validos, que antes de expirar, dizendo-lhe D. Christovaõ de Moura, que usasse do alivio de que deixava hum filho muito capaz do Imperio, lhe respondeo: *Ay D. Christovaõ, que temo, que o há de governar!* Casou quatro vezes, a primeira com D. Maria filha d'El Rey D. Joaõ III. de Portugal: a segunda com Maria Rainha de Inglaterra, filha de Henrique VIII., de que não teve sucessão: a terceira com Isabel, filha de Henrique II. Rey de França: a quarta com Anna filha do Imperador Maximiliano. Teve por filhos da primeira o Príncipe D. Carlos, que morreu prezo em hum quarto de Palacio: da terceira D. Isabel Condessa de Flandes, mulher do Arquiduque Alberto, e D. Catharina mulher de Carlos Manoel Duque de Saboia: da quarta D. Fernando, e D. Carlos Lourenço, que morrerão mininos, D. Diogo, que morreu jurado Príncipe de Portugal, D. Maria, que morreu minina, e D.

## PARTES I. LIVRO I.

43

e D. Philippe, que sucedeo na Coroa de Portugal;

Morto ElRey D. Philippe, crelceraõ as disgras de Portugal na segunda sujeiçao de seu filho Philippe Sucede D. Philippe III. III. de Castella, e contado por segundo de Portugal; porque naõ herdando de seu pay a prudencia, como os Reinos, governado pela ambiçaõ, e desconcerto de seos valídos, entrou, declarando com varias demonstraçoes o intento de abater as forças deste Reino por todos os caminhos, que ministravaõ os accidentes, e que arguiaõ os mal intencionados. Mandou levantar gente em Portugal Manda fazer, levas para Flandes, para Flandes, acrecentando aos soldados as pagas, para que o interesse dellas os obrigasse a despovoar o Reino, que determinava fazer Provincia: e paslou tanto adiante o odio, que teve á Naçao Portugueza, e o desejo de abatella, que ajustando no anno de 1609 a indecorosa tregoa com os Hollandezes, que o mundo soube, e todas as Naçoes murmuráraõ, capitulou, que se entendia com todos os Reinos, e Senhorios da Coroa de Castella desta parte da Linha, ficando com a guerra aberta da Linha para além, que saõ todas as Conquistas do Reino de Portugal: com que veio a entregar nas mãos dos Hereges a maior parte das Conquistas gloriosamente compradas com o sangue dos Portuguezes. A Mina, e Guiné experimentaráõ primeiro esta desconcertada politica, deixando os Castelhanos perder estas Conquistas, parece que taõ claramente por sua ventade, que a guerra de Guiné durou trez annos sem conseguir o mais leve socorro. Padeceo a India igual disgraca, e naõ sentio o Brasil menor damno. Os apprestos das náos da India eraõ taõ dilatados, que se perdiaõ hora as monçoes, hora os navios; e as Frotas do Brasil taõ pequenas, e mal apparelhadas, que só naõ animavaõ o nosso poder, senão que caindo nas mãos dos inimigos lhes acrecentavaõ as forças. Estes desconcertos prejudicáraõ igualmente a todos os Estados do Reino, e diminuiraõ de sôrte os cabedaes dos particulares, que sendo a Praça de Lisboa huma das mais ricas do mundo, vieraõ a extinguir se quasi todas as correspondencias dos homens de negocio. E finalmente procurava ElRey D. Philippe observar em Portugal o dictame de seu pay;

que

## 44 PORTUGAL RESTAURADO,

que costumava dizer: Era melhor a hum Príncipe ser Senhor de hum Reino arruinado, e mal seguro, que florente, e poderoso com o perigo de inquietar-se.

*Entra El Rey  
em Lisboa.*

Passou El Rey a Portugal no principio do anno de 1619. Foy recebido em Lisboa com festas tão magnificas, que confessou, que só aquelle dia entendera, que era Rey. Este encarecimento levantou tantos ciumes nos corações de seos validos, senhores absolutos do seu alvedrio, que desluziraõ com elle de sorte as acções dos Portuguezes, que dando mais credito aos ouvidos que aos olhos, trocou em odio de toda a Nação as primeiras apparencias de agrado. Apenas houve Portuguez de que se deixasse tratar (desprezo que a Nação Portugueza, criada nos braços dos antigos Reys, que teve, sentio como o maior agravo.) Deixe-se ver, e comunicar o Príncipe, que for Senhor de Portugal, se, como as vidas, quizer dominar os alvedrios de seus vassallos. Faltou El Rey aos Portuguezes não só com o favor, mas com a justiça: porque negou quasi todas as mercês, que lhe pediraõ, aos que as pretenderaõ em satisfaçao de grandes serviços, e da mesma sorte os lugares, ocupando nelles vassallos de Reinos diferentes. E como todo o intento d'El Rey era abater a grandeza de Portugal, os maiores golpes se encaminharaõ ao melhor alvo: mas dos tiros, e dos laços se soube desviar a prudencia do Duque de Bragança D. Theodosio, contra quem se armaraõ. Eraõ grandes, e diferentes os motivos de inveja, e de ciume, que dava a El Rey, e seos Ministros a sua grandeza. Consideravaõ a justiça com que aspirava á Coroa, o amor com que os Portuguezes lha offereceraõ, se acharaõ meios proporcionados para entregar-lha, e a diferença, que fazia a todos os Grandes na magnificencia com que se tratava. O Duque de Uzeda, primeiro Ministro d'El Rey, fazia em Madrid ostentaçao da sua amizade: porém chegando a Elvas, e negando-lhe a Excelencia, que todos lhe tributavaõ, trocou em odio os primeiros affectos, e fez toda a diligencia por empenhar o Duque de Bragança em lance tão difícil, que o obrigasse, ou a cair em hum grande dezar, soffrendo-o, ou a padecer hum grande castigo, resistindo. Porem o Duque sem-

*Ciumes dos Ca-  
stellanos, da  
Caja de Bra-  
ganza,*

sempre advertido, e sempre generoso, nunca encontrou  
accidente, em que por nenhuma das partes perigasse, ta-  
bendo fair-se com maior credito de todos os embaraços;  
que lhe dispuzeraõ. Teve ordem hum soldado da guarda, *Perigo do Duque*  
para impedir-lhe a entrada de huma porta do Paço no dia, *que D. Theodosio*  
em que se celebrava o Acto das Cortes, mostrando, que o  
desconhecia: disse-lhe o Duque com muita moderação:  
*Deixai-me entrar, que se não pôde fazer sem mim esta fe-  
sta.* Montando a cavallo, e seu fiho o Duque de Barcel-  
los D. Joaõ, (que de poucos annos veio aprender a Lis-  
boa as ceremonias com que se coroavaõ os Reys de Por-  
tugal) quando sahiaõ do Paço se travou huma penden-  
cia entre os seos criados, que eraõ muitos, e os soldados  
infantes de huma Companhia, que estava de guarda, e lhe  
haviaõ tomado as armas: atreveo-se hum destes soldados  
a meter o mosquete á cara contra o Duque, vio elle a re-  
solucao, e foy andando sem fazer caso della: prenderaõ  
o soldado, quizeraõ, ou mostraraõ, que queriaõ enfor-  
callo, perdoou lhe El Rey por intercessao do Duque. *Piedade com o  
soldado, q mais o offendeu.*  
Quando se partio para Villa-Viçosa acabadas as Cortes,  
lhe disse El Rey, que pedisse mercês: respondeo-lhe ge-  
neroſamente: *Seos Avós de Vossa Mageſtade, e os meus  
deraõ tanto á minha Caſa, que a desobrigaraõ de ter que  
pedir.* Partio ſe, e deixou aos Castelhanos confusos, e *Volta a Villa-  
Viçosa.*  
admirados. Todas as Cortes a que affliſto reclamou occul-  
tamente, como conſta de douſ protestos, que fe acharaõ  
depois da ſua morte; porque em quanto viveo os naõ ſiou  
nem de ſeos filhos. (Assim o ouvi muitas vezes referir a  
El Rey D. Joaõ.) Continhaõ elles estas palavras: *Proteſto* *Proteſto do Duque*  
por diante de Deos como verdadeiro Juiz, e Senhor de to-  
das as couzas, e tomo por Juiz deſte meu caſo, e por mi-  
nha Advogada a gloriosa Virgem Maria, e por teſtimu-  
nas todos os Santos, de que tudo o que mandey fazer,  
fiz, e dey consentimento ſobre a coroação de Sua Mageſtade  
neſte Reino de Portugal, digo, que naõ hey por va-  
lioso, por fer contra minha vontade, e medo cadente, in-  
constantem virum, & reclamo omni meliori modo, que en-  
direito bouver lugar, e affim o revogo, e hey por revoga-  
do ſudo o que em meu prejuizo fe fiz, e de meas perde-  
ros

46 PORTUGAL RESTAURADO,

ros daqui por diante, e declaro, que os juramentos não foram valiosos, por não ter vontade, nem tençāo, e ser menor de idade de quatorze annos: e por firmeza d'isto fiz este por mim, e o assigney, e selley com o sinete de meu Escritorio a 15 de Outubro do anno 1591. e assinava-se. Dizia o segundo protesto: Torno a reclamar, e haver por nullo o que se fez nestas Cortes com meu consentimento, por ser levado de medo cadente in constantem virum; e revogo o que está feito até aqui em meu prejuizo, e na melhor forma, que em direito houver, e invoco em meu favor a Santissima Virgem Maria, a São Bernardo, e ao Santo Condestavel, e tomo por minhas testimunhas a todos os Santos; e assim o protesto diante do verdadeiro Juiz, e declaro, que tudo isto he sobre o direito, que tenho á Coroa de Portugal. Assinava-se, e era justificado este protesto por Manoel de Oliveira Notario Apostolico. Destas diligencias, ainda que o Duque D. Theodosio não logrou em sua vida o fructo, conseguiu-o seu filho o Duque D. Joaõ, a quem consta disse no acto das Cortes, que não fizesse tençāo de jurar. Pouco tempo antes que o Duque viesse ás Cortes falecera-se sua Mãe a Duqueza D. Catharina, Matrona de tão excellentes virtudes, como temos referido, e sua mulher a Duqueza Dona Anna de Velasco filha do Condestavel de Castella. Viveu elle até o anno de 1630, em que acabou com opinião de singular virtude, primeiro fundamento da grandeza, e gloria estabelecida em seu heroico Filho, e descendentes.

Volta ElRey a  
Madrid, onde  
morre. Seu elo-  
gio.

ElRey D. Filipe depois de assistir sete mezes violentado em Lisboa, se voltou para Madrid, não deixando em Portugal mais, que aggravos a huma Nação; a que nunca domou o máo trato. Pouco tempo depois de chegar a Madrid acabou a vida, não lhe durando mais, que até o ultimo de Março do anno de 1621. Era de 43 annos, e havia reinado vinte e dous e meio: está enterrado com seos pays no Mosteiro Real de São Lourenço do Escorial. Foy de estatura com mais proporção, que grandeza, branco, e louro, olhos azuis, beiços groslos, e aspecto magestoso. Venerava muito a Igreja, e era inclinado á misericordia; porém fez certo o vaticinio de seu

## PARTE I. LIVRO I.

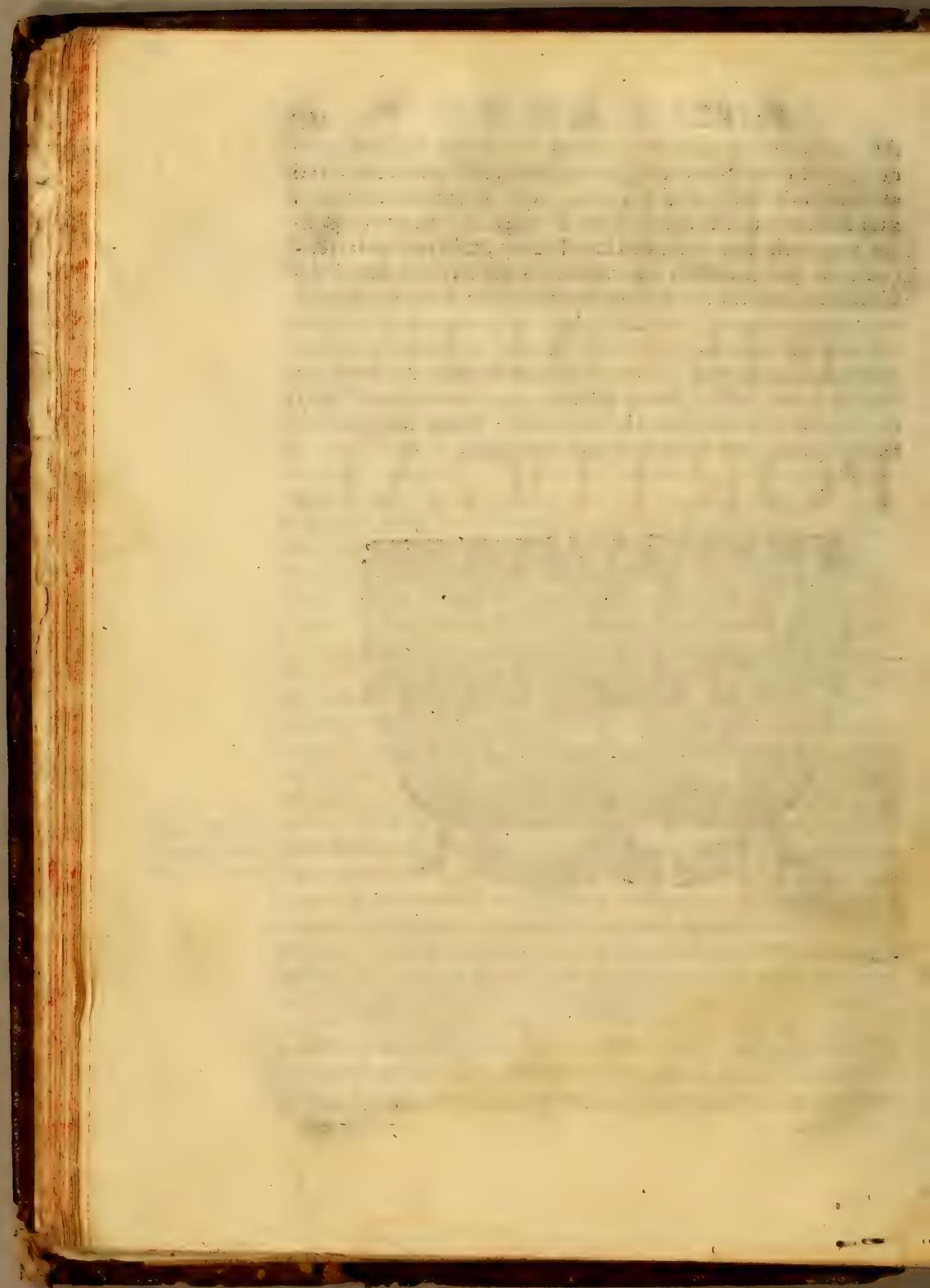
47

seu pay , entregando-se de sorte á vontade de seos vali-  
dos , que elles forão os que reinaraõ absolutamente , taõ  
attentos aos interesses proprios , que occasioñaraõ males  
grandissimos á Monarquia de Hespánha , os quaes pou-  
cas vezes chegavaõ á noticia d'El Rey ; tal era a desfatten-  
çao com que se deixava governar. Casou com Dona Mar-  
garida de Austria , filha dos Arquiduques Carlos , e Ma-  
ria , morrendo ella , se entendeo , que vivera em per-  
petua continencia. Forão seos filhos D. Filipe , que suc-  
cedeo no Sceptro , D. Anna Maria mulher d'El Rey de  
França Luiz XIII , Dona Maria , que casou com El Rey  
de Ungria , D. Carlos , D. Fernando , Dona Margarida ,  
D. Affonso , que morreraõ sem succesão.

?



HISTO:





# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO II.

## S U M M A R I O.



UCCEDE na Coroa de Portugal *Philippe IV.* Tumulto do povo pela opresão dos tribuios. Perde-se a Bahia. Armada que se junta para o restaurar. Une-se em Cabo-Verde com a de Castiella. Chegão ás Armadas á Bahia, sitião a Cidade, que se entrega.

Declara El Rey por válido ao Conde Duque. Elege Diogo Soares, e Miguel de Vasconcellos Secretarios de Estado, aquelle em Madrid, este em Lisboa. Propõem-se á Nobreza novo tributo de quinhentos mil Cruzados; não se aceita. Depoem-se os Governadores por este respeito. Succede-lhe D. Diogo de Castro.

Tom. I.

D

Elege

## 50 PORTUGAL RESTAURADO;

Elege ElRey para governar o Reino a Duqueza de Mantua. Institue se em Madrid a Junta do desempenho. Mandaõ se executar os tributos. Altera-se o Povo de Evora, e socega se com o castigo de alguns delinquentes. Chamaõ se a Madrid varias pessoas principaes. Buscaõ se pretextos para tirar do Reino o Duque de Bragaça, e a mais Nobreza. Elegem o Duque Capitão General do Reino: passa a Almada: visita a Duqueza de Mantua, e volta para Villa Viçosa. Altera se Catalunha. Chama ElRey o Duque, e a Nobreza a Madrid com o fim de fazer Portugal Provincia. Resolue se a Nobreza a entregar a Coroa ao Duque de Bragança. Aceita a offerta, que lhe fizeraõ. Acclama se ElRey facilmente em Lisboa, e em todo o Reino. Morre Miguel de Vasconcellos. Prendem a Duqueza. Entra ElRey em Lisboa.

*Governo de Filipe IV.*

**S**uccedeo na Monarquia de Hespanha Filipe IV.; para Portugal terceiro. Entrou no Governo desembainhando sem dissimulação a espada contra este Reino, que experimentou na infelicidade daquelle Seculo, na mudança das Coroas, multiplicada a tyrannia. Sem chamar Cortes accrescentou os tributos em Portugal com tal excesso, que vieraõ a fer intolleraveis. Mandou lançar o real de agua em todo o Reino, dobrou as cizas, no sal se pozeraõ novas contribuições, accrescentaraõ-se os direitos nas caixas de afluçar, mandou-se pagar meia nata de todos os Officios da Fazenda, e Justica, de que se originaraõ roubos sem conto, e extorções sem medida. Passavaõ-se as Ordens em Castelhano, e a Bulla da Cruzada se alcançou perpetua, applicando-a a usos illicitos, quando o Summo Pontifice havia concedido o dinheiro, que resultava della, para conservação das Praças de Africa. Naõ eraõ os Ecclesiasticos menos gravados, que os seculares, pagavaõ subsídios, e mezadas, e os Breves, que se alcançavaõ para estas contribuições, narravaõ contra a verdade o consentimento geral do Reino;

## PARTE I. LIVRO II. 51

no ; porque os povos sempre reclamaraõ , e só obrigados da violencia obedeciaõ. Fez-se estante das mercadorias , e com titulo hora de emprestimo sem restituicão , hora de esmola sem mericimento , se levava o dinheiro para Castella. Recolhiaõ se da mesma sorte as rendas applicadas para resgate de Captivos , expondo-os a perderem huns a Fé na desesperaçao da liberdade , outros a esperança de conseguilla. A terça parte dos bens dos Conselhos , que os povos consignaraõ para reparo das Fortificações , levavaõ os Castelhanos ; em que naõ so conseguiaõ mais este cabedal , mas juntamente a ruina das muralhas , que para abater de todo a confiança , e resoluçao dos Portuguezes , desejavaõ ver astoladas. Os Ministros Castelhanos , que assistiaõ em Lisboa , tambem lançavaõ tributos ; soy hum delles mandarem , que os barcos naõ saissem a pelear sem contribuir , tirando com mais certas redes , que as dos pescadores , o primeiro lanço , livres do perigo das tempestades. Exasperou este delconcerto de sorte os animos dos populares , que gritando liberdade , profanaraõ com pedradas as janelas do Paço ; porém faltando-  
*Tumulto do povo pela oppreſſão dos tributos.*

Ihe a alma da Nobreza de que só se animaõ , socegaraõ o impulso , porque entregues naquelle tempo os de maior qualidate , huns ás esperanças do governo de Castella , outros á desconfiança de abatello , tratavaõ de servir sem contradicçao , e de obedecer sem controversia. Esta disposição daquelles animos se justificou na competencia , com que todos se embarcaraõ para o Brasil a restaurar a Bahia de todos os Santos , amplissima enseada , e porto da Cidade de S. Salvador , que os Hollandezes sem resistencia haviaõ ganhado. Constou-lhes do pouco , que os Castelhanos animavaõ esta Conquista , e o muito descuido , com que os Portuguezes a guarneciaõ , tendo só por objecto os interesses do Commercio. Apparelharaõ nos portos de Holanda huma Armada de vinte e cinco navios , que levava 3000 homens ; entregaraõ-a a Joaõ Vandort , a quem deraõ por Almeirante Jacob Vilhebens ; publicaraõ que a jornada era ás Indias Occidentaes. Sahio a Armada em Dezembro , e paſſada a Linha a seis gráos do Sul , abertas as instruções acharaõ , que os mandavaõ hir sobre a Bahia ,

## 52 PORTUGAL RESTAURADO,

Bahia; e interpretender a Cidade de S. Salvador, Metrópoli de todo o Estado do Brasil, Província, que fica naquelle vastíssima parte do Mundo novo, que se chama America, ao Oriente della, e a respeito de nós-outros ao Occidente, muito maior, que toda Europa, e com 1200 leguas de costa de mar, agradavel, e fertilissima. O sitio da Cidade he hum pouco elevado, e a povoação corre de Norte a Sul, em fórmula prolongada. Entrou a Armada na Bahia, e bateo da Marinha o arrabalde. Era Governador daquelle Estado Diogo de Mendoça, que estava na Cidade; e seu filho Antonio de Mendoça defendia hum Forte ainda imperfeito, que se havia levantado dentro da agua defronte do arrabalde. A poucos golpes da artilharia o desamparou, deixando livre aos Hollandezes poderem lançar gente em terra, como logo executaraõ, desembarcando 1000 mosqueteiros, que sem resistencia se introduziraõ no arrabalde chamado de S. Benito. Cerrou-se a noite, e desampararaõ os moradores a Cidade, de que os Hollandezes ao romper da Alva se fizerão senhores. Acharaõ o Governador em sua casa, della o levaraõ prezo para a Capitania, arrependido, como se deve entender, de não haver prevenido as disposições necessarias para a defensão da Cidade, que puderaõ seguir-lhe a maior gloria.

*Perde-se a Bahia.*

Os moradores da Cidade sem mais atenção, que a salvar as vidas, se occultaraõ nos bosques vizinhos a ella, deixando os Templos expostos ás sacrilegas mãos dos Hereges; e as casas entregues á ambição dos inimigos. Só no Bispo D. Marcos Teixeira se achou valerosa resolução, e ofereceu se com os seos Clerigos em habito militar ao Governador para a defensão da Cidade; não lhe admittio a proposta, e retirou se a huma Aldea do Ceretão. Mathias de Albuquerque, de que se puderaõ esperar diferentes efeitos, estava governando Parnambuco, donde avizou a El Rey a perda da Bahia. Tanto que o avizo chegou a Madrid, escreveo El Rey da sua mão aos Governadores de Portugal, que eraõ naquelle tempo D. Diogo de Castro Conde de Basto, e D. Diogo da Silva Conde de Portalegre: encarecia-lhes o muito, que estimava

va o valor, e fidelidade Portugueza, e as finezas, que em correspondencia de seu amor esperava que obrassem em occasião tão grande, como a perda da Bahia. Era a causa destas demonstrações o perigo, que corriaõ os interesses das Indias Occidentaes, que se o damno fora só da Coroa de Portugal, pôde ter, que facilmente o dissimularão os Castelhanos. Vendo se os Portuguezes menos desprezados d'El Rey, mostraraõ o muito, que sabem obrar favorecidos. Juntou-se á nobreza de Lisboa quasi toda a que estava dividida pelo Reino, e a pouco custo da Fazenda Real se apparelharaõ em três mezes 26 navios, que sahiraõ com as águas do Tejo a buscar as do Oceano. Era General da Armada D. Manoel de Menezes valeroso, e pratico naquelle profissão, Almirante D. Francisco de Almeida, e juntamente Mestre de Campo de hum de dous Terços em que se dividia a guarnição dos navios, do outro Terço era Mestre de Campo Antonio Monis Barreto; e cada hum dos dous se compunha de 1900 Infantes. Tinha ordem de Madrid D. Manoel, para aguardar a Armada de Castella em Cabo-Verde, que executou com grande prejuizo pela corrupção daquelles ares. Em Fevereiro do anno de 1625 chegou a Armada de Castella a Cabo-Verde com 40 navios. Trazia por General D. Fradique de Toledo Marquez de Vualdoeza, hum dos Capitaens de maior estimação daquelle tempo, por Almirante D. João Faxardo de Guevara. Constava a guarnição de 8000 homens entre soldados, e marinheiros: os soldados divididos em tres Troços, dous de Hespanhoes, e hum de Italianos, de que eraõ Mestres de Campo D. Pedro Osorio, D. João de Orelhana, e o Marquez de Torrecusla. De Cabo-Verde sahiraõ as Armadas na volta da Bahia, aonde entraraõ Sexta feira da Somana Santa. O tempo que se dilatou este socorro havia feito guerra aos Hollandezes o Bispo D. Marcos Teixeira com a gente, que pode juntar: morreu quando dava maior calor ás emprezas. Succedeu-lhe Francisco Nunes Marinho, até que chegou do Reino D. Francisco de Moura, nomeado por El Rey Governador daquelle Estado, que com alguma gente, que trouxe consigo, que achou junta, ganhou aos Hollandezes os arrabaldes

*Armada para  
a restauração  
da Bahia.*

*Juntou-se em Ca-  
bo-Verde a Ar-  
mada de Castel-  
la.*

*Entrada na Ba-  
hia.*

## 54 PORTUGAL RESTAURADO,

do Carmo, e S. Bento: mas com pouco danno da Cidade, porque estava bem fortificada, e no porto ancoravaõ 26 navios: a guarnição constava de 3000 homens de varias naçoens, e a Cidade estava prevenida com todos os mantimentos, e munições necessarias para largo sitio. Tanto que as Armadas chegaraõ ao porto, faltaraõ em terra 4000 homens á ordem do Marquez de Corpani Pedro Ruiz de S. Estevaõ: deo lhe calor D. Fradique de Toledo com o resto da Infantaria, e huns, e outros desembarcaraõ sem opposição. Na Armada ficou D. Manoel de Menezes, que a dispôz em huma meia Lua por evitar a fugida aos navios de Hollanda. D. Fradique tomou posto, aquartelou-se, levantou trincheiras, e começo logo a dispôr as baterias. Fizeraõ os inimigos huma sahida com 300 homens, que custou a vida a 50 das tres Naçoens; porém plantada a artilharia, e encaminhadas as balas ás defensas de maior importancia, foy taõ consideravel a ruina, que tomou posse o temor dos corações dos defensores, fomentando-o o damno, que D. Manoel de Menezes fazia assim nos navios, que estavaõ ancorados, como na gente, que andava na marinha. Sustentavaõ-le os sitiados nas esperanças de hum socorro, que aguardavaõ de Hollanda; porém não chegando, fenaõ depois de rendida a Cidade, para ter mais testemunhas a disgraça, que padeceraõ, traçaraõ os defensores de entregalla; e porque o Governador contradizia aquella deliberaçãoõ, fe amotináraõ, e entendendo os soldados, que por não fugirem queria o Governador mandar-lhes queimar a Armada, antes que elle tomasse esta generosa resolução entregáraõ a Cidade á mercê dos vencedores, depois de trinta dias de sitio. Entráraõ nella os Castelhanos, Portuguezes, e Italianos, e usáraõ da victoria ainda com mais ambição, que os Hollandezes, saqueando, e destruindo os edifícios da Cidade com tanto excesso, que não contou por menores inimigos os que a renderaõ, que os que a restauraraõ. As Armadas com os prisioneiros, e com o despojo se partiraõ da Bahia, e castigando Deos com varias tormentas a impiedade usada na Cidade, chegaraõ com consideravel perda de navios, e gente a ancorar nos seos portos. El Rey D. Filip-

pe em satisfaçao desta jornada fez mercé a todos os fidalgos Portuguezes, que forao nella, de huma vida mais nos bens da Coroa, Ordens que logravaõ, e parece que antevendo havia de ter effeito esta mercé debaixo de outro dominio, quiz á custa alheia pagar tantas finezas: porém naõ se pôde negar que foy esta mercé muito consideravel, comprehendendo a quasi todas as pessloas principaes, que forao á jornada da Bahia, e resultando della a muitas grandissima utilidade.

Naõ durou muito esta fortuna da restauraçao da Bahia, sem que Portugal padecesse igual disgraca na perda de Parnambuco: porque os Hollandezes que ou na guerra, ou na paz de Castella tiverao sempre por objecto dos seos interesses as Conquistas de Portugal, tratadas como fazenda alheia todo o tempo que durou o dominio daquelle Monarquia, havendo restaurado no anno de 1628 a Companhia Occidental a dispeza da guerra antecedente com a preza que fez Pedro Moino Cabo de huma Esquadra da mesma Companhia na frota da nova Hespanha, que se estimou em Hollanda em nove milhoens, determinaõ empregar este cabedal em maiores interesses. Depois de varios ditcurtos concordaraõ que a mais util empreza era tornar ao intento da conquista do Brasil, Imperio quasi igual a toda Europa. Que a guerra devia começar em Parnambuco, para a empreza a mais facil, e para a Companhia a mais util. A mais facil pela debilidade das Fortificaçoes do Recife, e Villa de Olinda, (lugares situados na distancia de huma legoa) e pelo descuido dos Portuguezes, a quem o parocismo da larga servidaõ havia suffocado o alento, e entorpecido os braços. A mais util por comprehendender Parnambuco só pela Costa 60 legoas de longitud, começando em sette graos, e dous terços Austraes na Ria de Santa Cruz, que faz a Ilha de Itamaracá, e acabando no Rio de S. Francisco, que está em dez graos, e meio: comprehendendo este distrito mais de cem Ingenhos que fabricaõ o açucar, que tiraõ de muitos canaveáes, quantidade de pão que chamaõ Brasil, genero de grande importancia, muito tabaco, algodão, gingibre, e outras drogas. Que na felicidade de con-

## 36 PORTUGAL RESTAURADO;

seguir esta empreſa conſisti a facilidade de paſſar á da Bahia, e que na Conquista destas duas Praças fe cifrava a de todo o Imperio do Brasil, o qual ganhado era a eſtrada, que facilitava o dominio das Indias Occidentaes, de que poderiaõ aos Estados de Hollanda reſultar as conſequencias, que com pouco trabalho do diſcurſo fe faziaõ patentes na qualidade da empreſa. Abraçáraõ os Estados da Companhia Occidental estas razoens, e brevemente paſſandoſe do Conſelho á execucao, deo á vela huma Armada de 70 navios, em que hiaõ embarcados treze mil homens, outo mil de guerra, os mais applicados á navegação. Era ſeu General Henrique Long, Almirante Rodrigo Simon, e General da Infantaria para faltar em terra Theodoro Banduas Denburg. Chegou este avizo a Madrid, e achandoſe naquelle Corte Mathias de Albuquerque, que havia pouco tempo antes governado o Brasil, pareceo aos Ministroſ del Rey de Castella o ſogeito mais capaz de fe lhe fiar esta empreſa: porque além do ſeu valor, e largas experiencias, era Parnambuco de ſeu Irmaõ mais velho Duarte de Albuquerque Coelho. Propoziſe lhe a commiſſaõ, aceitou-a, e partio da Corte com largas ordens para que fe lhe deſſe toda a infantaria, e prevenção neceſſaria: porém chegando a Lisboa, naõ lhe valendo varias diligencias, nem requerer como proprio o negocio publico, veio ſó a conſeguir trez caravelas com pouca gente, e algumas munições. Embarcouſe para Parnambuco, protestando aos Ministroſ a perda, e dâno que ſuccedefle, diligencia inutil na felicidade, e na diſgraça dos que tomaõ por ſua conta grandes empreſas: porque fe fe lograõ, naõ ſerve, e fe naõ conſeguem, naõ val. Sahio Mathias de Albuquerque de Lisboa a 12 de Agosto do anno de 1629., e chegou ao porto do Recife a 18. de Outubro, governando neste tempo o Brasil Digo Luiz de Oliveira, dominio de que hia iſento Mathias de Albuquerque em tudo o que tocava ao manejo das armas de Parnambuco. Logo que chegou ao Recife ſaltou em terra, e ſem perder tempo viſitou os Presidios, reconheceo as Fortalezas, e tudo achou taõ diminuido, e desmantelado, que fe arrependerá do Poſto que aceitara, fe naõ

se naõ fora maior o seu animo , que todas asdifficuldades. Dispoz tudo o que julgou util para a defensa : porém como havia de animar 60 leguas de Costa , em que se contavaõ 26 portos capazes de desembarcarem nelles os Hollandezes , e a gente era pouca , e mal disciplinada , naõ foi possivel , que o effeito correspnndesse á diligencia. A 14 de Fevereiro do anno de 1630 appareceraõ 67 velas da Armada inimiga. O dia seguinte fazendo ponta a diferentes partes nas quatro leguas que ha de distancia entre a barra do Recife , e o porto do Pão Amarello , veio a desembarcar neste sitio Theodoro Vanduar Demburg com quatro mil homens. Naõ podendo Mathias de Albuquerque impedir aos Hollandezes tomar terra , se lhe oppoz na passagem do rio Doce , e defendendo-a com grande valor largo espaço , como era taõ superior o poder dos Hollandezes , facilitaraõ toda a difficuldade. E havendo neste tempo os outros navios lançado a gente em terra , que estava senhora da Villa de Olinda , acodio Mathias de Albuquerque a defender o Recife : porém naõ tolerando o medo dos moradores alguma obediencia , forao desamparando os postos , e tratando de salvar nos matos o mais precioso das fazendas. E como nas suas pesssoas consistia a maior força da Praça , vendo Mathias de Albuquerque impossivel a defensa della , mandou atear o fogo em tantas partes , que brevemente lhe serviraõ de alimento mais de quatro milhoens , e em pouco espaço fez a maior guerra que era possivel aos ambiciosos mercadores que o mandavaõ conquistar.

Passou Mathias de Albuquerque o rio Bebirive ; e alojou-se com alguma gente em huma casa , chamada da Asteca , tiro de mosquete do Forte de S. Jorge , que ainda se conservava , e juntamente o de S. Francisco. Estava este levantado sobre o mar no ultimo extremo da corda do Recife , que rematando neste ponto , dá lugar a que a barra faça o porto tractavel , muito accommodado para surgirem nelle navios pequenos. O Forte de S. Jorge era de fabrica antiga mais capaz de resistir ás frechas dos Indios , que ás balas dos Hollandezes : levantava-se entre o mar , e o rio Bebirive , e por huma lingua de areá de

## 58 PORTUGAL RESTAURADO,

de 200 passos se communicava com a Villa de Olinda. Ganharão os Hollandezes estes dous Fortes, e a povoação do Recife, e Mathias de Albuquerque com animo intrepido levantou hum Forte em huina eminencia, huma legua distante das fortificações do inimigo. Chamou-lhe Bom JESUS, aquartelou-te junto a elle, e defendeu-se neite sitio largo tempo com grandes incommodidades, e insigne constância. Os Hollandezes tambem trataraão logo de fortificar o Recife, e Ilha de Santo Antonio, que ficava hum tiro de arcabuz da Barreta dos affogados. O rio destê nome, e o Cipivaribe corriaão pelos dous lados. Foraão muitos os iucessos que aconteceraão iei annos que se pleitearaão os postos de Parnambuco, e grande o valor dos que rompendo por muitas difficultades resistiraão ao grande poder dos Hollandezes. Mandou ElRey de Castella soccorrer por D. Antonio de Oquendo a Mathias de Albuquerque com 700 homens, algumas munições, e artilharia. D. Antonio depois de pelejar com Adriaão Patre General dos Hollandezes, e lhe meter a pique a Capitânia, naõ sem grande estrago dos seos navios, lançou a Infantaria em terra, governada pelo Conde de Bañolo Italiano. Acompanhava-o Duarte de Albuquerque Coelho Senhor de Parnambuco. Os Hollandezes intentáraão ganhar a Paraíba, Cidade de quinhentos vizinhos, que toma o nome do rio que a rega, e fica em 6 gráos e dous terços da Equinocial para o Sul. Naõ o conseguiraão, e retiráraão-se com grande perda. Foraõ ganhando pouco e pouco o mais, e ultimamente tudo, ajudados dos Indios, que com arte contrastáraão. Durou o Governo de Mathias de Albuquerque até o mez de Julho do anno de 1635, tempo, em que ( depois de perdida a Paraíba, Porto Calvo, Rio Grande, e quasi tudo o mais que tínhamos em Parnambuco ) ganháraão os Hollandezes o Forte de Nazareth, e Cabo de Santo Agostinho. Retirouse Mathias de Albuquerque com pouca gente, e muita gloria, rompendo na inarcha duas vezes aos inimigos. Foy encorporar-se com o Conde de Bañolo, que depois de perdido o Porto Calvo se havia retirado a hum posto, chamado das Lagôas, 19 legoas de Porto Calvo, intentando fortificar-se em dous sitios,

sítios ; que segurassem tres portos , que havia entre elles ; em que pudessem desembarcar os soccorros , que se esperavaõ de Portugal , e Castella .

Neste tempo tinha sahido de Lisboa huma Arma-  
da , composta de duas Esquadras de 30 navios , governa-  
das a de Portugal por D. Rodrigo Lobo , a de Castella por  
D. Lopo de Hoses e Córdova . Hia embarcado na Capi-  
tania de Portugal Pedro da Silva , para succeder no Go-  
verno do Brasil a Diogo Luiz de Oliveira , e na de Castel-  
la D. Luiz de Roxas e Borja , para render em Parnam-  
buco a Mathias de Albuquerque . Levava titulo de Me-  
stre de Campo General o Marquez de Velada , que esta-  
va nomeado por Capitaõ General daquelle guerra . As Ar-  
madas avistaraõ o Recife ; e acharaõ os Hollandezes taõ  
desappercebidos , que se o General de Castella se resolve-  
ra , como D. Rodrigo Lobo , e os mais lhe aconselharaõ ,  
facilmente pudera , ganhando o Recife , desvanecer to-  
do o dilpendio , trabalho que os Hollandezes haviaõ fei-  
to nesta guerra . Correraõ as Armadas com os Nordestes ,  
e deraõ fundo no porto defronte das Lagoas , deitaraõ o  
soccorro em terra contra o parecer de todos os que esta-  
vaõ aquartelados nellas , por servir no estado em que se  
achavaõ , e na grande falta de mantimentos , que pade-  
ciaõ , mais de embaraço , que de remedio . Paixaraõ as Ar-  
madas à Bahia , e a mesma jornada fez por terra Mathias  
de Albuquerque . Ficou seu irmão Duarte de Albuquerque  
com titulo de Governador de Pernambuco , que esta-  
va perdido , e o Conde de Bañolo com Patente de Gene-  
ral da Cavallaria , sem haver Trópa alguma , que gover-  
nasse . D. Luiz de Roxas com mais valor , que experien-  
cia daquelle guerra , determinou buscar os Hollandezes  
da guarniçaõ do Porto Calvo . Eraõ seis centos , tiveraõ  
avizo anticipado , retiraraõ-se sem receber danno , e dei-  
xaraõ desembaraçado aquele posto . Marchavaõ a soccor-  
rellos mil e quinhentos , que assistiaõ na guarniçaõ de Pe-  
ripoeira , encontraraõ-se com D. Luiz , derrotaraõ-o , pe-  
lejando valerosamente , e acabou a vida na contenda . Suc-  
cedeo-lhe o Conde de Bañolo , aberta huma Ordem d'El-  
Rey , que D. Luiz de Roxas havia trazido cerrada . Do fi-  
tio

## 60 PORTUGAL RESTAURADO,

tio das Lagoas em que assistia o Conde passou a Porto Calvo, augmentou as Fortificaçõens naquelle posto, e com varias entradas pelo Certaõ fez grande dâno aos Hollandezes. Recuperou a perda Joaõ Mauricio Conde de Nazáu, filho terceiro de Joaõ Conde de Nazáu, e Diremberg, e de sua segunda mulher Margarida Princeza de Alasia. Chegou ao Recife com 2700. infantes, e Patente de Capitaõ General da Conquista do Brasil. Informado dos nãos successos da campanha, e da dificuldade por este etpeito de se tirar della a utilidade do assucar, que os da Companhia pretendiaõ, sahio em campanha com cinco mil infantes, e veio buscar o Conde de Bañolo a Porto Calvo. Havia elle ocupado muitos postos com pouca gente, e começando a perder os de menos importancia, veio a largar todos, e retirou-se para o quartel das Lagoas: mas parecendo lhe pouco seguro, marchou para o Rio de S. Francisco ultimo termo de Parnambuco. Neste sitio, que pudera conservar facilmente por ser muito defensavel, o buscáraõ os Hollandezes: largou-o sem resistencia, e retirou-se á Cidade de Segeripe d'ElRey, vinte e cinco legoas distante do Rio de S. Francisco, e sessenta da Bahia. Nã0 permittio o Conde de Nazáu, que descansasse muitos dias em Segeripe; resolveu-te a desalojallo por ficar mais desembaraçada a campanha de Parnambuco, sem reparar que era maior inconveniente obligalo a se retirar á Bahia com tão bons soldados, e em que accrescentava a guarnição á Praça principal que determinava sitiar, de que dependia qualõ todo o Senhorio do Brasil. Teve anticipada noticia o Conde de Bañolo da marcha do Conde de Nazáu: retirou-se com tempo de Segeripe para a Bahia, acompanhado de todos os soldados, e moradores que se achavaõ naquelle distrito. Nã0 estimou Pedro da Silva, Governador daquelle Estado, no principio a sua vizinhança pelas duvidas que se podia offerecer no governo; porque a Patente do Conde de Bañolo nã0 era sobordinada á sua jurisdiçãõ: porém depressa estimou quanto unir-se com elle, que quasi lhe veio a largar todo Governo no sitio da Bahia, que brevemente sucedeo. porque o Conde de Nazáu, animado com os bons successos

Ios de Parnambuco, intentou ganhar a Bahia; e veio sitiá-la com 40. navios, em que trazia 5500. infantes, dou-  
mil marinheiros, todos os instrumentos necessarios para a  
expugnaçāo da Praça, e chegou á Bahia a 14. de Abril do  
anno de 1638. Foy grande a confusaçāo dos que naõ recea-  
vaõ este dāo, porque lhes naõ convinha padecello; causa  
ordinaria das maiores ruinas do mundo. Os Hollandezez  
desembarcāo sem opposiçāo, mas procedendo com mais  
demóra do que lhes convinha, deraõ tempo a que os sitiados,  
ensinados do perigo, tratasslem da defensa. Fortifi-  
cou se a Cidade, guarneçeraõ-se os postos importantes,  
e seguraraõ-se as obras exteriores. Atacou algumas o ini-  
migo, e ultimamente, depois de quarenta dias de sitio,  
se retirou o Conde de Nazáu, havendo perdido muita par-  
te da gente que levava. Procedeo o Conde de Bañolo com  
grande sciencia, e valor neste sitio, e acreditou Pedro da  
Silva na Fortaleza do animo a alcunha de Duro, com que  
se distinguio de outro do seu nome. O Conde Nazáu vol-  
tou para o Recife, e tratando só do Governo politico  
fabricou na Ilha de Santo Antonio huma Cidade, a que  
chamou Mauricea, que intentou comunicar com o Re-  
cife por huma ponte, a que deo principio, sobre o rio Ca-  
pibarive, que corria entre huma, e outra Povoação.

No fim deste anno de 38 sahio de Lisboa a Ar-  
mada, tantas vezes promettida, e em tão conhecido pre-  
juizo dilatada, para a restauraçāo de Parnambuco. Era  
Capitāo General della o Conde da Torre D. Fernando  
Mascarenhas, e levava Patente de Governador do Brasil;  
e por General desta Armada hia Francisco de Mello de  
Castro, que morreo em Cabo Verde: e com galharda re-  
soluçāo, em quanto foy vivo, naõ quiz abater a ban-  
deira da Capitania de Portugal á Capitania de Castella. A  
vaidade de Miguel de Vasconcellos, e a lisonja de ou-  
tros Ministros fez dar esta Armada á vela antes de che-  
gar a Castelhana, com que se havia de encorporar: por-  
que de sejando mostraõ-se mais activos, e diligentes com  
ElRey de Castella, sem embargo dos protestos que fize-  
raõ os mais intelligentes, ordenáraõ ao Conde da Torre,  
que em Cabo Verde aguardasse aos Castelhanos, sem re-  
pararem

62 PORTUGAL RESTAURADO,

pararem nas infirmidades a que expunhaõ os Portuguezes. Chegou a Armada a Cabo Verde, e depois de mortos mais de mil homens se encorporaõ com ella os Castelhanos. Deraõ á vela as duas Armadas unidas, avistáraõ Parnambuco, e entendeo-se, que, se lançáraõ logo gente em terra, effectuariaõ a pouco custo o intento de ganhar o Recife, que levavaõ premeditado, segundo a detattençao com que acháraõ os Hollandezes. Passou a Armada á Bahia, e dilatou se naquelle barra tanto tempo, que o tiveraõ os Hollandezes de se prevenir. Quando se fez a vela para Parnambuco, e achou opposta a Armada de Hollanda, e pelejou com ella o Conde da Torre com pouco dano de ambas as partes. Depois de se dividirem, mandou o Conde lançar em hum porto, chamado do Touro, pouco distante do Recife, mil soldados que governava o Mestre de Campo Luiz Barbalho. Parece que era o intento ganhar posto para desembarcar a mais gente da Armada, porque navegando, como sucedeõ, para as Indias de Castella, era pouco este cabedal para taõ dilatada conquista. Vendo Luiz Barbalho que partida a Armada, lhe naõ fica va outro socorro mais que o da sua industria, animado do seu valor, e da fortaleza invencivel dos seos soldados, se resolveo a superar inconvenientes quasi invenciveis. Abrio caminho pelo Certaõ, rompeo quarteis de Hollandezes, venceo muitas emboscadas, vadeou grandes rios, soffreuo fômes, e continuos assaltos, e conseguiu valerosamente, depois de taõ larga jornada, chegar a Bahia com a maior parte da gente com que sahio de Parnambuco. Ficou governando o Brasil o Conde de Obidos, que exercitava o posto de General da Artilharia, em quanto naõ chegou áquelle Estado o Vice Rey D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ. Fez aos Hollandezes em Parnambuco guerra lenta, e sensivel, mandando-lhe continuamente queimar os fructos da Campanha, para que a Companhia Occidental perdesse os interesses, e enfraquecidos os cabedaes, diminuido o poder, ficasse mais facil a restauraõ daquelle Provincia. Mas todas estas idéas se desvaneceraõ com a felice restituicao da Coroa de Portugal a seu legitimo Senhor, que sucedeõ no Governo do Marquez

quez de Montalvaõ, como em seu lugar diremos.

Passado o primeiro favor deste obsequio dos Portuguezes, tornaraõ os Ministros Castelhanos a excogitar novas traças de tyrannizallos. Dava com toda a vehe men-  
cia calor a esta desornada empreza D. Galpar de Guimaõ Noticia do Conde de Duque.  
Conde Duque de Olivares, a quem havia entregue o des-  
cuido d'El Rey D. Philippe o pezo do Governo da Monar-  
quia; era entendido, sagaz, eloquente, e resoluto, ti-  
nha por ley a politica, e por doutrina a conservaçao da  
fortuna, que lograva, ainda que fosse por meios diabo-  
licos, (sulpeita, que padeceo a sua opiniao.) Governava a  
Monarquia sem respeitar a estas vozes, taõ absolutamen-  
te, que naõ conheceo Hespanha em outro Ministro igual  
poder, ainda recorrendo aos seculos passados. O desva-  
necimento da grandeza lhe alterava de forte o animo, que  
passava a pretender dos homens naõ só obsequios, senao  
idolatrias, proprias influencias dos espiritos com que tra-  
tava, se accaso era certa a opiniao, que corria. Achan-  
do este desordenado intento o maior obstaculo em mui-  
tos Portuguezes, em quem costuma imperar o brio isen-  
to da fortuna, gerou no seu desconcertado animo esta ge-  
nerosa resoluçao hum odio implacavel contra toda a Na-  
çao Portugueza. Descobrio a sua paixaõ, ou a sua dis-  
graça, proprio Ministro da vingança, em Diogo Soares  
Ecrivaõ do Conselho da Fazenda em Lisboa, o qual tra-  
tado em Madrid pelo Conde Duque, conhecendo o fa-  
gaz para enganar, humilde para obedecer, e malicioso  
para inventar tyrannias contra a sua Patria, lhe deu a oc-  
cupaçao de Secretario de Estado de Portugal, residindo  
em Madrid, e por seu correspondente com a mesma oc-  
cupaçao de Secretario de Estado em Lisboa, a seu sogro,  
e cunhado Miguel de Vasconcellos, filho de Pedro Barbo-  
sa; sendo este taõ aborrecido do Povo de Lisboa por  
constar, que dava arbitrios a Castella, que lhe apedreja-  
raõ a casa, e rompendo-lhe as portas salvou a vida fu-  
gindo, que veio a perder dentro de poucos dias, naõ  
constando atégora quem fosse o matador. Era Miguel de  
Vasconcellos soberbo, e aspero no trato, inimigo da No-  
breza, e perseguidor dos iguaes, e inferiores; e era de  
forte

Elege Diogo Soa-  
res Secretario de  
Estado em Ma-  
drid; em Lisboa  
Miguel de Vas-  
concellos.

## 64 PORTUGAL RESTAURADO ;

sorte o imperio com que mandava , e taõ promptas as execuçoens que fazia, que constituido tyrâno da Republica, até as ordens supremas d'ElRey desprezava , fazendo só obedecer as que lhe eraõ convenientes. Entre todas estas tyrannias fluctuava Portugal , naõ achando mais remedio nos males que padecia , do que as queixas occultas de alguns zelofos, e amantes da Patria , que nem doar flavaõ os suspiros, receando o castigo , para que nem este desafogo tivesse a enfermidade. Aquelles a que tocava a occupaçõ de Vice-Reys, ou de Governadores , a qual era dispensada por trez annos , hora a hum só , hora a douos com igual poder ; compravaõ os mais delles com dãos da Républica os interesses das suas casas ; e os mais atentos a esta desigualdade costumavaõ a ser os ecolhidos para o governo. Havia entrado nelle D. Antonio de Ataide Conde de Castro de Ayro , e Nuno de Mendoça Conde de Val de Reys , quando chegou de Castella h m Decreto d'ElRey , o qual coatinha , que se juntassem os Trez Estados da Cidade para se lhes comunicar hum negocio de grande importancia. Obedeceraõ todos , e juntáraõ se na Igreja de Santo Antonio , presente D. Luiz de Souza Conde do Prado , que assitia ao tomar dos votos , propoz a Ordem d'ElRey , que era pedir quinhentos mil Cruzados ao Reino cada anno , fazendo-lhe mercê de o deixar eleger a qualidade dos effeitos , e a fórmâa da contribuiçâo. Irritáraõ se os animos de todos os que ouviraõ esta proposta, vendo a tyrannia com que ElRey, sem chamar Cortes, intentava lançar taõ consideravel tributo. A confusaõ com que todos ficáraõ , desfez generosamente D. Francisco de Castel-Branco Conde do Sabugal , Meirinho Mor do Reino , respondendo , que elle , e todos os circumstantes com os Vogaes , que faltavaõ , haviaõ jurado guardar os costumes de Portugal , pelos quaes lhes naõ era licito votar fóra de Cortes em materia similhante. Levantou-se tanto que disse estas palavras , e saiu-se da Igreja ; seguiu-o a Nobreza , fizeraõ o mesmo todos os que se acháraõ presentes , vencendo o brio desta acçâo ao receio de muitos , que temiaõ o mesmo que executavaõ. Deraõ os Governadores conta a Madrid do máo successo da proposta

*Propoem-se á  
Nobreza huma  
ordem d'ElRey  
para se affun-  
zarem 500 U  
cruzados.*

*Acçâo generosa  
do Conde do Sa-  
bugal.*

posta ; e de forte se irritou o Conde Duque , que os fez Depõem-se os pagar a culpa , que naõ tinhaõ , deponuo's do governo , Governadores e foy nomeado por Vice-Rey de Portugal D. João Manoel Morre D. João Arcebispo de Lisboa , que assistia em Madrid , donde sa- Manoel eleito hio a exercitar a sua occupaõ ; porém chegando a Lis- Vice-Rey, boa morreó hidrópico dentro de poucos dias. Trinta e dous , que tardou o provimento de Madrid , ficou gover- nando o Conselho de Estado. Veio nomeado por Vice- Sucede D. Diogo Rey D. Diogo de Castro Conde de Basto , que havia sido go de Castro duas vezes Governador , e grangeado opinião de austero , zeloso , e prudente : durou no governo até o anno de 34 . acodindo nos apertos do Reino , e das conquistas como podia , e naõ como desejava , e os dânos pediaõ , pela grande esterilidade de effeitos , quasi elgotados com a amb ção dos Castelhanos , e arbitrios de alguns Portuguezes . No anno referido desejou o Conde Duque entre- gar o governo de Portugal a pefloa , que fosse muito interessa ãa na politica de Castella , e naõ encontrasle os fóros deste Reino : pareceo'lhe ajustado ao seu intento D. Fran- cisco de Borja Principe de Etilache , por ser descendente de Portuguezes ; porém disluadio-o desta determinaõ o Duque de Villa-Formola irmão do Principe , invejoso de o ver preferido , corrompendo ao proprio sangue a pe- çonha deste vicio : foy a traça de que usou a sua inveja apontar ao Conde Duque de quem era favorecido , ( grande fortuna naquelle seculo ) para o governo de Portugal a Margarida Duqueza de Mantua , viuva de Vicencio Gon- zaga terceiro Duque daquelle Estado , e neta de Filipe II. de Castella , nacendo da Infanta Dona Catharina sua filha , e de Carlos Manoel Duque de Saboia com quem foy casada , ficando por este reípeito em grão de prima com irmãa de Filipe IV .

Achava-se a Duqueza em Pavía , lançada fora do mesmo Estado , que dominára ; porque ficando-lhe por morte de seu marido só huma filha chamada Catharina , que deixou nomeada herdeira de Mantua , e Monferrato , se oppoz á sucessão da Casa Carlos Gonzaga Duque de Nevers em França , por ser filho de hum irmão de Luiz II. Duque de Mantua , que foy pay de Vicencio ; Valonia Tom. I. E que

Propõem-se a  
Duqueza de  
Mantua.

Noticia dos Jeos  
successos.

## 66 PORTUGAL RESTAURADO;

que ficava extinta em Catharina sua filha. Acodio Espanha a defender o direito de Catharina, e França a favorecer a pretenção de Carlos: Alemanha intentou occupar aquelle Estado como feudo Imperial; e desta competencia se originaraõ as notaveis guerras, que naquelle tempo opprimiraõ Italia, de que foy theatro Lombardia: Depois de varios successos padeceo a maior disgraca a Duqueza Margarida, desterrando-a da propria Caia os que pretendiaõ tyrannizalla. Retirou-se ella a Pavía, e naquelle governo a entreteve El Rey, até que a chamou para o de Portugal, porque o Conde Duque inspirado do Duque de Villa Formosa, fahio com esta eleiçao sem atender que offendia os foros de Portugal, por ser a Duqueza mulher, e em menos grão de parentesco com El Rey, daquelles que dispunhaõ os privilegios concedidos em Thomar por Filipe II., levando-o a atropelar qualquer dificuldade o desejo de conseguir o tributo dos quinhentos mil cruzados, e a maquina que dispunha para reduzir a Provincia a antiguidade, e grandeza do Reino de Portugal: onde chegou a Duqueza de Mantua no fim do anno de 1634. Entrou em Lisboa, e no mez de Janeiro do anno seguinte tomou posse do governo, continuou-o, assistida do Marquez de la Puebla, que veio de Madrid sem occupaçao, só para aconselhar a Duqueza nas matérias de maior importancia. Mas esta disposição foy sem effeito, porque Miguel de Vasconcellos ordenava sem contradicção, e mandava executar sem dependencia. Foraõ-se repetindo as ordens de Castella de lançar tributos, querendo o Conde Duque, que com o sangue dos pobres se levantassem as grandes fabricas do Bom Retiro edificio fora de Madrid, traçado pelo seu appetite, e ordenado pela tua lisonja. Disvellava-se Diogo Soares em lhe satisfazer esta ambição, e propunha-lhe subtilezas, que sonhava o seu disvello; porém ás propostas mal averiguadas, que lhe fazia, se seguiaõ passar o Conde Duque intempestivas ordens de se lançarem em Portugal tributos. Pretendia Miguel de Vasconcellos dar todas á execução, e eraõ muitas vezes tão encontradas humas a outras, que conhecida a dificuldade do effeito, consistia o remedio dos

*He eleita a Duqueza para o governo de Portugal.*

*Entrou em Lisboa.*

*Assiste lhe o Marquez de la Puebla.*

dos Povos no muito, que determinavaõ carregallos de tributos, porque o embarago fazia suspender as ordens. Afliçõe pois Miguel de Vaiconcellos da confulaõ, propoz a Diogo Soares, que por atalhar difficuldades se tornasle a pôr em pratica o pedido ( como lhe chamavaõ ) dos quinhentos mil cruzados. Accômodou-se o Conde Duque a este parecer, e naõ se dilataraõ as ordens, instituindo-se para este effeito huma Junta de Ministros, a que deraõ nome de desempenho, independente do governo de Portugal, e só immediata ao Conselho de Madrid, com o fim de que naõ quereriaõ as partes queixosas recorrer a elles, por lhe naõ custar mais a jornada, que a sem'razaõ. Os da Junta passaraõ ordens a todos os Corregedores das Comarcas, as quaes continhaõ, que os Povos haviaõ de dar todos os annos a El Rey quinhentos mil cruzados, além das imposições antigas, e que estes se assentaslem á satisfaçao dos Povos, a quem se vendia por grande mercê dar-lhes a lanceta para esgotarem as veas. Os Corregedores executavaõ com aperto as ordens, e os Povos ouviaõ com impaciencia a sem'razaõ com que dispunhaõ tyrannizallos.

Era Corregedor de Evora André de Moraes Sarmento, o qual com imprudente zelo determinou, que se lançasse o tributo sem admittir réplica, castigando asperamente os que duvidavaõ obedecer, e constando-lhe, que o Povo se alvoroçava com o seu rigor, accrescentando a este erro maior desacerto, resolveo indiscretamente atalhar o movimento por meios, que naõ convinhaõ: chamou para este fim a sua casa o Juiz do Povo Cezinando Rodrigues, e a Joaõ Barradas seu Escrivão, avaliados do Povo por zeladores da liberdade, e por esta razão muito estimados: publicou-se, que o Corregedor os chamava, e juntamente a tençaõ desta ordem, de que se originou juntar-se quantidade de gente á porta do Corregedor: desprezou elle o tumulto, e fez largas oraçoens aos dous, periuadindo-os a que se lançasse o tributo, pedio-lhe o Escrivão tempo para communicar a outras pessloas esta proposta: e o Corregedor mandando fechar as portas naõ lhe negou o que pedia, mas trocou os rogos em amea;

*Institue-se em  
Madrid a Junta  
do desempenho.*

*Manda-se execu-  
tar o tributo.*

*Alterações de  
Evora.*

## 68 PORTUGAL RESTAURADO;

*Imprudencia do Corregedor.*  
ços; e dizendo-lhe os dous, que a sua paixaõ era infructuosa, porque até o reduzillois seria inválido, pois o Povo não consentiria no que elles firmassem violentados; se augmentou a ira do Corregedor com esta bem fundada proposta taõ demasiadamente, que depois de foltar desconcertadas palavras contra o Povo, mostrou aos dous os Ministros de justiça, que havia mandado prevenir em sua casa para os enforcar, quando não consentisse no tributo na fórmula, e com a brevidade, que elle lhes ordenava.

*O Juiz do Povo que pede socorro*  
O Juiz do Povo, que era resoluto, vendo-se ameaçado, e o perigo imminente, chegou a huma janella, que cahia para a praça, onde o Povo estava junto, e pediu-lhe em altas vozes socorro, dizendo, que morriaõ pela liberdade da patria, e por livrar o Povo das oppresões dos Ministros d'ElRey. A estas palavras mal explicadas entre o rumor, e de todos entendidas pelos antecedentes, toda aquella multidaõ de vozes unidas em huma só voz gritáro, que morresse o Corregedor. Seguiu-se em hum instante ao clamor a ira, e á ira a execuã, e ministrando o furor instrumentos, ardendo o Povo em cõlera, ardeo a casa em fogo. O Corregedor arrependido, e medroso, uniaõ que se acha facilmente, conhecido o defacerto, salvou a vida no Convento de S. Francisco, donde passou a Lisboa em habito dissimulado, não conseguindo depois o seu arriscado zelo outro interesse mais, que o de salvar a vida. A furia do Povo não parou com a liberdade do Juiz, e Escrivaõ, antes accendendo-se com a noticia de que o Corregedor era fugido, investiraõ desordenadamente muitas das casas da Cidade, e despejando-as das melhores alfaias, não dando lugar a furia a outra consideraçõ as queimavaõ na praça, advertindo-se, que podendo com elles mais a ira, que a ambiçao, até o ouro, e prata faziaõ materia do incendio, que não houve quem reservasse cousa alguma das que roubava. Os livros Reaes foraõ da mesma forte condemnados ao fogo, e sem condemnacão foltaraõ da cadeia os prezos, que estavaõ nella; que desta sorte sentencea este absoluto Juiz, quando tumultuariamente usurpa o poder.

*Queimam-se os livros, e foltam-se os prezos.*  
Affiliaõ neste tempo em Evora com suas famílias

Ilias D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, D. Rodrigo seu irmão, D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, o Conde de Basto D. Francisco de Alancastre, e D. Jorge de Mello: estes Fidalgos vendo crescer o tumulto, que no principio estimaraõ pela cauta com que se levantou, mudando com o excesso de parecer, determinaraõ buscar remedios para o atalhar. Juntaraõ se a este fim na Freguezia de Santo Antão com D. Joaõ Coutinho, Arcebispo daquella Cidade, e resolvendo falar aos principaes do Povo, pedindo-lhes patrocinaſiem o focego, persuadindo ao Povo quizelle deixar ao Tribunal da Camera o cuidado da contervação da Cidade, e da liberdade de seos fóios, pois era a quem só tocava, e que elles se obriga-vaõ a interceder com El Rey o perdaõ das novidades tuc-cedidas. Naõ servio esta proposta mais que de fazer com o Povo suspeitosa a Nobreza: sobreveio a noute quando se intentava divertir esta suspeita; e sendo as sombras melhor incentivo dos insultos, que os medianeiros reme-dio da inquietação, se arrojou o Povo ás calas do Arcebis-  
po: porém obrigados da reverencia naõ entráraõ dentro, indignamente satisfeitos de tirar com pedras ás janellas, acompanhando-as desconcertadas vozes, que naõ ferem com menos força. Mais atrevidamente procedeo outro tropel com a casa do Conde de Basto, entrando sem respeito dentro do seu patio: o Conde ouvindo o rumor o desfez com muita generosidade; mandou a seos criados ac-cender tochas, sahio á escada aonde ja chegava o Povo, e com a authoridade que inculcavaõ os seos annos, e o seu aspecto, disse em altas vozes: *Povo de Evora, que me Reprime o Povo*  
*quereis? Sou vosso natural, trez vezes governey este Rei-*  
*no sem vos fazer agravo, aqui me tendes: e se para vos-*  
*fa quietação serve a minha morte, matay'me, e focegay'vos:*  
*Se quizerdes poupar-me a vida para vos ajudar ao remedio*  
*que vos convem, obray como vos parecer, mas naõ vos es-*  
*queçais de que sois Portuguezes, onde nunca se conhe-*  
*ceo mancha de deslealdade.* Vendo a D. Diogo de Castro, parou a multidaõ confusa, ouvindo-o se retirou arreper di-  
da, que a tanto chega o imperio de huma ação generosa. Contra os mais Fidalgos naõ intentou o Povo movimento

*Procurado os Fi-*  
*dalgos aplaçar,*  
*o motim.*

*Accomercem a*  
*casa do Arcebis-*  
*po.*

*Passaõ á do Cr-*  
*de de Basto.*

## 70 PORTUGAL RESTAURADO;

Communicaç.  
se os de Evora  
com os lugares  
vizinhos.

Passaõ as ordens  
em nome de Ma-  
noelinho.

Acclama-se o  
Duque em Vil-  
la Viçosa.

Sabe o Duque de  
Barcellos Dom  
Theodosio, e lo-  
gea o Povo.

Temores, e dili-  
gencias da Du-  
queza de Man-  
tua.

algum, de que se originou a suspeita de haverem dado calor á sua desordem. As Religioens faziaõ muito por aplacar a inquietação, mas todas as diligencias eraõ sem fruto, porque os do Povo começáraõ a gloriar-se do que emprendiaõ, e juntamente a achar sequito em quasi todos os Lugares da Provincia do Alemtejo, com os quaes se comunicavaõ, dando-lhes parte das suas disposiçõens, conforme as intiligencias que conseguiaõ em cada hum deles. A forma com que se faziaõ obedecer, era, congregando-se os de maior capacidade, ajustavaõ o que lhes parecia mais conveniente, e passando as ordens necessarias, se firmavaõ com o nome de Manoelinho, hum doudo celebre naquelle Cidade, entendendo que conseguiaõ neste disfarce naõ correr perigo em qualquer accidente o author do congresso, em quem costuma cahir o maior castigo. Desta fôrte mandavaõ; e fixando-se as ordens em varias partes da Cidade, sinalavaõ termo á execuçao, declarando o castigo que padeceria quem naõ obedecesse; e se passado o prazo naõ eraõ obedecidos, executavaõ sem dilacão a pena imposta. Em algumas materias uzavaõ das ordens da Camera, fazendo passaillas por força aos Vereadores. Chegou a Villa Viçosa este movimento, e trocado por aquelles moradores em alvoroço, cobertos alguns com a capa da noite, acclamáraõ o Duque de Bragança, D. Joaõ II. do nome, e outavo no titulo, Rey de Portugal: mas como ainda naõ era chegado o termo prescripto de tantos seculos, mandou o Duque sahir na mesma noite pelas ruas ao Duque de Barcellos D. Theodosio seu filho, naõ tendo mais idade que quatro annos: porém resplandecendo no delicado rosto as luzes das grandes virtudes, de que depois se compoz este excellente Principe, foy Iris de ferenidade: recolheo-se deixando focegando o rumor, e livrou a seu pay de cuidado, impossibilitando-o a acodir a este movimento huma grave infermidade de que estava impedido.

A Duqueza de Mantua fez pouco caso da primeira noticia, que teve da alteração de Evora, porém repetindo-se os avizos de que os mais Lugares da Provincia de Alemtejo tomavaõ a mesma voz com igual pretexto, e fa-

e sabendo o succeso de Villa Viçosa, se lhe foy de sôrte introduzindo o temor, que naõ perdoava a diligencia alguma que julgasse adequada a se livrar com o focego dos povos de taõ grande cuidado. Fez a Madrid repetidos avizos, animou a Nobreza de Evora a continuar o zelo de aplacar o Povo, mandou por Corregedor daquella Cidade a Jeronymo Ribeiro, que com grande aceitaçao do Povo havia tido a meima occupaçao nella: ordenou a Fr. Manoel de Macedo Frade de S. Domingos, applaudido pela discricaõ de seos termoens, e agradavel conversaçao, que fosse a Evora exercitar o seu genio no pulpito, e no trato: mandou a Fernao Martins Freire, senhor da casa de Bobadella, que fizesse a meima jornada, com ordem de se introduzir na Junta de S. Antao, por constar que era muito aceito áquelle Povo: porém na Junta naõ foy admittido, excusando-se os que se achavaõ nella com as ordens que haviaõ recebido de Madrid, nas quaes só se fazia mençao dos que acima ficaõ nomeados. Nenhum destes remedios bastou para diminuir aquella infermidade; cada dia mais arraigada nos animos indurecidos contra o governo de Castella, obstinados pelo antigo odio, e desejosos de mandar por interesse proprio. Reconhecendo-se assim em Madrid, como em Lisboa que era impossivel reduzilos com as negociaçoes, se determinaõ a atalhar o dano com o castigo; mas até este remedio era dificultoso, porque em Portugal naõ havia gente bastante para tanto empenho, e posta esta materia huma vez nas mãos do rigor, eraõ muitas as consequencias que arrastava, e muitos os passos com que se desviava da obediencia. Temiaõ os Portuguezes zelosos, e prudentes, que os Castelhanos se determinassem a reduzir os levantados com armas estrangeiras, por ser hum perigo manifesto de todo o Reino, assim pelas extorçoens dos soldados, que naõ costumaõ fazer distinçao entre os culpados, e os inocentes, como nos conhecidos intentos dos Castelhanos, que naõ desprezariaõ a occasião de poder tirar a Portugal a pequena liberdade que a seu pezar ainda lograva: e naõ se enganavaõ os que faziaõ este discurso, porque era certo que em Madrid se estimava o que em Lisboa se temia: ainda

Determinaõ se  
em Madrid casti-  
gar Evora,

## 72 PORTUGAL RESTAURADO,

que alguns Castelhanos receavaõ o dâno na consideração do valor dos Portuguezes, e desejavaõ antes o socego, que o castigo. Da mesma sorte eraõ diferentes as opiniões dos Fidalgos de Portugal que assistiaõ em Madrid: porque huns desejavaõ que a inquietação de Evora fosse torcedor dos seos requerimentos, e por interesse particular appeteciaõ que se augmentasse: outros attentando menos á conveniencia propria que á utilidade da Patria, temiaõ os perigos a que a consideravaõ exposta, se a alterações se naõ desvaneceesse sem se interporem as armas dos Castelhanos, e por este respeito procuravaõ o caminho de socegalla.

*Meios do Conde Duque para o socego.*

*Ordens à Junta da Nobreza, que se formou em Evora.*

O Conde Duque de cujos movimentos estava pendente a vontade d'ElRey, havia tirado o freio á ira, e cortia desbocada contra os Portuguezes: porém ainda naquelle tempo era mais nas palavras, que nos efeitos; porque supposto que os ameaços cresciaõ com os avisos de Portugal, tentou todos os medicamentos brandos, primeiramente que uzas de cauterios. E escrevendo á Junta da Nobreza de S. Antão de Evora, animando a todos com muitas palavras (de que era grande mestre) a continuar o zelo que mostravaõ no serviço d'ElRey, dando-lhe juntamente poderes para ajustar os requerimentos do Povo sem dâno da authoridade Real: se bem todas estas ordens eraõ lançadas com muito artificio, tecendo-as com palavras que abriaõ caminho para as derrogar, quando o ajustamento lhe naõ satisfizesse: e conhecendo brevemente que este meio era dilatado, tentou outro que o destruia. Achava-se em Madrid Fr. Joaõ de Vasconcellos Religioso da Ordem de S. Domingos, Varaõ ornado de grandes virtudes, de muitas letras, e qualidade: era natural de Evora, onde a casa de seos pais residiu muitos annos; juntavaõ-se-lhe a estas circumstancias a de ser seu pay Manoel de Vasconcellos estimado na Corte, e a de servir seu irmão Franciso de Vasconcellos Conde de Figueiró de Mórdomo da Rainha de Castella. Vendo o Conde Duque todas estas disposições ajustadas ao seu intento, chamou Fr. Joaõ sem assistencia de outra pessoa, deo-lhe as ordens do que havia de obrar independente de todo outro poder, e mandou-o que partisse

tisse logo para Evora. Obedeceu Frey Joaõ, chegou a *Parte a Evora* para reduzir os animos daquelle Povo; porém ainda que *Frey Joaõ de Vasconcellos*, a sua grande authoridade conseguiu serem ouvidas as suas razoens, as dependencias de Castella o fizeraõ com aquelles homens muito suspeitoso, e a severidade de seu trato, em todas as acçoens austero, foy para elles pouco agradavel. Fez Frey Joaõ de palavra sem outra segurança largas promessas, porque nenhuma trazia por escrito, e até esta liberalidade gerou desconfiança nos amotinados, parecendo lhes, que, como pouco merecida, seria depois facilmente negada; entendeo-se tambem, que a Junta da Nobreza defajudara as diligencias de Fr. Joaõ, por quanto como elle quiz obrar independente de todos, e por este respeito se desviou de os comunicar: queixosos da sua desconfiança naõ fomentaraõ os seos designios. Chegaraõ a Madrid as novas de todos estes accidentes, de que resultou vir a Frey Joaõ ordem, para que, largando aquella commissão, pasfasse a Lisboa; e outra aos da Junta em que *Retirar-se a Lisboa* se lhes mandava, que continuaslem o poder na fórmula, que antes se lhes havia concedido. Em quanto na Corte se alternavaõ as diligencias, naõ estavaõ ociosos os amotinados. Haviaõ grangeado á sua devoçao todos os Lugares de Alemtejo, excepto a Cidade de Elvas, e a Villa de Moura, mas em lugar destas se affeçoaraõ ao seu partido as Villas de Santarém, e Abrantes, e outras perto de Lisboa, que por esta vizinhança deraõ mais receyos; porém introduzindo lhe alguma Infantaria de presidio foraraõ faceis de foegar, e todo o temor dos Castelhanos se empregava em Villa Viçosa, e assim era todo seu cuidado examinar as acçoens do Duque de Bragança, o qual naõ se fiando da inconstancia do Povo atalhou muitos partidos, que se lhe propuzeraõ, e justificouse de sorte em Madrid, que publicava o Conde Duque o muito, que El Rey devia á sua grande moderaçao, e prudencia. Entendendo o Conde Duque, que todas as suas diligencias lhe sahiaõ baldadas: porque os Povos se mostravaõ tão obstinados, que a todas as propostas naõ haviaõ respondido outra coufa mais, que o desconcerto de dizerem, que *faziaõ*

## 74 PORTUGAL RESTAURADO,

riaõ o que pudessem , declarando , que naõ tornariaõ a admittir os tributos , causa da alteraçao ; e que de suas li-  
vres vontades dariaõ a ElRey o que lhes parecesse ; desa-  
cato que o Conde Duque avaliava como a maior culpa  
pois se atreviaõ ( dizia elle ) a quererem capitular com  
o seu Rey ; e considerando , que a dilaçao deste desafoce-  
go era muito perigosa , podendo os inimigos da Coroa de  
Castella introduzir negociações com os Povos de Portu-  
gal , passou ordem para que marchassem na volta das fron-  
teiras deste Reino as Tropas , que guarneciaõ as Praças  
de Guepuscua , e Navarra , sendo pouco consideravel a  
guerra , que por aquella parte faziaõ os Francezes , rota  
por Luiz XIII pouco tempo antes com Filipe IV , to-  
mando por pretexto assim haverem os Imperiaes ganha-  
do Filisburg , que guarnecia Infantaria Franceza , valen-  
do-se do descuido com que os Francezes estavaõ sem tem-  
or da guerra , como tambem a resoluçao que o Cardial

*Causas de se r. per a guerra en-  
tre França,*

Infante Dom Fernando tomou de emprender Treveris an-  
tes da guerra declarada ; e conseguida a empreza , levar a  
Brucellas prezo o Eleitor de Treveris , aggravo que os  
Francezes publicaraõ em varios Manifestos , e mandando  
ElRey de França propôr ao Infante a restituiçao da Pra-  
ça , e a liberdade do Eleitor , naõ querendo elle admittir  
nem huma , nem outra proposta , ficou rota a guerra entre  
ambas as Coroas . Governava as Armas de Guepuscua , e  
Navarra D. Francisco Carrafa Duque de Nochera , Italia-  
no , e era seu Mestre de Campo General Diogo Luiz de  
Oliveira , Portuguez , das principaes Famílias deste Rei-  
no , que havia ocupado muitos Postos no Brasil , e Flan-  
des . Naõ lhe pareceraõ ao Conde Duque estes sogeitos  
muito ajustados á empreza , reparando em que hum Italiano naõ devia castigar Hespanhôes , nem fiar se de hum  
Portuguez o damno de seos naturaes ; e nesta consideraçao  
fez avizo aos douos : ao primeiro , que podia vir á Corte ,  
pretençao , que dias antes fomentava : ao segundo , que  
paslassse a Flandes a governar o Castello de Gante . Ambos  
se acharaõ tão offendidos , que deraõ causa a virem prezos  
a Madrid , castigando a tyrânia do Conde Duque as justas  
queixas , que naõ podia remediar . Marcharaõ as Tropas  
á or-

á ordem do Tenente General Marco Antonio Gandolfo: constavaõ elles de oito mil Infantes, mal pagos, e pejor disciplinados, de que se originou chegarem só trez mil ás fronteiras de Portugal, e de hum Regimento de Dragões, que sendo huns Arcabuzeiros mal montados, vindo com este titulo novamente de Alemanha, asombraõ mais com o nome, que com o effeito. Foy a marcha de Biscaia á Provincia de Rioja, della a Campos, donde por Leão entráraõ na Extremadura, e ficaraõ aquartelados delde Valença de Alcantara até Badajoz. Foy nomeado por General deste Exercito o Duque de Bejar, moço de deza, fete annos, com o pretexto de ser o maior Senhor da Extremadura, onde o Exercito se juntava. E sendo a causa verdadeira querer o Conde Duque, que o Cabo daquella guerra apparente se governasse só pela sua direcção, deo-lhe por adjuntos os Mestres de Campo D. João de Graneros, e D. Christovaõ Boca'negra, ambos Conselheiros de Guerra, e por Mestre de Campo General D. Diogo de Cardenas, que o era tambem do Reino de Portugal, e destinou-lhe Badajoz por Praça de Armas. E porque neste tempo se haviaõ ateado as alteraçoens nos Povos do Reino do Algarve, e davaõ maior cuidado, em razão dos portos do mar taõ uteis ás Monarquias na paz, como suspeitos na guerra, se nomeou para acodir ao socego daquella parte o Duque de Medina Sidonia, e o Marquez de Val Pa-raiso, para lhe assistir sem posto; e passou-se ordem ao Duque que levantasse em Andaluzia seis mil Infantes, e quinhentos Cavallos.

As noticias destas preparaçoens chegaraõ aos amotinados, e não fizeraõ nelles mais effeito para a prevenção, que introduzir-lhes grande receio, consequencia das accçoens onde governaõ muitas vontades; e de todo se desbaratara o congresso, que tinha sido causa de tantos cuidados, se algumas pessoas particulares, que haviaõ tido parte no primeiro movimento, não fomentaraõ os animos dos populares, temendo que a sua inconstancia quizesse com o sacrificio do seu sangue aplacar a ira do Oraculo offendido, e declarando-os por complices acreditarem o seu arrependimento. A Junta da Nobrezá na obser-

*Marchaõ as  
Tropas ás fron-  
teiras de Portu-  
gal.*

*Nomea-se por  
General o Du-  
que de Bejar.*

*Encarrega-se  
ao Duque de  
Medina Sido-  
nia o socego do  
Algarve.*

76 PORTUGAL RESTAURADO;

observaçāo destes movimentos fundava as esperanças do locego: porém ja conheciaõ o maior obstaculo na politica do Conde Duque, o qual havendo examinado as poucas forças desta alteraçāo, queria tirar della naõ só a fatisfaçāo do gasto, que havia occasionado á Monarquia, mas tributos maiores daquelles, que forao occasião do seu desconcerto. Estas idéas forjava Diogo Soares, polaas o Conde Duque, e vendiaas muito caro Miguel de Valencellos; porque estes eraõ todos os cabedaes com que os dous fogro, e genro augmentavaõ os leos interesses: e como o Conde Duque por conseguir maiores intentos, conhecendo esta ambiçāo a fomentava, durou sem oposiçāo o poder de Diogo Soares, até que foy nomeado para o Conselho supremo de Portugal D. Miguel de Noronha Conde de Linhaires, que havia chegado de ser Vice-Rey da India com grande aplauso, merecido do seu valor, e grandeza de animo; e como estas virtudes apartavaõ de si toda a lisonja, tanto que entrou no Conselho se declarou inimigo de Diogo Soares, procurando mostrar sem rebuço a demazia do seu procedimento. Diogo Soares vendo em contingencia o grande poder, que exercitava com a oposiçāo de inimigo taõ poderoso, empenhou toda a sua sutileza em desviar da Corte o Conde de Linhaires: porém o intento naõ era facil de conseguir, porque o Conde Duque fazia grande estimacāo das muitas virtudes do Conde. Declarada esta contenda, se dividiraõ os Portuguezes pretendentes na Corte, seguindo cada hum aquella parte, que facilitava mais o seu requerimento, e alguns, que amavaõ só a reputaçāo, eraõ parciaes do Conde de Linhaires. Fluctuavaõ os negocios de Portugal entre tantas tormentas, e naõ era menor tempestade a que levantava a cubiça de alguns Portuguezes, que a que fomentava a ambiçāo dos Castelhanos. O Conde Duque, vendo que eraõ chegadas as Tropas ás fronteiras de Portugal, buscou caminho de suavizar o castigo, que determinava dar aos amotinados, fazendo juizes das suas culpas os Portuguezes, que estavaõ na Corte: para este fim convocou todos a sua casa com taõ grande misterio, e affectando de sótta a cautella, e a recomendaçāo do segredo,

*Diferenças entre o Conde de Linhaires, e Diogo Soares.*

*Junta em Madrid dos Fidal-  
gos Portuguezes*

gredo ; que os mais livres de culpa receáraõ o congresso. Foraõ cincuenta os que concorreràõ a casa do Conde Duque para onde os chamaraõ : entravaõ nelles alguns Ministros Castelhanos , e assistiaõ por Secretarios desta Junta Diogo Soares , e D. Fernando Rodrigues de Contreras Secretario de Guerra de Hespanha ; presidia o Conde Duque dentro de huma alcoba , em que costumava dar audiencia. Sentáraõ-se sem preferencia todos os convocados em cadeiras de espaldas , e os Secretarios em assentos razos : Ieo D. Fernando de Contreras , por se embaraçar Diogo Soares , a quem primeiro se entregou hum Decreto d'El-Rey ; a substancia do qual era mostrar a rebelliaõ dos Povos de Portugal , e perguntar qual seria a melhor forma de socegallos , e que genero de castigo se devia dar ás pessolas que fomentavaõ a perturbaçao. Lido o papel , fez o Conde Duque final a Joanne Mendes de Tavora Bispo de Portalegre , depois de Coimbra , para que respondesse : o que elle executou em huma concertada oraçaõ , que continha agradecimento a El-Rey da clemencia , que usava com aquelles vasallos , os beneficios que todos lhe deviaõ , e o Reino uniformemente confessava : referio os grandes delictos dos amotinados , e exhortou a diligencia do socorro , assim no conselho que deviaõ dar a El-Rey , como nos avizos , que era razao fazerem ao Reino , a seos parentes , e amigos. Ditas esias razoens , orou o Conde Duque louvando-as , e exagerou a summa piedade d'El-Rey , pois esquecido de tantos delictos , como os Povos de Portugal haviaõ commettido , deixava á disposição da Nobreza o remedio delles : e de pois de artificiosos periodos , accrescentou , que sua Magestade mandava , que de tudo o que se ordenasse na reducção dos povos , se desse conta ao Duque de Bragança , assim pela sua grande authoridade , como pela moderação , prudencia , e zelo com que havia procedido na occasião presente , de que sua Magestade se achava em summo grão obrigado. A estas palavras do Conde Duque se seguiõ grandes aplausos , e lisonjas de todos os que estavaõ presentes , que ja com o trato da Corte de Madrid se haviaõ inficionado neste pernicioso vicio. Foraõ eleitos para ir beijar a maõ a El-Rey

em

em nome de todos o Conde de Linhares, o Bispo de Portalegre, e o Conde de Figueiró; e veio a conseguir a industria do Conde Duque, que se motifram obrigados os que ficavaõ mais offendidos; encaminhando-se todas aquellas politicas á destruiçao da Nobreza, e á ultima ser vidaõ dos Povos de Portugal. Todas elas negociaçoes de Madrid fabiaõ os de Evora, e como lhes chegavaõ tambem as noticias de crescer o numero das tropas por todas as partes, a confusaõ, e o receio lhes aconselhava a concordia. Valia-se a Junta da Nobreza destes accidentes, e procurava por todos os caminhos, que fossem as suas diligencias occasião do socego dos Povos, assim por ser a acção taõ digna de louvor, como de recompensa. Os amotinados ouviraõ as praticas do socego com bom rosto até se chegar ao ponto dos tributos: porém tanto que se falava em haverem de pagar os que ElRey pedia, tornavaõ a obstinar-se, e a desvanecer todas as esperanças de ajustamento util. O Arcebispo D. João Coutinho, entendendo ser esta a occasião de tantos dãos, se offereceu virtuosamente a pagar da sua renda o excesso que de novo se queria impor á Cidade sobre os antigos direitos, o qual se avaliaava em tres contos de reis: da mesma sorte se obrigava o Senado da Camera a pagar dos bens proprios outro novo tributo, com que o Povo ficava livre, e ElRey servido. Aos amotinados naõ soava mal esta practica: porém o Conde Duque a quem se propoz, e reparava em que Evora naõ havia de levar traz li os outros Povos alterados para o socego, como os levára para a perturbação; porque além de ser necessario menos, para seguir hum excesso, que para abraçar huma concordia, naõ havia nos outros Povos quem pelos alievar tomasse por sua conta a satisfação dos tributos, como succedia em Evora. Foy esta questão muito ventilada em Madrid. Ultimamente, entendendo-se que algumas pessoas particulares haviaõ ganhado confiança nos mais dos Lugares alterados, chegou a adiantar-se muito o ajustamento: porém com novo accidente se perturbáraõ todas elas negociaçoes.

Da controvérsia que corria entre o Conde de Linhares

nhares, e Diogo Soares, se havia levantado o espirito a  
 Joao Salgado de Araujo, Abade de Pera, resolvendo-se  
 a dar capitulos de Diogo Soares, mostrando nelles eviden-  
 temente que as suas exorbitacias eraõ occasião de todos  
 os movimentos de Portugal. Entendeo Diogo Soares que  
 o Conde de Linhaires animará a resoluçao do Abbade, e  
 ao patto que lhe creſceo o receio, dispôz a vingança, ap-  
 plicando todo o seu cuidado em negociar apartallo da Cor-  
 te. Fez estpalhar por seos parciaes, que só o Conde de  
 Linhaires era capaz de socegar os amotinados, e aponta-  
 vaõ apparentes razoens de ser este o unico remedio de tan-  
 to dâo; as quaes discutidas singelamente, agradeavaõ  
 a todos que conheciao o valor, e actividade do Conde.  
 Esta pratica ouvio o Conde Duque com bom roſto, e fa-  
 zendo esta obſervaçao Diogo Soares, chegou mais lenha  
 ao incendio: e ultiimamente veio a conſeguir, que El-  
 Rey persuadido do Conde Duque, mandaſle chamar o  
 Conde de Linhaires, e que lhe encõmendasſe, ſem admit-  
 tir replica, no ſocego de Evora a laude da Patria, dizen-  
 do-lhe, que havia conhecido que só elle era capaz deſta  
 empreza. O Conde, ainda que entendeo a origem deſte  
 preceito, achando ſe ſem poder para a oppoſiçao, ava-  
 liou por melhor partido a obediencia: beijou a maõ a El-  
 Rey pela confiança que fazia do ſeu zelo, e pedio ſó pa-  
 ra o acompanharem na expediçao dos negocios a D. Al-  
 varo de Mello, ao Inquisidor Antonio da Silveira de  
 Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que fe  
 achava em Madrid aſſiſtindo aos negocios do Duque de  
 Bragança, e que além de ter grande talento, como ju-  
 ſificaõ variouſ livros que compoz, era preciſo nesta com-  
 miſſao para conciliar os animos do Duque de Bragança, e  
 Conde de Linhaires, de cuja uniao ſuppunha o Conde Du-  
 que, que pendia o ajuſtamento das alteraçoes de Evora.  
 Concederaõ ſe-lhe os trez, ſem mais titulo que aſſiſtir-lhe.  
 Partioſe o Conde, e a poucas jornadas lhe chegou ordem,  
 para que fizesſe retirar a Madrid D. Alvaro de Mello,  
 e Antonio da Silveira, e só D. Francisco Manoel conti-  
 nuasse com elle a jornada. Obedeceraõ os dous, e o Con-  
 de conhecendo ſer industria de Diogo Soares divertir-lhe os  
 meios

*Catiula o Abi-  
 bade de Pera de  
 Diogo Soares.*

*Manda El Rey  
 a Evora o Co-  
 de de Linhaires.*

## 80 PORTUGAL RESTAURADO ;

meios da execuāo , para o fazer complice na infelicidaā de da empreza : porém naō alterou com este accidente a jornada , continuou a até Villa Viçosa , onde se avistou com o Duque de Brag inça , havendo se adiantado D. Francisco Manoel a facilitar os escrupulos , que se podiaā oferecer no tratamento. Conferirāo o Duque , e o Conde os remedios mais efficazes de atalhar o dāo que ameaçava á Patria , cujos intereiles ambos antepunhaā a todos os outros respeitos ; e para este fim tegurou o Duque ao Conde assi n assistencia do seu poder , como a obediencia de seos vassallos. Partio-se o Conde para Evora , aonde dias antes havia chegado a noticia da sua commissāo , entrou na Cidade , e naō achou no exterior della appertencia alguma de alteraāo , procurando os amotinados satisfazello com esta cautella , periuadidos que a materia precente ficaria ajustada com a promessa do Arcebispo , e Senado. Os da Junta conferirāo com o Conde os pontos mais importantes , tratando-se no principio com toda a confiança. Caminhou sem contradicāo o ajustamento em quanto o Conde naō declarou a forma em que ElRey queria aceitar a obediencia dos Povos. Dizia a ordem d'ElRey , forjada na extravagancia do Conde Duque , e approvada pela malicia de Diogo Soares , que de cada hum dos Lugares inquietos fossem presentar-se na Corte os dous Magistrados populares Juiz , e Procurador , os quaes tanto que estivessem juntos , se vestiriaā de sacco , e com cordas ao pescoço entrariaā em publica Audiencia , a pedir a ElRey perdaāo pelos seos Povos ; e que ElRey os estaria esperando em trono levantado , assistido dos Embaixadores , e de toda a Nobreza da Corte , a imitaāo dos Imperadores Romanos ; e que com isto se conseguiria que as naçōens inimigas da Coroa , que haviaā com grande gosto ouvido a soblevaāo dos Povos de Portugal , soubessem o seu arrependimento. Tanto que foy publica esta ordem , entenderāo os de melhor discurso , que o Conde Duque queria juntar as cabeças dos culpados em Madrid com este pretexto , para que pagassem com as vidas os excessos commetidos. Porém sem embargo deste bem fundado juizo , pode tanto a industria do Conde de Linhares , ou (como

*Extravagante  
proposta aos Po-  
vos de Portugal.*

## PARTE I. LIVRO II.

81

se deve entender) a sua credulidade, que promettendo por penhor das vidas dos que fossem a Madrid a sua pessoa, conseguiu darem-lhe palavra Cezinando, e Barradas, que eraõ os dous de Evora, que vinhaõ nomeados, de que hiriaõ a Madrid se os outros Povos concordassem em que os seos Magistrados fizessem a jornada. O Conde tanto que alcançou esta promessa avizou todos os mais Luga-  
res, para que com o exemplo de Evora naõ duvidassem de obedecer ao preceito d'El Rey ordenando, que viessem to-  
dos os Magistrados áquelle Cidade, para que juntos par-  
tissem para Madrid á ordem de D. Francisco Manoel, que  
El Rey havia destinado para seu Conductor. Os dias que  
o Conde litigou esta materia com os outros Povos, fize-  
raõ os de Evora infructuosos, mudando de parecer, ou  
arrependidos do que prometteraõ, ou aconselhados dos  
que lhe vaticinavaõ o perigo. Deliberados em naõ arriscar  
as vidas na jornada de Madrid, foraõ a casa do Conde de  
Linhares, e com apparentes submissoens lhe dissleraõ, que  
lhes perdoasse naõ poderem pôr por obra a palavra, que  
lhes haviaõ dado, porque o Povo, a cuja ordem estavaõ  
entregues, naõ queria consentir que fizessem aquella jor-  
nada. Alterou este accidente todas as disposiçoes, que a  
tanto custo se haviaõ conseguido, e incitou de forte a co-  
lera do Conde de Linhares, (materia que na sua condi-  
çao estava sempre disposta a menores incentivos) que  
rompeo furioso em desconcertadas vozes naõ só contra  
o Povo, senaõ tambem contra a Nobreza; e tendo por  
testimunhas alguns dos da Junta de Santo Antaõ, a pou-  
cos lances levou a ira, como costuma, todo o tratado ao  
precipicio: mandou sahir de sua casa os do Povo, dizen-  
do-lhe, que ou se apparelhassem para a jornada, ou para  
o castigo: sahiraõ se os dous, e fundando na perturbaçao  
a propria defensa, tornaraõ de forte a indignar os da sua  
parcialidade, que publicavaõ, que se o Conde se naõ sa-  
hisse de Evora, elles o lançariaõ. A estas vozes junta-  
raõ demonstraçoes de execuçao, naõ sem suspeita de  
ser a Nobreza a alma destes impulsos. Reconhecendo o  
Conde de Linhares todas as diligencias desbaratadas, se  
resolveo a preventir maior danno, e atalhar novas desor-  
dens.

Tom. I.

F

dens.

*Efeitos da ira  
do Conde de Lin-  
hares.*

## 82 PORTUGAL RESTAURADO;

dens. Despediu D. Francisco Manoel á Corte, dando conta do máo sucesso da sua commissão, e moderosamente das causas porque a deixava, e se partia para Lisboa, como logo fez muito á satisfação dos moradores de Evora, e de todo teve nelle fim a intervenção deste negocio, longo grando Diogo Soares como desejava o efeito da sua maliciosa industria. E ainda que o Conde de Linhares voltou a Madrid antes da Acclamação, nunca pôde livrar se das calumnias de Diogo Soares, que o reduziraõ a padecer hum largo desterro em Torrezilhas, lugar apartado da Corte. D. Francisco Manoel chegou a Madrid, e deu notícia ao Conde Duque de todo o sucesso da sua jornada: ouvio elle a informaçao com mais apparente, que interior pezar, e deo sem dilação ordem, para que o castigo fosse remedio do tumulto, e o tumulto occasião da ultima ruina de Portugal.

*Parte a Evora  
o Corregedor da  
Corte Diogo Fer-  
nandes Salema.*

*Castigo se os  
de Evora.*

Avizou-se á Duqueza de Mantua, que mandasse a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos os Ministros de Justiça, que parecessem necessarios. Executou-se esta ordem sem embaraço, porque o calor das armas vizinhas tirava o receio aos Ministros de Justiça. Logo que chegaraõ a Evora experimentáraõ sem contradicção esta confiança; porque os populares, que não sabem reconhecer os perigos com o discurso, fiando sempre do tempo as prevenções, que devem ser parto do entendimento dos homens, sem mais conselho nem atenção, que o receio, se dividiraõ. Cezinando Rodrigues, e Joaõ Barradas, e outros se ausentaraõ: os mais fiados em serem pouco conhecidos, ficáraõ por mal de alguns delles, porque o Corregedor da Corte os prendeo, e sentençeando a todos, sahiraõ a enforcar em estatua Cezinando, e Barradas com pregões, que os declarayaõ por traidores, promettendo-se premios a quem vivos, ou mortos os entregasse nas mãos da justiça; os mais prezados huns forao enforcados, outros lançados a galés, e todos com este exemplo ficáraõ fomegados, e obedientes. Ao mesmo tempo, que em Evora, se executou na mesma forma o castigo dos Povos do Algarve; porém com muito maior rigor, porque tanto que chegou áquelle Reino Pedro Vieira

ra da Silva Desembargador dos Aggravos da Casa da Sup-  
plicação, ajustou o Duque de Medina Sidonia com Hen-  
rique Correa da Silva Governador daquelle Reino, que  
para que o castigo dos culpados se executasse sem perigo  
dos Ministros de justiça, passasse a alojar alguma Infan-  
taria aos lugares maiores delle; assim se poz por obra  
conduzindo seis mil Infantes D. Francisco de Andia e Fra-  
çaval, que sem formar processos forão os mais rigorosos  
Ministros do castigo assim nos culpados como, nos inno-  
centes. Pedro Vieira executou sentenças de morte em al-  
guns, outros desterrou; e locegando aquelle Reino, se  
retirou a Infantaria contra o parecer do Marquez de Val-  
Paraiso, que desejava dilatar a guarnição por mais tem-  
po, por varios respeitos que apontava, que depois pu-  
dera ser muito conveniente ao governo de Castella. Com  
o pretexto de dar melhor fórmā aos accidentaes referidos,  
havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios  
Ministros Castelhanos em Badajoz, outra em Aya Monte:  
e a estas ampliava de sorte os poderes, que ficavaõ  
sem exercicio os Tribunaes de Portugal, querendo que o  
costume facilitasse aos Portuguezes a quebra dos leos pri-  
vilegios, que com esta destreza se hiaõ diminuindo, pa-  
ra que pouco a pouco viesle El Rey a lograr o fim deseja-  
do, que era fazer Portugal de Reino Provincia, e aos  
Portuguezes de vassallos escravos. A estas Juntas se man-  
dou ordem para assentarem os novos tributos que haviaõ  
de ser castigo dos Povos, e satisfaçāo da cubiça dos Mi-  
nistros Castelhanos. Lançadas estas primeiras linhas; se  
começáraõ a esgotar os cabedaes de Portugal, para que,  
exhaustas as veas, e consequentemente enfraquecido o  
corpo da República, pudesse cahir com menos trabalho,  
fendo o dinheiro o sangue, que sustenta o governo poli-  
tico por ley instituida pela desordenada ambiçāo dos ho-  
mens. Foy este o primeiro quartel com que se atacou Por-  
tugal, e delle para outros douz sahirão duas linhas de com-  
muniçāo, determinando o Conde Duque Governador  
desta empreza, que depois de assentados os quarteis, e o  
cordão cerrado, se desse o ultimo assalto a este infeliz  
Reino, não defendido de outras forças mais que as da in-  
nocencia

Castigaõ-se os  
do Algarve.

Instituiçāo de  
novas Juntas  
em Badajos, e  
Aya Monte:

## 84 PORTUGAL RESTAURADO ;

nocencia com que padecia. Era o primeiro dos douos chamar ElRey a Madrid as pessolas maiores de Portugal assim em sangue , como em letras , ecclesiasticas , e seculares , para que, faltando o espirito para os impulsos , se pudesse sepultar cadaver o corpo da Republica. O segundo , passarem-se ordens com o pretexto da guerra de França , para se fazerem em todas as Provincias deste Reino grossas levas de Cavallaria , e Infantaria : e executadas estas disposicoens , julgava o Conde Duque por indubitavel a victoria , tirando a Portugal ( que contava como inimigo ) dinheiro , cabos , e gente. Lograda a primeira ideia dos tributos com as revolucoes de Evora , passou á segunda : examinou exactamente quais eraõ as pessolas de maior credito em Portugal , e que houvessem , sendo chamadas ; de ir a Madrid sem receio de algum castigo. Feita esta diligencia , e supondo o Conde Duque que dissimulava muito a sua tençao com esta arte , como se os outros excessos a nãõ fizeraõ manifesta , remetteo varias cartas d'ElRey á Duqueza de Mantua , ordenando-lhe que as repartisse logo. Sem dilaçao se entregáraõ a D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa , a D. Sebastião de Matos de Noronha Arcebispo Primaz , a D. Joaõ Coutinho Arcebispo de Evora , a D. Gaspar do Rego da Fonseca Bispo do Porto , a D. Diogo da Silva Conde de Portalegre , Diogo Lopes de Souza Conde de Miranda , D. Martinho Mancarenhas Conde de Santa Cruz , D. Francisco de Castelbranco Conde do Sabugal , D. Francisco Luiz de Alencastre Cõmendador mór de Aviz , Francisco Leitaõ Desembargador dos Aggravos , Joaõ Pinheiro Desembargador do Paço , e aos Padres Sebastião do Couto , Alvaro Pires Pacheco , e Gaspar Correa da Companhia de Jesus ; porém dos tres só o ultimo chegou a Madrid. Continhaõ as cartas escritas a estes Prelados , Ministros , e Religiosos que Sua Magestade desejoſo de dar fórmā a algumas matérias ; que na administraçao do Reino necessitavaõ de emenda em todos os Tribunaes , queria formar hum Conselho junto de sua Real pessola , dos maiores Ministros , e mais Practicos de Portugal , para entender delles , como de talentos que tanto estimaya , quaes seriaõ os meios mais proporcionados

*Chama ElRey  
a Madrid os  
Prelados , e No-  
bres.*

cionados ao melhoramento, que se pretendia, para cujo efeito tanto que recebessem aquella carta, se partissem para a Corte de Madrid, onde os esperava com todo o af- fecto de Príncipe amigo.

Recebidas as cartas, se puzeraõ a caminho todos os nomeados na forma, que se lhes ordenava, corren- do o anno de 1638, e com esta novidade tão extraordi- naria creceo aos Portuguezes o receio, esperando cada huma hora em que havia de ser chamado, e temendo todos justamente o infeliz remate desta máquina. Os que che- gáraõ a Madrid naõ tiveraõ muitos dias mais ordem, que seguir a Corte, nem puderaõ descobrir qual fosse o nego- cio para que eraõ convocados. Foy a cauta desta artificio- sa dilacão assim o grande aperto, que por varias partes tolerava a Monarquia, como querer o Conde Duque ti- rar de Portugal mais numero de pestoas particulares; o que determinava fazer tanto que tivessem efeito as levas, que haviaõ de sahir de todo o Reino; e ainda havia outra caua mais principal, que era como se poderia apartar delle ao Duque de Bragança, por dar sua Real Pesoia o maior exercicio ao seu cuidado; porque considerava, que assistindo em Portugal, parecia grande o perigo de qual- quer execuçaõ violenta, se o Duque se declarasse defen- sor da liberdade do Reino; e como os Portuguezes se fa- ziaõ respeitar mais pelo valor, que pela industria, seguia como mais facil o caminho de diminuilllos, para que quan- do chegasse o tempo de exasperallos, fosse intructuosa qualquer resoluçaõ a que se arrojassem. Neste sentido es- perando-se tempo mais opportuno, le foraõ dissimulada- mente seguindo as disposições propostas. Deo-se ordem a D. Affonso de Lencastre Marquez de Porto Seguro, pa- ra que fizesse em Lisboa huma leva de Cavallaria, sem lhe limitar o numero, e a todas as Comarcas do Reino, e ás Ilhas dos Acores se mandáraõ varios Fida'gos levan- tar gente em grande quantidade, tomando-se por pretex- to acodir á guerra de França. Mandou-se tambem, que os navios de guerra, que se achassem nos portos do Reino, fossem entregues á ordem do Almirante D. Thomaz de Cauburum. Levou os galões Santa Theresa, e S. Bal- thazar,

Procura-se ti-  
rar do Reino o  
Duque.

Mandaõ se fa-  
zer levas para  
a guerra de  
França em Por-  
tugal.

## 86 PORTUGAL RESTAURADO,

*Proposta em  
Madrid aos Mi-  
nistros Portu-  
guezes.*

thazar, os mais se ficaraõ prevenindo; e ao Duque de Bragança chegou ordem, que tirasse dos seos Lugares mil Vassallos armados, e que os entregasle a D. Antonio Tello. Chegando avizo ao Conde Duque de que se davaõ em Portugal todas as ordens á execuçaõ, sem haver quem tivesse animo para contradizellas, e parecendo-lhe que ja a sua industria havia triunfado dos alentados espiritos dos Portuguezes ordenou, que a huma mesma hora fossem a casa de varios Ministros Castelhanos todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados á Corte, para que sem se comunicarem acodisse cada hum á casa do Ministro apon-tado, pondo-se graves penas ao que revelasse o segredo. Mas logo se entendeo o intento de tantos artificios, e dentro de pouco tempo se manifestou, que fora a proposta ler-se a cada hum daquelles Ministros Portuguezes a sen-tença por onde o Reino de Portugal, sem ser ouvido, era condenado a perder a regalia, dando-se ElRey por livre do juramento que fizera nas Cortes, pelo haver desobrigado a perfidia Portugueza, como elles chamavaõ, apon-tando casos suppostos, e dizendo, que os seos Theologos, e Juristas o livravaõ de todo o escrupulo: porém que ain-dia com este fundamento naõ queria ElRey fazer acção, que naõ fosse justificada, e que assim pedia a cada hum daquelles Ministros seu parecer, para a fórmula em que se havia de introduzir o novo Governo de Portugal, e como se poderiaõ sem embaraço promulgar as novas leys, com as quaes determinava ser obedecido dos Portuguezes, ad-vertindo se, que se naõ pedia parecer, mais que para a fórmula de executar. Esta foy a proposta, e esta causa só bastara para justificar as acçōens dos Portuguezes, ainda que naõ fôra o fim principal de se eximirem do governo de Castella, livrarem-se do escrupulo de serem vassallos de possuidor intruso; tendo em o Duque de Bragança Se-nhor verdadeiro, e natural; porqne havendo Filipe II desobrigado os Portuguezes de toda a sujeiçaõ á sua Co-roa, se elle, ou seos descendentes quebrantassem os fóros deste Reino, ainda dando-se caso, que Filipe IV fosse legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo algum por esta resoluçāo puderaõ os Portuguezes nagar-lhe a obediencia,

diencia, pois eraõ culpas suppostas todas, as que o Conde Duque lhes arguia, a fim de lhes usurpar a liberdade: porque as alterações de Evora originaraõ-se de tributos injústos, e alem de naõ entrarem nellas mais, que as pessoas de baixa condição, destas foraõ castigadas as de maiores delictos, que te acharaõ, com mortes, gales, e degredos, e depois com gravíssimos tributos; e naõ merecia todo o Reino a pena da culpa, que naõ tivera, e que os delinquentes pagaraõ. E quando esta resolução naõ fora injústa, era intempestiva, pois mostrar a ferida, tem executar o golpe, he dar lugar ao reparo. Porque ainda que o Conde Duque te fiava na Armada, de que era Cabo D. Antonio de Oquendo, que tinha ordem para invadir em Lisboa, e ao calor deste poder te havia de introduzir em Portugal o novo governo, as prevenções humanas saõ tão incertas, que primeiro foy esta poderosa Armada despojo de Hollanda no Canal de Inglaterra, que castigo de Portugal no rio de Lisboa; e o tegredo tão recomendado foy manifesto, obrigando aos Portuguezes, que acordassem do lethargo em que viviaõ, tendo, para se livrar do perigo que os ameaçava, o favor do mesmo tempo de que o Conde Duque queria dilpôr, como se os futuros naõ foraõ tão contingentes para o seu poder, como para qualquer dos que sahem a pailear á inconstancia do theatro do Mundo.

Tomada pelo Conde Duque a resolução referida, e naõ lhe respondendo os Portuguezes que consultou, mais que com excusas, fundadas no pouco poder que tinhaõ para tratar particularmente tão importante materia, fez correr sem dissimulação as ordens mais injustas contra Portugal, naõ havendo a hum mesmo tempo ley, que te o rompesse, privilegio, que se naõ quebrasse, extorção, que se naõ fizesse; chegando a tanto extremo a violencia, que se naõ perdoou á immunidade Ecclesiastica, porque cff. recendo-se algumas duvidas entre o Colleitor Alexandre Excessos contra Castracani, e os Ministros da Coroa, ordenaraõ os Castellos aos de Justiça, que lhe cercassem a casa, e lhe prohibissem o trato, e o suíento. Vendo-se o Colleitor nesta extremidade, se lançou com grande perigo por huma ja-

## 88 PORTUGAL RESTAURADO;

nella, e se recolheo no Convento de S. Francisco, parte de que o forao tirar, e o remetterao prezo a Madrid, deixando elle a Portugal com a affliccao de hum Interdicto, de que se seguiraõ gravissimos damnos. Igualmente com a successao dos dias se multiplicavaõ as exorbitancias; por rem ao passo do damno caminhava nos Portuguezes o deseo do remedio, e do excesso dos males recebiaõ o beneficio de lhes apartar dos animos o receio; porque em quanto forao toleraveis, nem do proprio coraçao flavaõ o desfogo, e tanto que paflaraõ a exorbitantes, conhecendo que o castigo futuro naõ podia ser maior, que o mal presente, logo o coraçao se explicou pela boca, e como as vozes, e as queixas se communicaraõ, discursado o tempo, conhecido o risco, e averiguado o opprobrio, paflaraõ os zelosos da Patria, e amantes da honra, de lastimados a vigorosos; e achando o valor de cada hum dos Portuguezes, forcosos estímulos nos aggravos da Naçao tantas vezes offendida, que ouvia referir a qualquer dos com que tratava, recorrendo juntamente, e ponderando as valerosas accoens de seos antepassados, offerecia voluntariamente a vida pela liberdade da Patria; porém todos estes discursos, ainda que valerosos, e resolutos, naõ podiaõ paflar do sentimento á execucao; porque a lima da politica do Conde Duque havia adelgaçado de sorte o robusto aço das forças de Portugal, que se naõ recorria a remedio algum, que bem ponderado, naõ se achasse ou impossivel; ou taõ difficultoso, que era quasi impraticavel.

*Considerações  
dos Portuguezes  
mais zelosos.*

Entre todos os discursos nenhum se achava de mais seguras esperanças, que aquellas que se fundavaõ no Duque de Bragança, vendo todos concorrer nelle iustiça para se coroar, valor para o emprender, e affeição nos Povos para lhe sustentar a Coroa, huma das mais precisas circumstancias de taõ arduas emprezas; mas observava-se por outra parte, que o Duque naõ descobria outra inclinaçao mais, que o exercicio da caça, que nas alterações de Evora naõ só desprezara as offertas, que repetidamente lhe fizeraõ os Povos, persuadindo o muitos da Nobreza, que as aceitasse, mas que usara de todas as diligencias, e negociações para justificar com Elrey a sua

sua obediencia, e que assim não parecia seguro offerecer-lhe o que não havia de aceitar. Quando estas duvidas embataçavaõ o discurso, recorriaõ huns a chamar seu irmão D. Duarte composto de excellentes virtudes, em quem reconheciaõ espiritos militares que abraçaõ facilmente empresas difficultoſas, e com a mesma justiça á ſu ccessão do Reino, quando o Duque a dimitiſle. Outros queriaõ formar huma Republica, trazendo por exemplo Veneza, Genova, e Hollanda, onde, ſendo as utilidades commuas, e os riscos iguaes, se conserva a uniaõ incontrastavel. Porém huma, e outra idea padecia forçosas duvidas: porque a primeira moſtrava o maior obſtaculo no Duque de Bragança, que não havia de querer que viſle o mundo que cedia a ſeu irmão, ou que não tinha animo para emprender, ainda que ſe deſſe caſo que desprezaſte empreza taõ generoſa. Na ſegunda ſe conſiderava a diſſerengaça das naçõens, e o deſeito que os Portuguezes padecem na diſſiſtade da uniaõ, ſentindo ordinariamente, mais que a diſgraça propria, a fortuna alheia. desconcerto que totalmente deſtróe todos os fins de huma Republica. Nesta contenda estavaõ os diſcurſos dos Portuguezes ſem poder tomar forma, crescendo com os apertos do Conde Duque por instantes a materia, quando chegou oidem ao Duque de Bragança, entrando o anno de 1639 para que *Nomeaſe o Duque* com o titulo de Governador das Armas de todo o Reino *que por General das Armas.* paſſaſte a Almada a prevenir a defenſa delle, por ſe ha- ver entendido que em França ſe apparelhava huma groſſa Armada contra Portugal. O Duque diſcurſando que ſe lhe ſeguiriaõ grandes inconvenientes desta occupaõ, tratou de divertilla, não perdoando por conſeguir este fim a di- ligença alguma: porém não admittiraõ em Castella as mui- tas excuſas que repreſentou, e foyle preſiſo aceitar o poſto, e paſſar a Almada. Julgáraõ muitos por defacerto do Conde Duque esta eleiçao, dizendo que entregar as *Paſſa a Almada* armas ao que avaliava aquella Coroa pelo maior inimigo, *da.* era querer ſegurar-lhe a victoria, antes de ter principio a contenda; e que o Duque com os espiritos vigorosos das *Discurſos ſobre* vozes que o acclamáraõ Rey nas alteraçõens de Evora, *esta eleiçao.* diſporia as armas do Reino como lhe mandayaõ, para uſar delas

## 90 PORTUGAL RESTAURADO,

dellas como lhe parecesse. Outros que presumiaõ penetrar melhor interior das sutilezas do Conde Duque, diziaõ que esta confianç; que fazia do Duque, era negaç; para o trazer mais depressa enganado à rede, armada pela sua industria, e só maneada pelo seu braço; que o Duque servindo a EI Rey, mostrava que era vassallo aos Portuguezes, que o julgavaõ por Soberano: tendo diminuir a reputaç; de hum Príncipe o primeiro passo da sua ruina: que pela obrigaç; de seu posto havia de visitar as torres, e os navios da Armada, e que era facil prendello entrando em qualquer torre, ou paſſallo, em o primeiro navio que visitasse, a Cadiz, onde perderia, quando naõ fosse a vida, a liberdade. Averiguou-se depois naõ haver duvida em ser esta a tenç; do Conde Duque, e a causa de fazer Governador das Armas ao Duque de Bragança: porém o succeso mostrou, que o primeiro ditcurso que o condénava, acertára melhor os fins, do que elle dispunzera os principios: porque o Duque tanto que chegou a Almada, foy visitado de toda a Nobreza, e muitos se resolvèraõ a descobrir-lhe o animo, com que se dedicavaõ a seu serviço; outros a tentallo querendo especular o seu intento: porém o Duque naõ conhecendo os de que devia fiar-se, sondava os coraç;ens de todos sem se declarar com algum delles: e ainda que esta destreza foy naquelle tempo contada como irrefoluç;, depois foy celebrada como grande prudencia; porque como os homens avaliaõ ordinariamente só pelo que entendem, e naõ como aquelles com que trataõ, se acautelaõ, estes Fidalgos que entregavaõ ao arbitrio do Duque os animos sem malicia, condénavaõ-lhe naõ os aceitar sem reparo, como se as razoens com que se lhe offereciaõ naõ fossem as mesmas que muitas vezes servem de rebuço ao falso trato. Passou o Duque de Almada a Lisboa a visitar a Duqueza de Mantua, desembarcou no Paço, dilatou-se pouco na visita, e havendo ordenado a Duqueza que com destreza se lhe mudasse a Cadeira de espaldas, quando se asentava, do lugar que lhe competia, Thomé de Sousa com resoluç; e valor arrojou a Cadeira para a parte em que era razão que estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma tar-

Visita a Duque  
za de Mantua.

tarde. Concorio toda a Corte, huns a assistir-lhe, outros a vello, e todos a testejallo com tão claras demonstrações a todas as luzes, que fizeraõ mais concénada a resoluçao do Conde Duque, que todos os affeiçõados aos intereßes de Castella haviaõ anticipadamente reprovado. Na entada do Inverno se recolheo o Duque a Villa-Viçosa livre dos laços dos Castelhanos, porque advertido de seguras inteligencias se desviciu dos perigos que o ameaçavaõ. Naõ passaraõ muitos dias depois de haver chegado, que lhe naõ viesse ordem de Madrid, para fazer huma leva de soldados de seos Lugares. Replicou levemente pelo pouco effeito que havia tido a primeira ordem, succedendo o mesmo em todas as levas que se fizeraõ no Reino, ainda que algumas chegaraõ a Catalunha. Com esta attençao naõ lhe admittindo El Rey a replica, se dispôz o Duque a obedecer por naõ dar ao Conde Duque a occasião que buscava de o cordenar; porém mandou occultamente que a leva se fizesse com tanta pauza, que naõ servisse a diligencia mais que de o naõ arguïrem.

Em Lisboa os que fundavaõ na resoluçao do Duque a liberdade da Patria, perderaõ muito o animo com a cautela de que usou em Almada, divertindo todas as praticas que se encaminhavaõ a coroallo. Este sentimento levou outra vez os discursos a Alemanha, esperando do valor de D. Duarte a assistencia no que emprendiaõ: porém como perigo estava mais vizinho que as esperanças, tornaraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bragança. Hum dos que mais vivamente as apertava era Francisco de Mello Monteiro mór: escrevia a D. Francisco de Mello Marquez de Ferreira, e a D: Affonso de Portugal Conde do Vimioso, pedindo a hum, e outro que re-  
 presentassem ao Duque as molestias que padeciaõ os Portuguezes, que de justiça naceriaõ seos vassallos; que tomasse a Coroa que voluntariamente lhe offereciaõ, pois era a mesma que os Castelhanos roubáraõ a seos Avós; que a esta offensa se naõ devia antepor perigo algum, e que este se devia ter por muito remoto na consideraçao de se acharem os Castelhanos com o poder dividido por muitas partes, e que neste sentido nunca o tempo podia ser para

*Diligencias do  
Monteiro mor.*

## 92 PORTUGAL RESTAURADO;

para a resoluçāo mais opportuno. Chegavaõ estas razoens ao Duque, e outras da mesma substancia tambem enca-  
*Primeira Jun-*  
*ta da Nobreza.* minhadas ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimio-  
so por Jorge de Mello irmão do Monteiro mór, casa em que se juntavaõ Dom Miguel de Almeida, Pedro de Men-  
doça Furtado, e Dom Antaõ de Almada a conferirem o caminho que seguiriaõ para se apartarem dos perigos que os ameaçavaõ. Recebia o Duque estes avizos, e como re-  
conhecia o muito que havia que vencer para lograr em-  
preza taõ ardua, dilatava declarar-se até que as disposi-  
çōens mostraſtem mais seguranças que as do sentimento, e maiores fundamentos que os males de que se queixavaõ os que o persuadiaõ. Desfez esta confusaõ, e desbaratou toda a perplexidade do Duque o desacordo, e pouca atten-  
çaõ do Conde Duque, que, tirando o rebuço ao peito, descobrio de todo os intentos que recatava, taõ mal con-  
siderados que vieraõ a ser occasião do mesmo dâno que pretendia atalhar. Chegou ao Duque de Bragança segunda ordem para passar a Almada; replicou, e desvaneceu-se. Porém dentro de poucos dias recebeo huma carta d'ElRey, em que depois de largas persuasioens, e promessas, lhe ordenava que se prevenisse para passar a Catalunha com elle, aonde determinava marchar brevemente a socegar as re-  
*Carta d'ElRey*  
*ao Duque para*  
*passar a Cata-*  
*lunha.*  
*Motivos das al-*  
*terações de Ca-*  
*talunha.* revoluções daquelle Estado: outras da mesma substancia vies-  
raõ a todos os Fidalgos do Reino.

Haviaõ-se exasperado os Catalães da contuma-  
cia do Conde Duque: porque, tendo elles assistido com gente, e dinheiro na guerra de França ao socorro de Sal-  
fes, a satisfaçāo, que alcançáraõ delta fineza, foy naõ só falta de premio, senaõ desfavores, e desprezos, e aloja-  
rem os Castelhanos todo o exercito nos lugares mais opli-  
lentos daquelle Estado. Fizeraõ os Catalães repetidas queixas ao Conde Duque, de que resultou vir ordem d'El-  
Rey para que o exercito se aquartelasse nos lugares, que os Cabos elegessem. Entendia-se que a causa deste rigor era a opposiçāo, que alguns Catalães orgulhosos por nature-  
za faziaõ á suberba do Conde Duque, negando-lhe os obsequios que lhe rendiaõ quasi todos os Vassallos da Co-  
roa de Hespanha. O que se mostrou mais claramente em huma

hum contendia que o Conde Duque teve com o Almirante de Castella em Barcelona, em que os Catalães se declaráraõ a favor do Almirante. Exasperados os Catalães de taõ repetidos rigores, romperaõ em desordens, e valendo-se do antigo estylo de entrarem em Barcelona á festa do Corpo de Deos legadores, que baixavaõ das montanhas, costumados a viver de latrocínios, e insultos, e usando deste barbado socorro, unidos os da Cidade aos segadores, matáraõ ao Vice-Rey D. Dalmau de Queralt Conde de Santa Coloma seu natural, e antes grandemente estimado de toda a sua naçao. Seguiráraõ-se a esta outras muitas mortes exorbitantes sacrilegios, e roubos. Os soldados offendidos destes insultos procuraraõ a satisfaçao pelo Principado; saqueáraõ a Cidade de Perpinhaõ, unindo-se a guarnição do Castello á Infantaria que buscava aquella Cidade para alojamento, e a quem os da Cidade haviaõ fechado as portas. Padeceraõ outros Lugares este mesmo dâno, e fez Cambriu a primeira oposição ao exercito, de que se seguiu padecer o primeiro castigo por todos os titulos exorbitante, e escandaloso: porque além de tirarem as tropas a vida a muitos moradores, forõ enforcados o Barão de Roca, Fort Jacinto Vilofo, e Carlos Bertola nobres Catalães, que governavaõ aquella Praça. A estas extorções se seguiráõ tantos excessos, que chegando os Catalães á ultima desesperação, se resolveraõ a fortificar Barcelona, e a buscar o mais seguro remedio na protecção d'El Rey de França. Para atajar este dâno persuadio o Conde Duque a El Rey Cetholico que marchasse com hum grande exercito ao castigo dos Catalães, naõ só com o fim de fazer mais certa, e maior a virgança dos delictos sucedidos, de que elle havia sido causa, se naõ tambem para que esta jornada servisse de pretexto ao intento de chamar a Madrid ao Duque de Bragança, e toda a Nobreza de Portugal, para que sem oposição se reduzisse a ficar Província. Tanto que chegou o Duque de Bragança a ordem para acompanhar El Rey a Catalunha, se resolvo generosamente a abraçar as offertas que Resolve-se o Duque que é empresta de justiça lhe pertencia, e a livrar a Pátria dos grandes males

94 PORTUGAL RESTAURADO,

males, que supportava, sendo muitas vezes mais poderosa huma grande sem razaõ, que a razaõ mais forçosa. Considerava que, se obedecia á ordem, dava sentença contra a sua vida, ou ao menos contra a sua liberdade, porque todos os antecedentes insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque; e quando se desse caso, que hum, e outro perigo se divertisse, naõ podia deixar de pôr em contingencia a sua authoridade, e a grandeza da Casa de Bragança, tantos seculos conservada sem diminuição: porque a imprudencia dos Castelhanos foy nesta materia de qualidate, que fazendo taõ exactas diligencias porque o Duque se apartasse de Portugal antes de conleguir a sua obediencia, ja tinhaõ publicado que os Grandes lhe haviaõ de preceder em todos os Actos publicos; e quando a verdadeira politica era obrigallo para o persuadir, lhe negaráõ o Arcebispado de Evora para seu irmão D. Alexandre, dando por razaõ, que naõ era Doutor em facultade alguma, quando no mesmo tempo se havia concedido o Bispadado de Vizeu a Leopoldo Archiduque de Tirol para hum filho seu de tres annos, lendo contra a Ley do Reino darem-se a estrangeiros Beneficios Ecclesiasticos. Obrigado de taõ certos discursos, e queixoso de taõ justos ágravos, e sobre todas as razoens humanas persuadido de impulso superior, determinou o Serenissimo Duque de Bragança naõ dilatar por mais tempo as esperanças dos Portuguezes, sendo valeroso Author da liberdade, que desejavaõ; porém esperou que se lhe tornassem a fazer novas propostas para ajustar com maiores fundamentos materia, onde as dificuldades pareciaõ quasi invenciveis. Naõ lhe tardou muitos dias esta occasião, porque, irritada de novo a Nobreza com as ordens, que chegaraõ a todos os Fidalgos, de que se compunha, para acompanharem El Rey no castigo dos Catalães, lembrados naõ só do intento desta jornada (conhecidamente disposto para ultima ruïna das suas casas) senão da diferença das emprezas, para que seus Avós forao chamados dos antigos Reys de Portugal, se dispuzeraõ a tomar a ultima resolução, e a eleger o caminho, que achassem menos dificultoso para conseguir a sua, e a liberdade da Patria.

A do-

Adoze de Outubro do anno de 1640, (taõ decantado dos vaticinios, que nem a experientia de se chegar o fim delle sem apparencia de novidade util, diminuia as esperanças dos que aguardavaõ neste tempo a liberdade da Patria.) se juntaraõ em casa de D. Antaõ de Almada D. Miguel de Almeida, o Monteiro mór, Jorge de Mello, Pedro de Mendoça, e Antonio de Saldaña, Joaõ Pinto Ribeiro Agente da Casa de Bragança, ao qual chamou D. Miguel de Almeida, assim por ter avaliado por homem de grande talento, como por ser Agente dos negocios do Duque de Bragança, e muito obrigado a procurar os seos interesses. Con eçaraõ todos a discorrer sobre o remedio de tantos males como o Reino padecia, e a queixarem-se do Duque de Bragança, que era a causa de tanta ruina, naõ querendo aceitar a Coroa, que lhe offereciaõ, e na Coroa as vidas, e as liberdades, que lhe entregavaõ. Arguiraõ de remisso, e irresoluto, fazendo a paixaõ, ou o impulso sobre-natural, que se esquecessem de que a empreza tinha mais relevantes dependencias, que o consentimento do Duque. Defendeõ o Joaõ Pinto, fazendo officio de bom criado: referio as muitas razões, que havia, para se naõ resolver sem grande consideraõ em materia taõ importante, mostrando os inconvenientes, que primeiro se devia facilitar: e concluio, que se julgavaõ ser, acelamar ao Duque o unico remedio de tantos males, para que aguardavaõ o seu consentimento? Que se resolvessem a declarallo Rey de Portugal, porque o Duque, vendo se metido no empenho, antes havia de querer ser Rey em contingencia, que Veflal-lo suspeitoõ, sendo mais remoto aquelle, que este perigo. Todos os que ouviraõ Joaõ Pinto se affeiçoaraõ á sua opiniao; porém assentaraõ, que se fizesse primeiro avizo ao Duque, persuadindo-o com mais vivas instancias a que aceitasse a Coroa: e quando elle duvidasse, se elegeria o segundo partido de o acclamar sem seu consentimento, ou outro qualquer, que parecesse mais util, e mais breve; porque eraõ ja tantos os que sabiaõ esta resoluçao, que na québra do segredo perigava muito o successo della. Per suadiraõ todos a Joaõ Pinto, que fosse a Villa Viçosa comunicar

Anno  
1640.

Segunda Junta  
dos Nobres.

## 96 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1640.

*Parte Pedro de  
Mendoça ao Du-  
que.*

*Proposta de Pe-  
dro de Mendo-  
ça.*

municar ao Duque a determinação assentada, e a mostrar-lhe as razões, que o obrigavaão a libertar a Patria, aceitando a Coroa. Excusou-lhe Joaõ Pinto dizendo, que as razões repetidas por elle pareceriaão ao Duque suspeitas, e levadas do interesse, que lhe resultava da sua grandeza, e que assim n'era de parecer, que Pedro de Mendoça aceitasse esta commissão, porqite nelle concorriaão todas as circumstancias de que se devia esperar a felicidade da jornada. Aceitou Pedro de Mendoça com muito gosto a diligencia, e como era taõ empenhado no bom sucesso della, naõ dilatou dalla á execuçaão; fez caminho por Evora, onde cõmunicou ao Marquez de Ferreira, e ao Conde do Vimioso a commissão que levava; escreveraõ elles ao Duque, esforçando quanto lhes foy poissivel as instancias, para que naõ reculasse taõ generosa offerta. Passou Pedro de Mendoça com estas cartas a Villa Viçosa, achou o Duque caçando na tapada, que se segue á Villa, que era todo o seu divertimento, sendo huma das maiores, e mais abundantes de caça de toda Hespanha. Depois dos primeiros cumprimentos, offerecendo-lhe occasião o campo de fallar ao Duque sem testiununhas, lhe disse, que elle vinha da parte de quasi toda a Nobreza do Reino a pedir-lhe quizesle aceitar a Coroa de Portugal, usurpada a seos Avós por El Rey D. Filipe segundo, e que do sentimento da Nobreza estava o povo de Lisboa, estimulado dos excessos dos Castelhanos, e que neste particular era a resoluçao de todos taõ uniforme, e incontrastavel, que quando duvidasse de aceitar a Coroa, determinavaõ acclamallo sem seu consentimento: porém que parecendo aos de melhor discurso esta resoluçao intempestiva, assentaraõ fazer-lhe avizo, esperando de seu grande espirito, que se naõ negaria ao amparo de taõ honrados Vasallos, que voluntariamente entregavaõ ao seu arbitrio as vidas, e as fazendas com segura confiança de lhe eternizarem a Coroa, fundada no valor dos Portuguezes tantas vezes experimentado; e que se o pouco, que estimasse o Sceptro o dissuadisse da empreza, o muito que devia gratificar taõ siõs affeçõs, era forçã que o obrigasse a tomar taõ galharda resoluçao, advertindo-lhe,

que

Anno  
1640.Resposta do Duque,  
que,

que quando naõ achassem por húa, ou por outra via me-  
io de o persuadir, que estavaõ resolutos a formar huma  
República; e que devia considerar quanto desdouro teria  
para a sua opinião entre as Nações estrangeiras verem,  
que erigiaõ República, tendo nelle Príncipe natural; por-  
que ainda que a empreza era grande, parece que a facilita-  
tava a guerra de França, e as revoluções de Catalunha,  
repartindo-se de forte o poder dos Caitelhanos, que teria  
facil desbaratar o que trouxessem á oposição do intento  
proposto: e que lhe pedia naõ cõmunicasse este negocio  
ao seu Secretario Antonio Paes Viegas. Era a causa desta  
desconfiança recearem, que Antonio Paes deviasse ao  
Duque de aceitar o Reino, e por este respeito advertiraõ  
a Pedro de Mendoça em Lisboa esta diligencia. O Duque  
respondeo, que a materia em que lhe falava era de tan-  
ta importancia, que merécia toda a ponderação, e assim  
lhe pedia tempo para cuidar nella, e brevemente lhe da-  
ria resposta, que em quanto a fiálla de Antonio Paes, sem  
algum escrupulo o podia permittir, porque além das lar-  
gas experiencias, que tinha do seu segredo, e prudencia,  
naõ era o que menos o estimulava ao mesmo que elle  
o persuadia. Entregou Pedro de Mendoça ao Duque as  
cartas que levava do Marquez de Ferreira, e Conde do  
Vimioso, e apartou o discurso o Bispo de Elvas D. Ma-  
noel da Cunha, que veio visitar ao Duque.

Acabada a visita do Bispo, entrou o Duque a dis-  
correr no modo da resposta, que havia de dar a Pedro de  
Mendoça, porque ainda que estava resoluto a tentar a  
fortuna abraçando a empreza, ensinava-lhe a prudencia a  
caminhar com os paslos mais seguros, que fosse possivel, e  
a dispôr de sorte os animos, que concorresse no empenho  
ou toda, ou a maior parte da Nobreza, resolução que  
costuma a seguir o Povo, e sem ella sempre saõ incon-  
stantes os seos affectos. Parecia-lhe ao Duque convenien-  
te, antes de declarar o seu intento, anticipar todas as pre-  
venções, que considerava precisas para o concluir, por-  
que depois de communicada a sua resolução, supunha  
grande risco em se lhe dilatar o efecto della; e executada  
sem esperanças de a conseguir, o que facilitavaõ as dis-  
posições

## 98 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

*Conferencia do Duque com An-  
tonio Paes Vie-  
gas.*

posições convenientes, era entregar logo a victoria nas mãos de seos inimigos. Para ter maior soeço neste embaraço, naõ quiz reslover-se sem o parecer de Antonio Paes Viegas: chamou o, e communicou-lhe tudo o que havia passado com Pedro de Mendoça. Chegando ao ponto de que a Nobreza determinava, quando elle se retolvesse a naõ aceitar a Coroa, a formar na ultima desesperação húa República: disse Antonio Paes ao Duque, que antes, que passasse mais adiante, se servisse o tirar de huma duvida, a qual era, que se accaso os Portuguezes formassem República, que partido havia de seguir? se o de Portugal, se o de Castella? Respondeo-lhe o Duque, que sempre estivera deliberado a se naõ apartar do commun consentimento do Reino, e qualquer perigo a que se arrisasse por defensa da Patria, teria por muito suave: ouvindo estas palavras, disse ao Duque Antonio Paes com grande fervor, que esta sua resoluçao tirava a duvida da resposta, que havia de dar a Pedro de Mendoça: porque se pela Patria se resolvia a arrifar a vida fendo Vassallo de huma República, quanto mais glorioso, e quanto mais conveniente era empenhalla fendo Rey de hum Reino, que lhe pertencia de justiça; e que se a defensa da vida ficava dependendo da direcção alheia, muito maior prudencia seria seguralla com a disposição, e cuidado proprio: que achasse a maõ, que tirasse o golpe, na do Duque a esposta para o reparo: que visse Europa, conhecesse o Mundo, e confeçasse a Posteridade o valor com que se arrojava a lograr em huma só acção duas victorias, restituir-se á posse do Reino, que lhe tocava, e satisfazer ie das offensas, que os Castelhanos usurpando-o, fizeraõ a seos Avôs, e que celebrasse Portugal para gloria sua fer elle aquelle escolhido de Deos no Campo de Ourique para lirvar na decima sexta geração, que de presente se contava, o Reino attenuado, e a Patria nunca em outro seculo mais opprimida; que em quanto ás difficuldades, que se lhe representavaõ, que ja se naõ podiaõ prevenir; porque só o beneficio do tempo era quem as havia de remediar: que na contingencia da Lua inconstante semeava o Lavrador a terra, e no perigo da variedade do vento se arrojava ao Mar

Mar o navegante, tendo valor hum, e outro para entregar ao tempo a sua fortuna: que nos catos grandes toda a revolução se exculava de temeridade, e qualquer reparo (abraçado o empenho) era imprudencia, sendo só o arrependimento o que se devia contar como maior precipicio; e que ultimamente nunca a disgráça poderia ter tão poderosa, que, negando-lhe todos os meios de se defender, lhe faltasse na campanha com huma gloria lerpulatura. O Duque estimou muito esta opinião de Antonio Paes; respondeo-lhe que se havia conformado com o seu intento; e depois de conferir com elle outros pontos importantes, passou ao quarto da Duqueza D. Luiza de Gusmão sua mulher, filha dos Duques de Medina Sidonia, huma das mais qualificadas, e antigas famílias de Castella, deo-lhe conta do empenho em que se achava, a que não queria arrojar se sem o seu parecer. A Duqueza que era dotada de entendimento tão claro, e animo tão varonil, como depois acreditaria largas experiencias, ponderando os perigos da sua Casa, tendo objecto do rigor do Conde Duque, julgou generosamente por mais acertado, ainda que a morte fosse consequencia da Coroa, morrer reinando, que acabar servindo, e animou ao Duque dizendo, que todos os vaticínios erao segurança da empreza, e que neste sentido só a dilacão de se coroar podia ser prejudicial. Achando o Duque tão conómicas duas opiniões de que tanto fiava, chamou Pedro de Mendoça, e depois de lhe agradecer o trabalho, e o perigo, a que se expusera por seu respeito, lhe disse, que havia largamente ponderado tudo quanto elle lhe referira, e que antepondo a saude da Pátria ao risco particular, se resolvia a aceitar a Coroa para a fazer respeitada a seos inimigos, e commua a seos Vasallos, porque na occupação, que a Nobreza lhe dava, escolhia o trabalho do Governo, e largava aos que governasse, os interesses do Imperio. Pedro de Mendoça alegre de haver conseguido o que tanto desejava, pretendeo beijar a mão ao Duque, que o recusou dizendo, que para esta ceremonia não faltaria tempo, e que para conseguir o que dispunha faltava muitas circunstâncias.

Anno  
1640.

Resolve-se o Duque a aceitar a Coroa.

Communica á Duqueza o intento, que variantemente apresenta prova.

Declara a Pedro de Mendoça esta resolução.

## 100 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1640.

Volta a Mouraõ  
jaz aviso á Ju-  
ta mas conjuso.

Sahe da duvi-  
da, e alegra-se  
com a sua de-  
claragaõ.

Parte Joaõ  
Pinto a Villa-  
Viçosa.

Com grande satisfaçao desta modestia partio Pe-  
dro de Mendoça para Mouraõ por dissimular a jornada  
de Villa-Viçosa. Despedio logo hum Correio a D. Miguel  
de Almeida, e lhe escreveo dizendo, que fora à tapada;  
que se fizeraõ alguns tiros, e que huns se acertaraõ, ou-  
tros se erraraõ, e que era grande a prudencia de Joaõ Pin-  
to Ribeiro. Este avizo tão pouco distinto, deixou a D.  
Miguel muito embaracado: porém recatando-o por não  
confundir as resoluções, chegou Pedro de Mendoça, e  
dando a todos os da Junta conta da resposta do Duque, a  
celebraraõ com tantas demonstrações de contentamento,  
que foy esta a primeira acclamaçao. Já neste tempo havia  
crecido muito o numero dos Fidalgos empenhados nesta  
gloriosa empreza: todos tornaraõ a persuadir Joaõ Pinto  
Ribeiro, que fosse a Villa-Viçosa a ajustar com o Duque  
o dia, e a fórmā de se executar o que estava tratado, por-  
que era preciso concordar-se com elle nestas, e em outras  
circumstancias, todas de grande consequencia. Tornou Joaõ  
Pinto a excusar-se, offerecendo as proprias razões, que  
representara no principio. Em ventilar estas materias se  
gastaraõ alguns dias, nos quaes faltando ao Duque os  
avizos, que era justo se lhe fizessem muito repetidos, en-  
trou com razaõ em grande cuidado, e sabendo que Pedro  
de Mendoça havia passado a Evora lhe escreveo, pedin-  
do-lhe novas do negocio que lhe encōmendára: respon-  
deolhe tão confusamente, que o Duque crescendo-lhe o  
embaracço se resolveo a chamar Joaõ Pinto, com o pre-  
texto de conferir com elle huma demanda, que fazia á  
Casa de Odemira. Deu Joaõ Pinto conta a D. Miguel de-  
sta ordem, para que elle a comunicasse aos mais confe-  
derados, e despois de ajustarem o que havia de dizer ao  
Duque se partio para Villa-Viçosa. As suas noticias di-  
minuiraõ ao Duque o cuidado com que estava, porque  
não só concordou com o que Pedro de Mendoça havia  
referido, mas accrescentou, por facilitar a empreza, mui-  
tas inferencias, que seguravaõ a felicidade della. Duran-  
do esta conferencia, chegou ao Duque avizo, que passa-  
vaõ para Madrid algumas pessoas, de que se podia infe-  
rir, que tivessem noticia do que se tratava; e que a Du-  
queza

## PARTE I. LIVRO II. 101

queza de Mantua , prevenida com alguns avisos , especulava os passos mais occultos que davaõ os Fidalgos de Lisboa. Vendo estes accidentes lhe pareceo ao Duque que perigava muito a empreza na dilaçāo de se executar. Despedio Joaõ Pinto com ordem que desse logo Lisboa principio ao acclamar , porque começando Evora , como lhe avizáraõ que estava tratado , podia succeder o inconveniente de se prevenir a Duqueza de Mantua com algum aviso anticipado , primeiro que se declarassem os Fidalgos confederados: e segurou o Duque a Joaõ Pinto , que se se desse caso que em Lisboa faltassem ao que promettiaõ , o que elle naõ cuidava das pessoas que se lhe offerecerāo , obrigadas por tantos respeitos a antepor a todo o perigo a pontualidade , que elle com os Povos , que em Alemtejo estavaõ á sua devoçāo , havia de tentar a fortuna sahindo em campanha. Alegre de taõ generosa resoluçāo voltou Joaõ Pinto para Lisboa: chegou a esta Corte com duas cartas do Duque , huma para D. Miguel de Almeida , outra para Pedro de Mendoça ; porque reparando no perigo que corria escrever a todos , elegeo o mais velho da facçāo , e o que lhe havia levado a Embaixada. Naõ continhaõ as cartas mais que demonstrações do seu affecto , remettendo a sua determinaçāo ao que dissesse da sua parte Joaõ Pinto a quem pedia dessem inteiro credito. A mesma noite em que Joaõ Pinto chegou , se ajuntáraõ em sua casa (que era no Paço que nesta Cidade tem o Duque de Bragança) a maior parte dos confederados : porém acautelaraõ se quanto lhes foy possivel , deixando as carroças em diferentes partes , retirando Joaõ Pinto anticipadamente os seos criados , e pondo pouca luz na casa , para que naõ fossem conhecidos os que estavaõ nella. Souberaõ de Joaõ Pinto que a vontade do Duque era , que Lisboa desse principio á empreza , que se introduzissem na facçāo os mais que fosse possivel , e que a brevidade recomendava considerando na dilaçāo a total ruina : que com o maior affecto agradecia a todos o animo com que empenhavaõ as vidas pela sua utilidade . e que esperava fosse o successo taõ felice , que lhe naõ faltasse tempo de remunerar tantas finezas: pois era certo que ha-

Anno  
1640.

*Despede o Duque Joaõ Pinto com ordem de ser acclamado em Lisboa.*

*Declara Joaõ Pinto a resoluçāo.*

Anno  
1640.

*Elege-se o pri-  
meiro de Dezem-  
bro para a Aclamação.*

*Voto de D. João  
da Costa.*

## 102 PORTUGAL RESTAURADO,

via de escolher por companheiros na Coroa aquelles que tanto trabalhavaõ por lha pôr na cabeça. Qualquer palavraria destas que Joaõ Pinto repetia era hum novo espirito que entrava nos peitos dos que estavaõ presentes: e Portuguezes com espiritos dobrados naõ podiaõ achar empreza difficultata. Todos approváraõ a resoluçõ de começar Lisboa a declarar-te, e ja como ordem do seu Rey se dispuzeraõ a obedecella.

Ajustaraõ-se naquelle noute, que era Domingo vinte e seis de Novembro, que se executasse o que estava assentado ao Sabbado seguinte primeiro de Dezembro, e cõmunicou-se a todos, que por intervençao do Padre Nicolão da Maia estava reduzido o Juiz do Povo, Escrivão, e Místeres, e alguns da Caia dos Vinte e quatro: porém que atemorizados com o succeso de Evora ajustaraõ, que naõ fariaõ movimento algum sem verem declarada toda a Nobreza; promessa que facilmente conseguiraõ. Desta conferencia se deo parte ao Arcebispo de Lisboa, que havia alcançado licença para sahir do empenho em que estava em Madrid, protestando as penas em que ficava incorrendo quem lhe impedia ir governar as suas ovelhas. Authorizava elle muito á empreza, persuadindo com a virtude, e com a eloquencia (havendo sido dos primeiros que fomentaraõ a liberdade da Patria, parecendo-lhe encrupulosa a sujeiçaõ a El Rey de Castella, como possuidor intruso) seguiraõ-o seos parentes, e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Estando a empreza tanto adiante, que faltavaõ só tres dias para se executar, se deo conta della a D. Joaõ da Costa: era dotado de grande valor, e entendimento, partes que lhe haviaõ grangeado toda a estimaçõ da Corte, contando-se nos seos poucos annos muitos de prudencia. Ouvio elle com muita attenção a proposta que lhe fizeraõ, e depois de considerar largo espaço a gravidade da empreza, falou com a eloquencia de que era dotado, neste sentido: *Muitos annos ha, Senhores, que com profundo sentimento observo as calamidades que padece Portugal, e que com intimo affeçõ pro-curo achar caminho que facilite a sua liberdade: nunca apuz em duvida a justiça que o Duque de Bragança tem para se lhe*

Ibe entregar esta Coroa, nem ignoro o rigor com que a tyrânia o Governo de Castella: porém a razão do Duque, e a offensa do Reino, ainda que saõ fundamentos para nos motivarmos justificados naõ saõ forças para nos considerarmos vitoriosos; porque esta causa a que nos queremos oppor, naõ a decidem as razões, bao de sentencialla as armas, e considero, que os mejos motivos da noſſa resolução nos representao as maiores difficultades. Conſeço q o Duque de Bragança, conforme a noticia, que temos do seu talento, be muito caſaz da Coroa: porém esta que lhe queremos dar, be taõ pezada, que necessita de maiores circumſtancias, ba miſter muitas experiencias, que faltaõ ao Duque, naõ só politicas, ſenão militares; porque no eſtado preſente be neceſſario a Portugal, que quem empuñhar o ſce, tro jaiba exercitalllo como bastaõ. Da ſegunda cauſa naſce tambem contra-rio effeito, porque ſendo a maior queixa que temos dos Caſtelhanos a extremitade a que tem reduzido eſte Reino com o fim de o fazer Provincia, tirando delle gente, dinheiro, armas, e cavallos, eſta meſma falta imposſibilita o que inten-tamos; porque ſendo eſte os quatro elementos de que ſe compoem o formidavel corpo da guerra, e carecendo nós quaſi totalmenre de todos quatro, qual be o fim, quaes ſaõ as eſperanças com que a emprendemos? He facil fazer Rey ao Duque de Bragança, mas be muito difficultoſo juſtentar lhe a Coroa parte das emprezas grandes podem os animos vale-roſos fiar da fortuna, mas entregar lhe todo o focego dellas be a maior imprudencia, e a mais indiſculpavel temeridade. Sõmados todos os cabedaes de que fazemos conta, vimos a acabar tirada a prova, quarenta Eſtadigos en Lisboa, com taõ pouco ſequito, que na chegaõ a duzentos homens: a promeſſa do Juiz do Povo, e Mifteres taõ mal fundada, que depen-de da vontade do Povo voluble, e inconstante, e algúas intel-ligencias em poncos Lugares da Provincia de Alemtejo. Por oppoſtos ao limitado poder que temos em Lisboa, havemos de acabar os Soldados Caſtelhanos, que guarnecem o Caſtello, Torres, e Navios, que eſtaõ ancorudos, que ao menos ſerão mil e quinhentos, e alẽm destes, todos aquellos, que deren-derem de Caſtella, e os que medroſos do ſeu poder ſe des-viarem da noſſa opiniao. Da ſegunda conſiança, que be nos

Anno  
1640.

## 104 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

Lugares de Alemtejo se deve fazer muito pouco caso, na consideraçāo de terem na memoria os castigos das revoluções de Evora, das mais do Reino naõ podemos inferir a resoluçāo, nem nos intrometer em adivinhar os futuros, privilegio que sem particular auxilio não costuma ser concedido aos mortaes. Porém eu quero suppor todas estas dificuldades vencidas, e considerar o Povo de Lisboa unido, seguindo a voz do Duque de Bragança, o Castello, Torres, e Navios atacados, e rendidos á noſſa bizonharia: todas as Cidades, Villas, e Lugares conformes com a opinião de Lisboa, e as Conquistas seguindo o consentimento do Reino, repreſentando ſe-me forças as duvidas em qualquer destas proposições, mas dando-as ( como diſſe ) por vencidas; quaes são os Exercitos, quaes as Armadas que temos para nos oppor ao poder de Castella? Consente a menor duvida ( ſe Deos naõ cegar aos Castelhanos ) marcharem, no mesmo instante que chegar a Madrid a nova do que executarmos, contra Portugal os Terços, Tropas, e Armada dedicados para Catalunha a atalhar na noſſa resoluçāo o maior danno que pôde padecer aquella Monarquia. Hollanda, e Catalunha, quando ſe resolvera āſſeſſodir o jugo de Castella, haviaõ grangeado primeiro a amizade dos Príncipes vizinhos, que com grandes Exercitos ſustentaraõ o seu partido, introduzindo-os nas melhores Praças ao mesmo tempo que elles ſe declararaõ contra os Castelhanos; e nós outros naõ ſó elegemos a occasião em que os Castelhanos ſe achão armados dentro de Hespanha, ſenão fiamos tanto dos noſſos braços que naõ tratamos de algum outro ſocorro, e mais quando ja agora ainda que comſigamos a licença de algum Príncipe, he o prazo taõ pouco, e tão diſſcultoſo chegarem os ſoccorros a tempo, havendo de fer por força a inconfiância do mar quem os conduza, que he razão que conſideremos o danno muito diſtantente do remedio. Sendo todos estes discursos ( a meu parecer ) ſem contradicção, não nos fica para que appellar ſe não para milagres, e milagres, ſenhores, he justo que ſe creaõ, he bom que ſe mereçaõ, mas naõ he razão que ſe esperem. Porém ainda que tenho proposto as duvidas que ſe me offerecem em matéria taõ ardua, e taõ importante, naõ

Anno  
1640

he o meu fim encontrar a empreza , nem desviar me do perigo della : pois naõ he a primeira vez que a vontade se aparta do entendimento em operaçoes menos generosas : a minha tençao he mostrar que sigo o que julgo por tão difficil , e arriscado , ponderando que se há ley que indignamente me obriga a entregar a vida á disposiçao de qualquer Amigo , que a ley natural me empenha a sacrificalla dignamente pela liberdade da minha Patria . Confesso que se tivera esta noticia mais anticipada , que forao o meu voto que se dispuzes se esta empreza com maior segurança ; porem fandose-me a tempo que he tão pouco o que temos do intento à execuçao , o que me parece he senão dilate , porque naõ achemos na falta do segredo o maior inimigo . Estas razões de D. Joaõ da Costa arguidas do seu entendimento , e desprezadas do seu valor perturbáraõ muito os animos de todos os confederados , e foy de forte o embaraço que nelles produziraõ , que se resolveo Joaõ Pinto a avizar ao Duque de Bragança , que suspendesse as ordens , dispositas para a execuçao do primeiro de Dezembro , ate segun-  
do avizo . Ficou o Duque em grande confusao com esta novidade , se bem sahio logo della , porque lhe chegou outro Correio de Joaõ Pinto com avizo que continuásse as disposiçoes , porque naõ haveria duvida que divertisse a empreza ; e foy a causa de sahirem os confederados do embaraço proposto discorrerem o empenho em que esta-vaõ , e conhecereem que o maior perigo consistia na dila-  
çao ; porque descoberto o que estava tratado experimen-  
tariaõ desunidos o castigo , que receavaõ armados : e ma-  
nifestar se o que intentavaõ era infallivel , participando do segredo toda a sorte de gente que naõ costuma guar-  
dallo . Depostos pois todos os inconvenientes , cerrados os olhos a todas as difficuldades , e offerecidos os peitos aos maiores perigos , dileberáraõ estes , em todos os secu-  
los , quarenta Illustrissimos Varoens a cortar com as vale-  
rosas espadas , novos Alexandres , o laço com que a indus-  
tria Castelhana havia atado o Reino de Portugal , e a exe-  
cutar huma das maiores acçoes que em nenhum tempo ( discorrendo por todas as historias ) correu por conta da trembeta da fama ; e como o que fica referido he verda-  
deiro

## 106 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

deiro testiunho desta confissão, tendo mostrado o pouco poder com que se deliberaraõ a emprender accão de tantas, e taõ invenciveis difficuldades, mostrando agora o felice, e valeroso remate desta gloriaa empreza, lograõ estes generosos Heroes no applauso universal o triunfo, que merecem.

*Varios discursos  
sobre a execu-  
ção.*

*Assento e afer-  
ma, e tempo da  
Acclamação.*

Repetiraõ-se as ordens necessarias, e os postos convenientes com a maior distincão que foy possivel, depois de ventiladas varias opinioens, que occoriaõ a tantos discursos, porque huns queriaõ, que o Duque de Bragança apparecesse de improviso em Lisboa, dizendo: que fo a sua presençā havia de segurar a empreza: porém convenceo'os a contradicção, de que a jornada poderia naõ ter occulta á vigilancia da Duqueza de Mantua, e que o maior perigo era dar tempo á prevençāo. Outros eraõ de parecer, que se atacasle primeiro o Castello, mas examinado o numero dos soldados da guarniçāo, e achando-se mais de quinhentos, pareceo duvidoso o effeito desejado. Assentaraõ por conclusão, que Sabbado, primeiro de Dezembro, com o menor rumor que fosse possivel, se achasseem todos juntos no Paço, repartidos em varios postos, e que tanto que o roloçio desse nove horas sahisse das carroças ao mesmo tempo: que huns ganhassem o Corpo da guarda, onde estava huma Companhia de Infantaria Castelhana, outros subisseem á sala dos Tudescos a deter a guarda de Archeiros Alemaens, que assistia nela; outros appellidassem, pelas janellas do Paço, liberdade, e acclamassem o Duque de Bragança Rey de Portugal, outros entrassem a matar o Secretario de Estado, Miguel de Vasconcellos, diligencia, que julgavaõ importantissima assin por atalhar as ordens, que a sua resoluçāo podia distribuir, como para incitar o Povo com aquelle merecido castigo, e persuadillo ao empenho da Nobreza, para que naõ duvidasse de a seguir. Tomado este assento, buscaraõ todos, confeçando'le o dia antecedente, o favor de Deos para segurar a empreza; porque como aquella accão naõ era de vingança, senão de justiça, suppunhaõ que desta podiaõ licitamente ser entaõ os executores. Para o dia assinalado, ao amanhecer, se deo recado a todos aquell-

aqueles, que por dependencias dos quarenta Fidalgos havaõ de assistir nesta facçao, sem mais noticia della, que serem chamados por elles: preveniraõ-se, e armaraõ-se todos, e foy muito para louvar o valor de D. Filipa de Vilhena, Condesa de Atouguia, porque fiando-se da sua prudencia o segredo deste negocio, ajudou a armar seos dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, e os exhortou a conseguir a valerosa acçao, que emprendiaõ. A mesma acçao com igual valor executou D. Marianna de Lancastro com seos dous filhos Fernao Telles, e Antonio Telles da Sylva. Sem haver dos confederados quem se arrependesse da determinaõ, occuparaõ todos os postos destinados. Impacientes esperavaõ as nove horas, e como nunca o rologio lhes pareceo mais vagaroso, tanto que deo a primeira, sem aguardarem a ultima, arrebatados do generoso impulso sahiraõ todos das carroças, e avançaraõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, Estevaõ da Cunha com alguma gente, que os seguia, detiveraõ os soldados Castelhanos, que estavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida subio á sala dos Tudescos, e disparou huma pistola, sinal que tambem estava ajustado para que todos se repartissem pelas partes d'antes destinadas. Luiz de Mello Porteiro mór, e Joaõ de Saldanha de Sousa ganharaõ o lugar onde estavaõ arrimadas as alabardas dos soldados. D. Afonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo lançaraõ todas as alabardas em terra, e empediraõ que os soldados chegassem a tomallas, alguns delles intentaraõ defender a porta que sahe ao corredor que se remata no Forte, onde morava Miguel de Vasconcellos: porém investidos valerosamente de Pedro de Mendoça, e de Thomé de Soufa defoccuparaõ a porta, e querendo ganhar huma, que hia para o quarto da Duqueza de Mantua, a' acharaõ ja occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras pessoas, que o acompanhavaõ, os quaes matando hum Tudesco, e ferindo outro, os fizeraõ retirar. Neste tempo andava D. Miguel de Almeida veneravel, e brioso com a espada na maõ gritando: *Liberdade, Portuguezes!*

Anno  
1640.

*Daffelhe principio accom-  
tendo o Paço.*

*Viva*

## 108 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1640.

Acomete-se a  
casa de Miguel  
de Vasconcellos.

*Viva El Rey D. Joaõ o Quarto.* E com as mesmas vozes chegou ás varandas do Paço, e repetindo-as muitas vezes ouvido do Povo se foy convocando no Terreiro. Arrebatados de igual furor buscando a casa de Miguel de Vasconcellos entráraõ pelo corredor D. Antonio Tello, D. Joaõ de Sá de Menezes Camereiro mór d'El Rey, Antonio Telles ferido em hum braço de huma bala de pistola que se disparou na sala dos Tudescos, o Conde de Atouguia, seu irmão D. Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha, D. Antonio Alvares da Cunha, Joaõ de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, Joaõ de Saldanha da Gama, e seos irmãoõs Antonio, e Bartholomeu de Saldanha, Tristaõ da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, e seu genro D. Manoel Childe Rolim; no fim do corredor encontráraõ a Francisco Soares de Albergaria Corregedor do Civel da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado: disserraõ-lhe todos com igual impulso ( *Viva El Rey D. Joaõ* ) elle tirando pela espada com resolução imprudente, respondeo ( *Viva El Rey D. Filipe* ) persuadiraõ-o que se focegasle, naõ foy possivel, disparáraõ-lhe huma pistola na graganta, ferida de que moreo dentro de poucas horas. Chegando á Secretaria acháraõ nella Antonio Correia official maior, sem se defender lhe deo D. Antonio Tello algumas feridas, entendeo-se que por paixaõ particular. Passáraõ adiante buscando a casa em que assistia Miguel de Vasconcellos: havia-lhe advertido pela manhã Manoel Mansos da Fonseca, que no Terreiro do Paço se juntavaõ muitos Fidalgos, mostrou com palavras desconcertadas que desprezava o avizo: porém accusado da consciencia gravada com tantos delictos se levantou da cama, e cerrou a porta por dentro da casa em que despachava, que era a primeira que passado o corredor cahé sobre o Terreiro do Paço. Rompêraõ os confederados facilmente a porta, e naõ achando dentro á Miguel de Vasconcellos entendéraõ que se livraria passando á casa da India para onde tinha communicaçõ, de que arrazoadamente se affligiraõ: mas advertidos de huma escrava abriraõ hum armario de papeis, onde acháraõ que esta-

estava escondido: disparou-lhe D. Antonio Tello huma pistola, sentindo-se ferido sahio á casa onde recebeo outras feridas mortaes de que cahio, porém ainda vivo o lançárao ao Terreiro por huma das janellas, aguardáva-o quantidade de gente que havia concorrido daquelle que sem attençāo busca o rumor. Ao mesmo tempo que cahio o miseravel corpo moribundo, se empregou nelle toda aquella desconcertada ira tem perdoar a algum excesso, e ficou em hum instante desprezo commum o mesmo que havia sido respeito universal, e parecendo a todos huma só vida pequena satisfaçāo de tantas culpas, vingava cada hum naquelle cadaver a sua ira, como se estivera capaz de sentimento. Depois de extintos todos os opprobrios, e de apuradas todas as afrontas foy enterrado á instancia de Gaspar de Faria Severim, que servia aquelle anno de Escrivāo da Misericordia, e veio a padecer os castigos que justamente haviao merecido os seos desconcertos. Lançado da janella Miguel de Vasconcellos, e examinados com demasiada ambiçāo por algumas pessoas os seos Escritorios, foy achado em huma das casas interiores o Capitāo Diogo Garcez Palha com huma carabina nas mãos, disparou-a, e outras armas de fogo que havia na casa sem efeito, investiraõ-o, e obrigaraõ-o a se lançar por huma das janellas que cahem para o Terreiro com algumas feridas; salvou-se com huma perna desconcertada. Ao mesmo tempo que se executavaõ estas acções subiraõ ao quarto da Duqueza de Mantua D. Miguel de Almeida, Fernão Telles de Menezes, D. Joaõ da Costa que havia atalhado a morte a alguns dos Ministros que estavao nos Tribunaes, Thomé de Sousa, Pedro de Mendoça, Dom Antaõ de Almada, Dom Luiz seu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, Dom Rodrigo de Menezes seu irmão, Dom Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, Dom Antonio da Costa, Dom Antonio de Alcaçova, Joaõ Rodrigues de Sá, Matim Affonso de Mello, Francisco de Melo, Luiz de Melo que foy Porteiro mór d'ElRey, Manoel de Melo seu filho, Tristaõ de Mendoça, Luiz de Mendoça, Dom Francisco de Souza, Dom Thomás de Noronha, Dom Francisco de Noronha,

Anno

1640.

*Morte de Miguel de Vasconcellos*

*Os Fidalgos da Aclamação*

## 110 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1640.

*Chegaõ á visita  
da Duqueza.*

*Palavra da Du-  
queza.*

*Quer favorecel-  
la o Arcebispo  
Primaz; retira-  
se temeroso.*

*Palavras refo-  
lutas de D. Car-  
los de Noronha.*

ronha , D. Antonio Mascarenhas , Dom Fernando Telles de Faro , Rodrigo de Figueiredo , Luiz Gomes seu ir-mão . Francisco de Sampayo , Gomes Freire de Andrade seu filho , Gilvaz Lobo ; e depois de abrirem por força algumas portas que acháraõ fechadas , chegáraõ todos á caia da Galé , onde acháraõ a Duqueza de Mantua a huma janella das que cahem para a porta da Capella Real , pedindo em vozes altas ao Povo que a favorecesse , e livrassle de taõ perigoso lance : obrigáraõ a decorosamente a se retirar da janella , intentou descer ao Terreiro do Paço , e vendo que lho prohibiaõ , disse com voz embaracada : *Basta Senhores : ja o Ministro culpado pagou os delictos commettidos : nao passe adiante o furor , que naõ merece entrar em peitos taõ nobres ; eu me obrigo a que El Rey Ca-tholico naõ só perdoe , mas agradeça livrar-se este Reino dos excessos do Secretario.* O Arcebispo de Braga , que havia chegado de Madrid com a occupaõ de Presidente do Paço , sahio do seu Tribunal , chegou a tempo que a Duqueza acabava de pronunciar as palavras referidas , foy seguindo o mesmo estylo com aquelle grande affeçõ que sempre o levou ao governo de Castella ; porém o respeito que se observou com a Duqueza , ouvindo-a , se quebrou com elle , naõ querendo escutallo ; atalhou-o Dom Miguel dizendo-lhe que lhe rogava que se calasse , por que lhe havia custado muito a noite antecedente livrallo da morte : obrigado deste conselho se retirou o Arcebispo a hum dos aposentos interiores ; mas a Duqueza de Mantua com animo varonil foy continuando as primeiras persuasões , e repetindo novas instâncias segurando o perdaõ d'El Rey de Castella : Responderaõ-lhe que ja naõ conheciaõ mais Reys que ao Duque de Bragança que haviaõ acclamado . Ouvindo a Duqueza estas palavras lhe cresceo a paixão de sorte , que foy preciso a D. Carlos de Noronha opporse-lhe com menos cortesia da que até alli se havia usado , pedio-lhe que se retirasse , e naõ quizesse dar occasião a que se lhe perdesse o respeito . Replicou ella , A mim ! E como ? Como senhora (disse D. Carlos ) obri-gando a V. A. a que , se naõ quizer entrar por esta porta , faja por aquella janella . ( Termo indecoroso que só acha-dis-

# PARTE I. LIVRO II.      III

disculpa na importancia da empreza) Vendo a Duqueza que era ja temeirade a repugnancia, cedeo ao golpe da fortuna, recolheo-se ao seu Oratorio, e pedindo-se-lhe, que passasse ordem a D. Luiz del Campo, Tenente de Mestre de Campo General, que governava o Castello, para que naõ fizesse algum movimento, assignou na forma que a lançaraõ, e D. Luiz del Campo lhe obedeceo, livrando a todos do cuidado em que os punha a artilharia, que pudera jogar em grande prejuizo da Cidade. Ficou de guarda á Duqueza D. Antaõ de Almada com algumas pessoas, os mais Fidalgos sahiraõ ao Terreiro do Paço: gritando; *Liberdade: Viva El Rey Dom Joaõ o Quarto.* O estrondo, a confusaõ, e a incerteza havia obrigado aos moradores da Cidade a se recolherem a suas casas, e por este respeito naõ acharaõ os cor federados junta a gente, que supunhaõ, de que se affligiraõ muito; porém depressa se livraraõ deste susto, porque tanto que se entendeo o fim da revoluçaõ, e do estrondo concorreu todo o Povo a acclamar com grande affecto o novo Rey. Ajudou muito esta resoluçao o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, porque tanto que teve noticia de que estava felicemente executado tudo o que anticipadamente se havia disposto, sahio da Sé, e no terreiro, que lhe fica diante, achou D. Pedro de Menezes, Conde de Catanhede, Presidente da Camera com todo o Senado, porque havendo cerrado as portas do Tribunal, onde estava, o persuadiraraõ seos filhos a que as abrisse, naõ lhe havendo comunicado antes a grande accaõ, que emprendiaõ; cedeo sem dificuldade a taõ generosa instancia, mandou abrir as portas, entraraõ dentro, pegou D. Alvaro de Abranches na Bandeira da Cidade, seguiraõ todos, vieraõ buscar o Arcebispo, e quando baixava, defronte da Igreja de Santo Antonio, pouco distante da Sé, gritou o Povo, *Dejprega o Christo e braço.*

Anuo  
1640,

*Retira-se a Duqueza, e passa ordens para se entregar o Castello.*

*Acclama-se El Rey D. Joaõ pelo la Cidade.*

*Sai o Arcebispo da Sé, e o Senado da Camera.*

## 112 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1640.

Conferma-se per-  
los Desembargadores a As-  
semblaçāo.

Soltarão-se os pre-  
zos.

Flezerem-se Go-  
vernadores que  
fazem aviso ao  
Reino.

milagre, e todos cobrāão invencivel confiança de que Deus approvava a gloriofa deliberaçāo dos confederados. Persuadidos de taõ grande incentivo, naõ soavaõ em toda a Cidade mais que vivas, e acclamações ao novo Principe, valeroſo Author da liberdade da Patria. Chegáraõ alguns Fidalgos á Casa da Supplicaçāo, e acháraõ as portas fechadas, pedio Ayres de Saldanha aos Desembargadores, que estavaõ dentro, que as mandaſem abrir, segurando-os de todo o prejuizo, que podiaõ temer, abriraõ elles, e informados da causa do alvoroco, approváraõ com grande vontade por escrito a resoluçāo, que se havia tomado, firmando-se todos no assento, que fizeraõ, e porque Ministros de justiça correm perigo nas revoluçōens desta qualidade, segurou-os Ayres de Saldanha atē suas casas. D. Gastaõ Coutinho abrio as cadeas, e soltou todos os prezios, que estavaõ nellas, parecendo lhe improptio naõ lograrem o privilegio do dia, em que se celebrava a liberdade da Patria. Neste tempo havia chegado o Arcebispo ao Paço, o qual achou cheio de gente de todos os estados, que confórmes celebravaõ a fortuna de se verem livres da sujeiçāo de Castella, sem se lembrarem de que havia, fenaõ maiores, outras difficultades, que vencer. Voltaraõ ao Paço todos os Fidalgos, que se haviaõ espalhado por varias partes da Cidade, depois de a deixarem com tal socego, que dentro de tres horas naõ parecia aquele o mesmo theatro, onde se haviaõ representado tantos successos differentes. Trataraõ logo de eleger Governadores, em quanto o Duque de Bragança, ja Rey de Portugal, naõ chegava de Villa Viçosa: nomearaõ aos Arcebispos de Lisboa, e Braga, e a D. Francisco de Castro Inquisidor Geral: porém allegando elle algumas disculpas que insinuavaõ o seu receio ( quando naõ fosse o seu natural encolhimento ) se lhe admittiraõ. O Arcebispo de Braga, que havia sido eleito á instancia do de Lisboa, procurando livrallo por este caminho dos perigos a que o considerava exposto, tambem se excusava, mas aconselhando de alguns ameaçōes tomou o governo. Promptamente foy chamado o Visconde Dom Lourenço de Lima por ser dotado de muitas virtudes, que mereciaõ geral estimaçāo.

## PARTE I. LIVRO II. 113

maçaõ. Logo que os Governadores aceitaraõ; despediraõ varios Correios a todas as Cidades, e Villas maiores do Reino, fazendo-lhes avizo da resoluçao que Lisboa havia tomado, de restituir Portugal á Serenissima Casa de Bragança, acclamando Rey ao Serenissimo Senhor Duque Dom Joaõ, a quem tocava por linha direita o Reino de justiça, e que esperavaõ, que como verdadeiros Portuguezes seguiriam a voz de Lisboa, e se prevenissem contra a invataõ de Castella, de que Deos lhes havia de dar victoria, como sempre concedera a feos antepaßados. Despedidos os Correios ao meio dia se recolheraõ os Governadores para suas casas, admirados de acharem a Cidade no mesmo locego, que o dia antecedente. e as logeas dos mercadores, e tendas abertas, sem haver em tanto reboliço, e inquietaçao quem offendesse, nem roubasse pessaõ alguma, verdadeiro signal de que a disposiçao era Divina; e sendo similhantes dias os mais proprios de vingança, ficou esta para exemplo da concordia, porque todos os que naõ estavaõ consórmes depuzeraõ a inimizade, querendo achar-se unidos na guerra, que esperavaõ: porém este primeiro semblante favoravel da fortuna, naõ fez descuidar aos Governadores da prevençao necessaria para atalhar os accidentes, que sobreviessem. Mandaraõ sahir todas as Companhias da Ordenança, repartiraõ-se estas em varios postos, assim para evitar qualquer desa-  
passão ordens para o soeego da Cidade.

locego, como para assegurar os Castelhanos, que viviaõ na Cidade: taõ regulada foy esta acção, que naõ quizerão que cahisse o damno em quem naõ merecia castigo.

Socegada a Cidade entrou Joaõ Rodrigues de Sá, Rendem-se os galeões dos Castelhanos.  
 D. Joaõ da Costa, e outros Fidalgos em huma de duas galias, que havia naquelle tempo no Rio, e neste pequeno baixel renderaõ tres navios da Armada de Castella, que estavaõ surtos, guarnecidos de Infantaria, conseguindo só a gloria de emprender acção taõ galharda, porque os Castelhanos nem fizeraõ resistencia, nem tiveraõ acordo para largar as vélas estando apparelhados, tendo vento prospero, e maré favoravel. Huma das maiores maravilhas deste dia foy o desacordo dos Castelhanos, que presidiaõ o Castello: porque ainda que se naõ achavaõ de Imprudècia dos Castelhanos em naõ seguir o parcer de Matias de Albuquerque.

Tom. I.

H

guar- querque,

Anno  
1640.

Anno  
1640.

## 114 PORTUGAL RESTAURADO,

guarniçāo mais que quinhentos mosqueteiros , havendo-se tirado para Catalunha mil e trezentos homens de todos os presídios ( resoluçāo que os mais intelligentes nos negócios de Portugal julgārāo por delatino ) se estes que se achavaõ no Castello se determinārāo a fahir ao mesmo tempo , que começou o primeiro rumor ( como Mathias de Albuquerque , que estava prezo por vir injustamente capitulado do governo das Armas de Parnambuco , lhes aconselhava ) ficará muito duvidoso o successo da empreza , e quando se conseguira , fora á custa de muito sangue , porque os Castelhanos que andavaõ espalhados pela Cidade ( que eraõ em grande numero ) achando corpo a que se unir , puderaõ fazer duvidosa opposiçāo , e o Povo se virá que os confederados achavaõ resistencia , difficilmente se declarára ; porque poucos saõ os corações , que se arrojaõ voluntariamente aos perigos sem alguma esperança da victoria. Mathias de Albuquerque vendo que os Castelhanos naõ aceitavaõ o seu primeiro parecer , como era Conselheiro de guerra , e naõ sabia a causa do rumor , fez cerrar as portas , e guarnecer as muralhas , querendo prevenir a artilharia. Chegou a primeira ordem da Duqueza de Mantua a que obedeceo D. Luiz del Campo , ainda que entendeo , que a Duqueza a passára violenta. Veio segunda ordem para que se naõ fortificasse o Castello , a qual considerando Mathias de Albuquerque se recolheo ao seu apozento , tendo já noticia de tudo o que havia passado , de que lhe resultou a maior alegria , vendo occasiçāo de ter exercicio o seu grande prestímo em utilidade da sua Patria. Naquella noute se arrimārāo ao Castello todas as Companhias da Ordenança , e no dia seguinte á tarde chegou D. Alvaro de Abranches , Thomé de Soula , e D. Francisco de Faro com ordem da Duqueza para D. Luiz del Campo entregar o Castello : pareceo-lhe a elle que naõ vinha muito distincta , apontando as duvidas , se lhe passou como a pedio. Tanto que lhe chegou a ordem mandou abrir as portas , entrou dentro D. Alvaro , e os mais que o acompanhavaõ , e tomou posse do Castello , que os Governadores lhe haviaõ entregue até que El-Rey chegasse ; solto Mathias de Albuquerque , e Rodri-

Entrega-se o  
Castello.

go

go Botelho Conselheiro da Fazenda, que tambem estava prezo por huma pendencia, que teve com hum Mercador. Mandou D. Alvaro lançar bando, que os Soldados Castelhanos que quizessem ficar servindo a El Rey D. Joaõ se lhes pagaria pontualmente, apontando-se lhes outras comodidades: aceitáraõ muitos, os mais sahiraõ formados, privilegio da capitulaçao, que fizeraõ: alojaraõ os nas Tercenas, sitio fóra da Cidade, e deraõ-lhes logo passaportes para que divididos passassem para Castella. D. Luiz del Campo tanto que chegou a Madrid o mandou El Rey prender; vendo perdida a honra, perdeo o juizo; se fizera esta consideraçao antes de entregar o Castello, pudera evitar huma, e outra disgraca.

No mesmo dia, que o Castello, se renderaõ as Torres de Belem, Cabeça secca, Torre velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada; receberaõ ordem da Duqueza de Mantua, e sem resistencia alguma se entregaraõ, fazendo o medo o effeito, que naõ pudera facilmente conseguir o poder dos confederados. A Duqueza de Mantua mandaraõ os Governadores sahir do Paço para o de Xabregas, acompanhada do Marquez de la Puebla, que lhe assistia ao Governo, do Conde Baineto seu Estribeiro mór, e da mais gente de que se compunha a sua familia. Haviaõ os dous fido prezos, e D. Diogo de Cardenas Mestre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon Conselheiro da Fazenda, D. Diogo da Rocha Juiz do Contrabando, e D. Fernando de Albia e Castro Conselheiro da Fazenda; no mesmo Sabbado da acclamaçao intentaraõ D. Diogo de Cardenas, e o Marquez introduzir se no Castello primeiro que se rendessem, naõ lhes foy possivel consegillo, de que mostraraõ grande sentimento, persuadidos a que, se defendessem o Castello, poderiaõ divertir a empreza, ou ao menos aguardar nelle o soccorro d'El Rey Catholico. A Duqueza de Mantua acompanhada do Arcebispo de Braga chegou ao Paço de Xabregas, esteve neste aposento até que a mudaraõ para o Convento de Santos, que sucedeo dentro de breves dias, e em huma, e outra assistencia foy decorosamente servida, e respeitada. Tanto que no dia da acclamaçao se executou felicemen-

Anno  
1640.

Rendem-se as  
Torres.

Retira-se a Du-  
queza ao Paço  
de Xabregas.

Prendem-se os  
Ministros de  
Castella.

## 116 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1640.

*Parte Pedro de Mendoça, Jorge de Mello a dar conta a El Rey.*

*Parte a Lisboa.*

*He aclamado em Evora, e nos mais Lugares de Alemtejo.*

*Entra El Rey em Lisboa, bercebido com universal applauso*

te tudo o que fica referido, partio Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello pela posta com avizo a El Rey da fortuna, com que se consegueeria tão ardua, e tão gloriafa emprefa. Chegáraõ a Villa Viçosa á segunda feira a tempo que El Rey queria entrar a ouvir o Sermaõ na sua Capella, de tão lhe a nova, beijaraõ lhe a maõ, e mandou sem se perturbar que se continuasse a solemnidade, socego que bastára para o fazer digno da Coroa: porém o alvoroço não deo lugar a se seguir esta ordem, e El Rey vendo quanto convinha partir se com brevidade para Lisboa, se meteo em hum coche acompanhado nelle do Marquez de Ferreira, e do Conde de Vimioso, (que ja com o avizo da acclamaçao haviaõ chegado, tendo primeiro solemnemente acclamado a El Rey em Evora) de Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello; e a cavallo, de alguns criados de sua casa. Sem mais tropas que o seguirsem partio El Rey para Lisboa a tomar posse de hum Reino, que os Reys de Castella, formidaveis a todo o mundo, senhoreáraõ sessenta annos, e haviaõ de pretender restaurar como a pedra de maior valor da sua Coroa: porém ja esta resoluçao era penhor das felicidades que depois conseguiu. As Villas de Montemór, e Arrayollos, por onde El Rey passou, e os mais lugares da Província de Alemtejo a que fez avizo, antes que sahisse de Villa Viçosa, o acclamáraõ com as demonstraçoes mais alegres que lhes foy possivel. A quarta feira chegou El Rey a Aldea Gallega, onde achou que o esperavaõ muitos Fidalgos, e outras pessoas Ecclesiasticas, e Seculares: recebeo a todos tão benignamente, que na primeira acção conseguiu entregar em lhe nos corações as liberdades, e as fazendas. Na manhã de quinta feira se embarcou, e ás nove horas chegou a Ponte da casa da India. Estavaõ no Paço os Governadores, e como não esperavaõ El Rey tão brevemente, tanto que se espalhou a nova de que era chegado correo ao Paço, e ao Terreiro tanta gente, e foy de forte o alvoroço, e as vozes alegres do Povo que por instantes lhe era necessario chegar El Rey ás janellas; porque a sede de seos Vassallos não satisfazia vendo o repetidas vezes. Naquelle tarde beijaraõ a maõ a El Rey todos os Tribunaes, e accrecre-

tou

tou a alegria levantar por seis mezes o Auditor da Legacia o Interdicto, que o Colleitor havia deixado, porém com este occulto privilegio. Multiplicou-se o contentamento com os avizos de todas as Cidades, Villas, e Lugares do Reino, que confirmavaõ naõ haver parte alguma, que fém mais especulaçao, que a do alvoroço, naõ fizesse ostentaçao da sua fidelidade, ( sucesso raras vezes acontecido no mundo ) havendo só em Alemtejo alguns Lugares, que tiveraõ anticipada noticia do que se tratava, e sendo tantos os das outras Provincias, que confinavaõ com varios Lugares da Monarquia de Castella. Mas como Deos havia disposto a separaçao destes douos Reinos, decretou, que anoitecendo o ultimo de Novembro, unidos com o dominio de Castella, parentes com o trato, amigos com o cõmercio, enlaçados com os interesles, a manhã do primeiro de Dezembro, o mesmo golpe, que cortou a vida a Miguel de Vasconcellos, universalmente sacodisse o dominio, desataffe o parentesco, quebrasse a amizade, desunisse os interesles; que a primeira voz, que acclamasse El Rey D. Joaõ em Lisboa, soasse em todo o Reino, voasse a todas as Conquistas, e como se os instrumentos estivessem accordados fizesse em todos os animos Portuguezes a mesma consonancia; grande havia de ser a incredulidade para se naõ conjecturar da felicidade do principio desta empreza a fortuna do remate della. Santarem foy o primeiro Lugar, que acclamou El Rey sem receber carta de Lisboa. Em Coimbra recebendo-a, forao excessivas as demonstraçoes. O Porto duvidou, mas reduziõ-se em breves horas. O Castello de Viana, guarnecido de Infantaria de Castella, se poz em defensa, atacaraõ-o, e renderaõ-o galhardamente os moradores, ajudados de alguma gente de Braga, Guimaraes, e outros Lugares. Em Setubal o Castello de S. Filipe, e a torre de Outaõ resistiraõ oito dias, passados elles, se entregáraõ. O Reino do Algarve, que governava Henrique Correia da Silva, obrando grandes finezas a sua diligencia, se desunio de exenp'lo o Reino de Castella; e finalmente todos os Lugares, que eraõ de mar- cações antigas, e separaçao dos Reinos, acclamáro o novo Rey. Para coroar a obra, e El Rey se Coroar sem cuidado

Anno  
1640.  
Levantase o  
Interdicto.

Daõ obediencia  
a El Rey todas  
as Provincias.

Renderse o Ca-  
sello de Viana.  
Os de Setubal  
depois de alguma  
resistencia.

Segue o mesmo  
exenp'lo o Rei-  
no do Algarve.

## 118 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno

1640.

Sítio de S. Giaõ.

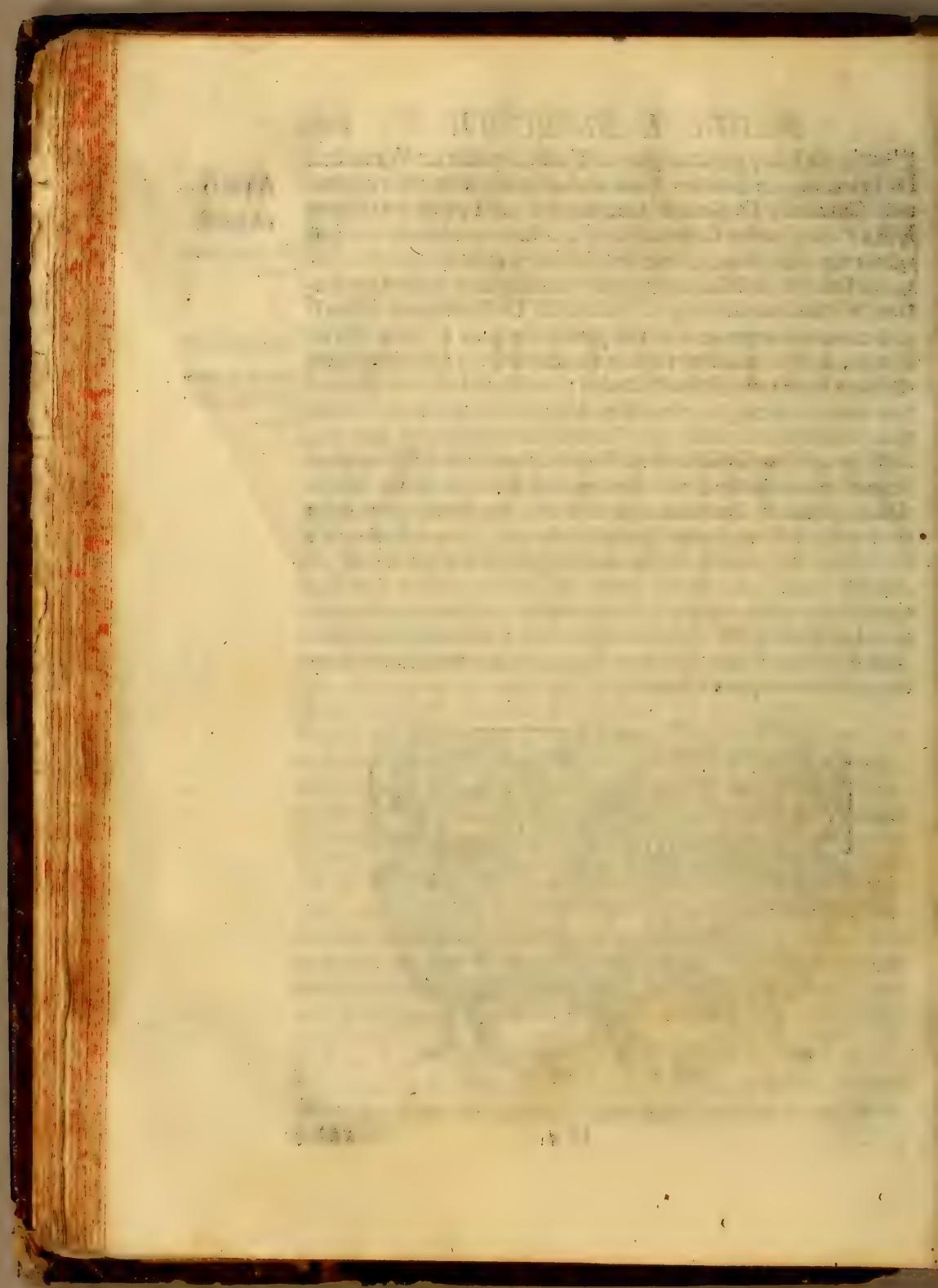
dado algum, faltava só para render a Fortaleza de S. Giaõ huma das mais excellentes de Europa, assim pela fortificação por ser quasi inexpugnável, como pelo sitio, por dominar todos os navios, que entraõ pela barra de Lisboa. Tanto que deraõ lugar as muitas dificuldades, que milagrosamente se venceraõ, mandou El Rey a D. Francisco de Sousa, que juntando á gente, de que estava feito Mestre de Campo, o numero maior dos soldados da Orde nança, que lhe fosse possivel, marchasse a atacar a Fortaleza de S. Giaõ: he pouco o sitio, que elle dá á terra para a expugnação, porém este tem hum monte taõ vizinho, que fica padraõ á Fortaleza. Levantou-se nelle hum reduto, e começaraõ a jogar quatro meios canhões com pouco effeito, e deo principio com menos sciencia hum infructuoso aproche Governava a Fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo despachou avizo por hũ a Caravela ao Duque de Maqueda, General da Armada d'El Rey Catholico, pedindo-lhe socorro, de que pouco necessitara em muitos mezes, se quizera defender-se, tendo na Fortaleza mantimentos, e munições em grande quantidade, e seiscentos soldados, bastante presidio para a pouca terra, que defendiaõ, e para resistir á insufficiencia dos expugnadores. Estava prezo na Fortaleza, por ordem d'el Rey Catholico, D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre; havia passado ao Brasil no anno antecedente com a poderosa Armada, a que se unio a de Castella, com o fim de restaurar Parnambuco, como ja referimos. Chegando o Conde a Lisboa o prenderaõ, e antes de ser sentenceado lhe tiraraõ o Titulo, e todas as mercês, que lhe haviaõ feito quando se embarcou. Vendo pois aberto o caminho de conseguir, com a liberdade do Reino, a sua liberdade, e a importancia daquelle Fortaleza, se resolveo a propor ao Tenente os grandes interesses, que lhe podiaõ resultar querendo entregallá, oferecendo-se lhe taõ boa occasião, como naõ haver outro Lugar no Reino, que naõ estivesse rendido. Ouvio o Tenente a pratica com bom rosto, fomentou-a o Conde, ajustaraõ a recompensa, e celebrou-se a entrega da Fortaleza a doze de Dezembro depois de se dispararem por concerto, e sem dâno, algúas peças de artilharia

tilharia de húa, e outra parte. Tomou posse da Fortaleza D. Francisco de Souta : (dous dias antes se havia rendido a de Cascaes a D. Gaſtaõ Coutinho) ao Tenente fatisfez El Rey com huma Cõmenda, e outras mercês a resoluçāõ que tomou mais util, que briota. Do avizo que havia feito ao Duque de Maqueda resultou despedir logo tres Sétias, e hum barco longo á ordem de D. Sabiniano Manrique com Infantaria, e munições. Chegou á barra dia de Natal, e saltou em terra sem se acautelar, acompanhado de hum Capitaõ, e dez soldados; foraõ vistos, e logo prezoz, as embarcaçōes reconhecendo esta diligraça se retiraraõ. O mesmo succeso teve o batel de hum avizo, que veio seguindo as Sétias com maior soccorro; o Capitaõ delle mais acautelado, mandou reconhecer por nove Soldados a quem a Fortaleza obedecia; perguntaraõ elles do batel, responderaõ lhe da Fortaleza, que a El Rey de Castella; enganados desta confiança saltaraõ em terra, ficáraõ prezoz, e o navio livre de algumas ballas que lhe tiráraõ se voltou para Cádis. Outro de Canarias entrou pela barra obrigado de hum temporal, trazia algumas pessoas principaes com suas familias, a todos mandou El Rey dar passaporte para Castella.

Anno

1640.

Entrega-se São  
Giaõ.Prizaõ de Dom  
Sabiniano Ma-  
rique.





Anno  
1640.

# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO III.

## SUMMARIO.



URAÓ a El Rey os Tres Estados do Reino. Solemnidade do Juramento. Eleiçāo de Officiaes da Casa, e Ministros para o Governo. Entrāo em Lisboa a Rainha, Príncipe, e Infantes. Chegaõ á Corte os Fidalgos divididos por todo o Reino. Chama El Rey a Cortes, onde foy jurado, e o Príncipe D. Theodosio por Herdeiro, e Successor deste Reino. Levanta os tributos postos por Castella. Ajustaõ-se em Cortes os meios para a defensa do Reino. Passaõ-se alguns Fidalgos para Castella. Altera-se o Povo, que El Rey socega com prudencia. Acclama-se El Rey na Ilha da Madeira.

Anno  
1640.

122. PORTUGAL RESTAURADO,  
deira. Seguem as mais este exemplo. Defendem-se os  
Castelhanos no Castello da Ilha Terceira: fuião-o os  
moradores, e entrega-se. Chega a nova da Acclama-  
çao d'El Rey ás Praças de Africa: obedece-lhe Ma-  
zagaõ, e o Reino de Angola. Duvida Tangere; e Ceu-  
ta nega a obediencia. He acclamado em todas as Pra-  
ças da América, e em todo o Dominio da Ásia. Bre-  
ve relaçao do Estado da Índia. Disposições do Gover-  
no d'El Rey. Manda Embaixadores aos Príncipes da  
Europa. Noticia dos acontecimentos de todos. Nobre  
empreza do Conde de Castel-Melhor em Cartagena.  
Successos do Infante D. Duarte, sua prizaõ, e morte.

*Firma do jura-  
mento d'El Rey.*

*Ofícios da Casa  
Real.*

**E**M quanto se acabavaõ de vencer tantas diffi-  
cultades, sendo as diligencias mais poderosas que  
as contrádicções, preparava Lisboa a solemni-  
dade de Coroar El Rey, e dar-lhe em nome de to-  
do o Reino juramento de obediencia, e fidelida-  
de. Disposto tudo o que era necessario para se celebrar es-  
te acto, se levantou a quinze de Dezembro no Terreiro  
do Paço hum theatro, que igualava com as varandas do  
mesmo Paço, adornado magnificamente. Baixou El Rey a  
elle com todas as insignias Reaes, acompanhado da Nobreza,  
e pessoas principaes da Corte na forma dos Reys de  
Portugal. Vinhaõ exercitando os officios da Casa Real to-  
dos aquelles que por privilegios antigos tinhaõ occupa-  
çao nella, conciliando El Rey os animos de seos Vasallos  
na observaçao da justiça que guardava áquelle, em  
que primeiro se exercitava o seu poder. Era Mordomo  
mór D. Manrique da Silva Marquez de Gouvea, Came-  
reiro mór Joaõ Rodrigues de Sá Conde de Penaguião, Es-  
tríbeiro mór Luiz de Miranda Henriques, e Veador D.  
Pedro Mascarenhas filho mais velho do Marquez de Mon-  
talvaõ. Servia de Meirinho mór D. Joaõ de Castello-branco  
por seu irmão, que havia ficado em Madrid, de Guarda  
mór Pedro de Mendoç, de Alferes mór Fernão Telles  
de Menezes. Vinha o Marquez de Ferreira com o esto-  
que

Anno  
1640.

que desembainhado exercitando o officio de Condestavel. Elegeo El Rey por Secretario de Estado Francisco de Lu-  
cena, merecida occupaçao da sua grande capacidade. Sahio El Rey vestido de risco pardo bordado de ouro com botões, e cadea de diamantes, trazia ópa de tela branca semeada de ramos de ouro, sustentava-lhe a falda, que largamente se extendia, o Camerciro mór. Sentou-se debaixo de hum docel em lugar alto adornado das insignias Reaes, e depois de tomarem os que lhe assistiaõ os lugares que lhe tocavaõ, fez huma Oraçaõ muito eloquente o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ Desembargador dos Aggra-  
vos. Mostrou nella com prudentes razões a justica com que os Tres Estados do Reino restituiaõ a El Rey, que esta-  
va presente, a Coroa, usurpada á Duqueza D. Catharina sua Avó por Filipe II Rey de Castella; fez presente a El Rey a vontade com que os Povos offereciaõ, pelo de-  
fender, e perpetuar na Coroa, as vidas, e as fazendas; e aos Povos a resoluçao com que El Rey determinava ex-  
por-se aos maiores perigos pela conservaçao da sua libe-  
rerdade. Acabada a Oraçaõ, se seguiu o juramento a que deo principio Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha. Foy El Rey Dom Joaõ jurado por legitimo succeslor dos Reinos, e Senhorios de Portugal para si, e seos descendentes, e prometteo a seos Vasallos de lhes guardar to-  
das as isenções, e franquezas que lhes forao concedidas pelos Reys seos antecessores. Rematouse o acto defen-  
jando o Alferes mór a bandeira, e dizendo tres vezes: Real por El Rey D. Joaõ quarto, Rey de Portugal: a que com repetidos vivas respondeo todo o Povo. Feita esta ultima ceremonia, desceo El Rey ao Terreiro, montou a cavallo debaixo de hum Palio, acompanhado a pé de toda a Nobreza descoberta, levando-o de redea D. Pedro Fernandes de Castro, em ausencia do Conde de Monsanto Alcaide mór de Lisboa. Na Praça do Pelourinho estava hum thea-  
tro muito bem adereçado: parou El Rey diante delle, e ouvio húa Oraçaõ ao Doutor Francisco Rebello Homem Vereador da Camera, que continha o alvoroço do Povo, e a resoluçao de defender em preza taõ gloriofa. Acabada a Oraçaõ, lhe entregou as chaves da Cidade o Conde de

Canta-

Oraçaõ do Doutor Francisco de Andrade Leitaõ

Oraçaõ de Fra-  
ncisco Rebello Ho-  
mem Vereador  
da Camera,

Anno  
1640.

Elege Ministros.

Chega a Rainha  
a Aldea Galega

Entrá em Lis-  
boa, e formale-  
lhe a Cisa.

## 124 PORTUGAL RESTAURADO,

Cantanhede Presidente do Senado. Continuou ElRey o caminho á Igreja Cathedral da Sé, onde se apeou a dar graças a Deos. Cantáraõ os Musicos o *Te Deum laudamus* entre vivas, e lagrimas alegres de todo o concurso. Voltou ElRey ao Paço com repetido aplauso, e alegria de toda a Corte, desprezando todos os perigos, que ameaçavaõ o Reino, e a consideraõ da offensia feita a hum Key vizinho, e poderoso. ElRey naõ dilatou, como era necessario, nomear Ministros para o Governo, que logo continuou com a vigilancia, e attenção, que pediaõ os muitos accidentes, que por horas sobrevinhaõ, e as grandes prevenções de que estava pendendo o empenho, em que se achava. Nomeou para o detpacho de todos os dias ao Arcebispo de Lisboa, e ao Vilconde D. Lourenço de Lima; dentro de poucos dias ao Marquez de Ferreira; passado mais tempo ao Marquez de Gouvea. Além destes para o Conselho de Estado ao Arcebispo de Braga, ao Inquisidor Geral, ao Marquez de Villa-Real, que ja por Castella tinhaõ este exercicio, ao Conde do Vimioso, a seu irmão Dom Miguel de Portugal Bispo de Lamego, e ao Marquez de Ferreira. O Conselho de Guerra, Presidencias, e mais occupações da Corte, repartio ElRey pelas pesloas de maior mericimento. Os Governos das Armas, e mais Postos Militares entregou aos sogeitos, de que adiante daremos noticia, quando dermos principio aos successos da guerra. Dia de Natal pela manhã passou ElRey a Aldea-Galega (Villa que com tres leguas de distancia divide de Lisboa o Tejo, opulento com as aguas do Oceano com que se communica) a esperar a Serenissima Rainha Dona Luiza de Gusmaõ sua mulher, que para maior alegria dos Portuguezes trazia consigo seu filho mais velho o Principe D. Theodosio; e as Infantas Dona Joana, e Dona Catharina. Acompanhava a Rainha o Marquez de Ferreira, que havia partido a buscalla, Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueira, e Dom Francilco Coutinho Conde do Rodondo. Elegeo a Rainha por sua Camereira mór a Marqueza de Ferreira; nomeou ElRey por seu Mordomo mór a D. Sancho de Noronha Conde de Ode-mira, deo-lhe para Estríbeiro mór a D. Luiz de Noronha, e a

e a Pedro da Cunha, que era seu Tenente, fez seu Veador. Entrou a Rainha em Lisboa com universal contentamento: nomeou logo por Aya do Príncipe, e Infantas a D. Marianna de Alancastre, viúva de Luiz da Silva; ornou o Palacio das mais qualificadas, e formosas Damas da Corte, e dos Mininos mais illustres, primeira desconfiança dos Castelhanos, discursando prudentemente, que os altivos animos dos Fidalgos de Portugal não entregavaõ os filhos a servir, senão a hum Rey, a quem determinavaõ defender.

No tempo, que El Rey se acclamou assistiaõ varios Fidalgos retirados da Corte em Lugares diferentes, molestados do governo de Castella, e todos com tuma diligencia concorreu a celebrar a nova liberdade. Era hum delles D. Fernando de Menezes, irmão mais velho de D. Luiz de Menezes, Author desta historia: havia passado a Madrid, e trocando pelo exercicio militar o requerimento do Título de Conde, que lhe estava concedido, se resolvo a acompanhar o Marquez de Lagañes, que passou naquelle anno a Italia, achando-se douz annos continuos nas occasiões mais importantes daquelle exercito, se retirou a sua casa, obrigado de huma grande enfermidade, sem El Rey D. Filipe lhe deferir ao requerimento, nem lhe satisfazer as finezas executadas em seu serviço. Chegou-lhe ao Louriçal (Lugar, que dista seis leguas de Coimbra, no qual assistia) a nova da acclamação d'el Rey: no mesmo dia partio para Lisboa, acompanhando o seu irmão D. Diogo de Menezes, que foy dos primeiros soldados, que valerosamente se oppozeraõ em Alemtejo á invasão dos Castelhanos, e dos primeiros Vassallos da sua esfera, que gloriosamente deraõ a vida pela liberdade da sua Patria. Chegaraõ brevemente á Corte, onde El Rey os recebeo com a affabilidade herdada na Coroa; pois forão sempre os Reys de Portugal igualmente Senhores, e Pays de seus Vassallos: politica de que lhes resultou alargarem tanto os Ramos da Planta Portugueza, que recolherão enxertados mais preciosos fructos, que aquelles de que tiraraõ o primeiro alimento. Seguiu a D. Fernando de Menezes toda a sua familia, e poucos dias depois de

Anno

1640

*Concorrem os  
Fidalgos de fôr-  
ra a dar obedi-  
encia a El Rey.*

Anno  
1640.

## 126 PORTUGAL RESTAURADO;

haver chegado á Corte, offereceo D. Luiz de Menezes seu irmão ao serviço do Príncipe D. Theodosio, tendo a mesma idade, que sua Alteza, que eraõ sete annos. Foy esta a sua primeira, e maior fortuna, criando-se com a doutrina deste excellente Príncipe, a que assistio oito annos continuos, alcançando sem diferença o maior favor seu, para que padecesse eterna saudade da sua gloriosa vida na sua intempestiva, e lamentavel morte. Mostrava o Príncipe nas primeiras inclinaçõens o seguro alicerse, em que se fundáraõ as esclarecidas virtudes, que depois resplandeceraõ no seu animo. Era seu Mestre D. Pedro Pueros, Irlandez de naçao, virtuoso nos costumes, pratico nas sciencias. Dava o Príncipe liçao de Latim, a que D. Luiz assistia, para que a curiosidade se incitasse com a competencia: depois desta liçao tinha o Príncipe hora dedicada para ouvir ler a historia (hum dos mais uteis exercicios, que merecem levar o tempo) porque na historia se encontrã virtudes para imitar, vicios de que se deve fugir, exemplos que provocaõ o valor, fortunas que incitaõ o animo, disgracas que moderaõ o espirito. Cultiva de forte o ingenho, que he na tenta idade flor, nos maduros annos fructos; e ultimamente sem controversia he o melhor emprego de todas as potencias da Alma, occupa mais utilmente a memoria, engrandece mais nobremente o entendimento, sujeita mais virtuosamente a vontade. O divertimento, que o Príncipe buscava para o trabalho destes nobres exercicios era aprender a pintar, e a fabricar hum roloio, sendo grande crédito da sua virtude valerse de tão insignes artes para desafogo das melhores liçõens, e veio a conseguir, formando-o a natureza tão perfeito, achar nelle disposiçõens para ter cumes a arte. Nas ultimas horas do dia formando dos mininos, que lhe assistiaõ, huma Companhia, de que era Capitaõ, bebia suavemente a disciplina militar, e no manejo das armas hia fortalecendo o corpo: e porque aquelle, que naceo para pastear o mundo, pouco importa que seja delicado; quem o ha de sustentar sobre os hombros convem; que os crie robustos. Estas primeiras disposições conseguiraõ pelo tempo adiante, que o Príncipe nos breves annos de sua vida vies-

se

## PARTE I. LIVRO III.

127

se a naõ largar a penna da maõ que sustentava a espada, uniaõ taõ util, como ensina a setta, com a penna voa o ferro que ha de ferir. Nestes, e outros similhantes exercicios cultivava os primeiros annos, servindo lhe de verdadeira doutrina os varios casos que via na Corte, e sucessos que ouvia da guerra, aprendendo igualmente na practica, e na theorica.

Chegou a Madrid a nova de ser acclamado o Duque de Bragança Rey de Portugal a sete de Dezenbro, despedio o avizo o Corregedor de Badajoz, mas como foy com as primeiras noticias, e o caso era taõ singular, hia taõ confuso que naõ dava lugar a alguma resoluçao: servio só de despacharem correios a varias partes para se anticiparem algumas prevençoens, e de se avizar ao Imperador de Alemanha, pedindo lhe mandasle ter cuidado na pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares receando o perigo, que lhe occasionava taõ grande golpe, despedio hum confidente com ordem que averiguasse em Lisboa a verdade do succeso; tanto que chegou foy logo preio, e declarando a causa da sua jornada, o foltáraõ sem castigo. Fez maior a confusaõ da Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró, que havendo partido de Lisboa os ultimos dias de Novembro, naõ dava noticia da acclamaçao. O primeiro que tirou a duvida foy hum Castelhano criado d'El Rey D. Joaõ que o servia em Villa-Viçosa, o qual se passou para Castella a dar noticia de tudo o que havia acontecido. Tanto que se rompeo em Madrid esta certeza, os Fidalgos Portuguezes que se achavaõ naquella Corte se forao offerecer a El Rey para a Conquista de Portugal, os mais delles com o coraçao na defensa da sua Patria, como, passado pouco tempo, justificáraõ, e contando os que assistiaõ em Madrid, e os que andavaõ repartidos em varias partes servindo El Rey de Castella, eraõ oitenta os que se achavaõ fóra deste Reino, entrando nelles alguns Ecclesiasticos, grande numero para faltar em Reino taõ pequeno. A historia hirá dando noticia a seu tempo dos nomes de todos. Repartio El Rey D. Philippe os juros que vagáraõ das pessoas que ficáraõ em Portugal por muitos destes Fidalgos, naõ passando cada mez

Anno  
1640,

Chega a Ma-  
drid a nova da  
acclamaçao.

Offerecem-se os  
Fidalgos que es-  
tavão em Ma-  
drid a El Rey  
de Castella.

123 PORTUGAL RESTAURADO ;

Anno

1640.

*Discursos sobre  
a Conquista de  
Portugal.*

mez o maior dispendio de tres mil reales. Foraõ varios os juizos que se fizeraõ em Madrid sobre o remedio que se havia de applicar a materia taõ importante : os de melhor discurso eraõ de parecer que o exercito de Catalunha ( iusto castigo daquelle Provincia , e motivo principal da solução que os Portuguezes tomaraõ ) passasse logo a Badejoz , porque sem duvida lograria no primeiro impulso a Conquista de Portugal , que passado mais tempo seria difficulta empresa. Cegou Deos o Conde Duque desordenadamente apaixonado contra os Catalaens pelas razoens referidas , e resolveo que se continuasem os progressos de Catalunha ; e em verdade que julgada esta materia pelos meios humanos , parece que fora muito difficultosa a defensa de Portugal , faltando nelle quasi totalmente soldados , disciplina , cavallos , armas , e dinheiro ; mas como todas as disposições eraõ encaminhadas pelo Autor das acções humanas , para desempenho da palavra dada a ElRey D. Affonso Henriques no Campo de Ourique , era preciso que os absurdos dos Castelhanos despuzessem os nossos acertos. Adiante daremos noticia dos Cabos , e das tropas que distribuiraõ pelas fronteiras de Portugal.

Anno

1641.

*Chama ElRey  
D. João a Cor-  
tes.*

*He jurado El-  
Rey, e o Princi-  
pe.*

*Oraçaõ de D.  
Manoel da Cu-  
nha Bispo de  
Elvas.*

Entrou o Anno de 1641. e chamou ElRey Cortes para vinte e oito de Janeiro , concorreraõ todos os Procuradores das Cidades , e Villas deste Reino que tem voto nelhas. Celebrou-se o Acto na sala dos Tudeicos com as ceremonias costumadas. Juraraõ os Tres Estados a ElRey por legitimo Senhor destes Reinos , e por Príncipe , e sucessor seu ao Príncipe D. Theodosio que estava assentado debaixo do docel junto a seu pay. Orou discretamente Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas , encareceo na Oraçaõ a ElRey o amor dos Povos , pois voluntariamente dedicavaõ a seu serviço , e defensa as vidas , e as fazendas : mostrou aos Povos a resolução , com que ElRey se esquecia de todos os perigos só por attender á sua conservação , e liberdade , e chegando com elles ao ultimo extremo entregava á suá confiança o Serenissimo Príncipe D. Theodosio seu filho mais velho , e nelle melhor Trajauo , sucessor do melhor Nerva. Com estas , e outras elo- quentes

quentes razões deo fim á Oraçaõ. Depois de acabada se continuou o Juramento, observando-se os estylos antigos, e o ultimo que jurou deo fim ás ceremonias daquelle dia. No seguinte voltou El Rey sem o Principe seu filho ao mesmo lugar com igual apparato ao dia antecedente. Fez o Bispo D. Manoel da Cunha segunda pratica, e primeira propoçāo de Cortes. Suavizou os corações dos Povos publicando por ordem d'El Rey, que havia por levantados todos os tributos impostos por El Rey de Castella, prudente resoluçāo para enlaçar em maiores empenhos os animos generoſos dos Portuguezes. Exhortou o Bispo a união, e desinteresse particular, achando proprio exemplo em o navegante, o qual se por attender ás suas conveniencias se desculda do governo do navio, perigaõ na sua deftentaõ naó só a propria vida, e o proprio cabedal, mas as vidas, e os cabedaes de todos os paslgeiros. Deixou da parte d'El Rey á eleiçāo dos tres Estados do Reino os meios mais proporcionados para a sua defensa, offerecendo para o dispendio da guerra todo quanto dinheiro lhe so bejasse de huma pequena porçaõ, que exceptuava para o sustento da Cafa Real, e todas as joias, e prata lavrada, que havia nella, e na de Bragança. Acabida esta Oraçaõ, respondeo a ella da parte dos Povos o Doutor Francilco Rebello Homem Vereador da Camera. Continha a respo ſta dar as graças a El Rey de anticipar aos Povos a mercé de lhes levantar os tributos, e offerecer da parte dos Povos em recompensa deste beneficio as vidas, e as fazendas de todos para defensa, e tegurança do Reino. Acabado o acto das Cortes, ordenou El Rey que em tres Conventos se juntassem divididos os Tres Estados. Em S. Domingos o Ecclesiastico: a Nobreza em Santo E oy: em S. Francisco os Procuradores dos Povos. Despois de algūas conferencias, que de hūa parte a outra se cōmunicavaõ, manejando os trinta da Nobreza, que tempre se costumaõ eleger, facilmente todas as materias, naó havendo animo algum, que naó se achasle disposto a obrar as maiores finezas. Ajustáraõ que para guarnecer as Fronteiras se levassem vinte mil Infantes e quatro mil Cavallos; e feito o cōmputo da dispeza, que podia fazer este Exercito, se

Tom. I.

I

achou,

Anno  
1641.

primeira proposi-  
ta em que le le-  
vantao os tri-  
butos.

Resposta do Douto-  
tor Francisco Re-  
bello Homem.

Resoluçāo das  
Cortes para a  
defensa do Reino

Anno  
1641.

## 130 PORTUGAL RESTAURADO ;

achou, que bastaria para o sustentar hum milhaõ e oito centos mil cruzados : porém, apurada a conta, e conhecendo-se que a despesa era desigual à receita, concordáraõ, depois de passado algum tempo, em dar a El Rey dous milhões. Para satisfaçao deste cômputo dedicáraõ as decimas de todas as fazendas, não se exceptuando genero algum de pessoa, que deixasse de contribuir a dez por cento, de qualquer qualidade de fazenda de que fosse senhor, exceptuando-se os Ecclesiasticos, que voluntariamente offerecerão das suas rendas hum certo cômputo em cada Bispaõ, confórme o rendimento delle. Os seculares que occupavaõ officios, tinhaõ trato, ou logravaõ algua mercé : pagavaõ os que tinhaõ officios confórme o que elles rendiaõ, aos que tratavaõ se orçavaõ os generos ; das mercês se tirava nas Chancellarias de cinco hum, metade para pagamentos das folhas, o que restava applicado para as despezas da guerra. Os Vereadores da Camera de Lisboa acrecentaraõ tres reis a dous que pagava cada arratel de carne : ao vinho quatro, de tres que contribuia ; que sendo a Cidade tão populosa, e tão abundante, fazia grande fôma. Estes forao os tributos em que os Povos voluntariamente se conformáraõ. Acrecentaraõ-se despois que a guerra fez maiores despezas : monstro tão formidavel, que nem do alimento se contenta, nem do sangue se enfastia, sendo os que mais favorece os primeiros que sacrificia. Despedio El Rey as Cortes, dando-se por satisfeito da contribuição dos Povos, e os seos Procuradores partiraõ com variadas mercês contentes, e obrigados á grandeza d'El Rey. Foi instituída a Junta dos Tres Estados apontando-se Ministros de cada hum delles para a distribuição dos tributos, de que resultou a El Rey, e ao Reino grande utilidade.

Sem contradicção nem azar da fortuna tinha El Rey Dom Joaõ lançado as primeiras pedras no edificio de que era Senhor, e havia sido Arquitecto : porém como até o mesmo Filho de Deos não achou doze homens, que com só hum coração o servissem, e sem variedade nos afectos lhe obedecessem, experimentou El Rey a primeira molestia na resolução que cegamente tomaraõ alguns Fidalgos daquelles mesmos ; que com o laço do juramento ha-

Despedem-se as  
Cortes.

Institui-se a Ju-  
ta dos Tres Esta-  
dos.

viaõ.

viaõ atado a sua fidelidade, e com a quebra do juramento destruiraõ a sua opiniao, naturalizada por tantos alcendentes, que esclarecendo a gloria passada com o seu desacerto, naõ só se prejudicaraõ a si proprios, mas deixaraõ aberto o caminho a outros, que trocaraõ os triunfos em espetáculos. He verdade que a empreza começada tinha as esperanças longe, e os perigos perto: porém se os que desmaiaavaõ tomaraõ por espeelho o sangue Portuguez, de que se revestiaõ, desprezaraõ as dificuldades, tendo por natureza arrojarem-se a impossíveis: mas parece que obrou nelles a desconfiança de naõ entrarem na acclamaçao, (defeito que tem prejudicado muito ás generosas acções Portuguezas) Sirvalhes de desculpa o que em outros foy vicio; e entenda-se que esta foy a cauta de se passarem a Castella, para nos excuzarmos de referir os absurdos de que foy mappa o seu desacerto. Foraõ os que tomaraõ esta infeliz resoluçao Dom Duarte de Menezes Conde de Tarouca, seos filhos Dom Luiz de Menezes, e D. Este, vaõ de Menezes, sendo este de tenra idade, e que depois passando-se a Portugal mostrou generosamente, que só a falta do discurso pelos poucos annos que tinha o obrigara a deixar a sua Patria: D. Joaõ Soares de Alarcão Alcaide mór de Torres Vedras, Mestre Sala d'El-Rey: Dom Pedro Mascarenhas seu Vedor, e D. Jeronymo Mascarenhas Deputado entaõ da Mela da Consciencia, em quem durou o odio ainda depois que conseguimos a paz, e viveo tão arraigado no seu peito contra a propria Patria, que os mesmos Castelhanos que lhe pagaraõ com grandes lugares as finezas, que havia feito, abominavaõ e desprezavaõ a sua contumacia: eraõ os dous filhos do Marquez de Montalvão, que assistia por Vice-Rey do Brasil, os outros que se passaraõ para Castella com elas, foraõ D. Lopo da Cunha, e seu filho D. Pedro Luiz da Silva filho de Lourenço da Silva, que por cego naõ exercitava a occupaçao de Regedor da Justiça, para o que seu filho esperava idade. Cömunicaraõ estes Fidalgos entre si o intento infeliz que haviaõ abraçado, sendo Frey Manoel de Macedo Religioso de S. Domingos incentivo da sua determinaçao, e medianeiro do seu designio. Para

Anno  
1641.

*Passaõ-se a Castella alguns Fidalgos.*

### 132 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

facilitallo se lhe offereceo occasião opportuna : porque E'Rey naõ derogando mercê alguma feita por Castella , mandou a D.Joaõ Soares , que fosse a governar Ceuta , ao Conde de Tarouca Tangere , Lugares para que estavaõ nomeados antes d'E'Rey se acclamar. Tomou E'Rey es- ta determinaçao sem ponderar a incerteza desta diligen- cia , naõ constando até aquelle tempo o partido que aquelas Praças determinavaõ seguir. Havendo recebido os dous Capitães de Ceuta , e Tangere as ordens necessarias , aju- staraõ com os mais referidos , que depois de estarem em- barcados , ao tempo de dar á vela se metessem em hum bargantim , que se havia tomado aos Castelhanos , e que E'Rey tinha dado ao Conde de Tarouca por lho haver pedido para o ter em Tangere , e se introduzissem em hum de dous navios , que levavaõ. Ministrou hum acci- dente este concerto ; porque achando-se D. Lopo da Cu- nha com o Conde dos Arcos em huma pendencia que teve com hum Corregedor do Crime , depois de prezo o Con- de , se retirou D. Lopo ao Convento de Belem , onde se juntáraõ os mais concertados na jornada , tomindo o pre- texto de lhe assistirem no homizío.

A sete de Fevereiro ; que era o dia destinado para a execuçao , se embarcaraõ o Conde de Tarouca , e D.Joaõ Soares com suas familias em hum navio Amburquez , os mais no bargantim , com tençao de se introduzirem fóra da barra no navio em que hiaõ os dous referidos , ou em ou- tro que levava comsigo ; despois de todos embarcados lhes faltou o vento antes de sahirem de S. Giaõ. Vendo- se neste aperto avizou o Conde de Tarouca aos do bargan- tim , que o esperassem , para que juntos corressem a mes- ma fortuna : deraõ elles varias , e frivolas excusas , e re- ceando o danno , que tinhaõ por infallivel , sahiraõ no bargantim , que necessitava de menos vento , que os navios , e deixando ao Conde , e a D. Joaõ Soares em taõ perigosa contingencia , receando menos as ondas , que a justiça , na- vegáraõ com vento profspero , que os levou seguros a Aya- meiros a Aya- Monte. Os dous navios crescendo o vento sahiraõ da bar- ra , e o Conde , e D. Joaõ Soares chegando á vista de Cádis , tomindo o pretexto de examinar a Armada de Castella , quize-

*Chegão os pri-  
meiros a Aya-  
Monte.*

quizeraõ entrar naquelle porto. O Mestre Amburguez naõ quiz obedecer-lhes respondendo, que naõ era aquela a sua derrota, e continuou a viagem: encontrando este accidente, foy precizo a estes Fidalgos descobrirem aos feos criados a sua determinaçao, para que unidos obrigassem ao Amburguez a surgir em Gibraltar, porto da Coroa de Castella, que lhes ficava mais vizinho: assim se executou, e cedendo o Amburguez á força que lhe fizeraõ entrou em Gibraltar, onde ialtáraõ em terra. O Amburguez tanto que se vio livre do perigo deo á vela para Lisboa, trazendo consigo alguns Portuguezes, e parte do fato do Conde, e de D. Joao Soares; o outro navio naõ sendo admittido em Tangere, voltou tambem para Lisboa. Juntaraõ-se em Sevilha, para onde partiraõ o Conde de Tarouca, e D. Joao Soares com outros Fidalgos: passaraõ a Madrid, onde forao recebidos com todas aquellas demonstraçoes que pedia a resoluçao, que tomaraõ em offensa da Coroa de Portugal, e beneficio do partido de Castella. De presla acharaõ o castigo no desengano; porque julgando a poucos lances a Portugal rendido, examinaraõ nas debeis forças de Castella, que seria muito difficultosa a restituçao das suas casas, de que nunca tiveraõ recompensa. Logo que estes Fidalgos se passaraõ para Castella constou a El Rey, que Frey Manoel de Macedo fora medianeiro da cega determinaçao, que tomaraõ; mandou prendello, e depois de alguns annos o embarcaraõ para a India, e acabou a vida em Angola arrependido da sua temeridade. Tanto que se divulgou pelo Povo de Lisboa o successo referido, levado do fervor a que se incita sem discurso este monstro cego, costumando a encarecer com desconcertos os feos affeçtos, unido no Terreiro do Paço, e nas mais ruas da Cidade, determinou castigar nos Fidalgos, que ficaraõ, o delicto dos que fugiraõ, naõ se lembrando de que poucos dias antes haviaõ sido Authores da fortuna, que celebravaõ, e da liberdade que defendiaõ. Atalhou El Rey este pr meiro impulso chegando à janella, e mandando a Martim Affonso de Mello, que dissesse da sua parte ao Povo, que nenhum delinquente ficaria sem castigo. Dividio-se com esta segurança, e amanhecerao

Tom. I.

I 3

papeis

Anno

1641.

Entraõ os seguidos em Gibraltar,

Chegaõ todos à Madrid,

Prizaõ de Frey  
Manoel de Ma-  
cedo.Altera-se o Po-  
vo de Lisboa;

## 134 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Diligências com  
que se aplacou  
esta alteração.*

*Prizão da Mar-  
queza de Mon-  
salvão.*

*Passão-se a Ca-  
stella D. Fráci-  
co de Menezes, e  
Pedro Gomes de  
Abreu.*

papeis nas portas da Cidade, nos quaes punhaõ preceito a todos os Fidalgos, que dentro em poucos dias queimassem as carroças em que andavaõ, (desconcertado effeito, considerada a cauta com que se alteraraõ) aos Fidalgos que encontravaõ pelas ruas: obrigavaõ a acclamar ElRey, e a dizer que morressem os traidores. ElRey mandou publicar papeis, nos quaes dizia, que aquelles que fomen tassem a guerra civil (consequencia do movimento presente) dariaõ o melhor soccorro a Castella, e que nesta consideraçao, da maior conformidade era do que se daria por melhor servido, para que se naõ perturbasse a execuçao das materias, e para que se encaminhassem todas as disposições a se defender o Reino, que restauraraõ. Estas razoens repetiaõ por ordem d'ElRey no pulpito os Prégadores, e desta fraõ uzavaõ o Juiz, e pessas mais respeitadas do Povo, resultando de todas estas diligencias aplacar-se o movimento. Entendeo-se que a Marqueza de Montalvaõ tivera noticia da fugida de seus filhos D. Pedro, e D. Jerônimo Mascarenhas, mandou-lhe ElRey pôr guardas em sua casa, e foraõ os seus criados prezos; os quaes examinados, e naõ lhes achando culpa, tornaraõ a soltar: potém a Marqueza, constando que aos indicios accrescentava palavras demaziadas contra o decôrdo Real, foy remettida preza ao Castello de Arrayolos, molesta de que a livrou dentro de pouco tempo seu filho D. Fernando Mascarenhas, chegando do Brasil. Tambem foy prezado Lourenço da Silva, e sua mulher, e soltos passado algum tempo, por constar que ignoravaõ a resoluçao de seu filho Luiz da Silva. Os máos exemplos sempre achaõ quem os imite, seguiraõ dos que se passaraõ a Castella D. Francisco de Menezes, que chamavaõ o Bartabás, e Pedro Gomes de Abreu senhor de Regalados, aquelle assistia em Proença de que era Alcaide mór, este no seu Lugar, e ambos deixaraõ a fazenda, e socego de suas casas pela incerteza do premio d'ElRey de Castella, que nunca conseguiraõ: D. Francisco passou só com hum criado, Pedro Gomes com toda a sua familia. O Procurador da Coroa requereu, que fossem citados por éditos todos os que se passaraõ a Castella; assim se executou, e depois das

das diligencias ordinarias, forao declarados por offensores da Magestade, e confiscados seos bens.

Estabelecido El Rey D. Joaõ na posse do Reino, faltava-lhe para o lograr (como seos antepassados, ser obedecido nas dilatadas Conquistas, que domâna Portugal. Imperio taõ celebre por todas as circumstancias, como qualifica a luz do maior Planeta, conduzido do valor dos Portuguezes de hum a outro hemisferio, para que igualmente fertilize todo o mundo. A Cidade do Funchal na Ilha da Madeira foy exemplo a todas as outras Conquistas, como ja em outro seculo havia sido a primeira em se manifestar aos olhos dos Portuguezes, quando deraõ principio a todas aquellas, que gloriosamente conseguiraõ. Chegou á Ilha hum navio de Lisboa com cartas d'El Rey para o Governador Luiz de Miranda Henriques, e para o Bispo D. Jeronymo Fernando, nas quaes lhes fazia avzio, que ficava em pacifica posse do Reino de Portugal, e que esperava igual obediencia da sua fidelidade. Acreditaraõ os dous esta fe naõ dilatando a execucao de acclamar El Rey em toda a Ilha, e concordaraõ todos os moradores della em seguir a mesma voz. Os Castelhanos que presidiavaõ a Fortaleza, a entregaraõ sem resistencia, e divididos pela Ilha aguardaraõ commodidade para passar a Canarias, a qual brevemente conseguiraõ. A nova da acclamaçao mandou Luiz de Miranda a Martim Mendes de Vasconcellos Governador da Ilha do Porto Santo: recebeo'a com o mesmo aplauso, e succedendo ao contentamento mandar disparar algumas peças de artilharia, utilizou o favor divino a demonitraçao, porque surgindo doze navios de Turcos no porto principal, dando grande incommodidade á Ilha, a largaraõ por este respeito, entendendo que procedia o estrondo das peças de cauſa mais relevante contra o seu designio. Passou a noticia a Ilha de S. Miguel, que com igual demonstraçao seguiu o exemplo das duas. Foraõ as finezas pelo novo Principe por mais custosas de maior gloria aos moradores da Ilha Terceira, pois grandeaõ exaltar a fe Portugueza pelos fios das espadas da contumacia Castelhana. Julgava El Rey a empreza difficultosa, por ser a Fortaleza da Cidade de Angra huma das meiores

Anno

1641.

*São condenados  
por traidores os  
que se passaraõ  
a Calheta.*

*Acclama-se El-  
Rey na Ilha da  
Madeira.*

*Segue o mesmo  
exemplo a de  
Porto Santo, e a  
de S. Miguel.*

Anno  
1641.

136 PORTUGAL RESTAURADO ;

Ihores de Europa, e se achar nella Governador D. Alvaro de Viveiros, soldado de reputaçao, com hum grosso presidio de Infantaria, e ser o sitio da Fortaleza tão superior á Cidade, que podiaõ jogar contra ella cem peças de artilharia, que guarneciaõ a muralha, sem achar reparo algum, parecendo impossivel que os moradores, ainda que se resolvessem a seguir a voz do Reino, sem outro socorro tomassem a resoluçao de atacar a Fortaleza, nem que deliberando se podeſsem entrar na esperança de rendella. Porém considerando El Rey, que sempre se devem tentar as emprezas de que naõ resulta damno com o máo successo, chamou Francisco de Ornellas da Camera, que assistia em Lisboa, natural da mesma Ilha, das principaes familias della, e Capitaõ mór da Villa da Praia, apartentado com as pefloas de maior qualidade, de conhecido valor, e por todos os riquisitos o fogoito mais adequado para esta empreza; recomendou-lha com as palavras; e promessas de que os Reys sabem uzar quando necessitaõ dos Vassallos, e de que muitas vezes se esquecem depois de conseguida a idéa, que fabricaraõ.

*Manda El Rey  
à Ilha Terceira  
Francisco de Or-  
nellas.*

A dezasete de Dezembro patio Francisco de Ornellas de Lisboa, a sete de Janeiro chegou á Ilha Terceira, foy ancorat ao porto da Villa da Praia, desembarcou de noute, sem mais companhia, que a de vinte barris de polvora, e levando só em si o legredo de que tanto dependia a felicidade do successo daquelle empreza; conseguiu no acerto dos primeiros passos a maior parte do intento que levava. Sem fazer dilacão caminhou para a Cidade de Angra tres legoas distante da Villa da Praia. Tanto que chegou á Cidade buscou seu cunhado Joao de Betancor Capitaõ mór della, e entregou-lhe huma carta, que lhe trazia d'El Rey; deo-lhe conta de tudo o que havia passado em Lisboa, e sem resistencia o achou seu parcial: mas reconhecendo em outros de que fez a mesma confiança, differente opiniao, mudou com elles as guardas á linguagem, porque naõ perigasse o theſouro da fidelidade que encobria. Teve noticia D. Alvaro de Viveiros de ser chegado Francisco de Ornellas, e confusamente soube que a sua jornada dissimulava maquina grande; mandou cha-

malo,

malo, e vendo que com varios pretextos se excusava de entrar na Fortaleza, lhe creceo a suspeita, e a este pesslo adiantou a cautella. Lançou voz que os Francezes, e Hollandezes vinhaõ entrepender a Fortaleza, e com este receio supposto a começou a municionar, e bastecer na melhor forma que lhe foy possivel, embaraçando lhe esta determinaçao as diligencias, e deltrezas de Franciso de Ornellas; o qual vendo que em Angra perigava a sua pessoa, e nella toda a empreza se passou á Villa da Praia, e discursando que com a dilaçao cresciaõ muitos inconvenientes, achando dispostos os animos principaes das pessloas da Villa a acclamar nella El Rey D. Joaõ, deo á execuçao o intento, e os moradores, tirada a mascara da dissimulaçao, naõ perdoaraõ a demonstraçao alguma de alegria, e com toda a diligencia mandaraõ notificar aos Officiaes da Camera de Angra que seguissem a mesma voz. Quasi todos elles estavaõ desta opiniao; e foraõ buscando os meios mais proporcionados para se livrar das mãos de D. Alvaro de Viveiros, o qual tentando diferentes caminhos determinava prender o maior numero de pessloas principaes da Cidade que lhe fosse possivel: logrou só o seu designio em Fr. Joaõ da Purificaçao Prior do Convento de Santo Agostinho, e em Estevaõ da Silveira, que da parte de Franciso de Ornellas o foraõ persuadir que rendesse a Fortaleza a El Rey D. Joaõ, dizendo-lhe, que da sua grandeza receberia grandes mercês, e que para lhas segurar trazia poderes Franciso de Ornellas. Respondeo D. Alvaro á proposta com a reclusao dos Embaixadores, e antes que na Cidade se soubesse a sua resoluçao, mandou recado a Antonio do Canto de Castro, para que viesse dar-lhe conta de huma pendencia que a noute antecedente havia tido com a Ronda. Levava ordem hum Sargento, a que o acompanhavaõ dez soldados, para que, duvidando elle de obedecer, o prendesse. Achava-se Antonio do Canto junto a hum Corpo da guarda de huma companhia Portugueza, que costumava ocupar aquelle posto, e conhecendo o intento para que era chamado, quiz excusar-se de obedecer á ordem, e o Sargento prendendo-o determinou dália á execuçao: ti-  
rou Antonio do Canto pela espada para se defender, e pu-  
zeraõ-se

Anno  
1641.

Acclama-se El Rey na Villa da Praia.

Diligencias de D. Alvaro de Viveiros.

Primeira revoluçao entre os Portuguezes, e Castelhanos.

## 138 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

Retirarão-se os  
Castelhanos, he  
El Rey acclama-  
do na Cidade.

Entra Franci-  
co de Ornellas  
com o loccorro.  
Dispõem a de-  
fensa da Cida-  
de.

zeraõ-se os soldados Portuguezes da sua parte , dispararaõ os Castelhanos os arcabuzes, e feriraõ douis Portuguezes , acodio quantidade de gente do Povo , e tendo ja os animos taõ dispostos , que necessitavaõ de menos incentivos , gritáraõ todos : *Liberdade , Viva El Rey D. Joaõ.* Com o fervor destas vozes carregaraõ aos Castelhanos ( que com o rumor haviaõ crecido a maior numero ) ate o primeiro corpo da guarda , que occupavaõ fóra da Fortaleza. Aco-  
dio o Capitaõ mór mais para incitar os animos que para dividir a pendencia , e sahio acompanhado da gente que na Cidade era capaz de tomar armas. Todos opprimiraõ de forte aos Castelhanos, que os obrigaraõ a largar o Corpoda guarda da Porta , que chamavaõ do mar , e ganharaõ juntamente o Porto da Boa Nova , que fica debaixo da Fortaleza. D. Alvaro de Viveiros parecendo lhe que com o estrondo da artilharia poderia divertir o tumulto , fez dispa-  
rar tres peças que havia mandado assestar contra a Cidade : foy a ruina menor do que o perigo que os moradores antes da execuçaõ haviaõ imaginado , e attribuindo pela falta de experientia militar a milagre o pequeno effeito da arti-  
lharia , acharaõ estímulo no remedio que D. Alvaro inventou para socego. Vendo D. Alvaro que naõ correspondera o succeslo ao intento , quiz temperar com o lenitivo o achaque , que havia aggravado com a bebita rigorosa : mandou propôr ao Capitaõ mór meios de accommodamen-  
to , a que o Capitaõ respondeo que estava determinado a acabar a guerra a que elle dera principio. Franciso de Ornellas ouvio na Villa da Praia o estrondo da artilharia , no mesmo instante se poz em marcha com mil e quinhentos Infantes que tinha prevenido , e as duas horas depois da meia noute chegou a Cidade : achou os moradores pelejando , as bocas das ruas tapadas , e a polvora mudada põra o Collegio dos Padres da Companhia , por ser a parte em que costumava estar , exposta as bateias da Fortaleza. Repartio-se o novo socorro pelas trincheiras , e ficando melhor guarnecidias , se levantaraõ mais , fazendo as de-  
fensaveis em poucas horas. No dia seguinte avançaraõ os Castelhanos duas mangas de Mosqueteiros , e introduzin-  
do-as por huns quintaes , e casas que lhe ficavaõ vizinhos ;  
de-

leraõ algumas cargas com pouco effeito; foraõ os Castelhanos rechaçados, e guarnecido aquele posto. De pressa se satisfizerão os Portuguezes da sahida; porque fazendo o Capitão mór tirar com huma peça de duas libras. foy dar a bala na trincheira contraria: o pouco exercicio da guerra occasionou alvoroco nos soldados, ao alvoroco se seguiu o impulso, ao impulso a execuçaõ; avançáraõ ás trincheiras sem ordem, e com grande valor fizeraõ recolher os Castelhanos á Fortaleza, detamparando de todo as trincheiras, e ficáraõ mortos seis Portuguezes, e quinze feridos. Ganháraõ no dia seguinte o Forte de S. Sebastião, em que os Castelhanos tinhaõ hum Capitão com vinte e cinco soldados: acháraõ doze peças de artilharia encravadas, prevençao dos Castelhanos, conhecendo que naõ podiaõ defender o Forte, nem retirar a artilharia. O bom succeso, e o pouco damno que as balas faziaõ na Cidade, animou os moradores, muito dignos de grande louvor por se arrojarem a huma empreza que parecia quasi impossivel, abraçando a sem disciplina, sem dinheiro, sem instrumentos de expugnaçao, e com poucas muniçoes, e conseguindo a sem mais socorro que o da sua constancia. He a Fortaleza huma das melhores de Europa, como fica dito, occupa quasi huma legoa: pela parte do mar he in- expugnável, pela da terra se acha em pouca distancia muito bem fortificada, tem dentro agua nativa, e huma grande cisterna, terras em que se semeaõ vinte moios de trigo, algumas vinhas, e pomares: achava-se com quinhentos Infantes de guarnição, mantimentos, e muniçoes para mais de hum anno, cem peças de artilharia montadas: durou o sitio quatorze mezes, acodindo a elle alguma gente das Ilhas vizinhas. E como esta materia referida neste lugar excede a ordem que determino seguir nesta historia, referirey brevemente todo o succeso, e este mesmo estylo observarey em todos os casos que forão effeitos da aclamaçao, por naõ interromper o fio que heide seguir, sendo todo o meu cuidado nesta obra evitar a confusão aos que a lerem.

Logo que em Castella se soube da aclamaçao, socorro dos Castelhanos mas logrado. se despediraõ de Sevilha, e S. Lucar varios avizos, e socorros

Anno  
1641.

Ganhão os Portuguezes o Forte de S. Sebastião.

Descripção da Fortaleza.

## 140 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Elege El Rey de  
Castella Ma-  
noel do Canto  
de Castro.*

*Entrega Ma-  
noel do Canto  
e socorro.*

corros a D. Alvaro de Viveiros com taõ infelice successo dos sitiados, que todos cahiraõ nas mãos dos expugnadores. Foy mais consideravel o que conduzio Manoel do Canto de Castro irmaõ de Antonio do Canto. Assistia em Madrid no tempo em que chegáraõ cartas a El Rey Catholico das pessoas principaes da Ilha, nas quaes lhe teguravaõ a sua fidelidade: destra dissimulacão para dilatar os socorros da Fortaleza. Julgou El Rey que era o melhor meio de mostrar a sua confiança com aquelles que ainda luppunha teus vassallos, eleger por Cabo de tres navios em que manda va Infantaria, muniçoes, e bastimentos, a Manoel do Canto, por ser natural da mesma Ilha, e muito aparentado nella: propoz-se lhe a jornada, e logo aceitou a commissão, vendo aberto o caminho da sua liberdade. E deixo de ponderar esta sua resoluçao, porque nas acções similhantes costumaõ ser mais rectos Juizes os contrarios, que os interessados. Chegou Manoel do Canto á Ilha a salvamento, e prevalecendo no seu animo contra todas as duvidas o amor da Patria, mandou aos Capitaens das duas fragatas da sua conserva, que distante daterra aguardassem avizo seu. Chegou ao porto, e sendo reconhecido de alguns barcos da Ilha, mandou dar conta ao Capitão mór da tua deliberação, que era de entregar aquelle navio, e procurar render os dous. Vieraõ de terra quantidade de barcos com Infantaria, introduzio-se facilmente em o navio, e fizeraõ prisioneiros os Castelhanos que vinhaõ nelle, ficando guarnecido de soldados Portuguezes. Avizou logo Manoel do Canto aos outros dous navios, que podiaõ entrar no porto sem receio; obedeceraõ, e em pouco espaço foraõ rendidos do navio de Manoel do Canto, e barcos da terra. Esta disgraca viraõ os sitiados em grande prejuizo da sua confiança: para a perderem de poder avisar a Castella do aperto que padeciaõ, lhe tiráraõ os Portuguezes huma caravela de terra onde estava varada, que pela defensa da Mosquetaria da Fortaleza julgavaõ segura. Naõ tiveraõ melhor successo, que os tres navios, dous Ingleses, de que era Cabo D. Luiz Peres de Viveiros irmaõ de D. Alvaro: embarcou na Curunha com gente, e bastineatos, chegou á vista da Ilha, foy reconhecido de Manoel

Manoel Correa de Mello, que com os tres navios referidos, e dous Hollandezes, que voluntariamente quizeraõ assistir nesta empreza, tinha a seu cargo divertir todos os soccorros, que viessem aos sitiados: receozo D. Luiz dos navios Hollandezes, com quem os Inglezes naõ queriaõ pelejar, e supondo os tres da mesma conserva, se resol-  
veo a entregar a gente que trazia aos da Ilha antes, que aos Hollandezes. Buscou o porto, lançou a gente em terra, acodio Franciso de Ornellas, e sem dificuldade fez todos os Castelhanos prisioneiros, alcançando muitas munições, e mantimentos. Correraõ a mesma fortuna outros dous na-  
vios, hum mandado de Flandes pelo Cardial Infante D. Fernando, outro de Sevilha, ambos se renderao: o de Sevilha a Manoel Correa de Mello, o de Flandes na Ilha de S. Miguel. Por todas as partes era grande o aperto dos sitiados; porque os Portuguezes lhes haviaõ tirado todos os meios de augmentar com fortidas os bastimentos, le-  
vantando huma grossa trincheira descoartinada por alguns fortins, que fabricaraõ, desprezando o perigo de muitas balas. Naõ lográraõ os sitiados, em todo o tempo que durou o sitio, mais que hum bom sucesso, occasionado do descuido dos Portuguezes. Sucedeo em huma sahida, em a qual mataraõ dezasete, e feriraõ trinta; porque na con-  
fiança dos muitos dias, que lhes durava o socego, se dei-  
taraõ a dormir ao meio dia, sem a vigilancia, e sentinel-  
las necessarias: reconhecerao os Castelhanos este descui-  
do, avançaraõ ás trincheiras, e fizeraõ o damno referido. Origininou se deste sucesso motinarõ te o Povo contra o Capitaõ mór, e Franciso de Ornellas, pondo-lhes a cul-  
pa da desordem succedida: socegou se esta alteraçao por industria, e diligencia de Manoel Correa de Mello. D. Alvaro de Viveiros naõ achando ja remedios a que recor-  
rer, usou dos que costuma descobrir a ultima desespera-  
çao: fez fabricar na Fortaleza hum pequeno barco, me-  
teo-lhe dentro hum Capitaõ, e dez soldados, com os pou-  
cos bastimentos, que podia carregar taõ pequena embar-  
caçao; escreveo a El Rey Catholico a extremidade em que se achava, de que só o podia livrar hum grande socorro:  
antes do barco se acabar fugio da Fortaleza hum escravo

Anno

1641.

Perde-se o le-  
gundo socorroRendem-se ou-  
tros dous na-  
vios de CastellaSortida dos Si-  
tiados.

para

## 142 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Perdem os Castelhanos hum  
barco de avizo*

*Manda El Rey  
com ordens o  
P. Francisco Ca-  
bral.*

*Rende-se a For-  
taleza o mesmo  
dia em que se  
havia perdido.*

*Entra o presi-  
dio Portuguez.*

para a Cidade, que deo noticia desta obra; mandou Francisco de Ornellas ter grande vigilancia, e como nunca á boa diligencia costuma faltar a felicidade, despedindo D. Alvaro o barco, e tendo navegado pouco espaço, foy colhido dos bateis, que o esperavaõ; e postos na trincheira os prisioneiros, introduziraõ a ultima desesperaõ aos sitiados. Em Lisboa naõ havia mais noticia dos successos da Ilha, que terem acclamado a El Rey os moradores da Villa da Praia, tomando os Mouros na barra os avisos que Francisco de Ornellas tinha remettido. Neita perplexidade se resolveo El Rey mandar á Ilha ao Padre Francisco Cabral da Companhia de JESUS, para que com titulo de Visitador da sua Religiao desembocaste na Villa da Praia, e introduzisse nella algumas muniçoes que levava: entregou-lhe firmas, e poderes para legurar mercês, e uzat das firmas, havendo accidente que o pedisse. Chegou á Ilha em breves dias, e como naõ achou que vencer nos animos dos moradores, empregou os poderes na constancia de D. Alvaro de Viveiros. Avistou-se com elle algumas vezes, prometteo-lhe da parte d'El Rey grandes merces: porém em todas as conferencias achou nelle firme resoluçao de antepõr o credito ao perigo. Mas passados alguns dias, foy a fome, e desesperaõ do socorro rhetorica mais poderosa; porque achando-se D. Alvaro depois de quatorze mezes sem mantimentos, nem esperança do socorro, rendeo a Fortaleza segunda feira 16. de Março de 1642, dia em que outro D. Alvaro Marquez de Santa Cruz, sessenta annos antes, a havia ganhado aos Portuguezes, termo prescripto da vontade Divina para recompensa de todos os damnos occasionados em Portugal pelo rigor do governo de Castella. Sahio D. Alvaro com todas as honras que satisfazem aos rendidos, muito similhantes as da sepultura, que excusara o cadaver a que se dedicão: porém em D. Alvaro, se houve disgraca, naõ houve culpa defendendo a Fortaleza até chegar a ultima extremidade. Introduzio-se o presidio Portuguez, que governava Joã de Betancor, entregando-se da Fortaleza até segunda ordem d'El Rey. Os Castelhanos ficaraõ aquartelados na Cidade, e brevemente conseguiraõ embarcaçoes

çoens em que passaraõ para Castella. Francisco de Ornelas se embarcou para Lisboa a dar a nova da felicidade do successo em que havia tido a principal parte: chegando, foy recebido d'El Rey com as demonstraõens de honra que merecia o seu procedimento. Fez-lhe mercê de huma Comenda de mil cruzados, deo outra de menos lote a Joaõ de Betancor, ás mais pessoas particulares deo habitos, e tenças, regulando-as conforme o mericimento que tiveraõ; acertada politica nos Principes a quem a guerra faz dependentes dos Vassallos; porque ainda que a dispêza seja sem medida, no peso das occaſioens militares achaõ os avanços sem conto. Poucos dias depois de entregue a Fortaleza, chegou á Ilha Antonio de Saldanha Capitaõ mór da Torre de Belem com cinco caravelas, em que levava trezentos Infantes, muniçoens, e artilharia grossa: desembarcou em Angra, e foy recebido com grande solemnidade: achou os moradores divididos em parcialidades, occasionando as dissidençoens a ambiçaõ do governo. Socegou-os, e em breves dias levantou hum Terço, tirando as dispêzas dos interesses do cunho da moeda, para que levava ordem d'El Rey: que foy naquelle tempo passarem com huma marca as moedas de ouro, que valiaõ quatro cruzados, a valor de tres mil reis, as patacas que pesavaõ trezentos e vinte, a quatro centos e oitenta, os tostoens a seis vinteis, a tres os meios tostoens, e a elte prego os douos vintens. Deo-se execuçaõ a esta ordem primeiro em Portugal, passou depois ás Conquistas. Formou tambem Antonio de Saldanha duas Companhias de Cavallos: com esta gente, e duas Navetas da India entrou em Lisboa.

Em quanto na Ilha Terceira succedeo o que fica referido, passou a Africa, a Asia, e a America a noticia do novo possuidor do Imperio de Portugal; e da mesma sorte, que na Europa, foy acclamado nas partes que nelas dominava, El Rey D. Joaõ IV., glorioso Principe, cujo nome foy obedecido, e celebrado nas quatro partes do Mundo. Assisti Martim Correa da Silva em Marzagaõ: com o primeiro avizo entregou aquella Praça ao seu vigo d'El Rey. Ceuta, e Tangere, a primeira goyernada por

Anno

1641.

Faz El Rey mercê  
ces aos que  
serrirão,

Chega a Ilha  
Antonio de Sal-  
danha.

Volta a Lisboa  
com duas Nave-  
tas da India.

Dá Marzagaõ  
obediencia a El  
Rey,

144 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Ceuta, e Tangere  
re ficio por Ca-  
bella.*

*Angola dá tam-  
bem obediencia.*

*Disposioens do  
Marquez de Mô  
salvão na Bahia*

*He El Rey accla-  
mado na Bahia.*

por D. Francisco de Almeida , a segunda por D. Rodrigo da Silveira Conde de Sarzedas , fazendo escrupulo das homenagens que haviaõ dado , naõ quizeraõ seguir novo partido. Ceuta naõ se tornou a unir á Coroa de Portugal , Tangere se incorporou nella , co no em seu lugar diremos. No Reino de Angola assistia Pedro Cesar de Menezes , tanto que lhe chegou a noticia da acclamaçao d'El Rey naõ dilatou entregar lho com todos os Lugares , que naquelle parte estavaõ á sua ordem. E o mesmo executáraõ todos os Governadores das Ilhas , e Lugares da terra firme , de que he senhor Portugal na costa de Africa. Na America era Vice-Rey do Estado do Brasil Dom Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ. Chegou á Bahia huma caravela , sahio em terra o Mestre , prohibindo o aos mais que o acompanhavaõ , falou com o Marquez , entregou lhe huma carta d'El Rey , na qual lhe dizia , que despois de acclamado em Portugal lhe faltava , para segurança da Coroa , achar a mesma obediencia no Estado do Brasil ; que do seu valor , e do seu acordo esperava a felicidade desta empreza. Na diligencia do Marquez logrou El Rey as esperanças , que lhe insinuava , porque sem a menor inquietação reduzio á sua obediencia aquelle va- stíssimo Estado. Recebida a carta d'El Rey , deu ordem que nenhum barco chegasse á caravela , e porque na Bahia constava a guarnição Castelhana de seiscientos Infantés , mandou formar o Terço de seu filho D. Fernando Mascarenhas na praça do Colégio dos Padres da Companhia , e o Terço de Joanne Mendes de Vasconcellos na praça do Paço. Logo chamou as pessoas Principaes de todos os Estados , e conferindo a carta d'El Rey com cada hum dos que chamava em particular , observando o seu sentimento , e ouvindo a sua resposta , os recolhia para o interior de sua casa. Apurados todos os animos , e achando nelles a constancia que desejava , unio em hum Conselho os que havia convocado , e lida em voz alta a carta d'El Rey , mandou que cada hum referisse em publico o que lhe havia declarado em particular. Sem algum se retratar , se ratificado todos , e a execuçao foy voto definitivo. Sahirão do Paço com excessivas demonstraçoes de contentamen- to,

to; chegáraõ á Sé, onde com repetidos vivas acclamáraõ El Rey D. Joaõ. Seguiu o Povo sem controversia a mesma voz, desarmáraõ a guarnição Castelhana, e continuáraõ-se na Cidade grandes festas por muitos dias. O Marquez despedio logo o Provincial da Companhia ao Rio de Janeiro, que governava Salvador Correa de Sá: obeceo sem duvida, vencendo no seu animo o sangue Portuguez ao que tinha Castelhano; que a estrella dominante, que sujeita aquella a esta naçao, tambem no interior prevalesce. Da mesma sorte avizou o Marquez todas as Capitanias subordinadas ao seu dominio, e em todas achou igual obediencia. Fez tambem avizo ao Conde de Nassau, que governava as armas Hollandezas em Parnam-buco, de como o Reino de Portugal, e o Estado do Brasil estavão separados do dominio de Castella, por terem Rey natural em o Duque de Bragança a que haviaõ dado a Coroa, justa, que havia sido testemna annos opprimida do poder d'El Rey de Castella; e que considerando que as duas naçoes caminhavaõ ao mesmo fim de se defenderem daquellas armas, julgava infalivel a concordia entre os Estados, e o Reino. Porém o Marquez fazendo este avizo, não propoz ao Conde de Nassau que cessassem as armas; sondando prudente, que esta era toda a fortuna dos Hollandezes, porque como dos interesses do astucar tirava a Companhia de Mercadores feita em Hollanda o dinheiro para a dispeza da guerra, em quanto estavão viva te destruiaõ todos os fundamentos para que se formára; bastando poucos moradores para lhe pôr fogo a todos os Canaveas; e conseguindo a paz, logravaõ divertido este dano. Assim o testimunhou a experiença, engrolando de sorte o poder dos Hollandezes nos annos, que estiverão depois livres da guerra, que puzeraõ em contingencia tudo quanto Portugal dominava na America, e lograraõ sem duvida esta felicidade, se o favor de Deos se naõ puzera muitas vezes da parte da nosla imprudencia. Antevendo esta utilidade recebeo o Conde Mauricio a nova da acclamação com grande gosto, o qual manifestou na muita artilharia que mandou disparar, e nas muitas festas que por alguns dias mandou fazer, sendo hum dos que entrou nel-

Anno

1641.

*Segue o mesmo exemplo Salvador Correa de Sá no Rio de Janeiro.*

*Avizo do Marquez ao Conde Joaõ de Nassau.*

*Celebração os Hollandezes em Parnam-buco a acclamação.*

## 146 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Parte Dom Fer-  
nando Mascare-  
nhas do Brasil.*

*Imprudencia do  
Padre Francif-  
go de Vilhena.*

*Retira se o  
Marquez do  
governo.*

Ias. O Marquez havendo dedicado todo o Estado do Brasil á obediencia d'El Rey, mandou seu filho D. Fernando a Lisboa a dar-lhe conta do que havia executado em seu serviço, oferecendo-lhe juntamente hum dilatado papel, dictado pela sua larga experiença, que continha importantes avizos para a disposição do novo governo. Partido D. Fernando, chegou ao Porto de Tapôa, duas legoas da Bahia, em huma Caravela o Padre Francisco de Vilhena da Companhia de JESUS: fahio só em terra, e deo ordem á Caravela que se fizesse ao mar; chegou á Cidade, e entrou no seu Collegio sem fazer rumor; e tendo noticia do socego com que o Estado do Brasil obedecia a El Rey, executou com grande imprudencia a ordem que levava sua. El Rey não se dando por seguro do avizo que havia feito ao Brasil, mandou ao Padre Francisco de Vilhena, depois de despedir a primeira Caravela; passou-lhe as ordens necessarias, para que em caso que o Marquez lhe não tivesse obedecido, elegia por Governadores do Estado ao Bispo D. Pedro da Silva, ao Mestre de Campo Luiz Barbâlio, e a Lourenço de Brito Correa. Era a causa desta nova ordem haverem-se passado para Castella D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas filhos do Marquez, e receat El Rey, que pudessem fazer prevaricar o animo de seu paiz, ainda que se declarasse constante na sua obediencia: porém encomendou El Rey ao Padre Francisco de Vilhena toda a cautella neste negocio, e deixou ao seu discurso, e boa disposição obrar conforme a necessidade das matérias o pedisse. Achando pois o Padre Francisco de Vilhena as demonstrações do Marquez tão contrarias ao que levava supposto, não lhe bastando este desengano, usou da ordem da mesma sorte, que se o Marquez houvera tido o procedimento de que El Rey se temia. Tanto que chegou ao Collegio, chamou os tres Governadores nomeados, e faltando nelles a virtude de antepôr a razão ao domínio. Lidas as cartas d'El Rey, aceitárao o governo, e mandárao ao Padre Francisco de Vilhena, que fosse logo entregar ao Marquez a carta, que El Rey lhe escrevia. Assim o executou; leu o Marquez a carta, e vendose por ella desobrigado do governo, mostrando na segurança

rança do semblante a igualdade do animo , sahio de sua casa para outro aposento particular. Entráraõ os Governadores no Paço , e fazendo pouco urbanamente Reo a quem havia sido Author da obediencia daquelle Estado ; examináraõ com huma devaſta a fidelidade do Marquez ; a qual ſervio de apurar a ſua innocence : e dandoſe al- guns capitulos de exorbitancias , que ſuppuſeraõ , os con- tradixiſe com certidoens menos apaixonadas , e mais ver- dadeitas. Depois de entregar o governo , conhecendo , que todas as diſpoſições caminhavaõ á ſua descompoſiçāo , ſe retirou ao Collegio dos Padres da Companhia , bulcan- do o remedio na cauſa do damno : naõ lhe valeo o ſagra- do , fizeraõ delle prisaõ , pondo-lhe guardas ; e juntamen- te prenderaõ ao Mestre de Campo Joanne Mendes de Vasconcellos , e ao Sargento mór Diogo Gomes de Figuei- redo , ſem mais culpas , que ſerem reputados por amigos do Marquez ; ſoltando ao mesmo tempo Luiz da Silva Telles , e D. Sancho Manoel ; que o Marquez havia pre- zo por matarem de dia hum Ajundante na Praça do Paço. Com este favor , e aquella execuçāo deraõ os novos Go- vernadores principio ao ſeu governo. Mandaraõ prevenir huma caravela , onde embarcaraõ o Marquez entregue a Luiz da Silva. Antes de dar á vela chegou hum navio Tomaſe hum navio de Castella. delpedido por ordem d'El Rey Catholico , entrou no Por- to , foy facilmente rendido ; e examinado , acharaõ-se cartas d'El Rey para o Marquez acompanhadas de outras de ſeos filhos: continhaõ todas repetidas instancias de conſervar aquelle Estado na obediencia de Castella. En- tregaraõ os Governadores todos estes papeis a Luiz da Silva para que os deſſe a El Rey , e prenderaõ quatro cri- ãos do Marquez , obrigando-o a seguir a viagem com pouca aſſiſtencia , e grande diſcommodo : porém a força do cuidado era o verdugo mais violento na conſideraçāo de fe haverem ſeos filhos paſſado a Castella , e faber do Padre Franciſco de Vilhena , que estava a Marqueza ſua mulhē prezapor ordem d'El Rey no Castello de Arrayolos; e naõ baſtava a eſperança de que podia ſubornar tantos infortunios com o procedimento que havia tido no Brasil , para evitar o combate , que lhe davaõ taõ perigosos acci- dentes.

Anno

1641.

*Tomão poſſe os  
tres Governan-  
dores.**Prizão do Mar-  
quez , e outros  
Fidalgos.*

## 148 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

Chega o Mar-  
quez a Lisboa.

Partem duas  
náos para a In-  
dia com a nova  
da aclamação.

dentes. Chegou a Lisboa; e achou a fortuna com diferente semelhante do que supoz na viagem: porque havendo chegado seu filho D. Fernando com a nova do socego, e obediencia com que ficava o Brasil; (ainda que desembarcando em Peniche, o desacerto de seos Irmãos incitou contra a sua pessoa a furia do Povo, a que entregára a vida, a não ser socorrido da urbanidade do Conde de Atouguia, que alli se achava, o qual o salvou em sua casa, depois de haver recebido huma cutilada na cabeça, de que o curou nella dentro de breves dias) deo-se El Rey por obrigado a lhe conceder a liberdade de sua máy, em quem os benefícios naõ tiverão em tempo algum poder para antepôr os interesses de Portugal a affeção de Castella, sendo esta ingratidão causa total da ruina de sua casa. Tanto que o Marquez deo fundo no Rio de Lisboa, achou que o esperava o sua mulher livre da prizaõ, e seu filho com o posto de Coronel de hum dos Terços da Corte. Esta primeira luz bastou para desbaratar as nuvens que lhe cobriaõ o animo; augmentou-lhe o contentamento o aplauso com que foy recebido da Nobreza, e Povo, e socegou-lhe de todo o espirito o favor, que El Rey lhe fez quando chegou a lhe beijar a mão, ao que se seguiu empregallo nas maiores occupações, em que durou alguns annos, mostrando-lhe a fortuna (como veremos) por muitas vezes varios semblantes.

Faltava só a El Rey na Ásia, para se reduzir a sua obediencia, o Imperio da India, primogenito da natureza, (terra em que as plantas são fructos, as flores aromas, as aguas perolas, as pedras preciosas) conquistado pelos Portuguezes com temeridade, conservado com insigne valor, e esmaltado do seu generoso sangue. Para facilitar as dificuldades desta empreza, a entregou El Rey como as mais nas azas da fortuna, ou uzando de mais religioso termo, nas mãos da providencia, que com signaes evidentíssimos se declarava nas maiores dificuldades em seu favor. Em trinta de Março leváraõ ancora da barra de Lisboa dous navios: hia em hum delles por Capitão mór Sancho de Faria: era Capitão do outro Manoel de Liz: as duas embarcações levavaõ as mesmas cartas,

## PARTE I. LIVRO III. 149

cartas ; e os Capitaens igual ordem para o Vice-Rey Joaõ da Silva Tello Conde de Aveiras. Poraõ em conserva até a altura de Cabo Verde , onde se apartou Manoel de Liz na volta de Moçambique , ordem que ElRey lhe havia dado , encõmendando-lhe muito a diligencia , por se divulgar em Lisboa que Cosme do Couto , que havia ficado em Castella , Soldado de valor , e experiença na navegaõ , era partido na mesma derrota , a fim de anticipar ElRey de Castella com aquelle avizo , o que Moçambique se havia de fazer de Portugal. Achando Manoel de Liz vento prospero , deo fundo a dous de Agosto defronte da Fortaleza de Moçambique : era o Capitaõ que a governava , Antonio de Brito Pacheco , para quem levava Manoel de Liz carta d'ElRey. Quando desembarcou , estava na praia Antonio de Brito ; deo-lhe a nova da aclamaõ antes da carta , e obrou nelle tanto o álvoroço ; que sem a abrir acclamou ElRey : com igual contentamento seguirão os Soldados a mesma voz. Deo logo Antonio de Brito homenagem a Manoel de Liz , para que trazia poderes , e ficou segura na obediencia d'ElRey aquella Fortaleza , deposito de tanto ouro , que a fer conduzido por mãos menos ambiciosas , e a innocencia dos que o trazem tratada com menos malicia , pudera Portugal com esta só Conquista excusar o trabalho de outras muitas , que sem utilidade cultiva. A treze de Agosto partio Manoel de Liz para a India na volta de Goa ; e com o receio da Armaada dos Hollandezes , que supunha surta na Barra daquella Cidade , foy demandar o Cabo da Rama , que dista para a parte do Sul doze legoas della. Chegou a seis de Setembro , e passado o Rio do Sal , foy correndo a praia de Salsete , disparando a artilharia , para que ao rumor della acodisse alguma pessoa que o informasse da parte em que assistia a Armaada de Hollanda. Vendo que lhe naõ succedia como imaginava , determinou chegarse á barra de Goa , e amparar se da Fortaleza do Murmugaõ por entre a terra firme , e os Ilhéos de Goa a velha , caminho que o livrava do perigo , ainda que os Hollandezes tivessem occupada á barra : porém achando o vento contrario , surgiu em hum Ilhéo que fica da outra banda de Goa a velha. Neste sitio

Anno  
1641.

*Acclama'se ElRey em Moçambique.*

Anno  
1641.

## 150 PORTUGAL RESTAURADO,

veio ter com elle o Capitaõ Gaspar Gomes em huma Almadia em que andava com ordem do Vice-Rey Joaõ da Silva Tello, Conde de Aveiras, que pouco tempo antes havia tomado posse daquelle governo, para fazer avizo a qualquer embarcação que chegasse do Reino, de que os Hollandezes estavaõ surtos na Barra com dez navios, aguardando outros tantos, por se haverem ajustado com o Hidalcaõ para sitiar Goa, elle por terra com quarenta mil homens, elles por mar com os vinte navios; e que por este respeito ordenava o Vice-Rey a qualquer embarcação grande que chegasse, que se recolhesse a Chaul; fendo pequena, a Onor, ou Cananor, e que as vias se lhe remettessem pelo Capitaõ Gaspar Gomes. Levava Manoel de Liz ordem para as entregar na maõ do Vice-Rey, e naõ lhe fendo possivel deixar o navio, tendo da mesma forte por perigoso levállas a Onor, pelo risco de ferem colhidas pelos Hollandezes, deo á vela para Onor, e entregou as vias a hum filho seu de nove annos, chamado André de Liz, ordenando-lhe que as desse na maõ ao Vice-Rey. Embarcado André de Liz na Almadia chegou á povoação de Pangí, e entrando na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (a primeira que se havia fundado na India) achando nella os moradores ao Sermaõ, com mais valor, e desembaraço que permittia a sua pouca idade, acclamou ElRey. Deteve o alvoroco a solemnidade da festa, e seguindo todos a mesma voz, bastou a de hum menino para atalhar a forçosa ponderação que se devia fazer em negocio de tanto pezo: mas como hum só poder impera em todos os corações humanos, pouco importava que se interpuzesse a larga distancia que vay do Occaso ao Oriente. O mesmo effeito, que nos espiritos Portuguezes gerou o nome d'ElRey D. Joaõ em Portugal, produzionos que assistiaõ nas remotas partes da India. Tornouse a embarcar André de Liz, e em breves horas chegou a Goa. Havia-se anticipado de Pangí por terra Francisco da Silva Soto Mayor, e dando a nova ao Vice-Rey, naõ achou pela grandezi della na sua credulidade inteira satisfação. Chegou André de Liz a desfazer a duvida, e com varonil resolução disse ao Vice-Rey: *Estas vias, Senhor, entre-*

*Acclamá-se El-  
Rey em Pangí.*

*Razões de An-  
dré de Liz ao Vi-  
ce-Rey.*

goz

gou El Rey D. João Quarto a meu fay, para que as trouxesse a Vossa Excellencia, e por nao ser licito largar o navio de que vem por Capitão, sendo contingente pelejar na barra com os Hollandezes, as frou de mim para que eu as entregasse a V. Excellencia. Receba as V. Excellencia, e diga: Viva El Rey Dom João Quarto nosso Senhor Rey de Portugal. Admirado o Vice-Rey da Embaixada, e do Embaixador, tomou as vias, e mandando-as abrir pelo Secretario de Estado, achando nellas a certeza, que desejava o seu animo verdadeiramente Portuguez; pouco lhe pareco que fazia, se logo acclamava El Rey. Chamou as pessoas principaes, e fez-lhes presente na restauraçao do Reino a redempçao da India: pois se originava o estado miseravel em que todos a viao ou do cuidado, ou do descuido do governo de Castella, hum, e outro inimigos mortaes da conservaçao daquelle Imperio: podendo suporte, que o cuidado dos Castelhanos era o mais certo, e o mais prejudicial inimigo, depois de observadas as Capitulações feitas com os Hollandezes na primeira tregoa ajustada entre huma, e outra Naçao, deixando-lhe desembaraçada a Conquista da India, parecendo, que a fim de diminuir as forças de Portugal. Não achou o Vice-Rey animo algum diferente da sua opiniao. Deo ordem para que se prevenissem as solemnidades precisas naquelle acto, e a onze de Setembro foy El Rey acclamado em Goa, sem lhe custar mais diligencias, que a de huma carta; fortuna para todos os seculos digna da maior admiracao. Manoel de Liz deixando o navio seguro em Onor, se partio para Goa: com a sua chegada se confirmareo mais os animos de todos, accrecentando a noticia, que vira em Portugal de sôrte o ardor aos moradores da India, que a qualquer delles parecia facil romper com o peito a multidaõ das aguas, que dividem hum de outro Pólo, e acharse nas fronteiras oppostos à invaçao de Castella. Trazia Manoel de Liz ordem para que o Vice-Rey mandasse fazer presente ao Cabo da Armada de Hollanda a separaçao de Portugal, e Castella, advertindo-lhe, que cessavaõ com este accidente os motivos da guerra da India. Assim se executou, recebeo o Cabo a nova com toda a solemnida-

Anno

1641.

*He El Rey accla-  
mado em Goa,  
pelo Côde de A-  
veiras Vice-Rey*

Anno  
1641.

*Perda de Sancho de Faria.*

*Re aclamado El Rey em Macao, e nas mais Praças da India*

## 152 PORTUGAL RESTAURADO,

de, mas sem embargo de ouvir todo o successo da acclamaçāo, e juntamente, que ficava em Hollanda Embaixador de Portugal ajustando as pazes, naô quiz o Cabo desistir da guerra, dizendo, que se sujeitava á ordem do Vice-Rey, que assitia em Jacatará. Foy esta determinaçāo em damno de Sancho de Faria, que em Cabo Verde se havia apartado de Manoel de Liz; porque na fé de hum salvo conduto, que levava de Lisboa, firmado por alguns Officiaes Hollandezes, entrou na Barra de Goa com bandeira de paz: attacaraõ o cinco navios de Hollanda, e naô fazendo caso da bandeira, nem do salvo conduto, quizeraõ entrar por força o navio: defendeo o Sancho de Faria valerosamente. Creceo o poder aos Hollandezes, e fez impossivel a resistencia: ficou morto Sancho de Faria, e quarenta Soldados, os mais quasi todos feridos, e o navio entregue. Os Hollandezes perderaõ cento e vinte homens, e o Cabo da Armada. Naô diminuiu esta disgraça o ardor dos moradores de Goa: continuaraõ se grandes festas até vinte de Outubro, dia em que foy jurado com muita solemnidade o Principe D.Theodosio. O Vice-Rey logo que recebeo a nova da Acclamaçāo, despedio varios avisos a todos os Capitaens das Fortalezas daquelle Domínio, os quaes sem contradicçāo ficaraõ na obediencia d'el Rey. Sinalaraõ se nas demonstraçōens os moradores de Macao, Cidade situada no Imperio da China. Chegou a ella Antonio Fialho Ferreira por ordem d'el Rey, e achou aquelle opulentissimo povo dividido em parcialidades: conformou-lhes os animos a nova da Acclamaçāo, celebrada com festas tão custosas, que se pudera duvidar da relaçāo dellas, quando se ignorara a riqueza em que vivem os moradores daquelle Cidade. Ajustaraõ fazer a El Rey hum grande donativo de dinheiro, que logo mandaraõ a Lisboa, e duzentas peças de artilharia de bronze, com muitas muniçōens, que forao remettendo nas monçōes, que se offerecerāo. O animo do Hidalçāo tambem se sujeitou á nova da Acclamaçāo d'el Rey, porque referindo-lhe Joseph Pinto Pereira, que o Vice-Rey lhe mandou por Embaixador, tudo o que havia passado em Lisboa, se achou obrigado a desfazer o contracto, que, como fica dito,

to; celebrou com os Hollandezes, promettendo-lhe si-  
tiar Goa por terra: e naõ foraõ poderosas as diligencias:  
que elles depois fizeraõ, para o persuadirem a que torna-  
se a vir no primeiro concerto; e ficou por este respeito li-  
vre a Cidade de Goa do grande perigo, que a ameaçava.  
Manoel de Liz voltou para Lisboa na primeira monçaõ,  
chegou a salvamento, e remunerou-lhe ElRey a nova,  
que trazia, e o trabalho, que padecera por seu serviço,  
com varias mercês. Seu filho trouxe da India o Habito de  
Christo, que lhe deo o Vice-Rey ( hum dos grandes pri-  
vilegios daquelle posto ) quando da parte de seu pay lhe  
entregou as vias. E para que fiquê mais claro o que refe-  
rir-mos adiante do Estado da India, daremos breve noti-  
cia do que dominavamos no tempo em que entrou a go-  
vernar o Conde de Aveiras: e lograráo os curiosos, ainda  
que com menos erudiçao, verem seguida a Historia de  
Manoel de Faria e Sousa, que chega a referir os succe-  
sos da India até o anno de 1640.

Achou o Conde de Aveiras em grande aperço a *Relaçao do Estado da India*  
India com a guerra que os Hollandezes faziaõ na Ilha de Ceilaõ: e ajudados d'ElRey de Paõ com o sitio que ha-  
viaõ posto á Cidade de Malaca. A Cidade de Goa, cabe-  
ça de todas as daquelle Estado, lograva livres todas as Fortalezas, terras, e Tanadarias da sua antiga jurisdic-  
çao. Conservavamos as Fortalezas de Moçambique, Mombacha, Maſcate, Soar, Dio, Damaõ com suas Tanadarias, e o Forte de S. Jeronymo a ella annexo: a Fortaleza de Ba-  
çaim com as de Marcorá, e Assirim, que lhe pertenciaõ: a Cidade de Chaul com a sua Fortaleza, e a do Moro: as Fortalezas de Onor, Barcelor, S. Miguel do Cambo-  
lim, Mangalor, Cananor, Cranganor, Coulaõ: a For-  
taleza, e Cidade de Cóchim: a Cidade de Columbo na Ilha de Ceilaõ com todas as terras, que lhe tocavaõ, ex-  
cepto as Fortalezas de Baticala, Triquimale, Nigumbo, e Gále, que os Hollandezes haviaõ tomado os annos an-  
tecedentes: a Cidade de S. Thomé de Meliapor: a For-  
taleza de Manar, o Reino de Jafanapatõ com a Forta-  
leza de N.S. dos Milagres, e do Caes: a Fortaleza de So-  
lor, e a Cidade de Macão na China. Logo que o Vice-  
Rey

Anno

1641.

*Desiste o Hidal-  
caõ do sitio de  
Goa.*

## 154 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

*Disposições do Vice-Rey da India.*

*Sítio de Nigumbo.*

*Rota dos Chin-galás.*

Rey tomou posse do Governo, foy visitar os Fortes da Barra, e Murmugaõ, e no de Aguada, por ser mais importante, deixou seu filho mais velho Luiz da Silva, para acodir ao sustento dos Soldados; costume antigo, e hoje com grande danno observado na India. Guarnecidos os Fortes na melhor fórmā, que foy possivel, reforçou os navios da Armada, dispondo-os para resistirem ao grande poder com que os Hollandezes ameaçavaõ aquella Barra, e nomeou por Capitão mór da Armada, que eraõ quatro galeoens, sete galeotas, e algumas manchusas, a Valentim Soares, Soldado de conhecido valor, e experiençia. Disposta a defensa de Goa, resolveo o Vice-Rey com assistencia do Conselho de Estado, soccorrer Ceilaõ, de que era Capitão General D. Antonio Mascarenhas, governo de que estavaõ os de Ceilaõ mal satisfeitos. Para emendar as desordens que succediaõ da pouca aceitaõ do governo de D. Antonio, nomeou o Vice-Rey em seu lugar a seu irmão D. Filipe Mascarenhas, que os de Ceilaõ com grande instancia pediaõ, por concorrerem nelle muitas virtudes dignas de estimacão. Aceitou D. Filipe, e em huma não, e quatro galeotas se embarcou para Ceilaõ com trezentos e vinte Soldados. Chegou à Cidade de Columbo, e sem interpõr dilaçao, unida a gente da Ilha à que levava na Armada, marchou a sitiaria a Fortaleza de Nigumbo. A fete de Novembro começou a jogar a artillaria com tanto effeito, que, estando só de presidio cento e dezaseis Hollandezes, a renderao, desesperados de outro socorro, que puderaõ conseguir, se tiverao valor para se defender mais tempo; porque constando a D. Balthazar, General d'El Rey de Candia (unido neste tempo com os Hollandezes) que a Fortaleza estava sitiada, marchou a socorrella com tres mil Chingalás. Teve D. Filipe anticipado avizo, sahio a esperar D. Balthazar, e houve pouca dilaçao entre investir esta gente, e desbaratalla; e fez mais alegre a victoria a prizaõ de D. Balthazar, que por haver sido cabeça de levantados, foy sentenceado à morte. D. Filipe dando vista de algúas vélas, que navegavaõ para a Ilha, marchou na volta de Columbo: andava a gente d'El Rey de Candia tão vizinha, que averiguando D.

Fi.

Filippe que as embarcaçõens eraõ só tres, livre deste cuidado, buçou a gente d'El Rey, e desbaratou a sem damno algum. Em mais aperitados termos que Ceilaõ, se achava neste tempo Malaca; com tres baterias laboravaõ os Hollandezes contra a Cidade, huma de sete peças jogava contra a Coiraça, tirava outra de cinco ao Baluarte de São Domingos, e haviaõ fabricado a terceira na Ilha das Náos; e todas tinhaõ de forte arruinado as muralhas, que naõ podia jogar dellas a nosa artilharia, e depois de feitas na Cidade varias cortaduras, se levantou huma plataforma no alto de S. Paulo, de que os Hollandezes recebiaõ grande damno. Haviaõ elles começado o sitio com mil e duzentos homens da sua naçao, e grande numero de Genitios; e durando o sitio mais do que imaginavaõ, desesperaraõ da Conquista, na imaginaçao do soccorro que podia vir de Goa. Estas noticias teve o Vice-Rey por Negapataõ, e desejando muito soccorrer Malaca, lhe naõ foy possivel mandar naquelle monçaõ (pelas muitas partes a que lhe era necessario acodir) mais que huma Galeota com alguns soldados, de que era Capitaõ Luiz da Costa. Mostrou depois a experiençia que se nesta occasião se esforçára o soccorro, naõ experimentara a seu pezar aquelle Estado a infelicidade daquelle empreza dos Hollandezes. Em Maicte governava a Fortaleza Christovaõ Rodrigues Castel-Branco, desunio-se com Franciso de Tavora de Ataide. Animado o Imamo, Principe daquelle Estado, destas noticias, intentou sitiari Mascate: soccorreu o Vice-Rey a Fortaleza, mandou prender os dous da contenda, e elegeo para governar a Praça Antonio de Moura. Logo que chegou o soccorro levantou o Imamo o sitio. Naõ perdoavaõ os Hollandezes a diligencia alguma de prejudicar ao Estado da India: introduziraõ em Goa alguns Soldados dissimulados com o traje de Ingleses; os quaes unidos com hum Canarim determinavaõ queimar as embarcaçõens que estavaõ furtas na Barra: forao descobertos, e enforcados. E eraõ tão bem preparados os instrumentos que traziaõ para a execuçao que intentavaõ, que, fazendo-se experiençia, se achou que quanto mais agua lhe lançavaõ, tanto mais ardiaõ. Chegaraõ naquel-

Anno

1641.

Sítio de Malaca

Sítio de Mascate

Descobri-se em  
Goa h̄a traí-  
çao dos Hollan-  
dez.

Anno  
1641.

## 156 PORTUGAL RESTAURADO,

le tempo os Hollandezes a barra de Goa com seis embarcações, e resgatáraõ a Alvato de Sousa de Tavora, Capitão do Galeão S.Boaventura, que haviaõ queimado junto a Murmugaõ; e era este Fidalgo de tão conhecido valor, que foy geralmente estimada a sua liberdade. O Vice-Rey sem se perturbar com os muitos accidentes, que lhe sobrevinhaõ, acodia como bom Piloto a todos os ventos, que combatiaõ aquelle Estado, e prevenia todos os danos, que podiaõ vir de novo. Tendo noticia que em Moçambique era morto Diogo de Vasconcellos Governador daquelle Fortaleza, elegeo em seu lugar ao Claveiro Francisco da Silveira: levou de soccorro hum pataxo, e tres galeotas com mantimentos, e muniçoens, e ordem para fortificar com todo o cuidado tudo o que achasse conveniente naquelle districto, para segurança do resgate do ouro, que em grande abundancia se tirava todos os annos do Cômmercio dos Cafres habitadores daquelle Cercaõ. Porém estas ordens, ainda que o Vice-Rey as encainhava ao bem commun, sempre os Governadores as construiaõ em interesse particular, e com avanços tão excessivos, que a algum ouvi dizer, que em pouco tempo, e naõ metendo grandes cabedaes, se achara com hum milhaõ em pedaços de ouro. E he grande prova da fragilidade dos discursos dos homens navegarem os Portuguezes tantos mares, por buscar ganancias incertas, e que deixem ao arbitrio de hum só homem os interesses infallíveis: porém hoje se pôde esperar nesta parte grande melhora com a direcção do Príncipe D. Pedro, que conhecendo com verdadeiro discurso as utilidades deste negocio, o vay reduzindo a forma mais conveniente. Mombacha ainda que naõ tinha occasião de guerra, socorrevo a o Vice-Rey com gente, e muniçoens: e receando justamente a cavillação dos Hollandezes, mandou prevenir todas as Fortalezas do Estado com ordens distintas, e aperfeiçadas, que ainda que os Hollandezes chegassem a ellas como amigos, os hospedassem com tanta cautela, que naõ lhes dessem lugar a que uzassem da manha, e da força, de que tão cautelosamente se sabiaõ valer, como justificavão varias experiencias. E se em todas as partes se fizera esta

*Utilidades de  
Moçambique.*

esta mesma prevençāo, naõ vieraõ a experimentar as nossas Conquistas os grandes danos, que padeceraõ; que tiveraõ tão difficult remedio, que foy necessario concorrer todo o favor Divino, para se restaurarem. E na India em que puderaõ ter os seos aggravos igual satisfaçāo á que tiveraõ na America, naõ foy a falta do poder a que nos prejudicou, senaõ a emulaçāo, e interesles proprios, que naquelle Estado foraõ tantas vezes inimigos das conveniencias publicas. O Vice-Rey depois destas prevenções despedio para o Reino a Caravela Nossa Senhora de Nazareth, e a Caravela Santa Anna, que foy de avizo, de que era Capitaõ Joaõ da Costa, a Caravela Nossa Senhora da Oliveira, e Santo Antonio, de que era Capitaõ Antonio Cabral. Chegaraõ as primeiras a Lisboa a 15 de Maio de mil e seiscientos quarenta e hum: as segundas a fete de Julho do mesmo anno; e teve ElRey licito alvoroço de ver debaixo da sua administraçāo as primeiras primicias do Estado da India.

Acclamado ElRey Dom Joaõ em todos os Lugares aonde chega o Dominio de Portugal, era necessario que as disposiçōens do governo correspondessem á fortuna que havia tido em conseguir a posse do Reino: porque a cadea da politica he de tal sorte travada, que basta tirar-lhe hum annel para romper a cadea. Foy das primeiras disposiçōes d'ElRey fazer huma Armada, que servisse ao Reino de escudo, para que naõ fosse prejudicado, e ás Conquistas de freio, para que naõ prevaricassem. Déraõ os cabedaeas, que se ajuntaráo, alimento a doze navios: depois de preparados naõ concordavaõ os pareceres dos Confelheiros na pessoa do General, que os havia de governar. Quando era maior a duvida deo fundo no Rio de Lisboa em huma Caravela Antonio Telles de Me-  
nezes, o qual havendo acabado o governo da India com opinião de muito valeroso, e pratico no exercicio da navegaçāo, partio de Goa, e chegou a Lisboa em quatro me-  
zes: entrou de noute, e recebendo a nova do novo Principe de que era Vaslallo, foy desembarcar ao Paço, e achou em ElRey tantas demonstraçōes de alegria da sua chegada, e tão executivo o fayor, que se recolheo para sua

Anno

1641.

*Chega a ElRey  
aviso da obedié-  
cia da India.*

*Disposiçōens do  
Governo d'El-  
Rey D. Joaõ.*

*Chega da India  
Antonio Telles*

## 158 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*He eleito General da Armada.*

*Manda El Rey a Catalunha o Padre Ignacio Mascarenhas.*

*Exercito de Castella sobre Barcelona.*

*Ataque de Monjuic.*

*Confederação de Portugal cõ Catalunha.*

sua casa com o titulo de General da Armada, merecida satisfaçāo da victoria, que havia conseguido na India, e eleiçāo universalmente aprovada: felicidade que os Príncipes poucas vezes conseguem. El Rey avaliando a guerra de Catalunha por huma das mais importantes seguranças do seu Reino, mandou com toda a brevidade áquella República ao Padre Ignacio Mascarenhas da Companhia de JESUS, irmão de D. Joaõ Mascarenhas Conde de Santa Cruz, acompanhado do Padre Paulo da Costa. Ordenou-lhe El Rey, que dēsse conta aos Deputados, que assistiaõ em Barcelona, de como estava em pacifica posse do Reino, e que lhe segurasse todos os socorros, que para a sua defensa houvessem mister de Portugal: grande fortuna para os Catalaens, se a nossa errada política naõ fizera a execuçāo diferente da promessa. Porém esta servio aos Catalaens de grande alento, porque no dia seguinte ao que chegou a Barcelona o Padre Ignacio Mascarenhas (a quem os Catalaens receberaõ com grandes demonstraçōes de contentamento) apareceo á vista da Cidade o Marquez de los Valles, General do Exercito de Castella, com vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos; e depois de ocupar os postos, e alojar o Exercito, usou da industria primeiro, que da força, mandando propôr aos Deputados vários accommodamentos, que naõ aceitaraõ. Vendo pois que a guerra havia de ser quem decidisse as propostas, mandou atacar Monjuic, obra exterior da Cidade: foy melhor defendida do que estava fortificada, e perdendo o Exercito mais de douz mil homens, se retirou o Marquez de los Valles a Tarragona. Assistio o Padre Ignacio Mascarenhas na muralha a todo o conflito: durando elle, lhe advertiraõ os Deputados, que dissesse ao seu Rey, que tomasse exemplo naquelle occasião, e aprendesse a sustentar a guerra fóra da Corte, quanto lhe fosse possivel: porque nunca o achaque era muito perigoso, se o coração o naõ padecia.

Retirado o Marquez de los Valles, fez o Padre Ignacio Mascarenhas a sua função: ouviraõ os Deputados a Embaixada, e aceitaraõ muito voluntariamente confederar-se com Portugal. De Barcelona introduziõ o P. Ignacio

Ignacio Mascarenhas no Exercito de Castella muitas cartas, que trazia d'elRey para Officiaes Portuguezes, que serviaõ nelle: as mais dellas foraõ entregues, e a maior parte delles se passáraõ a Barcelona com muitos soldados, como ElRey lhes ordenava, e de Barcelona a Portugal, como veremos. Os Catalaens desejavaõ avisar a França do perigoto estado em que se achavaõ, receando justamente que o Exercito tornaile a atacar a Cidade mal fortificada, peior guarnecidia. Difficultavaõ lhe esta diligencia por terra, terem os Castelhanos os caminhos tomados, e por mar a falta de embarcaçao. Offereceõ se o Padre Ignacio Mascarenhas a facilitar este impossivel: aceitáraõ os Deputados a offerta com grandes demonstraçoes de agradecimento: entregaraõ lhe varias cartas. Tanto que as recebeo, se embarcou na volta de França: achou taõ contrario o vento, que naõ lhe fendo possivel tomar algum porto de França, desembarcou forçadamente em Genova, onde encontrou maior perigo do que suppunha. Estava naquella Cidade o Marquez de Laganéz, que havia chegado a ella, tendo acabado o governo de Milaõ, e esperava embarcaçoes para passar a Hespanha. O Padre Ignacio Mascarenhas tanto que chegou, teve cõmunicâo com alguns Genovezes, e com inadvertida confiança lhes deo conta dos negocios de Portugal, e Catalunha, e da commissão que levava: chegou facilmente esta noticia ao Marquez, e deliberou-se a matar, ou prender Ignacio Mascarenhas. Soube elle com a mesma brevidade esta resoluçao do Marquez, fez presente ao Senado o risco em que estava: tiveraõ os que governavaõ a Republica grande atençao á sua noticia, e mandáraõ segurar a sua pessoa até se embarcar em hum navio Hollandez, em que chegou a França. Tanto que desembarcou, satisfez com toda a diligencia, e acerto a commissão, que levava de Barcelona, e declarando na Corte de França a verdade dos successos de Portugal, que a destreza dos Castelhanos com relaçoes falsas tinha confundido, voltou a Barcelona, e achou nos Deputados igual agradecimento á sua diligencia. Haviaõ chegado áquella Cidade muitos Officiaes, e soldados Portuguezes, effeito das cartas, que haviaõ espalhado no Exercito

Anno

1641.

*Passaõ a Portu-*  
*gal muitos dos*  
*soldados Portugu-*  
*ezes,*

*Parte de Barce-*  
*lona o Padre*  
*Ignacio Masca-*  
*renhas, chega*  
*a Genova,*

*Chega a França*

*Volta a Barce-*  
*lona.*

*Entra em Lis-*  
*boa com muitos*  
*Soldados,*

160 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Embaixada de  
Catalunha.

ercito de Castella: embarcou-se com elles para Portugal; chegou a salvamento a Lisboa, e achou a satisfaçāo das suas finezas no conhecimento, que El Rey lhe confessou que tinha dellas, naõ querendo o seu habito, e o seu desinteresse melhor premio.

Os Catalaens, tanto que partio o Padre Ignacio Mascarenhas, mandaraõ por Embaixador a Portugal a D. Joseph de Salas, Baraõ de Arene; entrou em Lisboa a oito de Abril, foy hospedado em Belem na quinta de Ruy da Silva, e conduzido a Audiencia d'el Rey pelo Conde da Vidigueira: fez presentes a El Rey as razoens, que tiveraõ os Catalaens para negar a obediencia a El Rey de Castella, e dalla a El Rey de França: que pedia da parte da Republica perpetua paz com Portugal. Naõ teve El Rey inteira satisfaçāo desta Embaixada, utilizando-se por alguns indicios, que o animo do Embaixador vinha corrompido pelos Castelhanos, e por esta causa foy despedido com palavras geraes, e offertas sem effeito. O primeiro discurso originou a segunda suspeita de que o Arcebispo de Braga, e mais conípirados (de que a seu tempo se darā noticia) tiveraõ trato, e communicaçāo com o Embaixador. Naõ entraraõ nesta calunia D. Lourenço de Sousa, Capitaõ da Guarda d'el Rey, e seu irmão D. Joaõ de Sousa, Cavalleiro da Ordem de S. Joaõ, hoje Prior do Crato, porque seus inimigos naõ alcançaraõ esta occasiaõ, por haverem antes della persuadido a El Rey que duvidassem da sua grande fidelidade, sem mais causa, que attenderem alguns a interesses proprios, originando-se ordinariamente destes desconcertos da inveja a maior destruiçāo das Monarquias, sendo a desconfiança entre os Príncipes, e os vasallos benemeritos, a guerra civil, que mais de presta as desbarata. Mandou El Rey a D. Lourenço para a Beira, e a D. Joaõ para o Algarve: porque como as presumpções eraõ taõ incertas, queria apurar-lhes os animos facilitando-lhes o caminho de se passarem a Castella, como o haviaõ feito D. Joaõ Soares, D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, de quem D. Lourenço, e D. Joaõ eraõ muito amigos; circumstancia, que havia aju-dado a seos emulos a dar cõr ao testimunho, que lhes le-vantaraõ

vantáraõ: Sahio esta prova muito em abono da sua fidelidade: porque provendo ElRey o lugar de Capitão da guarda em Luiz de Mello seu Porteiro mór, e apertando estes Fidalgos com outros aggravos muito sensivies, elles ostentáraõ sempre a sua fineza, e soffrimento com as mais honradas demonstraõens. Respeitando ElRey a sua constancia, e igualdade de animo, os restituõo no fim do anno de 1642 ao socego de suas casas, e dentro de pouco tempo tornou a dar a D. Lourenço o seu officio, experimentando melhor effeito na segunda que na primeira demonstraõ. O dia seguinte ao que ElRey desterrou D. Lourenço, e D. Joaõ de Soufa, deo a seu irmão D. Manoel de Soufa a Prelazia de Thomar: querendo emendar com este beneficio o rigor com que havia castigado huma presumpçao incerta.

No mesmo tempo em que ElRey mandou o Padre Ignacio Mascarenhas a Catalunha, despachou por Embaixadores outros sogeitos a varios Príncipes de Europa, conhecendo que as alianças saõ a maior firmeza, e o maior credito das novas Monarquias. Mandou a França Francisco de Mello seu Monteiro mór, e Antonio Coelho de Carvalho Desembargador do Paço, ambos com igual poder, e por Secretario da Embaixada Christovaõ Soares de Abreu, Desembargador do Porto. Eraõ as pazes de França as mais certas, e as mais uteis, porque a viva guerra que aquelle Reino tinha com o de Castella, as fazia infalliveis, e a opulencia, e grandeza de França as mostrava convenientes: vindo a ser húa, e outra consideração segura confiança dos soccorros daquella parte. Partiraõ de Lisboa a 28 de Fevereiro, ancoráraõ na Arrochela a cinco de Março; foraõ recebidos do Graõ Prior de França Cavalleiro de S. Joaõ, e Governador daquella Cidade com muitas demonstraões de affabilidade, e grandeza. Partiraõ para a Corte de Pariz, e em todos os Lugares por onde passaraõ, foraõ hospedados magnificamente. Chegando a Orleans despediraõ o Secretario Christovaõ Soares, avizando a ElRey de como eraõ chegados: continuaõ a jornada, e duas legoas de Pariz acharaõ o Secretario com húa Quinta preventida por ordem d'ElRey. Tive-

Tom. I.

L

raõ

Anno  
1641.

*E m b a i x a d o r e s  
d e F r a n ç a .*

*C h e g a ã o a A r r o c h e l a .*

## 162 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Chegão a Pariz;  
tiverão audiencia  
d'ElRey, e  
do Cardial Ri-  
chilieu.

Ajustar-se a paz

raõ audiencia a 25 de Março, esperava'os meia legoa da Cidade o Marichal de Chatilhom, e outras muitas pessoas principaes da Corte com os coches d'ElRey. Vinha em hum delles o Duque de Xevroza, para o qual passaraõ, e conduzio'os a S. Germoem onde ElRey assistia. Recebeo'os com os favores, que podia dispensar a Magestade encaminhados dos intereses que resultavaõ áquelle Coroa da separaçao de Portugal, e Castella. Voltaraõ ao aposento que lhes estava prevenido, e no dia seguinte tiverão Audiencia de Armando Joaõ de Plesis Cardial de Richilieu primeiro Ministro daquelle Coroa, e digno de maiores occupaçoens; porque nem os seculos presentes, nem os passados admiráraõ sogetto politico mais merecedor de todos os encomios. Usou com os Embaixadores agradaveis termos, e excessiva cortezia, oferecendo-lhes logo muito mais do que lhe pediraõ: porém elles uzando de huma errada fantasia aceitaraõ muito menos do que era necessario á defensa de Portugal, dizendo que nenhuma couza lhes faltava: e o tempo trouxe consigo o arrependimento de naõ saberem uzar do primeiro ardor do Cardial, em todas as operaçoens daquelle naçao sempre o mais util. Tiverão Audiencia da Rainha, e passados alguns dias depois de varias conferencias ajustaraõ entre huma, e outra Coroa paz perpetua, prometendo ambos os Reys de naõ ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, munições, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta confederaçao, quando com a noticia della a achassem conveniente. Que a guerra se faria a ElRey de Castella por húa, e outra parte com todas as forças, e por todos os caminhos, que se offerecessem: Que ElRey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios de guerra nos ultimos de Junho seguinte, a se unirem com outros tantos d'ElRey de Portugal, esperando' se que as Provincias unidas concorressem com igual numero: Que esta Armada intentaria tomar a Frota da nova Holpanha, e procuraria fazer todo o dano, que fosse possivel em os portos, e navios de Castella: E que os interesses seriaõ igualmente divididos: Que o Cômrcio entre os dous Reinos se continuaria da mesma sorte, que se obser-

observára no tempo dos antigos Reys de Portugal: Que El-Rey de Fráça permittia q̄ os navios Portuguezes podessem comprar nos seos portos toda a sorte de armas, muniçoens e mantimentos, que lhe fossem necessarios. Firmáraõ-se, e publicaraõ-se as pazes, e partiraõ-le os Embaixadores para Arrochella, para se embarcarem em dez navios da Armada que veio a Lisboa, de que era General o Marquez de Bersé sobrinho do Cardial Richilieu.

No mesmo dia que sahiraõ de Lisboa os Embaixadores de França, despachou El-Rey para Inglaterra D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leitaõ Desembassador do Paço, e por lSecretario de ambos Antonio de Souta de Macedo. Padeceraõ na viagem grande tormenta; passada ella foraõ seguidos na boca do Canal de sete Fragatas Dunquerquezas, que os obrigou a tomar o porto de Plemua, setenta legoas de Londres. A sete de Março sahiraõ em terra, partiraõ para Londres, e despediraõ ao Secretario a pedir licença a El-Rey para poderem entrar na Corte. Achou Antonio de Sousa alguma dificuldade na licença, embaraçando-a a diligencia de D. Affonso de Cardenas Embaixador de Castella: facilitou as dificuldades que elle propoz o Conde de Pembraive, parecer de que El-Rey fazia grande estimaõ, e achando a mesma opinião no Parlamento pelos interesles do commercio, ditpensou El-Rey com os Embaixadores que entrassem com a solemnidade costumada, e permitida aos maiores Príncipes de Europa: pedindo primeiro (como por satisfazer à sua curiosidade) a Antonio de Sousa, que lhe declarasle por hum papel o direito, que El-Rey D. Joaõ tinha á Coroa de Portugal. Executou Antonio de Sousa o que El-Rey lhe pedia, e com toda a elegancia lhe mostrou o direito d'El-Rey D. Joaõ, e a tyrannia de Castella. E vendo o Embaixador daquella Coroa vencida a sua negociaõ, sahio da Corte, e a sete de Abril entráraõ nella os Embaixadores de Portugal, e foráõ recebidos d'El-Rey com grandes demonstraõens de alegria: acháraõ na Rainha o mesmo semblante, e com mais efficacia por ser irmãa d'El-Rey de França. Conferiraõ os negoçios, que hiaõ tratar, com os Ministros, que lhes foráõ

Anno

1641.

Voltaõ a Lisboa  
na Armada de  
França.

Embaixadores  
de Inglaterra.

Chegão a Plemua.

Entrão em Londres os Embaixadores de Portugal, e sahe o de Castella.

## 164 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

apontados ; e depois de algumas controvérsias, estando para se ajustarem os Capitulos da paz, chegou a Inglaterra noticia, que Tristão de Mendoça, que foy por Embaixador de Hollanda como logo veremos, havia ajustado com os Hollandezes, que os Vassallos d'El Rey de Portugal naõ poderiaõ comprar nem fretar navios mais que aos Hollandezes, e que o Cômrcio da Ilha de S. Thomé, e de toda a costa de África ficaria livre a ambas as naçõens, e que El Rey de Portugal permittiria aos Hollandezes, que uzassem no seu Reino de liberdade de consciencia. Quizeraõ os Ingleses, que se celebrasfe com elles o mesmo contrato; porém os Embaixadores prudentemente responderaõ, que no que tocava á liberdade de consciencia fariaõ avizo ao seu Príncipe, entendendo delle (como succedeo) que naõ havia de conceder aos Hollandezes liberdade alguma de consciencia, que naõ fosse ajustada aos Decretos do Summo Pontifice: que em quanto aos fretes dos navios se uzaria com os Ingleses o mesmo que aos Hollandezes se concedesse: que no Cômrcio das Ilhas de África naõ deviaõ embaraçar-se, quando naõ eraõ senhores de outras, como succedia aos Hollandezes, donde a correspondencia fosse igual para os Portuguezes. Julgáraõ os Ministros Ingleses estas propostas arrazoadas, e ajustou-se a paz sem mais declaraçõens, que ser perpetua entre os dous Reys para si, e para teos descendentes: que sens Vassallos fieraõ obrigados a conservar amigavel trato, e Cômrcio; ( entendendo-se debaixo deste artigo poderem os Portuguezes comprar muniçõens, e armas em Inglaterra, e passarem os Ingleses sem embaraço a servir á guerra de Portugal.) Ajustada a paz, se voltaraõ os Embaixadores para Lisboa, e ficou em Londres assistindo aos negocios o Secretario da Embaixada Antonio de Sousa Macedo.

Ajustou-se a  
paz com Ingla-  
terra.

Voltão os Em-  
baixadores.

Embaixada de  
Hollanda.

Em a mesma maré, que os Embaixadores de França, e Inglaterra, partio de Lisboa por Embaixador de Hollanda Tristão de Mendoça. Havia El Rey nomeando a Luiz Pereira de Castro Chançarel da Casa da Supllicaçao para acompanhar Tristão de Mendoça com igual poder (naõ lhe sendo menos necessário; que aos mais hum

hum Ministro de letras, e experiençā, que lhe assistisse, por ser a negociaçā com os Hollandezes a de maior importancia) e por justos respeitos se excusou Luiz Pereira da jornada. Entendo ElRey que supria esta falta nomeando por Secretario da Embaixada Antonio de Sousa Tavares, Ministro de letras, e sufficiencia. Mandou tambem por Conselheiros nos interesses da mercancia Guilhelme Rozem Hollandez, naturalizado, e casado em Lisboa, e Joaõ Nunes Santarem, ambos homens de negocio, que vieraõ a servir de maior embaraço a Tristaõ de Mendoça. Poucos dias depois de sahirem de Lisboa, obrigados de huma grande tormenta entraraõ em Plenua porto de Inglaterra, onde havia desembarcado D. Antaõ de Almada: acharaõ ancorados no mesmo porto quatro navios de guerra Hollandezes. Tristaõ de Mendoça em quanto amainava a tormenta, sahio em terra, passou encoberto pela posta a Londres, fallou a ElRey, e depois de conferir alguns negocios com D. Antaõ de Almada, tornou a voltar, e acompanhado dos quatro navios, que achou no porto, por ordem dos Embaixadores dos Estados, que assitiaõ em Londres, deo á vela para Hollanda, lançou ferro quatro legoas da Aya. Sahio logo em terra Antonio de Sousa Tavares, e passou a pedir licença aos Ministros, que governavaõ, para poder entrar o Embaixador. Sem dificuldade lhe foy permittida, e recebido o Embaixador com toda a solemnidade. As conveniencias, que resultavaõ aos Hollandezes da separaçā de Portugal, eraõ faceis de conhecer, durando a guerra entre os Estados, e ElRey de Castella, e tendo empenhado todos os seos interesses nas Conquistas de Portugal, as quaes ficaõ com esta separaçā (a seu parecer) no seu arbitrio, julgando pequenas todas as forças deste Reino para resistir ao grande poder de Castella, e que nesta consideraçā ficariaõ as Conquistas sem soccorros, e faltando-lhes o alimento com a debilidade expostas a poderem elles uzar dos mais leves accidentes, para se fazerem senhores dos lugares em que se achasse maior utilidade. Ajudados da tyrannia, e dissimulado silencio dos Ministros de Castella, ocupavaõ os Hollandezes na India Malaca, e na Ilha de Hollandezes.

Anno  
1641.

O Embaixador entra em Plenua, passa a Londres.

Entra na Aya.

Praças das nossas Conquistas ocupadas das Hollandezes.

Anno  
1641.

## 166 PORTUGAL RESTAURADO;

Ceilaõ as Fortalezas de Negumbo, e Gale, com o favor dos Mouros, e Gentios haviaõ fabricado em varias partes grandes Fortalezas, e Povoaçãoens. Haviamos tambem perdido Ormuz, entregue aos Persas, os quaes ajudáraõ os Inglezes, invejando todas as naçoens os muitos interesses, que naquellas partes haviamos conseguido. No Brasil occupavaõ os Hollandezes Parnambuco, Paraíba, Rio grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracá, de Fernaõ de Noronha: para a parte do Sul, Porto Calvo, e Segeripe. Os avanços, que tiravaõ destas Conquistas, eraõ grandes, e interessados nelles os de maior poder naquelles Estados. Os muitos annos de posse, e os poucos escrupulos, que aprendem na falsa doutrina, que leguem, os obrigava a crer, que o direito de conservar o que haviaõ conquistado preferia a qualquer outro sem controvérsia.

*Proposta aos  
Hollandezes.*

ElRey D.Joaõ fundado nas leys de primeiro posuidor, queria que os Hollandezes restituisssem a esta Coroa o muito que haviaõ roubado della: pequeno Exercito para vencer inimigos tão poderosos. E ficando só a destreza, e a eloquencia, para remediar tantos impossíveis, necessario era que ElRey com profunda consideraõ elegesse o sogeito mais pratico, mais intelligente, e mais entendido de todo o Reino, para que a subtileza vencesse tantas dificuldades. Porém naquelle tempo era tão pouco o exercicio que havia em Portugal dos negocios politicos, e militares, que não se podem condemnar justamente os que não ajustaraõ com todas as circumstancias, que convinha ás diligencias a que forao mandados. A instrucçao que Tristaõ de Mendoça levava era que propuzesse aos Estados huma tregoa, e suspensão de armas por dez annos em todos os Lugares sujeitos á Coroa de Portugal; e que neste tempo se ajustaria perpetua paz entre hum, e outro Dominio: Que os Estados mandassem a Lisboa vinte navios, para cuja despeza ElRey offerecia a contribuição, que concordassem, e igual numero de navios, para que unidos com vinte, que lhe dava ElRey de França, pudessem ao mesmo tempo defender a Costa de Portugal, e offender a de Castella; que pedisse aos Hollandezes a restitui-

çao

çāo das Praças occupadas nas Conquistas, porque, livre Portugal da sujeiçāo de Castella, naõ podiaõ usurpar o que naõ tocava áquella Coroa: Que E! Rey daria aos Estados Cōmercio livre em todos os portos deste Reino, reduzindo-le as imposiçōens, e direito ao estylo antigo dos Reys de Portugal, com vantagens nos privilegios, e liberdades: Que os Estados permittissem passar á guerra de Portugal todos os Officiaes de Cavallaria, e Infantaria, que fossem necessarios, e da mesma forte Ingenheiros para as Fortificaçōens, e artificios de fogo, e que pudessem comprar os Portuguezes em Hollanda todas as muniçōens, e instrumentos necessarios para a guerra. Offereceo o Embaixador estas propostas aos Ministros dos Estados, e aju-  
 stou com elles a confederaçāo seguinte, de que se seguirāo em todas as Conquistas da Ália, e da América muito consideraveis danos. Assentaraõ os Estados com a Coroa de Portugal tregoa, e suspensaõ de armas por espaço de dez annos, e que todos os Subditos de huma, e outra parte se abstivessem de toda a guerra, e prejuizo: Que se ajudassem com todas suas forças em offensia de Castella, e de seos Vassallos, entendendo-se este Tratado no Brasil, e na India, onde se observaria a mesma uniaõ com os Reys aliados de Portugal, e Hollanda, tendo-o elles assim por conveniente, dando-se hum anno de termo para se publicar na India, e ajustando-se da mesma sorte a segurança de navegarem os navios de ambas as partes, sem offensa alguma deillias, e a igualdade do Cōmercio, naõ se alterando a fórmā em que se achava ao tempo deste ajustamento. Obrigou-se tambem o Embaixador a que E! Rey mandaria outro a Hollanda no termo de oito mezes a tratar da paz, a qual naõ se ajustando, se naõ alteraria a tregoa dos dez annos declarados: Que em qualquer das partes, que fosse achada alguma pessoa, que tratasse negociaçāo de Castella contra Portugal, ou contra os Estados, fosse castigada conforme merecesse o delicto, e da mesma fórmā se julgassem por inimigos cōmuns os Lugares, ou Fortalezas, que tomassem a voz de Castella: Que os moradores de ambas as Nações ficariaõ com o que tivessem adquirido, assim de bens de raiz, como n'óveis; e havendo du-

Anno

1641.

*Condiçōens da  
tregoa.*

## 168 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

yida nas propriedades, propondo cada hum a sua causa; se observaria de ambas as partes justiça igual: Que os Portuguezes naõ poderiaõ fretar navios fenaõ os dos Estados, nem permittir cõmercio ou trato nas Conquistas a alguma outra naçao mais que á Hollandeza: e que naõ poderiaõ fretar em Hollanda navio de menos porte que de 260 toneladas com 16 peças de artilharia, gente, e mu- niçoens proporcionadas; e que, succedendo acharse al- gum navio com menos do ajustado, se poderia tomar por perdido: Que os Portuguezes naõ pudessem passar Ne- gros a Indias de Castella, nem outra alguma fazenda; e que, achando-se, seria confiscada: Que na Costa de Africa, Ilhas de S. Thomé, e as mais daquelle parte todas as fa- zendas que se tiraçsem, seriaõ registradas, e pagariaõ di- reito nos lugares principaes que pertencessem a huma, e outra naçao: Que, adquirindo-se algum dominio nas In- dias Occidentaes de Castella, seria repartido por igual: Que os Estados se obrigavaõ a mandar á sua custa vinte navios de guerra a Lisboa, para se unirem com outros tantos que El Rey teria apparelhado, e juntos fariaõ guer- ra aos Castelhanos, e que os interesses seriaõ repartidos igualmente: Que El Rey poderia tirar todos os Officiaes de guerra, que lhe fossem necessarios daquelles Estados; os quaes elles mandariaõ á sua custa, e se obrigavaõ a soc- correlos em quanto assistissem em Portugal: Que da mes- ma forte poderia tirar de Hollanda todas as muñicoens, e instruimentos militares, que julgassem convenientes para a guerra: Esta era a substancia dos capitulos que se ajusta- raõ com os Hollandezes. Incluia o Tratado outros de menos importancia, e nestes havia clausulas muito miudas em ordem aos interesses de Hollanda, e a naõ restituír o que ha- via conquistado de Portugal no tempo de Castella. O tem- po foy descobrindo que ficavamos prejudicados; porque ainda que nos era precisamente necessaria a paz de Hol- landa, resultavaõ aos Estados tantos interesses da sepa- ração de Portugal, que se fora esta materia manejada com mais destreza, naõ ha duvida q se conseguiraõ na paz ma-iores utilidades, e naõ succederaõ depois tantas, e taõ pre- judiciaes controyerrias, que forao causa de danos irrepa- raveis.

raveis. Tristão de Mendonça voltou a Lisboa na Armada que mandaraõ os Estados, trouxe consigo douos Regimentos de Cavallaria, quantidade de armas, e muniçõens, hum dos melhores effeitos da sua jornada pela grande farta que havia dellas neste Reito.

Elegeo ElRey para a Embaixada de Dinamarca, e Suecia a Francisco de Sousa Coutinho, em quem con- corriaõ partes muito e slencias para esta commissão. Embarcou-se em hum navio de Dinamarca, levando por Secretario da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, ocupado naquelle occasião no Desembargo do Porto. Partio a 18 de Março, chegou a 15 de Abril á boca do Zonte, desembarcou junto ao Castello de Conembrog. Estava ElRey tão vizinho, que logo teve noticia de que era chegado, e por esta causa se passou a Co'oupenhaven Corte daquelle Principe, e cinco legoas distante. Mandou o Embaixador ao Secretario a pedir licença para poder desembarcar, concedeo-se-lhe; entrou na Corte em hum Ccched'ElRey, mas como particular; foy hospedado com muita grandeza. Passadas as primeiras ceremonias, recorreu o Secretario ao Vice-Rey, Ministro principal daquelle Coroa, pedindo-lhe da parte do Embaixador Audiencia. Gastou-se hum mez em excusas apparentes sem conclusão algua, e conhecendo o Embaixador que nascia o embaraço das alianças que ElRey de Dinamarca tinha com a Casa de Austria, e dependencias em q estava com ElRey de Castella, mandou ao Secretario que dissesse ao Vice-Rey, que ou se lhe desse Audiencia, ou licença para se partir a outras partes a que o chamavaõ occupações de grande importancia. Sem embuço respondeo o Vice-Rey que o seu Principe se achava com dificuldades insuperaveis, porque ainda que desejava sumamente a amizade d'ElRey de Portugal, os negócios daquelle Coroa com a de Castella eraõ de qualidade, q lhe prendiaõ o alvedrio para o receber com demonstrações publicas: q se tivesse algum negocio q conferir, lhe spontaria Ministro com q o tratasse, e se quizesse daquelle Reino algua cousa q fosse necessaria para a defensa de Portugal, passaria logo ordem para q se lhe desse; a estes se foi atando húa larga cadea de comprimentos, ficando ligada a outra

Anno  
1641.

*Volta o Embai-  
xador com Ar-  
mada, e soccor-  
ro.*

*Embaixada de  
Suecia, e Dina-  
marca.*

*Chega o Embai-  
xador a Dina-  
marca.*

*Negase lhe Au-  
diencia publica.*

Anno  
1641.

## 170 PORTUGAL RESTAURADO,

outra de dependencias a vontade daquelle Príncipe. A es-  
tas offertas respondeo o Embaixador: Que darse lhe, ou  
nao audiencia, era ponto indivisivel, e que visto negar-  
se lhe, se lhe permittisse licença para se partir, ficando  
nelle vivo o agradecimento da cortezia, que como parti-  
cular havia recebido naquelle Corte: Que em quanto a tra-  
tar negocio com Ministro algum, lho nao dispensava ha-  
verse lhe negado audiencia: Que das offertas do soccor-  
ro se nao valia, por ter deixado as prevençoes de Portu-  
gal independentes dellas. Entendeo o Vice-Rey da respo-  
sta a justa queixa do Embaixador, havia lhe El Rey dado  
ordem para a suavizar quanto fosse possivel: disse ao Se-  
cretario: Que Sua Magestade teria grande gosto de que  
o Embaixador quizesse ver o Castello de Fredesborg, lu-  
gar de recreaçao, onde El Rey iria a lhe fallar, porque si-  
caria com grande pena de que se partisse sem poder vel-  
lo. Pareceo ao Embaixador, que este era o caminho de  
se concluir algum ajustamento, e aceitou a offerta. No  
mesmo dia veio a caia do Embaixador hum Almirante,  
que o havia levado deste Reino, a entregar lhe da parte  
d'El Rey douz mil cruzados, que recebera de frete. Naõ  
podendo o Embaixador deixar de os aceitar pela apertada  
ordem, que o Almirante trazia, os mandou repartir pelos  
Officiaes, e Soldados, que o haviaõ comboiado. O dia se-  
guinte conduzio o Vice-Rey o Embaixador ao Castello de  
Fredesborg, cinco leguas distante da Corte, por caminho  
taõ deleitoso, que parecia mais breve a jornada. Chegou  
ao Castello, o qual julgou de fabrica maravilhosa, e en-  
trando nelle admirou a magnificencia, e adorno, occupan-  
do grande espaço a vista em pinturas, e estatuas excellen-  
tes: deraõ lhe recado de que El Rey o esperava para lhe  
fallar; obedeceo, e achou em El Rey as maiores demon-  
straçoes de affabilidade. Repetio lhe as disculpas de lhe  
negar a audiencia, e as mesmas offertas, que o Vice-Rey  
havia feito ao Secretario: respondeo o Embaixador pe-  
la mesma linguagem de que havia usado na primeira pro-  
posta dizendo: Que lhe nao ficava occasiao mais, que de  
agradecer os favores particulares, visto negar lhe Sua Ma-  
gestade audiencia publica; Convidou o El Rey a jantar,  
sen-

Falla a El Rey  
em particular.

sentou-o consigo à mesa, e a seu cunhado Joaõ de Roxas de Azevedo, que levou nesta jornada, e ao seu Secretario, dando ao Embaixador melhor lugar, que a seu filho o Conde Valdomáro. Foraõ dilatadas as horas da mesa; assistio a ella a Nobreza principal da Corte, e á sua vista brindou El Rey à saude d'El Rey D. Joaõ, e confessando-lhe este Titulo publicamente, fez mais condemnada a resoluçao de lhe naõ aceitar o Embaixador. Foy elle despedido acabada a meta com as mesmas ceremonias com que havia entrado. Deste Lugar continuou a jornada para Suecia, havendo-lhe chegado licença da Rainha, que havia pedido por via do Assistente daquelle Reino, que estava na Corte de Dinamarca. Nas Provincias por onde passou de Estuolandia, Ostrogozia, Sudermanlandia, achou prevenida magnifica hospedagem. Chegou á Cidade de Estocholmia, onde assistia a Rainha, e logo foy visitado da sua parte, finalando-lhe audiencia para dahi a dous dias. acabado o prazo, veio buscar ao Embaixador grande parte da Nobreza daquelle Reino, e com todas as ceremonias de maior ostentação foy conduzido ao Paço. Achou que os hombros de huma galhada Dama sustentavaõ o pezo daquelle Monarquia da Rainha Christina, que naõ passava naquelle tempo de quinze annos, descobria no generoso aspecto os alentos de Gustavo Adolfo seu glorioso Pay, morto na batalha de Lusen, quando com as esperanças mais seguras suppunha toda Europa sendo despojo do seu valor, atada ao carro dos seos triunfos. As mostras do semblante varonil de Christina dissimulavaõ a fragilidade da natureza, e dos annos, e proporcionavaõ o emprego da Coroa. As acçoes desta excellente Princeza deraõ pelo tempo adiante verdadeiro testimonho das disposições, que nella se admiravaõ nos primeiros annos, pois deixando generosamente o proprio, e bellico-fo senhorio por detestar a cegueira herética, se passou a viver em Roma, querendo beber na fonte o licor suave da Evangelica doutrina, sacrificando pia, e religiosamente no Altar de Nossa Senhora do Loureto o Sceptro, e a Coroa, e merece naõ só por esta heroica acção o affecto univeral, senão tambem pelas grandes virtudes, e sciencias

Anno

1641,

Parte para Suecia.

Chega a Estocholmia.

Tem' audiencia da Rainha.

Elogio da Rainha de Suecia.

## 172 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

cias incomparaveis, que nella resplandecem. Quando entrou o Embaixador estava sentada debaixo de hum docel, assistindo-lhe cinco Tutores, que seu pay lhe havia deixado, e que com ella governavaõ o Reino: junto do estrado á maõ direita tinhaõ assento tres primas suas, filhas do Conde Palatino, todas de excellente fornosura, a que se seguiaõ outras muitas Damas. Tanto que chegou o Embaixador á porta da ante-camera, se levantou a Rainha, e dando tres passos lhe fez huma pequena inclinaçõ. Ouvio a Embaixada em Latim, respondeo na mesma lingua, que fallava com grande perfeiçao, e da mesma sorte todas as de Europa: costumando dizer discretamente: Que he grande o perigo de quem não sabe mais, que a propria lingua, porque ficará sem falla mudo, se perder o uso dela. Aceitou com grande contentamento as offertas da amizade de Portugal, e não perdoou a circunstancia alguma, que justificasse o seu affecto. O dia seguinte ao da audiencia deo principio á negociaçao, a qual ajudou muito o Barão de Roche Embaixador d'El-Rey Christianissimo naquelle Corte. Apontou a Rainha por Ministro da conferencia ao Graõ Chançarel, a que assistiaõ douis Senadores: houve poucas controversias, pela muita união das vontades, ajustou-se a paz, e lançaraõ-se os Capitulos della em lingua Latina; continhaõ elles: Observar-se entre as duas Naçõens igual correspondencia, e livre Commercio em todos os portos de hum, e outro Reino. Concedeo a Rainha ao Embaixador tres navios de guerra, em que trouxe artilharia, armas, e munições, segurando o retorno nas varias drógas, de que abunda Portugal. Nestes navios se embarcou o Embaixador; nelles chegou a Lisboa a salvamento: passando pelo Zonte lhe não visitáraõ os navios, favoravel demonstraçao, que ElRey de Dinamarca mandou, que se uzasse com elle. Foy a paz de Suecia de grande importancia a Portugal, pela grande reputaçao, que naquelle tempo as armas daquelle Reino haviaõ conseguido em Europa, seando a Casa de Austria a mais prejudicada nos seos progressos.

A Embaixada que cangou mais os discursos; e que verdadeiramente se devia ventilar com maior cuidado,

Entra o Embaixador em conferencia com os Ministros da Rainha.

Ajusta-se a paz com Suecia.

do, era a de Roma: Considerava-se, que em nenhuma fórmula podia prejudicar a dilação do Embaixador, porque tentar o animo do Pontifice Urbano VIII, que naquelle tempo governava a Igreja, era prudencia, que elle havia de agradecer, e o mundo não podia condennar. Vendo que, guiadas as noslas acções dos passos da madura ponderação, sabíamos sondar os animos, e achar fundo nos interesses, que prezos de ancora tão segura não poderia perigar em alguma tempestade: e que quando o Pontifice se resolvesse, superado o conhecido obstaculo de Castella, a reconhecer El Rey de Portugal; facilmente com a certeza desta resolução se poderia despedir o Embaixador; e que se acaso prevalecessem no seu animo as conveniencias dos Castelhanos, muito devia obrigar-se da atenção d'El Rey, não querendo embaraçalho sem determinação sua em empenho tão consideravel: e que suposto se entendia, que o animo do Pontifice era Francez, que esta mesma voz o faria attento aos interesses de Castella, querendo mostrar a justiça igual, sendo esta imáginação pequena segurança para o empenho, que se buscava; pois o perigo de se voltar o Embaixador sem ser admittido do Pontifice, não devia ceder á mais poderosa apparencia do bom sucesso, fazendo este muito contingente a certeza do poder, que El Rey de Castella sustentava em Roma. Os que defendiaão a opinião contraria, diziaão que, dilatando-se a Embaixada, se dava motivo ao Pontifice a não querer aceitálla, quando depois se lhe mandasse; e que, espalhando a industria dos mal affectos, esta apparente falta de religião, causaria movimento nos animos dos Povos, nos quaes por similar causa acha sempre disposição o desafiocego: que tambem era preciso não expôr na consideração das nações duvidosa a vontade do Pontifice, o qual religiosamente devíamos suppor mais attento á justiça, que applicado aos interesses. E que ainda que nos arriscasemos ao desaf de não ser admittido o Embaixador, o que parecia impossivel conhecendo-se o animo do Pontifice inclinado a França, que nas proposições do requerimento faria El Rey publica no mundo a sua justiça, achando sem duvida a parcialidade

Anno  
1641,

*Considerações que dificultavão a Embaixada de Roma.*

*Razões em contrário.*

*França.*

## 174 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

D. Miguel de  
Portugal h: no-  
meado Embai-  
xador a Roma.

Chega o Embai-  
xador a Arro-  
chella.

Passa a Pariz.

Franceza propicia, e empenhada em beneficio nosso, assim por encontrar as dependencias de Castella, como por terem os Ministros daquelle Coroa os que fomentavaõ a opiniao de se naõ dilatar a Embaixada. E que finalmente com a Igreja nenhuma demonstraõ era arriscada, sendo os mais humildes os que mereciaõ a maior Coroa. Prevalereo esta opiniao, e nomeou ElRey por Embaixador a Roma a Dom Miguel de Portugal, Bispo de Lamego, irmão do Conde de Vimioso: tinha de idade aquelles annos, em que o valor anda mais activo, preciso para a jornada, que emprendia, e ornava-se esta virtude, que se achava na sua pessoa, de entendimento, e letras, que o habilitavaõ para esta occupaõ. Elegeo ElRey para lhe assistir a Pantaleão Rodrigues Pacheco, Inquisidor do Conselho geral do Santo Officio, declarando o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma; achavaõ-se nelle com grande igualdade as letras, e as virtudes. Foy por Secretario da Embaixada Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto, em quem concorriaõ todas as partes, que pedia este emprego. A 15 de Abril partiraõ de Lisboa, entraraõ na Arrochella, onde o Bispo desembarcou, foy hospedado do Graõ Prior de França com grande magnificencia, e parecendo lhe necessario conferir com o Monteiro mór, Embaixador de França, os negocios de Italia, se resolveo passar a Pariz. Fez a jornada em treze dias, chegou á Corte, fallou a ElRey, á Rainha, e ao Cardial. Levando ajustado com ElRey, e com o Monteiro mór o que lhe pareceõ mais conveniente, se partio para Italia. Defeve se em Avinhaõ esperando que passassem as mutações, tempo perigoso para entrar em Roma. A 20 de Outubro embarcou em Tolon, e dentro em poucos dias deo fundo em Civita Vechia, que dista treze legoas de Roma. Fez avizo de que havia chegado ao Marquez de Fontane, Embaixador d'ElRey Christianissimo naquelle Corte; o qual sem dilacão lhe mandou parte da sua familia, bem armada, para o acompanhar, a que se juntaraõ trinta Portuguezes, e alguns Catalães. Alterou se o Pontifice com a noticia de ser chegado o Embaixador de Portugal: porém naõ tendo pretexto para lhe impedir que entraisse

entrasse em Roma, ordenou ao Cardial Antonio Barberini mandasse segurar-lhe a estrada, constando-lhe, que os Castelhanos naõ podendo impedir ao Bispo, que desembarcasse, intentavaõ em offensia tua no caminho algum movimento. Com esta segurança naõ encontrando o Bispo de Lamego embaraco, chegou a Roma: apeou-se em casa do Embaixador de França, onde ficou recebendo na hospedagem todos os obsequios devidos á tua authoridade. Durou a assistencia em casa do Embaixador muitos dias, e para te passar a hum Palacio, que tomou na Praça Naona, lhe foy neceslario grande iniſtacia, por ter o Embaixador ordem d'El Rey de França para o deter em sua casa até conseguir Audiencia do Pontifice, achando esta união o meio mais proporcionado de controverter as negociações de Castella.

Assistia em Roma por Embaixador d'El Rey Catholico naquelle tempo D. Joaõ Chumaceiro. Dentro de poucos dias veio rendello o Marquez de los Valles com titulo de Embaixador extraordinario. Antes que o Bispo chegasse haviaõ celebrado os poucos Portuguezes, que estavaõ em Roma com tão publicas demonstraçõens a noticia da Acclamação d'El Rey, que passáraõ a parecer excessivos, se o valor dos Portuguezes naõ fora costumado a vencer os maiores obstaculos. Sinalou-se entre todos Bras Nunes Caldeira, Provedor aquelle anno do Hospital de Santo Antonio, que naquelle Corte chamaõ dos Portuguezes; porque succedendo celebrar-se a festa do mesmo Santo, e sendo costume assistir nella o Embaixador d'El Rey Catholico, função que lhe tocava como a Embaixador de Rey de Portugal, deliberou Bras Nunes Caldeira, que havia de defender ao Embaixador de Castella a entrada da Igreja. Juntou alguns Portuguezes, que se resolveraõ a acompanhá-lo, e sem reparar no perigo a que se expunha naõ só pela diferença do poder que os Castelhanos tinhaõ em Roma, senão pelo crime de juntar publicamente armas de fogo tão defendidas naquelle Corte, que o delinquente, que se acha com ellas, naõ difere mais que 24 horas da culpa á morte. Juntou todo o genero de armas, que lhe foy possível, ofensivas, e defensivas;

Anno

1641.

Chega a Roma;

Acção valerosa  
de Bras Nunes  
Caldeira.

## 176 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1645.

*Remeteo Pontifice os negocios do Embaixador a alguns Cardinaes.*

*Apresenta Pan-  
taleão Rodrigues hum me-  
morial com o di-  
reito d'El Rey.*

*Difficultades propositas pelo  
Cardial Francisco Barbarino.*

Sivas; ocupou os postos, que podiaõ facilitar o seu intento; e constando ao Pontifice, e ao Embaixador de Castella a sua deliberação, nem o Embaixador se arrojou a divertilla, nem o Pontifice quiz castigalla; privilegio das accoens grandes, que até os offendidos costumaõ amparallas: e naõ só este anno ficou divertida a assistencia que os Embaixadores de Castella faziaõ em Santo Antonio, senão que passou a todos os seguintes, naõ tornando a intentalla. Depois de chegar a Roma o Marquez de los Valles, remeteo o Pontifice os negocios de Portugal aos Cardiaess Nepotes Francisco Antonio Barbarino, ao Cardial Caietano, e ao Cardial Pamphilio, que com o nome de Innocencio X succedeo a Urbano no Pontificado. As supplicas se encaminhavaõ ao Cardial Francisco Barbarino, offerecia-lhas Pantaleão Rodrigues, acodia às Audiencias como Agente dos negocios de Portugal, e a tudo o mais, que pertencia ao fim, que se procurava. O Papa, em quanto se naõ tomava a ultima resoluçao, mandou ordem ao Bispo Embaixador para que naõ passeasse pela Corte em publico; Fez Pantaleão Rodrigues a primeira supplica aos quattro Cardiaes nomeados, toy nas apparencias bem admittida, e respondeo a ella o Cardial Francisco, que desejava ver o direito com que El Rey de Portugal se introduzira na Coroa. Replicou Pantaleão Rodrigues, que El Rey D. Joao mandava Embaixador á Sé Apostolica a dar obediencia ao Summo Pontifice, e naõ a esperar decisao, ou confirmaçao alguma de Sua Santidade, pois era Senhor de hum Reino isento no temporal de todo o Juizo humano: porém que por obviar as interpretaçoes dos politicos, satisfaria á curiosidade do Cardial. No dia seguinte levou em hum memorial deduzido o direito d'El Rey á Coroa, que ocupava, com razoens taõ claras, e taõ bem fundadas, que esclarecerâo todas as apparentes proposiçoes, que os Castelhanos haviaõ espalhado em varios manifestos. Esperando deste papel Pantaleão Rodrigues a resoluçao de ser o Embaixador admittido a Audiencia, lhe declarou o Cardial Francisco, que Sua Santidade via nesta Embaixada mais demonstraçoes apparentes, que obediencia, e respeito á Sé Apostolica: por que

que a retenção das Capellas, que em Portugal se havia usurpado á Igreja, continuava, violando-se por este caminho a imunidade Ecclesiastica, e aprovando-se com a contumacia o pernicioso exemplo da expulsaão do Bispo de Nicastro Colleitor Apostolico, occasionada por este respeito: Que a esta prejudicial resolução se acrescentava o grave escandalo, que a toda a Republica Christãa tinha dado a prisão do Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos: (que ja neste tempo havia commetido os delitos, que adiante referiremos) e que, consideradas estas razoens, se julgava preciso que o Arcebispo fosse posto em sua liberdade, e se lhe restituíssem seos bens, ou ao menos o remettessem em Custodia a Roma, para que o Summo Pontifice como seu legitimo Juiz julgassem o seu delicto: que as Capellas se restituíssem á Igreja, sem se interpôr duvida, nem embaraço: que com estas demonstrações se conciliaria o animo de Sua Santidade para admitir a Embaixada. Satisfez Pantaleão Rodrigues a esta proposta dizendo: que ainda que a commissão do Bispo Embaixador se não extendia a mais, que a dar obediencia ao Summo Pontifice, não parecia lícito gravar com encargos o acto de huma acção voluntaria, o que sendo contra todo o direito universal, excusava o Embaixador de não trazer poderes para tratar o que se não suppunha que pudesse acontecer; que fiado na piedade Catholica d'El-Rey seu senhor promettia da sua parte, que a duvida das Capellas se ajustaria com a conclusão mais favorável á Igreja, mandando Sua Santidade Nuncio Apostolico a Portugal, como havia feito sobre similhantes Concordatas os Pontifices Joaõ XXI. e Xisto IV. em tempo dos Reys D. Affonso V. e D. Joaõ segundo: porque esta materia era tão embaraçada, que tiverão as duvidas della principio no anno de 1604. cuja ley, desde aquelle tempo estabelecida, havia derogado o Colleitor com escandalo universal. Que em quanto á resolução do Arcebispo de Braga, Sua Magestade não havia excedido as permissoens do Diteito Canonico; porque sendo o Arcebispo convencido no crime de lesa Magestade, o não eximia o foro Ecclesiastico não só da prisaão, mas nem da

Tom. I.

M

mor-

Anno

1641.

*Resposta de Pan-  
taleão Rodrigues,*

Anno  
1641.

178 PORTUGAL RESTAURADO;

Diligencias do  
Marquez de los  
Valles Embai-  
xador de Castel-  
la.

morte, de que havia varios exemplos no Mundo: porém que Sua Magestade, para que não ficasse acção alguma sua elcrupulosa, mandaria entregar os autos do Arcebispo aos Juizes, que Sua Santidade apontasse em Lisboa, prohibindo-lhe remetterlos a Roma assim o perigo de poder por qualquer accidente cahir nas mãos dos Castelhanos, como a dificuldade de se lhe haver de formar culpa em Roma daquelle Magestade, que o Summo Pontifice não reconhecia por coroada. Estas satisfaçoens atalharaõ com o Cardial Barbarino os pretextos, que buscava para a dilaçao, que ju gava precisa, vendo que não era razão defenganar ao Embaixador de Portugal, nem conveniente offendere o Embaixador de Castella. E ultimamente antepondo a politica á justiça, apertando Pantaleão Rodrigues pela ultima resoluçao, faltando razão ao Cardial, faltaraõ lhe razoens; de que se originou cansar-se de forte das instâncias do Agente, (defeito ordinario de quem sem razão offende) que com demonstrações escandalosas dava a entender a Pantaleão Rodrigues nas audiencias publicas o seu enfado. Vendo pois o Bispo Embaixador as duvidas, que cada hora cresciaõ na sua presençaõ, buscou todos os caminhos, que as podiaõ facilitar, e em todos achou cortados os passos pelas negociações de Castella. Este successo fazia diferente effeito no Marquez de los Valles, porque vendo as suas diligencias bem logradas, tomou animo para maior empreza, e determinou tirar de Roma, na pessoa do Bispo de Lamego, hum dos maiores obstaculos, que de presente julgava, que o seu Principe tinha para a restituçao da Coroa de Portugal, tendo por certo, que, permittindo o Pontifice audiencia ao Bispo, confirmava a acclamaçao d'El Rey, e lhe facilitava por este caminho as alianças dos Príncipes de Europa; consequencia, que segurava a defensa deste Reino. Nesta consideraçao buscou pretextos para publicar queixas sem fundamentos, que saõ faceis de achar em quem negocea seguro no poder, e no cabedal. O Bispo alcançou nestes dias audiencia de alguns Cardiaes, que o trataraõ com honras de Embaixador: acompanharaõ-o a estas vizitas os seos criados com algúas insignias

signias só permittidas aos Embaixadores. Inferio o Marquez desta novidade, que o Bispo havia conseguido audiencia do Sumo Pontifice na forma, que desejava. Multiplicou as queixas com tão immodestas supplicas, que opprimido o Summo Pontifice com a memoria em Castella, e o cuidado em Napoles, declarou: Que naõ aceitava a Embaixada do Bispo de Lamego. Constando-lhe ao Marquez de los Valles a certeza deste Decreto, aplicou á paixaõ os ultimos alementos, e sem mais consideraçao, que a da ira, nem mais attenção, que a da furia, determinou prender o Bispo de Lamego, e remettello a Napoles, seguindo o exemplo dô Marquez de Castello Rodrigo, que havia tomado a melma resoluçao com o Principe de Sans, por huma leve suspeita de que o Principe tinha intelligencias com França; e fazendo-lhe cortar a cabeça, deo motivo a hum dos maiores escandalos da Europa. Com este erro por Norte determinou o Embaixador de Castella executar a empreza de prender hum Prelado na Corte de Roma, seguro na fé do Pontifice, sem mais causa, que achar favoravel a sua resoluçao, supondo-a poucos dias antes da parte das pretençoens do Bispo; desconcerto universal da natureza humana, que tanto adoece de fraca, como de forte; e assim a debilita o sangue que lhe falta, como a suffoca o que lhe sobra. Resoluto o Marquez a executar este intento, juntou em Roma, por intervençao do Principe Galiano da Casa Colona, dependente de Castella, duzentos bandidos, unico acerto desta empreza, sendo só homens de vida tão larga, proporcionados para a execuçao deste delitio; e querendo honestar o rumor, que em Roma causavaõ as suas prevençoens, fez pôr fogo a huma pequena porta, que sahia do seu Palacio, e publicou, que os Portuguezes haviaõ sido authores desta insolencia; e com este pretexto chamou a Roma Officiaes, e Soldados de Napoles. O Pontifice constando-lhe das prevençoens do Embaixador de Castella, buicou dous caminhos de atalhais: hum, mandando segurar com grande numero de Soldados as partes suspeitosas: e dando ordem para que sahissem de Roma todos os vagabundos, com que dimiu-

Anno

1641.

*Declara o Pontifice, que naõ aceita a Embaixada de Portugal.*

*Junta o Marquez de los Valles os bandidos, e convoca os Soldados.*

*Prevençoens do Papa.*

## 180 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Avizos que se  
daõ ao Bispo  
Embaixador.*

*Prevençõens  
contra os Cas-  
telnhos.*

nuiu muito a familia do Marquez de los Valles: outrõ ordenando ao Bispo de Lamego que se acompanhase de pouca familia, e que o seguro da sua palavra, e das prevençõens, que mandava fazer, podiaõ livrallo de todo o receio. Estando de huma, e outra parte as materias na disposiçao referida, e acompanhando-se o Bispo Embaixador ſó de douſ Gentis homens, e douſ lacaios, conforme a ordem do Pontifice, chegou em 20 de Agosto o effeito, que se podia esperar de tanta resoluçao defconcertada. Sahio o Bispo de Lamego ás cinco horas da tarde a visitar o Embaixador de França, acompanhado da familia, que lhe estava destinada: Era hum dos Centis homens Diogo de Barcellos, antigo criado de sua casa. Examinou a sua attençao, que seguia a carroça do Bispo huma espia dos Castelhanos; advertio-o ao Bispo, o qual mandou logo chamar hum confidente, a que ordenou que fosse a casa do Embaixador de Castella, e que achando alguma novidade, lhe fizesse avizo em casa do Embaixador de França, para onde hia. Naõ tardou muito com a certeza de que achara em casa do Embaixador prevenindo-se gente, armas, e carroças. Confirmou esta noticia Pantaleão Rodrigues: porque tendo naquelle tarde Audiencia do Cardial Barbarino, soube delle que o Marquez de los Valles estava resoluto a buscar occasião de se encontrar com o Bispo, e valer-se della para o matar, ou prender: e pedindo o Cardial a Pantaleão Rodrigues quizesse persuadir ao Bispo que naõ sahisse aquella tarde de sua casa, elle lhe respondeo que ja quando elle sahira ficava fóra della. Obrigado de huma, e outra noticia lhe pareceo ao Bispo que era necessario prevenir-se para que o naõ colhesse o Embaixador de Castella desarmado. O Embaixador de França desejou persuadir ao Bispo que ficasse em sua casa, dizendo que como naõ era novidade ser seu hospede, que ninguem poderia censurar esta acção: porém o Bispo advertido, e valeroso, em nenhum caso admittio esta proposta; o que vendo o Embaixador de França, mandou juntar a sua familia á do Bispo, e a estas se uniuõ alguns Portuguezes, e Catalaens, que andavaõ em Roma: chegáraõ todos

## PARTE I. LIVRO III. 181

dos juntos ao numero de sesenta pessoas. O Embaixador de França por evitar a confusaõ, e desordem, nomeou por Cabo desta gente ao seu Mestre de Camera, chamado Lucach, pessoa de que fazia grande confiança. Feita esta prevençaõ, entrou o Bispo em huma carroça com quatro Gentis homens, sem mostrar sobresalto algum, herdando o valor, e constaçia de seos antigos predecessores: Seguia-o a mais gente, huns em carroças, e outros a pé; mas de sôrte repartidos, e caminhando as carroças tão devagar, que todos se acháraõ juntos. Pouco havia o Bispo andado, quando lhe fizeraõ avizo, que o Marquez de los Valles se vinha chegando: mandou aos cocheiros, que naõ parassem, e vieraõ a topar-se as carroças dos dous Embaixadores em huma volta, que faz a rua de Santa Maria in via. Gritáraõ os Castelhanos, que fizessem alto ao Embaixador de Castella, responderaõ os Portuguezes, que parassem ao Embaixador de Portugal. Sem dilaçao sahiraõ os Castelhanos das carroças, o mesmo fizeraõ os Portuguezes, e Francezes: de huma, e outra parte se disparáraõ quantidade de carabinas, e pistolas, de que logo ficáraõ mortos, dos que acompanhavaõ o Bispo, hum Maltez parente do Embaixador de França, dous pagens seos, e hum criado de Pantaleão Rodrigues: dos Castelhanos cahiraõ mortos oito, em que entrou o Capitão D. Diogo de Vargas, e ficáraõ vinte feridos. O estrago das armas de fogo se acrescentou com os golpes das espadas, que os Portuguezes sabem esgrimir com grande destreza. Carregáraõ os Castelhanos com tanto valor, que em breve espaço desampararaõ ao Marquez de los Valles, que se naõ havia até aquelle tempo sahido da carroça, e vendo-se só perturbado do receio sahio pelo espaldar della, e falto de alento, esquecido da reputaçao, perdido o chapeo, e descomposta a capa, se recolheo á logea de hum biscouteiro, donde passou á casa do Cardial Albernoz, que ficava vizinha. O Bispo de Lamego sahio da carroça, em que hia, no principio da pendencia com húa carabina nas mãos, e em quanto ella durou deu valerosamente calor aos que o acompanhavaõ: acalhada ella, se recolheo a casa de hum Italiano em quati-

Anno.

1641

*Fineza do Embaixador de França.*

*Encontro dos dous Embaixadores.*

*Sahe descoçofose o Marquez de los Valles.*

## 182 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

*Recolhe-se o Bispo vitoriojo.*

*Sabe de Roma o Marquez de los Valles.*

to as carroças se preventiāo, e os mortos se retiravaō. Voltou para o Palacio do Embaixador de França, donde, incomodado o rumor, se retirou ao seu aposento. A carroça do Embaixador de Castella esteve dous dias feita pedaços no lugar da pendencia, sem haver quem a recolhesse, que tal era o desacordo com que ficou o Marquez de los Valles, e a sua familia. Veio logo visitar o Bispo de Lamego da parte do Cardial Barbarino hum Gentil-homem seu, agradeceo o Bispo o comprimento tem se queixar do sucesso. Os Cardiaes da facção de Castella, e todos os que seguiaō áquelle partido, acodiraō logo a casa do Marquez de los Valles: á do Bispo de Lamego vieraō o Duque de Brechano, e muitos dos dependentes de França. O Cardial Antonio montou a cavallo, e segurou a Cidade com varios corpos de guarda, que repartio pelas ruas. No dia seguinte a este sucesso determinou o Marquez de los Valles sahir-se de Roma tem dar conta ao Pontifice: porém persuadiraō os parciaes á que lhe fallasse, por não accrecentar o justo sentimento com que estava da sua demazia. Obrigado deste conselho pedio o Marquez audiencia, e usando nella de pretextos a parentes para se sahir de Roma, o Papa o despedio com breves, e graves palavras. Passou-se o Marquez para a Cidade de Aquila, e esté seu retiro gravou na opiniāo de todos mais o seu excesso, e fez de todo evidente a sua imprudencia. O Bispo de Lamego entendeo que deste accidente havia de resultar o bom sucesso da sua Embaixada, supondo que não podia o Pontifice achar melhor satisfação do insulto commettido pelo Marquez de los Valles em offensa da sua authoridade, e discredito da sua palavra, que recebello como Embaixador de Portugal. Sobre este bem fundado discurso assentou as mais efficazes diligencias, applicou todas as negociações, multiplicou as maiores instâncias: porém achando mais que nunca cerrados os ouvidos do Pontifice, negando-se a audiencia do Cardial Barbarino a Pantaleão Rodrigues, e havendo recebido ordem d'ElRey, que se passado hum anno de assistencia de Roma, que se contava em 20 de Outubro, a que estava proximo, não houvesse conseguido aceitar o Sumi-

o Summo Pontifice a Embaixada, se voltaſſe a Portugal, fe resolvoeo por ultimo defengano a fazer huma supplica a Sua Santidade, cujas razões eloquentes, e bem fundadas continhaõ todo o direito d'El Rey á successão da Coroa de Portugal, a posse pacifica em que estava naõ só do Reino, ienab de todas as Conquistas delle, a humildade, e promptidão com que mandára dar obediencia a Sua Santidade, que era passado hum anno sem poder conseguir audiencia, por haverem prevalecido as cavilosas diligencias dos Castelhanos, taõ poderosas, que obrigaõ a Sua Santidade a negar a El Rey Dom João o que os Summos Pontifices feos glorioſos Predecesſores haviaõ concedido naõ só a todos os Principes Christãos legitimos posuidores das suas Coroas, como elle era, mas ainda aos intrusos, hereges, e infieis, que se quizeraõ sujeitar a esta obsequiosa ceremonia: e que ficando El Rey com as diligencias, que havia feito, livre de escrupulo dos dânos, que ao espiritual do seu Reino forçosamente haviaõ de resultar, esperava que estes correslem por conta, para a dar no Tribunal mais Supremo, dos que aconselhavaõ a Sua Santidade; e que além destas justificadas queixas, conſtando a El Rey a pouca segurança com que vivia naquelle Corte, o mandava se voltaſſe a Portugal, naõ havendo conseguido audiencia até o fim do mez de Outubro, em que prefazia o termo d'hum anno de assistencia de Roma: porém que elle esperava, que S. Santidade usando da sua piedosa grandeza, quizesse conceder-lhe audiencia merecida de justiça, e remedio da aflição, que padecia Portugal de presente, e dos males que se temiaõ de futuro. Naõ foy de algum effeito esta ultima diligencia, respondendo o Cardial Biche ao Bispo de Lamego por ordem do Súmo Pontifice, que a Congregaçao dos Cardiaes havia determinado, que a Embaixada naõ fosse admittida, assim pelos accidentes de novo acontecidos, como porque tendo o Estado da Igreja guerra com o Duque de Parma, naõ podia pôr ſe em risco de quebrar com os Castelhanos, guerra que teria mais formidavel ao Estado da Igreja, pelo grande poder, que El Rey Catholico tinha em Italia, e pela muita vizinhança, que havia de Na-

Anno

1641.

*Ultima Supplica  
do Bispel Embai-  
xador ao Papa.*

*Resposta ao Embaixador cõ de-  
fengano.*

## 184 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

*Não admitte o  
Bispo audiencia  
como particu-  
lar.*

*Parte de Roma,  
e chega a Por-  
tugal.*

*Diligencias d'El-  
Rey para se re-  
colherem os Fi-  
dalgos, que es-  
tão nas Indias.*

poles a Roma. Desenganado o Bispo com esta ultima determinaçao, se resolveo partir-se para Portugal. O Pontifice parecendo-lhe, que suavizava os agravos referidos com permittir ao Embaixador audiencia como Bispo de Lamego, lha mandou offerecer: nesta forma não quiz elle aceitalla; dizendo, que não era aquelle o fim para que o seu Príncipe lhe entregára a commissão, que trouxera. Partio-se tambem sem fazer ceremonia alguma com o Cardial Francisco Barbarino; porque como estava com tanta razão queixoso, julgou que não era precisas todas as demonstraçoes, que fizessem mais publico o seu sentimento. Embarcou-se em Lione, e em poucos dias chegou a Lisboa, onde as suas açoens, ainda que com máo sucesso, lograra o aplauso que merecia, por serem dispostas com grande valor, e prudencia. Durou-lhe pouco tempo a vida, e as suas virtudes fizerao geralmente sentida a sua morte.

No mesmo tempo, que succederão os varios casos de que temos dado noticia, havia El Rey solicitado todos os caminhos de segurar a defensa deste Reino, e procurado juntamente trazer a elle todos os Portuguezes, que por varias partes andavao divididos em serviço d'El Rey de Castella. Constando-lhe, que D. Rodrigo Lobo havia chegado com alguns navios a Cartagena de Indias, derrotado de hum temporal, havendo sahido de Lisboa dous annos antes por General de huma Armada, que passou ao Brasil, e padecido os infortunios, que experimentou o Conde da Torre, quando intentou restaurar Pernambuco, e que com D. Rodrigo vinha embarcado Joao Rodrigues de Vasconcellos Conde de Castello Melhor, e outros Fidalgos dignos de toda a estimaçao, se resolveo a fazer-lhes avizo, e quiz na brevidade anticipar-se ao que de Castella se havia de mandar aquella parte, podendo resultar desta diligencia passar D. Rodrigo a Portugal sem embaraço. Elegeo para esta jornada a Joao Páes de Carvalho, habilitando-o assim o ter capacidade, como haver estado muito tempo em Cartagena. Partio de Lisboa em huma caravela em cinco de Janeiro com vento professo: chegou brevemente ás Ilhas de Barú, cinco legoas

de

de Cartagena, onde deixou a caravela, e passou a Cartagena em hum batel; levava algumas cartas, que El-Rey mandou lançar sobre huns sinaes em branco, que se acháraõ d'El-Rey de Castella na Secretaria de Estado: levava outras assignadas pela Duqueza de Mantua, que firmou obrigada ou do receio, ou das instancias. A confusão daquelle tempo occasionou o desaceito das cartas; porque supondo-te, que era General da frota de Indias D. Jeronimo de Sandóval, que o havia sido, se lançáraõ as cartas em seu nome, e te puzeraõ para elle os lobrefcritos das que lhe tocavaõ. Outras que hiaõ para D. Rodrigo Lobo continhaõ ordem, para que viesle comboiando a frota, e que na altura das Ilhas acharia vinte fragatas de Dunquerque, que se haviaõ de incorporar com elle, para segurar a frota da Armada de França, que a esperava. As cartas escritas a Dom Jeronimo eraõ ordens apertadas, para que naõ embaraçasse o que se ordenava a D. Rodrigo Lobo. Tanto que Joaõ Paes chegou a Cartagena falou com Dom Rodrigo, e deo-lhe a carta occulta, que levava d'El-Rey, que continha a persuasaõ de se passar a Portugal, solicitando na jornada os maiores interesses, que lhe fossem possiveis: porém faltando a prudencia necessaria em negocio tão importante, e achando Joaõ Paes por General da frota a Francisco Dias Pimenta, que havia sucedido a D. Jeronimo de Sandóval, pudera occulto dar a carta que levava d'El-Rey a D. Rodrigo, e voltar-se com as outras na caravela sem damno, nem perigo do segredo; mas o seu pouco recato fez patente a Francisco Dias Pimenta a sua chegada. Tanto que o soube o buscou, e solicitando as cartas, que elle lhe deo sem resistencia, examinando nos erros delas a cavilação das ordens, prendeo Joaõ Paes, e pondo-o a tormento a poucos tratos confessou a diligencia a que vinha, e a mesma declaração fez logo D. Rodrigo Lobo, porque vendo descoberto o tratado, quiz evitar prudentemente fazer-se suspeito; constando-lhe também, que assim como chegára a caravela ás Ilhas fora conhecida por embarcação de Portugal; erro que pudera evitar-se, mandando-se outra menos suspeita, que logo de Cartahena haviaõ

Anno  
1641.

Prizab de Joaõ  
Paes de Carvalho.

Descobrelse o  
intento.

Anno  
1641.

## 186. PORTUGAL RESTAURADO,

vião hido varias pessoas examinar a diligencia a que vinha, o que custou pouco trabalho, porque os remeiroes, que leváraõ a Joaõ Paes no batel, tinhaõ referido aos Portuguezes, que encontráraõ, todo o successo da aclamação. Francisco Dias tanto que teve descoberto toda esta máquina, mandou buscar a caravella por alguns barcos, e a este rumor os que estavaõ nella, prevenidos para qualquer accidente, leváraõ ancora, e deraõ á vela para Portugal, sem offensa de algúas cargas, que dos barcos lhes tiráraõ: chegáraõ a Lisboa, e ficou ElRey com grande sentimento, sabendo delles o máo successo da sua jornada. Joaõ Paes foy sentenceado á morte, de que se livrou por quinhentas patacas, embargos que o puzeraõ na rua sem mais exame do seu delicto. As noticias da aclamação d'ElRey alteráraõ os animos de quasi todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, mostrando Deos em todas as partes do Mundo, que com o remedio da Simpatia, duvidoso em outras feridas, determinava curar aquellas, que os Castelhanos haviaõ feito nos animos dos Portuguezes sessenta annos, que os domináraõ. Produzio o avizo de Joaõ Paes o maior effeito no generoso coração do Conde de Castello-Melhor, e parecendo-lhe pequena empreza a de passar só a sua pessoa a Portugal, intentou outra taõ bem fabricada, que merecia melhor fortuna: porém as grandes emprezas compoem-se de muitos instrumentos, naõ se ajustando nunca segredo comunicado a muitas pessoas, e sendo o segredo a alma dos negocios, destroem-se, se se revela, e conserva-se poucas vezes, por naõ fazerem todos os instrumentos os movimentos iguaes.

*Empreza heroi-  
ca do Conde de  
Castello-Melhor*

No tempo em que o Conde de Castello-Melhor andava forjando as maiores idéas, lhe offereceo a fortuna a occasião que desejava. Partio Francisco Dias Pimenta para Porto Bello com dez navios, a buscar a prata que naquelle anno havia de passar na frota a Hespanha: ficaraõ surtos no porto de Cartagena quatro galeões grandes, que eraõ as Capitanias, e Almirantes de Portugal, e Castella; e o presidio que ficou em Cartagena constava a maior parte de Infantaria Portugueza: estas disposições

fo-

foraõ matéria ao fogo em que ardia o Conde de Castello. Melhor por acrecentar a sua cpiñão, taõ similhante ao mesmo fogo, que se apaga, se se não fermenta. Formou o Conde consigo as ideias seguintes, e ajustou-as com o seu discurso, muito capaz Conselheiro de negocio de tanto pezo, primeiro que se resolvesse a communicallas a outra pessoa. Discurso que os quatro navios, que ficaraõ turtos, estavaõ sem guarnição, que introduzir-lha dos Portuguezes, que se achavaõ em Cartagena, era muito facil, e pouco difícil persuadiilos com as instancias dos Capitaens, que julgava dispesos à sua ordem, para emprenderem huma acção de tanta gloria, e utilidade. Dispunha mais, que os mantimentos, e munições necessarias para o provimento dos navios, poderia facilmente tirar dos muitos, que estavaõ recolhidos no arrabalde da Cidade chamado Geslamaní: porque depois de ganhados os Officiaes, e Soldados Infantes julgava, que seria facil interpretar o arrabalde, e favorecendo a fortuna o intento, ganhar a Cidade, e que quando se mostrasse difficultosa esta ultima empreza, lhe bastavaõ para o que intentava as munições, e mantimentos, que havia de tirar do arrabalde; e porque o Forte de São Filipe, que dominava a Cidade, e defendia a barra, podia ser embaraço á empreza, e offensa aos navios, determinava valerosamente o Conde de o ganhar na mesma hora, que tivesse disposto o assalto do arrabalde, e para conseguir a empreza, dispunha introduzir-se na Fortaleza na forma, que muitas vezes costumava ir a ella, que era com seos camaradas, e criados a conversar naquelle sitio as horas desoccupadas. Era este numero de gente superior à pequena guarnição da Fortaleza; e esta constava quasi toda de soldados Portuguezes, e por este respeito tinha o Conde por infallivel conseguir o effeito, que desejava; e levantando-se mais o remontado vdo de seu espirito, supunha empreza facil, vridos os fios de todo este tear, achando-se com os quatro navios bem guarnecidos superior ao poder, que Francisco Dias Pimenta trazia na volta de Porto Bello para Cartagena, investilho; e ganhados os navios carregados de prata entrar com triunfo.

Anno  
1641.

## 188 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Comunica o intento a D. Rodrigo Lobo, que o approva,*

*Encarregue a Pedro Jaques as diligencias.*

*Descobre o traço Antonio de Azevedo.*

triunfo, e com despojo em Lisboa de tanta importancia, e taõ valerosamente conseguido, que toda a prata, que os galeões trouxerem, feria pouca para lhe fabricarem estatuas. Formado este discurso, passou logo o Conde á execuçāo, e a primeira pessoa a quem comunicou o seu intento foy a D. Rodrigo Lobo, o qual achou valerosamente dilposto a tentar a empreza, e a procurar todos os caminhos de consegui-la. Depois de examinarem as dificuldades, se ajustariaõ na disposiçāo seguinte. Estavaõ alojados na Cidade os Capitães Antonio de Azevedo, Antonio Rebello Falcaõ, e Antonio Raposo, sem os quaes se naõ podia conseguir o intento proposto. Suppôz o Conde, que tres Antonios era felice vaticinio, e naõ podiaõ faltar á fé Portugueza; encommendou ao Capitaõ Pedro Jaques de Magalhaens, em cujo valor, e destreza punha arrazoadamente a maior confiança, que persuadisse a Antonio de Azevedo obrigado ao Conde assim na melhora de posto, como no remedio das faltas de cabedal; porque na persuasaõ deste julgava, que consistia a dos dous camaradas, conhecidamente governaados pela sua direcçāo. Fez Pedro Jaques com tanta efficacia a diligencia, que trouxe Antonio de Azevedo diante do Conde, depois de o instruir em tudo o que estava disposto: porém Antonio de Azevedo respondeo ao Conde taõ friamente, e com tanta turbacão, que Pedro Jaques foy de parecer que o matasem logo; o que o Conde naõ consentio, assim pela sua grande christandade, como por se fiar em que elle prometteo de persuadir os dous Capitaens seos camaradas, que logo disle hia pôr por obra: porém ou instruidos por elle, ou introduzindo-lhe a grandeza da acçāo o medo, (taõ perigoso hospede nos corações dos homens, que quebra as leys da hospitalidade com todas as virtudes que acha nelles) de tal modo ficou exercitando este dominio em todos os tres Capitaens, que se resolveo Antonio de Azevedo, concordando com os dous, naõ só a se desviar da empreza, mas a entregar nas mãos de seos inimigos os amigos, e naturaes, a que era portantas razoens obrigado.

Ao amanhecer de 29 de Agosto foy buscar ao Sargento Mór D. Antonio Maldonado Texada, que governava

vernava a Cidade, e a D. Francisco Cartejon; que servia de Almirante da Armada, aos quaes descobrio tudo quanto Pedro Jaques lhe havia siado. Os Castelhanos tem mais outra averiguacao determinaraõ prender ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaques, e a seos camaradas; e para o executar sem perigo da guarniçao Portugueza, fingiraõ que chegara avizo de que appareciaõ oitenta navios Hollandezes, e por este supposto temor mandaraõ tomar as armas á guarniçao Castelhana, e aos moradores, e ordenaraõ aos Portuguezes, que naõ sahifsem de seos quarteis sem segunda ordem. Seguros deste receio prenderaõ ao Conde de Castello-Melhor, a Pedro Jaques de Magalhaens, Jorge Furtado de Mendoça, D. Luiz de Abranches, Antonio de Mello, camaradas do Conde, e aos seos criados. Prenderaõ tambem a Pedro Gonsalves Rotèa, Capitaõ de Mar, e Guerra da Capitania de Castella. Sem formar processo, nem interpor dilaçao, chamaraõ a perguntas a Pedro Jaques, diante dos Juizes, que elegeraõ para o exame do delicto, estando prefente Antonio de Azevedo: o qual dizendo primeiro, que era Christao, e que se naõ poderia crer, que levantasse testemunhos, referio, que Pedro Jaques havia hido duas noites a tua casa, a primeira a lhe propor quanto elle havia declarado, a segunda a saber se estavaõ seos camaradas persuadidos. Depois de acabar toda a confissao, que indignamente fez, lhe respondeo Pedro Jaques, sem se perturbar, huma tão generosa mentira, que com o valor, e juizo superiores ao perigo, acreditou o defeito de haver encontrado a verdade. Disse, que Antonio de Azevedo mentia em quanto havia relatado, e que maior culpa, que a elle, punha aos Juizes, pois davaõ credito a hum homem tão vil, que sempre costumara encaminhar as suas accões pelos delirios do vinho, e que se respondes-  
se em fôrma ao que lhe perguntasse, estava certo, que a verdade o pria a elle livre, e faria a Antonio de Azevedo delinquente; e continuou dizendo a Antonio de Azevedo: Naõ podeis negar com verdade, que eu fuy a vossa casa dizer-vos, que naõ pertendesseis húa dama, que eu foliciava, e vós conhecéis, porque era empenho meu: pro-  
mettistes

Anno

1641.

Prizaõ do Com-  
de, e outros Fi-  
dalgos.

Resposta genero-  
sa de Pedro Ja-  
ques.

## 190 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Tratlos rigoros de Pedro Jaques.*

*Passa a Lisboa, faz-lhe El Rey mercê.*

mettestes de executar o que vos advertia, fez-vos desculpar a continuaçāo do vinho da palavra, que me tinheis dado: torney segunda noite a tratar-vos como merecieis, e a desafiar-vos, fizestes zombaria do discredito, naõ querendo sahir ao campo; e fazendo-vos pezo terdes perdido a opiniaõ, quizestes restaurar huma infamia com outra infamia, intentando com os vossos testimunhos, que as mãos da justiça vingassem em mim o que naõ poderaõ as vossas mãos. Ficou attonito Antonio de Azevedo, e naõ soube responder huma só palavra, e confundiraõ-te de sorte os Juizes, e os que ouviraõ naõ só as razoens de Pedro Jaques, senaõ a constancia, e resoluçāo com que as proferio, que mandaraõ recolhelo á prizaõ, e tomaraõ por expediente pôr a tormento Antonio Rodrigues, seu criado, e a Jacintho Lobo, que o era do Conde de Castello-Melhor. Faltou nestes o valor para sustentar o segredo á vista do tormento, confessaraõ tudo o que sabiaõ, que bastou para aggravar a culpa dos que estavaõ prezos, e tiveraõ os Juizes estes indicios por bastantes para dar tratos a Pedro Jaques; os quaes forao de qualidade, que parece que sustentar a vida foy divida particular ao favor Divino, que assistio ao seu valor; porque constantemente naõ pronunciou mais palavras, que aquellas que forao necessarias para a defensa do Conde, ganhando na constancia, com que padeceo o tormento, immortal credito na memoria dos homens. Depois de curado o sentencearaõ em dez annos de degredo fóra de Cartagena, e seu distrito. Tanto que se lhe offereceo occasião, passou a Cadis, de Cadis a Lisboa: fez-lhe El Rey mercê de huma Comenda, e fez depois nos grandes postos, que occupou, accoens taõ finaladas, como largamente referiremos nela historia.

Poucos dias depois da prizaõ do Conde, chegou de Porto-Bello Francisco Dias Pimenta, e querendo mostrar no rigor a pouca attençāo, que tinha ao sangue Portuguez, de que se alimentava, mandou occultamente trazer o Conde de Castello Melhor ao Castello de S. Filipe, e naõ achando na sua confissão mais que repetidas queixas do injusto procedimento, que com elle se uzava, o remet-

emetteo ao Auditor da Armada D. Francisco Regi com  
ous Ovidores por adjuntos, sem attender a que naõ ti-  
ha juridicão para sentencear hum Titulo de Portugal sem  
differença nas preeminencias aos Grandes de Castella, cu-  
as culpas reserváraõ os Reys para Tribunal mais supre-  
mo. Formáraõ o proceso os Juizes nomeados, e senten-  
cearaõ o Conde á morte, condemnando o primeiro a le-  
var trátos, esperando que a confissão do Conde nos tra-  
tos fizesse mais justificada a sua sentença, ou descobrisse  
algumas pessas, a que elle tivesse comunicado aquella  
revolução. Antes que a sentença se publicasse ordenou  
Francisco Dias Pimenta, que se embarcassem na Armada  
todos os Portuguezes, que havia em Cartagena, recean-  
do que a vista do espetáculo os obrigasse a depôr a obe-  
diencia. Depois de embarcados, leo hum Escrivaõ a sen-  
tença ao Conde, de que appellou, mostrando a nullida-  
de nas prerrogativas do Titulo: naõ lhe valeraõ os embar-  
gos, e a onze de Outubro, juntos todos os Juizes, a que  
assistia D. Francisco Cartajon, acerrimo inimigo dos Por-  
tuguezes, presente o Conde, lhe disse o Auditor, que  
estava na sua maõ livrar se dos tratos, descobrindo os cum-  
plices, por naõ padecer a morte mais penosa, a que sem  
appellação o tinhaõ condemnado. Respondeo o Conde  
constantemente, que a jurisdicção que elles tomavaõ naõ  
passava dos limites do Corpo á liberdade da Alma: que  
quanto mais infallivel era durar-lhe pouco a vida, tanto  
mais efficazmente devia tratar da immortalidade, naõ  
condemnando a quem o naõ merecia. Na resolução da res-  
posta do Conde entenderaõ os Juizes, que era infructuo-  
sa a efficacia das palavras, e remettéraõ ás obras o desafoi-  
go da paixaõ com que procediaõ: fizeraõ despir o Conde,  
e apurando nelle o mais intimo do rigor, lhe deraõ sete  
tratos, ministros que obrigavaõ a execução com outros  
tormentos: padecendo os sem pronunciar outra palavra  
mais que as que julgou necessarias para implorar o soccor-  
ro Divino. Vendo os Juizes, que superava a constancia  
do Conde os repetidos golpes dos cordeis, mandaraõ af-  
roxallos, e recolhendo o á prizaõ, o entregáraõ a Cirur-  
gios com taõ pouca noticia daquella arte, que forão

Anno

1641.

*Sentenceaõ o  
Conde à morte,  
dando se-lhe  
primeiro tor-  
mento.*

Anno

1641.

*Acção valerosa de D. Rodrigo Lobo, e volta a Portugal.*

novos verdugos, aggravando-lhe as feridas com os remédios. D.Rodrigo Lobo impaciente com a notícia do que o Conde padecia, bulcou Francisco Dias Pimenta, e perguntando-lhe com as razoens, que costuma a desconcertar a paixaõ, quem lhe dera poder para proceder contra hum Titulo de Portugal, Francisco Dias lhe respondeo, que a resoluçao com que fallava o fazia suspeito: com a maõ na espada quiz D.Rodrigo justificar a sua fidelidade; prendeo o Francisco Dias, trouxe-o na frota a Madrid, onde foy solto; passou-se a Portugal, e durou-lhe pouco tempo a vida. Os Castelhanos publicaraõ, que o Conde confessara o delicto no tormento, a fim de obrigar com esta invençao a que alguns Portuguezes se ausentassem, para ficarem por este caminho descobertos os cumplices: foy a traça infructuosa; e deixando o Conde na prizaõ, se partio Francisco Dias Pimenta para Hespanha, livre do cuidado, que lhe davaõ os muitos Portuguezes, que levava na frota. Chegando a Cartagena, antes de se partir a Infantaria Castelhana, que sahio da Bahia depois de acclamado ElRey, como fica referido, com a qual reforçou a guarnição dos navios de guerra, repartindo os Portuguezes por todos os da frota, levou Francisco Dias no seu galeão a Jorge Furtado de Mendoza, a quem permittiraõ, que passasse a Madrid com a applicação do Conde, que lhe aceitáraõ os Juizes, reconhecendo o pouco poder, que tinhaõ para o sentencear à morte. Fez Jorge Furtado em Madrid toda a diligencia, que lhe foy possivel, pela liberdade do Conde: passou-le, depois delle a conseguir, a Inglaterra, e de Londres a Portugal. Os mais camaradas do Conde, e os seos criados forao também soltos. Antonio de Azevedo mal satisfeito passou a Hespanha, onde sem recompensa alguma acabou a vida vil, e pobramente; sendo até aos que recebem benefícios desta qualidade pezados, e abominaveis os infames authores delles. O Conde mal saõ das feridas se arrojou a novo intento: quiz levantar-se com o Castello onde estava prezo; teve ganhados alguns soldados por intelligencia do Padre Frey Ambrosio do Espírito Santo da Ordem de S.Bento, seu Confessor, que havia trazi-

*Fim miserável  
de Antonio de  
Azevedo.*

do da Bahia. Determinava ganhar o Castello ajudado de alguns Soldados, que havia grangeado, e conseguir navio para se passar a Portugal: mas como o intento era grande, e os meios pouco proporcionados, se desvanecéo, e ficou o Conde só alimentado da esperança de hum avizo, que havia feito a El Rey por dous Alferes, hum chamado Antonio de Abreu, outro Domingos da Silva, os quaes passaraõ a Cádis occultos na frota, e de Cádis sem perigo a Lisboa: deraõ noticia a El Rey de tudo o que o Conde passava, e soffria por seu serviço.

Achou-se El Rey obrigado á satisfaçao de tantas finezas, e persuadido juntamente da politica de obrigar com a boa correspondencia a maiores emprezas os valerosos animos de seus Vassallos; mandou logo apprestar hum navio, dando calor á brevidade o animo varonil da Condeça de Castello Melhor, hoje Marqueza do mesmo Titulo, que em muitas accoens grandes tem mostrado, que andaõ nella iguaes o valor, e a prudencia. Dentro de poucos dias deo à vela com os dous Alferes, que levavaõ ordem de procurar por todos os caminhos a liberdade do Conde, e largas promellas, se a conseguissem. Em quarenta dias lançaraõ ferro na ponta da Conoa, onze leguas de Cartagena: saltou em terra Antonio de Abreu, caminhou para a Cidade, e occulto buscou a casa de Fr. Ambrosio sem ser visto de outra pessoa; falou com elle, e lhe communicou o intento que levava. Fr. Ambrosio não querendo dilatar o alivio á afflicçao, que o Conde padecia, tendo lhe prohibido o poder falar-lhe, lhe mandou dizer por hum criado, que unicamente o servia, que lhe desse alvyçaras. Esta noticia sem outra distinçao deixou o Conde alentado, e confuso. Naõ lhe durou muitos dias o embaraço, porque Fr. Ambrosio soube conseguir o comunicar-se com elle: Era Governador da Cidade D. Ortuño de Aldape Biscainho, grande inimigo de Portuguezes: havia tirado ao Conde, com as notícias de que queria fugir, naõ só os criados, mas o Confessor. Fr. Ambrosio reconhecendo a misteria do Biscainho, a que era conhecidamente sujeito, lhe armou com o receio do gasto, e o obrigou a cahir no laço facilmente. Sustentava-se o

Anno  
1641.

Manda El Rey  
hû navio para  
livrar o Conde.

## 194 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Dá Frey Am.  
brofio ao Conde  
esta noticia,

Effeitos da libe-  
ralidade, e da  
miseria;

Conde das esnolas, que Fr. Ambrosio lhe grangeava. Publicou Fr. Ambrosio, que se partia para Caracas, pois lhe naõ permittiaõ, que confessasse o Conde dizendo, que era impiedade de que até os Infieis se abstrahiaõ. Soube o Governador a sua resoluçao, e vendo que ausente Frey Ambrosio havia de correr forçosamente o sustento do Conde por sua conta, achou mais facil a permissao, que o dispenso, e concedeo licença a Fr. Ambrosio para entrar a falar ao Conde todas as vezes, que lhe parecesse, naõ querendo arriscallo a segunda tentaçao de ausentarse. Tanto que Frey Ambrosio teve esta permissao entrou no Castello, e communicou ao Conde a vinda, e o intento dos dous Alferes. Conferiraõ o modo com que se podia conseguir romperem os muitos laços daquella prizaõ, e vieraõ a ajustar, que naõ podiaõ lograr este intento sem persuadir a tres Soldados, hum Castelhano chamado Antonio Ruiz natural de Sevilha, e dous Portuguezes, hum cujo nome era Antonio Ferreira natural de Santarém, outro Barnabé Caldeira de Villa-Viçosa. Falou-lhes Frey Ambrosio, e todos prometterao segredo, e execuçao, obrigados da liberalidade com que o Conde antecedentemente os havia tratado, e desta sorte vieraõ a ser authores desta acçao os dous maiores oppostos, a liberalidade e a miseria; porque se o Governador naõ fora miseravel, naõ entrara Frey Ambrosio a fallar ao Conde, e se o Conde naõ fora liberal, naõ achara hum Castelhano, e dous Portuguezes, que arriscassem a vida pela sua liberdade. E desta proposicao se pôde facilmente tirar a consequencia de que he tal a virtude da liberalidade, que he melhor ser prisioneiro liberal, que Governador miseravel. Parece que dispunha Deos a fugida do Conde por meios extraordinarios. Informado Antonio de Abreu de Frey Ambrosio de tudo o que havia conseguido, e dispondo ambos a traça para se executar a liberdade do Conde, sahio Antonio de Abreu da Cidade por huma parte occulta, e passou em huma canôa ás Ilhas de Barú, onde havia concertado com Domingos da Silva, que o esperasse no navio. Chegou ás Ilhas, e achou o navio rendido a huma fragata Hollandeza, que andando a corso o encontrou a cafo.

caso. Domingos da Silva na desesperação de ver balda-  
da tanta diligencia, havia comunicado ao pirata o ne-  
gocio a que El Rey o mandava: mas tem embargo de ju-  
ntificar com os passaportes a sua verdade, prevalecerá  
com o pirata a ambição da preza, se não for a mais pode-  
rosa a fortuna do Conde, que dando-lhe nette successo  
por deidade tutelar a liberalidade; tanto que chegou An-  
tonio de Abreu, concordando a sua noticia com a de Do-  
mingos da Silva, e obrigou generosamente o pirata a  
trocá os interesses pela gloria da empreza. Prometteo a *Resolve o Capt.*  
Antonio de Abreu de lhe assistir até o ultimo alento, e *tao assistir á sua*  
executou-o com tanta verdade, que foy a sua galharda *preza.*  
resolução o mais util instrumento desta máquina. Confe-  
rindo com elle, e com Domingos da Silva Antonio de  
Abreu tudo o que deixava disposto, voltou a terra, e oc-  
cultando-se na espreitura de hum mato vizinho á Cidade,  
onde esteve alguns dias, entrou de noite a falar a Frey  
Ambrosio, e deixou-lhe escrita huma carta para o Conde,  
na qual lhe dava conta de tudo o que havia passado, e o  
persuadia á brevidade da execução. Esta carta, por não *Descuido de Fr.*  
imaginado accidente, pudera ser a destruição de todo o *Ambrogo.*  
intento; porque Fr. Ambrosio pouco advertido, retiran-  
do-se Antonio de Abreu para o mato, chegando-lhe húa  
carta do Conde para huma Senhora daquella Cidade a  
quem devia grandes assistencias na sua prizaõ, trocou por  
desacerto as cartas, e mandando ao Conde a mesma, que  
havia escrito, remetteo a de Antonio de Abreu, que hia  
para o Conde, a esta Senhora, com quem elle se corre-  
pondia. Abrio-a ella, e achando na carta todo o segredo  
da empreza, se resolveo generosamente a occultalio. El-  
creveo ao Conde, culpando a pouca attenção de Frey Am-  
brosio, remetteo-lhe a carta de Antonio de Abreu, e se-  
gurou-lhe o segredo, o qual guardou inviolavelmente.  
Merecia esta generosa acção não deixarmos em silencio  
o nome desta Senhora: porém como ainda vive, não he  
razaão que descobrindo o que executou, possa ella per-  
igar pelo mesmo caminho, que soube grangear os maiores  
louvores. Passado este sobresalto, veio Frey Ambrosio, e  
Antonio de Abreu a ajustar por oídem do Conde o tempo

Anno

1641.

Toma húa fra-  
gata Hollande-  
za e navio.

*Descuido de Fr.*  
*Ambrogo.*

*Fidelidade ge-  
nerosa de huma  
Senhora Calde-  
lhana.*

## 196 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Fugida admi-  
ravel do Conde*

mais adequado de conseguir o que intentava. Chegou a occasião, e foy o dia em que os tres Soldados referidos entráraõ de guarda á pessoa do Conde: e sem embargo de que havia feito algum rumor na Cidade chegarem os navios a Boca Chica, huma das tres barras della, teve a liberdade do Conde felice execuçao em 16 de Junho. Sahio Fr. Ambrosio de Cartagena com hum criado do Conde, e nove Portuguezes reduzidos a ter parte na empreza: embarcaraõ-se todos em huma lancha, na qual os esperava Domingos da Silva, e amparados com o escuro da noite aguardáraõ hum final, que os do Castello haviaõ prometido fazer. Tocou a hora de entrat de sentinella ao Conde a Barnabé Caldeira, e andar de ronda a Antonio Rodrigues: sahio o Conde com elles, sem ser sentido dos Soldados, que dormiaõ á porta da prizaõ, por entre os quaes passaraõ, e buscando o posto em que estava de sentinelha Antonio Ferreira, fizeraõ com o fogo de hum murraõ aos que estavaõ na lancha o final concertado: reconhecendo-o, saltaraõ brevemente em terra, e se chegaraõ ao pé da muralha. Sem interpor dilaçao, perigosa em tanto aperto, atáraõ os do Castello huma corda ao reparo de huma peça de artilharia, e lançando-se primeiro por ella dous criados do Conde, para examinar a sua segurança, achando-a firme, baixou o Conde com grande trabalho, por lhe ficar dos tratos aleijada a maõ esquerda: fizeraõ a mesma diligencia os tres Soldados, e unidos os que desceraraõ aos que esperavaõ, se embarcaraõ na lancha, e brevemente se introduziraõ em o navio Hollandez, que o Conde elegeo para a viagem, havendo-se unido a este outro da mesma conserva.

Vinha rompendo a manhãa, e ao mudar das sentinelhas sentiraõ os do Castello a falta do Conde: disparáraõ huma peça, para que da Cidade se fizesse mais prompta diligencia: acodio o Goyernador ao rebate, e para que tivesse maior motivo de pena, foy à tempo, que vio passar por junto da Cidade os tres navios, largas as velas, tremulando as flammulas, e soltos os galhardetes, as Armas de Portugal arvoradas, as de Castella (prevençao dos Piratas Hollandezes) arrastando, a artilharia, e mosqu-

molquetes alterando-se com repetidas cargas, ouvindo-se na pauza dellas as alegres vozes dos que partindo solemnizavaõ a felicidade que conseguiaõ. Seguirão os navios a viagem deixando a terra, e a poucas sangraduras experimentaraõ o tempo contrário, que facilmente mudá de condiçao, coroando-se da inconstancia. Creceo de forte a tormenta, que aberto o navio Portuguez se foy apique. Entre a compaixaõ do naufragio rendeo o Conde a Deos as graças da sua felicidade; porque foy necessario que o navio Hollandez em que elle se embarcou viesse áquelles mares com sim tão diverso, e que aquelle Pirata se resolvesse sem conveniencia alguma a ajudallo, para não ser o mar, que buscava por remedio, sepulcro da vida que livrará da contingencia em que estava na prizaõ: porque, ainda que he certo que quem trouxe os Hollandezes pudera suspender a tormenta ou sustentar o navio, mostra Deos os efeitos, e não pera itte á ignorancia dos homens reconhecer as causas. Passada a tormenta, seguindo a viagem encontráraõ huma fragata Castelhana, que caminhava com varias mercadorias na volta de Cartagena: renderáõ-a, e dividindo os Castelhanos pelos dous navios, a guarnecerão com marinheiros Hollandezes. Alegres da preza caminháraõ dous dias, entrou lhe segundo temporal tão rijo que meteo apique a fragata Castelhana. Não sey se fora facil aos mais scientes Mathematicos reconhecer para a prevençao do perigo este desconcerto das estrellas? De maneira que os Hollandezes que cantavaõ a gloria de vencedores, forão os de que na tormenta triunfou a morte, e os Castelhanos que choravaõ a disgráça de se verem prisioneitros, acháraõ nella a conservaçao das vidas. Razaõ era que estes exemplos de lenganalem aos que temerariamente querem antever os futuros. O navio em que hia o Conde, teve evidente perigo, roto o leme, e quebrado o masto grande: no maior conflito entrou no porto das Palmas, havendo perdido de vista o outro navio. Concertou-se este o melhor que lhe foy possivel, e largando os Castelhanos, passáraõ a Tortuga, habitaçao de Francezes, onde forão hospedados com toda a urbanidade; e reparando o navio

Anno

1641.

Perde-se o na-  
vio Portuguez.

Rendem huma  
Fragata Cas-  
telhana.

Ponderaçao so-  
bre as varieda-  
des destes fue-  
turos.

## 198 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Entrou o Conde  
em Lisboa, he  
recebido d'El Rey  
com grandes honras,  
merces.

Premio que se  
deo ao Capitão  
Hollandez.

Sucessos do se-  
nhor Infante  
Dom Duarte.

fizeraõ viagem, e sem mais contradicçao entráraõ em Lisboa. Desembarcou o Conde; foys recebido d'El Rey com todas as demonstraçoes, e satisfaçao que requeria o seu mericimento: disse-lhe que se apurára como o ouro na fornalha, (comparaçao da Escritura) e outras palavras em que os Principes tem o maior thesouro, se sabem, e quereem uzar dellas. Fez El Rey mercé ao Conde do Titulo em duas vidas mais, e nas mesmas os bens da Coroa, e Ordens, e de huma Commenda de mil cruzados: nomeou-o do seu Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia de Entre Douro e Minho, onde adquirio com acçoes novas maior mericimento. A Fr. Ambrosio deo oitenta mil reis de pensao em hum Bispedo, aos mais satisfez com tenças, habitos, e postos. Ao Capitão Hollandez premiou com seis mil cruzados, huma cadêa de ouro, e huma medalha com o seu Retrato. O Conde lhe deo dous mil cruzados, com que foys satisfeito, e todos como mereceraõ ficáraõ premiados.

Antes que entremos nas primeiras acçoes da guerra, donde a historia tomará fio, para sahir o menos que for possivel da ordem dos annos, determino de me desembaraçar na forma proposta de todos os casos grandes que dependeraõ da Acclamaçao, ainda que o effeito se dilataffe: porque como não tecem a historia truncados, pudera ficar confusa, se os dividisse, e qualquer delles tem tanto que ponderar, que merecia particular volumes principalmente este que, agora dará exercicio á pena; pois veremos lastimolamente hum Principe vendido, e hum Imperador comprado, tendo o Principe inocente, e o Imperador ambicioso, ministrando estes desconcertos por ordem de hum Rey esquecido do titulo de Catholico, homens que depuzeraõ as obrigaçoes do sangue, e os empenhos da Patria, escurecendo acçoes muito glorioas, com as quaes haviaõ resplandecido no mundo. Succede o caso da sorte seguinte: O Serenissimo Infante D. Duarte irmão d'El Rey D. Joao passou a Alemanha a servir o Imperador Fernando III. tanto que teve idade para esmaltar com o nobre exercicio das armas o esclarecido sangue heraldo dos Reys seos gloriohos Avós. Quando El Rey foys aclamado

clamado, exercitava o posto de Sargento General de Batalha, com acçãoens taõ sinaladas, que unidas à affabilidade do trato, e a outras excellentes virtudes, conteguia a estimação do Imperador, e era emprego dos olhos, e do affecto de todo o Exercito. Havia-se achado nas occasioens de maior importancia do Imperio, quando as Armas de Suecia o tiverão mais opprimido, assistindo familiarmente ao Conde Mathias Galaço nomeado pelo Imperador por Tenente General de seu filho primogenito Fernando Rey de Bohemia, e ajudando-o a lançar os Suecos do Imperio, os quaes governados pelo Duque de Uveymar depois da morte d'El Rey de Suecia tinham ocupado á maior parte delle, sendo desta recuperação o Conde Galaço o Author mais digno, e o Infante o Executor mais valeroso das suas ordens. Estes successos merecedores de immortal memória escreveo o Infante em huma relaçao de estylo taõ levantado, de linguagem taõ excellente, de termos militares taõ proprios, e de juizos, e conceitos taõ superiores, que não só pode competir, mas exceder a tudo quanto tem escrito as pennas melhor apparadas. Conserva-se este papel da propria letra do Infante na livraria de Luiz de Sousa filho II. do Conde de Miranda, Capelaõ mór do Príncipe D'Addro, e Arcebispo de Lisboa, que com muito louvável curiosidade peregrinou depois de sahir de Roma, só por escolher em toda Europa os melhores livros, conseguindo juntar a maior livraria deste Reino. Acabada a Campanha do anno de 1640 no mez de Dezembro, aquartelando-se o Exercito, ficou o Infante alojado na Suevia, tres leguas de Ulma. Chegou aos Ministros de Castella primeiro o avizo da Acclamação, que ao Infante. Publicou-se em Lisboa que Francisco de Lucena havia sido origem deste desacerto por antigas dissençoens mal affecto ao Infante: porém o descuido d'El Rey padeceo no juizo dos homens a maior condemnação, julgando que materias desta qualidade não se deviaão fiar de outra diligencia, sendo preciso avizjar a seu irmão pela pessoa mais confidente. a tempo que elle se pudesse sahir do Imperio sem perigo dos Ministros de Castella, que era certo haverem de romper na sua pessoa

Anno  
1641.

Anno  
1641.

## 200 PORTUGAL RESTAURADO,

todos os impulsos da ira de verem separado o Reino de Portugal daquella Monarquia: porém a fatalidade que conduzio á morte este inocente Príncipe dispoz, que se desconcertassem todos os instrumentos da sua liberdade. Assistiu na Corte do Imperador por Plenipotenciario d'El-Rey Catholico Dom Franciso de Mello, a quem honrou a natureza com o Real sangue da Casa de Bragança, mas variando nello o effeito de correr pelas véas, foy o motivo mais principal da ruina do Infante, esquecido dos beneficios que devia á Casa de Bragança, ou trocando'os pelas dependencias do Conde de Olivares. Chegou-lhe de Madrid a nova dos successos de Portugal, e ordem para procurar por todas as vias a prizaõ do Infante; entendendo-se em Madrid justamente, que em se lograr este intento se tirava a Portugal a melhor defensa, por correrem no Infante todas as virtudes de hum Príncipe politico, e de hum Capitaõ experimentado. Tratou D. Franciso de dar á execuãao a ordem de Castella, e naõ perdoou para este effeito a negociaçao alguma: communhcou o que intentava a alguns Hespanhoes, os quaes achou de opiniao contraria, parecendo-lhes impossivel, que o Imperador se persuadisse a cooperar em hum tratado sobre: porém como tanta faltaõ sequazes á maldade, achou Dom Franciso dispostos para este fim o Padre Fr. Diogo Quiroga Confessor do Imperador, e o Doutor Navarro Secretario da Imperatriz. Com a diligencia destes dous Ministros se começou a fomentar a negociaçao, e julgando Dom Franciso qualquer dilacraõ perigosa, pedio audiencia ao Imperador, e propoz-lhe com grande efficacia a noticia, que havia tido de Madrid da alteraçao de Portugal, e quanto convinha aos interesses da Casa de Austria a prizaõ do Infante, porque faltando na sua pessoa aos Portuguezes Capitaõ, e á Coroa mais hum Successor, vendo divertida a maior circumstancia da sua rebellaõ, feriaõ faceis de reduzir á obediencia d'El-Rey Catholico, podendo resultar do contrario maior contumacia na guerra mais perigosa, e de mais relevantes consequencias, que podia ter a Casa de Austria: porque tocando tão vivamente no coração de Hespanha, forçosamente

Diligencias de  
D. Franciso de  
Mello sobre a  
prizaõ do se-  
nhor Infante.

Proposta ao Im-  
perador, e sua  
resposta.

mente pela união antiga, e inseparável havia de tocar ao Império o mesmo danno. Mostrou o Imperador grande sentimento desta proposta dizendo, que preferia a todos os interesses não violar a imunidade do Império, e não quebrar as leys da hospitalidade; que o Infante estando em Alemanha não tinha culpa nos sucessos de Portugal, e que as suas ações em benefício daquella Coroa merecia diferente recompensa. Ajudou esta resolução o Arquiduque Leopoldo irmão do Imperador, a quem se comunicou esta matéria, protestando, que consentir-se na prisa do Infante seria a maior infidelidade, e a mais abominável ingratidão; pois se offendia a inocência, e se castigava o mericimento. Não desmaiara as diligências dos Ministros de Castella com o máo sucesso deste primeiro combate: fizerao medianeiros com os Ministros do Imperador os dobrocens de Hespanha, com os quais em muitas occasioens tem os Castelhanos persuadido os animos mais obstinados. Ganharaõ o Conde de Traumestorff, parecer que ouvia o Imperador, e com este outros sogeitos importantes, para conseguir o que intentavaõ.

Rompeo-se na Corte a indigna diligencia, que faziaõ, e eraõ contrarios a ella todos os desinteressados, clamando pela liberdade do Império. Vacilava o animo do Imperador entre huma, e outra opinião: porém combatido com o ultimo esforço se rendeo á cavilosa industria dos Castelhanos. Preveniraõ elles a Imperatriz, e facilmente a persuadirão ao seu parecer: prometteo ajudallos, e o executou com tanta destreza, que depois de se mostrar ao Imperador muito afflita da molestia, que padecia neste caso, lhe aconselhou, que se livrasse de escrupulo, seguindo o parecer de seu Confessor. Sujeitou-se o mal acautelado Príncipe filho de Adão a este remedio, para aggravar de todo a infirmitade: chamou logo Fr. Diogo Quiroga, o qual a Imperatriz tinha prevenido, e estava pouco distante esperando este aviso. Propoz-lhe o Imperador o embaraço em que se achava: brevemente o livrou da duvida, instruido nas erradas políticas de Machiavello: disse ao Imperador, que deixaria a consciencia

Anno

1641.

*Voto do Arqui-  
duque Leopoldo*

*Favorece a Im-  
peratriz os inter-  
essos de Hespanha*

*Voto do Padre  
Quiroga*

mui-

## 202 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

muito gravada, se logo naõ mandasse prender o Infante: bulcou ( corrompido com o interelle ) muitas razoens apparentes para dissimular este caviloso parecer; dizendo, que ao Imperador tocava, como a Monarcha mais supremo, procurar reduzir por todos os caminhos huma naçao rebelde á obediencia de seu legitimo Principe: que a prizaõ do Infante era hum dos meios proporcionados para este fin, e a attençao ao bem publico taõ aboluta, que derogava qualquer outra ley, que offendesse; e a estas fantasias accrecentou outras, que achaõ o castigo a tempo, que naõ pôdem uzar do remedio da culpa. Vencido o animo do Imperador, lavou as mãos do delicto, e entre-

*Dasse ordem a D. Luiz Gonzaga para prender o Senhor Infante.*  
gou o innocent. Deo ordem a D. Luiz Gonzaga, para que fosse ao quartel de Leypen, e chamasle a Ratisbona, onde estava a Corte, da sua parte ao Infante; e que em cafo que duvidasse de obedecer, o trouxesle prezo. Preveniraõ os Castelhanos os discursos que se haviaõ de fazer sobre esta ordem com outra maldade, e espalharaõ, que o Senhor Infante com a noticia dos succesos de Portugal fugira: puzeraõ talha de oito mil cruzados a sua cabeça, e logo persuadiraõ a Picolomini, General do Exercito, que se achava na Corte, para que o Infante prevenido com algum avizo naõ pudesle ausentar-se, e que mandasse o Coronel D. Jacintho de Vera com huma ordem, que dia-

*Ordem do General Picolomini.*  
zia: Ordene ao Coronel D. Jacintho de Vera, que vâ ao quartel de Leypen a prender o Principe de Bragança, e que, naõ o podendo conseguir, o mate, e que ou vivo, ou morto me traga o seu corpo. Muito desejava encobrir esta deliberaçao de Picolomini, por naõ afeiar com ella as muitas partes que teve: porém he indispensavel a verdade da historia, e naõ pôde ter disculpa fazer-se Ministro da prizaõ do Infante o General, que havia de ser defensor da sua inocencia, exercitando á sua ordem posto naquelle Exercito. Naõ teve effeito a que D. Jacintho levava, porque o Infante se havia partido de Leypen para Ratisbona, onde se celebrava a Dieta Imperial, a tratar alguns negocios dos seos Soldados, sem a menor suspeita do perigo, a que levava a vida exposta. Embarcou-se no Danubio, accidente, que o livrou da morte, vindo procurar-lha por terra

terra os que traziaõ por objecto os oito mil cruzados promettidos pela sua cabeça. Indo navegando lhe chegou hum avizo de D.Luiz Gonzaga, em que lhe dizia, que aguardasie, porque trazia huma ordem do Imperador para lhe comunicar: fez alto, naõ querendo ouvir as repetidas instâncias dos seos criados, os quaes ja com alguma noticia, ainda que confusa, lhe advertiraõ, que se passasse a lugar seguro: porém elle naõ quiz admittir esta proposiçao, porque fazia maior confiança na fè do Imperador; propondo-lhe o generoso espirito, que o alimentava, taõ forçosas as obrigaçoes de hum Principe, que refutava qualquer opiniao, que naõ era subordinada a este axioma. Mostrou-lhe a experiençia, que, sendo a Fidalguia do animo a virtude mais appetecida, muitas vezes he o maior verdugo de quem a logra: porque habilita para este emprego coraçoes preverulos, e tece á sua innocencia com esta singeleza os laços da sua ruina.

Aguardou o Infante a D.Luiz Gonzaga: chegou só com hum criado, dissimulaçao, que o fez menos suspeitoso, mostrou ao Infante a ordem, que levava do Imperador, á qual sinceramente obedeceo sem repugnancia. No dia seguinte, que se contavaõ 14 de Fevereiro, chegaraõ a Ratisbona, acharaõ prevenida huma carroça de D. Francisco de Mello, demonstraçao, que o Infante agradeceo como cortezia, naõ conhecendo, que era pri-  
zaõ; entrou nella, onde o recebeo Agostinho Navarro, que deo ordem para que a carroça guiasse a huma estalagem comboyada do Proboste general, e da vileza dos seos Ministros. Chegaraõ á estalagem, e acharaõ nella o Capitaõ da Guarda do Imperador com quarenta Mosque-  
teiros, o qual disle ao Infante, que Sua Magestade Cesa-  
rea lhe ordenava, que sem outro avizo seu naõ sahisse daquelle lugar. Alterouse o Infante, mais da conduçao do Proboste, que da assistencia do Capitaõ da Guarda. Sentio-  
se, e queixou-se: porém ja era de balde huma, e outra demonstraçao; porque na pouca differençia, que ha de ser a ferro, saõ os erros cadeia onde em hum só fuzil se enlaçao muitos. Hospedaraõ ao Infante no mais estreito apolento da estalagem, de que na mesma noite o mudou para

Anno

1641.

*Confiança generosa do Senhor Infante.*

*Prende-se em húa estalagem.*

## 204 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Dasse-lhe pal-  
vra em nome do  
Imperador de o  
naõ entregarem  
aos Castelhanos.*

para outro menos humilde D. Luiz Gonzaga, o qual o informou da causa da sua prizaõ, dando-lhe palavra da parte do Imperador de nunca o entregar nas mãos dos Castelhanos; naõ fazendo jo Imperador o reparo preciso de que no recato do prometter devem os Príncipes pôr o maior cuidado: porque muitas vezes ou por generosidade propria, ou por facilitar os seos intentos, ou por excessar algum perigo empenhaõ a sua palavra, e achando muito ordinariamente contradicçõens para satisfazella, perdem o credito; porque o que se promette, e se naõ executa, o recebe por afronta o superior, por injustiça o igual, e o inferior por tyrannia. Menos grave fora a culpa do Imperador, se naõ acrecentara á entrega, que fez do Infante nas mãos de seos inimigos, a quebra de sua palavra. Attonito deixou ao Infante a noticia que lhe deu D. Luiz Gonzaga, naõ supondo porém artificada a vida nas mãos de dous impossíveis, que assim lho persuadia arrazoadamente o seu ditcurso: porque primeiramente avaliava por impraticavel, que El Rey seu Irmaõ se resolvesse a tomar a Coroa sem lhe fazer anticipado aviso. Em segundo lugat supponha impossivel entregallo o Imperador nas mãos dos Castelhanos, estando elle livre de culpa, todo entregue ao acerto de servillo. Mas os dous oppostos em cuja contraposição tinha confiança, veio a unir lastimosamente a experiença. Vio no mesmo dia prezos todos os seos criados, e examinados os seos papeis pelo Doutor Navarro: e como esta resoluçao era o maior estrago do seu respeito, pouca esperança lhe podia ficar de prevalecer a sua justiça. Na indecente prizaõ da estalagem passou outo dias, os quaes gastáraõ os Castelhanos em consultas do modo com que poderiaõ conseguir passallo ao Castello de Milaõ, licença que o Imperador até aquelle tempo havia negado.

*Diligencias da  
Dieta.*

Favoreciaõ muito a justiça do Infante os Congregados da Dieta de Ratisbona: representavaõ ao Imperador com vivas razoens quebrada a liberdade do Imperio, e a fé Germanica corrompida: feriaõ aos Castelhanos com as suas metmas acçõens, fazendo-lhe memória dos manifestos que haviaõ publicado contra a Coroa de

de França sobre a prizaõ do Príncipe Casimiro, nos quaes  
 avaliavaõ aquella ação pela mais infiel, e que no caso  
 presente eraõ authores de outra por todas as circumstan-  
 cias mais abominavel, obrigando ao Imperador a que ti-  
 rasfe a liberdade a hum Príncipe sem culpa, que servia fiel,  
 e valerosamente ao Imperio, buscando-se para esta execu-  
 ção huma Cidade franca, em que se celebrava Dieta Im-  
 perial, de muitos seculos formada para estabelecer as leys  
 do Imperio. Estimulou mais aos da Dieta hum eloquen-  
 te, e bem fundado papel, que lhes fez presentar Franci-  
 co de Souza Coutinho, naquelle tempo Embaixador no  
 Reino de Suecia, o qual continha o direito d'El Rey D.  
 Joaõ á Coroa de Portugal, os excessos de que usáraõ os  
 Reys Catholicos Filipe II, III, e IV na sua Conquista,  
 e no seu dominio, a inocencia do Infante, e assinaladas  
 ações executadas em serviço do Imperio: e concluia,  
 que ainda que o Infante cooperasse em restituir a Coroa a  
 seu irmão, (o que se negava) era injustamente prezo,  
 pois o introduzia na posse do que se lhe devia de justiça:  
 e que sendo tanto pelo contrario ter o Infante noticia dos  
 successos de Portugal, que ley Divina, ou humana per-  
 mittia, que fosse prezo em Imperio absoluto, e Cidade  
 livre hum Príncipe inocente, e officioso ao mesmo Im-  
 perio, pois por servir ao Imperador deixara a patria, e  
 a grandeza da propria Casa, achando por satisfação o tor-  
 mento, e o evidente perigo da vida? Não forão de utili-  
 dade alguma estas diligencias, nem os memoriaes, que o  
 Infante presentou ao Imperador, que continhaõ as mes-  
 mas razoens; e ultimamente lhe negou audiencia, que por  
 muitas vezes lhe pedio: porque era offensor poderoso;  
 e queria esconder o rosto do offendido. Falaraõ lhe varios  
 Príncipes intercedendo pelo Infante, insurdeceo-se aos  
 rogos de todos, e por se eximir de tão penosos embara-  
 ços apartou de si a occasião da culpa, e nunca este reme-  
 dio foy menos util para o livrar do peccado, porque se  
 gravou mais com a distancia. Mandou ao Infante para a  
 Fortaleza de Pasleovu, entregue ao Coronel Xenque, e  
 sessenta mosqueteiros divididos em duas barcas: chegou  
 em dous dias, e achou prevenido o Palacio do Archidu-  
 que

Anno.

1641.

Papel de Fran-  
 cisco de Souza  
 Coutinho.

Passeie à Fort  
 aleza de Pal  
 seiu.

## 206 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Passa à de  
Grats.

Não obraõ em  
Roma as dili-  
gencias.

Tira-se-lhe até  
e Confessor.

que Leopoldo , de quem era a Fortaleza , por ordem sua a pezar dos Castelhanos , que desafogáraõ esta paixaõ com a vigilancia das guardas , e prevençao das janelas , cercando-as com grades de ferro. Ministrava Navarro estas diligencias , a quem entregaraõ o Infante , para que naõ afroxasse a sua moletia. Cinco mezes esteve nesta pri-zaõ , no fim delles alcançaraõ os Castelhanos do Impera-dor poderem mudar-lha para Grats , caminhando sempre ao intento de o levar a Milaõ , de que era Grats mais vi-zinho. Partio de Paseovu , deyendo áquelle Povo demon-straçoens de grande commiseraõ , a sete de Julho che-gou a Grats , onde creceo de forte o aperto , que lhe fi-zerão , que chegaraõ a negar-lhe licença para vender a sua prata , sendo-lhe necessario valer-se della para se suste-nitar. Tratava-o o Governador humanamente , de que foy asperamente reprehendido : porque naõ querem os que tyrannamente procedem , que alguma acção justa emende as que desconcerta a sua impiedade. Deste lugar teve o In-fante correspondencia em Roma com o Bispo de Lamego , para quem vi algumas cartas suas , em que lhe pedia a in-tervençao do Pontifice : encarecendo-lhe o aperto com que passava : porém em Roma naõ valeraõ as diligencias do Bispo para conseguir o que resultava em beneficio da Co-rra de Portugal.

Chegou neste tempo por Embaixador de Castel-la à Corte do Imperador D. Manoel de Moura Marquez de Castello-Rodrigo : havia entre elle , e D. Franciso de Mello , por interesses particulares , antiga opposiçao , ce-derão-a em damno do Infante , e unidos fomentáraõ a sua ruina. Crescendo as diligencias , se multiplicou o máo trato do Infante , tiraraõ-lhe todos os criados Portugue-zes : e chegando com elle à ultima mortificaõ , lhe pro-hibiraõ , que se confessasle com hum Padre da Companhia Alemaõ , em que achava alivio espiritual. Foy este o gol-pe mais sensitivo , que experimentou aquelle constante , e valeroso Principe em todo o discurso da sua trabalhosa prizaõ : porque as penas , que chegaõ á alma , tem poder , por serem maiores , para diminuir o rigor dos tormentos do corpo. Entre tanto aperto conseguiu o alivio de che-

gar

gar huma carta sua ás māos do Imperador, que continha estas forçosas, e discretas razoens: *Muitas vezes tenho manifestado a V. Magestade Cesarea a grande injustiça, e agravo, que se me faz, quando eu por haver deixado a patria, e a commodidade da minha casa, e havendo servido oito annos a V. Magestade com tanta satisfaçāo, como* *sabe todo o mundo, esperava receber grandes favores: agora entendo que o Marquez de Castello-Rodrigo continuando o mesmo que havia inventado D. Francisco de Mello, procura conduzir-me a Milao, para que eu sirva de zombaria, e sacrificio ao odio, e indignação deste, e outros Ministros: porém espero da grandeza de V. Magestade, que não queira romper em mim as leys da justiça, e aquelle direito, no qual me constituirdo a hospitalidade, e fé publica, inviolavel entre as mais barbaras Naçōens. Pelo que espero que V. Magestade terá consideração à minha justiça, e innocencia, deixando huma, e outra nas suas Imperiaes maos atē que V. Magestade me franquee o direito das gentes com a mesma liberdade do Imperio, naõ permitindo que se execute em mim novidade, que sirva de exemplo tão prejudicial à fé publica. Rejresentando juntamente a V. Magestade o grande amor, trabalho, e dispeza com que tenho servido a V. Magestade, expondo a vida a muitos perigos, como agera fizera com o mesmo animo, e fidelidade, se V. Magestade me permitira. Guarde Deos a Imperial Pessoa de V. Magestade Cesarea. De Grates 16 de Março de 1642. D. Duarte. A esta carta mandou responder o Imperador pelo Conde de Transmāndorff as razões seguintes, que pediaõ diferente execuçāo: *Dey a S. Magestade Cesarea a carta de V. Excellencia, e lhe referi tudo o que V. Excellencia me escreveu em 16 do passado. Sua Magestade Cesarea me respendeo muito benignamente, declarando naõ querer aggravar a V. Excellencia na sua ifflicçāo, mas alleviallo muito depressa, e em sendo tempo fazer lhe todo o favor: o que se me offerece referir a Vossa Excellencia beijando-lhe as maos. Viena 5 de Abril de 1642. Mal se pudera colligir do suave estylo desta carta o contrario effeito que brotou o animo que a produzio: mas quem naõ vio dourado o amargo da pirola? Com a diferença**

Anno

1642.

Carta ao Imperador.

Resposta do Imperador.

## 208 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

rença de ser util aquelle engano, este mortal tanto para o Infante, que o padeceo, como para o Imperador que o fabricou. Porém com a diferença de levar ao Infante ao suppicio de huma vida caduca, e entregar o Imperador nas mãos da morte do discredit, que eternamente dura, lavrando este bruto sinzel na paciencia do Infante o mais perfeito original da constancia.

*Parte para Flá-  
des D. Francisco  
de Mello, conti-  
nua o Marquez  
de Castello-Ro-  
drigo as negoci-  
ações de Castel-  
la.*

*Entrega o Im-  
perador por di-  
nheiro o Senhor  
Infante.*

Partio Dom Francisco de Mello para o governo dos Estados de Flandes, premio, como se entendeo, da prizaõ do Infante, ainda que por outras açoens mais decorosas, e verdadeiramente grandes havia merecido a El Rey Catholico maiores lugares. Ficou o Marquez de Castello-Rodrigo entregue da negociação de passar o Infante a Italia, para que sem dependencia de outro podesse executassem nelle os maiores estragos da lem justiça. Considerando o Marquez precisa esta execucao se resolvo a applicar a mais efficaz diligencia. Teve meio para prometter ao Imperador quarenta mil cruzados, por lhe permitir a licença que pedia. Cerrou a ambição de todos os olhos a este infeliz Príncipe, não se achando em outro algum exemplo de maior disgraça; e resolvo-se a vender a liberdade do Imperio, as leys da hospitalidade a immunidade dos Príncipes livres, a palavra dada, e ratificada muitas vezes com muitas promessas, e ultimamente a receber o dinheiro, e a entregar o Infante nas mãos do Marquez de Castello-Rodrigo. Verdadeiramente que não acho termos com que encarecer o horror, que me faz este sucesso, olhando para o Imperador; e a lastima a que me obriga esta tragedia, pondo os olhos no Infante; porém como a tunica de Cesar banhada em sangue fez maior effeito no Povo Romano, que a traição de Bruto, e rhetorica de Antonio, passemos toda a eloquencia para a consideração deste espetáculo, porque delineado na idea de quem ler esta hitoria, presumo que achará maior efficacia na imaginação, que nos conceitos Entregue o Infante ao arbitrio do Marquez de Castello-Rodrigo, duvidou da parte que lhe signalaria para eternizar: desejou que fosse Hespanha, mas achou na com- dueçõ grande dificuldades, e risco em qualquer dos lu- gares

gares em que assistisse, pela vizinhança de Portugal. Em Napolis havia a duvida de que os Principes livres, por cujos Estados havia de passar o Infante forçosamente, naõ quereriaõ que os seos Estados fossem estrada de huma accão taõ indigna. Ultimamente se veio a resolver no intento proposto de passar o Infante ao Castello de Milaõ, pela fortaleza o mais seguro, e para a conduçao o mais facil: elegeo o caminho de Tirol dominio da Casa de Austria, e vizinho do Estado de Milaõ. Passou-se a ordem a Navarro: prevenio elle com toda a attenção o segredo, mas naõ pode consegui-lo, porque chegou primeiro a noticia ao Infante; e perguntando-lhe dissimuladamente se era certo hum discurso que havia feito de que o levavaõ ao Castello de Milaõ, lhe affirmou Navarro com hum solemne juramento, que naõ tinha tal ordem, uzando da errada politica de hum Ministro do mesmo seculo, que costumava dizer, antepondo á ley Divina a fragilidade dos interesses humanos, que naõ havia meio mais efficaz para enganar, que o juramento. Desmentio-se brevemente Navarro, e entrou a intimar a ordem ao Infante com grande numero de Soldados, o qual sem a menor alteração lhe disse. *Seja Deos louvado: Exierunt cum gladiis, & fustibus tanquam ad latronem.* Com toda a brevidade o meteraõ em huma liteira entregue a Stuembergo, Cõmissario Imperial, e á tyrannia de Navarro. Antes que se partisse de Grats escreveo a hum Ministro do Imperador huma eloquentissima carta, em que substanciava todo o sucesso, e expunha toda a sua queixa, uzando do pequeno desafogo de hum animo afflito, que he cõmunicar a sua disgraca. Chegando aos confins da Valtelina, achou hum Sargento mór mandado pelo Governador de Milaõ, ao qual o entregou o Cõmissario Imperial. Delpendendo o Cõmissario do Infante, lhe disse: *Dizsey ao Im- perador, que maior pena me dá haver servido a hum Prin- cipe tyranno, que o verme prezo, vendido, e entregue nas mãos de meus inimigos; mas que Deos ha de permitir que haja alguma hora quem faça o mesmo com seos filhos, que naõ nacerão mais privilegiados que eu; pois a Casa Real de Portugal, de que desendo, naõ cede em sangue à Casa*

Anno  
1641.

*Maxima dia-  
bolica.*

*parte para 14:  
laõ.*

*Recado mísse-  
rioso para o Im-  
perador.*

Anno  
1641.

*Tyrâna ordem  
do Imperador.*

*Entra no Cal-  
tello de Milão.*

2<sup>o</sup> PORTUGAL RESTAURADO,  
de Austria: e que se lembre para mortificaõ sua como  
mim me succede para meu alívio; de que as historias baõ  
de fallar nelle, e em mim. Estas eloquentes, e misteriosas  
palavras merecem conservar-se eternamente na memoria  
dos homens para castigo do Imperador, e gloria do In-  
fante. Continuou a jornada, e naõ querendo a fortuna li-  
vrallo de golpe algum, teve intelligencia para ver as or-  
dens que levavaõ os que o conduziraõ: eraõ firmadas pe-  
lo Imperador, e diziaõ que em caso que encontrassem  
algum poder que quizesse livrar o Infante, o matasem  
primeiro; tratando a vida de hum Príncipe inocente, e  
livre, como se fora de qualquer Vassallo seu, delinquen-  
te no crime de lesa Magestade. Pudera com esta ordem  
ter perigo a vida do Infante, se se naõ desvanecéra o tra-  
to que o Marquez de Niza, naquelle tempo Embaixa-  
dor de França, teve com os Esguisaros; porque estive-  
raõ resolutos a livrallo quando passasse dos confins do Im-  
perio para o Estado de Milão: porém naõ encontrou no  
caminho mais que a piedade de alguns que o viaõ pade-  
cer sem culpa; multiplicando-se-lhe de sorte com os dias  
os tormentos, que até a morte lhe tardou, em quanto  
naõ teve apuradas todas as afflicçõens da vida. Os Caste-  
lhanos lhe deraõ no Castello de Milão por aposento a  
torre da Roqueta, destinada de muitos séculos para pri-  
zaõ dos delinquentes de mais atrozes delictos, e de mais  
baixo nascimento. Puzeraõ-lhe sentinella á vista, cadeia  
que de sorte o ligava, que nem o sonno, unico alívio  
das infelicidades, tinha livre, porque o acordava a sen-  
tinella que succedia. Tiráraõ-lhe os criados, e toda a com-  
unicaçõ que podia servir-lhe de refugio. E finalmen-  
te naõ perdoáraõ a genero algum de martyrio em quanto  
drou a prizaõ do Infante, que foraõ oito annos, acaban-  
do-se-lhe com a vida.

No discurso deste tempo buscou El Rey seu ir-  
maõ todos os meios da sua liberdade com taõ efficazes di-  
ligencias, que entendendo que os Castelhanos queriaõ  
soltallo por quatrocentos mil cruzados, os mandou pas-  
sar a Italia; e naõ obtendo effeito a negociaçõ, foraõ  
depois applicados a varios empregos. Communicou-se o  
Infan-

Infante com ElRey os annos que viveo, por intervençao de hum Clerigo chamado Dom Francisco Portii, que costumava dizerlhe Misla. A traça por onde se coniegua a correspondencia, era no tempo em que o Infante ouvia Misla: punha debaixo da alcatifa, que estava ao pé do altar, os papeis que escrevia, sem poder ser visto das sentinelas, no mesmo lugar achava as repostas; tendo o Clerigo conseguido (uzando do pretexto da decencia) que nenhuma outra pessoa, senão elle, adereçasse o altar, e compuzesse a Capella. Conservaõ-se na Secretaria de Estado papeis de grande erudiçao, e muito importantes documentos politicos, de que ElRey se valeo em varias occasioens. Em 13 de Agosto do anno de 1648 acabou a vida este constante, e Christianissimo Principe. Murmou-se que a morte fora ajudada, mas depois se entendeo que naturalmente acabaria a vida; porque onde o trato era tão penoso, qualquer outro veneno seria menos efficaz. A maior piedade que os Castelhanos uzáraõ com o Infante, foy deixarem que depois de morto se cumprissem os seos legados, achando só a morte por medianeira da cõmiserçao. Morreu de 39 annos, e viveo composto de todas as virtudes. Era valeroio em grão muito supremo, e trazia unidos na esfera mais superior o entendimento, e a prudencia. Esmaltava estas partes com huma liberalidade tão affavel, que parecia que ficava obrigado a todos os que fazia beneficios. Foy de estatura levantada, branco, e louro, e todas as feiçoes tão proporcionadas que levava os olhos de todos a sua gentil disposição. As demonstraõens que ElRey fez no anno em que morreu o Infante, referiremos em seu lugar; sentindo em quanto viveo, entender-se que fora o seu descuido causa da quella prizaõ, e da quella morte. Não faltáraõ politicos dos que sabem tirar o vicio da lisonja do centro da virtude, que julgáraõ ser hum dos fundamentos da conservação deste Reino não vir a elle o Infante, dizendo que o seu natural era caprichoso sem medeiração; e altivo sem regularidade, que todos os cabedaes do Reino erão poucos para o seu fausto: e que o exercicio da guerra de Alemanha lhe havia eliminado idas militares, que não servirão

Anno

1641.

Diligencias  
d'EIREY para  
livrar seu ir:  
maõ.

Morte do Se:  
nhor D. Duarte

seu elogio

Anno  
1641.

212 PORTUGAL RESTAURADO,  
para a moderaçao de que necessitava a guerra defensiva.  
Porém todas estas subtilezas eraõ falsas, e quimericas,  
porque hum Principe ornado de tantas virtudes forçada-  
mente havia de ser incentivo das melhores acçoens,  
Author dos maiores progressos.



HISTOR

Anno  
1641.


# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO IV.

## SUMMARIO.

**D**ISPOEM ElRey a fórmā da defensa do Reino. Distribuiçāo da gente para a guerra. Eleiçāo do Conde do Vimioso por Capitāo General de Alemtejo, e dos mais Cabos, e Officiaes daquelle Província. Passa a ella Mathias de Albuquerque a assitir ás fortificaçōens. Fica governando em ausencia do Conde do Vimioso. Primeiro rompimento com Castella. Altera-se o Povo da Cidade de Elvas, ele ta Praça de Armas, por querer peleijar. Secega o Mathias de Albuquerque, e satisfaz os Seldados com emboscadas, e escaramuças. Volta a Alemtejo

Anno  
1641.

214 PORTUGAL RESTAURADO,

o Conde do Vimioso. Intentaõ os Castelhanos ganhar por trato Campo-Maior, e desvanece-se. Marcha o Conde de Monte-Rey com hum Exercito a atacar Olivença: forma as baterias: dá hum assalto: resiste-o Francisco de Mello, que governava a Praça, e retira-se o Conde de Monte-Rey. Torna ElRey a chamar á Corte o Conde do Vimioso. Succede-lhe Mathias de Alkuquerque. Varios successos de todas as Praças da quella Provincia. Elege ElRey por Governador das Armas della a Martim Affonso de Mello. Interprende o Conde de Monte-Rey Olivença: defende-a Rodrigo de Miranda, que a governava, valerosamente. Retiraõ-se os Castelhanos com grande perda. Interprende Martim Affonso de Mello a Praça de Valverde: entra a Villa, e defende-se o Forte. Vay governar a Provincia de Entre Douro e Minho D. Gastaõ Coutinho. Fortifica as Praças, e rompe a guerra. Fortificaõ os Galegos em larga distancia os Lugares perigosos da Raia. Determina D. Gastaõ atacar todos a hum tempo: consegue-o com grande felicidade, e valor. Passa D. Gastaõ a Lisboa. Vay governar Tras os Montes Rodrigo de Figueiredo: rompe a guerra, e ganha alguns Lugares em Galiza. Passa a governar a Beira Dom Alvaro de Abranches: guarnece as Praças, e faz diligencia por sustentar a Provincia sem romper a guerra.

**A**CCLAMADO EIRey D. Joaõ em todos os Lugares, que obedecem á Coroa de Portugal com a felicidade referida, e lançadas as primeiras linhas assim no governo interior, como nas disposições externas, resultou dellas o debuxo do mais fino retrato da politica, sem dever ao successo a tentença desta obra, fendo de todos ordinariamente Juiz a disgraca, ou a fortuna com que se consegue pelo

pelo errado discurso dos homens tão cegos como a mesma fortuna; porque avaliando as acções conforme o sucesso tiraõ ao valor o preço, e as disposições o premio. Penetrando pois El Rey, que se não corcou Minerva de Prudencia, sem o adorno do escudo militar, e vendo que n.º havia palmo de terra em todo o circuito do Reino que restaurára, que não fosse fronteira de seos inimigos, e que era impossivel, que a dilaçāo, que pede a fabrica dos baluartes, pudesse ser remedio á brevidade de que dependia a defensão do Reino, deo ordem para que se fortificasse com os peitos amantes de seos Vassallos, repartindo-os regularmente por todas as fronteiras: considerando que para a defensa dos Reinos foy sempre esta a muralha mais impenetravel. Porém ainda que usou deste acertado discurso, não deixou de applicar o maior cuidado ás fortificações, levantando-se em todas as Províncias nas Praças, que eraõ mais precisas, e adiantando-se conforme o calor, e o cabedal com que se trabalhava: e era de qualidade o ardor de todos os Povos, que á competencia huns dos outros se via em todos os Lugares do Reino fabricar fortificações, levantar gente, comprar cavallos, e conduzir armas.

Divide-se Portugal em seis partes, fazendo-se pelo discurso do tempo duas da Província da Beira; porque repartindo-se conforme as demarcações antigas, saõ as Províncias cinco, e o Reino do Algarve, Alemtejo, Entre Douro e Minho, Traz os Montes, Beira, e Extremadura. Tem o Reino cem leguas de comprido, extendendo-se em fórmula prolongada pela marinha do Oceano, sendo ultimos extremos ao Meio dia a Villa de Sagres, no Reino do Algarve, ao Septemtriaõ a de Caminha, que confina com o Reino de Galiza. Pela parte da terra tem Portugal menos cinco leguas, fendo termos ao Septemtriaõ a Cidade de Bragança, e ao Meio dia a Villa de Castro Marim. De largura pela parte que he mais dilatado tem trinta e tres leguas, tirando huma linha recta desde Peniche porto de mar no Oceano a Salvaterra da Beira, que he quasi o Lugar ultimo, que ao Meio dia toca na Raia do Reino de Leão. A variedade dos tempos confundiraõ as demarcações, porque ha hoje muitos Lu-

Anno

16.1.

*Dissem El Rey  
a defensa do  
Reino.*

*Descripção de  
Portugal.*

Anno  
1641.

216 PORTUGAL RESTAURADO,

gares no Dominio de Portugal, que naõ tocavaõ á antiga Lusitania, e ha outros, que se uniraõ aos Reinos com que confinaõ. O ingenho, e valor he commun em todos os Portuguezes, ornando os a natureza de singular habilidade para a comprehensaõ das letras, e de melhor disposiçaõ para o exercicio das armas. O Reino he abundante de todos os fructos, e colhem se nelle os mais fazoados, e naõ dependera de outra Naçaõ alguma, se os Portuguezes quizeraõ uzar de tudo o que lograõ. O terreno das Provincias, que sustentaraõ a maior força da guerra, era em tudo diverso, porque o de Alemtejo he campanha por toda a parte, que olha ao Guadiana, que foy o theatro dos maiores progressos militares, e nesta consideraçao eraõ continuas, e maiores as occasioens da Cavallaria. Entre Douro e Minho compoem se de terreno taõ aspero, tantos montes, e passos diffílculos, que sempre a Infantaria era a que de huma, e outra parte segurava as emprezas. Na Beira, e Traz os Montes se contendia em huma, e outra parte com igual poder, e variamente se disputavaõ as occasioens, hora em sitios asperos, hora em Campanha raza. O Algarve fentio pouco tempo a inquietação das armas. Naõ tocaraõ na Provincia da Extremadura, porque nunca os Castelhanos chegáraõ a ferir o coraçao do Reino. Os rios, e os lugares onde se disputaraõ a maior parte das emprezas, nomearemos quando chegar o tempo de dar noticia dellas. Este pequeno tronco de Portugal animado dos fructos dos muitos ramos, que extende por todo o mundo, resistio valerosamente á memoravel guerra, a que damos principio. Foy hum dos fundamentos mais principaes da nosla defensa a regularidade, e disciplina com que se dispoz, assim o exercicio da guerra, como os meios de se sustentar, admiravelmente alimentada de todas as forças do Reino; porque naõ se exceptuou pessoa alguma desde maior esfera ás de inferior qualidade, desde os moços de quinze annos até os decrepitos de setenta, que naõ tributasse voluntariamente a fazenda, e que naõ entregasse com grande gosto a vida para conseguir a defensa da Patria, reinando em todos os animos a aversaõ á Naçaõ Castelhana,

herda-

herdada dos ascendentes, e desejo da liberdade.

Repartio El Rey Governadores pelas Provincias, dividio as Provincias em Comarcas, e as Comarcas em Companhias, tendo cada huma das Comarcas hum Governador, hum Sargento mór, e deus Ajudantes, e cada huma das Companhias todos os Officiaes de que costumaõ compõr-se. Esta qualidade de gente tinha o titulo de Ordenança, e estava alistada por todo o Reino com utilissima distinçao, comprehendendo as listas todos os homens do Reino de quinze até setenta annos. Destes listas se tiravaõ para Soldados pagos os filhos segundos de todo o genero de pestoas, exceptuando-se os filhos unicos de viuvas, e lavradores para a cultura das terras. Destes, e dos catados de boa idade, e disposição, se formou em cada huma das Comarcas hum Terço, dando-lhe o titulo de Auxiliares. Nomeava El Rey para Mestre de Campo de cada hum dos Terços a pestoa mais nobre, e de melhor talento daquella Comarca, e das mesmas qualidades se buscavaõ os Capitaens para as Companhias; a todos estes Officiaes dava El Rey patentes, e privilegios de pagos. Buscavaõ-se para Sargentos móres, e Ajudantes destes Terços os Capitaens de Infantaria, e Alferes mais praticos dos Exercitos, com o fim de exercitarem os Soldados, e eraõ socorridos da mesma forte, que os mais das fronteiras. A obrigação dos Terços auxiliares era acodirem ás fronteiras, para que estavaõ destinados, na occasião de guerra ou offensiva ou defensiva: em quanto estavaõ nellas eraõ socorridos com paõ de munição, como os Soldados pagos, e o mesmo se observava com os da Ordenança: acabadas as occasioens se recolhieõ a suas casas. As Companhias da Ordenança, que se compunhaõ dos homens de maior idade, acodioõ quando era maior o aperto, e quando os Exercitos estavaõ em Campanha, a guarnecer as Praças, que lhe ficavaõ mais vizinhas; e para que esta ordem se não confundisse, nem houvesse exorbitâncias muito contingentes nestas diligencias, quando era necessário levas para os Exercitos, repartia El Rey por todas as Comarcas do Reino os Generaes, e Cabos de maior zelo, e experiençia, e os Ministros de maior qualidate

Anno

1641.

Distribuição da gente para a guerra.

218 *PORTUGAL RESTAURADO*,  
Anno  
1641.

lidade, e confiança. Da Província de Alemtejo se tiravaõ para a mesma Província as levas dos Soldados pagos, dedicando-se ou huma só Comarca grande, ou duas pequenas unidas para as levas de cada hum dos Tercos, e da mesma sorte os lugares para as Companhias: assim para que os Soldados, sendo parentes, e conhecidos, se conservassem; como para que, ausentando-se, fossem faceis de reconduzir. E porque as Praças de Alemtejo eraõ mais, e os Exercitos maiores, e que operaõ continuamente, dedicou El Rey com a mesma distincão de Comarcas, e mais ordem referida, toda a Província da Extremadura, e parte da Beira para acodirem a Alemtejo. As mais Províncias se alimentavaõ a si mesmas com a mesma ordem, e disciplina. Para se conservar a Cavallaria, se usou de huma industria taõ util, que pareceo pelo effeito milagroso: deo-se lhe o nome de Arca, e Contrato, que vinha a ser entregar El Rey aos Capitaens hum certo numero de cavallos, os quaes eraõ obrigados a conservar comprando pelo seu dinheiro os que lhe faltavaõ, dando-lhe El Rey para este effeito nas mostras hum certo preço, o qual crescia tanto quanto as Companhias se augmentavaõ, declarando-se no contrato, que os Capitaens fizeraõ com El Rey outras distrações de muito grande conveniencia: Acodia á Província em que havia guerra, a que ficava mais vizinha, e succedendo marchar com as Tropas o Governador das Armas, estava à ordem daquelle a que soccorria: ajustamento que evitou muitos embaraços, que nestas occasiões costumaõ acontecer. As mais disposições militares foraõ tiradas das que observáraõ em todos os seculos os maiores Mestres da guerra; e chegáraõ a exercitarse com tanta perfeição, que pudera Portugal ser escola de todas as nações de Europa, assim como nella foy theatro dos maiores progressos. Entendo, que estas notícias não seraõ molestas a quem ler esta historia: porque como foraõ fundamento das gloriosas ações de que ella se compoem, pois he alma da guerra a boa disciplina, ficará sem duvida com maior clareza, e distinção tudo o que ao diante formos referindo.

Logo que El Rey tomou posse do governo do Rei-

Reino, elegeo por Capitão General de todo elle a Dom Afonso de Portugal Conde do Vimioso. Naõ chegou a gozar as grandes preeminencias deste Posto, mudado o animo d'El Rey por Francisco de Lucena, o qual lhe aconselhou, que naõ era justo antepôr com diferença tão desigual hum Vassallo a tantos, a quem devia iguaes finezas. Foy esta variedade sentida do Povo, de quem o Conde era estimado assim pelas suas virtudes, como pela memoria de seos Avós, os quaes forão sempre unidos aos interesses de Portugal. Era dotado de muito valor, de juizo, e liçao, e de summa bondade, que muitas vezes lhe prejudicava; sendo preciso por invenção diabolica, que nasça a malicia, forçosa companheira da Politica. Faltava-lhe ao Conde a experiençia militar, geral defeito dos mais daquelle tempo, por naõ haverem visto guerra alguma. Passou a exercitar o seu Posto só na Provincia de Alemtejo a 20 de Dezembro, levando comigo seu filho D. Luiz de Portugal, que foy logo Capitão de Infaria, pouco tempo depois Mestre de Canpo, e a D. Diogo de Menezes, que asentou praça na Companhia de D. Luiz. Chegou a Elvas, Cidade que elegeo por Praça de Armas, achando-a por todos os requisitos a mais capaz deste titulo. Fica distante tres leguas de Badajoz, Praça de Armas dos Castelhanos. Corre Guadiana entre as duas Cidades, banha as muralhas de Badajoz, e dista duas leguas de Elvas, por inclinar a corrente para a parte de Portugal. He tão igual a campanha, que divide estas duas Cidades, que se divisaõ claramente de huma os vultos, que sahem da outra. Elvas fica em sitio mais eminente: porém sóbe-se a ella com tão pouco trabalho, que parece que foy prevenção da natureza fazella tão regular, para que a circumvallaſte huma das melhores fortificações do mundo. Achou o Conde do Vimioso por intervenção do Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, dispositos os animos dos moradores a empenhar as vidas na liberdade da Patria, e a sacrificar as fazendas á defensa da Cidade. Com esta revolução haviaõ derrubado as casas, que embaraçavaõ a antiga muralha, de que Elvas com terceiro recinto, que recolhia a si todos os edificios, era cercada, levantando algur

Anno

1641.

O Conde do Vimioso Capitão General,

## 220 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

D. Joaõ da Costa  
primeiro Mestre de Campo.

D. Rodrigo de Castro, e Gaspar de Sequeira Ca-  
pitaens de Ca-  
vallo.

Passa a Alem-  
tejo Mathias de Albuquerque  
Albuquerque.

algumas ruinas, que os muitos annos haviaõ occasinado na muralha. Fecharao tambem as portas, e mais arriscadas, deixando só para o serviço da Cidade abertas tres: a de Evora, que depois foy fabricada mais adiante, na fortificação moderna se charmou da Esquina, e fica ao Occidente: a de Olivença quasi na parte opposta, que olha a Badajoz; e a de S. Vicente entre huma, e outra, olhando a Campo Maior. Com a assistencia, e authoridade do Conde se deo mais calor á defensa da Cidade, e da mesma sórte a todas as fronteiras da Provincia. Deo logo ordem a que se fizessem levas de Infantaria, e Cavallaria: e foy o primeiro Mestre de Campo, que levantou gente em Evora Dom Joaõ da Costa, o qual resplandeceo todo o tempo, que lhe durou a vida, com tantas virtudes, e accoens tão valerosas, como largamente referirá esta historia, sem ter escrupulo de parecer Chronista suspeitoso, constando, que devo a este Varaõ insigne na criaçao, e documentos dos primeiros annos da guerra, segunda natureza. Para Capitaens das primeiras duas Companhias de Cavallos nomeou El Rey a Dom Rodrigo de Castro, e Gaspar de Sequeira Manoel, que com grande diligencia as forma- çao logo, ainda que de pouco numero: porém como o zelo do Conde naõ superava a falta de experienca, corriaõ as disposiçoes com maior confusaõ, que utilidade; de que se originava, sendo o dinheiro pouco, gastar se inutilmente.

Acodio El Rey a este damno, mandando a Alem- tejo Mathias de Albuquerque, que na guerra do Brasil havia grangeado com grandes experienças memoravel opiniao. Era muito pratico nas fortificaçoes, e no manejo da Infantaria: mandou o El Rey sem posto a Alem- tejo para instruir aos Soldados daquelle Provincia em hum e outro exercicio. Chegando a Elvas, e vendo, que a Cidade estava em bastante defensa, passou a Olivença, julgando naquelle Villa mais preciza a sua assistencia, por ficar da outra parte de Guadiana exposta á invaçao de Castella, ainda que se communicava com as Praças desta parte por huma grande ponte, que alguns annos esteve levantada. Deo principio á fortificação da Villa: porém naõ

naõ querendo fazer danno às casas , lançou as linhas mais dilatadas do que era necessario , e foy depois muito dificultoso fabricar de pedra , e cal os baluartes , que entaõ se fizeraõ de terra , e faxina. E ainda a resoluçao dos moradores remediou este danno , porque reconhecendo que por conservar huma pequena parte punhaõ em contingencia tudo o que logravaõ , pediraõ a Mathias de Albuquerque que desenhasse a Fortificaçao pelo sitio mais conveniente , sem fazer caso da destruicäo dos edificios. Feito o desenho , e começada a obra , foy de forte o calor , e diligencia dos moradores , que em breves dias estava a Praça cerrada , e os baluartes em altura iufficiente. Mathias de Albuquerque , deixando ordem para que se continuasse o trabalho , passou a Elvas , por julgar preciso acodir brevemente a todas as partes. Em Elvas deo ordem a se levantarem tres meias luas diante das portas ; e fabricou-se outra no outeiro de Santa Luzia , onde agora se ve o grande Forte , que depois se levantou , e comunicou por huma linha com a porta de Oliverça. Pela parte interior da muralha facilitou poder se correr toda sem embaraço , e mandou arrimar algum terrapleno nos lugares por onde mais facilmente podia ser batida da artilharia. Concorreu o povo para o dispendio destas obras com o dinheiro , que resultava de dous reis que impuzeraõ na carne , peixe , e vinho , estando costumados a lhe parecer suave este genero de tributo , sendo seos antepassados os primeiros que o introduziraõ em Portugal para a grande fabrica de arcos , e canos , com os quaes metè. naõ a agua na Cidade , ficando as fontes , donde sahe , huma legua della : deixando este tributo em todo o Reino o titulo de *Real da Agua* , ao que agora se costuma impôr , oferecendo-se algum aperto nas mais das Cidades , e lugares delle. Passou Mathias de Albuquerque a Campo Maior , e approvou o desenho por onde se trabalhava na Fortificaçao daquelle Praça , accrecentando lhe só o baluarte de S. Sebastiaõ. Quando voltou a Elvas achou ja formadas algumas plataformas de madeira nas partes mais convenientes da muralha , para que havia deixado ordem : plantou nellas a artilharia , e deo principio á fabrica dos

Anno  
1641.

*Fortificaçao de  
Elvas.*

*Augmenta-  
do  
de Elvas.*

*Princípio do  
Real da agua.*

*Obras o mesmo  
em Campo Maior.*

*cava-*

## 222 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

D. Francisco de  
Sousa forma em  
Beja hum Terço

Capitaens mo-  
res.

Chama El Rey  
o Conde do Vi-  
mioso, governa  
Mathias de Al-  
buquerque.

O Conde de  
Monte Rey Go-  
vernador das  
Armas de Cas-  
tella.

Governa Badaj-  
oz o Marquez  
de Toral.

cavallinhos de friza, de que em muitas occasioens usou com muita utilidade a Infantaria contra a Cavallaria de Castella. Neste tempo chegou a Elvas D. João da Costa com algumas Companhias de seu Terço que levantava em Evora, para onde voltou a acabar de formallo, e dar principio á fortificaçõ daquella Cidade; desenho que te naõ ajustou muitos annos; e parecendo fatalidade, mostrou depois o succeso que havia sido providencia. Com as Companhias que faltavaõ do Terço, entrou Dom João da Costa em Elvas brevemente. D. Francisco de Sousa, levantava com igual diligencia outro Terço, de que foy Mestre de Campo na Comarca de Beja, o qual te appliou á guarniçõ de Moura, e Serpa: formou tambem algumas Companhias foltas, que depois se reduziraõ a Terços da guarniçõ de Elvas, Campo Maior, e Olivença. Por Capitaens mōres destas tres Praças nomeou El Rey da primeira D. Alvaro de Ataide, da segunda a Gomes Freire de Andrade, e da terceira Francisco de Mello. Neste tempo, prevalecendo com El Rey as calumnias dos inimigos do Conde do Vimioso, o chamou á Corte com apparentes pretextos, e mandou ordem a Mathias de Albuquerque, para que exercitasse o governo das Armas de Alemtejo, nomeando-o Conselheiro de Estado.

Mandava as Armas dos Castelhanos o Conde de Monte Rey, que assistia na Cidade de Merida, nove leguas distante de Badajoz. Governava Badajoz o Marquez de Toral; e as Tropas, que mandavaõ, naõ eraõ formidaveis, pela diversaõ do exercito de Catalunha, cuidado principal da paixaõ do Conde Duque em grande utilidade da noſſa conservaçõ. Porém ainda que o exercito naõ era grande, nos excedia muito em o numero, e disciplina: porque para crescerem as noſſas Tropas, faltavaõ os cabedaes, e para se exercitarem, sciencia; fendo o lethargo de ſeſſenta annos de cativeiro de Castella, perigosa occasiõ, depois de restaurado Portugal, da ſua vingança. Esteve a guerra alguns mezes ſuspensa, assim pela pouca disposiçao de ambas as partes, como pelas grandes raizes que a communicaçao de tantos annos havia lancado nos animos de hum, e outro Reino: intentando

além

além desta razão a politica dos Castelharos conseguir com as negociações occultas a recuperação de Portugal, avançando a com a guerra aberta por muito duvidosa na consideração do grande valor dos Portuguezes, em diferentes séculos com o próprio prejuízo tantas vezes experimentado. Foy a Portugal a dilacão da guerra de grandíssima utilidade: porque tiverão tempo as prevenções de todo o Reino para se proporcionar com menos embaraço ao perigo da Conquista. O Marquez de Toral foy o primeiro que rompeu a suspensão das armas: porque sahindo em nove de Junho a Ronda de Elvas com a pouca atenção que costumava, não passando de dez o numero dos Cavallos da Companhia de D. Rodrigo de Castro, achárao outros tantos Castelhanos que os provocárao a escaramuçar. Não lhes perturbou os animos o novo acidente, atacárao a escaramuça com grande resolução: porém ao tempo que prevalecia contra os dez Castelhanos, sahiraõ trinta que estavão emboscados em humas vinhas chamadas das Caldeiras junto ao Guadiana, e superando o maior numero ao maior valor, renderaõ sete Portuguezes, e salváraõ-se tres. Durando o conflito, cahio morto o cavallo de Roque Antunes natural de Moura, e resoluto a perder a vida por eternizar a memória, não aceitou quartel com a pensão de dizer, *Viva El-Rey D. Filipe*, a que os Castelhanos queiaõ obrigallo, e sacrificou o generoso espirito com as repetidas vozes de, *Viva Deus*, e *El-Rey D. João meu Senhor*: deixando escrito com o seu sangue, que não tem honra nem vida aquelle que por conservar a vida quer perder a honra. Os tres Soldados, que escapárao, deraõ em Elvas o primeiro rebate: todos os que ouviraõ a noticia do sucesso, se arrojárao furiosamente a sahir sem ordem a solicitar a vingança: porém deteve-os a prudencia de Mathias de Albuquerque, mandando cerrar as portas da Cidade, temendo que os Castelhanos se armassem a esta desordem com maior poder. E para que esta ponderação ficasse manifesta, sem perigo do seu credito, aos que naquelle tempo pouco exercitados não sabiaõ distinguir as acções militares, se poz a cayallo, e correndo a Cidade dizia em

Anno

1641.

*Primeiro rompimento da guerra.*

*Morte gloriosa de Roque Antunes.*

*Ânima Mathias de Albuquerque o Povo de Elvas.*

## 224 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

*Segunda missa  
dos Castelhanos.*

*Retirão-se dei-  
xando os Portu-  
gueses.*

vozes altas ; que a força dos esquadroens tanto consistia no valor como na disciplina ; que de taõ destra maõ necessitava a espada na guerra , como o potro no manejo ; porque aquella , e este se precipitavaõ , se a arte naõ domina a colera : e que elle promettia muito brevemente a satisfaçao daquelle aggravo. Foy esta promessa temora da temeridade dos soldados , e moradores de Elvas , suffocando a paixaõ a que os obrigava a morte dos soldados , e verem que os Castelhanos rebanhavaõ algum gado que andava pela Campanha. Mathias de Albuquerque pondo em ordem a pouca gente de que constava aquella guarniçao , e mandando descobrir os Olivaes que a larga distancia rodeaõ Elvas , sahio á Campanha , naõ podendo deter a Infantaria , que pudera arrepender-se da desobediencia , se os Castelhanos se naõ houveraõ retirado : o mesmo fez Mathias de Albuquerque , ouvindo , e desprezando a inconsiderada murmuracao dos moradores de Elvas , que condénavaõ por falta de valor a sua prudencia. No dia seguinte tornaraõ os Castelhanos a passar Guadiana com 400 Cavallos , e mil Infantes , e sem outro effeito , que formalos á vista da Ronda se retiraraõ ; Na mesma tarde havendo chegado a Mathias de Albuquerque algumas levas de Infantaria , sahio de Elvas com 700 Infantes , e 30 Cavallos ; passou a noute emboscado em hum valle de huma vargea junto do Monte da Terrinha. Sahido o Sol , e aparecendo a Cavallaria Castelhana no lugar de Tellena situado da outra parte de Guadiana , marchou Gaspar de Siqueira a provocar as Tropas inimigas , a que o carregasse. Entendendo os Castelhanos que era emboscada , naõ quizeraõ passar o rio mais que alguns Cavallos , que sustentaraõ huma leve escaramuça. Impacientes da dilacão os da emboscada , sahirao formados á Campanha , de que resultou reticarem-se os Castelhanos , e ficar a nossa gente taõ ufana , e paga do procedimento de Mathias de Albuquerque , como se houveraõ conseguido huma grande victoria. Tal era o desconcerto dos animos naquelle principio da guerra , que se offendiaõ da prudencia , e se pagavaõ da temeridade. E he certo que se Mathias de Albuquerque naõ reconhe-

era igual insufficiencia nos Castelhanos, que levando só trinta Cavallos, e tendo visto no dia antecedente ao inimigo 400, e mil Infantes, que não expozera a Infantaria em huma campanha raza a risco tão manifesto: porém nestes principios como os Castelhanos não empenháraõ na guerra de Portugal as Tropas veteranas, e só pelejavaõ com a gente levantada de novo, contendia-se de ignorancia a ignorancia. E assim por leves, e mal dispostos escrevo pouco animado estes primeiros successos, temendo que molestem a quem ler esta historia: porém quem escreve he só obrigado a contar na verdade tudo o que acontece no tempo de que trata, sem fazer reparo em outras vaidades, que costumaõ destruir o credito dos Historiadores; e o assunto que tomo he tão vasto, que não faltaraõ ao Leitor muitos empregos da sua curiosidade. Retirouse a Elvas Mathias de Albuquerque trazendo consigo o corpo de Roque Antunes, que achou na campanha, ao qual com grande pompa fez dar na Sé de Elvas honrada sepultura: porque na politica de remunerar grandes acçoens com coroas de louro, para inflamar os animos dos Soldados a maiores emprezas, foy Mathias de Albuquerque insigne imitador dos Capitaens Romanos. O Marquez de Toral, querendo com a dissimulação conseguir maior utilidade, mandou os sete prisioneiros com hum volantim, em que dizia, que romperse a guerra fora desordem do Cabo da Ronda; e na confissão de mal obedecido padeceo logo o castigo do falso trato, porque querendo justificar este protesto com outra apparente falso, mandou publicar que todos os Paizanos Portuguezes, que quizessem recolher as suas searas, o podiaõ executar sem perigo algum. Não se enganou na traça de enganallos, por quanto periuadidos facilmente do interesse, não dando credito ás repetidas advertencias de Mathias de Albuquerque, passaraõ muitos contra os seus preceitos a recolher as sementeiras, que tinhaõ em Castella, e não só sucedeo isto aos de Elvas, mas fizeraõ o mesmo todos os das Praças da Raia. Acabado o trabaõ de segar o trigo, experimentaraõ o castigo da sua ambição: porque os Castelhanos o recolhéraõ, e os despediraõ

Tom. I.

P

pediraõ

Anno

1641.

Motivos de se escreverem estes successos.

Retirou-se Mathias de Albuquerque, e manda fazer exequias a Roque Antunes.

Primeiro balaõ dos Castelhanos com os prisioneiros.

Trato falso dos Castelhanos.

## 226 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

escaramuça  
das Tropas.

Torna o Conde  
do Vimioso a  
Elvas.

Rota de duas  
Companhias de  
Olivença.

pediraõ com muito máo trato. Esteve a guerra álguns diaõ suspensa ; e se os Soldados de huma , e outra parte fazia alguma pteza, se tornava a restituir : durou pouco esta correspondencia , e de novo experimentáraõ os lavradores maiores hostilidades. Em satisfaçao desta offensa se mandou armar ás Tropas de Ronda , que costumavaõ sahir duas de Badajoz com 40 Cavallos , e 200 Infantes : hia por Cabo o Capitaõ Joaõ Tavares ; naõ conseguiu mais que atacar se huma lêve escaramuça , de que vejo ferido Diogo de Mesquita.

Neste tempo voltou de Lisboa o Conde do Vimioso a continuar o governo daquelle Província , prevalecendo por aquella vez a sua innocencia contra as calumnias de seos inimigos. Deteve-se o Conde em Estremoz a dar ordem ás levas de Infantaria , e Cavallaria , que por falta de cabedaes caminhavaõ lentamente. Francisco de Mello , Governador de Olivença , sabendo que o Conde era chegado a Estremoz , passou aquella Villa a comunicar-lhe alguns negocios importantes. Tiveraõ os Castelhanos noticia desta jornada , mandou o Marquez de Toral 400 Cavallos com ordem , que aguardassem os deus diaõ seguintes , nis<sup>o</sup> quaes entendiaõ que poderia voltar. Emboscaraõ se entre Olivença , e Gerumenha ; lançaraõ ao amanhecer huma partida a bater as estradas , foy vista de Olivença . O Sargento mór Luiz Pinto de Matos , que governava a Praça , enganado de pouca experiençia mandou sahir dous Capitaens de Infantaria com 80 Mosqueteiros , dando-lhes ordem , que seguissem a partida ; sahiraõ elles , e os da partida , por lhes dar maior confiança , se forao retirando. Creceo aos Capitães o calor com este engano , e accrecentou-lhes o empenho o que pudera servilhes de avizo ; porque detendo-se , era certa a emboscada , e retirando-se , impossivel alcançallos Tanto que os da partida os viraõ distantes da Praça , voltaraõ a carregallos ; e ao mesmo tempo sahiraõ os da emboscada , que estavaõ nas costas do sitio de Castello Velho , pouco distante de Olivença : avançaraõ todos aos Infantes , os quaes vendo-se perdidos , voltaraõ alguns as costas ; outros querendo se valer do reparo de huma tapada ,

antes de o conseguir fôrão degollados. Foy a perda menor no effeito, que no estrondo: porém como era a primeira, teve disculpa o sentimento, que houve em toda a Província. Mathias de Albuquerque, naõ querendo dar lugar a que o receio se apoderasse dos animos dos moradores de Olivença, de que podiaõ seguirse effeitos muito prejudiciaes, tanto queth chegou a noticia deste succeso, marchou caminho de Olivença com 400 Infantes, e 40 Cavallos: chegou a Guadiana taõ perto da noite, que alocou junto do rio, onde aguardou o dia com as armas na maõ, constando lhe, que as Tropas dos Castelhanos estavão da outra parte do rio. Sahio o Sol, e passada a ponte, marchou formado, e chegou sem oppoſição a Olivença, naõ querendo os Castelhanos embaraçar lhe a jor, nada; o que, a serem mais destros, com 400 Cavallos puderaõ fazer facilmente. Foy esta resoluçao de grande effeito; porque os moradores de Olivença estavão muito confusos com o succeso passado, e os Castelhanos determinavaõ valerse do seu lobresalto, interpretendendo a Praça a noite seguinte: Desvaneceo se o intento, vendo marchar Mathias de Albuquerque com o socorro. Deteve-se elle dous dias em Olivença, e deixando na Praça 150 Infantes, com os 250, e 40 Cavallos se poz em marcha. Aguardavaõ o inimigo com mil Infantes, e 400 Cavallos: reconheceo, que a nosla gente marchava formada, e taõ devagar, que mostrava pouca receio; o que bastou para se naõ resolverem os Castelhanos a pelejar, deixando chegar a Mathias de Albuquerque á ponte de Olivença, onde ficou livre do perigo que o ameaçava. Este, e outros similhantes erros dos Castelhanos exercitados muitas vezes no principio da guerra em utilidade nosla, conglutinaraõ de sorte os materiaes deste edificio da conservaçao de Portugal, que quando se resolvêraõ a querer arruinallo, experimentaraõ a sua defensa impenetravel a todos os golpes; e fazendo nosso exércicio da guerra, sem prejuizo nosso, maiores Soldados, passamos gloriiosamente dentro de poucos annos dos perigos de conquistados á contingencia de conquistadores. Voltáraõ os Castelhanos a Olivença a buscar na pouca experien-

Anno

1641.

Marcha de Mathias de Albuquerque, a o socorro.

Naõ se atrevê os Castelhanos a invésillo na retirada.

## 228 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

*Escarameuça  
em Olivenga.*

*Conferencia do  
Conde do Vimio-  
so com Mathias  
de Albuquerque*

cia daquelle guarnição segunda desordem : deraõ as sentinelas avizo ao Governador da Praça, mandou elle logo sahir o Capitão D. Manoel de Souza com 100 Infantes, e Paulo Vieira Rijo com 15 Cavallos, sem mais causa que entender que era preciso o não mostrar receio : como se fora ley da guerra sahirem de huma Praça voluntariamente a pelejar contra muita Cavallaria poucos Infantes. Valeo-se Dom Manoel do reparo de alguns vallados, desviáraõ-se os Castelhanos dos mosquetes, e marcháraõ para a Praça. Entrou em parte dos Infantes o receio, e voltarão as costas : porém com os que ficáraõ sustentou D. Manoel sem perturbação o posto, ajudado dos poucos Cavallos de Paulo Vieira : retiráraõ-se os Castelhanos sem damno de ambas as partes.

De todos estes accidentes se dava conta ao Conde do Vimioso, que não havia passado de Estremoz, por lhe haver chegado noticia de Lisboa de que prevaleciação em sua ausência as cavilações de seos inimigos ; e como dellas podia originar-se o aggravo de El Rey lhe tirar o posto, queria esperalho em lugar mais apartado dos Castelhanos, por lhes dilatar mais tempo o gosto de saberem que lhe não remunerava tantas finezas executadas por seu serviço. E accrecentava-se a este outro maior sentimento, que era recear que os mais Vassallos d'El Rey, vendo a offensa que lhe dava por satisfação, se escravitassem no seu aggravo, e faltassem com o zelo que elle desejava influir em todos á defensa da sua Patria. Veio de Elvas buscallo Mathias de Albuquerque a conferir com elle negocios importantes do governo da Província: comunicou-lhe o Conde, que Antonio Mexia Capitão da Ordenança de Campo Maior, que sustentava com permissão sua correspondencia com os Castelhanos, se havia deixado cavilozamente persuadir das instancias do Marquez de Toral, e lhe havia promettido introduzir o Conde de Monte Rey em Campo Maior por hum quinal das casas em que vivia, e que por este trato dobre podia lograr as nossas Armas hum bom succeso. Foy Mathias de Albuquerque de contraria opinião, dizendo que era tão inferior o nosso poder ao dos Castelhanos, a Praça

de Campo-Maior taõ mal fortificada, e elles taõ acautelados, que avaliaava o risco por infallivel, ainda na suposiçā de que se devia dar inteiro credito a Antonio Mexia: porque o trato deste genero de homens era taõ desigual, e taõ perigoso, que costumaõ enganar a ambas as partes. E por esta consideraçā pedindo à Rainha Isabela de Inglaterra premio hum Vastallo seu de hum grande serviço que lhe havia feito desta qualidade, ella lhe fizera mercē, e o lançára fóra do Reino, dizendo que se tornaria a valer do seu prestimo quando necessitasse de hum traidor. Ajustou-se o Conde com esta opiniā de Mathias de Albuquerque, e esforçáraõ por maior cautela o presidio de Campo Maior: de que le originou mudar de intento o Conde de Monte-Rey, que, conforme depois constou, para este fim havia chegado a Badajoz com 4000 Infantes, e 500 Cavallos; e vendo deívanecida a interpreta de Campo-Maior, se resolveo a atacar Olivença, persuadido de Sebastiaõ Correa natural da mesma Villa, que se havia passado a Castella, sendo o primeiro Soldado que cegamente introduzio este desacerto, que muito poucos imitáraõ em todo o discurso da guerra; e naquelles a que succedeo mostrava Deos que le offendia da traíçā que executavaõ, porque ou acabavaõ a vida nas primeiras occasioens em que se achavaõ, ou ficaveõ nellas prisioneiros, e vinhaõ a pagar na forca o seu deslicto.

Resoluto o Conde de Monte-Rey a atacar Olivença esperando conseguir, escalando-a, ganhalla a pouco custo, na suposiçā de achar os baluartes sem defensa, e a Guarniçā sem disciplina; juntou em Badajoz 8000 Infantes, 2000 Cavallos com todas as prevençōes necessarias: tirou das Tropas primeiro 400 Cavallos, os quaes mandou correr a Campanha de Elvas, com ordem de atacarem qualquer socorro que passasse para Olivença; e de impedirem que as sentinelas da Ronda occupassem os postos, donde descobrissem a marcha que determinava fazer. Marcharaõ os 400 Cavallos, e depois de executarem a ordem que traziaõ de encobrir a marcha, rebanharaõ o gado que acharaõ na Campanha,

Tom. I.

P 3. e pu:

Anno  
1641.

Reforçáse Câ-  
po Maior: des-  
vanecese a in-  
terpresa.

Disposiçōens dos  
Castelanos pa-  
ra atacar Olí-  
vença.

## 230 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Poem fogo ás fementeiras.*

*Sah D. Joao  
da Costa Gover-  
nador de Elvas.*

*Plantas arti-  
lheria.*

e puzeraõ fogo ás fementeiras, que estavaõ maduras, naõ valendo com o Conde de Monte-Rey oppor-se a esta ordem, que havia dado, o Cabido de Badajoz, obrigado ou do zelo Catholico, que naõ dispensa esta forma de guerra, ou do temor de padecerem igual destruiçao os fructos, que produziaõ as suas Campanhas. Dom Joao da Costa era Governador de Elvas, dando-lhe El Rey esta occupaçao por haver D. Joao de Ataide aceitado o posto de Comissario Geral da Cavallaria; vendo D. Joao da Costa rebanhar o gado, e arder as searas, mandou sahir Infantaria até as ultimas tapadas dos Olivaes, para a parte do Guadiana; occuparaõ as antes que os Castelhanos entrassem nelles, deraõ algúas cargas, que empregaraõ, desviaraõ-se dellas, e continuaraõ o incendio até a tarde, que se retiraraõ a incorporar no Exercito, que ja havia marchado com mil Cavallos de vanguarda, a que se seguirão duas linhas de Infantaria; a esta as bagagens, com hum Terço de guarda, fazendo a retaguarda 500 Cavallos, a que se uniraõ os 400, que forao a Elvas. Avistou o Exercito Olivença, onde ja o esperava Francisco de Mello Governador daquelle Praça, informado de cinco Irlandezes, que se haviaõ passado a ella: logo que lhe chegou esta noticia, repartio os Soldados, e Paizanos pelos Jugares mais convenientes, e havendo chegado D. Rodrigo de Castro com a sua Companhia de Cavallos de Comboy a algúas munições, a desmontou, e se unio a D. Manoel de Souza no Baluarte de S. Pedro, como se naõ fora mais util acodir montado sonde fosse maior o perigo, tendo capazes as ruas de Olivença de se manejear nelas hum grande trostlo de Cavallaria. Com duas horas de Sol chegou todo o Exercito sobre Olivença: alojou entre os Olivaes, que naquelle tempo a rodeavaõ, no sitio das Ferrarias vizinho da Praça pela parte onde a defensa era menor, por ter ainda hum lanço de trincheira por acabar. Plantaraõ os Castelhanos logo duas peças de artilharia, as quaes fizeraõ jogar com pouco damno dos defensores: estavaõ elles dispostos á defensa, esperando que o valor suprisse a falta da sciencia militar; de que Francisco de Mello por estudo tinha muita noticia: fez jogar

jogar contra o Exercito a pouca artilharia, que havia na Praça, porém o damno foy tão consideravel, que depressa se arrependera os Castelhanos do intento; resolverão-se elles a atacar hum posto exterior, sahirão algúas mangas de Mosqueteiros da Praça, que por tres vezes os rechaçaram. Vendo o Conde de Monte-Rey maior oposição da que suppunha, persuadido das faltas promessas de Sebastião Correa, se resolveo a retirar-se, custando-lhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravão Officiaes de importancia.

Teve o Conde do Vimioso avizo do bom sucesso de Olivença, e para que o não celebrasse com o gosto, que pedia a primeira victoria, lhe chegou ordem d'El-Rey para que deixando o Exercito entregue a Mathias de Albuquerque, passasse á Corte, por importar assim a seu serviço. Entendeo-se que Mathias de Albuquerque fora hum dos que fulminára a ruina do Conde, condemnando o seu descuido, dizendo, que era necessário melhores fundamentos para huma guerra, na qual a bizonharia dos Soldados se havia de suprir com a prudencia, e destreza do General: discurso que, se foy certo, depressa experimentou Mathias de Albuquerque maior revez, que este golpe: porque partido o Conde do Vimioso, passados poucos dias do seu governo, sem haver nelles acção militar digna de memoria, o prenderão pelas causas que adiante referiremos, e nomeou El-Rey por Governador das Armas a Martim Affonso de Mello. Assistia em Cascaes, governo que lhe entregará logo que El-Rey se aclamou: havia lhe oferecido o Brasil que não quiz aceitar, habilitou-o para esta occupação a assistencia de alguns annos da India. Era dotado de valor, e limpeza de mãos, onde a chiromancia do Povo costuma descobrir, e ajuizar os affeçōes do animo, discurso acreditado em Martim Affonso, que mereceo por esta virtude grande applaudo, e grandes lugares: pretendeo patente de Capitão General do Reino, como a que havia tido o Conde do Vimioso: respondeo-se-lhe que, passando El-Rey o Conde a outro emprego, se attenderia ao seu requerimento: e não tendo o Conde do Vimioso em sua vida

Anno

1641.

Retirão-se com  
perda.

Tem o Conde  
ordem d'El-Rey  
para voltar à  
Corte, e Gover-  
na Mathias de  
Albuquerque.

Sucedeu-lhe  
Martim Affon-  
so de Mello.

Anno  
1641.

*Excessos dos  
Castelhanos.*

*Faz sahir Dom  
Joaõ da Costa  
as Tropas de El-  
vas.*

outra occupaçāo, se naõ deo patente de Capitaõ General a outro Vassallo ; reservando-le a authoridade , e preem- nencia deste grande titulo para o Principe D. Theodosio. Com esta promessa , e patente de Governador das Armas passou a Alemtejo Martim Afonso de Mello, e encontrou em Arrayolos hum correio que D. Joaõ da Costa havia despachado a El Rey , dando-lhe conta de hum felice suc- cesso conseguido nos breves dias que governou aquella Provincia , depois de partido della Mathias de Albuquer- que.

Foy o caso , que andando D. Joaõ em Elvas dan- do ordem a adiantar as Fortificaçōens , util exercicio a que foy sempre summamente applicado , lhe chegou avizo de Santa Olaia , Aldea duas leguas de Elvas no cami- nho de Arronches , que os Castelhanos haviaõ feito huma grossa preza , e que marchavaõ com ella na volta de Gua- diana , caminhando pouco distantes de Elvas , a qual dei- xavaõ á maõ direita. Eraõ estas Tropas 400 Cavallos , que o Conde de Monte-Rey havia mandado a esta facçāo , de- pois de se retirar de Olivença : executaraõ sem con- troversia , e naõ perdoando a extorçāo alguma passáraõ os Castelhanos de crueis a sacrilegos , profanando os Al- tares , e despindo as imagens das Ermidas do Campo. D. Joaõ da Costa tanto que recebeo o avizo , fez sahir da Pra- ça seis Companhias de Infantaria com 300 Soldados , de que era Cabo o Sargento mór Antonio Gallo , e noventa Cavallos divididos em duas Companhias que governava Gaspar de Siqueira. Era a ordem que levavaõ , que mar- chassem até o fim dos Olivaes para a parte das Meimoas , valendo-se das tapadas , e sitiios accōmodados para a In- fantaria offendre a Cavallaria sem poder ser contrastada ; e que observando a disposiçāo dos Castelhanos , uzassem dos meios que lhes offereceste a fortuna : que as duas Tro- pas se naõ desunissem da Infantaria guarnecidas de duas mangas de Mosqueteiros. As ordens bem distribuidas saõ a segurança das emprezas: assim influi o esta nos animos dos Soldados firme confiança do bom sucesso. Chegáraõ ao monte do Perdigão , deraõ vista dos Castelhanos , e resol- ve- rão-se a pelejar. Formaraõ-se sem alterar a ordem que le- vavaõ ,

vavaõ , e marcharaõ para o inimigo , que caminhava com intento de passar a preza no rio Caia , que naquelle Campanha entra em Guadiana com crecida corrente. Os Castelhanos advertidos do Commissario geral , que mândava as Tropas , de que naõ era para desprezar a resoluçao dos Portuguezes , largando a roupa que traziaõ nas garupas aguardarão formados a resoluçao dos que os buscavaõ . Tanto que a noſſa gente chegou , dispararaõ os Castelhanos as carabinas , e acertou huma bala no Capitão Gaspar de Siqueira , de que cahio morto , merecendo as suas partes por muitos titulos mais dilatada vida. Foy de maior effeito a carga que os Castelhanos receberaõ da noſſa Infantaria : porque matando-lhe , e ferindo alguns da vanguarda das Tropas , se diminuio o ardor de todos. Reconhecendo os embaraços a noſſa pouca Cavallaria , os atacou na desordem , e lhes acrecentou a confusaõ ; e uzando as duas Tropas de toda a destreza , depois de darem a carga voltaraõ a formar-se na retaguarda da Infantaria , e tornáõ com grande preſteza a occupar os seus postos. Ajudados das cargas que a Infantaria multiplicava , investiraõ segunda vez aos Castelhanos com taõ bom successo , que os obrigáraõ a voltar as costas , deixando alguns mortos , vinte prisioneiros , e levando outros feridos. Sinalouſe nesta occasião André de Albuquerque , Antonio de Saldaña , Joao de Seixas , Capitãens de Infantaria , e D. Diogo de Menezes , que foy por Soldado da Tropa de Gaspar de Siqueira , e manifestou na primeira occasião galhardamente o seu valor. D. Joao da Costa fahio da Praça a dar calor á empreza , e achando a conseguida agradeceo ao Sargento mór Antonio Gallo , e aos mais Officiaes o valor , e disposiçao com que haviaõ pelejado , animando os com os louvores a maiores emprezas. Os Castelhanos largaraõ a preza que levavaõ , salvando só della algum gado , que marchou com húa partida algúas horas primeiro que as Tropas .

Em quanto sucedeo o que fica referido , naõ se atacavaõ nas outras Praças fronteiras de Castella com menos calor as primeiras escaramuças . Assitia em Béja formando o seu Terço D. Francisco de Sousa : chegou-lhe avizo que em Moura para onde o Terço estava destinado , entre-

Anno

1641

Atacaõ os Caſtelhanos.  
Morre Gaspar de Siqueira.

Retiraõ ſe os Caſtelhanos desbaratados.

Sabed Joao da Costa , agradece aos Cabos o bom successo.

Passa a Moura D. Francisco de Sousa.

## 234 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Arrazase Bar-  
rancos pela in-  
felicidade dos  
seus moradores

Escaramuça no  
Lugar Amare-  
leja.

entregando-lhe ElRey juntamente o Governo da Praça, havia nos ânimos dos moradores algum movimento, com indícios de pouca constancia na defensa da Praça: passou-se logo a ella, querendo atalhar que se não levantasse grande incendio o que até aquelle tempo era pequena faísca. Chegando a Moura averiguou que os moradores de Barrancos haviaõ sido os mais culpados naquelle alteração. Deo D. Francisco logo conta a ElRey deste sucesso, e havendo-lhe chegado outras notícias de maiores insultos destes Paizanos, a que chamavaõ Genizaros os de Alemtejo, por haverem partido até o idioma Portuguez com a lingua Castelhana; ordenou ElRey a D. Francisco de Soufa, que para castigo deste, e terror dos mais Lugares, arrazasse logo Barrancos. Era este Lugar dos Condes de Linhares, ficava na Raya de Castella defronte de Enzina Sola; e além das razoens referidas estava tão empenhado dentro de Castella, e era tão difícil, e pouco util conservallo, que sem a culpa dos moradores fora justo destruillo. Marchou Dom Francisco a executar a ordem d'ElRey, observando o segredo por não fazer rebeldes os que eraõ só mäos Vassallos; exemplo que pudera ser naquelle tempo de grande prejuizo chegou a Barrancos, mandou sahir do Lugar todos os moradores, e depois de tirarem o fato lhe puzeraõ os Soldados o fogo. Recolheo-se D. Francisco a Moura sem embaraço dos Castelhanos, e voltou a Béja a acabar de formar o seu Terço. No dia seguinte ao que partio de Moura entraraõ os Castelhanos com 300 Cavallos até o Lugar da Amareleja, levaraõ grande preza; sahio a buscallos o Sargento mór Francisco de Abreu de Lima, que Luiz da Silva Alcaide mór de Moura havia mandado de soccorro a Amareleja com 200 Infantes, e retirando-se os Castelhanos sem quererem pelejar, entrou o receio nos nossos Soldados, e fugiraõ antes de terem occasião que os obrigaõ. Os Castelhanos vendo a desordem se valeraõ della, atacaraõ com furia, e não acharaõ mais resistencia, que a de 80 Infantes, que se recolheraõ a huma tapada; de cujas cargas recebendo algum danno se retiraraõ, por se não resolvêrem a investilos. O Sargento mór a quem

se

se attribuiu a desordem dos Soldados, foy prezo, e depois desterrado com nota de infamia em seu assento, sendo digno de grande louvor o zelo com que dispunhaõ a nos-  
sa defensa os primeiros authores da nosla liberdade. Ap-  
plaudiaõ-se em Elvas os que valerosamente procediaõ,  
castigavaõ-se em Moura os que vilmente voltavaõ as co-  
stas ao perigo, guardando a vida para o discredito; por-  
que só de se fazer distincão de homens a homens, e de  
procedimentos a procedimentos se colhe o fructo sazona-  
do, que alimenta, e dilata as Monarquias. Os Castelha-  
nos voltaraõ segunda vez a Amareleja, que entraraõ, e  
saquearaõ sem resistencia. Chegando a Béja este avizo a  
D. Francisco de Souza, recebeo outro para prevenir a  
gente que havia levantado, ordenando-se lhe que mar-  
chasse com ella em socorro de Olivença, por se ter avi-  
zo de algumas intelligencias, que se conservavaõ em Ca-  
stellia, que os Castelhanos voltavaõ sobre aquella Praça;  
porém como nestas noticias naõ ha certeza, mudaraõ de  
opinião, e publicou-se, que o inimigo queria interpre-  
tar Moura; acodio sem dilação D. Francisco á sua Praça,  
achou nella os moradores muito desalentados; animou os  
á defensa, e dentro de poucos dias se desvaneceo esta  
presumپção.

Continuavaõ os Castelhanos as entradas, e pa-  
reço necessário divertir-se com a vingança a oppresão  
dos Povos. Distava Valença de Bomboy huma legoa de  
Amareleja, e era a Villa como mais vizinha dos noslos  
Lugares, de que elles recebiaõ maior damno; tinha seis  
Companhias de guarniçaõ, e alojavaõ-se nella cinco Com-  
panhias de Cavallos. Informado deste presidio, e da pou-  
ca defensa das trincheiras da Villa se resolveo Francisco  
de Mendoça Alcaide mór de Mouraõ, cinco legoas dis-  
tante de Moura para a parte de Olivença, a tratar com  
D. Francilco de Souza a interpreza desta Villa: reconhe-  
ceo D. Francisco a dificuldade deste intento consideran-  
do que, unida a gente de Moura com a de Mouraõ, eraõ  
pouco mais de mil os mal disciplinados Infantes, e só  
quarenta os pouco destros Cavallos; porém lembrado de  
que os Portuguezes sempre com pouco poder conseguiraõ  
grap:

Anno

1641.

*He saqueado  
dos Castelhanos*

## 236 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Ataque de Va-  
lença de Bôbôy.

He ganhada pe-  
los Portuguezes

D<sup>r</sup> Nuno Ma-  
carenhas Gove-  
rnador de Castel-  
lo de Vide corre-  
a Campanha de  
Valença de Al-  
cantara.  
Chega a Estre-  
moz Martim  
Affonso de Mel-  
lo.

grandes acçoens, se resolveo a seguir a opiniao de Francisco de Mendoça. Concertou com elle juntarem-se na Amareleja, que ficava a ambos em igual distancia, e que lançassem voz de que se uniao para comboiar o trigo, que aquelles moradores colhiaõ das suas searas. Uniraõ se os dous na Amareleja com o poder referido, e marchaõ para Valença quando cerrou a noite; chegaraõ a avisos stalla depois de romper o dia seguinte: sendo reconhecidos dos Castelhanos, formaraõ as Tropas fóra da Villa, e entre elles algumas mangas de Mosqueteiros, e guarne- ceraõ as trincheiras com a Infantaria que lhe sobrava, e com a gente da terra. Fez esta boa disposição mais airo- so o noollo ataque, porque desprezando a Infantaria o pe- rigo, foy em muito boa forma com repetidas cargas ga- nhando os postos. Largaraõ-lhos sem grande resistencia as Tropas, e dando os dous Cabos valeroſo exemplo, avan- caraõ por todas as partes a Villa; fugiraõ as Tropas, e desamparou a Infantaria a trincheira; entraraõ a os nos- sos Soldados, e padeceo a Villa miseravel estrago: foraõ muitos os despojos, resguardando-se religiosamente os lugares Sagrados. Salvaraõ-se as Tropas dos Castelhanos em Oliva, que ficava pouco distante, os Infantes pade- ceraõ o maior damno. Retirou-se D. Francisco de Sousa, e Francisco de Mendoça, trazendo os Soldados conten- tes com o despojo, e deixando os Povos satisfeitos com a viangaça, como se o prejuizo alheio fora remedio da miseria propria.

As fronteiras de Castello de Vide, e Marvaõ ex- experimentaraõ neste principio algumas hostilidades da Guarnição de Valença. Governava Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas Mestre de Campo de hum Terço que guarnecia aquella, e as mais Praças vizinhas. Tomou satisfação da offensa dos Castelhanos juntando 400 In- fantes, com os quaes destruiu toda a Campanha de Va- lença chegando até as portas da Villa, sendo facil corre- a aquelle distrito sem Cavallaria pela grande aspereza, e paslos difficultosos de todo elle: recolheo-se Dom Nuno sem embargo dos Castelhanos. Neste tempo chegou Estremoz Martim Affonso de Mello, e tomando prompta- tamente

tamente informaçāo do estado da Provincia , acodio a todas as Praças , se naõ com tudo o que era necessario a cada huma , proporcionando-as a todas conforme a importancia dellas , e ao que os poucos cabedaes daquelle tempo dispensavaõ. Obrigou aos moradores de Estremoz a fortificar a Villa na forma , que as mais da Provincia o haviaõ executado : levantaraõ huma grossa trincheira de terra , e faxina com banqueta , e parapeito , defensa bastante para deter o impulso da Cavallaria do inimigo : muitos annos se sustentou desta forte , depois ensinou a experiençā , que Estremoz era o coraçāo de Alemtejo , e consequentemente de todo o Reino , e se fabricou nesta Villa a grande Fortificaçāo , que hoje a rodea , merecendo com ella o nome de huma das melhores Praças de toda Europa. Creceo a trincheira , que Martim Affonso de Mello mandava levantar , com hum rebate falso , que se deo de noite , de que se originou taõ grande confusaõ ; por se naõ haverem sinalado aos moradores os postos , a que haviaõ de acodir , que , a ser verdadeiro , pouco numero de Castelhanos bastaria para entrar a Villa sem oposiçāo. Acautellados com a experiençā se dispozeraõ os moradores com melhor forma , e por todas as partes de Alemtejo era necessaria grande vigilancia : porque os Castelhanos naõ prevenindo que os coraçōens valerosos se endurecem de todo tratados com残酷 , julgaraõ pela mais acertada politica naõ perdoar a extorçāo alguma , Mostrou-lhes depois a experiençā , no sangue , que tantas vezes , e em tanta copia derramaraõ , que fora melhor , para o conservar nas proprias veias , uzar da fleima , que irritar a colera. Com algūas Tropas , e poucos Infantes entraraõ facilmente as Aldeias Talega , e Olor distantes menos de húa legoa de Oliverça . Tiveraõ os moradores avizo a tempo que puderaõ retirar se a Oliverça , perdéraõ a pouca roupa com que pobriamente se reparav̄o , victoria de que os Castelhanos ras gazetas fizeraõ ridicula ostentaçāo. Retiraraõ se deixando queimadas as Aldeias , e nas Igrejas dellas se crilegos testimunhos da sua irreverencia. Os moradores das Aldeias se dispuzeraõ a satisfazer o aggravo , e a recuperar a perda : hum , e cunctio

Anno

1641.

Fortificaçāo  
VillaQueimad. das  
Castelhanos Talega , e Olor.

## 238 PORTUGAL RESTAURADO,

tro effeito conseguiraõ em muitas entradas, que fizeram  
em varias partes de Caltella.

Anno

1641.

O Duque de Feria, e o Marquez de Castro  
Forte intentão  
Mourão,

Retirão-se.

Neste tempo estimulado o Duque de Feria, e o Marquez de Villa Nova, que assistiaõ nos seos lugares, da perda de Valençá, quizeraõ restaurar, se naõ a Praça a reputação; juntou-se lhes o Marquez de Castro Forte e chegando-lhes alguma gente de Badajoz, formaraõ hum Corpo de 1600 Cavallos, e douz mil Infantes, e amanheceraõ a sete de Agosto sobre Mourão. Foraõ sentidos pouco espaço antes de atacarem, e por este respeito naõ tiveraõ os descuidados moradores mais tempo, que o de se recolherem do arrabalde á fraca trincheira da Villa guarneceraõ, e acodindo valerosamente Francisco de Mendoça, acháraõ os Castelhanos galharda oposiçao onde consideravaõ debil resistencia; porque passando o arrabalde, que ganharaõ, e investindo a trincheira, foraõ tão repetidas, e com tão felice emprego as cargas, que della se deraõ, que os Castelhanos se retiraraõ sem poder conseguir a empreza; determinaçao, que os da Praça celebraraõ disparando quatro vezes com grande effeito huma só peça de artilharia, que tinhaõ sem mais balas. Saquearaõ o arrabalde, e retiraraõ-se com grande perda. Antes de chegarem a Gerumenha, por onde fizerão a marcha, encontraraõ Francisco Rebello de Almada Commissario Geral da Cavallaria, que por ordem de Martin Affonso de Mello vinha de Estremoz a soccorrer Mourão com 200 Cavallos, e 400 Infantes: tanto que descobrio as Trópas inimigas, ganhou com tempo os Olivaeas de Gerumenha, ficando-lhe a Praça nas costas, e encobrindo-lhe a Infantaria o que bastava para naõ ser vista mais que a vanguarda, que prolongou: fez aparentia de tanto poder, que os Castelhanos naõ quizeraõ tentar a fortuna, e unindo-se D.Rodrigo de Castro com a sua Companhia a Francisco Rebello à vista do inimigo, lhe tirou de todo a resoluçao de pelejar: durou a escaramuça muitas horas, á tarde recolheraõ os Castelhanos os batedores, e se retiraraõ para Badajoz. O Commissario Geral meteo as muniçoes, que levava, em Mourão, e voltou-se para Elvas, onde ja estava o Governador das

Ar

Armas: os de Mouraõ recompentáraõ de rressa o damno, que receberaõ no arrabalde, com grossas prezas, que fizeraõ em Castella.

Martim Affonso de Mello deixando Estremoz com as prevençoens referidas, passou a Elvas, onde foy recebido dos moradores com grande alegria, por ser natural, e Alcaide mor de Elvas. Logo que entrou nesta Praça o informou D. Joaõ da Costa do estado da Provincia, na qual, disse, que se achavaõ tres mil Infantes pagos, e 400 Cavallos; que as Praças com a terra, e faxina, que se haviaõ levantado nellas, estavaõ defendidas dos af- faltos, e naõ dos sitiios; que a artilharia era muito pou- ca, e as muniçõens menos; e que o damno, que os lavra- dores haviaõ recebido era muito grande, porque os Sol- dados Infantes difficultosamente defendiaõ mais que as Praças; e que a Cavallaria era tão pouca, que naõ basta- va para a segurança dos gados; que a Infantaria paga esta- va dividida pelas Praças principaes; que as outras se guar- neciaõ com os seos mesmos moradores; procedimento de que se devia esperar muito, e fiar pouco: porque ain- da que as valerosas acçãoens, que haviaõ executado, se- guravaõ as esperanças de naõ prevaricar a sua fidelidade, a experiência em todas as partes do mundo mostrava, que nos grandes conflitos se apagava facilmente o ardor dos Paizanos sem a união da Infantaria paga; e que o poder referido era muito inferior ás forças, que os Caste- lhanoz juntavaõ; e que assim era preciso considerar mui- to nos meios de engrassar as Tropas, e de bastecer, e municiar as Praças. Que o Conde de Monte Rey era General do Exercito de Castella, e de Merida havia pas- sado a Badajoz, onde assistia, que era seu Mestre de Campo General D. Joaõ de Garay, Soldado de grande ex- periencia, e reputaçao; que a Cavallaria governava D. André Pacheco, e que para General da Artilharia estava nomeado D. Luiz de Alancastre, tio do Duque de Aveiro; que os mais postos, e governos das Praças occupavaõ grandes Senhores, e Soldados de estimaçao, e que os con- fidentes, que havia em Castella, ieguravaõ que eraõ dou- mil os Cavallos das Tropas pagas, e quasi outros tantos os

Anno

1641

*Entra em Elvas  
Martim Affon-  
so de Mello.*

*Informaçao Dom  
Joaõ da Costa  
do estado da  
Provincia.*

## 240 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1641.

de outras Tropas, que chamavaõ Milicianas, que tinha sete mil Infantes pagos, e oito mil quintados, que eraõ como as nossas Ordenanças; trinta peças de artilharia montadas, seis grossas, as mais de Campanha, quatro morteiros, petardos, e todos os instrumentos de expugnação; que estavaõ as carruagens promptas, e ajustado alento para vinte, e cinco mil reçoens; que este Exercito era tão numeroso, que se devia applicar igual cuidado a todas as Praças: porém que a de Olivença pedia maior attenção assim por haver sido infructuoso empenho do Conde de Monte-Rey, que seguindo a ordem dos affectos humanos, havia de preferir para a conquista a Praça de que recebera a maior offensa, como por ser a Guarnição de Olivença continua oppresão de muitos lugares de Castella, e freio das entradas em Portugal. A estas advertencias ajuntou Dom Joaõ da Costa todas as mais que lhe pareceraõ uteis, e com esta direcção deo Martim Affonso de Mello principio ao seu governo. Elegeo Elvas para assitir nella continuamente (exemplo que acertadamente seguiraõ muitos annos os Governadores das Armas que lhe succederaõ.) Os moradores de Elvas desejavaõ colher algumas paveas de trigo, a que havia perdoado o incendio dos Castelhanos, e as uvas das vinhos das Caldeiras: receosos do perigo propuzeraõ a Martim Affonso o seu intento, favorecidos da cõmiserção. Mandou juntar toda a carruagem possível comboiada de mil Infantes, e 400 Cavallos, sahiraõ de Elvas ao amanhecer, brevemente chegou o avizo a Badajoz; donde acodio a Cavallaria, e Infantaria a Telena, e sem mais que receio de huma, e outra parte, colhidos os fructos da Campanha, se retiraraõ as Tropas de ambas. Os Castelhanos não estavaõ ociosos, davaõ continua oppresão em todas as fronteiras: correraõ Campo-Maior com pouco fructo, passaraõ a Arronches, fizeraõ grande preza: a desesperação dos moradores os obrigou a seguirlos, acharaõ em alguns passos estreitos lugar de tentar a fortuna; investiraõ com poucas eguas, e algumas espingardas tres Tropas que levavaõ a preza, cahio das primeiras balas morto o Capitão de Cavallos Cabo das Tropas, largá-

Correm os Caf-  
zelhanos a Câ-  
panha de Cam-  
po-Maior, e  
Arronches.

largáraõ os mais a preza, e ficáraõ com ella os de Arion-  
 ches satisfeitos, e vingados. Em Castello de Vide naõ  
 era menor a oppresião: alguns Cavallos que assistiaõ na  
 Villa de Ferreira molestavaõ mais continuamente aquell  
 e distrito. Reolveo-se D. Nuno Mascarenhas a procu-  
 rar algum remedio, juntou 600 Infantes pagos, e da  
 Ordenança, marchou para Ferreira, onde havia 400 fo-  
 gos, chegou sem ser sentido, entrou facilmente: sa-  
 queou a Villa, e queimou-a. Recolheraõ-se os moradores  
 a hum Castello que tinhaõ antigo, e forte, e D. Nuno  
 se retirou com os Soldados satisfeitos do despojo. Nestas  
 entradas de pouca consideraõ se passava o tempo sem  
 se verem no Exercito de Castella os effeitos que promet-  
 tia. Quiz adiantar os seos progressos o Mestre de Campo  
 General D. Joaõ de Garay, e intentou ganhar Elvas, per-  
 suadido de hum Frade, que de Elvas passou para Badajoz,  
 e segurou a D. Joaõ, que nesta Praça havia duas parciali-  
 dades, huma que seguia a voz d'El Rey de Castella, ou-  
 tra d'El Rey de Portugal: que a Castelhana lhe mandava  
 pedir socorro, e que no primeiro rebate que houvesse  
 estariaõ promptos para que sahindo a elle os Cabos, e Sol-  
 dados de Guarnição, como costumavaõ, ficando senho-  
 res da Cidade occupaslem as portas della, que promet-  
 tiaõ conservar at ferem socorridos; o que seria facil  
 naõ podendo tornar-lhe a ganhar as portas a Guarnição,  
 por ser pouca bizona, e mal armada. Ainda que Dom  
 Joaõ de Garay naõ deo inteiro credito a esta proposta, neõ  
 lhe parecio que se desprezasse: ordenou a hum Official  
 pratico de hum dos Terços Waloens, que com quatro  
 Soldados de confiança se passasse a Elvas, e que depois de  
 introduzidos examinaslem o fundamento com que o Fra-  
 de facilitava a empreza, e o poder que tinha a parcialida-  
 de, que elle chamava d'El Rey de Castella; e que com a  
 noticia do que achassem voltasse a Badajoz, ou mandasse  
 hum dos Soldados. Partio este Official logo que recebeo a  
 ordem, entrou em Elvas; e mandando examinar Martin  
 Affonso assim a elle como a seos companheiros, achando  
 que se encontravaõ nas confissoens, os remetteo a Lisboa:  
 o mesmo succeso tiveraõ cinco Soldados de Cavallo, que

Q

Anno

1641.

D. Nuno Ma-  
 sarenhas fa-  
 quea Ferreira

proposta de hum  
 Frade a D. Joaõ  
 de Garay.

com

242 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Intenta Elvas  
o Conde de Mô-  
r' Rey.

Sabe Martim  
Affonso, adian-  
ta-se D. João  
da Costa com  
as Tropas.

Recontro da  
Terrinha.

Desolão as Tro-  
pas Portugue-  
zas com Dra-  
goens.

com a mesma ordem passaraõ a Olivença. Vendo D. João de Garay que naõ podia conseguir mais distinta noticia que a primeira, que o frade referira, que persuadido de pouco, que se arriscava, havendo de exceder muito o poder, que levasse, ao que havia de achar em Elvas, aconselhou ao Conde de Monte Rey, que tentasse esta empreza. Julgou o Conde conveniente seguir este parecer: juntou tres mil Infantes, e 1500 Cavallos. Passou Caia, e fez alto nas vinhas de Terrinha, sitio, que forçosamente descobriaõ as sentinelas da nossa Ronda: chegaraõ elias depois de sahido o Sol, carregou as huma Tropa dos inimigos até dentro dos Olivaes. Com a noticia do rebate mandou Martim Affonso montar as Tropas, em que ja havia 500 Cavallos, pelas haver remontado Martim Affonso, e estarem nesta occasião quasi todas em Elvas, e sahir dos Terços mil Infantes. Conduzio esta gente Dom João da Costa, e Martim Affonso; que estava sangrado tres vezes, se levantou da cama, e sahio ao outeiro da Santa Luzia, donde divisava toda a Campanha. Marchou D. João da Costa; e sahindo fóra dos Olivaes fez alto detrás de huma colina, onde as Tropas ficavaõ cobertas da Campanha: mandou ocupar as sentinelas necessarias, e descobrir a Campanha por 25 Cavallos, a que dava calor D. Rodrigo de Castro com a sua Tropa. Deo vista a Esquadra a tres Tropas Castelhanas, que eraõ as que haviaõ corrido as sentinelas: procurou detellas, ao que se deixaõ persuadir facilmente, intentando que a Tropa de D. Rodrigo se empenhasse de forte que se perdesse sem remedio. Entendeo Dom João da Costa a determinaçao dos Castelhanos, e mandou retirar D. Rodrigo de Castro: obedeceo elle, recolhendo os batedores com boa ordem. Desenganados os Castelhanos de que naõ podiaõ empenhallo, o carregaraõ as tres Companhias: havia D. João da Costa avançado com as nossas Tropas ao alto da colina; guarnecedo lhe os flancos com algumas mangas de Mosqueteiros: empenharaõ se os Castelhanos de forte, que se acháraõ entre as nossas Tropas, que os receberaõ com huma carga felicemente empregada. Era huma das Companhias dos Castelhanos de Dragoens, os quaes desmon-  
tando-se

ando-se como costumavaõ , para dar a carga com os mos-  
 quetes que traziaõ , os carregaraõ as nossas Tropas taõ va-  
 gerosa , e ligeiramente , que degolláraõ 100 Castelhanos ,  
 antes que os da emboscada os pudessem soccorrer , o que  
 com toda a diligencia procurou o Conde de Monte Rey ,  
 e D. Joao de Garay ; descobrindo a Atalaya ( que se ha-  
 via levantado no monte da Terrinha , e estava garneci-  
 da ) aos Castelhanos que estavaõ emboscados , tocou á ar-  
 ma , e reconhecendo a causa D. Joao da Costa , retirou os  
 Soldados com grande trabalho , porque se haviaõ empre-  
 gado em despir os Castelhanos mortos ; mas reduziendo-os  
 à primeira fórmã , occupou a entrada dos Olivaes antes  
 que o inimigo chegasse a elles , e metendo a Infantaria  
 em duas tapadas , que de huma , e outra parte franquea-  
 vaõ a estrada , recebêraõ as Tropas , que vinhaõ avança-  
 das huma carga com tanto efeito , que cahiraõ mortos  
 muitos Soldados dellas . Fizeraõ alto , e atacou-se entre  
 as Tropas huma escaramuça , que sustentou com valor D. Retiraõ-se os  
Castelhanos com  
perda.  
 Rodrigo de Castro , e naõ querendo empenhar a Infan-  
 ria , de que pudera resultar-lhe melhor sucesso , se reti-  
 ráraõ com a perda referida , e foy o castigo do frade o de-  
 saffogo do damno , que lhes occasionou : teve em Badajoz  
 larga , e estreita prizaõ , depois o remetteraõ a Madrid .  
 Recolheo-se a nossa gente a Elvas , e logrou Dom Joao  
 da Costa o merecido applauso do bom sucesso que dis-  
 puzera , e conseguira , ajudado do valor dos que o acom-  
 panháraõ . Antes deste sucesso havia logrado em Porta-  
 legre Dom Luiz de Portugal outro muito felice . Passou  
 áquelle Cidade por ordem do Governador das Armas a  
 examinar a culpa de alguns moradores , dos quaes havia  
 noticia que davaõ avizos aos Castelhanos , e que determi-  
 navaõ introduzilloz na Cidade . Levou Dom Luiz comi-  
 go quatro Companhias de Infantaria do seu Terço , e hu-  
 ma de Cavallos : entrou em Portalegre com o pretexto  
 de acodir ás Fortificaõens , examinou secretamente as  
 culpas , e os delinquentes , e castigando alguns que o me-  
 reciaõ se focegaraõ todos . Durando esta diligencia en-  
 trou o inimigo pela serra de Marvão , e queimou as Al-  
 deas de Pitaranha , e Galego ; teve Dom Luiz avizo ,

Anno

1641.

Sociega D. Luiz  
 de Portugal Por-  
 talegre , e tê bom  
 sucesso cõtra os  
 Castelhanos .

## 244 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Marchou sem dilacão com a gente que havia levado de Elvas, e alguns moradores da Cidade. Hiaõ se retirando os Castelhanos: seguir os D. Luiz, e na sua retaguarda queimou o lugar do Pico, e com huma grande preza se veio retirando. Voltáraõ os Castelhanos, fez alto Dom Luiz, e mandando por alguns Moiqueiros ocupar os lados da estrada, estreita naquelle asperissimo sitio, onde a Infantaria he superior á Cavallaria, recebêraõ os Castelhanos huma carga; carregou os a Tropa que era de Dom Fernando Telles governada pelo seu Tenente Martin Domingues Banha, tomou lhes alguns Cavallos, e ficáraõ mortos 30 Infantes. Retirou se Dom Luiz com a preza, e por ordem do Governador das Armas voltou a Elvas, ficando por Capitão mór de Portalegre Manoel Godinho de Castello Branco.

Os intentos do Conde de Monte Rey, além de serem pouco felices, eraõ condenados em Madrid pela má disposiçao com que os fabricava. Desejoso de emendar a fortuna, e restaurar a opiniao, experimentando juntamente desvanecidas as intelligencias de Lisboa, infructuoso o empenho do Exercito junto, se resolveo por todas estas razoens a empregallo antes de o desunir. Afseioou se á interpreza de Olivença, levado do desejo de vingar o primeiro intento mal sucedido, e obrigado das queixas repetidas de todos os moradores daquelle distrito, os quaes perseguidos da Guarnição de Olivença não logravaõ fazenda livre, nem davaõ passo seguro, e persuadido tambem das instancias de Sebastião Correa, que com maior maldade queria emendar a primeira traçao. Resoluto a intentar esta empreza juntou douz mil Cavallos, e seis mil Infantes, e passou a Valverde. Na tarde de 16 de Setembro sahio desta Villa, marchou sem ser sentido pela Ribeira, e chegou junto de Olivença tres horas antes de amanhecer: neste tempo sentiraõ o rumor da gente douz lavradores, correrão a dar avizo á Praça, mas não chegáraõ mais depressa que os Castelhanos. Perguntáraõ as sentinelas, Quem vive? E quizeraõ elles dissimular se com a cautela de Viva El Rey Dom Joaõ: pedida a contrasenha, e naõ respondendo, forão reconhecidos.

*Interpreta  
Olivença o Con-  
de Monte Rey.*

cidos. Tocouse arma, e naõ dando lugar a maior pre-  
vençāo, avançāo valerosamente, e era o perigo taõ  
vizinho, que, a naõ serem rebatidos do valor de poucos  
Soldados, primeiro se padecéra o estrago, do que se pre-  
venisse o remedio. A Companhia que estava de guarda ás  
mal cerradas portas, que era a do Mestre de Campo D.  
Joaõ de Sousa, governada pelo seu Alferes Martim Na-  
bó Paçanha, foy a que deteve a exemplo dos primeiros  
Soldados o impeto dos Castelhanos; os quaes naõ só atra-  
cārāo a porta, mas os dous baluartes de hum, e outro la-  
do della, sobindo pelos flancos que a descortinavaõ;  
acháraõ a primeira resistencia em alguns moradores que  
acodiraõ ao rumor. As vozes dos Castelhanos, ruido das  
balas, e clamores do Povo acodio Rodrigo de Miranda  
Governador da Praça, que succedeo a Franciso de Mel-  
lo, que occupou o posto de Mestre de Campo, acom-  
panhado de D. Manoel de Sousa, e outros Officiaes; fize-  
rāo atalhar as bocas das ruas, e unido hum Corpo de In-  
fantaria da que se vinha juntando, carregáraõ valerosa-  
mente os Castelhanos. Durou o conflicto duas horas que  
durou a noite; a manhã lhes acabou de introduzir as lu-  
zes do esforço, sepultando aos Castelhanos nas trevas do  
medo: perderāo os postos que haviaõ ganhado, e quan-  
do se retiráraõ, sendo a distancia pouca, os corpos gran-  
de alvo, e os tiradores destros, foy o damno excessivo:  
paſſáraõ os mortos, e feridos de 400, entre elles Officiaes  
de importancia, e peflos de qualidade. Formaraõ-se a  
tiro de artilharia; de que tambem receberāo prejuizo.  
Recolheraõ-se a Badajoz, mandando a Cavallaria em Retira'se com  
grande perda.  
tres trócos a Elvas, Campo Maior, e Villa Viçosa: po-  
rém voltaraõ todos sem effeito algum, por acharem os  
gados recolhidos. Houve no successo referido acçoens  
muito sinaladas: foy das mais celebres defender na porta  
Gregorio Correa natural de Seixas termo de Ourem, sen-  
do de setenta annos, grande espaço com hum chuço aos  
Castelhanos a entrada della, e repetindo muitas vezes;  
Dowme eu a Deos, e ao meu Rey Dom Joaõ: affastay  
Castelhanos, que naõ haveis de entrar; foy invencivel,  
recebendo grande numero de golpes. Na defensa dos ba-  
luartes

Anno

1641.

Ataõ valerosa  
de Gregorio Cor-  
rea.

Anno

1641.

*Rodrigo de Mi-  
randa, e os mais  
Oficiaes proce-  
dem com valor.*

*Parte Martim  
Affonso de El-  
vas com soccor-  
ro.*

luartes procederaõ com grande valor os Capitães Francisco Pinto Pereira, e Antonio de Vasconcellos: Rodrigo de Miranda executou valerosamente o que fica referido, e distribuiu todas as ordens com grande acerto até lançar os Castelhanos fóra da Praça: ficou nella hum Sol, dado morto, e alguns feridos. A tarde que os Castelhanos sahiraõ de Badajoz, chegou a Campo-Mayor hum Portuguez, com quem tinha intelligencia o Governador das Armas, e deo conta ao Sargento mór Luiz Alvarees Baines da entrada, e intento do Conde de Monte-Rey: fez o Sargento mór avizo ao Governador das Armas, o qual sem dilacão chamou a Conselho, e propoz a noticia, que havia recebido: concordaraõ todos os votos: que se soccorresse Olivença, e que ficasse em Elvas Martim Affonso de Mello para acodir aos accidentes, que sobreviessem. Naõ quiz elle ajustar-se nesta parte ás opiniões do Conselho, e resolveo, que elle havia de ser quem levasse o soccorro. Despachou logo todos os Soldados das ordens, que assistiaõ em Elvas, das Praças da Província, ordenando a todos os Governadores dellas, que marchassem a Gerumenha, para onde logo partia com a maior brevidade, e maior numero de gente, que lhes fosse possível juntar. Despedio juntamente partidas sobre Badajoz, e Olivença, com ordem, que lhe fossem mandando aviso de tudo o que observassem; e na mesma noite partio de Elvas para Gerumenha com a Cavallaria, e Infantaria daquelle Guarnição, duas peças de artilharia, e algumas muniçõens. Pouco havia marchado, quando se lhe unio a Guarnição de Campo-Mayor; e antes de chegar a Gerumenha reconheceo o assalto de Olivença, ouvindo os tiros, e vendo fuzilar os mosquetes. Chegou a Gerumenha, e ao meio dia recebeo avizo de Rodrigo de Miranda do máo sucesso, que os Castelhanos tiveraõ na interpreza; porém que ainda ficavaõ á vista da Praça: que se achava com taõ poucos defensores, que necessitava muito de ser soccorrida. Martim Affonso achando-se com 1600 Infantes, e 600 Cavallos, fe resolveo a marchar para Olivença sem aguardar a mais gente, que havia mandado conduzir, só lhes deixou ordem em Gerumenha para

## PARTE I. LIVRO IV. 247

para que se incorporassem na ponte de Olivença, donde lhes faria avizo do que haviaõ de executar. Antes de partir de Gerumenha recebeo carta de Rodigo de Miranda em que lhe dizia, que o inimigo se havia retirado: continuou Martim Affonso a marcha, que antes pudera ser intempestiva, levando consigo 10 a Cavallaria, e algumas cargas de muniçoens, que seguravaõ 200 Mosqueiteiros. Chegando a Olivença agradeceo com grandes demonstraçoens aos Officiaes, Soldados, e moradores o valor que haviaõ mostrado; e deixando em Olivença a Infantaria que levava, huma Tropa, e as muniçoens, se voltou para Elvas, mandando despedir os soccorros, que havia convocado.

O Conde de Monte Rey tendo noticia das prizoens que El Rey naquelle tempo mandou fazer em Lisboa, de que adiante se dará noticia, desfez o Exercito, e aquartelou as Tropas, (resoluçao por onde se justificou, que fora formado para este fim) e como experimentava desvanecidos os intentos, e as emprezas mal sucedidas, se resolvéo a deixar a guerra, e dentro de poucos dias partio para Madrid, onde se quicou de Sebastião Correa dizendo, que o fizera mal lograr as emprezas com opinioens fingidas, e conselhos dissimulados: ordinaria desculpa de Generaes infelices, e merecido castigo da infidelidade de Sebastião Correa, experiençia que encontrão os que pretendem fundar sobre bases abominaveis a estatua da virtude. Ficou o Mestre de Campo General Dom Joaõ de Garay Governando o Exercito, e querendo dar felice principio ao seu Governo determinou interpretender Campo Maior por intervençao de Antonio Mexia, o mesmo de quem referimos, que Mathias de Albuquerque em tempo do Conde do Vimioso se naõ fiera: este com similhantes quimeras pretendeo enganar Martim Affonso de Mello, de coraçao tão aspero para se deixar persuadir da verdade, que lhes faltavaõ todas as dispositioens para dar credito á mentira; e uzando com Antonio Mexia da pouca dissimulaçao que tinha por natureza lhe disse, que bem o conhecia por traidor, mas que, se fizesse a El Rey algum grande serviço, ficaria livre desta opinião, e que

Anno

1641.

*Entra em Olivença, anima os Soldados, e aumenta o presídio*

*Retira-se a Madrid o Conde de Monte Rey.*

Anno  
1641.

Retirada de os  
Castelhanos de  
Santo Alexo.

acharia seguro premio da sua diligencia. Usou Antonio Mexia desta resposta com diferente sentido, e tendo lugar de passar occultamente a Badajoz, segurou a D. Joao de Garay entregar-lhe Campo-Mayor; o qual o remeteu a D. Joao de Sentilises, que para este fim havia mandado para Albuquerque. A falta que Antonio Mexia fez em Campo-Mayor deu cuidado ao Sargento mor Luiz Alvares; accrecentou-se, vendo que os Castelhanos vinham reconhecer a Praça com quatro Tropas: fez aviso a Martim Affonso de huma, e outra attenção; mandou elle logo para Campo-Mayor o Mestre de Campo Aires de Salданha com seis Companhias de seu Terço, prevenção; que disluso a os Castelhanos da empreza. Aítes de Salданha tratou com grande calor da fortificação daquella Praça, que ficou governando, e molestava com partidas continuas os lugares do inimigo vizinhos a ella. Neste tempo interprenderao os Castelhanos com mão sucesso a Aldea de Santo Alexo, quatro legoas de Moura. A noticia de que os moradores erao ricos obrigou ao Comissario geral Dom Joao de Terrassa a procurar licença para saqueallos: concedeo-lha Dom Joao de Garay, sahio de Badajoz com 200 Cavallos, e incorporados os de Valverde, e outros Lugares com alguma Infantaria, formou hum Corpo de 1500 Soldados, e amanheceo sobre a Aldea de Santo Alexo: era ella cercada de huma pequena trincheira, e defendida de 100 moradores, governados pelo Capitão Martim Carrasco Pimenta: repartio elle a gente pelos postos perigosos, e reservou alguns, que sobrarao, para acodir aonde o aperto fosse maior. Avançarao os Castelhanos as trincheiras, e chegando muitas vezes a montallas, de todas forao valerosamente rebatidos: retirarao-se desenganados, deixando alguns mortos, levando outros feridos. Teve este aviso Martim Affonso, mandou soccorrer a Aldea com municioens, e ao Capitão de Cavallos Dom Henrique Henriques com a sua Companhia de quartel para Moura, desejando evitar o damno, que os Castelhanos faziaõ aos lavradores daquelle distrito. Entrarao elles no termo de Monsarás com 200 Cavallos, fizeraõ huma grande preza,

que

querendo passar Guadiana lha tiráraõ os lavradores que se haviaõ unido, e os obrigáraõ a retirar-se, perdendo 30 Cavallos. Aires de Saldanha continuando no desejo de occionar aos moradores dos lugares de Castella o mesmo damno que padeciaõ os de Portugal, mandou huma partida de 20 Cavallos a Villar d'ElRey, quatro leguas de Campo Maior: rebanháraõ estes 400 rezes; porém tendo andado a maior parte do caminho, lhas tirou huma Tropa, que estava em Villar d'ElRey. Retiraraõ-se para Campo Maior, e dando noticia do que lhe havia succedido, montou Joaõ de Saldanha da Gama com a sua Companhia, e duas, que haviaõ chegado de Elvas comboiando tres peças de artilharia, e sahio com grande brevidade a buscar os Castelhanos. Cerrouse a noite, e foy tão tenebrota, que as Tropas naõ só erráraõ o caminho, mas divididas em partes tomáraõ varias estradas. Teve melhor fortuna o Tenente Joaõ Soares da Companhia de Joaõ de Mello, porque com 17 Cavallos deo vista dos que levavaõ a preza: desprezou o excesso na confiança do valor, avançou aos Castelhanos, voltáraõ elles as costas deixando 10, e largáraõ a preza: rebanháraõ a os nossos, e puzeraõ-se em marcha. Por iguaes meios se dispunha a satisfaçao; porque os que fugiraõ para Villar d'ElRey, acháraõ duas Tropas de Badajoz, que haviaõ chegado com hum comboy: unidos todos seguiráraõ a nossa partida; porém quando a avistáraõ, estava ja incorporada com Joaõ de Saldanha, e os mais que se haviaõ perdido: era o numero igual, mas naõ foy igual a resoluçao, porque os Castelhanos vendo mais gente da que supunhaõ, naõ deraõ lugar a que os reconhecessem, e com grande diligencia se retiráraõ. Aires de Saldanha com aquellas Tropas, duas mais de Elvas, e 500 Infantes, armou ás Tropas de Villar d'ElRey, e Talavera: tocou-se arma antes de tempo, recolheo-se sem outro effeito, que o da desordem com que procederaõ os Soldados, prejudicial inimigo das emprezas militares. Eraõ estes leves encontros os effeitos da guerra de huma, e outra parte: porém a lima do exercicio hia pouco a pouco gastando a bisonheria dos nossos Soldados; e o tempo que costuma escurecer o lustre

Anno  
1641,

*varios sucessos  
em outras part-  
es.*

## 25º PORTUGAL RESTAURADO,

tre das armas as fez resplandecentes nas mãos dos Portuguezes.

Anno

1641.

Interpreza de  
Valverde,

Foy neste anno a maior acção que se intentou em Alemtejo a interpreza de Valverde. Teve noticia Martim Affonso, que o inimigo engrossava o presidio desta Villa: receou novo sobresalto a Olivença, e elegeo generoso caminho de o atalhar, conformando-se com a opinião de D. João da Coita, o qual lhe propoz, que tinha por factível interpretender Valverde, e que sucedendo felicemente como esperava, se conseguiria para as armas opinião, e para os Soldados exercicio, e utilidade, dous pólos que sustentão a máquina da guerra, e que juntamente ficaria Olivença livre dos assaltos, tendo o perigo menos vizinho, e os Lugares abertos daquella parte sem tanta oppressão; pois era Valverde pela vizinhança da Raia a confiança que mais obrigava aos Castelhanos a entrar em Portugal. Conformando-se Martim Affonso com este acertado parecer, sem comunicar a outra pessoa a resolução que tomava (bale em que se seguraão todos os desígnios da guerra) escreveo a Rodrigo de Miranda, que especulasse o estado da fortificação de Valverde, e o numero de Soldados de que se compunha a sua Guarnição: fiou Rodrigo de Miranda esta diligencia de João Mendes de Magalhaens, o qual vivendo em Valverde quando El Rey se acclamou, fugio da mulher Castelhana, e trouxe a Olivença tres filhos, para que se criassem Portuguezes; ficou-lhe em Valverde segura correspondencia, da qual soube que constava a Guarnição de Infantaria paga de 600 Soldados, e de quatro Tropas, em que haveria 200 Cavallós; que estes governava o Cómisario geral Joaõ de Terrassas, e a Praça o Mestre de Campo Dom Joseph de Pulgar; que nella haveria quinhentos fogos: e que Dom Joseph havia accômodado o sitio, como elle o permittia, atalhando as estradas, levantando mias luas, e huma trincheira com banqueta, e parapeitos, tudo de faxina, que havia cortado as ruas, e comunicado as casas, e levantado na Igreja hum reducto pequeno, mas bem fabricado. Deo Joaõ Mendes estas notícias a Rodrigo de Miranda, e disse-lhe, que se acaço dellas resultasse

tasle atacar-se Valverde, que elle se offerecia para guiar a gente, que fosse a esta empreza, e que advertia, que a artilharia era excusa, porque para a conduzir feria necessario rodear tanta terra, que faltassem horas para lograr a interpreza ao amanhecer. Remetteo Rodrigo de Miranda esta informaçāo a Martim Affonso de Mello, conferio-a elle com Dom Joaõ da Costa, e ajustárao dar á execuçāo este intento; uniraõ-se com todo o segredo as Guarniçōens das Praças mais vizinhas, e sahiraõ de Elvas a 27 de Outubro. Conslava o numero da gente de 2500 Infantes, e 500 Cavallos. O Mestre de Campo D. Joaõ da Costa exercitava o Poito de Mestre de Campo General; e as Tropas hiaõ governadas pelo Cōmissario geral Franciso Rebello de Almada. Chegáraõ a Olivença ás dez horas da noite, e dilatando-se mais tempo do que era necessario lhes amanheceo meia legua de Valverde; forao descobertos, e o tempo que gastáraõ em chegar tiveraõ os Castelhanos de se prevenir. Houve duvida sobre se continuar a empreza, reconhecendo-se o risco de escalar huma Praça de dia, prevenida, e com boa Guarniçāo, a qual buscavaõ na confiança do descuido, e silencio da noite; prevaleceo o temor de perder a reputaçāo, (que ha catos em que tambem he valeroso) desprezando Martim Affonso de Mello o perigo deo ordem a que investissem as trincheiras; repartio D. Joaõ da Costa em tres Tropas a Infantaria, signalando aos Officiaes a parte por onde haviaõ de atacar, e tendo-se por mais felice aquelle a que tocava o maior risco, todos avançáraõ valerosamente a Villa. Haviaõ os Castelhanos repartido os Postos tripulando Soldados, e Paizanos; e as Tropas occupáraõ o sítio em que estava huma Igreja fóra da Villa collocada aos Martyres. Investio-as o Commissario geral com as que levava, e naõ fazendo grande resistencia voltáraõ as costas, e se recolhéraõ a Valverde. A nosla Infantaria Entrão na Villa sem uzar das escadas, que levava prevenidas, montou as la os Portuguezes trincheiras, fendo o conseguir nos Portuguezes consequencia de emprender: desamparáraõ os Castelhanos os Postos, buscando as casas por melhor defensa, e assim o experimenteráraõ os expugnadores, porque das frestas, que para este

Anno

1641.

## 252 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1641.

*Morreu o Comissário Francisco Rebello de Almada.*

*Retirado sem efeito.*

este fim estavaõ abertas nas paredes dellas, os maltratavaõ. Entraraõ alguns, e á custa de muito sangue chegáraõ á Praça : quizeraõ avançar o reducto da Igreja, porém foy inutil a resoluçao, necessitando para o expugnar de maiores prevençoes, e juntamente por haver ficado pelas casas a maior parte da Infantaria, custando a ambiçao a muitos Soldados justamente a vida. Vendo o Comissario geral Francisco Rebello de Almada esta desordem, intentou com pouco acordo remedearla, metendo as Tropas na Villa; excesso que accrecentou a confusaõ, e fez maior o estrago, sendo elle o primeiro que o experimentou, cahindo morto de huma bala que lhe deo por valeroso, e ter grande pratica do exercicio da Cavallaria, que adquirio em muitos annos de assistencia de Flandes: o seu corpo fez retirar o Capitaõ de Infantaria André de Albuquerque por alguns Soldados, que pagaraõ com o sangue o dinheiro com que os comprou para este effeito; e ainda assim o naõ conseguiraõ, se huma Castelhana tambem faliariada os naõ ajudára, atando-lhe huma corda ao pescoco, pela qual lastimosamente o arrastaraõ, recolhendo a huina das casas que haviaõ ganhado. Vendo Martinho Affonso de Mello o pouco effeito, e muito damno com que o reducto era atacado, mandou tocar a recolher, e Dom Joaõ da Costa, que valerosamente havia assistido em todos os lugares de maior perigo, formando dos Soldados, que pode juntar, huma esquadraõ fóra da Villa, recolheo com esta attenção áquelle corpo todos os que sahiraõ da Villa, e conseguiu evitar-lhes maior danos. Incorporados os saõns, e retirados os feridos, matchou Martinho Affonso de Mello para Olivença, custando-lhe a empresa 30 Soldados que ficaraõ mortos, e mais de 60 que trouxe feridos. Os que perderaõ a vida, de maior estimaçao, foraraõ o Comissario geral Francisco Rebello de Almada, o Capitaõ de Infantaria Joaõ de Seixas Soldado de conhecido valor, o Capitaõ Agostinho Pinto, Joaõ Soares de Carvalho Tenente de Joaõ de Saldanha. Feriraõ David Calé Inglez, que depois foy Mestre de Campo, Gil Vaz Lobo, Ayres de Saldanha quan-

quando sobia a trincheira, cahindo-lhe huma grande pedra na cabeça, o obrigou o golpe a perder o sentido: porém tornando depressa em seu acordo, continuou valerosamente a primeira resolução, mostrando-lhe o coração presago, que he tal a brevidade da vida, que convém lograr depressa o tempo, que acceleradamente nos leva á morte. Francisco Pinto Pereira foy derrubado da trincheira com huma bala. Ficou tambem morto em Valverde Joaõ Mendes de Magalhaens, que havia agenceado a empreza, e guiado as Tropas. Pagou El Rey a seos filhos o mericimento de seu pay, fazendo-lhe largas mercês. Constatou que os Castelhanos, perdéraõ mais de 100 homens, e o despojo do lugar foy muito consideravel. Recolheo-se a Elvas Martim Affonso de Mello com algumas bandeiras, que mandou pendurar na Capella maior da Sé de Elvas, contrapezando este pequeno triunfo, o sentimento de não conseguir entrar o reducto, pela grande desordem dos Soldados. Poucos dias depois deste successo derrotou Aires de Saldanha a Tropa que assistia em Villar d'El Rey, e passando a Elvas, correraõ os Castelhanos Campo Maior com as Tropas de Badajoz; achando-se sem poder para a oposição, não quiz o Sargento mór Luiz Alvares abrir as portas da Praça. Impacientes desta advertencia os Soldados, e moradores se lançáraõ alguns pelas trincheiras fóra, naquelle tempo pouco levantadas: o impulso os apartou dellas, seguindo ao inimigo o espaço que bastou, para que voltando degollasse 30 que justamente padeceraõ o castigo da desordem, tendo a obediencia a alma do formidavel corpo da guerra. Estas primeiras faiscas, que se não produziraõ maior incendio puderaõ ser desprezadas, como foráõ causa na Província de Alemtejo de hum fogo tão vivo, como ao diante mostraraõ os successos da guerra, por serem fundamento de tanta maquina, sobem a grande preço, merecendo por este respeito a atenção dos Leitores:

Em quanto succedeo na Província de Alemtejo no anno de 1641 o que fica referido, não descansaráõ as armas das outras Províncias. Dos successos de cada huma dellas hirey dando noticia; e esta mesma ordem determina-

Anno  
1641.

Derrota Aires  
de Saldanha a  
Tropa de Villar  
d'El Rey.

Degollado os Ca-  
stelhanos em  
Campo Maior,  
30 Soldados.

Dispensação da  
história.

## 254 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Succesos de Entre Douro e Minho, de que he  
Governador das Armas D.  
Gastão Coutinho.*

*Fortifica as  
Praças.*

no seguir em todos os annos que se continuão, por evitá confusaõ. Referirey no principio do anno que escrever todos os successos que acontecerão na Provincia de Alemtejo, continuarey com os do Minho, seguir-se hão os de Traz os Montes, e logo os da Beira, accômodando as materias politicas no lugar onde derem melhor luz à Historia, rematando cada hum dos annos com a noticia da guerra das Conquistas. Segundo pois esta disposição passemos a referir os successos da Provincia de Entre Douro e Minho. Logo que ElRey se acclamou elegeo por Governador das Armas desta Provincia a Dom Gastaõ Coutinho, nomeando-o do seu Concelho de Guerra. Na de África se havia exercitado os primeiros annos; depois vindo para Lisboa se embarcou em algumas Armasadas, e tinha conseguido em todas as occasioens que se offerecerão opinião de muito valeroso. Nos primeiros dias de Janeiro partio de Lisboa, chegou ao Porto, passou logo a Braga, onde se deteve alguns dias, e desta Cidade partio para Viana, Villa a mais Occidental da fronteira de Galiza, e hum dos mais deleitosos lugares de todo o Reino, banhando-a o mar Oceano, e o rio Lima. Os seos moradores ja não ignoravaõ os exercícios militares, nem os assombrava o estrondo da artilharia, ganhando valerosamente aquella Fortaleza aos Castelhanos, como fica referido. Logo que Dom Gastaõ chegou á fronteira a correto toda de Viana até Melgaço: huina das attenções mais precisas, que deve observar hum Governador das Armas, porque sem grande conhecimento da Provincia que governa, he quasi impossível acertar as disposições necessarias nas occasioens que se lhe offerecerem. Nesta jornada fez Dom Gastaõ alistar toda a gente de Entre Douro e Minho: achou muita, e valerosa com poucas armas, e menos disciplina. Elegeo os Officiaes mais praticos, que pôde descobrir, levantou trincheiras a Caminha, Villa Nova de Cerveira, e Valença. Assistindo á Fortificação da ultima o rodeáraõ algumas balas de artilharia de Tuy, Praça de Armas dos Galegos, que divide de Valença o rio Minho com pouca distancia de huma a outra parte. Os moradores de Salvaterra deraõ principio

ao rompimento ; quizeraõ impedir huns barcos , que hiaõ para Monçaõ ; os moradores desta Villa os defenderaõ conduzindo-os a ella , e estimulados deste excesso levantaraõ huma plataforma junto ao rio , e pondo nela tres peças de artilharia , as dispararaõ com prejuizo das casas de Salvaterra , situaçao da outra parte do rio , como em seu lugar diremos. Nestes dias andando em Melgaço rondando as lentinellas junto do rio , o Capitão de Infantaria Franciso de Gouvea Ferraz estimulado de ouvir da outra parte do rio a hum Soldado Galego algumas palavras contra o decoro d'El Rey , se lançou impetuosamente ao rio , e passando-o a nado , se achou da outra parte sem oposição , porque o Galego medroso do seu valor se retirou , antes que elle chegasse , podendo facilmente tomar vingança da sua ousadia . tornou da mesma forte a voltar para Melgaço , e logrou o merecido aplauso da sua resolução. De Janeiro até Julho se passou de huma , e outra parte sem mais empreza , que estes primeiros ameaços de guerra ; em Julho quando se rompeu a guerra em Alemtejo , conhecendo El Rey que manear as armas só para a defensão era multiplicar o perigo , e que a paz que desejava , se havia de conseguir fazendo guerra , ordenou aos Governadores das Armas de todas as Províncias , que entrassem em Castella. Naõ dilatou D. Gastaõ a obediencia , deo logo ordem a Frey Luiz Coelhão da Silva , Cavalleiro da Ordem de S. João , que com a gente de Viana , embarcada em huma galeota , duas lanchas , e alguns barcos , passasse a queimar a Villa da Guarda , situada junto do mar , defronte de Caminha. Mandou a Dom Joaõ de Sousa Capitão mór de Melgaço , que entrasse no mesmo tempo pela Ponte das Varzeas , Antonio Gonçalves de Olivença pelo Porto dos Cavalleiros , por Lindoso Manoel de Sousa de Abreu , e pela Portella de Homem Vasco de Azevedo Coutinho. Todas estas entradas se executaraõ em Lugares muito distantes huns dos outros , e toda esta gente naõ levava mais disposição , que a do seu valor ; porém ignorar os perigos que buscava a fazia mais resoluta , achando a fortuna favoreavel , que costuma pôr-se da parte dos temerarios. Dom Gastaõ

Anno

1641

Resolução valeu-  
roa do Capitão  
Francisco de Gou-  
vea.

Rompe-se a  
guerra.

## 256 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Governa Galiza o Marquez de Val-Paraíso.

Varias entradas de huma, e outra parte.

Gastaõ passou á Insula pouco distante da Guarda, para observar deste sitio o successo dos Vianezes, de que não resultou mais, que voltarem-se com dous barcos de pescadores. Irritou-se muito Dom Gastaõ deste desconcerto, como se as disposições desta empreza não insinuaraõ o successo della. Na Insula mandou Dom Gastaõ levantar hum reducto, parecendo-lhe sitio accommodado, e que necessitava de segurança. Os mais que entraraõ em Castella saquearaõ, e queimaraõ algumas Aldeas, e trouxeraõ despojo, que os obrigou a se animarem a maiores emprezas. Governava o Reino de Galiza o Marquez de Val-Paraíso. As prevenções, e disciplina daquella parte não excediaõ muito ás nossas, só havia a diferença de se haverem nomeado Officiaes, que entendiaõ a guerra, de que resultava terem os Soldados melhor noticia della. Poucos dias depois de retirada a nossa gente, mandou o Marquez de Val-Paraíso 800 Infantes á Freguezia de Christoval, que he na Raia junto ao rio das Varzeas, queimaraõ algumas Aldeas, sem perdoar o insulto ao sacerdote das Igrejas: passaraõ á Freguezia de Paços, que segue a Christoval; acodio D. Joaõ de Sousa, e Francisco de Gouvea, o que havia passado o Minho a nado, e trazendo consigo só 70 homens occuparaõ a passagem do rio, e obligaraõ os Galegos a que se retirassem perdendo 40. Estas entradas, que pareciaõ mais de bandoleiros, que de Soldados, se alternavaõ de huma, e outra parte com pouca vantagem nos successos. Com a noticia da entrada que os Galegos fizeraõ tornou Dom Gastaõ a convocar a gente que havia dividido, e deo ordem ao Sargento mór Simão Pitta, que entrasse em Galiza pela Ponte das Varzeas, e a Manoel de Sousa de Abreu pelo Porto dos Cavalleiros. Simão Pitta tendo noticia que o inimigo engrossava por aquella parte o poder, suspendeu a entrada. Manoel de Sousa passou o Porto com tres mil Infantes, e 40 Cavallos, e sabendo que o inimigo occupava o Lugar do Facho, por onde forçosamente havia de passar, mandou avançar Antonio Gonçalves de Olivença com 400 Infantes a desalojar os Galegos, que se achavaõ com 300, e com 150 Cavallos. Investio-os valerosamente Antonio

tonio Gonçalves, e obrigou-os a se retirarem: porém des-  
corço a esta acção ocupando a gente que levava em  
saquear algumas Aldeas, retirando-se com a preza sem  
se incorporar com Manoel de Sousa, como elle lhe havia  
ordenado. Sem embargo desta desordem marchou Ma-  
noel de Sousa para o Lugar de Monte Redondo, grande,  
rico, e fortificado com duas Companhias pagas, e outras  
da Ordenança, que o Guarneciaõ: chegando ao Lugar  
mandou avançar as trincheiras pelos Capitaens D. Vas-  
co Coutinho, Christóvão Mouzinho, e Luiz de Brito,  
entraraõ as valerosamente, e queimaraõ o Lugar á cu-  
sta das vidas de muitos Galegos. A preza, e o exemplo  
da gente de Antonio Gonçalves inculcou a desordem,  
porque muitos dos Portuguezes, que sabiaõ as veredas,  
se retiraraõ para suas casas com os despojos que colhè-  
raõ. Os Galegos que sahiraõ do Lugar ocupáraõ a aspa-  
reza de hum monte, que era o caminho por onde Ma-  
noel de Sousa forçosamente havia de passar. Vendo elle  
que lhe era necessário vencer esta dificuldade deo or-  
dem a que avançasse toda a gente a desoccupar aquele  
sítio, e naõ sabendo melhor disciplina, que a da compe-  
tencia, disse que aquele que chegasse primeiro logra-  
ria o aplauso daquella occasião. O valor de todos diss-  
mulou este desconcerto: porque avançando intrépidos  
por todas as partes obrigaraõ os Galegos com morte de  
alguns a largarem o posto. Aos que se retiravaõ se uni-  
raõ outros; que dos Lugares vizinhos acodiõ ao rebate;  
e chegando ao numero de mil Infantes, e 200 Cavallos  
se formaraõ em hum valle, mostrando que desejavaõ pe-  
lejar. Facilmente lográraõ o intento se Manoel de Sousa  
se naõ achára com menos duas partes da gente, que ha-  
via levado á empreza. Retirou-se queimando de cami-  
nho algumas Aldeas. Dom Gastaõ naõ estimou tanto o  
bom sucesso, como sentio a desordem dos que se reti-  
raraõ, e castigando os que tiveraõ culpa, e dando pre-  
mios aos que procederaõ com acerto foy pouco a pou-  
co reduzindo a melhor forma a gente daquella Provin-  
cia, e ao mesmo passo que ensinava aprendia. Porém

Tom. I.

R

quel-

Anno  
1641.

268 PORTUGAL RESTAURADO,

aquelle a que succede serem primeiro Generaes, que Soldados, difficilmente sahem grandes mestres na escola militar.

Anno  
1641.

Dois dias depois do succeso referido entrou o inimigo pelo Porto dos Cavalleiros com dois mil Infantes, e trezentos Cavallos, e derrotou os Capitães Antonio de Barros, e Affonso de Castro, que com as suas Companhias pagas guardavaõ aquelle Porto. Vindo se retirando os soccorreos o Capitaõ Mathias Ozorio, a que dava calor o Sargentõ mór Simão Pitta: fizeraõ alto os Galegos com perda de alguns Officiaes, e Soldados; voltaraõ sobre o Conselho de Laboreiro, e o Lugar de Alcoabaça, que destruiraõ, e queimaraõ. A nosla Infantaria se recolheo ao Convento de Fiaens de frades de S.Bernardo, que com esta guarnição ficou livre dos damnos, que os Galegos determinavaõ fazer-lhe; offendidos das muitas intelligencias, que aquelles Religiosos conservavaõ em Galiza, e de naõ entrarem os Castelhanos o Convento, resultou naõ destruir o inimigo muitas Freguezias, defendidas pela conservaõ daquelle sitio. O Marquez de Val-Paraíso considerando com experiençia militar o que mais convinha á defensa de Galiza, e de que podia resultar maior damno a Portugal, elegeo para Praça de Armas o Lugar de Pedrenda, situado entre o Porto dos Cavalleiros, e a Ponte das Varzeas, Lugares por onde a nosla gente mais continuamente costumava entrar em Galiza. Do Porto, e Ponte, que ficavaõ nos dous lados oppostos, até a Pedrenda em distancia de legoa e meia, fez levantar reductos, conforme a capacidade dos sitios, e tão vizinhos, que huns a outros se defendiaõ, animando a todos hum grande Forte, que guarneciaõ seiscentos Infantes. Para dar fim a este trabalho, se alojou o Marquez na Pedrenda com seis mil Infantes, e seiscentos Cavallos, entendendo que, aperfeiçoada esta obra, seria facil a segurança dos Lugares, que governava, e infallivel a ruina dos que pretendia conquistar. D.Gastaõ tendo avizo deste novo intento do inimigo, reconhecendo o perigo de se conseguir, se resolveo a procurar todos os caminhos

Fortificaõ os Galegos, Pedrenda.

de

le o atalhar, e uzando dos meios pouco proporcionados, que naquelle tempo dispensavaõ a confusaõ, e falta de experiençia, animou com a resoluçao a temeridade, ainda que a todos pareco valor imprudente, de querer atacar fortificaçõens bem fabricadas, e melhor guarnecidias, com hum tropel de gente sem forma nem obediencia, com poucas muniçõens, e menos bastimentos, e sem mais instrumentos de expugnaçao, que duas ligeiras peças de artilharia. Mas como Deos quiz sempre manifestar entre os nossos desconcertos a sua misericordia, naõ arguem os que sabem os preceitos da guerra, lendo esta historia, a causa das nossas fortunas; tratem só de lhe dar credito, na fé de que em nenhum seculo, e de nenhuma outra naçao se escreveo até este tempo historia mais verdadeira; porque sem receyo, sem odio, e sem affeçao escrevo em humas partes o que vi, em outras o que observei todos aqueles com que trato, e com quem confiro todas as matérias, que escrevo.

Resoluto D. Gastaõ a atacar o Forte, e os Redutos sem artificio nem dissimulaçao, convocou a gente de toda a Provincia. Constatava a que se havia alistado para ser paga de 4000 homens, porém na disciplina naõ havia diferença algua, porque ainda que algúas Companhias estavão formadas, naõ se tinhaõ dividido em Terços, e todo o Corpo junto naõ era mais que hum tumulto de gente valerosa. A maior parte da Infantaria paga entregou Dom Gastaõ á ordem de Lopo Pereira de Lima, Cavalleiro de Malta, a que assistia seu irmão Diogo de Mello da mesma Religiao, e Capitão mór de Barcellos: alojaraõ ambos em Lamas de Mouro, lugar vizinho ao Porto dos Cavalleiros. Com esta noticia apressou o inimigo o trabalho, e em quatro dias reduziu a obra a defensa. D. Gastaõ com outro Troço alojou na Ponte das Varzeas, e para que o inimigo divertisse o poder, que tinha junto, mandou entrar em Galiza pela Portela de Homem a Valco de Azevedo Coutinho, e por Lindozo a Manoel de Souza de Abreu, ordenando-lhes, que segunda feira nove de Setembro (dia que só destinava para as emprezas, posto que na ley Divi-

Anno

1641.

Resolue-se Dom  
Gastaõ a ata-  
callos.

## 270 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Bate as Fortifi-  
cações.



Ganhaõ se tres  
Reductos.

Entrão Monte-  
Redondo, e se re-  
tirão com def-  
erdem

D. Gastaõ com-  
põe a gente, e  
arruina as For-  
tificações.

na 16 se deve fazer caso da providencia de Deos) entraõ sem em Galiza. No mesmo dia ao amanhecer, havendo o antecedente reconhecido as Fortificações, dividio D. Gastaõ a Infantaria em tres troços, e levantando huma plataforma, fez jogar as duas peças de artilharia, que levava, contra o Reducto da Ponte das Varzeas; e forão de grande efeito, recebendo o inimigo consideravel danno. Os tres troços, que governavaõ Lourenço de Morim Sargento mór de Caminha, e os Capitaens Gaspar Casado Manoel, e Martim Coelho Vieira, com grande valor, e pouca ordem, superando o embaraço de algumas estacadas, avançaraõ tres Reductos, e os entraraõ a hum mesmo tempo, degollando os Soldados, que os guarneciaõ; e ficando aberto o caminho de Monte-Redondo, que os Galegos haviaõ reparado, se retiraraõ os que fugiraõ para este lugar, que ficava vizinho. Depois de arruinados os Reductos, investiraõ com as trincheiras de Monte-Redondo, desamparou-as o inimigo, entraraõ o lugar, saquearaõ a segunda vez; e o mesmo fizeraõ a algumas Aldeas, que ficavaõ pouco distantes. Os Galegos acodiraõ áquelle parte com tres mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, e achando a gente carregada de despojos, avançaraõ com resoluçao, e os Soldados da Ordem nança, naõ querendo pôr em contingencia o que haviaõ roubado, voltaraõ as costas, naõ valendo a Dom Gastaõ as grandes diligencias, que fez pelos deter na Ponte. Os Officiaes, e quinhentos Soldados, que ficaraõ, fizeraõ rosto ao inimigo, e valendo-lhes a aspereza do lirio, se vieraõ retirando pelas veredas mais e breitas, e deixando quinze Soldados mortos, e dez prisioneiros, conseguiraõ valerosamente passar a Ponte sem maior danno. Dom Gastaõ estimulado da desordem, e do má sucesso, unindo a esta gente alguma que havia detido, tanto que amanheceo tornou a passar a Ponte, e acabou de desfazer todos os Reductos, e trincheiras: o que se conseguiu com tanta diligencia, que quando os Galegos, que naõ esperavaõ segunda resoluçao, acodiraõ, ja os Reductos estavaõ desfeitos, e sem receberem dâno se retiraraõ á sua vista os nossos Soldados. Diogo de Mello, e Lopo Pereira, destinados

con-

contrá os reductos do Porto dos Cavalleiros ; juntáraõ cinco mil Infantes , e forão alojar com elles á vista deste Lugar : o dia que chegáraõ tomou o inimigo lingua , acertou de ser hum velho de 70 annos , ao qual perguntando-lhe o para que fora chamado respondeo , que para o ataque daquellas Fortificaçõens. O Mestre de Campo Antonio Solis Cabo daquelle Troço , tornou a remetter o velho aos Maltezes com huma carta , em que dizia , que aquelle homem fora colhido , e que constando da sua consillaõ , que era chamado para huma empreza taõ gálhada , como a de investir aquellas Fortificaçõens , naõ queria que se mal-lograsse por falta de hum Soldado de tanta importancia , e accrecentava a esta zombaria outras palavras exorbitantes. Teve esta carta resposta com maiores opprobrios , e á seguÿda feira executaraõ os Maltezes a ordem de investir o Forte , e reductos , que era o mesmo dia em que Dom Gastaõ tinha logrado o successo referido : dividio-se a Infantaria em dois trócos , de que eraõ Cabos os dois irmãos : ao que governava Lopo Pereira dava calor seu irmão Antonio Pereira de Lima com 80 Cavallos ; marchou este troço pela parte de Alcobaça , e atacou o Forte , e reductos do sitio da Costa. Diogo de Mello escolheo para atacar os reductos , e Forte da serra ; empreza mais duvidosa , por ser o sitio mais aspero , o Forte maior , e os reductos melhor defendidos , e ter o inimigo formado da outra parte da serra tres mil Infantes , e 200 Cavallos para defender o assalto , e fomentar o presidio. Conhecendo Diogo de Mello o risco desta empreza se unio a seos irmãos , e formou hum corpo de mil Infantes , que entregou ao Sargentio mór Simão Pitta com ordem que atacasse os reductos , que primeiro corriaõ por conta de Lopo Pereira : feita esta divisão , com 4000 Infantes , e 80 Cavallos deo volta Diogo de Mello ao Lugar de Chaõ de Castro , e lançando 500 Mosqueteiros por cada hum dos lados da serra , com a mais gente ganhou a eminencia por entre nuvens de balas , e valendo-se do primeiro calor dos Soldados investio hum reducto , que os Galegos sem esperar o assalto desampararaõ ; e favorecidos da mosqueteria dos outros reductos se re-colheraõ

Anno

1641.

Diogo de Mello;  
e Lopo Pereira 3/  
atacaõ outros  
Postos,

Anno  
1641.

Ganhão os re-  
ductos, e o Forte  
principal.

colhéraõ ao Forte que estava no alto da serra. Com pouco mais trabalho ganhou Diogo de Mello os outros reducidos, e seguindo a victoria chegou junto do Forte. A grande Guarnição que estava nelle, entrando-lhe o receio antes de experimentar as feridas, largou o Forte sem ter respeito aos Officiaes, que hora com rogos, hora com estocadas pretendiaõ detella: mas como ordinariamente nos grandes conflitos em que se achaõ animos covardes, o receio excede ao perigo, se deixáraõ os Galegos matar dos seos Capitaens, por naõ chegar ás mãos com os nossos Soldados. Entráraõ elles o Forte, de que resultáraõ muitas mortes daquelles mesmos, que, se se defendéraõ, puderaõ salvar as vidas. Os Maltezes tendo logrado a victoria, e os Galegos que estavaõ formados, desamparando o sitio que occupavaõ, marcháraõ a formar-se em sitio mais distante. Diogo de Mello com muito acerto mandou tocar a recolher, e com toda a diligencia marchou a dar calor a Simão Pitta, e chegou a tempo, que elle atacava o reducto da Costa, o qual todos juntos renderaõ com a mesma felicidade que os outros referidos. Faltava só hum, que parecia pelo sitio, e grandeza o mais difícil; porém acháraõ nelle ainda menor resistencia, porque os Officiaes desamparados dos Soldados se renderaõ, elegendo antes o cativeiro, que a infamia. Entrou nos rendidos o Mestre de Campo Dom Antonio Solis, e com galantaria da fortuna foy acaso o primeiro Portuguez, que chegou a elle, o velho, de que havia feito zombaria. Os Capitaens, e Officiaes que ficáraõ prisioneiros, forão 18, dos Soldados se salváraõ a maior parte, valendo-lhes o mato, e aspereza do sitio. Arrazáraõ-se as fortificaçõens, ficáraõ queimadas algumas Aldeas, e os Galegos castigados. Recolheo-se Diogo de Mello, seos irmãos, e os mais que se acháraõ na empreza com merecida satisfaçao das valerosas acções que haviaõ executado.

Efeito de ou-  
tras entradas.

Vasco de Azevedo Coutinho, e Manoel de Souza de Abreu, que entráraõ (como referimos) na mesma segunda feira, aquelle pela Portela de Homem, este por Lindozo, queimáraõ Vasco de Azevedo a Villa de

Los

Lobios, e outros Lugares: Manoel de Sousa a Villa de Compostella, que os Galegos sem utilidade defenderaõ, fazendo o mesmo a outras Aldeas; e todos se retiraraõ com tantos despojos, que ficou descontado o trabalho da jornada. Com maior oposição, e não menos airoso sucesso entrou no mesmo tempo em Galiza o Abbade de Bouro da Ordem de S. Bernardo, que havia sido Soldado, e excutava-o de escrupulo, e de escandalo serem os Abbades daquelle Convento Capitães mōres daquelle Couto, e sendo natural a defensa, ser para a conseguir a offensa forçosa; juntou mil homens, entrou em Galiza, e sabendo que o inimigo determinava fazer-lhe oposição com igual poder, disse Misla, pelejou, e venceo, matando com as proprias mãos hum Capitão, e dois Soldados; ficando a opinião menos gravada, que a consciencia. Não teve tão boa fortuna o Capitão Martim Teixeira, o qual entrando na mesma occasião em Galiza o obrigaraõ os Galegos a retirar-se, perdendo hum Alferes, e dez Soldados. Ficou entre os prisioneiros hū *Valor de Luiz* moço de 18 annos chamado Luiz da Silva, conheceraõ *da Silva*, por ser de qualidade, e privilegiaraõ o deixando-lhe a espada: soube elle uzar do privilegio, e accreditar o sangue, porque entregando-o a quatro Soldados, para que o depositassem na primeira prizaõ do Lugar mais seguro, sucedeo que destes caminharaõ dois com menos diligencia, e vendo Luiz da Silva os outros, que o levavaõ pouco acautelados tirou huma faca, e metendo-a pelos peitos a hum dos dois, com grande ligeireza, e felicidade fez o mesmo ao segundo, cahiraõ ambos, tirou pela espada, investio com os dois, que haviaõ ficado mais desviados, ferio hum, e fez fugir o outro, e occultando-lhe na espesura do mato, em que era muito pratico, se passou de noite valeroia, e felicemente a Portugal: o Marquez de Val-Paraíso vendo prevalecer a desordem contra a destreza, porque era Soldado velho, e já se compunhaõ as suas Tropas de muitos Officiaes, e Soldados de experienca, intentou, buscando a satisfação, disimular a disgraca, passou, sem achar quem se lhe oppuzesse, a Ponte das Varzeas com dois mil Infantes, e 200 Cavallos, sendo o descuido dos Capitães Martim Teixeira, Francis-

Anno

1641.

*Acção militar  
do Abbade de  
Bouro.*

## 274 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*O Marquez de  
Val-Paraizo rô  
pe hum quartel.*

*Chamá Elrey  
Dom Gastão ás  
Cortes.*

co de Azevedo, e Francisco de Gouvea total occasião do infortunio que padeceraõ; porque investindo o inimigo o alojamento, que occupavaõ, o desampararaõ com perda de vinte Soldados, os mais que fugiraõ se retiráraõ a outro alojamento, onde estavaõ os Capitaens Mathias Ozorio, Rodrigo de Moura, e Dom Joaõ de Sousa, que haviaõ acodido de Melgaço, com os quaes se naõ haviaõ querido incorporar o dia antecedente; desordem que occasionou todo o māo successo, porque juntos com 300 Infantes puderaõ defender ao inimigo a Ponte: o qual depois de ganhar o primeiro alojamento marchou para o segundo; naõ esperaraõ os que estavaõ nelle que os investissem, puzeraõ-se em salvo no alto de huma serra, e desacreditaraõ a opinião de que poderiaõ juntos defender a Ponte; queimáraõ os Galegos os quarteis, e retiraraõ-se sem fazer outro danno. O Inverno fez suspender de huma, e outra parte as hostilidades. Dom Gaſtaõ Coutinho deixando Guarneidas as fronteiras se recolheo a Braga a dispôr algumas fabricas, que julgava convenientes para continuar a guerra na Primavera seguinte: atalhou-lhe este intento huma ordem d'ElRey, pela qual o chamava para assistir nas Cortes, que se celebrarão naquelle tempo em Lisboa; entendeo-se que fora pretexto para lhe tirar o Governo de Entre Douro e Minho, attendendo a algumas queixas dos moradores daquella Província: naõ voltar ao Governo della foy causa de se naõ desvanecer esta murmuracão: he certo que puideraõ fazer toleravel qualquer excesso os bons successos que teve, achando a Província com taõ poucos meios de conservalla; nomeou tres Governadores em sua ausencia, os quaes ElRey confirmou, e governaráõ a Província em quanto naõ chegou a ella o Conde de Castello-Melhor: forao elles Manoel Telles, Diogo de Mello Pereira, Viole Datis Francez de Naçaõ, de conhecido valor, e fidelidade.

*Província de  
Traz os Montes.*

A Província de Traz os Montes com a primeira noticia da Acclamação d'ElRey em Lisboa se separou dos Reinos de Galiza, Castella, e Leão com quem confina, sem ficar Lugar algum de todo este distrito, que naõ tomaffe

temasse as armas, naõ só para se defender, senço para maltratar aos inimigos; e vendo que se dilatava nomear El Rey Governador das Armas aquella Provincia, mandaraõ as Cõmarcas das Cidades, e Villas principaes della pedir a Dom Gaſtaõ, que havia chegado a Entre Douro e Minho, quizesse signalar-lhes pſloa capaz para os Governar em quanto naõ chegasse de Lisboa Governador das Armas, a que obedecessem, fendo o seu principal reſejo Bragança, e Chaves; aquella fronteira da Puebla de Cenabria, esta de Monte Rey, e ambas por estarem ſem defenſa expoftas á invaſão dos Galegos. Naõ lhes dava menos cuidado a Cidade de Miranda, de grande im- portancia pelos muitos Lugares que cobria. Elegeo Dom Gaſtaõ para o Governo de Traz os Montes a Martim Ve- lho da Fonſeca Sargento mór de Viana, que tendo va- lor, e prudencia, era pratico no exercicio da guerra por haver ſervido em Flandes. Chegou elle a Traz os Mon- tes, e tratou com grande acerto da defenſa dos Lugares mais importantes daquella Provincia, levantou-lhes trin- cheiras, nomeou-lhes Capitães, e meteo-lhes Guarnições. Tirou-o desta acertada occupaſão Rodrigo de Figueire- do de Alarcaõ, que a tres de Fevereiro entrou por ordem d'El Rey a governar aquella Provincia. Havia na aclama- ção oſtentado largamente a ſua fidelidade, e todas as ſuas acçoens coſtumava lavrar na conſiança do ſeu valor em varias occaſioens acreditado. Entrou em Chaves, e com toda a diligencia dividio em Companhias a gente, que achou na Provincia capaz de tomar armas: repartio-lhe todas as que pode juntar, e nomeou-lhe Oficiaes guarne- cendo os Lugares mais importantes com a gente menos occupada. Continuou em Chaves, e Bragança o trabalho das trincheiras, e mandou que ſe levantafsem nos Lugares mais arriscados de toda a Raia: paſſou nestes exerci- cios até o mez de Julho, tempo em que rompeo a guer- ra por ordem d'El Rey, como fizeraõ as mais Provincias, pelas cauſas ja referidas. Em quanto durou a ſuſpenſão das armas, ſe reſtituiſeraõ algumas prezas, que ſe fizeraõ de huma, e outra parte. Em Monte Alegre recebeo Ro- drigo de Figueiredo a ordem d'El Rey para romper a guer- ra,

Anno

1641

Governa as Ar-  
mas Rodrigo de  
Figueiredo,

Figueiredo

Rompeo a  
guerra.

## 276 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Sujeitão-se al-  
guns Lugares  
de Galiza.

Ganhão-sedua  
Villas.

ra, e com toda a diligencia dispoz logo a execuçāo: juntou em dois dias dez mil homens, sendo muita a gente daquella Provincia, e naquelle principio faceis de conduzir os animos desejosos de pelejar, appetecendo os Povos a guerra por nova, e ignorada, e por natural affeçāo dos coraçōens Portuguezes; porque quando lhes faltou no Reino, passaraõ a buicalla além da Taprobona por mares naõ conhecidos. Unida a gente, sem uzar de outra disciplina a dividio Rodrigo de Figueiredo em quatro trócos, entregou hum delles a Balthazar Teixeira Capitaõ mór de Monte Alegre, com ordem que entrasse por aquella parte em Galiza: mandou entrar com outro a Simão Pitta da Ortigueira por Monforte: entregou o terceiro a seu irmão Henrique de Figueiredo Governador de Bragança, mandando-lhe que entrassem por aquelle distrito: com o ultimo que constava de 4000 homens marchou Rodrigo de Figueiredo a Monte Rey, aonde ordenou se incorporassem os dous que primeiro havia despedido. Balthazar Teixeira ganhou oito Lugares, achando em dois delles Guarniçāo que rendeo; e offerecendo-se todos os moradores de ficarem á obediencia d'ElRey de Portugal, passando familia, e fazenda a este Reino, se livraraõ da ruina que os ameaçava. Simão Pitta entrou cinco Lugares, que com igual diligencia tiveraõ a mesma fortuna. Henrique de Figueiredo saqueou o Lugar de Calabor, poz-lhe o fogo, e conduziu grande preza a Bragança. Rodrigo de Figueiredo, levando a vanguarda seu irmão Luiz Gomes de Figueiredo, marchou a Monte Rey, ganhando primeiro as Villas de Vimbra, e Tamagueiros, que o inimigo havia Guarnecido; naõ foy grande o dāño, pelo evitar Rodrigo de Figueiredo: chegou elle á vista de Monte Rey, onde se lhe incorporaraõ Balthazar Teixeira, e Simão Pitta, alojou junto da Villa de Verim, cujo defenlavel sitio respeitou a nosla gente: tres dias se deteve no mesmo lugar Rodrigo de Figueiredo: nelle se queimaraõ algumas Aldeas vizinhas, e se perdoou as novidades maduras, parte nas eiras, na fé da promessa dos Paizanos, que offerecerāo dar obediencia a ElRey Dom João, que durou o tempo que a nosla gente

te persistio na campanha. O Marquez de Tarazona recolheu ao Castello de Monte-Rey 200 Infantes pagos, e alguns Paizanos, resoluto a defender aquelle sitio, como mais importante, por ser unica segurança da maior parte do Reino de Galiza. Rodrigo de Figueiredo com esta noticia desejou tentar a fortuna investindo o Castello: porém achando-se com poucas muniçoes, sem instrumento algum de expugnaçao, e acabados os matrimen-  
tos, venceo com a prudencia a resoluçao intempestiva, e satisfeito do que havia conseguido se retirou a Chaves. Ao outro dia depois de haver chegado teve avizo de Bragança, que os Castelhanos haviaõ entrado por aquella parte no termo de Monforte, onde queimaraõ seis Lu-  
gares, naõ perdoando a sacrilegio algum,残酷, e extorçao. Luiz Gomes que havia ficado em Chaves (porque Rodrigo de Figueiredo com a primeira noticia de que o inimigo entrava, passou a Bragança, receando justamente a pouca defensia daquella Cidade) mandou ao Capitao Paulo Teixeira, que juntando a gente que lhe fosse possivel marchasse a buscar o inimigo: naõ foy grande o numero que pôde convocar, mas foy grande a diligencia: tomando lingua soube que o inimigo marchava com 500 Infantes, e 40 Cavallos: achava-se elle com 400 Infantes, resolveu-se a pelejar com tão pouco numero, estimulado da残酷, que os Castelhanos haviaõ usado nas entradas antecedentes. Marchou a Monte-Rey, deo vista do inimigo pouca distancia da Praça, que o esperava formado com as costas em huma Aldea; inferio dos repetidos avisos, que via despedir a Monte-Rey, que os Galegos pediaõ socorro, certo signal do receio, valeo-se da oportunidade, e naõ querendo que chegasse o socorro mandou pôr fogo ao Lugar, que servia ao inimigo de retaguarda, para o obrigar a que mudasse de sitio: naõ logrou o intento entendido dos Galegos, porém superando todas as difficuldades os investio: receberaõ o com algumas cargas, mas com pouco danno; por tirarem de muito longe, e fugirem depressa; naõ receberaõ elles grande prejuizo pela vizinhança de Monte-Rey, aonde se retiraraõ: queimou a nossa gente o Lugar, queimão os nossos outros Lugares, e retirão-se os Galegos,

Anno  
1641.

Anno

1641.

Balthazar Teixeira ganha  
Villa Mayor.

Ataca o Mar-  
quez de Tarrafal  
na Villa Verde.

Soccorre Luiz  
Gomes a Villa  
retirando os  
Galegos.

Desbarata Ro-  
drigo de Figuei-  
redo os Galegos.

Ganha Tama-  
gulos.

gar, onde estava o inimigo: experimentaraõ nove mais a mesma disgraca, padecendo os moradores o mesmo danno, que nas entradas antecedentes os Galegos haviaõ oca-  
cionalado aos nossos Lugares. De huma, e outra parte se repetiaõ as entradas, Balthazar Teixeira com a gente de Monte Alegre queimou seis Lugares; vindo se reti-  
rando, teve avizo que o inimigo havia entrado em Por-  
tugal, pouca distancia daquelle sitio: resoluto a pele-  
jar marchou contra os Galegos; procuraraõ elles reti-  
rar-se, e deraõ se por seguros em Villa Maior de Giron-  
da, que haviaõ fortificado com trincheiras muito capa-  
zes de defensa. Era a Villa grande, e rica, porque con-  
stavaõ os fogos de trezentos, e assistia nella guarniçao de  
Infantaria paga. Venceo Balthazar Teixeira todas estas  
difficuldades, investio a Villa, rendeo-a, e poz-lhe o fogo  
á custa de muitas vidas dos inimigos; retirou-se a Mon-  
forte trazendo alguns feridos, e hum Soldado menor. O  
Marquez de Tarrafal entrou no mesmo tempo no termo  
de Chaves, e marchou para Villa Verde com 2000 In-  
fantes, e 130 Cavallos: teve Luiz Gomes avizo em Ou-  
teiro secco, Lugar aonde havia chegado com o primeiro  
rebate, e achando-se com 2000 homens se resolveo a soc-  
correr Villa Verde: chegou a tempo que os Galegos ata-  
cavaõ o Lugar, e era com valor defendido; entrou den-  
tro sem opposiçao, desmaiaraõ os Galegos vendo este naõ  
imaginado socorro, retiraraõ se, seguirão os Luiz Go-  
mes, e obrigou-os a se recolherem aos seos Lugares com  
grande perda, fazendo elle o mesmo aos nossos com mui-  
ta opinião.

Rodrigo de Figueiredo attendendo a todos os  
interesses da Provincia, se resolveo a desmantelar Vil-  
larelho, poi ficar na Raia exposto sem remedio á inva-  
saõ do inimigo; executou esta determinaçao com 2000  
homens, e porques os Galegos tiveraõ anticipadamente  
noticia della, se resolveraõ a esperalho quando voltasse:  
conseguiraõ em disgraca sua; deraõ vista da nossa gen-  
te, atacaraõ-a com furia, foraõ rebatidos com valor,  
e desbaratados sem resistencia. Rodrigo de Figueiredo  
naõ só seguiu os que fugiaõ, mas proseguinto a vi-  
ctoria

ctoria ganhou Tamaguelos, Lugar em que na primeira entrada havia estado sem lhe fazer danno, e que o inimigo havia fortificado, elegendo-o para alojamento de hum Troço de Cavallaria, e Infantaria, e molestava muito os nossos Lugares: retirou-se Rodrigo de Figueiredo para Chaves, trazendo os Soldados ricos, e vitoriosos. Passados poucos dias entrou o inimigo pela parte da Torre de Ervededo, houve noticia em Chaves, sahio desta Praça Rodrigo de Figueiredo, e Luiz Gomes seu irmão com a gente que puderaõ juntar, mas quando chegaraõ ja o inimigo havia queimado a Torre. Adiantou-se Luiz Gomes, e encontrando no caminho os Paizanos Continuaõ/ce as entradas cõ varios sucessos. que haviaõ escapado marchou com elles a soccorrer Outeiro seco: porém dando vista delle a gente do inimigo, lhe foy necessario para se defender ganhar huma ferra, que achou visinha, a qual occupou com taõ bom sucesso, que os Galegos depois de a avançarem varias vezes, dissuadidos da empreza se retiraraõ: o mesmo fez Luiz Gomes, e Rodrigo de Figueiredo, com quem se incorporou logo. Era huma empreza consequencia de outra: retirado o inimigo entrou Balthazar Teixeira por Monte Alegre, e queimou tres Lugares grandes, e ricos. Logo os Galegos procuraraõ a vingança, entraraõ o dia seguinte, e atacaraõ o Lugar de Mairos, defenderaõ-se os moradores, ouvio-se a mosquetaria em os nossos Lugares, e acodiraõ com diligencia, mas ja a tempo que o Lugar era entrado, e começava a atear-se o fogo, extinguiraõ os nossos Soldados, e seguindo o inimigo, que logo se poz em marcha, alcançando-o dentro dos seus Lugares, lhe mataraõ hum Capitaõ de Cavallos, hum Sargento mór, e quarenta Soldados, em que entrava hum sobrinho do Marquez de Tarrasona. Rodrigo de Figueiredo quando despedio o soccorro a Mairos marchou sobre Monte Rey, para evitar que os Galegos soccorressem a sua gente: alojou em hum monte á vista da Praça, onde chegou tambem Balthazar Teixeira; sahiraõ de Monte Rey alguns Cavallos, travou-se huma escaramuça, que durou até a noite com pouco danno de huma, e outra parte. Ao amanhecer marchou Luiz Gomes, e Balthazar

Anno

1641.

Anno

1641.

280 PORTUGAL RESTAURADO,  
zar Teixeira para a Villa de Uimbra, segui-o Rodrigo de Figueiredo com o resto, era todo o numero tres mil infantes, e 60 Cavallos, e levava duas peças de artilharia; porém disputava se entre huma, e outra Nação, e contendia-se sem forma, sem arte, e sem disciplina. Chegando a Uimbra os que hiaõ avançados acháraõ 200 Cavallos fóra da Villa: era ella grande, com boas trinchéiras, e melhor Guarnição: a Cavallaria sustentou a escuramuça em quanto naõ chegou Rodrigo de Figueiredo, o qual fazendo jogar as duas peças de artilharia, de que receberaõ os Galegos damno, carregando-os juntamente com resolução, os fez retirar a Monte-Rey, desamparando o sitio em que estavaõ. Entraraõ os nossos Soldados sem dificuldade Uimbra, o mesmo fizeraõ no Lugar do Rosal, e ambos foraõ alimento do fogo. Passou Rodrigo de Figueiredo a queimar Moura; Lugar grande, e rico, que fica da outra parte do rio Tamaga meia legua de Monte-Rey. O Marquez de Tarrasona estava formado entre Verim, e Monte-Rey á vista da nosla gente; resolução que pudéra justamente divertir a empreza: porém os successos da guerra compoem-se de tantas variedades, que he útil muitas vezes ignorar os perigos para conseguir as victorias. Passou Luiz Gomes o rio com os sessenta Cavallos ao calor das duas peças de artilharia, seguiu o Balthazar Teixeira, avançou o inimigo algumas Tropas, que forao rebatidas, e desprezando-se as muitas balas de artilharia, que de Monte-Rey se disparavaõ, as quaes ainda que tiradas por elevação cahiraõ sem prejuizo entre os Soldados; passou toda a gente da outra parte do rio á vista dos Galegos: foy o Lugar queimado, e saqueado, e tornou Rodrigo de Figueiredo sem oposição a passar o rio, alojando aquella noite no mesmo lugar, em que havia estado a antecedente. Amanheceo, e dividio a gente em tres Trócos: entregou hum a Luiz Gomes, para que entrando pela parte fronteira a Monforte, fizesse nos Lugares do inimigo o prejuizo que lhe fosse possivel, o que elle executou com grande damno daquelle distrito: outro deo a Balthazar Teixeira, ordenando-lhe que fosse queimar o Lugar de Medeiros, fronteiro

teiro a Monte-Alegre ; e com o terceiro ficou fazendo cara a Monte-Rey , para divertir os soccorros. Naõ era o grosso muito consideravel ; porém a pouca refoltçao dos Galegos disculpava qualquer temeridade. Marchou Balthazar Teixeira a atacar Medeiros levando pouco mais de mil Infantes : era o Lugar grande , cercado de trincheiras , e guarnecido com 700 homens. O costume de vencer alhanou a dificuldade da empreza , investio o Lugar , entrou-o , e rendeo-o , ficando mortos muitos dos defensores , retirando-se a Monte-Alegre , e Rodrigo de Figueiredo a Chaves.

Buscavaõ os Galegos , e Castelhanos , (Reinos com que confina Traz os Montes ) todos os caminhos de satisfazer os repetidos danos , que haviaõ experimendado. Assistaõ nos Lugares de que eraõ Senhores naquelle distrito o Marquez de Alcanices , e o Conde de Alva de Listle ; constou-lhes por noticia de huma espia , que marchavaõ seis peças de artilharia , e algumas muniçoes de Lisboa para Miranda , e que levavaõ taõ pouca gente de Comboy , que feria facil derrotalla , e tomar a artilharia. Persuadidos desta informaõ juntaraõ 2000 homens , e em seis de Outubro marcháraõ ao Lugar de Duas Igrejas , por onde affirmava o espia que o Comboy havia de passar : desvaneceo-se o intento fendo descoberto o trato , e detido o Comboy. Com esta noticia entrou o inimigo o Lugar de Duas Igrejas , e queimou outras Aldeas. Era Pedro de Mello Capitaõ mór de Miranda ; tanto que teve avizo de que o inimigo juntava gente para entrar naquelle Província , pedio socorro a Francisco de Sampaio , que governava os seos , e outros Lugares na Torre de Moncorvo : sem dilaçao lhe mandou 1500 homens , e por Cabo delles Domingos de Andrade Correa. Havia passado de Chaves a Bragança Rodrigo de Figueiredo , onde recebeo avizo de Pedro de Mello de que o inimigo entrava , e ja sabia o intento pela confisão do espia , que prendeo , o qual pagou com a vida a traiçao que havia feito : tanto que Rodrigo de Figueiredo chegou a Bragança , receando o pouco presídio de Miranda , lhe man-

Anno  
1641.

## 282 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

mandou cem Infantes, que forão os primeiros que chegáraõ do Mogadouro, sobre Villa entre outras muitas, que tem naquelle Provincia o Conde de S. Joaõ. Despachou correios a todos os Lugares daquelle parte, ordenando aos Capitaens mōres, que juntando o maior numero de gente, que lhes fosse possivel marchassem para o Lugar de Argufello, Termo da Villa de Outeiro, onde achariaõ a ordem, que haviaõ de seguir. Para este mesmo Lugar mandou a Henrique de Figueiredo com a sua Companhia; e duas da Ordenança, ordenando-lhe que unindo toda a gente que chegasse áquelle sitio, que era o mais proprio para defender todos os Lugares de maior consequencia, que ficavaõ daquelle parte, observando os movimentos do inimigo acodisse aonde julgasse que era mais util a sua assistencia. Logo que Henrique de Figueiredo chegou a Argufello teve noticia que o inimigo marchava para a Villa do Vimioso, avizou seu irmão, e acodio áquelle parte. O mesmo fez Rodrigo de Figueiredo, mandando primeiro, que partisse ordem a Pedro de Mello, para que viesse incorporar-se com elle no Lugar da Espesiosa, que ficava na Raia junto do Vimioso. Chegaraõ todos quasi á mesma hora, e tomando lingua souberaõ, que o Conde de Alva de Listle, e o Marquez de Alcanices se haviaõ retirado a conduzir novos soccorros com tençao de continuar a guerra, e que haviaõ fortificado o Lugar de Brandilhaens, situado na Raia, deixando-lhe seiscientos Infantes pagos de Guarnição, com intento de entrar por aquella parte, facilitando em qualquer empenho a retirada. Considerava-se grande o risco de Miranda, aperfeiçoada esta obra: porque estando com pouca Guarnição, e peior defensa, e não havendo meios para fazer as fortificaçōens capazes, e duraveis os presídios ficavaõ evidentes os discursos de que se encaminhavaõ contra esta Cidade as disposiçōens do inimigo. Nesta consideraçō se resolveo Rodrigo de Figueiredo a destruir o alicerse para arquaar o edificio, e se livrar do cuidado futuro conseguindo

leguindo a resoluçāo presente. Marchou com cinco mil homens a atacar Brandilhaens, e como as disposiçōens gastavaõ pouco tempo, por levar cada Soldado a ordem no seu alvedrio, e a fortuna no seu valor, resolutamente atacaraõ huns as trincheiras do Lugar já levantadas, outros hum Reducto ainda naõ perfeito, e todos rompendo a opposiçāo dos Castelhanos, entraraõ o Lugar, forçāo o Reducto, e degollaraõ parte da Guarniçāo. Foraõ os que primeiro deraõ exemplo aos mais, os Capitaens Henrique de Figueiredo, Gregorio de Escobar, Antonio de Almeida, e Francisco Pacheco. Rodrigo de Figueiredo valerosamente desprezando as balas, animou a todos, e religiosamente respeitou a Igreja, naõ consentindo que se lhe puzesse o fogo, à qual Pedro de Mello havia levado as portas, e defendendo-se os inimigos na Torre os obrigou a se renderem. Ficaraõ prisioneiros seis Capitaens, tres Alferes, quatro Sargentos, e duzentos e oitenta Soldados; custou a empreza quinze Soldados nossos, e retiraraõ-se vinte e cinco feridos, os despojos do Lugar fizeraõ aos Soldados mais suave o trabalho da viçtoria. Recolheo-se Rodrigo de Figueiredo a Bragança, remetteo os prisioneiros a Lisboa, e o rigor do Inverno fez descançar as armas alguns mezes, que gastou ultimamente Rodrigo de Figueiredo dispendo com toda a atençāo a defensa da Província.

Tocou o governo da Província da Beira a Dom Alvaro de Abranches, o qual depois de acclamar ElRey, Dom Alvaro de Abranches go. verna a Beira. e tomar posse do Castello de Lisboa, foy nomeado do Conselho de Guerra. Havia passado á restauraçāo da Bahia por Capitaõ de Infantaria, e tinha-se embarcado em algumas Armadas, que correraõ a Costa: quando ElRey se acclamou estava nomeado por ElRey de Castelle para Governador de Mazagaõ. As poucas occasioens, que teve no governo da Beira, deixou quasi em silencio o pouco tempo, que assistio nesta Província a primeira vez, que foy a ella. Partio de Lisboa os ultimos de Janeiro de 1641, chegou a Coimbra acompanhado de Joaõ de Saldanha de Sousa, o qual havia exercitado os

Anno

1641.

*Ganhaõ e Brãõ  
dilbaens fortifi-  
cado.*

Anno  
1641.

*Corre a Pro-  
vincia, dispoem  
e defensa.*

*O Duque de Al-  
va se prepara.*

284 PORTUGAL RESTAURADO ,  
primeiros annos da sua idade na guerra de Africa em  
Mazagaõ , primeira grammatica dos moços daquelle  
tempo. Levava tambem Dom Alvaro por Tenente de  
Mestre de Campo General a Manoel Lopes Brandaõ , qua-  
tro Sargentos móres , e doze Capitaens de Infantaria to-  
dos de conhecido valor. Passou de Coimbra a Viseu , de-  
sta Cidade aos mais Lugares da Provincia , dando nelles  
ordem ás levas necessarias de Cavallaria , e Infantaria.  
Dispoz a fortificaçao de Pinhel , e mandou alguma gen-  
te para Almeida , a mais importante Praça daquella Pro-  
vincie , por cobrir grande parte dos Lugares abertos , e  
por ficar muito vizinha da Raia do Reino de Leaõ. Era  
Capitaõ mór de Almeida Dom Franciso de Lemos Ra-  
miro , que com muito cuidado se prevenio para a defen-  
der. Correto Dom Alvaro de Abranches toda a Provincia :  
em Almeida se deteve alguns dias a dar principio á for-  
tificaçao , que deixou encommendada a Rodrigo Soares  
Pantoja ; passou a Castello-Rodrigo , tres legoas distan-  
te de Almeida : poucos dias , depois de haver chegado ,  
teve avizo que o inimigo juntava gente , e fez com  
toda a brevidade a mesma diligencia. Governava as Ar-  
mas do partido contrario o Duque de Alva , o qual saben-  
do a prevençao de Dom Alvaro de Abranches , a que elle  
naõ havia dado motivo , porque só havia unido algumas  
Companhias , para retirar os Galegos , e derribar os moi-  
nhos do rio Touroens ; prevenio os Lugares vizinhos da  
Raia : porém naõ pode divertir o receio dos moradores  
de Ciudad Rodrigo , Praça de Armas daquella Provin-  
cia , porque quasi todos a desampararaõ , passando-se a  
Salamanca. Dom Alvaro de Abranches constando-lhe a  
causa , porque o Duque de Alva havia chamado aquel-  
las Companhias , despedio a gente , que tinha junto , sen-  
do todo o seu desejo conservar a suspensaõ de armas.  
Chegou-lhe em Julho ordem d'El Rey para romper a guer-  
ra , como nas outras Provincias se havia executado : po-  
rém elle considerando que era o damno infallivel , e a  
utilidade contingente , naõ alterou o estylo proposto.  
Esta prudencia foy mal discursada , ajudando a condem-  
nalla

nalla os bons successos das outras Províncias ; porque como a temeridade andava valida da fortuna, e as felicidades costumaõ coroar as acções , sem se disputar a razão ou desordem com que se conseguiraõ , culpa-vaõ os pouco acautelados a Dom Alvaro de Abranches o socego , como se na guerra naõ fora o beneficio do tempo o melhor socorro. Na confiança desta sua re-volução se cultivavaõ tem prejuizo as terras de huma , e outra parte, achando-se os Castelhanos com tão pou-co poder , que avaliavaõ por fortuna naõ se romper a guerra. Hum accidente esteve para descompor esta boa correspondencia , mas teve facil remedio , porque caminhavaõ a hum mesmo fim as ideas de ambas as par-tes.

Veio ter o Estio á Villa de Naves frias , tres legoas de Alfaiates , Dom Thomaz de Oria , filho do Duque de Turia , e Reitor da Universidade de Salaman-ca . Sahindo hum dia á caça , encontrou hum Paizano Portuguez , que sem causa levou prisioneiro . Teve avi-zo deite successo Braz Garcia Mascarenhas , Capitão de Alfaiates , deo conta a Dom Alvaro de Abranches , o qual parecendo-lhe precizo mostrar , que naõ nascia de temor a suspensaõ da guerra , ordenou a Braz Garcia , que procuraſe a satisfação deste agravo na pessoa de Dom Thomaz de Oria , declarando-lhe que naõ fizesse danno a outra alguma pessoa . Com esta ordem sahio Braz Garcia huma noite de Alfaiates com cento e trinta Infantes : antes de amanhecer chegou a Naves frias sem ser sentido , e informado da casa de Dom Thomaz a rodeou de Mosqueteiros . Inquietaraõ-se os moradores com sobresalto tão repentina , porém Braz Garcia , dan-dolhes palavra de os naõ molestar , os livrou do receio . Fez logo derribar as portas da casa de Dom Thomaz , entrou dentro , mas naõ conseguiu prendello , porque sentindo o rebate , se lançou por huma janella , e feri-do levemente de huma bala etcapou em hum mato vi-zinho da Villa : ficáraõ prisioneiros quatro criados seus , e Dom Cesar Lencabechia seu primo , com quem se en-ganaraõ os nossos Soldados , presumindo que era Dom

Anno

1641.

*D. Thomaz d.  
Oria prende hu-  
Paizano.*

*Braz Garcia ]  
Mascarenhas  
intenta pren-  
dello,*

Anno

1641.

Manda o Duque de Alva  
restituir huma  
preza.

Retira je D. Alvaro de Abran-  
ches, e governa  
Joaõ de Salda-  
nha,

Thomaz. Foy remettido a Lisboa, e teve industria para fugir da prizaõ. Braz Garcia Mascarenhas fez guardar taõ pontualmente aos Soldados a ordem, que levava, que até perdoáraõ á prata, que havia em cata de Dom Thomaz, e soltando o Paizano prisioneiro, se retiráraõ para Alfaiates. Passados alguns dias levaraõ os Castelhanos huma grande preza da Atdea da Ponte, huma legoa de Alfaiates. Logo que D. Alvaro de Abranches recebeo o avizo, ordenou a Braz Garcia Mascarenhas, que procurasse a recompensa. Era elle activo, e resoluto, juntou gente com grande pressa: porém quando estava para marchar, chegou hum volantim do Governador de Guinaldo com toda a preza, que se havia levado, dizendo, que o Duque de Alva mandava restituilla, e dinheiro para pagar as rezes, que faltassem. Eraõ só cinco, que o volantim pagou; e com o gado, e esta satisfaçao se retirou Braz Garcia Mascarenhas para Alfaiates, e ficaraõ as Províncias no socego antecedente. Em Setembro abrio Dom Alvaro de Abranches com ordem d'ElRey Alfandega em Salvaterra: porém experimentando-se que resultavaõ alguns inconvenientes da comunicaçao dos Castelhanos, se tornou a cerrar. Em Novembro pedio Dom Alvaro licença a ElRey para se passar a Lisboa a se curar de alguns achaques, que padecia: concedeo-lha, e deixou a Província entregue ao Tenente General da Cavallaria Joaõ de Saldanha, o qual a governou tres mezes com grande aceitaçao de toda ella, fazendo trabalhar nas Fortificaçoes, que elle mesmo com grande sciencia desenhava. Armou os Soldados de Cavallo de carabinas, e pistolas, de que careciaõ, fazendo adestrallos com exercicios continuos: conseguia varias, e uteis intelligencias em Castella; e querendo os Castelhanos interpretar Frexo de Espada á cinta, teve tão anticipado avizo, que prevenio Francisco de Sampaio, por cuja conta corria este Lugar, o qual dobrando-lhe a Guarnição, fez desvanecer este intento. O tempo, que durou a Joaõ de Saldanha o governo, foy tão aspero por ser no rigor do Inverno, que não teve occasião de intentar empreza alguma. No

fim

**PARTE I. LIVRO IV.** 287

fim de Dezembro soube que o Duque de Alva fazia algumas prevençoes, segurou todos os Lugares arriscados, e ficou a Provincia socegada até Março do anno seguinte, tempo em que chegou a governalia Fernão Telles de Menezes, como em seu lugar referiremos.

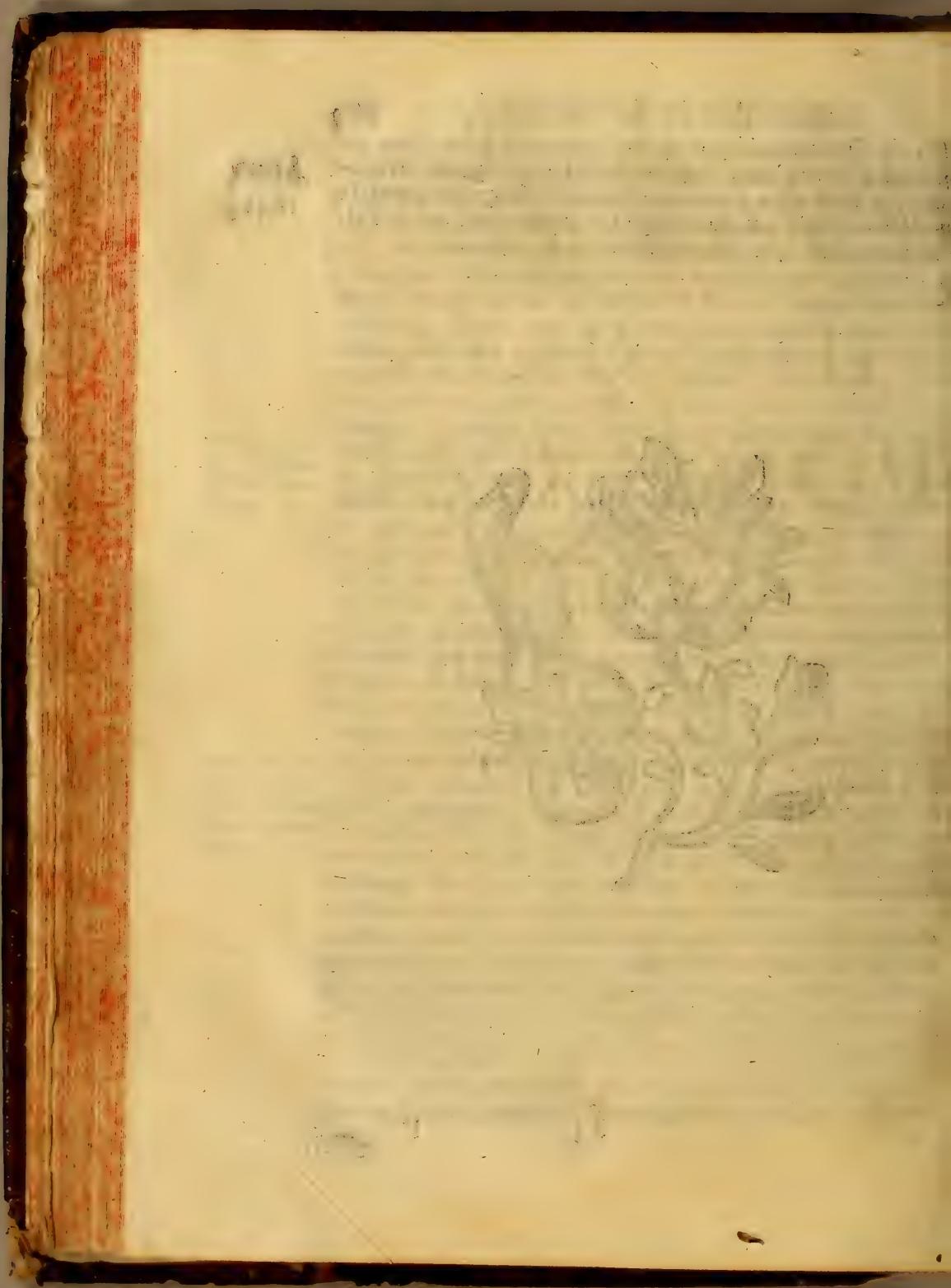
Anno

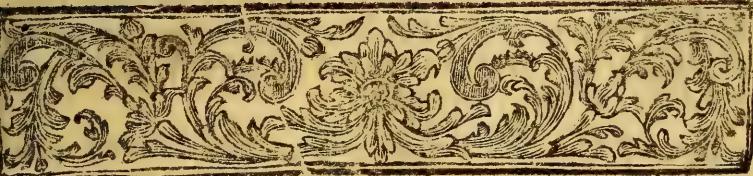
1641.



83

HISTO:



Anno  
1641.


# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO V.

## SUMMARIO.

**F**LEGE El Rey Ministros para decidir os negócios de maior importância. Concede licença á Duqueza de Mantua para voltar a Castella. Conspiração contra El Rey: descobre-se: prendem-se os cúmplices, e confessado o delito saõ castigados os de maiores culpas. Chega a Lisboa a Armada de França. Une-se com a Armada d'El Rey: navegaõ antes de chegar a de Hollanda, e todas se separaõ com pouco efeito. Tomaõ os Hollandezes Ángola, S. Thomé, e Maranhaõ. Dispõem-se os moradores a restaurar esta perda. Na India se perde Malaca, e socorre-se Ceilão. Chega a Lisboa a nova dos mäos successos das

S 4

Con:

Anno  
1641.

## 290 PORTUGAL RESTAURADO,

*Conquistas, e deixa ElRey navegar livre para Hol-  
landa a Armada dos Estados, que estava surta no  
porto de Lisboa. Sabe Tristão de Mendonça com ella:  
perde-se em huma tormenta.*

**N**o labirintho de Ideas: muito diferentes das quellas, que placidamente tantos annos cultívata, pailava ElRey Dom Joaõ de hum cuidado a outro cuidado no principio do seu Governo: e ainda que a felicidade com que havia tomado posse do seu Reino, era para o coraçao efficaz epitome, como o combatiaõ tantas Ideas, se naõ desfalecia, naõ farava. Havia roto a guerra com poucos Capitaens experimentados, e menos Soldados veteranos; o Reino quasi exhausto de dinheiro, muniçoens, e armas, contra hum Rey taõ poderoso, que abundava de tudo o de que elle carecia. Era-lhe necessario naõ se fiar de todos, nem mostrar que desconfiava de alguns de seos Vassallos; attenção de que muitas vezes lhe resultava seguir o parecer dos indiscretos por confidentes, outras dos mal affectos por entendidos, e como interiormente por huma, e outra causa desconfiava ou destes ou daquelles, e as experiencias eraõ taõ poucas, confundiaõ-se as resoluçoens, e desencaminhavaõ-se muitos negocios: porém na consideraõ dos dilatados annos em que outros exercicios fizeraõ habito na natureza d'ElRey, assistindo em Villa Viçosa a todos os acertos politico, que manaraõ de seu Governo, saõ dignos de louvor, e nenhum erro mereçer ser condemnedado, porque abraçou muito generosa empreza, e grangearaõ todas as suas acções immortal memoria. As materias mais importantes da Monarquia consultava com a Rainha Dona Luiza, porque reconhecia no seu discurso soberana intelligencia, e era o seu peito o centro do segredo: virtudes que tendo por base hum espirito varonil, que transluzia pelo veo de hum Regio semblante muito decorosamente agradavel a collo. caraõ viva na estimaçao de todo o mundo, morta entre as luzes da melhor esfera; porque combatida das calumnias, e apurada nos infortunios soube reinar para venc-

cer, e vencer para reinar, como a seu tempo largamente referirá a segunda parte desta historiia. Francisco de Luce-  
na Secretario de Estado era dos Ministros de que El Rey  
fazia merecida estimaçao: porque além de muitas noti-  
cias, e de grandes experiencias, lograva entendimento  
sagaz, e sagacidade que foy mais util para as matérias da-  
quelle tempo, que proveitosa para a sua conservaçao. De Antonio Paes Viegas, antigo, e fidelissimo Secreta-  
tario da Casa de Bragança, flava El Rey os maiores nego-  
cios; e porque era impedido da gota, o mandava levar  
ao Paço em huma cadeira. Com entendimento, e zelo  
acontehava a El Rey, e lhe inculcava para os Postos os  
sojeitos de maior capacidade. Estes eraõ os que familiar-  
mente tratavaõ com El Rey. Entre os mais preferia com  
grande acerto o Arcebispo de Lisboa, e o Capellaõ mór  
Dom Alvaro da Costa: este sobrava a destreza, naquelle  
a sinceridade. Tambem favorecia El Rey ao Visconde  
Dom Lourenço de Lima, a Dom Manoel da Cunha Bis-  
po de Elvas, e a Joaõ Rodrigues de Sá Conde de Pen-  
guiaõ seu Camereiro mor. Outros se forao introduzindo,  
de que se dará noticia em seu lugar. A mudarça do gover-  
no havia gerado no corpo da Republica differentes humo-  
res, os quaes combatendo a natureza dos negocios, ho-  
ra os bons a fortaleciaõ, hora os máos a debilitavaõ, di-  
vertio El Rey estes lastrosamente com a descarga do san-  
gue, coroborou aquelles com a igualdade do alimento:  
nas forao tão custosos os meios de chegar ao fim da saude  
pertendida, que merece a narraçao delles observaçao par-  
ticular.

Retirada no dia da acclamaçao d'El Rey para os  
Paços de Xabregas a Princeza Dona Margarida de Austria  
Duqueza de Mantua, que governava estes Reinos, a  
paslaraõ para o Convento de Santos, como fica referido,  
entendendo-se que ficava naq[ue] elle sitio com menos sus-  
peitas de fermentar os anin os duvidosos, e segurar os que  
seguiaõ a facçaõ de Castella; porque estando alojados no  
mesmo Paço o Marquez de la Puebla, e o Corde Baine-  
to Cavalhario maior da Duqueza cresciaõ as presun-  
ções de se communicarem com muitas pessoas em grande  
pre-

Anno

1641.

*Ministros de q  
El Rey fazia  
mais confiança.*

Anno

1641.

Discursos acer-  
ca da Duqueza  
de Mantua.Concede El Rey  
licença d Du-  
queza.

prejuizo do novo governo; porém com toda esta cautela  
nao cessaraõ as persuaſoens, de que a assistencia da Du-  
queza era perigosa confiança dos sequazes de Castella. Dis-  
curſavaõ alguns Ministros, que a Duqueza naõ servia em  
Portugal mais que de inquietar os animos, e fomentar  
ſediçōens, e que se fazia com o seu ſustento conſideravel  
diſpeza: por cujos respeitos convinha buscar meio, pa-  
ra que ella fosse quem pedisse licença para paſſar a Caſ-  
tella, inſinuandoſe-lhe, que fe lhe naõ havia de negar,  
e que com a ſua liberdade fe conſeguiria ſoltarem em  
Castella alguns Portuguezes, que eltaõ prezoz com  
grande moleſtia. Davaõ por author detta prátiſa a Fran-  
cisco de Lucena, dizendo-lhe, que por este respeito que-  
ria grangear a liberdade de ſeu filho prezoz com aperto em  
Madrid; e naõ eraõ os que faziaõ este diſcurso maõs pa-  
ra teſtimunhas da ſua deſeza, quando depois o pren-  
deſraõ: porque eſtando elle ganhado por Castella; naõ ne-  
cessitava de indúſtria para a liberdade de ſeu filho. Os que  
encontravaõ a opinião de fe mandar a Duqueza para Ca-  
tella diziaõ, que perdiāmos o maior penhor da libe-  
rdaſe do Infante Dom Duarte; porque El Rey de Castella,  
quando naõ foile mais que por reputaçō, como conſtava  
de variadas cartas do Infante escritas a El Rey, lhe con-  
vinha procurar ver livre da prizaõ, que padecia por teu  
reſpeito, a Duqueza de Mantua, peſloa em quem co-  
corriaõ todas as prerogativas de grandeza; e que eſtando  
ella dentro do Convento de Santos, facilmente fe lhe po-  
deria evitar a communicaçō de Caſtelhanos, e Portu-  
guezes; e quanto ao diſpendio; naõ era razaõ, que lem-  
braſſe, eſtando de permeio conſideraçōens de tantas con-  
ſequencias. Esta variedade de opinioens fazia duvidar a  
El Rey da resoluçō, que havia de tomar nesta materia: po-  
rém ſucceſſendo, ſem fer neceſſario outra diligencia,  
mandar a Duqueza pedir a El Rey com grande instância li-  
cença para paſſar a Madrid, e achando a Rainha por me-  
dianeira da ſua liberdade, ou por compaixão, ou por po-  
lítica, veio El Rey a tomar a resoluçō menos convenien-  
te, que foy a de lhe conceder a licença, que pedia, e  
juntamente de poder mandar a Madrid Dom Pedro da Mo-

ta Sarmento, seu Mordomo, que levou cartas abertas da Duqueza para El Rey Catholico, e para o Conde de Olivares, que continhaõ noticia da liberdade, que se lhe permittia. Porém antes que voltasse resposta destas cartas, se descobriraõ as conspiraõens contra El Rey, de que logo daremos noticia; successo, que esforçou a opiniaõ de mandar a Duqueza para Castella, avaliando-a por authora de todas as revoluõens. Assentada esta determinaçao, mandou El Rey dizer á Duqueza, que se prevenisse para passar a Madrid: replicou ella, dizendo, que partiria quando lhe chegasse resposta da carta, que havia escrito a El Rey Catholico. A repugnancia a fez mais suspeitosa com os que fomentavaõ a sua jornada, dos quaes persuadido El Rey, lhe ordenou, que sem replica se prevenisse para *parte a Duqueza* *za.* partir. Obedeceo a Duqueza, e partio com a sua familia acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime de Lisboa, e do Juiz do Crime, Simao de Oliveira da Costa. Chegou a Elvas, e achou duas legoas da Cidade, que a aguardava Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, com a Cavallaria, Officiaes, e pessoas particulares, que se achavaõ naquella Praça. Naõ lhes fez a diferença do tempo mudar de estylo, tratando a Duqueza com o mesmo respeito, e ceremonia, que lhe rendiaõ quando governava. Instou ella, pedindo que se cobrissem quando lhe falavaõ, naõ conseguio mudança com o seu rogo, muito á satisfaçao do seu levantado espirito, que se naõ havia abatido com os infortunios. Apeou-se no Convento dos Religiosos de São Paulo fóra dos muros de Elvas, onde lhe preveniraõ aposento, naõ se fiando de hóspedes taõ suspeitosos: porém a ostentaçao, e os regalos dissimuláraõ a desconfiança. No dia seguinte chegou a Elvas o Ouvidor de Villa Viçosa com ordem d'El Rey para examinar o fato da Duqueza. Executou-se contra o parecer de Martim Affonso de Mello, e achando-se que levava muito pouco cabedal, principal causa (como se entendeo) daquelle diligencia, ficou esta acção mais desaforosa. Quiz a Duqueza reservar huns papeis, que disse serem cartas do Pontifice, d'El Rey Catholico, e de seu marido; instou o Ouvidor indiscрetamente que era

Anno  
1641.

Anno  
1641.

294 PORTUGAL RESTAURADO;

era preciso examinallas, tomou ella rompellas por expediente, e entregou-as a hum criado seu, dizendo, que as queimasse. Offendeo a todos, os que assistiaõ o excesso do Ovidor, e ElRey sabendo-o se deo por mal servido, e peior aconselhado em o mandar aquella diligencia. Despedio a Duqueza hum criado a Badajoz a negociar com o Conde de Monte-Rey as bagagens necessarias para o seu fato: ajustou-se que na ponte de Caia se mudasse das em que hia de Portugal para as de Castella. Partio a Duqueza, e querendo os dous Ministros de justiça que a acompanhavaõ, que o seu fato pagasse direitos na Alfandega, o naõ consentio Martim Affonso de Mello, e te obrigou elle, e Dom Joao da Costa á satisfaçao do dinheiro que importasse: porém ElRey ordenou que se naõ falasse nesta materia. A Duqueza partio para Badajoz acompanhada de Martim Affonso de Mello, e de todos os mais que se acháraõ naquelle parte, celando por aquelle dia as hostilidades da Campanha. Despedio-se a Duqueza mais obrigada da cortezia dos Soldados, que do trato dos Cortezões, naõ deixando em Portugal queixosos do seu governo; porque com grande entendimento, e generosida: de havia encontrado as desordens, e insultos dos Ministros de Castella.

Noticia dos que  
conspirarão co-  
tra ElRey.

Apresou a jornada da Duqueza de Mantua, (como ja dissemos) descobrir ElRey a conspiraçao dos que intentavaõ tirar lhe a vida, e ao Reino a liberdade. Naõ era de todo averiguada esta materia, quando ElRey se resolveo a mandalla, e com as primeiras luzes della entendeo ElRey, que a assistencia da Duqueza servia de incentivo ao desordenado intento dos conspirados. Foy D. Sebastião de Matos de Noronha Arcebispo de Braga o primeiro que fabricou esta infeliz resoluçao, querendo pagar a ElRey Catholico os beneficios que havia recebido da quella Coroa, e comprar com perpetuo discredito o louvor apparente de agradecido. Era composto de entendimento sagaz, e de ani no intrepid, e sabia com a liberalidade facilitar as suas opiniões. Quando ElRey se acclamou exercitava a occupaçao de Presidente do Paço, como acima referimos. Receosos os que acclamáraõ ElRey do seu espi-

espirito; e da inclinaçao, que mostrava os interesses de Castella, intentaraõ matallo; de que se cisuadiraõ o dia antecedente ao da acclamaçao, parecendo-lhe melhor acordo cbrigallo com beneficios; politica, cujo succeso depende dos animos em que se emprega. Elegeraõ o Arcebispo por hum dos Governadores do Reino em quanto ElRey se dilatava, como tambem fica apontado: quando ElRey chegou lhe fez tantos favores, que, a ser menos obstinado o seu animo, bastaraõ para grangeallo, havendo tambem sido as intercessioens d'ElRey poucos tempos antes em Madrid causa das suas melhoras, quando de Bispo de Elvas passou a Arcebispo de Braga. Esquecido pois das obrigaçoes passadas, e dos beneficios presentes, ou por affeição á Coroa de Castella, ou por duvidar da conservação de Portugal, se resolvoe o Arcebispo a ser Dom Oppas Lusitano, naõ se lembrando do Bispo de Lisboa Dom Martinho, que em tempo d'ElRey Dom Joaõ primeiro foy sem culpa na sua propria Igreja emprego laſtimoto da ira das suas meſmas ovelhas, que podem cegamente fazer-se vorazes com os desconcertos de hum máo Pastor. O primeiro carinho, que o Arcebispo buscou para a disposição do seu desordenado intento, foy introduzir ras pessoas, que lhe pareciaõ dispostas ou por queixa do novo governo, ou por dependencias de Castella, a penca segurança da nova Monarquia, dizendo: que contendia sem forças contra o poder d'ElRey Catholico, formidavel a todo o mundo; que os Exercitos, e Armadas dos Castelhanos haviaõ de encher os campos, e povoar os mares; que a defensa de Portugal por todos os caminhos se mostrava impossivel, porque as ordens d'ElRey, e de seos Ministros todas eraõ confusas, e a execuçao dellas como as ordens; que as fronteiras estavaõ abertas, nos Cabos das Provincias naõ havia mais que o nome, e nos Soldados só a apparencia: de que era facil tirar por conclusão, que brevemente seriaõ lastimoso espectaculo as cabeças dos que barbaramente seguirão a incerteza do novo governo.

A primeira pessoa a que persuadio esta cavilosa prática foy ao Marquez de Villa Real Dom Luiz de M-

Arno

1641.

*He author o Arcebispo Primaz.*

*Junta-se lhe o Marquez de Villa Real.*

## 296 PORTUGAL RESTAURADO,

Amo  
1641.

*Persuade o Ar-  
cebispo o Conde  
de Armamar, e  
ouiros.*

Menezes, a quem eu mudara o nome, se naõ faltara a verdade da historia. Estava em Leiria quando ElRey foy acclamado, e naõ se lhe havia fiado anticipadamente esta noticia, porque o seu talento naõ havia grangeado tanto credito, como merecia o seu esclarecido sangue. Era o Marquez facil de persuadir, e difficil em discursar; penetrhou-o a doutrina artificiosa do Arcebisco, entregouse-lhe, e deixou-lhe na disposicao o seu alvedrio. Communicou a seu filho Dom Miguel de Noronha Duque de Caminha a sua deliberaçao, o qual com mais valor, e naõ melhor fortuna contradisse a seu pay o cego intento, a que se arrojava, lembrando-lhe o juramento a que estavao obrigados, e quanto melhor seria perder a vida defendendo a liberdade da Patria, que conservar a Casa no infelice cativeiro de Castella. Persuadio tambem o Arcebisco a seu sobrinho Ruy de Matos de Noronha, primeiro Conde de Armamar, sendo faceis de enganar as suas poucas experiencias, e comunicou o desordenado intento, que havia abraçado, com outras pessoas da primeira, e segunda qualidade, cujos nomes referiremos quando dermos conta das prizoens de todos os culpados. Desejava o Arcebisco dar noticia a ElRey Catholico da tea que hia ordindo, custando-lhe grande cuidado naõ ter resposta de huma carta, que lhe havia escrito por D. Joao Soares, de cuja resoluçao teve noticia quando se passou para Castella, na qual se disculpava de aceitar o Governo, e cooperar nas diligencias de se reduzirem os Lugares do Reino, firmando as cartas escritas a este fim. Por se livrar do embaraço que padecia se resolveo a mandar a Castella hum homem, chamado Manoel Valente, Escrivaõ da Tabola de Setubal; e naõ podendo ajustar com Manoel Valente esta jornada taõ brevemente como pretendia, determinou mandar Diogo de Brito Nabo; porém antes que o conseguisse se descobrio a conjuraçao. Humha das pessoas de que o Arcebisco uzava para o fim que pretendia, era Melchior Correa da Franca, ao qual havia negociado Diogo Soares a mercè do Habito de Christo, e a Patente de Mestre de Campo de hum Terço, que havia de levantar em Portugal, pago com o dinheiro que resultasse

sultasse da venda dos Habitos das Tres Ordens, e foros de Pidalgos, para que tan bem tinha trazido ordens de Castella. Vendo com a acclamaçāo d'El Rey desvanecida a commissāo, e divertido o posto, determinou passar a Castella em companhia de Diogo de Brito Nabo, tambem dependente daquelle Governo. Por algumas circumstancias que naõ puderaõ dissimular se descobrio este intento dos dois referidos: mandou El Rey prendellos, e, naõ havendo bastante prova do seu delicto, forao logo soltos. Esta piedade que puderaõ servir-lhes de arrependimento lhes accrecentou a confiança, e se offerecerāo ao Arcebisco (o qual lhes comunicou o seu intento) a accrecentar o numero dos conjurados. O primeiro em que teve effeito a sua diligencia soy Pedro de Baeça Thesoureiro da Alfandega, e homem de negocio; persuadio-o Melchior Correa affirmando-lhe contra a verdade, que passavaõ de mil os que entravaõ na conjuraçāo. Fallou Pedro de Baeça por intervençāo de Melchior Correa com o Marquez de Villa-Real; remetteo-o o Marquez ao Arcebisco, que assitia em huma quinta fóra de Lisboa junto a Nossa Senhora da Luz, recebeo-o elle com muitos louvores, e grandes promessas, e depois de varias conferencias affirmou Pedro de Baeça ao Arcebisco, que, unidos os seos cabedaes aos de Diogo Rodrigo de Lisboa, e Simão de Soula tambem contratadores, governados pela sua direcçāo, entregaria á sua ordem hum milhaõ, e trezentos mil cruzados; porém a promessa era com pouco fundamento, por naõ serem taõ gr̄cios os cabedaes dos tres, nem os animos dos dois taõ seguros. Encaminhadas estas disposiçōens pelo Arcebisco, e desejoso de augmentar outras para adiantar a execuçāo, achou com maior presa o castigo da sua temeridade, porque Pedro de Baeça tanto que se apartou do Arcebisco soy buscar Luiz Pereira de Barros Contador da Fazenda, o qual havia sido obrigado a Miguel de Vasconcellos: e arguido de que escrevia a Castella, o tinha El Rey mandado prender, e soltar juntamente em breves dias, por justificar a sua inocencia. Julgando Pedro de Baeça por bastantes estas causas para o fazer parcial da conjuraçāo, se declarou

com

Anno

1641.

## 298 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

com elle, facilitando-lhe a certeza de matar a El Rey, e de restituir o Reino a Castella com os soccorros, que El Rey Catholico havia de mandar sem falta por terra, e por mar, e tegurou-lhe que eraõ oitenta os Fidalgos conjurados, e mais de quinhentas as pessoas de outras qualidades, persuadindo-o a ter parte em taõ grande empreza, com interesses, que haviaõ de resultar della aos que a conseguissem. Dividiraõ-se os dous, moltrando Luiz Pereira que ficava persuadido: porém, passados oito dias, se resolveo a dar conta a El Rey da conjuraçao, e querendo especular primeiro todos os fundamentos desta maquina, foy buscar Pedro de Baeça, e lhe disse, que elle havia considerado o que lhe ouvira referir, e que achava a empreza taõ grande, que se naõ resolvia a entrar nella sem saber os nomes dos conjurados, e como determinavaõ dispor o que emprendiaõ. Respondeo-lhe, que os conjurados eraõ o Marquez de Villa Real, seu filho o Duque de Caminha, o Inquisidor Geral, o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, e outras muitas pessoas; que a ordem, e o modo da execuçao se esperava de Madrid, donde sabia que se havia promettido hum grande Exercito, com que o Conde de Monte Rey havia de entrar por Alemtejo, e huma Armada, que no dia da execuçao se havia de achar na barra de Lisboa, e que se elle quizesse fallar com o Arcebispo de Braga, que elle o acompanharia, e que fendo-lhe necessario dinheiro para persuadir algumas pessoas mandaria contar todo o que lhe pedisse.

Havendo Luiz Pereira colhido as noticias, que desejava, se despedio de Pedro de Baeça, e sem interpor dilaçao, se foy ao Paço: fallou a El Rey, e deo-lhe conta assim da primeira como da segunda conferencia, que havia tido com Pedro de Baeça, e de todas as circumstanças acima declaradas. Ordenou-lhe El Rey, que fosse a casa de Antonio Paes Viegas, e que lhe referisse por escrito tudo quanto lhe havia repetido. Assim o execucou Luiz Pereira, e remunerou El Rey a sua fidelidade com huma grande Cõmenda. Foy esta primeira noticia, que El Rey teve da conjuraçao, e com ella acrecentou a vigilancia,

*Luis Pereira de  
Barros desco-  
bre a El Rey a  
conjuraçao.*

tra-

ratando de examinar mais juridicos fundamentos. Dentro de breves dias conseguiu este intento na confisão de Manoel da Silva Malcarenhas natural do Torraõ, e assístente em Lisboa, o qual achando-se huma taide em nosla Senhora da Luz, o veio buscar Manoel de Vasconcellos, com quem havia de poucos tempos antes travado amizade, e discorrendo ambos do estado do Reino lhe disse Manoel de Vasconcellos, que era infallivel verem Portugal em poucos mezes conquistado do poder forçamidavel de Castella; porque elle reconhecia a debilidade da nosla defensão com mais circumstancias que outra alguma pessoa, por haver chegado de Elvas de assistir ao Conde do Vimioso, e servir-lhe de Secretario; e que por esta, e outras causas muito relevantes naõ faltavao muitas pessolas de grande qualidade, e entendimento, que estavao resolutas a atalhar o castigo que a todos ameaçava, executando as maiores finezas pelo servico d'El Rey Catholico, e ultimamente lhe declarou tudo quanto os conjurados haviaõ conferido. Naõ quiz Manoel da Silva, com maior amigo, e melhor acordo, uzar de dissimulação alguma: extranhou a Manoel de Vasconcellos com grande efficacia a proposição que lhe havia feito, e animando-o á confiança da defensão do Reino, lhe disse, que se resolvesse a hirem logo dar conta a El Rey do perigo a que estava exposto. Sobresaltado, e temeroso se exculpava Manoel de Vasconcellos: porém obrigado do receio deo permissão a Manoel da Silva, para que logo fosse avisar a El Rey da parte de ambos. Naõ tardou Manoel da Silva na diligencia, porém naõ podendo falar a El Rey com a pressa que desejava, impaciente da dilação foy buscar o Conde do Vimioso a sua casa, o qual havia chegado naquelle tempo de Alemtejo desobrigado do Posto, e deo-lhe conta de quanto havia passado com Manoel de Vasconcellos. Louvou-lhe muito o Conde a fineza, e o zelo, e avaliando por grande fortuna offerecer-se-lhe occasião de mostrar a El Rey a sua constancia, e fidelidade, quando padecia os maiores aggravos, foy ao Paço, e communicou a El Rey toda esta materia. Ordenou-lhe El Rey que aquella mesma noite levasse consigo

Anno

1641.

Fidelidade de  
Manoel da Sil-  
va.

Dá conta o Cō-  
de do Vimioso  
a El Rey.

Anno  
1641.

*Manda El Rey  
ao Conde que  
fale ao Arce-  
bispo.*

*Descobre-lhe a  
conjuração.*

*Dificuldades q  
El Rey conside-  
ra neste nego-  
cio.*

300 **PORTUGAL RESTAURADO**,  
go a fallar-lhe a Manoel da Silva, e a Manoel de Vasconcellos. Naõ dilatou muito esta ordem, e foy de qualida-  
de a disgraça do Arcebispo, e dos mais conjurados, que  
nem souberaõ que Manoel da Silva descobrirá o seu in-  
tent, nem Manoel de Vasconcellos, estando ganhado  
da negociaçao do Arcebispo, lhe comunicou o máo suc-  
cesso que tivera com Manoel da Silva a sua diligencia:  
porque com huma, ou outra noticia podera desvanecer  
facilmente os indicios que calumniavaõ a sua fidelidade.  
E taõ claramente permittio Deos, que este sucesso fosse  
encoberto ao Arcebispo, que cego do seu delicto, visi-  
tando-o o Conde do Vimioso, se deliberou a tentar o seu  
fidelissimo animo, presumindo que o Conde queixoso  
do aggravo de lhe haver El Rey tirado sem causa o go-  
verno das Armas de Alemtejo, se arrojaria a entrar no  
numero dos conjurados. Resoluto neste delirio fez ao  
Conde huma larga oraçaõ, e ostentou nella todas as ideas  
acima declaradas. Repetio os nomes dos conjurados, e  
accrecentou outros que o naõ veraõ; cavillaçao, que em  
grande prejuizo de sua consciencia fez prender muitas  
pessoas sem culpa. O Conde respeitando a Dignidade, e  
os annos do Arcebispo, e o damno que resultaria a taõ  
grave negocio de qualquer demonstraçao que fizesse, re-  
primio a justa colera que lhe causou taõ abominavel pra-  
tica, e com palavras geraes separou a conversaçao, e foy  
logo dar conta a El Rey de tudo o que havia passado com  
o Arcebispo; e conferida a resoluçao que havia de tomar  
em negocio taõ arduo, e de taõ relevantes consequen-  
cias, achavaõ-se por todas as partes grandes dificuldades  
que vencer, por serem as pessoas nomeadas na conjura-  
çao taõ aparentadas, e de tanta qualidade, que quasi to-  
dos os que forçosamente haviaõ de cooperar nas prizoens  
podiaõ ser contados como partes dos que se haviaõ de pren-  
der, e onde as raizes eraõ taõ poucas, podia-se recear a  
menor tempestade. O coração d'El Rey ornava-se de gran-  
de valor, porém deixava-se persuadir dos discursos bem  
fundados, e assim ainda que desejava livrarse do cuida-  
do com a execuçao, vencia-o a prudencia, reconhecen-  
do as dificuldades da empreza. Hum dos reparos que mais  
o em-

PARTE I. LIVRO V. 301

o embaraçavaõ era ser-lhe forçolo mostrar ao mundo, que havia Vasallos no seu Reino taõ cegamente precipitados, que se resolviaõ a trocar a gloria de se defenderem dos Castelhanos pela tyrannia do seu governo. Continuando em ElRey a perplexidade, denunciáraõ de Pedro de Baeça huns criados seos, dizendo, que elle maquinava contra a conservaçao do Reino com Melchior Correa da Franca, e Diogo de Brito Nabo. Tomado judicialmente este depoimento, e concordando com a confissao de Luiz Pereira de Barros, se resolveo ElRey a mandar prender os tres denunciados, esperando que resultasse da sua declaraçao maior fundamento contra os conspirados de mais alta esfera. Foraõ prezos os tres, e postos a tormento: levou Pedro de Baeça os tratos sem confessar o delicto, soffreraõ os dous com menos constancia; e concordou a sua confissao com quasi todos os indicios antecedentes. Vendo ElRey tantas evidencias julgou, que era precizo tomar nesta materia a ultima resoluçao, para que nos culpados com a dissimulaçao se naõ augmentasle a ousadia, e para que o castigo fosse freio dos que vacillavaõ, e alento dos que o defendiaõ.

Escolhido este discurso pelo mais acertado, no dia que se contavaõ 28 de Julho, mandou que os quatro Tercos da Ordenanca se formassem nas praças principaes da Cidade, advertindo que determinava sahir a vellos exercitar. Deo-rie recado a toda a Nobreza, para que viesse aquella tarde, que era Domingo, ao Paço a acompanhar a ElRey, e juntamente se fez avizo aos Confeiteiros de Estado, para que todos ás tres horas depois do meio dia se achassem no Conselho. O Marquez de Villa Real assustado das prizoens de Pedro de Baeça, Melchior Correa, e Diogo de Brito, e admoerado de seu filho, ou arrependido do seu errado intento, disse a ElRey, sahindo aquella mesma manhã de ouvir Missa na tribuna, que o zelo com que se dedicava ao seu serviço naõ soffria dilacões, que tinha materia muito importante que lhe comunicar. ElRey sem mostrar a menor perturbaçao lhe respondeo, que viesse ás tres horas ao Conselho de Estado. Assim o executou o Marquez, e subindo a esca-

Anno

1641.

*Prizão de algúns  
cumplices, de q  
resulta prova  
mais clara.*

*Prevençoes  
para se pre-  
derem os con-  
jurados.*

## 302 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Prendem-se o  
Marquez de  
Villa Real, o  
Arcebispo de  
Braga, e outros.

da do Paço achou o Porteiro mór Luiz de Mello que o em caminhou a hum aposento, onde estava Thomé de Sousa, o qual tanto que o Marquez entrou lhe disse, que El Rey lhe ordenava que o prendesse. Perturbado, e sem replica lhe entregou a espada. Na mesma forma prendeu em outro aposento ao Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Menezes filho segundo do Conde de Cantanhede, naquelle tempo Delembargador do Paço. Dom Pedro de Menezes, que foy Bispo eleito do Porto, prendeu pelo mesmo estylo ao Bispo Inquisidor geral. A ordem de prender ao Duque de Gaivinha lhe deo a Pedro de Mendoça, e Antonio de Saldanha: aguardáraõ elles que o Duque chegasse ás escadas do Paço, e antes que se apeasse, se meteraõ com elle no mesmo coche em que vinha, e o leváraõ á Torre de Belem, de que era Capitão mór Antonio de Saldanha. Para a mesma hora tinhaõ as Justiças, e alguns Fidalgos varias ordens, que executáraõ, prendendo a Nuno de Mendoça Conde de Val de Reys, e a Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belem: para a de São Filipe de Setubal foy levado Dom Antonio de Ataide Conde da Caftanheira, para a de Outaõ Gonçalo Pires de Carvalho: na Torre de Cascaes foy prezado Antonio de Mendoça Commissario da Cruzada, e no Castello de Lisboa Ruy de Matos de Noronha Conde de Aramar: no Convento de Belem, passando depois para a Torre, Frey Luiz de Mello Religioso de Santo Agostinho, Bispo eleito de Maiaca: nas Gadeas do Limoeiro prenderaõ a Paulo de Carvalho Vereador da Camera, e a seu irmão Sebastião de Carvalho ambos Desembargadores da Casa da Supplicação, Luiz de Abreu de Freitas Escrivão da Camera d'El Rey, Jorge Fernandes de Elvas, que poucos dias antes se havia passado de Castella a este Reino, Diogo Rodrigo de Lisboa, Jorge Gomes Alemo seu filho, e Simão de Sousa Serraõ, todos tres homens de negocio de grossos cabedaes, Christovaõ Cogominho guarda mór da Torre do Tombo, Manoel Valente Escrivão da Tavola de Setubal, Antonio Correa Official maior da Secretaria de Estado. No dia seguinte prenderaõ no Limoeiro a Dom Agostinho Manoel, e do caminho de Coimbra

bra para Braga, trouxeraõ prezo á Torre de Belem o Bil-  
po de Martyria Dom Franciso de Faria, que havia sido  
creado do Arcebisco de Braga. Tendo ElRey avizo que  
as prizoens acima referidas estavaõ executadas, sahio  
com semblante triste, e levero a huma casa, onde o  
aguardava toda a Nobreza da Corte, á qual manifestou o  
sentimento com que se achava, de o obrigarem os inten-  
tos dos conjurados á resoluçao que contra elles tomara,  
e que ingenuamente affirmava, que tratar da sua seguran-  
ça era mais que amor da vida, amor de seos Vasallos:  
porque se o haviaõ buscado para defensa, e liberdade  
propria, destruida a causa, perigavaõ sem duvida os ef-  
feitos; e que com animo igual, naõ estando de per meio  
esta obrigaçao, elegera antes a morte, que a pena que  
padecia, vendo que era o primeiro Rey de Portugal, con-  
tra cujo decoro delcobertamente prevaricara a fidelidade  
Portugueza, taõ radicada em muitos seculos, que havia  
servido de exemplo a varios Principes, para comprimir;  
e refrear os desconcertos de seos Vasallos: porém que  
na disgraca presente, encontrava o allivio de conhecer  
a fineza, e igual coraçao dos que estavaõ sem culpa, de  
cujo valor fiava a sua legurança, e a defensa do Reino.  
Que os crimes dos prezos, estivessem certos, que se ha-  
viaõ de examinar com toda a exacçao, para que o mundo  
conhecesse os fundamentos que tivera na resoluçao pre-  
sente, esperando que todos experimentassem no seu go-  
verno a igualdade de verem nos delictos castigo, e nos  
mericimentos premio. Todo aquelle concurso a que El-  
Rey repatio estas razoens, lhe respondeo em huma só  
voz a satisfaçao com que ficava da execuçao que naquel-  
le dia fizera: porque he o rumor dos grandes concursos  
orador eloquentissimo, sem formar as palavras exprime  
distintamente os affectos. Recolheo se ElRey, e espa-  
lhando-se pelo Povo a noticia das prizoens, se alterou de  
forte contra a Nobreza, que com dificuldade se recolhe-  
raõ a tua casa, os que estavaõ no Paço.

Neste mesmo dia mandou ElRey a Manoel Lobo da Silva que fosse a Estremoz, aonde assistia Mathias de Albuquerque, e que dissimuladamente observasse o  
Tom. I

Anno

1641.

Falla ElRey à  
Nobreza.Altera-se o Po-  
vo contra a No-  
breza.

### 304 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Prisão de Ma-  
thias de Albu-  
querque.

effeito que fazia no seu animo a nova das prizoenas dos conjurados, e que se informasse em grande segredo de pessoas de maior confiança do seu procedimento, porque era muito pouca a prova, que havia contra ella, e o seu mericimento muito grande: constava só que o Conde do Vimioso com pouca cautela perguntara ao Arcebíspio de Braga na primeira conferencia que tivera, se entrava na conjuração Mathias de Albuquerque, inferindo-o da correlação que tinha com o Marquez de Villa-Real; e que o Arcebíspio lhe respondera, que sim entra-va, sem mais motivo que lembrar-lhe, que tinha em Castella seu irmão Duarte de Albuquerque, e querer o Arcebíspio accrecentar sequazes ao seu delicto, sem repa-rar no encargo da sua consciencia. Constou mais, que de-terminavaõ os conjurados mandar o Bispo eleito de Mala-ça a tentar o animo de Mathias de Albuquerque; ( pequenos indicios para se proceder contra hum homem tão grande; e que governava no Reino a Provinça de mais for-ça, e de maior importancia.) Manoel Lobo chegou a Extremôs, e informando-se levemente do procedimento de Mathias de Albuquerque, achou na boca de leos ini-migos algumas culpas supostas, e com esta noticia, sem esperar por Martim Affonso de Mello, que hia a gover-nar as Armas, como ElRey lhe havia ordenado, dizen-do-lhe que, naõ achando indicios bastantes contra Mathias de Albuquerque, aguardasle por Martim Affonso, por-que, ficando elle entregue das Armas, cesavaõ os receios; tem preceder circumstancia alguma destas foy Manoel Lobo a casa de Mathias de Albuquerque, e mostrando-lhe a ordem que levava d'ElRey para o prender a aceitou com toda a reverencia, e socego, e juntamente lhe entregou todos os papeis que achou nas alzibeiras, e as chaves dos Escritorios, para que examinasse os que estivessem nelles. Na mesma noite caminharaõ os dois para Setubal em hu-ma liteira, padecendo Mathias de Albuquerque oppro-brios nos Lugares por onde passava daquelles mesmos ho-mens, que pela fama das suas acções poucas horas antes lhe prometiaõ triunfos. Taõ cegamente governa a fortu-na a vida humana! Chegando a Setubal o deixou Manoel

Lobo

Lobo na Torre de Outaõ , onde o perseguião de forte as desordenadas vozes do Povo , que sabendo-o El Rey o mandou mudar para a Torre de Belém. Na de S. Gioão prenderão nestes mesmos dias ao Padre Joaõ da Resurreição , Geral dos Frades Loios pela mesma presunção. No dia seguinte ao das prisoens , que se fizeraõ em Lisboa , correo o Arcebispo della a Cidade com huma Proclamação de Graças , por se haver descoberto a conjuração , que ameaçava a Portugal a ultima ruina. El Rey desejando justificar-se por todos os caminhos mandou fixar Editaes nas portas da Cidade , que continhaõ o grande sentimento com que havia mandado proceder contra os que estavaõ prezos , antepondo a saude publica ao seu desejo , que era fazer mercê a todos , e que ordenava a seos Vasallos , que com todo o socego aguardassem a resolução que se tomava , segurando ajustar-se com as obrigações da Justiça ; e que se contra esta ordem se levantasse algum rumor , ou sucedesse alguma inquietação , se daria por mal servido , e mandaria proceder severamente contra os authores de qualquer desconerto. Com este Edital se socegou mais a furia do Povo , que se havia desenfreado de forte , que seguiaõ com palavras desconcertadas os Fidalgos , que passavaõ pelas ruas. Uzou-se tambem para o applicar , da diligencia dos Prégadores , que exhortavaõ dos pulpitos o socego , e união mostrando as perigosas consequencias de effeito contrario. Mandou El Rey fixar nos lugates publicos segundo Edital , em que perdoava o delicto a qualquer pessoa , que diante dos Juizes apontados descobrisse a noticia , que houvesse tido da conjuração. Muitos dos comprehendidos se livraraõ do castigo com este indulto , e acrecentáraõ a prova aos que depois foraõ condenados.

Logo que as prisoens se executáraõ mandou El Rey processar as culpas de todos os prezos. Havia de proceder a todas as diligencias fazer-se-lhes perguntas ; porém muitos deles as excuzáraõ confessando o delicto. Foy o primeiro que seguiu este caminho o Inquisidor Geral , escrevendo a El Rey huma carta , cuja substancia era : Que fiado na benignidade d'El Rey lhe referia tudo o que

Anno  
1641.

*Decreto q mand  
da El Rey public  
tar.*

*Cartas do In  
quisidor Geral.*

Anno  
1641.

306 *PORTUGAL RESTAURADO*,

havia passado da Acclamaçāo até aquella hora, affirmando que no seu animo nunca entrāra a mais leve tençāo de disservir a sua Magestade, e que, havendo quem dissesse o contrario, era falso, e que ló se lhe offerecia que entendendo do Arcebisco de Braga o descontentamento, com que vivia, do estado presente, e quanto suspirava pelo governo de Castella, lhe extranhāo algumas vezes esta pratica, e a ultima occasiāo fora Domingo 28 daquelle mes de Julho: que se deixāra de referir a sua Magestade o que entendera do Arcebisco, fora por lhe parecer que aquellas razoens naõ tinhao entidade, nem dispunhaõ algum fim. Que de Gonsalo, e Lourenço Pires era muito parente, que nunca lhes ouvira mais, que sentimento de se verem alguns desconcertos, com que perigava a conservaçāo do Reino, e que affirmavaõ havello advertido assim a Sua Magestade. Rematava a carta, que por lhe naõ permittirem ir lançar-se a seos pes flava aquella carta de Dom Jorge de Mello, que depois foy Mestre-Sala da Rainha. No dia seguinte escreveo outra carta mais larga, em que dava conta a El Rey com particularidade de diferentes occasioens, em que o Arcebisco de Braga o quizera persuadir a que acclamassem El Rey de Castella, para que dizia haviaõ de achar o Povo prompto, e a que mandassem a Madrid a Frey Manoel de Macedo, para conferir naquelle Corte varias materias tocantes a este fim, e que juntamente lhe pedira quizesse persuadir á sua opiniāo a Gonsalo, e Lourenço Pires por serem feos parentes: Que desta commissāo, e de todas as mais porpōsicoens se havia excusado com o Arcebisco, e que se havia faltado em dar conta dellas a Sua Magestade, fora por que as primeiras conferencias haviaõ succedido antes que Sua Magestade chegasse de Villa-Viçosa, e a ultima na mesma manhãa que o prenderaõ. Esta carta enviou o Inquisidor Geral a El Rey pelo Capellaõ mór, e tornando a mandallo chamar pouco espaço depois de lha ter entregue escreveo outra, em que dizia a El Rey, que fazendo novo exame na sua memoria, lhe lembraava que o Arcebisco lhe dissera quando facilitára acclamar o Povo El Rey de Castella, que tornariaõ a introduzir a Duqueza de

Man-

Mantua no Governo do Reino, e que ultimamente lhe aconselhara, que fosse do parecer na ultima proposta que o Secretario de Estado Francisco de Lucena havia feito aos Conselheiros de Estado ( na qual lhes perguntava da parte de Sua Magestade se convinha passar a sua Real Presboa á fronteira, que era muito conveniente esta jornada, e que buscasse elle Inquisidor Geral as razoens mais forçosas para a persuadir, porque na fronteira se conseguia mais facilmente darem a morte a Sua Magestade, como pertendiaõ, e que elle respondera ao Arcebispo, que o seu parecer havia de fer o contrario, e que neste sentido fizera hum papel, que comunicara a Sebastião Cesar, o qual o obrigara a mudar de opiniao, dizendo-lhe com bom zelo como elle entendia, que convinha muito que Sua Magestade fosse á fronteira, para que o viessem se os Soldados, e para evitar com esta resolucao as murmuraçoes que corriaõ de que Sua Magestade se naõ inclinava á guerra, e que seguindo elle este conselho lançara outro papel, o qual remettia a Sua Magestade, porque o levava consigo o dia que o prenderaõ, supondo que era chamado ao Conselho de Estado para votar nesta materia. Esta foy a substancia das cartas do Inquisidor Geral, e sem embargo da confiscaõ dellas se lhe fizeraõ perguntas, a que respondeo sem alterar, nem accrescentar o que nas cartas havia escrito.

O Arcebispo de Braga, depois de desafogar a primeira paixaõ com palavras desconcertadas, persuadido artificioſamente ( como se entendeo ) do Capellaõ mór, escreveo a El Rey duas cartas. Continha a primeira o conhecimento em que estava dos justos motivos, que Sua Magestade tivera para proceder contra elle, e que ainda que esperava todo o favor do generoso animo de Sua Magestade, que receando o perturbaſem alguns de seos Conſelheiros, lembrava a Sua Magestade mais a clemencia a que era inclinado, que a vingança a que podia fer persuadido; que elle se achava promptissimo para obedecer a tudo o que Sua Magestade ordenaſle da sua presboa, e que para descargo da sua consciencia pedia a Sua Mageſtade

Anno

1641.

*Cartas do Arcebispo de Braga.*

Anno  
1641.

308 PORTUGAL RESTAURADO,

stade com muitas lagrymas permittisse que entraisse a assistir-lhe na prizaõ o Padre Fr. Simão dos Anjos Carmelita Descalço para seu Confessor, e com quem receberia particular alivio. Concedeo-lhe El Rey este desafogo, atendendo á grandeza da sua Dignidade reduzida á ultima disgráça humana. Dizia na segunda carta, que conhecendo-le pelo delconcerto das suas culpas digno de morte, e merecedor de Sua Magestade naõ uzar com elle de sua natural clemencia, e piedade, se offerecia a declarar tudo o que havia passado na conjuração, para socorro de sua alma, com tanto que Sua Magestade lhe promettesse perdoar a quatro pessoas, que elle declararia depois de concedido o perdaõ, affirmando naõ terem mais culpa, que sujeitarem-le a seguir a sua ordem; e que para se conhecer a verdade, e inteireza com que fallava offerecia a sua vida por sacrificio de teos delictos, e dimitia para si todo o perdaõ delles. Vista esta carta, e depois de ventilada largamente a proposiçao della resolvo El Rey que naõ convinha diferir ao requerimento do Arcebisco, porque esta concessão lhe ficava ligando o poder com que devia mandar proceder contra os outros culpados; pois sendo todos iguaes no delicto, naõ era justo que o mesmo Arcebisco que fora fonte de todas as culpas, condenasse huns com a sua confissão, e por seu respeito se absolvessem outros. Estimulado o Arcebisco de se lhe naõ diferir ao requerimento que fizera a El Rey, entrando a tomar-lhe depoimento Francisco Lopes de Barros, e Pedro Fernandes Monteiro, respondeo todo

*Primeira respo-  
sta do Arcebisco*

entregue á colera, que elle era Arcebisco de Braga, e que naõ conhecia por Superior mais que a Deos, e ao Summo Pontifice, e que Sua Magestade naõ podia proceder contra elle; e que se accaso o executar de poder absoluto obraria como assasino particular, e naõ como Rey, e que juntamente estava resoluto a naõ responder ao que se lhe perguntassem, por quanto o verdadeiro juramento de fidelidade que havia dado fora a El Rey Dom Philippe, porque ao segundado o constrangera o temor, e ameaças, e que ao que só se sujeitava como christão, era perdoar a El Rey se o mandasse matar, e á pessoa que

o ex-

o executasle. Determinou Francisco Lopes de Batros persuadillo a que moderasle a paixaõ com que fallava ; nõ sendo possivel, nem querendo assinar o auto o firmou elle em seu nome. Passados alguns dias, e moderada a paixaõ do Arcebispõ, sendo reperguntado pelo mesmo Deembargador, e persuadido com eloquentes razoens, a que estava obrigado na consciencia a declarar o que sabia da conjuraçao, protestando primeiro, que nã consentia em juizo secular por nã contradizer os Breves, e Canones, e que tudo quanto dizia era violentado do medo da morte, sem querer tomar juramento declarou, que entendendo que pela fidelidade que havia jurado a El Rey Dom Philippe nã podia reconhecer outro Rey, e que tudo o que obrafle por segurar esta opiniao era licto, e conveniente, fora afeiçoando ao seu designio todas as pessoas, que lhe havia sido possivel persuadir ao servico d'El Rey de Castella, e que sabendo do Conde de Tarouca, e de Dom Joao Soares, que seguiaõ a mesma opiniao, e que se resolviaõ a passar para Castella, escrevera huma carta por Dom Joao Soares a El Rey Dom Philippe, na qual protestava a sua innocencia no succeso da acclamaçao, e disculpava todas as acçoens, em que depois della forçadamente, como Vassallo d'El Rey Dom Joao, havia concorrido, e que além destas excusas segurava com grandes affirmacioens a sua fidelidade : Que nã tendo resposta desta carta ; nem outro avizo de Castella, entendera que El Rey Catholico nã admittira a sua disculpa, e que obrigado do temor de que, conquistando os Castelhanos este Reino, fosse elle a primeira pessoa contra quem procedessem, buscara todos os caminhos de desvanecer esta suspeita ; e que lhe accrecentava o receio dos Castelhanos, ouvir que os mais empenhados na defensa do Reino affirmavaõ publicamente, que Portugal se nã podia defender, e que neste tempo, havendo algumas vezes fallado com o Marquez de Villa-Real sobre o estado do Reino, a sua pouca defensa, e o perigo que todos corrião, achavaõ a melhor resoluçao, entrando o Exercito de Castella em Portugal, passar se logo para elle ; porém que nã haviaõ deter-

Anno

1641.

Declaracão de  
Arcebispõ.

Anno  
1641.

310 PORTUGAL RESTAURADO,

determinado o modo da execuçāo , e que andando nesta perplexidade fora buscallo huma manhãa Pedro de Baeça mandado pelo Marquéz de Villa-Real , e que depois de conferirem a pouca segurançā do novo Governo , Pedro de Baeça mostrāra grande desconfiançā da resoluçāo do Marquez , e juntamente da inclinaçāo do Duque seu filho , e que elle Arcebispo huma vez que fallara com elle alcançāra no seu animo grandes mostras de se apartar das materias que tratava , e muito mais remoto dellas depois que Sua Magestade lhe fizera mercē do titulo de Duque. Que Pedro de Baeça lhe affirmāra , que tinha mais de mil homens á sua ordem ; porém que os naõ nomeāra , e que passados poucos dias mandāra o dito Pedro de Baeça falar com elle hum Manoel Valente , que elle naõ conhecia , o qual lhe dissera , que Pedro de Baeça determinava dar conta a E Rey de Castella por hum homem de sua obrigaçāo , do estado em que Portugal se achava , e faber o tempo , em que o Exercito junto para a conquitta de Portugal havia de entrar neste Reino ; e que elle Arcebispo mandara por este homem huma cifra de numeros em que elle Arcebispo era o primeiro , Diogo Soares o segundo , a Dúqueza de Mantua o septimo , e dos mais que se naõ lembrava , para que debaixo desta cifra se sustentasse segura a correspondencia de ambas as partes. Que depois do referido fallāra com o Conde do Vimioso , o qual se lhe queixāra do agravo que te lhe havia feito em lhe tirarem o posto de Governador das Armas , e lhe dissera , que estava com intento de se passar a França , ao que lhe respondera que elegia bom caminho , que o mais acertado era , que se Sua Magestade se auzentasse do Reino , como se dizia , acclamarem outra vez El Rey Dom Filipe , com que segurava a este Reino grandes utilidades , livrando-o dos incendios , das mortes , e das violencias , que na conquista dos Castelhanos o ameaçavaõ , e que o Conde , segundo depois entendeo , com animo dobrado lhe approvāra muito aquelle parecer : e que perguntando lhe a gente que poderia entrar neste empenho , elle Arcebispo lhe referira o que havia passado com Pedro de Baeça , e que entendendo que o Conde lhe fallāra lizamente , se de-

declarara com elle, e lhe dissera o que havia passado com o Marquez de Villa-Real, repetindo-lhe tambem a pouca segurança que tinha no animo do Duque: Que no Bispº Inquisidor Geral entendia pouco gosto do novo Governo, que com Gonsalo, e Lourenço Pires não falára, mas que supunha que seguiriaõ o seu Partido: Que falando-lhe o Conde em Mathias de Albuquerque, lhe respondera que seria bom tentá-lo, porque ainda que servia nas fronteiras com grande cuidado, como o Conde affirmava, que tinha seu irmão em Castella, e que podiaõ saber delle o estado em que de presente se achava, e que dissero sobre o animo do Conde de Val de Reys, e de Antonio de Mendoça, disseraõ que tinhaõ muitos parentes em Castella, mas que com o primeiro não havia falado, e que do segundo inferia, que esperava que os succesos o aconselhassem do Partido que havia de seguir: Que de seu sobrinho o Conde de Armamar dissera, que havia de seguir a ordem, que elle Arcebispo lhe desse: mas que declarava, que nenhuma resolução se havia tomado na fórmula em que havia de executar o seu intento: Que do Conde da Castanheira não sabia couisa alguma em danio desta Coroa: Que as pessas a que falára para as persuadir á sua opinião havia declarado; e que prostrado aos pés de Sua Magestade lhe pedia quizesse perdoar aos que elle havia persuadido; por não perder tantos Vassallos arrependidos da sua culpa: Que na verdade com que falava se não podia pôr duvida, pelo que havia declarado de seu proprio sobrinho, e que lembrando-lhe mais alguma circunstancia a referiria, protestando que o seu animo era de não condenar a quem o não merecesse. Esta confissão do Arcebispo, e a bem fundada diligencia de Pedro Fernandes Monteiro livraraõ a El-Rey do cuidado em que o parecer de alguns dos maiores Letrados, e melhores Ministros do Reino o tinhaõ posto, aconselhando-lhe desse tratos ao Arcebispo, entrando nelles o Vice-Colleitor.

No mesmo tempo escreveo o Duque de Caminha huma carta a El-Rey, a qual continha estas razoens: Carta do Duque de Caminha  
Que da prizaõ em que estava recordando as circumstancias que de Caminha  
do

Anno  
1641.

312 PORTUGAL RESTAURADO,  
do seu delicto, o confessava com sincera verdade nacida  
de todo o coraçāo, e que esperava da grandeza d'ElRey  
o perdaō delle, tomado por medianeiros a Rainha, e  
Príncipes feos Senhores: Que o Arcebispo de Braga lhe  
havia dito nos primeiros dias da Acclamaçāo, que o Rei-  
no se naō podia defender, porque o poder de Castella era  
muito grande, e as nossas prevençōens muito desiguas: e  
passados alguns dias lhe distera Pedro de Baeça, e Mel-  
chior Correa da Franca o mesmo: e que perguntando-lhe  
que havia elle de fazer, se o inimigo ganhasse Alemtejo,  
e sitiassle Lisboa, respondera, que o que havia de fazer era  
acusallos por traidores, do que se disluadira pelo cegar  
o diabo, entendendo tambem que estes homens muda-  
riaō de opiniāo vendo os bons successōes que Deos dava  
em todas as Províncias ás Armas deste Reino: Que ulti-  
mamente lhe havia dito o Conde de Armamar da parte  
de seu tio as mesmas razoens, que elle antes lhe havia  
referido, a que respondera que era Vassallo de Sua Ma-  
gestade, que estava determinado a dar a vida pela sua  
defensa, assim por inclinaçāo, como por interesse, pois  
lograva em Portugal a grandeza, que naō havia de al-  
cançar em Castella, e que este Partido avaliava por mais  
seguro, porque esta causa mostrava Deos que era sua,  
favorecendo a com tantos prodigios, como todos os dias  
se manifestavaō: Que o Conde de Armamar a esta res-  
posta fizera nova instancia, dizendo que se Sua Mage-  
stade se viste apertado dos Castelhanos se havia de em-  
barcar, e salvar-se fóra do Reino; a que respondera que  
Deos havia de evitar este aperto, e quando sucedesse,  
que elle, e todos os Vassallos de Sua Magestade o ha-  
viaō de prohibir, detendo a Sua Magestade para que de-  
fendesse o seu Reino: E que destas, e outras razoens en-  
tendera que o fim dos conjurados era passarem-se ao Ex-  
ercito de Castella, quando entrassem em Portugal. A esta  
confissāo se seguiaō rogos humilissimos para que ElRey  
lhe perdoasse, e protestos de o servir toda a vida com  
a maior fidelidade. Quasi desta mesma substancia eraō  
sete cartas, que o Marquez de Villa-Real esereveo tam-  
bem a ElRey. Humas, e outras foraō de todos a ultima-

xui-

mina, servindo de verificar ás culpas, que sem a sua confissão puderaõ ser menôs notorias, e fizera aos Juizes ar- razoada duvida no lançar das senterças, se naõ acháraõ mais que a confusaõ das testimunhas: porém Deos, que favorecia a causa d'El Rey, permittio que os conjurados lançassem com a sua mõõ a sua senterça. Entendeo-se que as diligencias do Capellaõ mõõ facilitaraõ esta, que supunhaõ, negociaçao, e experimentaraõ os ultimos pa- roclismos.

Examinadas pelos Juizes as cartas referidas, e reperguntadas as testimunhas, se tomou o depoimento aos prezess, que naõ haviaõ confessado por escrito, que forao o Conde de Armamar, Dom Agostinho Manoel, Confessao os Melchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, Ma- mais dos cul- noel Valente, Christoval Cogominho, e seu irmão o pados. Bispo de Martyria, e o Bispo eleito de Malaca. Todos confessaraõ com tanta clareza, que naõ eraõ as provas menos que os delictos. A Pedro de Baęga puzeraõ segun- da vez á vista do Potro: porém convencido mostrando- lhe a confissão dos outros prezess, naõ quiz experimentar segundo tormento, declarou toda a sua culpa, e pedio a E Rey quizesse perdoar-lhe, offerecendo hum donativo de trinta mil cruzados, e a parte da fazenda que tocava a sua mulher, que era muito consideravel. Naõ se lhe aceitou a offerta, parecendo mais conveniente castigar os seus delictos. A Simão de Soula, e Jorge Gomes Alemo dersõ tratos, que padeceraõ sem fazer confissão alguma. Apuradas as diligencias, se foy abreviando aos Reos o prazo da vida, para que o espeçtaculo mais lastimoso, que nunca vio Portugal, fosse objecto aos Portuguezes no Ro- cío de Lisboa. Mandáraõ os Juizes dizer aos Reos de sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar appellaraõ para a Mesa da Consciencia, por serem Cavalleiros pro- fessos na Ordem de Christo. O Doutor Francisco Cabral Fiscal da Mesa da Consciencia formou libello contra elles, de que se lhe deo vista, e naõ havendo defesa contrarie- dade, os relaxáraõ á Justiça secular por se lhes provar o Relaxaõ se os crime de leza Magestade da principia cabeca, Detido a sen- Cavalleiros. tença

Anno

1641.

*Escrive o Mar-  
quez, a El Rey.*

## 314 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

Juizes que daõ  
á sentença na  
Relação.

Nomea El Rey  
Fidalgos por  
Juizes.

Da-se sentença  
contra os conju-  
rados.

tença em 23 de Agosto de 1641 Dom Leão de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Estevoão Fuzeiro, Simão Torreão Coelho. Seguiu-se a esta sentença offerecer Libello contra todos os Réos o Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga, e signalou-se-lhes o prazo de tres dias para responderem conforme a ley do Reino. Acabados elles, e havendo lançado a sua defesa, se juntaraõ na Relação a 26 de Agosto, para sentenciar em todos os condenados, os Doutores Francisco Lopes de Barros Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregório Mascarenhas Homem, que forão adjuntos ao processar dos autos, André Velho da Fonseca Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernão de Mattos Carvalhoza, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernão Cabral Chanceller mór, e João Pinheiro Desembargador do Paço. El Rey querendo que fosse mais justificada ação de tanta importancia mandou passar hum Decreto, em virtude do qual nomeou seis Fidalgos por adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa-Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar: forão eites Pedro de Mendoça Furtado, Fernão Telles de Menezes, Dom Pedro de Alcaçova, Dom Miguel de Almeida, Henrique Correa da Silva, e Antonio Telles de Menezes, e porque os tres ultimos se déraõ por suspeitos se elegéraõ em seu lugar Pedro da Cunha, Tristão da Cunha, e Pedro da Cunha Vedor da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, depois de muitas horas de dilação, e largas conferencias, sentenciarão á morte ao Marquez de Villa-Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia os Desembargadores nomeados, sem mais adjuntos condemnaraõ a degolar a Dom Agostinho Manoel, e a arrastar, e enforçar em forca mais alta do costumado, e esquartejar a Pedro de Baeça, Melchior Correa da França, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente. Christovão Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico por ter Ordens Menores; depois á Mesa da Consciencia; porém havendo-lhe por derogados os privilegios, elle, e Antonio Correa forão os ultimos que enforcáraõ de for-

te do Limoeiro a nove de Setembro.

Os fundamentos das sentenças do Marquez, e dos mais condenados, havendo pouca diferença de humas a outras, diziaõ: Que se mostrava, que no primeiro de Dezembro de 1640 forá ElRey Dom Joaõ o IV acclamado Rey de Portugal na Cidade de Lisboa, cabeça do Reino, e, passados poucos dias, nas Cidades, Vilas, e Lugares de todo elle, por lhe pertencer de justiça a legitima successaõ desta Coroa; e que aos quinze do proprio mez em acto publico, e theatro levantado, junto das varandas do Paço, fora ElRey jurado dos tres Estados do Reino por Rey, e Senhor natural, para si, e seos Descendentes, fazendo todos a ElRey pleito, e homenagem de fidelidade, e obediencia; no qual acto se achara o Réo, e fizera a mesma promessa, e juramento nas mãos d'ElRey, e que fendo o Réo por origem, nascimento, e habitaçao natural deste Reino, como tal, Vassallo d'ElRey, e quecido de sua obrigaçao; e juramento faltara em tudo á lealdade, e fidelidade promettida; por quanto logo depois da acclamaçao d'ElRey se começara a negociar em Lisboa huma traiçao, e rebelliao contra a Pessoas d'ElRey, e toda a Familia Real, e contra o bem, e conservaçao de seos Reinos, e Vassallos, concorrendo para este efeito pessoas grandes, e outras de menos qualidade, as quaes determinavaõ romper as guardas Reaes, e fazer outros graves damnos nos lugares de mayor importancia, acclamando ElRey de Castella; e outros perverlos intentos até a prisao, e morte d'ElRey, intentando que estes Reinos tornassem ao cativeiro de Castella, e a Duqueza de Mantua ao governo na forma em que estava antes de se acclaramar ElRey. Da qual conspiraçao se provava que o Reo tivera noticia, e forá della parcial com o Arcebispo de Braga cabeça da dita conjuraçao, e que o Reo o confessava nas perguntas, que lhe forao feitas, as quaes depois ratificara em forma judicial; no que o Reo commettera o atrocissimo crime de lesa Magestade de primeira cabeça, assim por assistir nos actos da conjuraçao a que o Arcebispo o encaminhava, como em naõ descobrir logo a ElRey tudo o que della sabia, vendo crescer por

Tom. I.

U instan-

Anno

1641.

Fundamentos  
das sentenças.

## 316 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Severa resposta  
da Rainha.*

*Tem a Duque-  
za de Caminha  
audiencia.*

instantes a maldade, e o perigo de se conseguir o atroz efecto della, e depois dos termos ordinarios, de que se uza em similhantes sentenças, condénavão ao Reo a morte natural, e a confiscação de seos bens. Dadas as sentenças na fórmula referida, forão noticiadas aos condemnados na manhã de 27 de Agosto. Chegou á noticia da Duqueza de Caminha o ultimo excesso da sua disgraça, e deliberando-se a lhe applicar o derradeiro remedio, mandou pedir a El Rey audiencia, permittio-lha, e entendeo-se que com animo de lhe conceder a vida do Duque, porque de outra sorte parecia grande crueldade ouvir os rogos de huma senhora de tão poucos annos, coberta de luto, e de lagrymas, para lhe não differir; porém El Rey parece que quiz mostrar, que não impedia os meios da justiça, e que fazia da sua parte quanto lhe era possivel por facilitar os caminhos da misericordia. Entendeo-se que a resolução que tivera de perdoar ao Duque fora divida por alguns Ministros, e que tambem a desviara a Rainha, parecendo-lhe que era necessario este castigo para a firmeza da Coroa, estimulando-a de sorte o perigo da vida d'El Rey, e dos Príncipes seos filhos, que falando-lhe o Arcebispo de Lisboa, para que fosse medianeira da vida do Duque, lhe respondeo que o mais que podia fazer por seu respeito, era guardar-lhe segredo daquella proposta. Destas inferencias se originárao os discursos referidos, e a conclusão foy, que reprezentando a Duqueza a El Rey (acompanhada de sua Mão a Condeza de Faro) diante da Rainha com lastimosas palavras a calamidade a que a sua disgraça a reduzira, e pedindo-lhe misericordia sahio do Paço com esperanças da vida do Duque, que o seu sangue murchou dentro de breves horas.

Em 28 de Agosto levárao o Marquez de Villar Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar, e a Dom Agostinho Manoel a humas casas do Rocio, para que as suas cabeças fossem satisfação das suas culpas: meterão-os em diferentes apozentos, sem que huns tivessem noticia dos outros: passaraõ a noite ajustando fervorosamente as consciencias, e o Marquez com mais soe-

go

go dormio algum espaço , acordaraõ o pedindo-lhe a ben-  
çaõ da parte de seu filho , porque faltando a cautela con-  
veniente souberaõ ambos , que hum e outro estavaõ nas  
mesmas cañas para igual castigo , e vieraõ a entregar as  
vidas antes que o golpe do cutelo lhes cortasse as cabeças ,  
e pôde ser que a primeira em que a alma tinha a melhor  
parte fosse o maior martyrio , servindo de exemplo ao  
mundo , para se conhecer quanto val mais a virtude , que  
a grandeza , o bom procedimento , que a grande qual-  
idade , derogando mais facilmente estes , que aquelles  
privilegios. Levantou-se no Rocio hum theatro , que se  
communicava por hum passadiço com a segunda de tres  
janellas , que havia no quarto baixo , onde estavaõ os  
condemnados á morte. No theatro se puzeraõ quatro ca-  
deiras , as duas que haviaõ de servir de supplicio ao Mar-  
quez , e Duque firmavaõ-se em estrados ; era o em que  
degoliraõ o Duque de tres degraos , o do Marquez de  
dois , a cadeira do Conde levantava hum só degrão , a de  
Dom Agostinho Manoel estava no pavimento ; porque  
até no uitimo termo onde a morte iguala a todos solicita  
privilegios a vaidade humana. Ao romper da manhaõ de  
29 de Agosto se formou no Rocio o Terço da Ordenan-  
ça , de que era Coronel Dom Francisco de Noronha ; pa-  
ra divertir qualquer accidente , que embaraçasse aquell  
e lastimoso , e funesto acto. Os Desembargadores que  
haviaõ sido Juizes se juntaraõ na Inquisição , para defe-  
rireem com brevidade aos embargos , que os condemnados  
puzessem : porem desenganados elles de que eraõ in-  
uteis todos os remedios humanos , trataraõ só dos que  
convinhaõ á salvaçaõ das almas , em que naõ podiaõ  
achar infelicidade , e com demonstraçoens de grande ar-  
rependimento fizeraõ todos os actos de verdadeiros Ca-  
tholicos Romanos. A huma hora depois do meio dia deo  
principio a este espetáculo o Marquez de Villa-Real ,  
sahio da casa onde chegava o passadiço , e caminhou para  
o theatro acompanhado dos Corregedores do Crime da  
Corte , e outras justiças , de alguns Irmãos da Misericor-  
dia , e dos seos criados. Levava vestido hum capuz , as  
mãos levantadas , e atados os dedos pollegares com huma

Anno

1641.

*Forma da ex-  
ecuçaõ dos con-  
demnados.*

V

Anto  
1641.

318 PORTUGAL RESTAURADO,

fitta negra. Hia publicando o pregaõ o seu delicto, que dictava ao Porteiro o Rey de Armas Portugal com a cota vestida. Antes que o Marquez chegasse á cadeira, se poz tres vezes de joelhos diante do Crucifixo, que levava hum Capellaõ da Misericordia, ajudando-o na Oraçao quatro Religiosos, dous da Companhia de JESUS, e dous Carmelitas descalços: a hum delles se reconciliou antes que se sentasse, despedio-se de todos os que estavaõ presentes, e sem mostrar perturbaçao se entregou ao suplicio. O Algoz, que coberto o rosto fez a execuçao, lhe ligou os braços, e os pés á cadeira em que estava ientado: nesta horrenda fórmã mandou pedir ao Povo, que em grande numero assistia no Rocio, que lhe perdoasle a offensa que havia feito ao Reino. Entendeo este cego, e desatinado monstruo, que o perdaõ que pedia era da vida, e com grande furia repetio tres vezes: *Morra*: es-  
candalo que enterneceo muito os animos menos desacordados. Entregou o Marquez a cabeça ao Algoz, cortou-lha, e cobriraõ-lhe o corpo com hum pão de baeta negra. Acabada esta execuçao, voltou todo aquelle fune-  
bre acompanhamento a buscar o Duque de Caminha, que chegou ao theatro com menos socego que seu pay, e mais commiseraçao, por achar os coraçoens feridos da primeira magoa, e se considerar nelle a culpa menos pe-  
zada. Ao Duque se seguiu o Conde de Armamar cheio de etpirito, e de valor, sendo de menos annos, e de ga-  
lharda presençã. Foy o ultimo Dom Agostinho Manoel, e logo lastimosamente se descobriõ os corpos de todos quatro. Approvou o Povo o castigo gritando, *Viva El Rey Dom Joao*. Continuáraõ-se as execuçoes de Diogo de Brito Nabo, e de Manoel Valente: foraõ as ultimas a de Pedro de Baeça, e de Melchior Correa da Fran-  
ça, na fórmã das fentenças. Os corpos dos quatro des-  
gollados estiveraõ até a meia noite no theatro, hora a que veio bascallos a tumba da Misericordia, e os le-  
vou ao Convento dos Carmelitas descalços, licença que El Rey lhes havia concedido, fazendo elles petiçoes, estando ja nas casas do Rocio, sendo a do Conde de Ar-  
mamar toda da sua letra: prova de grande coraçao. Era

o Mar-

o Marquez de Villa-Real de 52 annos, o Duque seu filho de 27, o Conde de Armamar de 24, Dom Agostinho Manoel de 58. Acabou no Marquez, e Duque a Casa de Villa-Real, merecendo remate mais glorioso os Illustres Ascendentes de que se compoz 267 annos que floreco, porque teve principio em D. Affonso Henriques de Castella, e Noronha, primeiro Conde de Gijon, filho natural d'El Rey Dom Henrique II. de Castella, o qual Dom Affonso casou com Dona Isabel filha natural d'El Rey D. Fernando de Portugal. Ficou ao Marquez huma filha em Madrid casada com o Conde de Medelhim, que depois da paz pretendeo a succesão da Casa de Villa-Real, para seu filho Dom Pedro de Menezes. Discursárao os Castelhanos, que o castigo referido fazia mais duvidosa a Conquista de Portugal, entendendo, que El Rey Dom Joaõ se naõ arrojara a tanto empenho, se duvidára da segurança, e obediencia dos animos de seos Vassallos. E se acaſo os conjurados fizerao este discurso, que todas as circumſtancias mostravao infallivel, naõ se arrojarao taõ cegamente, obrigados do temor das armas de Castella, ao precipicio de que se despenharao; porque nenhum dos que prevaricárao appetecéra o aspero dominio dos Castelhanos, se suppuzera segura a defensa, e liberdade de Portugal. No dia em que se fizerao as execuções, sahio El Rey vestido de luto á Casa em que assistia toda a Nobreza, e com eloquentes, e graves palavras manifestou o seu grande sentimento, e verificou a sua justiça; remeteo a Roma os processos de todos os que foraõ castigados, ao Bispo de Lamego, para se justificar com o Pontifice. A acabada esta tragedia, se foraõ examinando as culpas dos que foraõ presos; e naõ se achando fundamentos que os condemnasse, foraõ todos soltos, ainda que em diferentes tempos. Sahiraõ da prisão os Condes da Castanheira, e Val de Reys, e Gonſalo Pires de Carvalho; seu filho Lourenço Pires tivera o mesmo sucesso, se naõ morrerá na prisão. Antonio de Mendoça mandou El Rey passar da Torre de S. Giaõ, onde estava, para o Convento da Trindade de Santarem, e depois foy mandado recolher para sua casa; della tornou ás occupações que exercita-

Tom. I.

U 3

v3

Anno  
1641.Juizo da Casa  
de Villa-Real.Acanda El Rey  
os processos a  
Roma.Soltarão se os In-  
nocentes.

## 320 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

*Morte do Arce-  
bispo de Braga.*

Va antes da prizaõ , e depois passou a maiores lugares até chegar á grande Dignidade de Arcebispo de Lisboa ; Matias de Albuquerque , que havia sido prezo com taõ leves indicios , como dissemos , sendo dotado de grandes virtudes , e valeroso coraçõ , apertou muito porque se investigasse o seu procedimento , querendo que de justiça , e naõ de favor lhe restituíssem a opinião , que sem causa lhe haviaõ posto em contingencia . Fizeraõ se exactas diligencias , especuláraõ se as mais leves circumstan- cias , e sehindo lustrosamente apurada a sua fidelidade , o mandou ElRey soltar do Castello , para onde o havia mudado , tanto que se conheceo a igualdade do seu pro- cedimento . Foy soltalho o Doutor Pedro Fernandes Monteiro , e com elle Dom Joaõ Mascarenhas . Justificou o grande concurso , que o acompanhou até o Paço com grandes acclamaçõens o geral contentamento , que to- dos tiveraõ da sua liberdade . Chegando a beijar a maõ a ElRey , lhe disse com aspecto severo , e constante : *Tem Vossa Magestade a seos pés o mais leal Vassallo que pode desejar.* Respondeo-lhe ElRey , que eitava inteirado da tua innocencia , e disposto a fazer lhe muita mercê . Huma , e outra promessa se justificáraõ brevemente . O Arcebispo de Braga , e o Inquisidor Geral estiveraõ pre- zos nas casas interiores do Forte no Paço : desta prizaõ os passáraõ para a Torre de Belém , na de S. Giaõ veio ul- timamente a acabar a vida Dom Sebastião de Matos ar- rependido do precipicio a que taõ cegamente se arrojara , que nem soube dispôr a maldade , que traçava , logrando hum entendimento muito claro , acreditado em varias experiencias : porém o medo he inimigo capital do juizo ; rendeo o Arcebispo , suffocou-lhe o entendimento , e aca- bou-lhe a vida . Morreu com tanto conhecimento dos seos erros , que mandou , que o enterrassem no Adro de qual- quer Igreja , e lhe puzessem huma campa raza , porque naõ ficasse memoria do que fora . O Inquisidor Geral logo que o passáraõ para a Torre de Belém , o melhoraraõ de *He solto o In- quisidor Geral.* trato , apurando-se com muita piedade o seu delicto . Foy solto a 5 de Fevereiro de 1643 , e logo restituido aos seos lugares , fortuna que seos parentes solemnizáraõ com gran-

grandes festas. O Bispo de Martyria, depois de estar muitos annos na Torre de Belém, o passaraõ para o Convento de São Vicente, onde acabou a vida. Passada esta tormenta, naõ ficou quem alterasse mais no interior do Reino a tranquillidade: porque assim como as conspiraçoes contra os Príncipes fulminadas saõ perigosissimas, descobertas saõ muito uteis ao seu governo, naõ só por se evitar o perigo que correm, senao porque os Povos vendo o seu Príncipe innocent, e exposto a perder a vida pela tua defensa, e liberdade, crescendo-lhes reciprocamente o affecto, se fazem voluntariamente escravos dos Príncipes de que eraõ só Vassallos. Assim succedeu aos Portuguezes, porque abraçaraõ todos com maior fervor a defensa do Reino, suffocando os impulsos temerosos do castigo alguns, que eraõ inclinados ao governo de Castella. E como todos os Portuguezes caminharaõ a hu[m] mesmo fim, logo annunciarão a defensa, e a propriedade d. Portugal. Foy grande prova das culpas dos condemnados, e da justiça que ElRey teve para os castigar, a igualdade com que naturaes, e estrangeiros approvaraõ esti resoluçao, logrando ElRey nesta acção duas utilidades: a da segurança da vida, e Reino, e a opinião de prudente, e justo; consequencias de que os Príncipes devem fazer a maior estimação, quando conseguem lograllas unidas: porque naõ basta só a segurança de reinar, he necessario que sejaõ avaliados por merecedores do Imperio.

Na Arrochela se embarcaraõ os Embaixadores que ElRey havia mandado a França, na Armada que daquella Coroa passava a este Reino; em satisfaçao do que ficava capitulado, nomeando-se por General della o Marquez de Berlé sobrinho do Cardial Rechilieu, e herdeiro da sua Caia. Constatava a Armada de 20 navios de guerra, e 6 de fogo, bem guarneçida, e melhor apparelhada. Saliu da Arrochela a 16 de Julho, e achando o vento contrário, se dilatou 23 dias, e chegou a Barra de Lisboa a 7 de Agosto. Entrou Christoval Soares de Abreu, Secretario que havia sido da Embaixada, por ordem do Monteiro mór a dar conta a ElRey da sua vinda. ElRey mandou

Anno  
1641.

Chega a Armada  
da de França  
com o Marquez  
de Berlé.

## 322 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Fallaõ a ElRey  
os nossos Em-  
baixadores.

Carta do Car-  
dial Richilieu.

Dá ElRey an-  
diença ao Em-  
baixador de  
França,

logo aos Condes da Calheta , e Vidigueira , que sahissent a visitar da sua parte o Marquez de Berfê. Entrou elle no Rio , e lançou ferro na enseada de S. Joseph , alternando-se as cargas de artilharia que dispataráõ a Armada de França , Torres , e navios da nossa Armada , que estavaõ ancorados. O navio em que vinhaõ os doux Embaixadores furgio defronte do Paço : sahiraõ elles a beijar a maõ a ElRey , e presentaraõ-lhe as cartas que traziaõ d'ElRey de França , da Rainha , e do Cardial Richilieu. As dos Reys continhaõ muito cortezes , e amigaveis offertas , a do Cardial conselhos prudentissimos. Dizia a ElRey : que tratasse com muito cuidado das fortificaõens , e do provimento das Praças , e que procurasse ter seos Vassallos muito sujeitos , para que fossem taõ capazes da disciplina militar , como eraõ valerosos : que com a menor vexaçao d'os Povos , que lhe fosse possivel , formasse hum Exercito , e huma Armada , que butcassem ao inimigo ao mesmo tempo dentro nos seos lugares , antes que os do seu Reino padecessem a molestia da guerra : e que esperava que Sua Magestade naõ descançaria na quietaçao , que de presente lograva , pelos embaracões de seos inimigos , uzando do beneficio do tempo contra as muitas forças , e perigosos contrarios , com que depois sem duvida havia de contendere. Rematava a carta , offerecendo daquelle parte grandes efeitos da sua diligencia , que as experiencias acreditaraõ todo o tempo que lhe durou a vida , entendendo acertadamente , que era a separaçao de Portugal a maior fortuna dos interesses de França ; e as promessas dos Principes , ou dos validos em seu nome , nunca saõ taõ certas , como quando resultaõ em conveniencias dos seos Estados. ElRey mandou ao Marquez de Berfê quantidade de refreshcos : e em 11 de Agosto entrou elle a falar-lhe acompanhado do Conde do Vimioso , que o foy buscar em huma Gondola bem adereçada. Trazia o Marquez consigo muitas pessoas de grande qualidade , e Soldados de estimaçao , de que ficaraõ alguns servindo neste Reino. Recebeo ElRey ao Marquez com magnifico aparato , e com todas as demonstraõens de cortezia , que podia dispensar a Magestade . Falou o Marquez á Rainha , e aq

é ao Principe Dom Theodosio, que no semblante descobria generosos afféctos, que cultivados da melhor indole começavaõ a florecer no seu animo. Recolheo se o Marquez outra vez á Armada, naõ querendo ficar no aposento da Corte Real, que El Rey lhe havia mandado prevenir com toda a magnificencia. Quando chegou a Armada de França, achou a de Portugal preparada para navegar: constava ella de treze navios, cinco muito poderosos, os mais, ainda que pequenos, bem apparelhados, e capazes de pelejar. Nomeou El Rey por Almirante da Armada a Fernão da Silveira, irmão do Conde de Sarzedas, que havia servido muitos annos de Capitão de Cavállos em Flandres com grande opinião, e passado ao Brasil na Armada; de que toy General o Conde da Torre, por Capitão de Mar e Guerra; pelejando varias vezes muito valerosamente. Forão por Capitaens de Mar e Guerra Soldados de valor, e experiençia, e embarcaraõ-se muitos Fidalgos desejosos de adiantar a sua opinião. D. Antonio Luiz de Meneses havia levantado hum Terço na Comarca de Coimbra, de que El Rey o fez Mestre de Campo, destinado para a Guarnição de Cascaes; e mandando El Rey, que se embarcasse a maior parte dos seos Soldados, por este respeito, e por elles duvidarem de servir no mar, havendo-os destinado para a terra, se resolveo Dom Antonio generosamente a embarcar-se. O intento a que caminhavaõ as duas Armadas, e a de Hollanda que se aguardava por instantes, era interprehender Cádis, Ilha na Costa de Andaluzia para a parte do Oceano Atlântico, frequentada do Commercio de muitas naçõens, a respeito de ler o Emporio dos thesouros da America, e porto importantissimo para a conservação de Andaluzia: porque distando antigamente 700 passos da terra firme, hoje com huma ponte le communica com Porto Real, pouco distante do Porto de Santa Maria, ficando por estas disposições (sendo ganhada) facil de sustentar, e de socorrer. As conveniencias referidas forão o motivo principal desta jornada, desejando El Rey, segurdo o parecer do Cardial Richilieu, que seos inimigos sentissem a guerra nos proprios lugares, primeiro que seos Vassallos a padeçesen. As fantasias

Anno

1641.

*Armada de  
Portugal.*

## 324 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1641.

zias ; e erradas politicas do Conde Duque fizeraõ no mundo esta empreza mais ruidosa : porque tomando motivo de algumas noticias , que deo a entender lhe chegáraõ de Lisboa , mandou ordem ao Duque de Medina Sidonia , Armaõ da Rainha Dona Luiza , e Capitaõ General de Andaluzia , para que fosse a Madrid , havendo lhe primeiro encommendado a prevençao dos Lugares daquelle Costa. Naõ obedeceo o Duque opprimido de alguns achaques , que offereceo por excusa , de que o Conde Duque formou maior maquina , e introduzio no animo d'El Rey Catholico maiores suspeitas. Foy effeito dellas mandar El Rey Dom Luiz de Aro , que depois succedeo na valia ao Conde Duque , a Saõ Lucar ( onde o Duque de Medina Sidonia estava ) com apertada ordem de o levar a Madrid , segurando lhe o perdaõ de qualquer culpa que houvesse commettido. Partio o Duque com Dom Luiz , e achando em Madrid calumniada a sua opimaõ , tratou por todos os caminhos de suffocar as vozes que a offendiaõ. Dizia se que hum Religioso de Saõ Francisco , chamado Frey Nicolao de Velasco , havia passado a Portugal , e que do Algarve ( como succedeo ) fora conduzido a Lisboa por ordem do Conde de Obidos , Governador daquelle Reino , que este levava cartas do Duque , em que offerecia a seu cunhado levantar le com Andaluzia ; e que comunicando se este negocio com hum homem , que estava prezo em Lisboa ( habilitando o para esta confiança , dizer elle , que havia sido criado do Duque de Medina ) o foltaraõ ; e que offerecendo se para levar ao Duque os avizos , que se lhe encarregasse , lhe accitaraõ a offerta , e lhe dera El Rey cartas para o Duque , as quaes elle levara a Madrid ; e que , examinadas , se averiguára , que estava ajustada entre El Rey , e o Duque a interpreza de Cadis ; noticia , que ja tinha o Conde Duque por hum Clerigo , chamado Rodrigo de Mendoça ( como o Conde dizia ) o qual Clerigo se havia passado de Portugal a Castella , dizendo que contra Cadis se união as Armadas de França , e Hollanda com a de Portugal , e que das cartas para o Duque se colhera , que era o final concertado para as Armadas poderem entrar na bahia de Cadis , e deitar gente em terra , accendese

*Suspeitas contra  
o Duque de Me-  
dina Sidonia.*

*Parte I. Livro V.* 325

der-se hum farol no angulo de hum Baluarte, dos que defendiaõ a bahia de Cacis; e que o Marquez de Ayamonte, tio do Duque de Medina, era hum dos principaes fequazes desta facçao, havendo tambem outros muitos, a que os dous haviaõ periuadido. Vendo o Duque este negocio em taõ apertados termos, e que com o pretexto de assistencia lhe serviaõ de guarda pestcas principaes da Corte, a quem El Rey Catholico havia encommendado a sua segurança, determinou justificarse, fixando carteis em varias partes, nos quaes defiaava a El Rey Dom Joaõ seu cunhado, que nomeava Duque de Bragança; e para mostrar que as obras diziaõ com as palavras, conseguindo licença d'El Rey de Castella, passou a Badajoz acompanhado de muitos parentes seos: de Badajoz o conduzio Dom Joaõ de Garay, Mestre de Campo General, que governava as Armas, com algumas Tropas a Valença de Alcantara, Lugar nomeado nos carteis para o desafio. Chegou esta noticia a Martim Affonso de Mello, Governador das Armas da Provincia de Alemtejo; e parecendo lhe que podiaõ estas vozes (por serem de materia taõ desusada) ser traça de Dom Joaõ de Garay para interpretender Portalegre, se metteo naquelle Cidade com a gente que pode tirar dos presidios vizinhos. Em Portalegre teve noticia de que o Duque, e Dom Joaõ de Garay entraraõ de Valença de Alcantara ate huma Aldea, que haviamos despovoado, chamada a Pitranha, primeira, e segunda vez, e que havendo o Duque mandado authenticar a diligencia que havia feito por se lograr o desafio, se voltara para Madrid, e Dom Joaõ de Garay para Badajoz; com que Martim Affonso se recolheo a Elvas. Esta acção do Duque foy julgada pelos Castelhanos infelizmente, entendendo todos, que El Rey Dom Joaõ por nenhum titulo estava obrigado a aceitar o desafio, e que como se não podia lograr era infructuosa esta demonstração: porém quando os achaques saõ desta qualidade, não se achando os remedios de que necessitaõ, applicaõ-se lhe os que se encontrão com apparencias mais saudaveis, ainda que não pôde hum Vassallo achar escudo taõ forte que resistia aos golpes de hum valido sem temer de Deos, nem des

Anno

1641.

*Desafio do Duque de Medina Sidonia.*

## 326 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

dos homens. Assim o experimentou o Duque ; porque ainda que constou , que Frey Nicolao de Valaico , a quem se havia attribuido todo este movimento , tivera em Lisboa por castigo dos seos embustes hum carcere por vida , e sepultura , e que ao criado do Duque mandara El Rey soltar urbanamente , sem mais razao , que dizer , que havia continuado a assistencia de sua casa ; naõ pode o Duque livrar le das oppresloens , que muitos annos padeceo ; porque chegando a Madrid , foy mandado presidir a huma junta , que se formou em Bilcaia , para o desviarem com este apparente pretexto , de voltar a Andaluzia , dilatando-se eita commissao : e averiguando o Conde de Olivares , que havia o Duque passado a S. Lucar a ver sua mulher , sem pedir licençā a El Rey , parecendo lhe eita bastante cause para consegueir o intento de molestallo como desejava , o mandou El Rey prender no Castello de Coca , sete legoas de Valladolid. Desta prisaõ o passaraõ para Segovia , de Segovia para Valladolid , e em huma , e outra Cidade esteve treze annos. Veio El Rey a soltarlo no anno de 1660 , quando se effetuou em S. Joao da Luz o casamento d'El Rey de França Luiz XIV com a Princeza de Castella , e a paz entre ambas as Coroas : porém ainda que se averiguou a injustiça , com que o Duque havia padecido tanta molestia sem culpa , nunca lhe restituiraõ São Lucar , que lhe tiraraõ , confirmando-se com este successo a opiniao que correu , de que fora vexado só por este respeito. O Marquez de Aymonte teve peior fortuna : porque o prenderao no Castello de Pinto , cinco legoas de Madrid , e lhe cortaraõ a cabeça ; buscando-se apparentes pretextos para a execucao desta escrupulosa severidade.

Dilatou-se a Armada de França esperando pela de Portugal no rio de Lisboa de 7 até 26 de Agosto ; dia em que huma , e outra leváraõ ancora. Foy tambem a causa da dilaçao aguardarem pela Armada de Hollanda , que naõ chegou ao tempo concertado. Os Francezes sahirao primeiro da Barra para fôra , nas salvas rebentou huma peça a huma Urca Hollandeza , que El Rey havia fretado , levou lhe o paiol da polvora , e a polvora o navio a pi- que

Decollaõ o Mar-  
quez de Aya-  
monte.

Sahem de Lisboa  
as duas Arma-  
das.

que; subtileza que os homens descobrião para dano alheio, sem segurança propria, fazendo do seu entendimento ídolo a que sacrificaraõ as vidas. Cem Portuguezes se perderaõ na Urca, tendo esta disgráça infeliz prognostico da empreza. Sahio a nossa Armada com treze navios, seis caravelas, e quatro mil Infantes. Creceo o vento de qualidade, que sem sair a Armada da Costa, quebrou o masto a S. Pantaleão, hum dos maiores navios della, e, naõ se podendo remediar com facilidade, ficou no rio. Outros navios se maltratáraõ, mas concertados, e unidos com os mais, deraõ á vela, e dobráraõ o Cabo de São Vicente, onde avistáraõ cinco fragatas de Castella, ficou-lhes mais vizinha a Armada de França, de que sahiraõ quatro navios, que até o dia seguinte deraõ caça a dous, que se desuniraõ dos cinco, e naõ podendo alcançallos se tornáraõ a incorporar com os da sua conserva. Os tres ficáraõ pelejando com a Armada de França, o que naõ poderão excusar por serem pouco ligeiros: dividio-los a noite. Ao romper da manhã do seguinte dia se acharaõ as tres fragatas Castelhanas junto ao Galeão São Bento, em que hia o Almirante Fernão da Silveira. Era Capitão de huma das fragatas hum Portuguez natural de Almada, chamado Salvador Rodrigues; resolveo-se valerosamente a se meter debaixo da artilharia da nossa Almiranta; deo-lhe huma carga, matou tres Soldados, e ferio treze, fez-se ao mar sem dano algum com grande sentimento de Fernão da Silveira, e unindo-se outra vez ás duas fragatas, de que se havia apartado, forá seguidas de alguns navios Francezes, de que se livráraõ, e entrando em Cádis deraõ avizo, que a derrota das Armadas era para aquella parte. A vizinhança do perigo incitou a prevençā. Acodio o Duque de Ciudad Real, e unindo a gente, que trouxe á que estava em Cadis, quando chegaraõ as Armadas passava a Guarda de cinco mil homens. Deraõ elles fundo a quatorze de Setembro fóra da Bahia de Cadis: a Almiranta de França ficou mais vizinha a terra, observou esta differença Fernão da Silveira, passou pela Almiranta, e de forte se empenhou em ficar mais vizinho do perigo da terra,

Anno  
1641.

Pelejão cõ cinco  
fragatas de Ca-  
llia.

Dão fundo ás  
Armadas sobre  
Cádis.

que

328 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Deslarem do in-  
tentio, e se apar-  
taõ.*

*Entra a Arma-  
da de Hollanda.*

*D. El Rey audi-  
encia ao Embai-  
xador.*

*Soccorro de Hol-  
landa.*

que quando as Armadas quizeraõ sahir custou grande trabalho o rebocarem-lhe o navio por ser muito pezado, e o vento contrario. Oito dias estiveraõ as Armadas sobre Cádis, e vendo os Generaes delas a empreza por todas as circumstancias mais difficult do que supuzeraõ, se resloveraõ a deixalla. Antonio Telles desejou entrar dentro na bahia de Cádis a queimar as Fragatas de Dunkerque, e outros navios que estavaõ surtos: disluido o Marquez de Bersé desta resoluçao, julgando a utilidade pequena, e as difficuldades de entrar, e sahir da bahia, sem grande risco, quasi invenciveis. Desvanecido este intento, deraõ á vela as duas Armadas, a de França para Arrochela, e a de Portugal para Lisboa, donde se despedio avizo a D. Francisco de Souza, que de Moura havia passado ao Algarve, para que se retirasse com a gente que havia conduzido, disposta para o logro da empreza de Cádis. O dia seguinte ao que entrou a Armada em Lisboa, chegou a Frota do Brasil com 22 navios carregados de açucar, e drogas que produz aquelle Estado. Depois de partidas as duas Armadas, chegou a Lisboa a 10 de Setembro a Armada de Hollanda com 20 navios: havia se apartado com hum temporal quatro dias antes de outra Esquadra, em que vinha Tristão de Mendoça, mas amainando o vento entrou pela barra. Era Almirante da Armada de Hollanda Adriano Gylsels, soldado de grande experienca, e valor, que na India havia cedido a Antonio Telles, de quem foy vencido em huma batalha naval: trazia titulo de Embaixador dos Estados. Deolhe El Rey audiencia o dia seguinte ao que lançou ferro, acompanhou-o o Barão de Alvito, e voltou-se para a Armada. Tristão de Mendoça havia fretado em Hollanda 12 navios de guerra, em que trazia mil Infantes Hollandezes, em dous Regimentos, governados por Coronéis, e Officiaes da mesma naçao, obrigados a servirem tres annos com soldos proporcionados aos pagamentos de Hollanda. Trazia tambem comprados quatrocentos cavallos, muitas armas, e municoes. Este soccorro foy mais applaudido visto, que experimentado: porque os insultos dos Hereges fizeraõ intole-

intoleravel a sua assistencia neste Reino, tendo a religiosa piedade da Naçao Portugueza o crisol, que mais finamente apura o valor de que se compõem. Tambem erao pezados aos povos os soccorros de Hollanda, pela grande dispeza que se fez com elles, e pelo cavilloso tratado dos Hollandezes, porque valendo-se nas Conquistas de Portugal do aperto a que a guerra continua o reduzia, uzavaõ da nossa dependencia para a sua utilidade. E chegando ultimamente a conhecer, que era melhor têlos por inimigos descobertos, que dissimulados, viemos a romper com elles a guerra nas Conquistas, e contrapezaraõ as grandes victorias da América os infortunios da Ásia, totalmente occasionados das nossas desordens. A 18 de Setembro sahio a Armada de Hollanda na volta de Cádis, a se incorporar com as duas, que haviaõ navegado a conseguir aquella empreza. Mandou El Rey com esta Armada cinco caravélas, que levavaõ Infantaria para aumentar o numero da que se havia embarcado. Hum temporal fez arribar a Cascaes os Hollandezes; sosegado o vento, seguirão a derrota, chegáraõ à vista de Cádis, e naõ encontrando as duas Armadas voltáraõ ao Cabo de São Vicente, donde fizeraõ a El Rey avizo, de que determinavaõ (visto naõ se lograr a empreza a que vieraõ) aguardar naquelle altura a Frota de Indias, que sem dúvida costumava a chegar naquelle tempo; e que pediaõ a Sua Magestade quizesse mandar incorporar com a sua Armada alguns navios da nossa. Quando chegou este aviso a Lisboa ja a nossa Armada havia ancorado no rio; porém querendo El Rey contemponizar com os Hollandezes lhes mandou quatro navios, e por Cabo delles Ruy de Brito Falcaõ. Sahio Ruy de Brito a 11 de Outubro, e no mesmo dia tomou hum navio mercantil Ingles, em que os Mouros haviaõ feito preza, e carregado de ferro o levavaõ para Salé. O dia seguinte avistou o navio dos Mouros, que renderão o Ingles, deo-lhe caça, e obrigou-o a dar á costa. Seguiu a viagem, e chegando ao Cabo de São Vicente naõ achou a Armada de Hollanda, mandou informar-se a terra, donde lhe veio noticia, que a Armada se fizera na volta do Cabo de Santa Maria. Seguiu

Anno

1641.

*Sahia a Armada  
de Hollanda.*

Anno  
1641.

*Rocôtro da Ar-  
mada Hollande-  
za com a de  
Castella.*

*Successos do Bra-  
sil.*

*Armada dos  
Hollandezes  
contra Angola,  
que governava  
Pedro Cesar.*

### 330 PORTUGAL RESTAURADO,

guio a mesma derrota, e gastando vinte e nove dias nesta diligencia, naõ podendo conseguir encontrar a Armada de Hollanda, se recolheo a Lisboa, onde a achou ancorada, refazendo-se do damno que havia recebido do encontro que teve com a Armada de Castella. Constatava esta de vinte e quatro navios, de que era Cabo D. Jeronymo Gomes de Sandoval: entre o de S. Vicente, e o de Santa Maria se encontráraõ as duas Armadas, arribou a de Castella sobre onze navios Hollandezes, ficando nove a fota-vento, peleijáraõ muitas horas sem conhecida vantagem; porém sendo o poder taõ desigual, meteraõ os Castelhanos a pique dois navios Hollandezes, e chegando os nove, que naõ haviaõ podido arribar, sobreveio o vento taõ rijo, que dividio as Armadas. A de Castella levou perda de gente, e quatro navios taõ desapparelhados, que naõ tornaraõ a navegar. Deteve-se a Armada de Hollanda no rio de Lisboa ate Janeiro do anno seguinte de 1642, tempo em que voltou de Hollanda, depois de nos occasionar o damno, que adiante diremos.

Em quanto em Europa se peleijava com os Castelhanos, haviaõ os Hollandezes na America posto todo o cuidado em adiantar cavilhosamente a sua fortuna. Confiou ao Conde de Nazau, que era partido da Bahia o Marquez de Montalvaõ, e vendo-se livre do obstaculo que lhe fazia o seu prudente governo, dando-lhe maior confiança a pouca attenção dos três Governadores, que taõ injustamente haviaõ prezo o Marquez, e juntamente interpretando a favor de seos interesses as capitulações que Tristão de Mendoça havia feito com os Estados, preparou huma Armada de 20 navios com 2000 Infantes, e 200 Indios, e fazendo General della a hum Corsario chamado Tôlo, a quem a falta de huma perna havia dado a alcunha de Pé de pão, e lançando voz, que esta Armada hia esperar a Frota de Indias de Castella, mandou interpretender a Cidade de S. Paulo de Loanda, cabeça das povoações de que El Rey de Portugal he Senhor no Reino de Angola. Governava esta parte da Africa naquelle tempo Pedro Cesar de Menezes, filho segundo de Vasco Fernandes Cesar, que havia exercitado

em

em Flandes o posto de Capitão de Cavallos com muito boa opinião. Era grandes as utilidades que os Hollandezes conseguiaõ na Conquista de Angola, fendo a principal levarem para o Brasil os Negros que habitão aquelle distrito, para servirem na fabrica dos Engenhos de assucar, infructuosa sem a assistencia, e trabalho destes brutos racionaes. Foy occulto este intento dos Hollandezes aos Gouvernadores do Brasil, por haverem com pouco acordo retirado as Tropas, com que o Marquez de Montalvaõ sustentava a guerra em Parnambuco, e por gastarem pouco cabedal com as intelligencias, e principalmente por serem os Triumviros, até na grandeza Romana, perigoso governo: e parece quasi infallivel, que se o Conde de Nazau não fundara a sua confiança no descuido dos Gouvernadores, não destituira as Fortificações de Parnambuco da maior parte da Guarnição, que as animava, pondo em risco tudo o que havia ganhado na America pelo que não tinha conseguido em Africa. Porém pode disculpar os Gouvernadores não se perluadirem a que podia caber nos Hollandezes tanta infidelidade, constando-lhes das capitulações da paz celebradas entre El Rey, e os Estados de Hollanda. Puzeraõ os Hollandezes a pròpria em Angola, e tomaraõ no caminho huma caravela Portugueza, que hia para aquelle Reino, que elles avistaraõ a 24 de Agosto. O perigo não esperado, e o sobresalto repentino confundiraõ de sorte os animos dos moradores da Cidade de S. Paulo, que fundando cegamente o remedio do danno na brevidade da retirada, desampararaõ a Cidade. Pedro Cesar, vendendo em tanto aperto, deixou o Capitão Mathias Telles Velofo com 60 homens em a Fortaleza da Cruz, pouco distante da Cidade, e teguiu a gente que sahio della. A Fortaleza era tão mal fortificada, e estava com tão pouca prevenção, e em sitio tão inutil, que os Hollandezes tanto que desembarcaraõ, sem achar quem se lhes oppuzesse, o dia seguinte ao que chegaraõ, sahiraõ em o lugar do Penedo. Sem fazer cazo da Fortaleza, a deixaraõ á maõ direita, e subindo a hum monte que lhe ficava eminente, entraraõ na Cidade sem mais embarço, que a oposição

Tom. I.

X

que

Anno

1641.

Desamparão os  
moradores a  
Cidade.

## 332 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Entraõ nella os  
Hollandezes.*

*Retira-se o Go-  
vernador.*

*Aviza o Gove-  
rnador a El Rey.*

que fizeraõ poucos Soldados, e alguns Paizanos, cedendo estes facilmente, ao maior numero. Tres Capitaens pagos, que havia na Cidade, mandou o Governador com alguma gente á praia a impedir desembarcarem os Hollandezes: porém elles saltando em terra em parte desviada, ficou esta diligencia infructuosa. Quando voltaraõ para a Cidade a acharaõ occupada dos inimigos: salvaram-se no lugar de Bembem meia legoa della, para onde o Governador se havia retirado, e a maior parte da gente com os moveis mais preciosos. Mas parecendo-lhe ao Governador aquelle sitio arriscado, se foy alojar a hum lugar junto do rio Bembo, quatro legoas pela terra dentro, achando este sitio accommodado para receber algum socorro, que lhe viesse por mar. Penetraõ os Hollandezes este designio, levantaraõ hum Forte na bocca do rio, e guarnecerão com 300 Soldados. Pedro Ceser querendo atalhar este damno, mandou o Capitão Gregorio Ribeiro com 110 Soldados atacar o Forte: porém achou de qualidade a resistencia, que teve por fortuna retirarse, perdendo só tres Soldados. Vendo Pedro Ceser baldado este designio, e o lugar, em que estava, pouco seguro, se passou para o de Aquilinda, não muito distante: reconhecendo este por menos capaz, se foy alojar a hum sitio sete legoas da Cidade, em huma fazenda de hum homem, chamado Domingos Carvalho. Seguirão os Hollandezes com 500 Infantes, e duvidando conseguir a empreza sem artilharia, mandaraõ buscá-la. Entendeo Pedro Ceser este designio, e não querendo experimentar o effeito delle, se retirou para a Fortaleza de Masangano 30 legoas pela terra dentro, deixando despedido avizo a El Rey por Antonio da Fonseca Dornellas do infeliz sucesso daquelle Reino. Antonio da Fonseca embarcou-se em hum barco no rio Cuanca, sahio ao mar, livre dos Hollandezes, chegou à Bahia a salvamento, passou a Lisboa em huma caravéla, onde entrou a 20 de Dezembro: achou que El Rey andava á caça da outra parte do Tejo. Recebeo a noticia dos successos de Angola, e não foy tão breve o remedio, como pedia perda tão consideravel. Os Hollandezes havendo

Jogrado facilmente o que intentáraõ em Angola, naõ quizerão soltar das mãos a fortuna, para que naõ mudasse de condiçāo. Escolheo o Pé de pão 13 navios, que entregou a Audreson pratico, e valeroso Soldado, passou este á Ilha de S. Thomé, posto preciso para o fim a que os Hollandezes caminhavaõ. Poucos dias antes haviaõ os moradores acclamado ElRey D. Joaõ: porque tendo noticia deste successo por hum navio Inglez, foy com tanta incerteza, que aguardáraõ maior probabilidade. Durando esta duvida, chegou ao porto hum navio Castelhano trazendo o Capitão delle ordem para introduzir na Fortaleza 200 Soldados com a destreza de dissimular a mudança do governo. Aportou ao mesmo tempo hum navio Francez em a Ilha das Cabras, pouco distante de S. Thomé. Os Castelhanos mandáraõ dizer aos moradores, que tratassem aos Francezes como inimigos. Teve o Capitão Francez este avizo, e sabendo que os Castelhanos estavaõ em o sitio da Praia das Conchas, investio o navio, que rendeo, e lançou os Castelhanos em S. Thomé. Governava esta Ilha o Alcaide mór da Fortaleza Miguel Pereira de Mello, por morrer naquelle tempo o Governador Manoel Quaresma Carneiro. Prevenido Miguel Pereira das notícias antecedentes, se informou de hum Piloto Portuguez que vinha com os Castelhanos, e achando certa a nova da Acclamaçāo, e o intento que os Castelhanos traziaõ, pozi a tormento o Governador que vinha nomeado em caso que a empreza se conseguisse. Padeceo o Castelhano negando tudo o que lhe perguntava: porém bastou a informaçāo do Piloto para Miguel Pereira acclamar ElRey Dom Joaõ. Mandou dar aos Francezes todos os bastimentos que lhes foraõ necessarios, partiraõ elles da Ilha, levando consigo o navio Castelhano, que haviaõ tomado. Passados douis dias, chegou hum navio Inglez com cartas d'ElRey, que os Ilheos celebraraõ com grandes festas. Durou-lhes pouco o contentamento, chegando hum barco de Angola com a nova da perda da Cidade de S. Paulo, e com avizo de que os Hollandezes determinavaõ passar áquella Ilha. Naõ foy de effeito esta noticia, mas servio só de anticipar o

Anno  
1641.

Acclamaçāo ElRey na Ilha de S. Thomé.

Anno  
1641.

Ghegão os Hol-  
landezes a  
S. Thomé.

Occupação a For-  
taleza da  
Praia,

temor, para que tivessem menos disculpa de a perder, porque a prevençāo que só fizeraõ, foy retirar o fato para o Certaõ da Ilha, e o Governador meteo na Fortaleza, que era muito capaz de te defender, quantidade de mantimentos; e naõ corresponderaõ as mais disposiçōens a esta. Chegaraõ os Hollandezes á Ilha a 15 de Outubro, lançaraõ ferro duas legoas da Cidade, desembarcaraõ 14 Companhias que ficaraõ alojadas em huma Eremita de Santa Anna, pouco distante da Marinha; levantaraõ trincheira, e fortificaraõ-se com muita brevidade. Acodio áquelle parte alguma gente nosla: porém faltando-lhe Capitaõ, e disciplina, voltaraõ sem outro efeito para a Cidade; de que resultou cobrarem os Hollandezes maior alento, porque vendo tanta desordem, se puzeraõ em marcha para a Cidade. Creceo nella a confusaõ, porque naõ havia quem dispuzesse a defensa. Arrojou-se Joaõ de Sousa, filho de Lourenço Pires de Tavora, Governador que fora daquelle Ilha, a ajuntar alguma gente, para impedir aos Hollandezes a passagem de hum rio, que corria entre a Cidade, e a estrada, por onde marchavaõ: deo o intento á execuçāo, começoou a pelejar valerosamente. Sahiraõ da Cidade tres Companhias a soccorrello; mas encontrando alguns, a quem o medo havia obrigado a defampararem Joaõ de Sousa, que vinhaõ dizendo que os maiores ficavaõ degollados, sem outro exame voltaraõ as costas as tres Companhias. Os que ficaraõ com Joaõ de Sousa, tambem o deixaraõ, salvou-se elle com grande risco, e os Hollandezes marcharaõ sem opposiçāo á Fortaleza da Praia pequena, que governava o Capitaõ Francisco Ximenes. Pudera elle resistir-lhes muitos dias, mas sem reparar na honra a defamparou. Occuparaõ a os Hollandezes, e marcharaõ para a Fortaleza principal, em que estava o Governador Manoel Pereira com 400 Portuguezes: jogava a Fortaleza 36 peças de artilharia, que igualmente offendiaõ os navios da Armada; e Infantaria que estava em terra. Haviaõ metido a pique a Almiranta, e continuando o danno de huma, e outra parte, se retiraraõ os Hollandezes para a Fortaleza, que haviaõ ganhado, Mandaraõ

detem-

desembarcar mais gente, e o dia seguinte marcharaõ para a Cidade, onde estava Joaõ de Sousa com poucos moradores, porque os mais se haviaõ retirado para huma eminencia, que ficava pouco distante. Aguardaraõ os Hollandezes que cerrasse a noite, e buscando parte por onde a Cidade podia ser soccorrida, fingiraõ que eraõ Portuguezes, e, enganando facilmente os pouco destros moradores, se introduziraõ nella. Quando se conheceo o engano era ja irremediable. retirou-se Joaõ de Sousa, e os mais para a eminencia onde estavaõ os outros moradores; tanto que amanheceo os investiraõ os Hollandezes, e os obrigaraõ a fugir para o mato. Ganhado este sitio, o fortificaraõ, e juntamente outro sitio, que descorninava a Fortaleza, e plantando em huma, e outra parte artilharia a começaraõ a bater: quatorze dias passaraõ sem outro effeito, recebendo grande damno da Fortaleza, e naõ havendo faltado nella mais que tres So d. dos: este successo, que pudera servir de estímulo a Manoel Pereira, lhe accrecentou o receio, e tem mais causa, que cahirem algumas bombas dentro da Fortaleza, com mais estrondo, que prejuizo, se rendeo, sem outra permisão, que a de poder passar ao Reino, aonde chegou, e sendo logo prezo acabou a vida no Castello de Lisboa, pagando justamente a sua cobardia. Senhores os Hollandezes da Fortaleza sustentaraõ a guerra que lhes fizeraõ os que se passaraõ ao mato, até que chegou aquella Ilha ordem d'El Rey para ajustarem a paz com os Hollandezes: concluiõ-se, e tornaraõ os Portuguezes a povoar a Cidade, socego que lograraõ pouco tempo; porque chegando da Mina nova gente aos Hollandezes lançaraõ os nossos fora da Cidade, e puzeraõ fogo às casas. Passaraõ os moradores ao mato, e sustentaraõ a guerra até o anno de 1644, tempo em que se sujeitaraõ os Hollandezes por se verem totalmente destituidos do socorro.

O Conde de Nazau tanto que teve avizo dos bons successos conseguidos em Angola, e Saõ Thomé, despedio outra Armada, que constava de 18 navios à ordem de Joaõ Corneles, que levava nella dois mil Infantes,

Anno  
1641.  
Entrão na Ci-  
dade.

Rende o Gover-  
nador Manoel  
Pereira a For-  
taleza.

Armada Hol-  
andezas contra  
o Maranhão.

## 336 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

*Sua descripção.*

tes, a interpretar a Cidade de S. Luiz da Ilha do Maranhão. Chegou esta Armada á vista da Cidade a 24 de Novembro. A Ilha do Maranhão fica na Cotta do Brasil e corre para o Ciará de Oeste a Leste, e para o Pará a Oesnoreste em dois grãos e meio da banda do Sul: tem 12 leguas de comprido, e cinco de largo, e em algumas partes seis; fica em huma grande bahia, que ali faz a terra firme, de que dista duas legoas da parte do Leste, e do Oeste tres, e por huma, e outra entraõ navios: pela parte do Sul a divide da terra firme hum rio, que terá de largura hum tiro de arcabuz. Os Francezes a descobri aõ, e ienhoreáõ até o anno de 1614, que Jeronymo de Albuquerque os lançou della, governando o Brasil Gaspar de Souza: a Ilha naõ dava mais que tabaco, e mandioca; na terra firme havia Engenhos de assucar; hoje se tem descoberto outras drógas quasi taõ preciosas como as da Índia. Governava a Ilha Bento Maciel Parente; reconheceo a Armada, e vendo que era de Hollanda a mandou salvar, por ter recebido ordem d'El Rey para naõ tratar como inimigos mais que a Turcos, e Castelhanos. Continuou a Armada a derrota sem responder á salva, nem amainar. Vendo o Governador esta resoluçao mandou dar-lhe carga com toda a artilharia, a esta respondéaõ os Hollandezes, e querendo livrarse do perigo das balas deraõ fundo a distancia, que os livrava delle; lançáraõ logo mil homens em o sitio de Nosta Senhora do Desterro: os moradores com o ocio esquecidos do exercicio militar despovoáraõ a Cidade, e o Governador se achou na Fortaleza com setenta Soldados, trinta e cinco delles meninos de muito pouca idade, a que havia sentado praça para suprir a falta de outros tantos Soldados velhos, que tinha mandado para huma Capitania sua, desfacerto que lhe tirou a honra, e lhe custou a vida, costumado effeito da ambiçao, que com estes desenganos acha sempre sacrificios. Marcháraõ os Hollandezes para a Fortaleza, e vendo Bento Maciel a sua deliberação mandou dizer a Joaõ Corneles, que aquella Ilha era d'El Rey de Portugal, com quem os Estados de Hollanda haviaõ celebrado pazes, e que neste sentido ignorava

norava a causa que o trazia a lhe fazer guerra. Respondeo João Corneles, que elle não determinava offender os Portuguezes, que vinha com ordem do Conde de Názau Governador das Armas em Parnambuco para ocupar aquella Ilha; que quizesse elle que se avistassem, para conferirem o que fosse mais util a El Rey, e aos Estados. Obrigado do receio aceitou Bento Maciel este partido: sahio da Fortaleza, fallou com João Corneles, e assentárao que Bento Maciel ficasse governando a Fortaleza, e que aos Hollandezes se desse huma parte da Cidade, para se aquartelarem, e mantimentos por seu dinheiro até que chegasse ordem d'El Rey, e dos Estados, com a qual se tomasse a ultima resolução. O modo da jornada dos Hollandezes bem deixava conhacer o caviloso animo desta proposta: porém Bento Maciel, que governava melhor os feos cabedaes que a Fortaleza, aconselhado do medo, buscou pretexto para entregar a Fortaleza, e a Ilha. Entrárao os Hollandezes na Cidade, e não querendo alargar mais o prazo á diffimulação a saqueárao. Mostrou João Corneles que fora de ordem dos Soldados, para facilitar a entrada da Fortaleza: assim o conseguiu como o dispôz, mândou ocupar os postos della pelos Hollandezes, tomar posse dos Armaçens, abater as bandeiras de Portugal, e arvorar as de Hollanda, depois disto executado repetiraõ os Soldados o saque da Cidade, não concedendo mais privilegio ao Sagrado, que ao profano. Seguiu-se a esta extorção mandarem recado aos Portuguezes de Itapocurú, povoação pequena de terra firme, doze legoas da Ilha onde estavaõ os Engenhos, que lhes mandassem tantas caixas de açucar; que bastassem a livrallos do perigo que os ameaçava; por se livrarem deste damno contribuirão seis mil caixas: João Corneles não querendo perdoar a diligencia alguma fez jurar a todos os moradores obediencia aos Estados; e embarcou cento e cincuenta Soldados Portuguezes em huma urca mal apparelhada, e deixou os livres para seguirem a derrota que quizessem, supondo que lhes dava sepultura na liberdade. Puzeraõ elles a proa na Ilha da Madeira, porém a muita agua que fazia o navio, os

Anno

1641

Ajustaõ se o Gvrnador Bento Maciel com os Hollandezes.

Entraõ na Cidade, e a la queaõ.

Ganhão a Fortaleza saltando aje.

Anno  
1641.

### 338 PORTUGAL RESTAURADO,

obrigou a arribarem á Ilha de S. Christovaõ na Costa de Indias de Castella, povoada de Francezes, e Ingлезes. Acháraõ muito boa hospitalidade, e em varias embarcações passáraõ brevemente a Lisboa. Joao Corneles voltou com a Armada a Parnambuco, onde triunfou da vitória de huma traíçao. Deixou na Fortaleza 60 Hollandezes, e quatro navios no porto; bastante segurança para a pouca oposição que temiaõ. Bento Mactel levaram os prezo a Parnambuco; morreu em huyna Fortaleza, que os Hollandezes tinham no Rio Grande, pagando justamente a sua ambição, e pouco valor, defeitos que este anno forão causa das muitas disgraças, que padecemos nas Conquistas, e conhecido efeito do lethargo com que os Casteianos por todos os caminhos adormentavaõ os animos valerosos dos Portuguezes, negando-lhes o exercicio da guerra, e dando-lhes Mercadores por Capitães, que fundavaõ a maior opinião nos mais certos interesses. E se este discurso he presumção de Portuguez, e não conhecimento do valor, que Deos quiz influir nos espíritos belicosos desta generosa Nação, brevemente o veremos nas vitórias conseguidas nos mesmos lugares das disgraças, sem mais socorros, que esgrimirem os Capitães as espadas sem aritméticas, deliberando-se a fazer livros de Caixa dos Annaes da Fama.

Successos da India.

Por não interromper a ordem da historia seguimos neste anno os sucessos da India, que acontecerão no de 41 antes de chegar áquelle Estado a nova da Acclamação. Era Vice-Rey delle o Conde de Aveiras, como fica referido; e desejando accreditar-se com arcoen signaladas, achava por opposto o grande poder dos Hollandezes, e a arte com que usavaõ delle, não consentia mais esperança, que a de poder conservar o que naquelle tempo tinhamos na India: e ainda esta era pouco segura, porque os socorros deste Reino não eraõ grandes, e as forças da India se achavaõ muito inferiores. Sustentava o Vice-Rey amigavel correspondencia com os Reys vizinhos: e só se haviaõ separado della os Reys de Jor, Pam, e Candia, de quem os Hollandezes recebiaõ socorros contra as nossas Armas, estando as suas tão poderosas,

que

que occupavaõ todos os lugares seguintes. Tinhaõ feito iia em Vingorlã, terra do Hidalçõ, distante para o Norte sete legoas de Goa: e uzando da destreza de vender as drogas do Sul, e mercadorias de Europa por menos preço, e com menos direitos, do que consumavamos das nossas, augmentavaõ os seos cabedaes, e os nossos se destruiaõ. Tinhaõ mais nas terras do mesmo Hidalçõ feitorias em Dabul, e Rajapor, e outras pelo certaõ dentro, que lhe serviaõ de grande utilidade. Occupavaõ na meima Costa para a parte do Norte huma grande feitoria em Surráte, de que tiravaõ grandes interesles, sendo maiores os avanços, levando aquelles generos para a parte do Sul, e para o Comorão na Persia, que fica de frente de Ormuz, e em todas as mais partes daquelle Estreito: e do de Meca sustentavaõ utilissimas correspondencias. Senhoreavaõ na Costa de Coromandel a Fortaleza de Paleacate. Na Ilha de Ceilaõ occupavaõ as Fortalezas de Galle, de Triquemale, e Baticalou, que nos haviaõ tomado em os annos de 1638, 39, e 40, e a de Negumbo, que Dom Filipe Malcarenhas havia restaurado. Para a parte do Sul tinhaõ fortoria no de Achem, e outras na Contracosta: occupavaõ a Cidade, e a Fortaleza de Jacatará ( a que deraõ o nome de nova Batavia ) na Ilha de Jaoa do Senhorio do Matafáõ: eraõ Senhores das tres Ilhas de Banda, e tinhaõ feitorias no Maçacá na Ilha de Borneo no Reino do Mogor, que he parte de Bengala; e nos mais portos daquelle Costa eraõ tão superiores, que não entrava nelles a commerciar não Portugueza. Dominavaõ a Ilha de Amboino com as mais adjacentes, e todas haviaõ fortificado, e presidiado: senhoreavaõ o Archipelago das Ilhas de Maluco, e tinhaõ Fortes em as de Ternáte, Tidore, Moutel, e Maquien; e junto a estas Ilhas occupavaõ as de Batóchina, Geloilo, Baganora, e Baychaõ, e no mar da China, a Ilha Formosa, donde frequentavaõ o trato da China para o Japaõ: sustentavaõ quasi absolutamente o commercio de Pegu, Tannassarã, Junsalaõ, Tarangá, Ilhas de Pimenta, Quedá e Pera: o mesmo Senhorio haviaõ adquirido no Estreito de Sincapura, Costa de Pam, Patane, e Champá, enseada

**Anno**

1641.

*Praças, e feitorias dos Hollandes.*

Anno  
1641.

*Disposiçoes do  
Conde de Avei-  
ras Vice-Rey.*

### 340 PORTUGAL RESTAURADO,

seada de Siaô, e de Cochimchina, portos de Cambaya; Tunkim, China, e Chincheo, e a Ponta de Sumbora. Eraõ senhores de todos os mares daquelle parte de Mulsulapataõ, onde tinhaõ feitorias; e da mesma fôrte na Costa de Coromandel. E finalmente naõ havia em todo o Oriente parte, em que os Hollandezes naõ tivessem entraõda, e de que naõ tiraſsem grossissimos intereſſes. O Vice-Rey para se defender de taõ poderosos inimigos, e seſegurar a Cidade de Goa, que elles ameaçaõ, dispoz em todos os portos do nôſo Dominio o maior numero de embarcaçõens que lhe foy poſſivel juntar. Conſtava a Arma da de Goa de vinte navios, e huma galé: era Capitão mór della Luiz da Silva, filho mais velho do Conde de Aveiras; que no anno antecedente havia moſtrado na deſfensa de hum Forte daquelle barra, que o ſeu valor cor-respondia á ſua qualidađe. Sahio de Baçaim, como era costume, a Armada para a Costa do Norte: conitava de vinte e oito embarcaçõens, chamadas Sanguifeis, e go-vernava a Dom Manoel de Menezes, tendo ordem do Vice-Rey para que nos primeiros de Setembro eſtivesſe ſobre a barra de Goa. A Armada do Cabo de Comorim era de doze navios, e nomeou o Vice-Rey por Capitão mór della a Domingos Ferreira Beliago. A do Canará fe com-panha de doze navios, governađa pelo Capitão mór Fer-naõ de Mendoça Furtado, filho de Francilco de Mel-lo de Castro, que o Vice-Rey havia mandado invernar a Mangalor por Capitão mór da gente de guerra daquelle, e das mais Fortalezas do Canará, com ordem, que no mez de Setembro fe achassem em Goa com todos os mantimentos, que lhe foſſe poſſivel. Porém todas estas prevençõens naõ baſtaraõ a desembaraçar a barra de Goa, que os Hollandezes occuparaõ na forma que havemos reſerido. E naõ teve melhor eſſeito o ſoccorro, que o Vice-Rey mandou a Maláca, a que os Hollandezes ha-viaõ poſto ſitio no mez de Agosto do anno antecedente; porque naõ houye mais noticia de huma grande naõ, que o Vice-Rey mandou áquelle Fortaleza carregada de pol-vora, e mantimentos, fazendo juntamente avizo por terra aos Electos de Negapataõ, e prevenindo os com-groſſos

grossos creditos, para que acodissem a Malaca com todos os mantimentos possiveis, promettendo lhes, se introduzissem o soccorro, habitos, e fidalguias. E na Monçao de Abril deste anno, havendo o Vice-Rey prevenido vinte e seis embarcaçaoens com Soldados, muniçoens, e mantimentos, chegou a Goa a nova por via de Céchim, que Malaca le percerá a 14 de Janeiro deste anno de 41, depois de durar o sitio cinco mezes e meio, havendo na Fortaleza tão poucos mantimentos, que parecia impossivel conservar-se tanto tempo sem se lhe introduzir soccorro. Foy esta perda muito consideravel, e tocaraõ as consequencias della não só ao Estado da India, mas tambem a este Reino, que acrecentou esta queixa ás mais, que justamente publicava do infeliz dominio dos Castelhanos, porque se descuidaraõ dos soccorros da India, parece que com o fim ja referido de quebrantar as forças de Portugal. Em Ceilaõ eraõ melhores os successos; nos primeiros dias de Maço lhe mandou o Vice-Rey o segundo soccorro, que constava de oito galeotas, em que forao duzentos e sessenta Soldados, quatro peças de artilharia, muniçoens, e mantimentos, e doze mil Xerafins. O Capitão General Dom Filipe Mascarenhas, depois de chegar este soccorro a Ceilaõ determinou hir sobre Galle, mas houve inconvenientes que o embarçáraõ, sendo o principal ter noticia, que os Hollandezes lhe haviaõ de Jacatara intoduzido grande soccorro. Os de Galle vendo-se com grosso presidio se animaraõ a fazer algumas sortidas: em huma que fizeraõ a 10 de Agosto percerá a hum Capitão com trinta Soldados, e aos mais seguiu a noilla gente até as portas da Fortaleza. Depois deste successo a sitiou Dom Filipe Mascarenhas; porém havendo chegado a nova da aclamaçao d'El Rey, e da anizade que tratava com os Hollandezes levantou Dom Filipe o sitio, mas todos os noslos obsequios, e boa correspondencia não obtigáraõ aos Hollandezes a retroceder dos seos caviglos intentos, uzando em utilidade sua da nosla errada confiança. O Hidraõ receava o resto poder, e este era só o caminho de sustentar a sua palavra, que em muitas occasioens vendo-o diminuido havia quebrantado. O

Anno

1641.

Perda de Ma-  
laca,Soccorro de Ce-  
ilaõ, que gover-  
nava D. Filipe  
Mascarenhas.

Mogor

## 342 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1641.

Mádaõ os Reys  
da India Embai-  
xadores ao Vice-  
Rey com o para-  
bem da Accla-  
mação.

Embaixada aos  
Hollandezes.

Mogor era guerreiro, e inquieto, vario, e ambicioso; desejava (vendo os bons sucessos dos Hollandezes) acrecentar com as suas armas a nosla dilgraça; mas o Vice-Rey teve industria para comprar alguns de seos validos, e temperar com esta arte a sua arrogancia. El Rey de Cöchim perseverava na antiga amizade que tempre teve com os Portuguezes: por mais diligencias que fazia pelo divertir hum valido seu com titulo de Regedor, chamado Samuel Cattiel. Estes Reys, o Samorim, El Rey do Canará, o de Jolocondá, o Imamo Rey da Arábia; e todos os mais do Sul mandáraõ ao Vice-Rey Embaixadores com o parabem da acclamação; to El Rey do Japaõ naõ quiz admittir trato, nem cominercio algum, por maiores diligencias que o Vice-Rey fez por gradear á Cidade de Macão esta commodidade, que era muito grande, principalmente depois que se acabou o commercio de Manilha, que occupavaõ os Cattelhanos, e considerando o Vice-Rey que na amizade dos Hollandezes consilhia toda a nosla conservaçao naquelle Estado, procurou com grande actividade, e diligencia, como ja referimos, que os Hollandezes desoccupassem a barra de Goa na fé da amizade contrahida entre El Rey, e os Estados. Mandou á Capitania a tratar este negocio a Gaspar Gomes, pessoa intelligente; e naõ havendo os Hollandezes deferido ás proposiçoes que lhes levava, nem querer restituir a náo de Sancho de Paria, consentiraõ só que o Vice-Rey pudesle mandar hum Embaixador ao General, que assístia em Batávia, para o que ofereceráõ huma embarcação segura, que para Batavia partia de Surrate. Era tanta a oppressão que os Hollandezes davaõ a Goa, que foy preciso ao Vice-Rey aceitar esta offerta. Nomeou para esta jornada a Diogo Gomes de Brito, Fidalgo de juizo, e experiençia, e mandou em sua companhia ao Padre Frey Goafalo Veloço Religioso da Ordem de S. Francisco, em quem concordiaõ partes dignas de assístir a negocio de tanta importancia. A substancia da instruçao que levávaõ, era pedir cessaõ de armas naquelle Estados, o que parecia lícito concederse, havendo taõ certa noticia de que entre o Reino de Portugal

tugal, e as Provincias Unidas se negociaava hum Tratado de paz, que pelas conjecturas se entendia, que naõ era possivel deixar de se ajustar; e que esta cõfleõ de armas durasle até segundo avizo do Reino cu dos Estados, que era certo havia de declarar a forma do ajustamento, que se houvesle celebrado. Partiuõ os dous sem grandes esperanças de concluir a diligencia, a que eraõ mandados: porque bem se entendia, que os Hollandezes, fô amentes da sua conservaçao, naõ haviaõ de perder tempo de solicitar a nosa ruina, quando suppunhaõ a Portugal, desunido de Castella, n'enos poderoso. A noticia de que em Portugal havia El Rey levantado os tributos obrigou aos moradores de Goa a pedir ao Vice-Rey, que este indulto, como vassallos d El Rey, lhes abrangesse tambem a elles; spontando em primeiro lugar o tributo da meia Annata, que era o de maior escandalo em tempo do governo dos Castelhanos. Considerando o Vice-Rey quanto convinha ao aperto, em que se achava, ter satisfeitos os moradores daquelle Estado, ordenou, que se levantassem os tributos, entendendo, que muitas vezes de similhante assibilidade, usada com os povos, resulta aos Principes offerecerem-lhe voluntariamente maiores subsídios; porque da violencia só exorbitancias, e desacertos se colhem. Todas estas materias refolia o Vice-Rey com o parecer do Conselho de Estado, em que era assitido do Arcebispo Primaz Dom Fr. Francisco dos Martires, Religioso que havia sido da Ordem de São Francisco, de vida exemplar, e prudencia digna de toda a veneraçao, do Inquisidor Antonio de Faria Machado, Antonio Moniz Barreto, Capitaõ de Goa, que havia servido em todas as occasioens com grande valor, e actividade, de Dom Mancel de Almeida Pereira, Dom Joaõ de Moura, de Francisco de Mello de Castro, e Joseph Pinto Pereira. Neste tempo havia na India outros Soldados, e Fidalgos particulares, que naõ degeneravaõ no valor dos antigos Heroes Portuguezes, que illustráraõ com glorioas accõeens a sua naçao: porém degeneravaõ muitos delles na grande ambiçao com que querião enriquecer em pouco tempo por meios illicitos, paixcens, e invejas defor- deradas,

Anno

1641.

denadas, que forão causa de todas as infelicidades, que naquelle Estado se padeceraão.

Anno  
1642.

*Discursos sobre  
te deter a Ar-  
mada de Hol-  
landa.*

Com as disgraças que occasionou ás Conquistas de Portugal o falso trato dos Hollandezes damos fim ao anno de 1641, e com a mesma causa, e igual effeito daremos principio em Europa ao de 1642. Reparada a Armada de Hollanda do danno recebido da contenda, que teve com a Armada de Castella, e chegando aviso do Brasil a ElRey da resoluçāo, que o Conde de Nauzau havia tomado, disculpada pelos Estados com as capitulaçōens, que explicavaõ a seu favor. Entendendo hum, e outo sucesso o Almirante Gylsels, determinou livrarse do perigo, que o ameaçava, vendo-se entregue com dezoito navios na barra de Lisboa á nossa disposiçāo, podendo justamente resolver ElRey, que fossem parte da satisfaçāo dos agravos recebidos. Inclinavaõ-se alguns Ministros á represalia, dizendo, que os Hollandezes haviaõ faltado á capitulaçāo, quebrantando a paz ajustada com Tristão de Mendoça, e que ainda que nos capítulos della houvesse algum termo, que interpretado a seu favor, dissimulasse o seu excesso, que esta era a primeira offensa que merecia ser castigada; pois logo que ElRey sinceramente se fiou da sua amizade, começaraõ a enganá-lo; e que além desta exorbitancia, se naõ contentáraõ de assaltar, e render Angola, e São Thomé, porém que cavilosamente, e com trato sobre tomaraõ o Maranhaõ, fazendo-se senhores dos mesmos, que os receberaõ como amigos: que dissimular tantas queixas era manifestarmos a debilidade das nossas forças, especulaçāo com que ordinariamente se perdem os amigos, e se declaraõ mais de pressa os inimigos encobertos, sendo só o receio de igual danno rénora dos que exercitaõ o falso trato. ElRey, que, como bom Constraste, avaliaõ os accidentes pelo que pezavaõ, e naõ pelo que luziaõ, foy de opinião contraria, ponderando, que romper a guerra com os Hollandezes em Europa naõ remediava os danmos do Brasil, e punha em contingencia o Senhorio de Portugal: porque os Hollandezes, offerecendo a sua Armada ao nosso socorro, desvaneciaõ os intentos, que os Castelhanos

hanos podiaõ ter de fazer guerra a Portugal por mar, e por terra, impulso, a que dificultosamente podiamos resistir; e que declarando os Hollandezes por inimigos, naõ só nos faltava este socorro, mas que arriscavamos todo o poder que tinhamos no mar, a que os Hollandezes eraõ com muitas vantagens superiores: que a estas razoens se accrecentavaõ outras muito forçolas, sendo a mais principal vir a Armada de Hollanda a ajudarnos debaixo da fé publica, sacrosanta em todos os accidentes; que naõ podiamos achar pretexto para a violar, como os Hollandezes descobriraõ nas capitulaçens, para occuparem o que conquistaraõ dentro dos quatro mezes, que tomaraõ de prato, para se publicar a paz no Brasil: e que se traçassemos tão mal os hospedes, que justamente duvidariaõ de nos soccorrer os Príncipes aliados. Tomada esta resoluçõ, ficou facil ao Almirante de Hollanda persuadir a El Rey, que lhe concedesse huma instancia que lhe fez; destreza que fabricou para se livrar do damno, que temia. Dizia a proposta, que El Rey unisse com a Armada de Hollanda huma de onze navios, que estava apparelhada para hir na Primavera em socorro da Ilha Terceira, (de que El Rey havia feito General Tristão de Mendoça, depondo com pouca causa a Antonio Telles deste exercicio) e unidas as Armadas, aguardariaõ a Flota de Indias de Castella, com bem fundadas esperanças de conseguir grande progresso. Persuadido El Rey desta enganosa proposta, deu ordem a Tristão de Mendoça, para que desse á vela a lograr este intento, e despedido o Almirante de Hollanda, e os seos Capitães, dando a todos joyas, cadeas, e medalhas com o seu retrato: tomando o conselho errado de dar graças por aggravos, de que costumavauzar os dependentes de menor esfera. Sahio a Armada de Hollanda a seis de Janeiro, e a nosta o dia seguinte, menos tres navios, a que faltou o vento, que depois sobejou a todos. Querendo Tristão de Mendoça incorporallos com os mais, se fez na volta da terra: unidos estes, e tendo só navegado quarenta legoas, levantou-se o vento, engredáraõ as nuvens, alterou-se o mar, e cernou-se a noite. A Armada dos Hollandezes tanto que sahio

Anno  
1642,

Resolve El Rey  
naõ impedir a  
Armada,

Sabe Tristão de  
Mendoça com a  
nossa Armada a  
e a de Espanha

Apercebe a de  
Espanha a noite  
a promessa.

Anno  
1642.

*Tormenta da  
noſſa Armada.*

### 346 PORTUGAL RESTAURADO,

da barra, navegou em popa para Hollanda, trocando o Almirante o concerto ajitado pela infidelidade preventa. Não tem a fortuna de ser Príncipe maior disgraciado, que ser-lhe precioso dissimular offensas por lhe faltar poder para castigá-las: porém o Mestre da política não compôz o livro do Duelo, e assim vem a julgar o mundo nos Príncipes como prudencia o mesmo, que nos particulares he discreditado. Chegou a Armada de Hollanda aos seus portos sem perigo da tempestade, que furiosamente combateo os nossos navios. Creceo o vento, e encheo-lhes as velas: mas querendo que levassem mais do que podiaão, as da Capitania, e Almiranta rebentaraão, sem lhes valer a prevenção dos Pilotos, que haviaão mandado prender-las para lhes escusar o desafio. Padeceraão os maiores as contendas das velas, e tentariaão os navios o dano dos mastros, viao-se atacados do mar, e do vento pela frente, e pelo fundo, e experimentavaão penetrado o centro do impulso da agua, sem poder resistir á disposição com que forão formados, nem prevalecer o socorro dos braços, que maneavaão as bombas como armas defensivas. Outro mar lançavaão ao mar as nuvens, e dobrando-se ao mar o poder, furiosamente sepultava os navios, e no mesmo instante os levava ao Céo, não querendo salvá-los: caso onde io te encontrarão estes termos incomparáveis. Conjurados os Elementos, cada hum delles pretendia ostentar o seu poder; o vento, incentivo da guerra; intentava lograr a vitória, de que a agua, por ser no proprio paiz, se queria fazer senhora; os relâmpagos, rompendo o ar, publicavaão com as vozes dos trovões ser o fogo o mais poderoso; a terra esperava triunfar dos despojos da batalha, vencendo com a reserva: porém não lograriaão os Elementos a interpretação de noite, porque os navios resistiriaão até chegar o dia, mas tendo ganhado o Sol, melhorariaão o partido, confundiriaão-lhe as nuvens a luz, e roubava a nevoa a vista, com que poderia o dia coroar-se também por noite. Na afflictão de contender com tantos, e tão poderosos inimigos, passavaão os afflictos navegantes de hum perigo a outro perigo, e de hum cuidado a outro cuidado: rompiaão os clamores o ar,

o ar, e abriaõ os votos o Ceo; que nunca Deos he taõ buscado, como quando he muito temido. Todos queriaõ mandar, e nenhum acertava a obedecer, e nem o preceito era socorro, nem o acerto remedio: ja todas as velas em divididos pedaços eraõ triunfo do vento, e ja todas as cordas em desbaratada confusão eraõ despojo das ondas: faltava aos mastos de todo a força, e aos lemes totalmente o governo, só as taboas por unidas faziaõ maior resistencia. A Capitania buscou o Sul por amparo, e achando daquella parte o vento opposto, depois de tentar varios rumos voltou á terra, que esperava Tristaõ de Mendoça, aberta a sepultura. Lançou huma ancora de frente da praia da Albofeira, sete leguas da barra de Lisboa, e vendo que naõ cessava o temporal mandou cortar o masto grande, por experimentar se amainava a fúria do vento com este tributo: porém reconhecendo que era maior o empenho lhe sacrificou cegamente a vida, e a de seu filho Henrique de Mendoça, Dom Sebastião de Vasconcellos, que servia o posto de Mestre de Campo, Dom Diogo de Portugal, Ruy Telles de Meneses, Capitão de Infantaria. Com estes Fidalgos, o Piloto, e a'guns marinheiros, se meteo Tristaõ de Mendoça no batel do seu navio, contra a opinião dos que ficaraõ, protestando, que o naõ largasse. Parece o lhe inveja esta advertencia, e sem fazer caso della, sahio o batel, os tumulos destes Fidalgos, a pelejar com poucas forças contra poderosos inimigos, que as naõ haviaõ diminuido. Ao entrar no batel cahio ao mar Tristaõ de Mendoça, lavraraõ com grande trabalho, e naõ lhe deraõ muito espaço de vida, porque o batel antes de chegar a terra o sepultaraõ as ondas, salvando-se só o Piloto, e hum marinheiro. Parece naõ esperaya o vento mais que este sacrificio, saltou á terra, e favoreceo o navio, lançando-o ao mar. Fez elle em breve espaço grande jornada, cerrou-se a noite, e sentindo os navegantes, que se encostava á terra, se deraõ por perdidos: dispararaõ algumas peças com taõ boa fortuna, que sentindo se o rumor dellas na Torre de S. Giaõ, levantou farol, julgaraõ esta luz por Santelmo; antiga, e naõ

Tom. I.

X

averie

Anno

1642.

Perdejo o batel  
com o General,  
e salvo'je ona-  
vio.

Anno  
1642.

### 348 PORTUGAL RESTAURADO,

*Perde-se a Al-  
mirante, e sal-  
va-se os mais  
navios.*

averiguada confiança dos navegantes: buscarão com novo valor, e com grande fortuna, e ao romper da manhã deraõ fundo no rio de Lisboa. O Almirante Francisco Duarte, pratico, e valeroso, hia embarcado em S. Nicolão, navio muito pezado, acodia pouco ao leme, e trabalhando muito com a força das ondas veio a perdello. Quiz o Almirante remediar, com pipas ligadas, esta falta; e naõ havendo quem se resolvesse a entrar no batel para as accommodar, o Almirante se meteo nelle; e trabalhando quanto lhe foy possivel, naõ pode conseguir o que intentava. Avistou o navio a Lourinhãa, doze legoas da barra de Lisboa, e lançou ferro defronte de hum sitio chamado Peralta. Reconhecendo o Almirante brevemente que a amarra se hia trincando, a mandou cortar de dia, por se naõ perder de noite; e naõ lhe faltando acordo para solicitar todos os remedios divinos, e humanos, depois de exhortar a todos, lembrando-lhes o perigo em que estavaõ, a pedir a Deos perdaõ de suas culpas (porque até padeceraõ a disgraça de naõ levarem no navio algum Sacerdote) fabricou jangadas, em que meteo soldados, e marinheiros. Salváraõ-se 32, e perecerão 140: porque os mares repetidos, e os penedos insuperaveis os fizeraõ em pedaços. O Almirante aguardou a que de todo se desfizesse o navio, dizendo (como repetiraõ os que se salváraõ) que se acazo sahisse do naufragio com vida, naõ queria dar conta a El Rey mais que da sua disgraça: constancia digna de eterno louvor. Lançou-se ao mar na ultima taboa, que brevemente o levou a terra: esperavaõ nella hum pedaço do navio, que tanta diligencia fizera por salvar, deo-lhe tão grande golpe, que logo desappareceo aos que de terra viaõ lamentosamente a sua infelicidade. Os mais navios da Armada se salváraõ com grande trabalho em varios portos. Sentio El Rey esta disgraça, e pagou com muitos suffragios as finezas dos que morreraõ em seu serviço, fazendo juntamente varias mercês a seos herdeiros.

Anno  
1642.


# HISTORIA DE PORTUGAL RESTAURADO. LIVRO VI.

## S U M M A R I O.

**D**ISPOEM *Martim Affonso de Mello* a defensa das Praças da Província de Alemtejo. Varios sucessos daquella Província. Elege El Rey por Governador das Armas de Alemtejo ac Conde de Obidos: e passa *Martim Affonso* a governar o Algarve. Successos de Entre Douro e Minho. Recontro de *Rodrigo de Figueiredo* em Tras os Montes. Elege El Rey por Governador das Armas da Beira a *Fernão Telles de Menezes*: Sujeita alguns Lugares de Castella, e em varios recontros alcança felices sucessos. Importantes materias politicas. Manda El Rey ao Conde da Vidireira por Embaixador de França, e a outros Ministros

Anno  
1642.

350 PORTUGAL RESTAURADO,  
nistros para as Cortes de Europa. Chama segunda vez o Reino a Cortes. Assenta-se a contribuição. Propõem-se a El Rey nas Cortes delictos do Secretario de Estado Francisco de Lucena; he prezo na Torre de S. Giaõ. Successos do Brasil de que he Governador Antonio Telles da Silva. As Praças do Maranhaõ se comecaõ a restaurar. Successos da India. Noticia das guerras de Alemtejo. Ganha Joanne Mendes Telena. Resolve El Rey passar a Evora, e sabe em Campanha o Exercito que prevenio. Ganha o Conde de Obidos Valverde: sitia Badajoz, e levanta o sitio. Manda El Rey retirallo, e a Joanne Mendes de Vasconcellos. Fica governando o Exercito Mathias de Albuquerque: ganha alguns Lugares, e a Praça de Villa-nova del Fresno. Recolhe se o Exercito, e El Rey a Lisboa. Nasce o Infante D. Affonso. Governa o Conde de Castel-Melhor Entre Douro e Minho: ganha Salvaterra, e fortifica-a. Sitia aquella Praça o Cardial Spinola: defende-a o Conde valerosamente, e consegue outras emprezas com felicidade.

**A** Fortuna que dava os golpes, que neste tempo se experimentaraõ, descobria juntamente novos reparos, costumando sempre a jogar com os homens na taboa do mundo, baralhadas as dígracas, e as felicidades; porque igualmente maltratem, e utilizem os azares, e as fortes. A tormenta que ao marinheiro he naufragio, ao lavrador he bonança; a guerra que ao Paizano he castigo, ao Soldado he remedio: e muitas vezes na mesma tormenta se salva o marinheiro, e se perde o lavrador; e a mesma guerra he para o Paizano prosperidade, e para o Soldado sepultura; porque o Reino da fortuna he a mudanca, o Scetro a inconstancia, a Coroa a instabilidade; e dos successos passados, e dos que adiante referiremos constará com evidencia a prova destas variedades. Continuava

## PARTE I. LIVRO VI. 351

tinuava Martim Affonso de Mello o governo das Armas da Provincia de Alemtejo, fazendo a guerra aos Castelhanos, mais como conquistador, que como conquistado, e cada dia se melhoravaõ com o exercicio nos Ministros da Corte as disposiçõens, e nos Soldados a disciplina. Foy cedendo o rigor do Inverno ao socego da Primavera, e os homens, que sendo compostos dos elementos variaõ de sorte os preceitos da natureza, que destinão para a guerra o mesmo tempo, em que os elementos costumaõ fazer pazes, deraõ principio a novas emprezas; Com menos miudeza, que no primeiro anno da guerra, escreveremos as que forem de pouca importancia, porque nos grandes edificios naõ saõ da mesma substancia os materiaes dos alicerces, que os dos capiteis: porem ajudaõ se de sorte os fundamentos, que sirvaõ para segurança de grande máquina; porque no acerto do perfil consiste a perfeiçao da pintura. Para explicar os homens, mostrar as Praças, e ensinar os sitios da Campanha especifiquem até agora as mais pequenas circumstancias; porque com esta luz ficassem claras todas as materias, que se seguem: daqui por diante, sem ficar acção que naõ seja explicada, as resumirey quanto me for possivel, guardando as distincõens para as maiores emprezas, porque nestas se deleita a especulação, assim como se enfatia nos succeslos de pouca importancia. Cresciaõ na Provincia de Alemtejo os Terços, e Tropas a maior numero de Soldados com os soccorros de Hollanda, e com as novas levas, que El Rey mandava remetter áquelle Provincia. Regularmente repartia Martim Affonso de Mello por todas as Praças a gente que chegava de novo, engrollando o mais que lhe era possivel as Guardiçoens de Elvas, Olivença, e Campo Maior, porque tendo pouca a distancia, que ha entre estes Praças, se uniaõ facilmente as Tropas de todas; disposiçao que refreava as entradas que os Castelhanos faziaõ em continuo prejuizo dos gados dos lavradores, primeira causa em todo o discurso da guerra dos encontros da Campanha, nos mezes em que naõ campeavaõ os Exercitos, e que adiantava muito o nosso Partido, sendo a melhor remon-

Anno  
1642.

*Disposições militares de Martim Affonso de Mello.*

Anno  
1642.

352 PORTUGAL RESTAURADO,

ta que conseguiaõ as Tropas de Alemtejo , os Cavallos que os Castelhanos deixavaõ em Portugal. O Mestre de Campo General D. Joaõ de Garay continuava o governo das Armas do Exercito de Castella , que se achava muito diminuido , depois de se desvanecer o intento , para que o Conde de Olivares em tempo do Conde de Monte-Rey o hâvia formado : porém o numero da Cavallaria era tão superior ao das nossas Tropas , que para defender a Província era necessario que o valor dos noslos Soldados prevalecasse contra o excesso dos Castelhanos ; e suferando elles em todas as occasioens esta difficuldade , ficaõ mais gloriosos os progressos que conseguimos. Deo principio aos deste anno o Mestre de Campo Aires de Saldanha : constou-lhe que alguns Castelhanos de Albuqueque vinhaõ pescar aos rios Xebora , e Botova , que dividem de Castella o contorno de Campo Maior , e que continuavaõ este divertimento na confiança de haverem crecido as aguas dos rios com as do Inverno. Determinou Aires de Saldanha valerse deste descuido , mandou ao Capitaõ André de Albuquerque por Cabo de cem Infantes , e cincuenta Cavallos , com ordem que atacasse os que pescavaõ com poucos Cavallos , e que destraiamente deixasse fugir alguns delles , para que dando rebate em Albuquerque pudesle desbaratar a gente que daquelle Praça viesse de socorro. Correspondeo o effeito à disposição ; foraõ atacados por dez Cavallos os que pescavaõ , ficaraõ prisioneiros sete , os outros se retiraraõ a Albuquerque , duas legoas distante. Acodidaõ ao rebate cincuenta Cavallos , e outros tantos Infantes , que facilmente foraõ desbaratados , elcapando só do perigo alguns , que naõ quizeraõ chegar a elle. Teve D. Joaõ de Garay esta noticia , e solicitou maior vingança : com 400 Infantes , e 400 Cavallos mandou interpretender o Castello de Ougueila , duas legoas distante de Albuquerque , huma de Campo Maior. Era o Castello pequeno , mas em bom sitio ; o lugar de 200 vizinhos : estavaõ no Castello duas Companhias governadas pelo Capitaõ Manoel Homem Pereira. Avançaraõ os Castelhanos guiados por Francisco Portilho , que havia assistido em

Recontro do Capitaõ André de Albuquerque.

Ou-

# PARTE I. LIVRO V.

353

Ouguella: forão rechaçados, deixando alguns Soldados mortos, e levando outros feridos. Aires de Saldanha ouvindo em Campo Maior o rebate acodio logo a elle, mas quando chegou a Ouguella ja os Castelhanos se haviaõ retirado. Paſſados alguns dias correraõ elles a Campanha de Mouraõ com seiscentos Cavallos. Desta inferencia, e de outras notícias entendeo Francifco de Mendoça, que intentavaõ atacar aquella Praça, avizou a Martim Afonso de Mello, mandou promptamente fccorrello, e tornando os Castelhanos a repetir a entrada, lhe tirou a preza o Capitaõ de Cavallos D. Henrique Henriques, e lhe tomou alguns Cavallos, quando passavaõ Guadiana. Martim Affonso de Mello desejando trocar os prisioneiros, que havia de huma, e outra parte, propoz este ajustamento em hum bolantim a D. Joaõ de Garay: naõ admittio elle a proposta, e respondeo, que prometia dar liberdade aos Castelhanos que estavaõ em Elvas. Sahiaõ estes a trabalhar no Forte de Santa Luzia, a que entaõ se dava principio, fabricando-le em huma eminencia vizinha á porta de Olivença, parte que olha a Badajoz. Teve D. Joaõ de Garay esta noticia, intentou satisfazer a promessa que havia feito, tirando os prisioneiros que continuavaõ a quelle trabalho. Era a empreza difficult, porém discursando D. Joaõ de Garay, que podia resultar do intento colher nos Olivaes de Elvas a Guar尼aõ que costumava sahir aos rebates, se arrojou a executallo. Elegeo para marchar huma noite tempestuosa, cahio esta em dous de Março, mandou hum Capitaõ com cincuenta Cavallos guiado por hum Soldado pratico, que se embocasse no outeiro do Baiaõ, que fica entre os Olivaes, vizinho ao Forte de Santa Luzia, promettendo-lhe que lhe daria calor com dois mil e quinhentos Infantes, e mil e quinze os Cavallos, que formaria em hum sitio chamado o Paço do Conselho, menos de huma legoa de Elvas. Executouſe toda esta disposiçao, e entraraõ os cincuenta Cavallos sem os sentirem as sentinelas, que costumavaõ ficar sobre os portos do Caia, prevençao que bastava para livrar de cuidado, e de perigo, em quanto Guadiana crecido com as aguas do Inverno se naõ vadeava, se

Anno

1642.

*Retiraõ-se os Castelhanos de Ouguella.*

*Varios sucessos.*

*Disposiçoes de D. Joaõ de Garay para tirar os prisioneiros.*

## 354 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

*Rebates em Elvas.*

*Sobe Martim Affonso com pouca ordem.*

*Retira-se o Governador das Armas com perigo.*

as tentinellas naõ trocáraõ pelo abrigo das choupanas a vigilancia a que se obrigáraõ; como esta noite fizeraõ; sendo na guerra similhantes descuidos occasião de maiores disgracas. Amanheceõ, abriõ se as portas de Elvas, sahio a gente da Cidade, avançáraõ os cincoenta Cavallos até o Forte de Santa Luzia, e desencontrando-se com os Castelhanos, que costumavaõ vir ao trabalho, o que era muito factivel, fizeraõ alguns Paizanos prisioneiros, e preza no gado que encontraraõ. Tocáraõ arma as sentinelas da muralha, avizou o sino do rebate aos que estavão levantados, e acordou os que dormiaõ; o repente multiplicou a confusão, o embaraço, a desordem com que se costumava sahir de Elvas aos rebates antes de chegar o desengano, de que os Olivaes naõ eraõ impeneraveis. Montou a cavallo Martim Affonso de Mello acompanhado de alguns Officiaes de Ordens, mandou sahir a Infantaria que foy encontrando, e sem aguardar a que ficava, nem dar muniçõens á que mandava marchar, sem haverem montado as Tropas, e estando os Olivaes por descobrir, marchou pela estrada principal com a Companhia de Infantaria de Joaõ Ribeiro Correa, a que seguiaõ quatro Tropas Hollandezas (que haviaõ chegado a Estremoz) e ordenou ao Capitão de Infantaria Luiz Pereira de Sá, que com a sua Companhia marchasse á maõ esquerda da estrada por onde elle caminhava, e deixou ordem na porta de Olivença, o seguirsem as Tropas, e Terços que fossem saindo, e que no Forte de Santa Luzia se metessem duas peças de artilharia. Pouco havia marchado, quando recebeo huma carga de seis Tropas do inimigo avançadas a dar calor aos cincoenta Cavallos. Naõ querendo os Hollandezes aguardar segunda, voltaraõ as costas. A Companhia de Joaõ Ribeiro Correa recebeo todo o damno, morreraõ parte dos Soldados, os outros ficaraõ feridos, e só o Capitão escapou com pouco credito. Martim Affonso de Mello intentou que o cavallo o livrasse do perigo: porém a terra com a chuva estava tão pezada, que com grande trabalho, e maior fortuna o poz em salvo, escapando de muitas balas que o seguirão: tiveraõ o mesmo succeso os Officiaes que

acom-

acompanhavaõ a Martim Affonso de Mello. Dom Manoel de Sousa vinha marchando pela mesma estrada com a sua Companhia, mas salvou'a, tendo tempo para melhorar de sitio: a de Luiz Pereira de Sá acodio ao rumor dos tiros, e dando de rosto com o inimigo, occupou huma tapada; avançaraõ os Castelhanos, chamando hum Capitão de Cavallos por Luiz Pereira de Sá: respondeo'lhe com huma carga, retiraraõ se elles, e forao formar-se ao 1 uteiro do Baiaõ. Os Mestres de Campo Dom Joaõ da Costa, Dom Joaõ de Sousa, e Dom Miguel de Azevedo (os dous ocupados novamente neste posto) quando os Castelhanos avançaraõ, estavaõ formando a Infantaria, e Dom Rodrigo de Castro as Tropas: as quaes acodiraõ promptamente, e avançando Dom Rodrigo com as Tropas, e algumas mangas de Mosqueteiros, defalojou as seis inimigas que estavaõ no uteiro do Baiaõ: forao estas incorporar-se com a mais gente, que se havia formado fóra dos Olivaes, e depois de Dom Joaõ de Garay persistir até a tarde neste sitio, se retirou para Badajoz. Acompanhou'o nesta occasião Dom Luiz de Alencastre, que havia chegado áquelle Exercito com o Posto de General da Artilharia, e trouxe a esta facçao tres peças de Campanha: durou pouco neste exercicio, naõ podendo muito tempo com o pezo de offendere a Patria, Idolo que a Natureza com mais reverencia venera. Recolheo-se a nosa gente com a liçaõ da cautela, que a infelicidade costuma ensinar. De huma, e outra parte se alternavaõ as emprezes, sendo humas vingança de outras. Martim Affonso de Mello, ainda que havia conhecido o falso trato de Antonio Mexia, Capitão da Ordenança de Campo Maior, havendo elle pretendido justificar com varias provas a sua innocencia, tolerava a communicaçao de Antonio Mexia com Dom Guilhelme de Burgo Irlandez, que governava Albuquerque. Aires de Saldanha, dando'lhe cuidado as muitas evidencias que caluniaõ Antonio Mexia, determinou apurar o seu procedimento. Costumava elle disimular a negociaçao com que erganava an bas as partes, levando com grande utilidade fazendas, que trocava por outras de Castella: este trato se celebrava em hum sitio

Retirase D.  
Joaõ de Ga-  
ray.

## 356 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

Prizas, e morte  
de Antonio Mexia.

Desbarata Dom  
Henrique Henriques os Castelhanos, e tira-lhe a  
preza.

sítio entre Campo Maior, e Albuquerque, e a confetir com Antonio Mexia vinha dissimulado Dom Guilhelme com duas Tropas, que mostravaõ ser segurança das mercadorias. Querendo Antonio Mexia acreditar a sua fidelidade, segurou a Aires de Saldanha entregar-lhe a Dom Guilhelme, e as duas Tropas. Aires de Saldanha com permissão de Martim Affonso aceitou a offerta, e levando Antonio Mexia com attenção, e segurança marchou ao sítio costumado das conferencias com quatrocentos Cavallos de Elvas, e Campo Maior, e quinhentos Infantes; porém não aparecendo nem as Tropas, nem Dom Guilhelme, prendeo Antonio Mexia, remetteo-o a Martim Affonso, que o mandou a Lisboa, e pagou morrendo no Limoeiro a falsidade do seu procedimento. Aires de Saldanha correo a Campanha de Villar d'ElRey, e sahindo duas Tropas a embaraçar-lhe a preza, que trazia as carregou até dentro da Villa, e lhes tomou alguns Cavallos. Neftes mesmos dias entráraõ os Castelhanos com leis Tropas pelos campos de Moura: fizeraõ preza em quantidade de gado, que levavaõ com grande sentimento dos lavradores. Estimulado destas queixas Dom Henrique Henriques, sahio de Moura com sessenta Cavallos, que dividio em duas Tropas, dando huma ao seu Tenente; avistou com ellas o inimigo duas legoas de Moura, carregou a retaguarda o tempo que bastou para deter a marcha até chegarem cincuenta mosqueteiros, que havia mandado tirar de Santo Alexo, e Cafra, tanto que chegáraõ, unindo os ás Tropas, obrigou aos Castelhanos a que largassem algum do gado que levavaõ, não deixando nunca de continuar a marcha: porém Dom Henrique os fez dilatar de sorte, que resolvendo os Castelhanos a pelejar, foy a tempo que teve D. Henrique noticia de que chegava a incorporar-se co n elle o Ajudante Joaõ Ribeiro Villa Franca com cem mosqueteiros, de quatrocentos com que havia sahido de Moura o Sargento mór Filipe de Mattos Cotrim, por ordem do Alcaide mór Luiz da Silva, a se incorporar com Dom Henrique. Com a noticia deste socorro investio elle valerosamente as leis Tropas, cahiraõ das cargas mortos alguns Castelhanos, amedrontados os mais voltáraõ as coltas.

costas. Seguió-lhes Dom Henrique o alcance até passarem a Ribeira da Chança, cinco leguas de Moura; deixáraõ toda a preza, e quarenta Cavallos, e ficou a resoluçao de Dom Henrique com merecido applauso. Poucos dias depois deste succeso chegou de Lisboa a Moura Dom Francisco de Sousa, e desejando accrescentar a sua opiniao com alguma facçao importante, se resolveo a interpretender a Villa de Arouche. Dava confiança para se conseguir este intento o descuido dos moradores; porque além de ficarem nove leguas de Moura, os caminhos por onde podiaõ investilos eraõ os mais asperos de Serra Morena, e ainda vencido este embaraço, como o poder naõ era proporcionado á empreza, podia contar-se a resoluçao por temeridade. Superando estas dificuldades juntou Dom Francisco mil e quinhentos Infantes pagos, e paizanos, e sessenta Cavallos da Tropa de Dom Henrique Henriques, e marchou a atacar Arouche: fez alto algumas horas em o Lugar de Ficalho, porque a aspereza do caminho tinha quebrantado muito a Infantaria: faltou-lhe este tempo para chegar ás horas destinadas, que era ao amanhecer, e para ser a marcha occulta: tendo o inimigo noticia della muito anticipadamente, o que constou a Dom Francisco: mas parecendo-lhe que devia preferir o empenho ao perigo, fez continuar a marcha, ainda que alguns Officiaes lhe aconcelhavaõ que desistisse da empreza: chegou á Villa com huma hora de dia, achou que era murada, e que dentro havia hum Castello impossivel de conquistar sem maior poder, que a Villa teria quinhentos vizinhos, e que todos com algumas Companhias pagas estavaõ preparados para a defensia; porém como naõ era tempo de tomar conselho, mais que com a execuçao, dividio a Infantaria, e a Dom Henrique Henriques mandou ocupar as estradas por onde podia vir socorro á Villa. Tocaraõ a investir as trombetas, e caixas: obedeceraõ os Capitães, e Soldados todos a hum tempo, e naõ valendo aos defensores a resistencia, por entre muitas balas entiáraõ o arrabalde: porém querendo com mais presla do que era conveniente, satisfazerse do trabalho com o despojo, scy consequencia deste desacerto a confusão, e des

Anno

1642.

Ataca D. Fran-  
cisco de Sousa a  
Villa de Arou-  
che.

cidem:

## 358 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

ordem: observou a Dom Francisco de Sousa, e por se não expor a algum perigo mandou tocar a recolher, todos obedeceraõ retirando cinco Soldados feridos: logo se puzeraõ em marcha, e levando grande despojo, e preza chegáraõ a Moura sem achar contradicção no caminho.

*Chega o Monteiro mór General da Cavalaria.*

Nestes dias havia Aires de Saldanha mandado varias vezes a Castella partidas grosas, que se recolheraõ com muitos cavallos, com que as Tropas se engrossavaõ, animando-se a maiores emprezas. Havia chegado de Lisboa Francisco de Mello Monteiro mór com o posto de General da Cavallaria, esperando ElRey, que o seu valor suprisse a pouca experiença que tinha deite exercicio: Martim Affonso de Mello querendo hospedallo com alguma empreza, intentou ganhar a Codiceira, Lugar entre Albuquerque, e Arronches, duas leguas distante desta Praça, presidiado com huma Companhia de Infantaria, e onde estava aquartelada outra de Cavallos. As prevençoens que Martim Affonso mandou fazer para a jornada não forao occultas aos Castelhanos, dando noticia dellas hum morador de Campo Maior, que fugio para Badajoz: mas não sabendo elle qual fosse a empreza, resultou só deste avizo chamar Dom João de Garay algumas Tropas a Badajoz. Teve Martim Affonso de Mello noticia deste movimento; porém mandando tomar lingua, e averiguando que era só prevenção, e que não passava de Badajoz, continuou o intento da empreza, entendendo que primeiro poderia executalla, que o inimigo preventilhe o damno. A 25 de Abril se poz em marcha, socegado o rumor que fizeraõ algumas Tropas Hollandezas, não querendo marchar sem lhes pagarem quatro mezes, que se lhes deviaõ, que logo se lhes satisfizeraõ. Levava Martim Affonso mil e oitocentos Infantes, quinhentos Cavallos, e duas peças de artilharia de Campanha: o dia que marchou foy tão tempestuoso, que com dificuldade chegou a Arronches; o seguinte á tarde partiu para a Codiceira: porém a dilação de passar a gente as ribeiras, foy de qualidaõ, que amanheceo antes de avisarem o Lugar. Chegados a elle dividiraõ a Infantaria, dispon-

*Marcha Martim Affonso á Codiceira.*

dispondo-a para o assalto os Mestres de Campo D. Joaõ de Sousa, e Ayres de Saldanha: arrojaraõ ie todos ás trincheiras, que facilmente levaraõ, porque as duas Companhias, e os moradores ie recolheraõ para o Castello; alguns, que se retiraraõ á Igreja, se quizeraõ defender, mas quebradas as portas, as vidas de oito pagaraõ a ou- fadia. Intentou-se sem effeito ganhar o Castello; porque as prevençõens naõ eraõ proporcionadas á resoluçao: sa- queouſe, e queimouse o lugar, e as Tropas destruiraõ al- guns pizoens, e casas do Termo, de que a todos os Sol- dados resultou utilidade: ficaraõ alguns feridos, entre el- les o Tenente General da artilharia Paulo Vernal Italiano. O rigor do tempo naõ deo lugar a outras operaçõens que estavaõ dispostas: retirou-se Martim Affonso de Mello pa- ra Estremoz, as Tropas, e Infantaria a seos quarteis.

Poucos dias depois desta jornada sahio de Cas- tello de Vide o Mestre de Campo D. Nuno Mascarenhas com 500 Infantes, e 60 Cavallos, a queimar o Lugar de San Tiago, que era de 300 vizinhos: quando chegou a elle, naõ achou quem lhe resistisse a entrada; porque os moradores tendo noticia anticipadamente, e naõ sendo soc- corridos dos Lugares a que pediraõ gente para se defende- rem, largaraõ o de San Tiago, a que D. Nuno mandou pôr o fogo. Acodindo todos os Paizanos daquelles contornos, occuparaõ hum mato muito espeso, pelo qual era for- ça haver de passar Dom Nuno: conhecendo elle esta dif- ficuldade invencivel, se retirou para Castello de Vide, naõ podendo passar adiante a executar maiores progressos. Quasi no mesmo tempo sahio de Moura D. Francisco de Sousa, e incorporando-se com elle Manoel de Mello (que estava em Serpa, e com quem havia ajustado a interpreza de Ensinasola) marcharaõ a executalla com 1200 Infantes, e 100 Cavallos. Era a facçao de importancia, pelo dñr no que de Ensinasola recebiaõ os neslos Lugares; mas anisca- da, por ter a Villa 400 vizinhos, e duas Companhias de Infantaria de Guariçaõ, estando tan bem duas Tropas aquarteladas nella; e juntamente por ter huma trincheira, que a rodeava, muito levantada, e hum Castello com grande capacidade para se defender. Vencidas, na-

Anno

1642.

Ganha-se o lu-  
gar da CodiceiraQueima D. Ni-  
no Mascarenhas  
o Lugar de San  
Tiago.

Anno  
1642.

## 360 PORTUGAL RESTAURADO,

consideração do valor dos nossos Soldados, por Dom Francisco de Sousa todas estas dificuldades, se poz em marcha dia de Maio pela manhã: fez alto á tarde, tres legoas da Villa, sendo a noite pequena, e o caminho aspero, por ficar Ensinasola na fralda de Serra Morena, amanheceo o dia seguinte antes de chegarem á Villa: forão sentidos, e esperavaõ os Castelhanos com grande resolução, guarneccida a trincheira. Patecia inevitável temeridade, mas he ley estabelecida entre os Portuguezes, que o perigo da vida não atalhe os caminhos da honra.

*D. Francisco de Sousa ataca a Ensinasola.* Dividio-se a Infantaria, para que os Castelhanos investidos por muitas partes, se desunissem, e se desanimassem. Correspondeo o effeito á resolução; porque atacadas valerosamente as trincheiras, as desamparáraõ os Castelhanos. Forão entradas com morte de muitos delles: porém os que se retiráraõ ao Castello, a seu salvo tomáraõ a vingança; porque ficando as ruas da Villa bem descortinadas, feriraõ oitenta Soldados, e mataraõ vinte e cinco. Procederaõ com muito valor os Capitaens Jeronymo de Moura, Ulderich Streach Hollandez, Joã Laton Inglez, e outros. Manoel de Mello sahio ferido em hum braço, não se excusando dos maiores perigos. Dom Francisco de Sousa acodio a todas as partes com muito valor, e prudencia, e vendo o damno que a Infantaria estava recebendo do Castello, mandou que se retirasse, ficando a Villa saqueada, e queimada.

*D. Francisco de Sousa se retira, garaõ a Retaguarda duas Tropas da Villa: investio-as saqueada, e quemada a Villa.* Vindo em marcha, carreto a Retaguarda duas Tropas da Villa: investio-as saqueada, e quemada a Villa. Dom Henrique Henriques, e obrigou-as a que se retirassem ao amparo das muralhas do Castello. Continuou-se a marcha sem outro embaraço, e chegaraõ os Soldados a Moura satisfeitos do despojo, que costuma ser hum dos melhores medicamentos das feridas, que recebem na guerra.

Em quanto por todas as partes se fazia em Alemtejo guerra ás fronteiras de Castella, passou com licença d'El Rey Martim Affonso de Mello a Lisboa. Publicouse, que não voltava a Alemtejo, porque com a guerra começou naquella Provincia a desordem de se appetecer, e de se conseguir a mudança dos Governadores das Armas; pade-

*parte i. libro vi.* 361

padecendo por esta causa o serviço d'El Rey grande detri-  
mento: porem Martim Affonso de Mello desvanecido es-  
ta opinião; porque tanto que fallou a El Rey, e lhe deo  
conta de varias queixas que tinha do Secretario de Esta-  
do Francilco de Lucena, que foy o principal motivo da  
sua jornada, logo voltou para Alem tejo, ficar do El Rey  
satisfeito do seu zelo, e bom procedimento. Em quanto  
estive ausente, governou as Armas o Monteiro mór Ge-  
neral da Cavallaria, e assistio em Elvas, aonde chegou  
Martim Affonso a tempo, que o Monteiro mór havia  
passado a Olivença com as Tropas de Elvas, e Cam-  
po Maior, e encorporadas com as de Olivença, ajuntou  
600 Cavallos, e 800 Infantes, governados pelo Sar-  
gento mór Joaõ Leite de Oliveira: amanheceo embos-  
cado junto de Alconchel, Villa distante tres legoas de  
Olivença, de que era senhor o Marquez de Castro For-  
te D. Joaõ de Menezes Soto Maior: achava-se dentro  
della, e rodeava huma trincheira trezentos fogos de que  
se compunha. Mais defensavel era o Castello, porque  
se levantava junto da Villa huma eminencia em que es-  
tava situado, taõ aspera, que fazia o Castello capaz de  
resistir muitos dias a maior poder: presidia-o duas  
Companhies de Infantaria, e 30 Cavallos. Naõ sendo o  
Monteiro mór sentido, sahiraõ os moradores a cultivar  
a Campanha, investiraõ as Tropas, fizerõ os pri-  
sioneiros, e rodearaõ a Villa. Acodiraõ os Castelhanos  
à trincheira; porém como era baixa, e elles poucos, a  
entraraõ facilmente os noslos 800 Infantes. Recolheraõ-  
se os Castelhanos ao Castello, foy saqueada a Villa, e  
retirouse o Monteiro mór para Olivença, ficando mor-  
tos em Alconchel o Capitão de Infantaria Manoel Nunes,  
e oito Soldados. O dia seguinte amanheceo D. Joaõ de  
Garay junto a Olivença com 1000 Cavallos e 200 In-  
fantes: sahio o Monteiro mór com as Tropas, e In-  
fantaria daquella Praça; travou-se huma escaramuça, que  
custou as vidas a muitos de ambas as partes. O Monteiro  
mór mandou vir de Olivença duas peças de artilharia de  
Campanha: tanto que começaraõ a jogar, retirou o in-  
imigo as suas Tropas, por naõ padecer danno sem utili-  
dade.

Anno

1642.

*Ganha o Mon-  
teiro mór a Vil-  
la de Alconchel,*

*E/ carreira  
em Olivença,*

## 362 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

Dāno em Cam-  
po maior por  
não pelejarem  
os Hollandezez.

dade. Recolheo-se Dom Joāo de Garay a Badajoz, e mandou duzentos Cavallos correr a Campanha de Campo maior: acharaõ elles, por descuido das sentinelas, alguns segadores no campo, aos quaes impiamente tiraraõ as vidas. Acodia ao rebate Joāo de Saldanha da Gama com huma Tropa Hollandeza: trazia ordem de Ayres de Saldanha para entreter os Castelhanos até elle chegar com a Infantaria; porém os Hollandezez, valendo-se do pretexto da falta de pagas, não quizeraõ pelejar, e deraõ lugar a que os Castelhanos se retirassem, levando consigo tudo o que acharaõ na Campanha. Paslado este succeso, chegou a Campo maior hum Clerigo, dizendo que vinha tratar do troco dos prisioneiros de ambas as partes, sendo o fim principal trazer duas cartas do Governador de Albuquerque: huma para Fernaõ Sanches natural de Campo maior, que depois foy Capitão de Cavallos, outra para hum Castelhano, chamado Braz Garcia, ambos valerosos Soldados. Continhaõ as cartas persuasioens para que lhe fizessem avizos importantes, offerecendo lhes grandes premios: entregaraõ as elles a Ayres de Saldanha, que as remeteo logo a Martim Affonso de Mello. Ordenou elle, que fingissem que se persuadiaõ, dizendo ao Governador de Albuquerque, que era necessario conferirem de rosto a rosto materia tão importante. Assim o executaraõ os dous, respondendo por hum priloneiro ás cartas que tiveraõ, e o dia que finalaraõ para a conferencia sahiraõ com trezentos Cavallos a esperar o Governador de Albuquerque: porém não lhe chegando o avizo, não fez a jornada, e ficou livre do perigo. Neste mesmo tempo havia intentado o Monteiro mór interpretender a Villa de Alconchel, mas sahindo o Sol antes de chegar a ella, se fetirou por Valverde, onde encontrou huma Companhia de Infantaria de Waloens, que degollou, em satisfaçao dos segadores de Campo maior. Não logrando o Monteiro mór este intento, executou outro: amanheceo sobre Chéles, Lugar tres legoas de Olivença, presidiado por duzentos e cincuenta Infantes, e trinta Cavallos: levava o Monteiro mór quinhentos Infantes, governados por Dom Diogo de Menezes Capitão de Infantaria, que pas-  
fando

Tando a Alemtejo com o Conde do Vimioso assentou praça no Terço de Dom Luiz de Portugal, e querendo ter noticia de todos os postos antes de chegar ao de Capitão, foy Cabo de Esquadra, Sargento, e Alferes; quando o Monteiro mór chegou de Lisboa o levou de Guarnição para Olivença, e estimando nelle as muitas virtudes de que era dotado, lhe entregou este Troço de Infantaria. Estavaõ os Castelhanos prevenidos com noticia muito anticipada do intento do Monteiro mór, e tendo elle este avizo naõ desistio da empreza, mandou com as Tropas ganhar as estradas, para que os Castelhanos naõ fossem foccorridos, e investio Dom Diogo de Menezes as trincheiras com tanta resoluçāo, que fendo o primeiro que subio por ellas, seguido de todos os Officiaes, e Soldados, matando, e ferindo os Castelhanos que encontravaõ, os obrigáraõ a se recolher em hum Fortim, que novamente haviaõ fabricado. Tornou Dom Diogo a formar a Infantaria com intento de investir o Fortim; porém entendeu o Monteiro mór, que a dilaçāo podia ser perigosa, porque tendo os Castelhanos anticipada noticia daquella jornada, sem falta teriaõ dado aviso a D. Joaõ de Garay, que havia de marchar a foccorrelos, mandou pôr fogo ao Lugar, e se retirou por Telena huma legua de Chéles, e passando Guadiana desta parte se voltou para Olivença. Foy o discurso acertado, porque Dom Joaõ de Garay com o aviso que teve dos Castelhanos de Chéles, marchou a foccorrelos com mil e duzentos Cavallos, e trezentos Infantes, e chegou a Chéles poucas horas depois de partido o Monteiro mór; seguiu o até Guadiana, e retirou-se, examinando que as noñas Tropas haviaõ passado o rio. O Monteiro mór desejoſo de que os Castelhanos recebessem repetida molestia nos teos Lugares mandou ao Cōmissario geral Gaspar Pinto Pestana com trezentos Cavallos, e a D. Diogo de Menezes com cincuenta Mosqueteiros montados em mulas á Figueira de Vargas, Lugar de 350 vizinhos, quatro leguas de Olivença, ao amanhecer chegaraõ ao Lugar, entraraõ facilmente por naõ haverem ſido ſentidos, e retiraraõ com grande preza, deixando mortos alguns Castelhanos, que

Anno

1642.



Ganha o Monteiro mór Chéles.




Ganha o Fi-  
gueira de Vare-  
gas.

Anno  
1642.

*Industrias com  
que se livrão as  
Tropas do Com-  
missario,*

364 PORTUGAL RESTAURADO,  
acodiraõ ao socorro de suas casas. Retiraraõ se para Al-  
conchel, aonde haviaõ chegado de Comboy trezentos e  
cincoenta Cavallos, tomaraõ os Castelhanos lingua, e con-  
stando lhes que eraõ superiores ao nosso poder, ie resolve-  
raõ a atacar a retaguarda das nossas Tropas; occupou-a  
Xantrene Coronel Francez com cincoenta Cavallos, e foy  
entretenendo grande espaço aos Castelhanos: porém carre-  
gando elles com mais calor, por naõ haver o Cõmissario  
desistido da marcha, conhecendo elle a causa desta resolu-  
çao fez alto, ordenando que a preza sem se deter passasse  
a Olivença. Acodio D. Diogo de Menezes a retaguarda  
das Tropas, e fazendo desmontar os mosqueteiros, dete-  
ve com repetidas cargas a deliberação dos Castelhanos.  
Vendo elles a nosla Cavallaria cançada, e menos que a  
que levavaõ, se resolveraõ a pelejar; mas a este tempo ja  
o Cõmissario havia formado as Tropas, e D. Diogo de  
Menezes a pé diante dos seos Soldados lhes fazia valero-  
famente empregar todos os tiros; porém naõ fora facil fa-  
hirem huns, e outros do perigo que os ameaçava, se o Cõ-  
missario persuadido por D. Diogo de Menezes naõ mandá-  
ra pôr fogo ás fementeiras, que estavaõ dispostas para ar-  
der, e achando o vento grande, e favorável, por dar no  
rostro aos Castelhanos, se ateou de sorte o fogo, e com tal  
brevidade, que naõ só obrigou aos Castelhanos a que se  
retirassem, naõ podendo vencer as chammas, e o fumo,  
mas abrazou mais de oito leguas de terra, de que recebe-  
raõ todos os Lugares vizinhos consideravel perda. O Cõ-  
missario continuou a marcha livre do perigo, deixando  
mortos oito Soldados, e trazendo vinte feridos á custa das  
vidas de sessenta Castelhanos. Poucos dias depois deste suc-  
cesso teve noticia o Monteiro mór, que os Castelhanos  
chamavaõ a Albuquerque as Tropas dos quarteis, e per-  
suadindo-se, que determinavaõ, entrando pela parte de  
Campo Maior, celebrar em Portugal a festa de Santiago  
orago militar dos Castelhanos, que cahia em hum dos dias  
seguintes, querendo especular com mais fundamento esta  
idea, mandou Antonio Teixeira Capitão de Dragões com  
sessenta a to nar lingua a Badajoz, advertindo-lhe, q o Cõ-  
missario geral sahitia com o resto das Tropas a dar-lhe ca-  
lor,

## PARTE I. LIVRO VI. 365

lor, e faria alto em o sitio da Corchuela, mais de huma legoa de Badajoz, e menos de tres de Olivença. Antonio Teixeira tanto que sahio o Sol, executando a ordem que levava, correo a Campanha, e fez alguns Paizanos prisioneiros, matando seis, que se quizeraõ defender em hum monte: tocou'le arma, sahiraõ duas Tropas de Badajoz, seguiraõ Antonio Teixeira, e entendendo elle que as metia na emboscada, errou o caminho da Corchuela, onde estava o Commissario, e veio parar a Olivença sem receber damno. O Commissario cuidadoso da dilaçao de Antonio Teixeira mandou ao Coronel Bosiment com 40 Cavallos, que se adiantasle a procurar noticia de Antonio Teixeira. Pouco havia march do, quando deo vista das duas Tropas que se vinhaõ retirando: investio'as, e rompendo'as, seguiu os Castelhanos ate a emboscada; mandou o Commissario avançar as Tropas de D. Rodrigo de Castro, e D. Joaõ de Ataide, que matando huns, fazendo prisioneiros outros, obrigaraõ aos mais a se retirarem a Telena. Sahiraõ de Badajoz cem Cavallos a dar calor ás duas Tropas: estes foraõ descobertos das sentinelas, que o Commissario havia avançado, e vendo que vinhaõ cahir na emboscada, colhendo dous batedores, sem serem vistos dos cem Cavallos, mandou ao Coronel Xantrene, e a D. Rodrigo de Menezes, que ja era Capitaõ de Cavallos, que encobertos com as arvores marchassem sobre a maõ direita a cortar os Castelhanos, que vinhaõ marchando para aquella parte: executaraõ elles a ordem; porém descobrindo-se anticipadamente, deraõ lugar aos Castelhanos a voltarem as costas, antes de poderem ser cortados: e seguiraõ os, e fazendo alguns prisioneiros, tornaraõ a encorporarse com o Commissario, e todos voltaraõ a Elvas com 50 Cavallos dos Castelhanos. As Tropas que ficaraõ em Badajoz sahiraõ ao rebate: mas naõ quizeraõ empenhar se na contingencia do numero das nossas. Em todas as Praças de huma, e outra parte se repetiaõ as entradas, quasi com successos iguaes. Em Campo Maior naõ tiveraõ os Hollandezes boa fortuna: foraõ 30 desmontados a Castella, depois de se lhes haver prohibido, por outras

Anno  
1642.

*Desbarata o  
Commissario  
duas Tropas  
Castelhanas;*

## 366 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

Manda enforcar D. João de Garay trinta Hollandezes.

Pessoas  
muitas da vila  
não faltam  
diz

entradas, que haviaõ feito ; mas prevalecendo com elles a ambiçaõ da pilhagem, entráraõ sem licença pela parte de Montijo : foraõ sentidos, e colhendo os os Castelhanos a todos, quando esperavaõ liberdade, mandou D. João de Garay enforcallos, exemplo, que foy muy util a huma, e outra parte. O Monteiro mór, informado de hum Castelhano, que de Villa-Nova del Fresno passou para Mouraõ, foy com 250 Cavallos armar as duas Tropas, que se aquartelavaõ em Villa-Nova : porém naõ resultou da diligencia grande effeito, porque naõ se dispõndo a emboscada como convinha, cahiraõ só nella nove Castelhanos, que ficáraõ prisioneiros. Desta jornada do Monteiro mór teve noticia D. João de Garay taõ anticipadamente, que ajuntando 1200 Cavallos, se poz em marcha para Villa-Nova, a tempo que lhe veio recado, que as Tropas de Campo-Maior levavaõ todo o gado da Villa da Povoa. Achava-se com poder para assistir a ambas as partes, mandou a esta 600 Cavallos, e com outros 600 marchou para Villa-Nova. Em Alconchel achou avizo, que o Monteiro mór se havia retirado, e voltou-se para Badajoz. Os outros 600 Cavallos, antes de chegar á Povoa, souberaõ que com pouca distancia marchavaõ as Tropas de Campo-Maior, levando o gado de todo aquelle distrito : constavaõ as Tropas de 160 Cavallos, de que era Cabo João de Saldanha da Gamma, que em ausencia de Aires de Saldanha governava Campo-Maior. Sahio a fazer esta preza na fé de haverem marchado as Tropas para Villa-Nova, como havia tido noticia, porque de outra sorte se naõ refolveraõ a empenharse, ficando a Povoa cinco legoas de Campo-Maior, coberta com as maiores Praças dos Castelhanos : porém ultando da cautella conveniente deixou huma partida sobre Badajoz, que o avizou do grande poder com que o inimigo vinha a buscallo. Conhecendo elle o perigo a que estava exposto, despedio promptamente avizo ao Sargento mór Manoel da Silva Peixoto, que havia ficado governando Campo-Maior, para que sahisse a soccorrello com a Infantaria daquella Praça, e que logo lhe mandasse 40 Cavallos, que haviaõ ficado nella. Obedeço

deceo o Sargento mór , e adiantáraõ se os quarenta Cavallos á ordem de Fernaõ Rodrigues Galvaõ Capitaõ da Orde-  
nança. Encontrou Joaõ de Saldanha quando sahia dos  
matos de Xebora , huma legoa de Campo Maior , e reco-  
nhecendo que o inimigo se adiantava de sorte , que sem  
duvida o romperia antes de chegar a Campo Maior , lar-  
gou a preza de gado miudo , e com a outra se salvou em  
Ouguella , que lhe ficava menos distante : porém naõ dei-  
xára de padecer grande estrago , se Fernaõ Rodrigues que  
deixou na retaguarda os quarenta Cavallos naõ entretivera  
com tanto valor , e destreza os batedores do inimigo ,  
que naõ tiveraõ lugar de se baralharem , e deterem as noi-  
sas Tropas. Fernaõ Rodrigues tem damno algum se reco-  
lheo a Campo Maior : fizeraõ os Castelhanos alto , e  
ao mesmo tempo deraõ vista da Infantaria , que vinha  
entrando em huma deveza pouco distante de Campo-  
Maior. Naõ dilatáraõ a resoluçao de avançalla ; porém  
o Sargento mór que a governava , tendo tempo de se va-  
ler de huma tapada , e do amparo das arvores , ficou for-  
mado em sitio tão seguro , que depois dos Castelhanos  
deixarem mortos na Campanha quarenta Soldados , se  
retiraraõ sem outro effeito para Badajoz , e o Sargento  
mór com a Infantaria para Campo Maior. Passados poucos  
dias , degollarão cem Cavallos de Valença duas Companhias  
de Infantaria de Castello de Vide por culpa dos Capitaens ,  
que fiados na aspereza daquelle sitio marchavaõ com pou-  
ca cautella. Tornaraõ de Valença a entrar os Castelha-  
nos com quatrocentos Cavallos , e cincuenta Mosque-  
teiros ; mas sendo sentidos , quando chegavaõ a Fer-  
reira , das sentinelas , que os Paizanos daquelles Luga-  
res costumavaõ a pôr nas ferras vizinhas , avizáraõ  
os moradores da Povoa das Meadas , os quaes vendo  
que naõ podiaõ defenderse , desamparáraõ o Lugar. En-  
traraõ nelle os Castelhanos a ser testimunhas da vale-  
rosa resoluçao de Joaõ de Almeida Alferes da Orde-  
nança da Companhia de Tolosa. Havia-se retirado sem  
levar consigo a bandeira , porque o rebate repentina-  
foy origem do descuido de deixálla ; estando distante  
do Lugar , e os Castelhanos entrados nelle , cahio nel-

Tom. I.

Z 3

te

Anno

1642.

*Salva se em Onguella Joaõ de Saldanha.*

*Decollaõ os Castelhanos duas Companhias.*

Anno

1643.

*Acção valerosa  
do Alferes Joaõ  
de Almeida.*

te erro; e ainda que achava a vida segura, como o naõ estava a seu parecer a opiniao, procurou o remedio, que só a honra costuma buscar no perigo: entrou o Lugar, e achando a bandeira ainda no Corpo da guarda pegou nella, e ao mesmo tempo o invistirão alguns Castelhanos: foy-se retirando, e defendendo até hum Lugar, onde havia deixado o cavalo em que viera; montou nelle com duas feridas, deixando-as satisfeitas na vida de hum Castelhano, e sem embaraço dos mais que o seguiaõ, salvou a bandeira, e a vida, e immortalizou a sua memoria. Retiráraõ-se os Castelhanos, e tendo Dom Nuno Mascarenhas avizo desta entrada, acodio com duzentos Infantes, e temerariamente se resolveo a ocupar o Porto dos Cavalleiros, hum dos do rio Sever, que corre entre Castello de Vide, e Valença: quando chegou, achou algumas Tropas do inimigo ainda desta parte: ocupou hum alto inexpugnável, fez dar aos Infantes repetidas cargas, a que alguns Castelhanos renderão as vidas. Entrou o mez de Outubro, e com o Outono a mudanca do governo das Armas da Provincia de Alemtejo. Martim Affonso de Mello continuava a assistencia de Estremoz, havendo deixado Elvas contra o parecer de seos amigos, e dependentes, de que resultava a murmuracao dos que o naõ eraõ. Arguiaõ o juntamente seos inimigos de asperro com os pertendentes, pouco pratico na guerra, e confuso nas ordens; e accumulavaõ-lhe outras culpas com pouca razaõ; porque havia entrado a governar a Provincia de Alemtejo no tempo de maior perigo, e sem receber danno algum tinha sustentado a guerra, e aumentado as Fortificaçoes, remediando juntamente as demias dos Hollandezes, que forao muito exorbitantes. Ouvio ElRey as calumnias que arguiaõ a Martim Affonso de Mello, especulando a verdade dellas com menos diligencia do que elle merecia, e ajudando-as Franciso de Lucena, pouco inclinado ás acçoes de Martim Affonso. Resultou destes accidentes mandar ElRey ao Conde da Torre com Gregorio de Valcassar a reformar o Exercito de Alemtejo, independente de Martim Affonso. Originou-se desta commissao entre os douos forçosa desconfiança

*Elege ElRey  
Conde da Torre  
para reformar  
o Exercito.*

fiança. Reformou o Conde muitos Officiaes contra o parcer, e gosto de Martim Affonso de Mello, por haver introduzido aos mais delles nos Postos que occupavaõ, e dispoz a seu arbitrio tudo o que lhe pareceo conveniente; e acabada a commissão, voltou para Lisboa. Entendeo-se que informará a El Rey pouco a favor de Martim Affonso de Mello; porque no mesmo tempo lhe mandou El Rey Patente de Governador do Algarve, e ao Conde de Obidos, que occupava este Posto, avizo de que o havia nomeado Governador das Armas da Provincia de Alemtejo. Chegou o Conde em Outubro a Elvas, e partiu de Estremoz Martim Affonso de Mello para o Algarve. O Conde de Obidos havia servido no Brasil, e em Flandes com muito bom procedimento, e esperava-se do seu juizo, e da affabilidade do seu trato, que exercitasse com grande acerto a occupação que El Rey lhe entregava. Antes de chegar o Conde a Elvas, havia o Monteiro mór sahido de Olivença com trezentos Cavallos a buscar tres Tropas, que davaõ comboy aos Paizanos, que vindimavaõ as vinhais de Telena. Com esta noticia, dada por tres Soldados que mandou sobre Badajoz, e sem mais seguro exame, marchou o Monteiro mór ao amanhecer, e fazendo prisioneiro as partidas, que levava avançadas, hum Soldado Castelhano, examinando-o, disse, que o comboy das vindimas eraõ quatrocentos Cavallos, e seiscientos Infantes. Como se o Soldado fosse a Cortezão, lhe custou a vida o falar verdade, e não chegou o arrependimento aos que lhe deraõ a morte, senão depois da experiença, que foy para todos inutil satisfação. Viraõ estes alguns Cavallos dos que o inimigo havia avançado para a parte de Olivença, que era a de maior suspeita, tendo do outro lado Guadiana por segurança: investiraõ os; porque para os meter em maior empenho, cederaõ os Castelhanos. O Monteiro mór vendo que as Tropas dos Castelhanos montavaõ em socorro das partidas, que hiaõ carregando, avançou toda a gente que levava consigo, a tempo que os Castelhanos o vinhaõ buscar com quatrocentos Cavallos, e seiscientos Infantes. Vendo o Monteiro mór a desigualdade do poder, determinou retirar-se com tempo, e elegeo a ponte de

Anno  
1642.

*Passa Martim  
Affonso a go-  
vernar o Al-  
garve, e o Côde  
de Obidos a  
Alentejo.*

Anno  
1642.

### 370 PORTUGAL RESTAURADO,

Olivença por ser menos distante , ficando pouco mais de huma legua daquelle sitio : fez marchar a bom passo as Tropas , ficando elle com os Officiaes , e cincuenta Cavallos escolhidos na retaguarda dellas ; carregaraõ valerosamente os Castelhanos , mas naõ puderaõ conseguir descompor a ordem da retirada. O pó , e o fumo avizou a Dom Joaõ da Costa , que governava Elvas , e estimulando-o a actividade de que era dotado , sem dilaçao alguma se poe em marcha com mil Infantes , cento e sessenta Cavallos , e duas peças de campanha. Com este poder marchou para hum dos portos mais vizinhos á ponte de Olivença , querendo mostrar ao inimigo , que determinava passar Guadiana , e com esta destreza deter a furia com que vinha atacando ao Monteiro mór. Foy de tanto efeito a bem fundada idéa de Dom Joaõ da Costa , que duzentos Cavallos , que a toda a pressa sahiraõ de Badajoz a se incorporar com as Tropas que andavaõ pelejando , fizeraõ alto e acodiraõ ao porto que Dom Joaõ da Costa mostrava , que queria passar. Haviaõ tambem com este cuidado as mais Tropas detido a furia com que carregavaõ , dando tempo ao Monteiro mór para mandar oitenta Dragoens a segurar o porto da ribeira de Olivença , que forçosamente havia de passar , ordenando-lhes que tanto que estivessem da parte della , desmontados guardassem o porto. Foy esta diligencia de grande efeito , porque os Castelhanos com o temor de Dom Joaõ da Costa , e com o pretexto de achar aquelle passo defendido fizeraõ alto , e o Monteiro mór passou sem perigo a ribeira , e chegou á ponte de Olivença sem perda consideravel. Dom Joaõ da Costa vendo que o Monteiro mór havia passado a ribeira deixou no porto em que estava duas mangas de Mosqueteiros , e marchou para a ponte a se incorporar com o Monteiro mór. Logrou Dom Diogo de Menezes a maior parte da gloria daquelle dia , porque escolhendo os melhores Cavallos da sua Tropa , veio sempre sustentando todo o pezo da escaramuça. Acodio tambem quasi ao mesmo tempo a Infanteria de Olivença , e os Castelhanos vendo tanto poder junto se retiraraõ para Valverde , e as noslas Tropas para os seos quarteis. O Conde de Obidos logo que chegou a

*Livro Je o Monteiro mór como o soccorre de Dom Joaõ da Costa.*

Elvas.

Elvas determinou passar a Oliverça ; dois dias antes que fizesse a jornada fugio hum Mouro de Elvas para Bada-  
joz, e deu esta noticia a Dom Joaõ de Garay. Resolveo-  
se elle a examinar a verdade della. Montou com mil Ca-  
vallos, e emboscou-se com elles no caminho de Oliven-  
ça : porém o Conde de Obidos havia hido a Olivença o  
mesmo dia que o Mouro sahio de Elvas, e voltado a El-  
vas sem fazer dilaçõ, brevidade que desvaneceo o inten-  
to de Dom Joaõ de Garay. Naquelle noite , por não baldar  
de todo a jornada , arrimou as Tropas a Oliverça : ao  
amanhecer mandou duas a correrem as sentinelas , que  
sahiraõ da Praça. Montou a Cavallaria de Olivença ao  
rebate : os primeiros Cavallos que sahiraõ entretiveraõ  
de forte as duas Tropas , que chegando o Tenente Gene-  
ral da Cavallaria Dom Rodrigo de Castro com as que ha-  
via na Praça , carregou as duas até a emboscada. Sahio  
Dom Joaõ de Garay della : voltaraõ as nossas Tropas a va-  
ler-se da Infantaria , que o Monteiro mór havia formado  
nos Olivaes : na retirada tomaraõ os Castelhanos vinte  
Cavallos , e deixaraõ moitos dez Soldados , e sem occa-  
sionarem mais damno se voltou Dom Joaõ de Garay pa-  
ra Badajoz. No principio de Novembro chegou a Elvas  
com o poito de Mestre de Campo General Joanne Men-  
des de Vasconcellos. Julgou-se por acertada a eleiçao d'El-  
Rey , tendo-se grande conceito da sua capacidade , haven-  
do servido com reputaçao de Capitão de Cavallos em Flan-  
des , e de Mestre de Campo no Brasil. Neste anno não hou-  
ve mais hostilidades , que algumas que os Castelhanos fi-  
zeraõ nos Campos de Mouraõ , havendo El Rey mandado  
que se suspendessem as entradas á petição dos povos , que  
entendiaõ que o inimigo só provocado nos fazia damno :  
porém , conhecido o engano desta opinião , se tornaraõ a  
continuar , como adiante referiremos.

A Provncia de Entre Douro e Minho , depois que Dom Gastaõ Coutinho sahio della ficou governada pelos tres Mestres de Campo Marcel Telles de Menezes , Diogo de Mello Pereira , e Viole de Atys. Continuaraõ o seu governo sem facçao de importan-  
cia até o mez de Setembro do anno que escrevemos.

Anno

1642.

Escarameça em  
Olivença.Joanne Mendes  
de Vasconcellos.  
Mestre de Cam-  
po General.

Neste

## 372 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

Entrada em  
Galliza.

Successos de  
Traz os Mó-  
tes.

Neste tempo tiverão carta de Rodrigo de Figueiredo, Governador das Armas de Traz os Montes, em que os avisava, que o Prior de Navarra, que havia sucedido no governo das Armas de Galliza ao Marquez de Val Paraiso, ajuntava gente para entrar em Portugal: que elle se prevenia para se lhe oppor, que lhes rogava quizessem fazer alguma diversão. Tanto que lhes chegou este aviso, repartirão entre si a diligencia de ajuntar gente, e a treze de Setembro se achárao todos em Monçaõ com oito mil Infantes, e cento e vinte Cavallos, e o dia seguinte entraráo em Galliza, e alojarao no Lugar de Corveiho, de cem vizinhos, que saquearao, e queimarao. Continuárao a marcha, e caminhando oito légoas por Galliza dentro, destruirão, e queimarao muitos Lugares grandes, e quantidade de Aldeas: retirárao-se a Lindozo, e havendo o inimigo quebrado huma ponte por onde haviaõ de passar, buscárao o porto do rio, que achárao defendido; mas facilmente fizerão desalojar os Galegos, e se retirárao sem damno algum. No mesmo tempo, com ordem dos Governadores, havia entrado pela Portela de Homem Vasco de Azevedo Coutinho, e sem alguma oposição queimou vinte Lugares do Conselho de Lindoso, alguns delles reedificados, havendo padecido antecidentemente similhante estrago. Rodrigo de Figueiredo continuou o governo da Província de Traz os Montes de Janeiro até Setembro sem facção de importância de ambas as partes. No tempo que avizou os Governadores do Minho, marchou para Galliza com quinze mil Infantes, e cento e cincuenta Cavallos, e cinco peças de artilharia. Sahio de Valverde, e entrou em Fizes Lugar despovoado de Galliza, onde dispôz a gente na melhor forma, que lhe foy possível, ignorando as Ordenanças os preceitos de se ordenarem, como convinha. Chegou com esta gente a Mandim, Lugar tambem destruido, e passou a alojar em hum sitio, chamado Ferráo, esperando nelle avizo da entrada dos Governadores de entre Douro e Minho, determinando que os dous Troços se juntassem, para que o damno de todos aquelles Lugares fosse sem reparo: porém vendo que o avizo tardava, e a gente se lhe di-

Anno

1642.

diminuia, adiantou setecentos Infantes, e os cento e cincuenta Cavallos, que governava o Capitão de Cavallos Francisco Pereira da Silva. Era a ordem que levava, entreter a gente que sahiste de Monte-Rey. Teve avizo de huma partida que avançou, de que entre os Lugares de Tamaguellos, e Mouraços appareciaõ tres Tropas do inimigo, e sem outra consideraçao dividio as tres que levava. Mandou a Miguel Ferraz Bravo, que marchasse com huma pela estrada, a Gregorio de Castro com outra por junto do rio Tamega, e elle com a terceira atalhou por hum valle com o fim de chegar mais de presla ao inimigo como conseguiu, e carregando valerosamente as tres Tropas as obrigou a voltarem as costas. Seguiu-as até as vinhas do Lugar de Verim, unido a Monte-Rey, tomou sete Cavallos, e incorporadas as outras duas Tropas, determinou retirar-se a se unir com o grosso, por aparecer o inimigo formado com cinco mil Infantes, e quatrocentos Cavallos: porém barbaramente persuadido de hum Francisco chamado Ugo Ordio Mestre de Campo, se deixou ficar, por lhe dizer o Francez, que era reputaçao das armas d'El Rey não largarem o campo. D. Martim de Redim Prior de Navarra, que vinha marchando, vendo a occasião tão opportuna, avançou com a Cavallaria, e algumas mangas de Mosqueteiros, e obrigou a Francisco Pereira a largar por força o campo, que pudera deixar com reputaçao, e sem perigo. Retirou-se a hum monte aonde havia chegado parte dos setecentos Infantes que levava á sua orden. Puxou o inimigo por toda a Infantaria, e quando cerrava a noite atacou no monte as Tropas, e Infantes. Defenderaõ-se muito espaço com grande valor, e Rodrigo de Figueiredo, tanto que ouvio as cargas, marchou com toda a gente a soccorrer Francisco Pereira. Porém como a noite fosse escura, a confusão grande, e a gente mal disciplinada, parte da que levava se voltou para Portugal. Chegou Rodrigo de Figueiredo com a que se resolveo a seguir ao lugar onde se pelejava, entrou valerosamente no conficto: porém, não lhe valendo todas as diligencias que fez, o Prior de Navarra pelejou com tanto valor, e boa disposição, que as nos

*Recontro de Viz  
rip.*

## 374 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1642.

*Retirão-se os  
Portuguezes  
sem perda.*

As Tropas, e Infantes voltáraõ as costas. Livrou-as a noite do ultimo danno, recolhendo-se a hum monte, onde havia ficado a artilharia, que com similhante desordem buscaraõ, os que a governavaõ a seu arbitrio, esta eminencia. Rodrigo de Figueiredo por naõ ter conhecido, e pelo valor com que pelejou, deixou de ficar prisioneiro: chegou com os mais ao monte, e quando amanheceo achou que havia perdido duzentos homens entre mortos, e prisioneiros, sendo hum delles o Capitão de Cavallos Miguel Ferraz, e hum dos mortos Antonio da Cunha, e outros Oficiaes da Ordenança. O inimigo tambem perdeo alguns Soldados, que fez pouco fentidos a gloria do bom iuscello. Rodrigo de Figueiredo, com a gente que lhe havia ficado, marchou á volta do inimigo, e fez alto em Villarelho, legoa e meia de Monte-Rey. Neste Lugar se deteve cinco dias, mandou em todos elles correr sem oposição a Campanha. No ultimo sahio o inimigo de Monte-Rey com seis mil Infantes, e quatrocentos Cavallos, e marchou para Villarelho. Naõ duvidou Rodrigo de Figueiredo de pelejar, sahio do quartel onde estava com a gente que lhe havia ficado, e alguma que havia conduzido, e com duas peças de artilharia, e formou-se diante do inimigo. Persistio desta sorte todo o dia, e vendo que o inimigo duvidava de pelejar com elle, se retirou tanto que foy noite a Villarelho, por naõ achar em tres mil homens, que lhe haviaõ ficado, a resolução que desejava. De Villarelho passou a Chaves, e o inimigo voltou para Monte-Rey sem outro effeito. Poucos dias depois deste successo entráraõ sem ordem em Galliza tres Companhias de Vinhaes, derrotou-as a gente da Puebla de Señabria. Succederaõ a estes outros encontros de huma, e outra parte, de menos consideração.

As Armas da Província da Beira tiveraõ este anno mais exercicio, que os antecedentes. Chegou a governalla Fernão Telles de Menezes nos primeiros dias de Março. Entregou-lhe El Rey esta occupação (de que allevio a Don Alvaro de Abranches) nomeando-o do Conselho de Guerra, e concedeo-lhe todas as prevenções que lhe pedio para defender a Província. Levou a ella por Mestre

*Successos da  
Província da  
Beira que go-  
verna Fernão  
Telles de Me-  
nezess.*

Mestre de Campo de hum Terço de Infantaria a D. Sancho Manoel. Havia assistido muitos annos em Italia, e Flandes com muito boa reputaçāo, passou depois por Sargento mór ao Brasil, e veio a ocupar os maiores postos do Reino. Chegou Fernāo Telles á Guarda, onde lhe entregou Joaō de Saldanha o governo. Poucos dias depois de chegar teve avizo de Braz Garcia Mascarenhas Governador de Alfaiates, que D. Francisco de Hiraga, que governava Alvergaria, mandava fazer algumas prezas, que não restituia, como se havia observado em tempo de D. Alvaro de Abranches, e no que durou o governo de Joaō de Saldanha. Pareceu-lhe a Fernāo Telles que era tão leve a causa de romper a guerra, que se devia esperar maior occasião. Dentro de poucos dias entrárao quarenta Cavallos até o Lugar de Forcalhos: acodio ao rebate Braz Garcia Mascarenhas; retirou-se o inimigo, levando daquelles Lugares preza considerável: na retaguarda fez prisioneiros Braz Garcia Mascarenhas nove Soldados, e hum Alferes. Com a noticia deste novo movimento se resolveu Fernāo Telles a romper a guerra, não querendo que o inimigo na confiança de sua dissimulaçāo se animasse a maiores emprezas. Mandou a Joaō de Saldanha com cem Cavallos para a Villa de Alfaiates, e a D. Sancho Manoel com parte do seu Terço para Castello Bom, ordenando-lhes que acodissem aonde fosse mais precisa a sua assistencia. Poucos dias depois de chegarem aos alojamentos destinados, sahiraõ os Castelhanos de Alvergaria, entrárao no Lugar de Forcalhos, saquearaõ-o, puzeraõ-lhe o fogo, e levárao a maior parte dos moradores prisioneiros. Acodio Joaō de Saldanha a tempo que o inimigo se havia retirado. Desejando não dilatar a vingança, mandou ao Capitão Diogo de Toar, que entrasse o Lugar de Cazilhas, rico, e bem povoado, e elle ficou em oposição do socorro, que podia sahir de Alvergaria. Encontrou-se Diogo de Toar com D. Sancho, que também havia acodido ao rebate; uniraõ-se os dous, entrárao no Lugar, e depois de saqueado lhe puzeraõ o fogo. Fernāo Telles mandou depositar todos os despojos que os Soldados tiveraõ, até examinar

Anno  
1642.

## 376 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

Composição artifiosa dos Castelhanos.

Resolve\*le Fer-  
não Telles rom-  
per a guerra.

nar se o inimigo solicitava nova concordia. O dia seguinte veio hum volantim do Duque de Alva, em que seguia, que as entradas succedidas fora desmancho dos Soldados, e que fazendo-se igual restituição de huma, e outra parte do que se havia roubado, não succederia novo accidente que perturbasse o socego. Ajustou-se Fernão Telles a esta proposta, soltaraõ-se os prisioneiros, e restituiraõ-se as prezas. Não durou muitos dias esta correspondencia: porque de Alvergaria entraraõ os Castelhanos no Lugar de Fuinhos, e dersubáraõ, e destruíraõ toda aquella Campanha. Disculpou-se o Governador do Castello, dizendo que a gente que entrara era sujeita a D. Joaõ de Garay: mas constando, que parte della sahira do Lugar de S. Martinho do governo do Duque de Alva, e parecendo a excusa pretexto de romper a guerra, ou dissimulação para roubar sem perigo, se resolveo Fernão Telles a não tornar a aceitar praticas artificiosas, e a se livrar do damno que traz consigo guardar a palavra sem correspondencia. Partio occulto para Alfaiates, despedindo primeiro avizo a todos os Officiaes da Provincia, para que se achassem naquella Villa segunda feira da semana Santa, e que levassem consigo toda a gente que se pudesle tirar dos Lugares vizinhos, para que engrossasse o pequeno Corpo, que havia de Infantaria paga. Tanto que chegaraõ a Alfaiates todos os Officiaes convocados, lhes declarou Fernão Telles a resolução, que havia tomado de entrar em Castella, e as causas que o obrigavaõ a não dissimular mais tempo as cavilações dos Castelhanos. Todos approváraõ a sua resolução, e vieraõ a ajustar depois de varios pareceres, que Valverde Lugar de 300 vizinhos, o Castello, e o Lugar de Elges fossem satisfação dos agravos referidos: Ficava Elges tres legoas de Alfaiates, o Castello era quadrado, e a situaçao delle em huma eminencia: a Villa se continuava ao pé do Castello, e era de cem vizinhos: pouco distantes para hum, e outro lado ficavaõ as Vilas de Valverde, e S. Martinho de Trebejo: a terra toda era fragosa, e qualquer oposição bastaria para difficultar a empreza. Sahio de Alfaiates Fernão Telles o dia

dia seguinte ao que chegou áquelle lugar; levava dous mil elefantes, e duzentos Cavallos; avistou Valverde, e mandou propor aos moradores, que se entregassem, e que consentissem em viver debaixo da protecção, e obediencia d'El Rey Dom Joaõ; porque só sujeitando-se a estas condiçõens poderiaõ atalhar o danno que os ameaçava. Vendo os moradores a dificuldade da defensão, e o risco das vidas, e dos cabedaelos, admittiraõ o partido. Celebrou-se o contrato por escritura publica, proveraõ-se em nome d'El Rey os Officios da justiça, e derribaraõ-se as trincheiras. Dom Sancho Manoel havia-se apartado de Fernão Telles a atacar o Castello de Elges, chegou a elle com trabalho pela asperezza da terra, e não havendo dentro mais que hum Alferes, e sete Soldados, se renderaõ logo. Os moradores da Villa se concertaraõ da mesma sorte que os de Valverde. Ordenou Fernão Telles a Dom Sancho que ficasse no Castello com trezentos Infantes, resoluçao duvidosa de se iustentar, e pouco util, ainda que se conseguisse. O Duque de Alva com a noticia da perda de Elges mandou sahir alguma gente de Ciudad Rodrigo, de Coria, de São Martinho, e outros Lugares da Serra de Gata a ocupar hum monte, padrasto ao Castello de Elges, e levantar nelle hum reducto. D. Sancho com avizo deste movimento, e de que os moradores da Villa mudaõ o fato para São Martinho, e tratavaõ de negar a obediencia promettida, mandou seis Soldados á Villa, e recolheo todos os mantimentos que achou nella, que eraõ muitos. O dia seguinte mandou pôr fogo ao Lugar, para apartar do Castello o perigo das casas vizinhas a elle. Resistiraõ os moradores, mas foraõ lançados fóra da Villa. Dom Sancho fez trabalhar na barbacãa, em cerrar as portas, e nas mais prevençõens que julgou convenientes, e avizou a Fernão Telles do estado em que se achava. Levou o avizo hlm Sargento, que os Castelharos tomaraõ quando voltava com a resposta de Fernão Telles. A dilacão obligou a Dom Sancho a mandar segundo avizo, que chegou com a segurança de ser de pessoa feccionado. Neste tempo trabalhavaõ os Castelharos no reducto, e n'olestavaõ o Castello tom repetidas casgas, recebendo

Anno  
1642.

Dá Valverde  
obediencia a El-  
Rey.

Renderse o Ca-  
sello de Elges.

Levataõ os Ca-  
selharos cum  
reducto contra  
dellas Castello de Elges.

## 378 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

*Ganha-se o re-  
dueto.*

della igual satisfaçāo , e poucas horas cessava a bateria de huma , e outra parte. Feriraõ as balas alguns Soldados do Castello , e huma dellas matou ao Capitaõ Joaõ Correa. Fernaõ Telles naõ te descuidando em prevenir o socorro ajuntou seis mil Infantes , e duzentos Cavallos , e fazendo a melhor prevençāo de mantimentos , que lhe foy possivel marchou para Elges , donde sahio Dom Sancho a esperallo. Havia Fernaõ Telles ordenado a Braz Garcia Mas; carenhas , que desle cento e cincoenta Infantes ao Capitaõ Simaõ da Costa Feo , com ordem que de noite occupasse hum monte , padrasto do reducto dos Castelhanos. Era a ferra aspera , e o caminho difficult ; cahio ao Capitaõ o cavallo , e parecendo lhe a quēda causa bastante para largar a gente , e deixar a empreza , se voltou para Alfaiaates; prendeo-o Braz Garcia , e mandou por Cabo da gente que havia ficado na ferra a hum Capitaõ da Ordenança de Villar Torpim. Achou elle a gente , mas perdeo-se na ferra , e naõ conseguiu ocupar a eminencia: a estes Soldados se uniraõ cincoenta Mosqueteiros , que sahiraõ do Castello , e entregues ao Capitaõ Manoel Feo de Mello , e ao Ajudante Simaõ Ferraz de Fatia , por se excusar da empreza com pouca reputaçāo o Capitaõ Luiz de Paiva. Divididos os dois atacáraõ o reducto por duas partes ; porém chegou mais de pressa Manoel Feo de Mello , vencendo com grande difficultade a aspereza da ferra , e as muitas balas que lhe atiravaõ do reducto. Os Castelhanos naõ quizeraõ aguardar o assalto , e fendo trezentos os que guarneciaõ o reducto , o desampararaõ ; guarneceo-o , e ficou por Cabo delle Manoel Feo de Mello. Fernaõ Telles depois deste succeso voltou a alojar a Valverde , dissimulando com os moradores a pouca fé que guardavaõ , por lhe ser necessario o alojamento para a gente que trazia: determinou uzar da occasiaõ , e arrazar a Villa de Saõ Martinho de Trebejo , que constava de quinhentos vizinhos , e distava huma legua de Valverde. O Duque de Alva tanto que se perdeo Elges mandou para Saõ Martinho ao Mestre de Campo D. Benito Quiroga com algumas Companhias pagas. Levantou-lhe elle trincheiras , fez cortaduras nas ruas , e communicou as casas abrindo-lhe fre-

stas.

stras. Fernaõ Telles marchou para S. Martinho, e fazendo alto em hum campo que ficava diante da Villa, dividio a gente que o havia de atacar: mandou a Joao de Saldanha, que tomasse com a Cavallaria as estradas; executou elle a ordem, e impedio que naõ entrasse nella alguma gente, que baixava da Serra de Gata. Dom Sancho marchou com quinhentos Infantes pagos pela parte mais aspera da Serra, e Manoel Lopes Brandaõ, e o Sargento mór Lourenço da Costa Mimoso avançaraõ pela parte opposta. D. Sancho achou fóra das trincheiras duas mangas de Mosqueteiros, mandou carregallas por outras duas: foraõ rechaçadas, e D. Sancho atacando com toda a gente que levava entrou a Villa a pezar dos defensores. Ficou ferido Antonio de Saldanha, e doze Soldados mortos. Porém ainda que a Villa foy entrada, naõ se conseguiu a victoria; porque qualquer das casas estava taõ bem guarneçida, que custava penetralla grande difficultade. Vendo-se D. Sancho em taõ consideravel empenho, mandou dizer a Fernaõ Telles, que obrigasse os Cabos do Troço da Ordenança a atacarem pela parte que lhes tocava, para que divertido o inimigo, se pudesse conseguir a empreza. Fernaõ Telles, solicitando-o com promessas, e ameaçõs, naõ pôde obrigar a gente da Ordenança a que lhe obedecesse, porque ocupados do temor, nem receavaõ o castigo, nem appeteciaõ o premio. Porém D. Sancho, desprezando valerosamente o perigo, foy rompendo as casas, e ja chegava á Praça, quando Fernaõ Telles lhe mandou ordem que se retirasse. Replicou elle: mas repetindo-se lhe a ordem, obedecendo queixoso de se lhe tirar das mãos a empreza. Fernaõ Telles dizia, que elle naõ passara aquella ordem, e dando a entender que lhe haviaõ dito, que Joao de Saldanha a mandara, mostrou Joao de Saldanha publicamente, que a retirada fora tanto contra o seu parecer, que elle se obrigava a entrar a Villa com a Cavallaria desmontada, licença que Fernaõ Telles naõ quiz permitir. Averiguou-se, que nem hum, nem outro passara a ordem, e deixou-se sem exame esta materia, pela naõ fazer escândalo. Ficaraõ mortos dezoito Soldados dentro da Villa,

Anno

1642.

Atacaõ se a Villa  
la de S. Marti-  
nho.

Retiraõ se os  
Portuguezos.

Anno  
1642.

Ganhaõ os Ca-  
stelhanos Aldeas  
da Ponte, e quei-  
maõ outros Lu-  
gares.

380 PORTUGAL RESTAURADO,

Villa, e vieraõ outros tantos feridos. Fernaõ Telles pas-  
sou ao Castello de Elges, desmantelou-o, ruina que o in-  
imigo logo tornou a reparar. Retirou-se para Penamacor,  
e despedio a gente da Ordenança pouco satisfeito do seu  
procedimento.

O Duque de Alva em satisfaçao desta entrada  
mandou em Ribacoa queimar Aldea da Ponte: resistiraõ  
os moradores, mas foy entrada a trincheira do Lugar, e  
a Igreja, perdendo muitos delles as vidas. Saqueáraõ os  
Castelhanos o Lugar, puzeraõ-lhe o fogo, e fizeraõ o  
mesmo a oito daquelle districto sem achar resistencia,  
nem oposição na campanha; porque fazendo os fachos  
avizo a todos os Lugares daquelle parte, naõ houve reso-  
luçao para acodir delles pefloa alguma. Fernaõ Telles jul-  
gou por mais culpados a Rodrigo Soares Pantoja Gover-  
nador da Praça de Almeida, e a Braz Garcia Malcarenhas  
Governador de Alfaiates: remetteo-los a Lisboa prezos;  
paslados; seis mezes os mandou EI Rey soltar. Tanto que  
o inimigo te retirou, se prevenio Fernaõ Telles para in-  
terprender Aldea do Bispo, Lugar de duzentos e cincoen-  
ta vizinhos, legua e meia de Almeida, huma da Raia, situa-  
da em huma eminencia, a que ficaõ outras sobranceiras;  
e dominando huma aprasivel campina regada das aguas  
do rio das Casas. Havia no Lugar duzentos Infantes pa-  
gos, e vinte Cavallos, e accrecentavaõ a Guardaõ os  
moradores das Aldeas vizinhas. Fernaõ Telles ajuntou mil  
Infantes, quatrocentos pagos, os mais da Ordenança, du-  
zentos Cavallos, e duas peças de artilharia, e marchou de  
Almeida para Aldea do Bispo. Adiantou-se Joao de Salda-  
nha com a Cavallaria a tomar os postos: chegou Fernaõ  
Telles com a Infantaria, mandou dizer aos do Lugar que  
se rendessem antes de experimentar o damno que os amea-  
çava; responderaõ com os mosquetes, investio-los Dom  
Sancho Manoel dividindo a gente em tres Troços, mas  
achando nos defensores valerosa resistencia, durou a con-  
fenda largo espaço sem vantagem; ultimamente prevale-  
cendo o valor dos nossos Soldados, foraõ os primeiros que  
subiraõ as trincheiras o Capitaõ Manoel Teixeira, e Fla-  
minio Portaõ Sargento reformado. Os Castelhanos se re-  
tiraraõ

retiráraõ á Igreja , onde se rendéraõ. Mas hum accidente lhe acrecentou o damno , porque rebentando dentro da Igreja hum frasco de polvora , a ignorancia dos Soldados da Ordenança os obrigou a gritar que era mina , de que resultou degolarem parte da Infantaria paga. Dos nossos Soldados ficaraõ mortos vinte em que entrou o Capitão Affonso de Toar , e vieraõ trinta feridos. Em quanto durou o assalto appareceo o inimigo com alguns Cavallos , e Infantes , que sahiraõ de Villar de Córvo : obrigou os Joaõ de Salданha a que se retirassem , e depois do Lugar saqueado , e queimado , se retirou Fernão Telles para Almeida. Poucos dias depois derrotou Joaõ de Salданha no Lugar de Gallegos lessenta Cavallos , de que tomou dezena , e o inimigo com melhor successo , desbaratou junto a Alfaiaes oitenta Infantes , e trinta Cavallos , de que ficáraõ vinte e sete mortos , e parte dos outros foraraõ prisioneiros. O Duque de Alva vendo perdida Aldea do Bispo , e descoberto o Campo de Arganhaõ , de que lograva Ciudad Rodrigo o melhor provimento , determinou fortificar a Villa de Fontes , fronteira a Villar Formoso , Lugar nosso. Era o sitio accommodado , e os moradores cento e cincoenta. Mandou logo aquartelar nesta Villa duzentos Infantes , e vinte Cavallos , para que começassem a fortificalla. Fernão Telles , tanto que teve esta noticia , juntou novecentos Infantes , e cento e cincoenta Cavallos , e marchou a atalhar este intento. Mandou adiantar as Tropas para evitar o soccorro , e tanto que chegou á Villa , fez jogar contra a fortificaçõ duas peças de artilharia , que levava consigo. Poucas balas havia disparado , quando chegou avizo , que appareciaõ algumas Tropas do inimigo , que sahiraõ de Ciudad Rodrigo do Castello do Guardaõ , e de Gallegos. Com este avizo ordenou Fernão Telles a Dom Sancho que formasse a Infantaria : unio-lhe as Tropas , e as duas peças , e mandou a Affonso Furtado de Mendoça que com cincoenta Cavallos carregasse os batedores do inimigo. Executou elle esta ordem com taõ boa fortuna , que os batedores se retiráraõ ás Tropas , e as Tropas voltaraõ ás costas. Seguiu-os Affonso Furtado com o resto dos nossos , tomou ao inimigo hum Capitão , e trinta

Anno  
1642.

Ganha Fernão  
Telles Aldea de  
Bilpo.

Successos varios

Anno  
1642.

Recontro de  
Guarda.

Rompe D. San-  
cho Manoel os  
Castelhanos.

Cavallos: esta facçao gastou todo o dia, e faltando a Fernaõ Telles mantimentos para persistir na empreza, se retirou sem a executar. O Duque de Alva mudou de opinião, e mandou naõ só retirar a gente paga da Villa de Fontes, mas obrigou os moradores a que a despovoassem. Dentro de poucos dias a queimou D. Sancho, e passou a Val de la mula a dar calor aos lavradores de Ribacoa, para segarem os pães sem perigo, com quinhentos Infantes, e cem Cavallos. Com esta gente se adiantou ao Castello do Guardaõ, que ficava vizinho, avançou vinte Cavallos a provocar aquella guarnição, e ficou emboscado com o resto da gente, pouca distancia do Castello. Sahiraõ delle cento e cincoenta Cavallos, carregáraõ os vinte, mas conhecendo a emboscada fizeraõ alto. Vendo D. Sancho que aguardava encoberto sem fructo, descobrio parte da gente, e mandou aos Capitaens Joaõ Fialho, e Manoel Teixeira Homem com cento e cincoenta boccas de fogo, que marchassem encobertos com o río de Touroens, em quanto elle com escaramuças entretinha os Castelhanos, que se haviaõ arrimado a huma defeza, e que podendo chegar sem ferem vistos os investissem, que elle os soccorreria. O inimigo haviaõ puxado por oitenta Infantes do Castello, e sustentava a escaramuça sem receber danno; porém chegando os Capitães sem ferem sentidos atacaraõ valerosamente, soccorreos D. Sancho, voltou o inimigo as costas, mataraõ-lhe no alcance trinta Soldados, e ficaraõ cincoenta prisioneiros, em que entrou hum Sargento mor. Retirou-se D. Sancho, e o dia seguinte entrou o inimigo por Villar Formoso com quinhentos Infantes, e cem Cavallos: com igual poder sahio D. Sancho a buscar os Castelhanos, investio-os de repente, e achou taõ pouca resistencia, que os rompeo; matou huns, prendeo outros, os mais fugiraõ, largando as armas. D. Sancho vendo a fortuna favoravel naõ quiz perder tempo, communicou a Fernaõ Telles a empreza de Freixenetas, e depois de tomadas todas as noticias, que seguravaõ o bom sucesso, marchou a esta empreza na tarde de quatro de Agosto com seiscentos Infantes, e cem Cavallos; poréi o caminho era taõ alpero, e huma serra, que por força havia de passar, taõ alcantilada,

da, que antes de chegar ao rio Agueda, que separava Freixenadas de Portugal, lhe amanheceo. Mandou huma partida da outra parte do rio, e tendo avito de que naõ era tentido, o passou com toda a diligencia, e se chegou à Villa, que era de trezentos vizinhos com boas trincheiras, e guarnição por seu Aduana. Quando as sentinelas tocaraõ arma, chegava D. Sancho ás trincheiras: subiraõ a ellas os nossos Soldados, e á custa das vidas de muitos Castelhanos entraraõ a Villa, e a saqueáraõ. Re-tiraraõ-se com cento e cincoenta prisioneiros, e ricos dos despojos, pequeno premio dos trabalhos da guerra. Fernão Telles, que governava aquella Provincia com grande cuidado, attendendo igualmente á defensa dos naturaes, e ao danno dos contrarios, considerando que do Castello do Guardaõ eraõ os nossos Lugares muito prejudicados, ordenou a D. Sancho Manoel, que com quinhentos Infantes, e cem Cavallos passasse de Almeida a Val de la mula a levantar hum forte, que cobrisse aquella campanha. Val de la mula he Lugar de cento e cincoenta vizinhos, dista hum quarto de legua de Guardaõ, e huma de Almeida, e está situado junto ao rio Tourões. Marchou D. Sancho a dar principio ao forte, e em sete dias de trabalho naõ fez o inimigo oppoçião alguma. Nesta confiança deu D. Sancho licença a algumas Officiaes, e Soldados, para hirem comprar cavallos á feira, que em Agosto se costuma fazer em Trancoso. O dia seguinte ao que partiraõ appareceo da outra parte do rio o inimigo com mil e quinhentos Infantes, e duzentos e cincoenta Cavallos governados por D. João de Menezes, que havia chegado com o posto de Mestre de Campo General. D. Sancho avisou logo a Fernão Telles, que tanto que recebeo o aviso, despedio os Capitães Nuno da Cunha, e Jeronymo da Cunha Rangel com as suas Companhias, e elle os seguiu com a que estava de guarda á sua porta, doze Cavallos, e duas peças de artilharia. Chegou a Val de la mula, e achou o inimigo formado da outra parte do rio em húa eminencia; porem D. Sancho, e todos os Soldados estavaõ taõ desejosos de pelejar, que desprezando a desigualdade do poder, lhe entrou segura confiança da victoria, resolvendo a passar o rio, que com a

Tom. I.

Aa 3

força

Anno

1642.

Ganha Freixenadas D. Sancho Manoel.

Levanta-se o Forte de Val de la mula.

Anno  
1642.

384 PORTUGAL RESTAURADO,

força do Sol tinha diminuido a corrente. Executou esta determinação, e os Castelhanos tem mais causa, que o temor que se lhes infundio, naõ só se naõ oppuzeraõ à passagem do porto, como deviaõ, mas largáraõ a eminencia, sitio que melhorava muito o seu partido. Valeose D. Sancho com valor, e prudencia deite desacordo, e passou com os oitenta Cavallos, e o Capitão Duarte de Miranda Henriques com cincoenta Mosqueteiros a ganhar o monte, que o inimigo havia largado. Os Castelhanos deixáraõ na retaguarda cincoenta Cavallos: carregáraõ estes a Dom Sancho, que com trinta se havia avançado, desviou-se elle para o lado esquerdo, determinando investir a Tropa pelo costado, e recebendo ella huma carga dos cincoenta Mosqueteiros, que seguiaõ a Dom Sancho, e ferido o Capitão com huma bala pela cabeça, desamparaõ os Soldados o posto. Seguiõ os D. Sancho; toccorrerão os as suas Tropas, havendo chegado os noslos cincoenta Cavallos, governando trinta o Tenente Rodrigo Moreira, vinte o Alferes Simão Borges da Costa, todos juntos investiraõ os Castelhanos, vendo que o seu General fazia o mesmo com a Infantaria; porque conhecendo Fernão Telles na retirada do inimigo o seu receyo, posto valerosamente diante dos quinhentos Infantes, que levava, buscou os mil e quinhentos com que o inimigo se lhe oppunha, os quaes ainda que por algum espaço fizeraõ grande resistencia, vieraõ a voltar as costas, e a seu exemplo fugiraõ as Tropas, e acabaraõ de derrotallos; porque naõ achou o medo que levavaõ estrada mais facil para fugirem, que o centro dos Esquadroens de Infantaria por onde penetravaõ. As duas peças de artilharia ajudaraõ o terror de todos, porque disparadas repetidas vezes, naõ atiraraõ baixa sem emprego. Fernão Telles exhortando aos seus Soldados, que acabassem de vencer, lhes influiu tanto espirito, que de todo obrigaraõ aos Castelhanos a fugir sem ordem. Buscaraõ alguns por reparo as ruinas da Aldea do Bispo; porém vendo que a furia dos noslos Soldados se naõ detinha com a vantagem do sitio que occupavaõ, o desampararaõ, buscando a segurança na aspereza dos sitios para onde se retiravaõ; Fernão Telles mandou tocar a recolher recendo

*Rota dos Castelhanos em Val de la mula.*

ceando a mudança da fortuna na desordem do alcance; perderão os Castelhanos entre mortos, e feridos mais de quinhentos homens; morrerão dez Soldados nossos, em que entrou Lila egenheiro Francez, e ficarão trinta feridos, D. Sancho Manoel procedeu muito valerosamente, e entendeo com sciencia militar todos os accidentes que se lhe offereceraõ; Fernaõ Telles se recolheo a Val de la mula com merecido aplauso dos Soldados, que he o mayor premio de quem os governa. Deteve-se neste lugar alguns dias para aperfeiçoar o Forte, que estava começado, nelles lhe chegou avizo de Salvaterra, de que D. Joaõ de Garay com as Tropas da Extremadura ficava sobre aquella Villa, na qual naõ havia mais que duzentos homens com poucos mantimentos, e menos muniçoens, que a Villa estava aberta, e o Castello pouco capaz de se defender, e que na brevidade do soccorro consistia a sua segurançā. Fernaõ Telles tanto que lhe chegou este avizo partio logo para a Guarda, e despedio varias ordens a todos os Lugares da Provincia, para que os Capitaens mōres viessem incorporar-se com elle, trazendo toda a gente q̄ lhes fosse possivel. Naõ foy necessario o effeito desta diligencia, porque Dom Joaõ de Garay se escusou do empenho, vendo que naõ trazia poder para evitar o soccorro. Fernaõ Telles voltou para Almeida, e animado dos bons sucessos, se resolveo a emprender o Castello do Guardaõ, de que os nossos Lugares, ainda depois de levantado o Forte de Val de la mula, recebiaõ consideravel damno. Era a empreza difficultosa, e por este respeito necessitava de mayor prevençāo, que as pastadas. Escreveo Fernaõ Telles a todos os Capitães mōres, reccõ. mendando-lhes que tirassem de todos os Lugares que governavaõ, naõ só a mais, senaõ a melhor gente, experimentando-se nas occasioens antecedentes, que neste particular eraõ as diligencias dos Officiaes muito escrupulosas. Conseguiu-se nesta empreza melhor effeito: porque em poucos dias se juntou em Almeida a melhor gente da Provincia, e em tanto numero, que escolheo Fernaõ Telles sete mil homens, e deixou quasi outros tantos presidiando as Praças. Aos sete mil homens, que apar-

Anno )  
1642.

(Anno

1642.

Situ de Guar-  
daõ.Descreve-se o  
Castello do  
Guardão.Rendido o Ca-  
stello do Guar-  
daõ.

tou para a jornada, unio novecentos Infantes pagos, e duzentos e cincoenta Cavallos, e tres peças de artilharia de doze libras, e com este Corpo de Exercito marchou para Guardaõ. Servio de Mestre de Campo General D. Sancho Manoel, e levou melhor forma do que até aquelle tempo se costumava. Marchava de vanguarda a Cavallaria, e a Infantaria dividida em dez Troços formava tres Corpos, o ultimo cobria as tres peças, e as bagagens. Quando chegaraõ a Val de la mula acharaõ lingoa, que segurava naõ ter o inimigo aviso deste movimento. O Castello do Guardaõ fica em huma eminencia visinho a Val de la mula, a parte que olha a Portugal occupa hum bosque muito expeso entre dois oiteiros, a de Castella he huma campina muito dilatada. O Castello era quadrado com quatro torrioens rodondos nos cantos, que franqueavaõ a muralha, na qual estavaõ pelos muitos annos da união todos os materiaes taõ conglutinados, que naõ receava o dano da artilharia de doze libras; as ruinas da antiga barbacã estavaõ reparadas; a guarnição constava de quinhentos Infantes, bastecidos com mantimentos, e muniçõens para largo fitio. Quando o Sol se punha chegou Fernão Telles à vista do Castello; repartio D. Sancho a gente, circunvalando-o, e poz a artilharia em o corteiro de S. Pedro visinho à muralha. Tanto que amanheceo, havendo reconhcido o Castello D. Sancho, e Pupulinier Francez, que exercitava o posto de Tenente General da Cavallaria em lugar de Joaõ de Saldanha, que havia passado por Mestre de Campo ao Exercito de Alemtejo, mandou Fernão Telles persuadir ao Governador que se entregasse; mas respondendo os sitiados por linguas de fogo, se inflammarão de sorte os noslos Soldados, que por todas as partes investiraõ huma trincheira, que rodeava o Castello. Resistiraõ os sitiados algumas horas: porém obrigados do danno que receberaõ, e atemorizados do efecto da artilharia, que achando menos resistencia nos corpos que na muralha, maltratou muito os que defendiaõ a barbacã, naõ quizeraõ arriscar a mayor perigo. Chamaraõ com hum tambor, luspendeo-se o assalto, pactuaraõ renderse, sahio o Governador D. Diogo de Rapreia Carvalleiro

valleiro de Malta, e leis Capitaens só com as espadas, os mais Soldados tem armas. Fernaõ Telles mandou para Almeida os Officiaes, e os Soldados para Castella. Dos nossos Soldados ficaraõ alguns feridos, entre elles o Capitaõ Manoel de Avelar Sarmento. Poy o Castello saqueado, e fazendo-lhe alguns fornilhos lhe deuão fogo, ficou de todo arruinado, e os nossos Lugares livres do perigo que lhes occasionava. Tanto que se rendeo o Castello mandou Fernaõ Telles a D. Sancho Manoel com a Cavallaria, e mil Infantes contra o Lugar de Galhegos, que era de trezentos vilinhos; estavaõ quatorze Companhias de guarnição; porém naõ quizeraõ aguardar o assalto, e despejaraõ o Lugar, que ficou saqueado, e destruido, com outros quatro vilinhos a elle. No mesmo tempo entrou por Alfayates a gente de Sabugal, e Souto, e queimaraõ o Lugar de Perozim. Recolheo se Fernaõ Telles para Almeida, e remetteo a Lisboa os Officiaes prisioneiros, os quaes passado algum tempo voltaraõ com passaportes para Castella. O Duque de Alva, que assistia em Ciudad Rodrigo, com a noticia da perda do Guardaõ, e da muita gente que Fernaõ Telles tinha junto, pedio socorro a todos os Lugares do seu domínio, encarecendo o perigo, que Ciudad Rodrigo corria. Quando os socorros chegaraõ se havia Fernaõ Telles retirado, e querendo o Duque de Alva em pregar o poder que tinha junto, entrou em Portugal, e saqueou Malhada Sorda, Lugar aberto, e sem guarnição. Teve Fernaõ Telles em Almeida aviso desta entrada, sabio com as Tropas, e achando que o inimigo se retirava naõ pode fazerlhe mayor danno, que tomarlhe na retaguarda alguns cavallos. Passados alguns dias, sabendo Fernaõ Telles que as ruinas de Aldea do Bispo serviaõ de receptáculo a alguns Castelhanos, e que sahiaõ desse Lugar a offendre os lavradores, ordenou ao Capitaõ de Cavallos Diogo de Toar, que com a sua Tropa desbarataisse aquella partida. Excedeo elle a ordem, e pedio em Alfayates trinta Infantes, com intento de saquear em Aldea: porém havendo chegado áquella parte cem Cavallos com hum cembroy, experiente o castigo da sua ambição, porque investindo-o o denota-

Anno

1642.

*Saqueou se o Lugar de Galhegos, e outros.*

*Entrou o Duque de Alva, e le reuniu com pouco esforço.*

*Derrotou os Castelhanos Lugar de Toar.*

## 388 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

raõ, salvando-se só alguns Soldados, a que valeo a noite em hum mato que estava visinho. Poucos dias depois desta desordem succedeo outra em Alfayates. Avistou o inimigo aquella Praça com huma Tropa, o Governador Manoel de Sousa de Almeida mandou sahir outra, que governava o Tenente Simão de Oliveira da Gamma: retiraraõ-se os Castelhanos de forte, que conheceo o Tenente, que o levavaõ a perderie entre mayor poder; fez alto, e avisou o Governador, dando-lhe conta do seu bem fundado discurso; o Governador parecendo-lhe que era receyo, lhe ordenou que carregasse o inimigo: obedeceo o Tenente, protestando que conhecia o perigo. Chegou á emboscada, sahio o inimigo della, desbaratou-lhe a Tropa, morreraõ vinte Soldados, e os mais ficaõ prisioneiros. Fernaõ Telles castigou a imprudencia do Governador de Alfayates, tirando-lhe o posto, em que occupou o Sargento mór Lourenço da Costa Mimoso. O Duque de Alva, quando Fernaõ Telles tomou Guardaõ, entendendo que podia sitiari Ciudad Rodrigo, naõ só convocou a gente da Província, mas avisou a Madrid, pedindo com grande instancia, que o soccorressem. Governava em ausencia d'El Rey, que havia passado a Catalunha, a Rainha Dona Isabel de Borbon sua primeira mulher, naõ dilatou ella o remedio ao perigo que se lhe propunha, e remetteo ao Duque oitocentos Cavallos muito bem montados. Vendo elle que Fernaõ Telles se havia retirado, por naõ desluzir a sua instancia, ajuntou quatro mil Infantes, e determinou entrar em Portugal. Teve Fernaõ Telles anticipada noticia, assim dos soccorros que haviaõ chegado ao Duque, como do seu intento; escreveo a El Rey repetidas vezes o aperto em que estava aquella Província; porque naõ só carecia de gente paga, mas a que havia era taõ mal soccorrida, que obrigados do aperto a que estavão reduzidos, largavaõ os Soldados as bandeiras. De Lisboa naõ só lhe faltaraõ com os soccorros que pedia, mas nem lhe responderaõ ás cartas, que escreveo sobre esta materia, e estas omissoens faõ a causa dos mäos successos dos exercitos, e os Principes por encobrillas costumaõ condemnar aquelles a quem entregaõ

as Províncias. Fernaõ Telles vendo-se em tanto aperto, mandou da Guarda, para onde havia passado, ao Mestre de Campo D. Sancho á Villa de Pinhel a conduzir a gente da Ordenança que lhe fosse possível, e escreveo aos Capitaens móres, que marchassem logo com todas as ordenanças do seu distrito, e aos Cabidos de Coimbra, Viseu, e Guarda, pedindo-lhes, que o socorressem com algum dinheiro para defender a Província, que o inimigo poderosamente ameaçava. Surtirão todas estas diligencias pouco efeito, porque a gente da Ordenança antes queria padecer o castigo da desobediencia, que experimentar os perigos, e as incomodidades da guerra, e acodirão só os Officiaes com poucos Soldados; e os Cabidos, naõ fazendo caso do mal futuro, pertendiaõ satisfazer a Fernaõ Telles sem execuçõ.

Neste estado achou o inimigo a Província da Beira em 17 de Outubro, dia em que entrou nella com quatro mil Infantes, e mil Cavallos. Governava este Troço de Exercito Dom Joaõ Soares de Alarcão, que ocupava naquelle parte de Castella, (para onde se passou depois de jurar a El Rey Dom Joaõ) o posto de General da Cavalaria. O primeiro Lugar em que entrou foy Escarigos em Ribacoa, que era de duzentos visinhos, mas sem defensa; os moradores haviaõ mudado o fato para Castello Rodrigo, o que lhe ficou saqueáraõ os Castelhanos, e puzeraõ fogo ao Lugar. De Escarigos passou o inimigo a Vermiofa, e Almofalla, que padeceraõ igual danno. Neste Lugar se defénderaõ sete Soldados muitas horas na Torre da Igreja, faltando-lhe as muniçõens fe renderaõ, segurando lhes as vidas, promessa que lhes naõ guardáraõ, matando todos a sangue frio. Com o mesmo rigor entraraõ os Castelhanos os Lugares de Matalobos, e Colmeiar, degolando todos os Paizanos, que naõ puderaõ retirar-se. De Colmeiar marchou Dom Joaõ Soares contra Escalhão Aldea de Castello Rodrigo; porém de trezentos visinhos, e meia legua distante da Raya. Haviaõ os moradores levantado huma trincheira pouco defensável, que rodeava o Lugar, e ao redor da Igreja, que era de cantaria muito forte, começavaõ hum reducto, que puzeraõ á vista do ini-

Anno

1642.

Entra D. Joaõ  
Soares de Alar-  
caõ com as Tro-  
pas de Castella.

Crueldade tom-  
aõ os rendidos.

## 390 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

Atacaõ Eſca-  
lbaõ.

inimigo em bastante defensa. O lugar está situado no fim de hum campo, que se estende duas leguas para o Sul, e para o Norte meya, topando em alguns montes, que confinaõ com Castella, por entre os quaes corre o Rio Agueda, que divide os dous Reinos. Havia n' lugar trinta Soldados pagos, que governava o Alferes Joaõ Rodrigues, em auſencia de seu Capitaõ Joaõ da Silva, e cento e cincuenta moradores de que era Capitaõ Paulo Freire. Tanto que o inimigo chegou à vista do lugar, ajustaraõ todos recolherem-se á Igreja, e reducto com as familias, e a melhor roupa, conhecendo que naõ podiaõ defender as trincheiras. Os Castelhanos entraraõ no lugar, e parecendo-lhes facil ganharem o reducto, o investiraõ descubertos. Custou a ousadia as vidas de tantos, que se retiraraõ para atacar em melhor forma. Cobriraõ-se com algumas pipas, que tiráraõ do lugar; avançaraõ segunda vez; porém recebendo muito mayor danno, naõ só dos que defendiaõ o reducto, mas tambem do valor de Joaõ Pinto Soldado pago, o qual fazendo hum parapeito de taboas no telhado da Igreja, e carregando-lhe as mulheres muitas vezes alguns moquetes que prevenio, foraõ tantos os Officiaes, e Soldados em que empregava os tuos, que se lhe deveo grande parte da defensa do reducto. Os Castelhanos, avançando pela parte donde a parede delle era mais baixa, e delgada, lhe abriuõ huma brecha, e intentando entrar por ella, foraõ valerosamente rebatidos dos defensores; naõ sendo as mulheres as menos valerosas, porque naõ só tiravaõ as pedras das sepulturas; e as arrimavaõ á brecha; mas com mantas molhadas na agoa de hum poço, que havia na Igreja, extinguiaõ intrépidas, antes que rebentasse o fogo, as granadas que os Castelhanos lancavaõ pela brecha. Todos os que entraraõ por ella perderaõ as vidas, e sem o poderem prohibir se tornou a brecha a cerrar. Vendo os Castelhanos a dificuldade da empreza, tentaraõ sahir com reputaçao della, offerecendo grandes partidos a Paulo Freire, que elle valerosamente desprezou. Atalhando-se os passos aos designios de D. Joaõ Soares por taõ pouca gente, e em lugar que julgava taõ facil de conquistar, e receando as peris

perigosas consequencias a que se expunha, se se avistasse com as Tropas da sua naçao, que taõ cegamente offendia, se retirou de Escalhaõ, e de toda a Provincia, a que pudera occasionar maiores damnos, conforme a pouca prevençao que achou nella. Em Escalhaõ ficaraõ cento e cincoenta Castelhanos mortos, e levaraõ consigo muitos feridos, em que entravaõ Oficiaes de grande importancia. Fernaõ Telles, com justo sentimento, por naõ poder remediar o damno da Provincia como desejava, e padecendo as murmuracoens dos Paizanos, que se lhe naõ encobriaõ, os quaes costumavaõ avaliar o procedimento dos Generaes pela disgraca, ou felicidade, passou da Cidade da Guarda á Villa do Pinhel, a aguardar os soccorros que havia mandado prevenir. O primeiro que lhe chegou foy huma Companhia de cento e cincoenta Clerigos de Viseu, em que entravaõ Conegos, e Abbades, de que era Capitaõ o Thesoureiro mór da Sé Gomes de Andrade Cabral. Vinhaõ todos muito bem armados, e livres de escrupulos, por ser a defensa permittida a qualquer habito. Esta companhia, e a mais gente que lhe foy chegando, mandou Fernaõ Telles para Almeida, por lhe chegar neste tempo avizo do succeso de Escalhaõ, de que o inimigo se havia retirado. Para averiguar o seu intento mandou a Dom Sancho Manoel tomar lingua com quarenta Cavallos, e cem Infantes. Deixou elle os Infantes em Val de la mula, e entrando pelo campo de Arganhaõ chegou ao Lugar de Serranilho, donde trouxe alguns Castelhanos prisioneiros. Constou da sua confissao, que Dom Joao Soares determinava continuar as entradas de Portugal, pouco satisfeito dos primeiros progressos. Fernaõ Telles com esta noticia passou ao Lugar de Miuzella tres leguas da Raya: situado em distancia igual de todas as partes que podiaõ padecer maior damno, e levou consigo trezentos Infantes, e cem Cavallos. Logo que chegou mandou a Dom Sancho, que com os cem Cavallos entrasse em Castella a tomar maior informaçao do intento de Dom Joao Soares. Dom Sancho entrou ate a desfesa de Segeiras, quatio leguas da Raya, e achando nella trezentas vacas as fez conduzir para Portugal; e com elles os Paizanos de todos aquelles

Anno

1642.

*Retiraõ-se com perda.*

Antio  
1642.

Recontro com  
os Castelhanos.

les Lugares. Ja neste tempo era sentido, e sahiraõ a buecallo duzentos Cavallos, que se alojavaõ em Bodaõ, e no Castello de Gunaldo: destes se adiantaraõ vinte a entreter a marcha de D. Sancho ate chegarem os mais. Dom Sancho mandou ao Capitaõ Diogo da Fonseca com vinte Cavallos a pôr a preza em salvo, e elle com os mais que lhe ficaraõ se foy incorporar com o Capitaõ Christoval da Fonseca, a quem o inimigo vinha cartegando: forao algum espaço ganhando terra; porém chegando á defeza de Albufeda, e estando ja unidas as Tropas dos Castelhanos, atacaraõ com tanta resoluçao aos nossos Soldados, que desbaratados voltaraõ as costas. D. Sancho ficou na retaguarda com Affonso Furtado de Mendoça Alcaide mór de Covilhãa, com outras pessoas particulares, e o Sargento mór Rozaõ Francez; o qual dando verdadeiro testimunho do seu valor, disse a D. Sancho, que era melhor perderem-se pelejando, que fugindo: e com o mesmo impulso bradou aos Soldados que voltassem a livrar as honras, e vender caras as vidas. Foy de tanto effeito esta generosa persuasão, que D. Sancho, que levava o mesmo intento, (como disse a Rozaõ em altas vozes) e os Soldados corridos de os correrem os Castelhanos fizeraõ alto, e lhes voltaraõ as caras. Entenderaõ os Castelhanos que esta resoluçao nascia de haver gente emboscada naquelle sitio, como ja em outra occasião lhes haviaõ succedido. Bastou este discurso sem outro exame para ficarem de authores reos, naõ se lembrando dos Authores que fazem renacer as acções dos homens, e eternizallas na posteridade. Deraõ as costas ao perigo, e o rosto ao discredito. Seguios D. Sancho ate cerrar a noite, ficaraõ muitos mortos, trouxe trinta priuilegiados, e recolheu-se a Miuzella, onde estava Fernão Telles; e havendo tido poucas horas de descanso, chegou avizo que D. Joaõ Soares tinha entrado naquelle Província, e marchava na volta da Nave do Sabugal. Fernão Telles ouvio com tanto alvoroço esta noticia, como se tivera a victoria segura no numero das suas Tropas; e naõ fora taõ inferior o poder, com que pretendia buscar o inimigo, que se puderaõ contar no conflito cinco

Castelhanos.

Castelhanos para pelejar com cada hum dos Portuguezes. Mas elles saõ os privilegios do valor, porque, multiplicando os golpes, naõ só faz a contenda igual, mas a vitoria certa, ainda que seja superior o numero dos contrarios. Montou Fernão Telles a cavallo, e fez marchar a gente que tinha consigo, e mandou ordem a Lourenço da Costa Mimo, para que logo remettesse cem Mosqueteiros, e a Tropa que se achava em Alfaiates, e o mesmo avizo fez a Manoel Feo de Mello a Villar Formoso. Despedidas estas ordens, marchou a buscar a estrada que o inimigo havia de levar da Nave para Castella. Quando chegou ao lugar que pretendia, achou que o inimigo tinha passado, deixando destruido o Lugar da Nave, porém era tão pouco o espaço, que com pequena diligencia avistáraõ os nossos batedores as suas Tropas. Chegou neste tempo a gente de Villar Formoso, e achou-se Fernão Telles com cento e cincoenta Cavallos, e trezentos Infantes. Os Castelhanos reconhecendo a nossa gente, melhoraram de sitio; porque a terra por onde marchavaõ era baixa, e com as muitas aguas que haviaõ chovido difícil de pizar. Achava-se D. João Soares com menos Infantaria da que havia trazido, por haver mandado alguma diante com a preza; porém reconhecendo a pouca gente que o buscava, teve a vitoria por infallivel, e assim a celebrava o seu alvoroço, como se a naõ houvesse de ganhar á custa do mesmo sangue que o alimentava. Fundado nestas esperanças, formou as Tropas com boa disciplina, e foy receber os inimigos que o buscavaõ. D. Sancho Manoel reconhecendo a desigualdade do poder dos Castelhanos, persuadio a Fernão Telles que se retirasse, dizendo, que era temeridade imprender impossiveis; que muitas vezes saber excular os perigos era tão grande gloria, como vencellos; e que devia considerar o manifesto risco a que ficava aquella Provincia exposta, se fossem desbaratados os poucos Soldados que empenhava. Do mesmo tenimento eraõ os Capitaens de Cavallo, e de Infantaria. Porém Fernão Telles, naõ só revestido de insigne valor, mas de grande prudencia, disse que o inimigo estava tão vizinho, que por força a retirada se havia de conver-

Anno

1642.

*Busca Fernão  
Telles o inimigo  
com desigual  
poder.*

Anno  
1642,

394 PORTUGAL RESTAURADO,

ter em fugida : e que os Castelhanos se valeriaõ sem falta naõ só do excesso das Tropas , senaõ do temor , que os Soldados , voltando-lhes as costas , manifestassem ; naõ podendo em similhantes occasioens entrar melhor socorro a quem determinava pelejar , que reconhecer o receyo dos contrarios ; e que a questaõ de ser melhor pelejar , ou retirar-se , podia servir em outros caos , e naõ naquelle onde o inimigo estava á vista , e haviaõ de fazer a retirada por huma campanha , onde naõ podiaõ achar mais abrigo , que a força dos braços , e o alento dos coraçoens ; e que se na occasião presente este era o unico remedio , quanto mais acertado seria pelejando negar ao inimigo a ventagem de lhe mostrat receyo ; que deviaõ todos lembrar-se naõ só do valor de que eraõ dotados , e da causa justa que defendiaõ , mas do Cabo que manda-va as Tropas dos Castelhanos , que era D. Joaõ Soares , o qual havia fugido deste Reino para Castella , faltando ao juramento , que tinha dado a El Rey , e á fidelidade a que o obrigava a propria natureza , afrontada de novo , vindo pelejar contra a sua Patria ; e que aos que daquelle forte faltavaõ ás suas obrigaçoens se lhes entorpecia o discurso para distribuir as ordens , e a maõ para manear a espada ; e que se no General , por estas razoens , haviaõ de achar tanta inabilitade , nos Soldados naõ poderiaõ descobrir mayor animo , que aquelle meímo , que para gloria sua tantas vezes experimentáraõ ; que a guerra era nova , e o Reino pequeno , e que nesta consideraõ , ainda que estivesse de permeyo o perigo , todas as emprezas se haviaõ de governar attendendo mais ao credito , que ao poder , e que a opiniao nunca no mundo , pelejando com valor , se havia perdido . Tomada esta resoluçao , que todos approváraõ , deu Fernaõ Telles a Dom Sancho setenta Cavallos , de que eraõ Capitaens Braz do Amaral , e Christovaõ da Fonseca , e tomou para sua guarda trinta e cinco , governados pelo Capitaõ Duarte de Miranda Henriques , e a Infantaria ficou formada , naõ tendo mais que os braços por trincheiras . Vieraõ neste tempo os Castelhanos avançando pouco a pouco , e chegando perto da noſta Infantaria lhe deu huma carga . porém naõ

*Resolve a pele-  
ja , e anima os  
Soldados.*

naõ lhes fez damno pelo naõ receberem na distancia conveniente. Animados os Castelhanos desta desordem, a investiraõ: mas Fernão Telles, e D. Sancho reconhecendo o perigo, e que a nosla Infantaria vacilava, se adiantaraõ com as tres Tropas a receber a carga. Investiraõ: nos os Castelhanos, e acháraõ taõ valerosa resistencia, que naõ houve Official, nem Soldado, que naõ fizesse açoens muito finaladas. Porém como o numero era taõ desigual, chegáraõ alguns Oficiaes a persuadir a Fernão Telles, a que te naõ expuzesse a tanto perigo, porque o succeso estava da vidolo. Respondeo com grande fervor: que a victoria era sua, que continuasssem até o con seguir. Esta constancia, e chegar neste tempo a Tropa, e os cem Infantes de Alfayates, animou de sorte a Infantaria, que cobrando novo alento, e unidos os que vieraõ aos que pelejavaõ, obrigáraõ aos Castelhanos a voltar as costas, cedendo ao seu valor. Seguiraõ nos pouco esforço, porque Fernão Telles mandou tocar a recolher, receando alguma desordem. Ficáraõ mortos 90 Castelhanos, leváraõ muitos feridos, e deixaraõ outros prisioneiros. Dos nossos soldados morreu só hum Francez, recolheraõ se 30 feridos, entre elles Affonso Furtado de Mendoça, que pelejou valerosamente, Pedro de Soula de Castro Capitaõ mór de Viseu, Miguel da Fonseca Ozorio, Gaspar de Tavora de Brito, Christoval da Fonseca Cardoso. D. Sancho mostrou que sabia discorrer antes, e pelejar depois, porque a todas as partes accodio com grande valor, e prudencia: porém todos confessaraõ que ao valor, discurso, e constancia de Fernão Telles deviaõ o bom succeso que logravaõ: porque naõ houve idéa que naõ formasse com juizo, nem açoõ que naõ executasse com acerto. Voltou-se para Alfayates, e foy esta a ultima occasião que teve naquella Provincia, porque se retirou para Lisboa, e proveo El-Rey o posto, segunda vez em D. Alvaro de Abranches. Deixou Fernão Telles naõ só destruido o campo de Erganhaõ, que era muito povoado, e sustento de Ciudad Rodrigo, mas outros muitos lugares desde a foz de Agueda, que entra no rio Douro, até a de Elges que perde

Anno

1642.

Desbarata os  
Castelhanos.

## 396 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

perde o nome no Tejo, distrito que comprehende mais de 30 leguas de terra: logrou com muita felicidade, e mais industria que instrumentos, todas as acções que emprendeo, e deixou os soldados, e paizanos com o costume de vencer, ensinados a pelejar.

Em quanto as armas de Portugal valerosamente se manejavaõ, e todas as Províncias felismente se defendiaõ, trabalhava El Rey, fonte de todas as acções heroicas, por fertilizar as muitas, e distintas plantas, que livravaõ a abundancia dos fructos fazonados, em se banharem nos seus preceitos, e confundia a politica de seus inimigos, que fundavaõ a ruina de Portugal na esperança dos seus desacertos. Porém naõ conseguiaõ todas as suas operações a total satisfaçao de seus Vassalos: porque conhecendo o seu animo demaziadamente inclinado ao exercicio da caça, em que se criara; e muito applicado a ajustar a consonancia da Solfa, entendiaõ que roubava o tempo a obrigaçao do governo do seu Reino e aos importantes negocios, que dependiaõ das suas resoluções naõ querendo os zelosos admittir a doutrina, que introduzia a lisonja no animo de El Rey, dizendo-lhe alguns Ministros que descançar para cançar, mais era ambiçao do trabalho, que desejo do descanço; e que na recteçao de Sua Magestade consistia a sua saude, segurança da sua vida, alma da conservação do seu Reino. Ouvia El Rey estas vozes das Sereias do Paço, verdugos dos Príncipes, sepultura dos Reinos; mas para que o veneno o naõ reduzisse á ultima ruina cerrava acautelado Ulysses muitas vezes os ouvidos com os verdadeiros conselhos dos desinteressados. Porém naõ prevalecendo totalmente contra o danno a utilidade do remedio, e receando todos o perigo do Reino, cujo corpo sustentava a cada hum a cabeça, foy escolhido D. João da Costa, para advertir a El Rey os danos da Monarquia. Aceitou elle a comissão, antepondo a virtude de fallar verdade ao sentimento que El Rey podia receber de ouvila, e presentou-lhe hum memorial que continha as razoens seguintes:

*Memorial de D. João da Costa.*  
Senhor, ainda que o conhecimento do meu pouco cidadão me naõ deixa confiança para esperar, que as minhas

**PARTE I. LIVRO VI. 397**

nhas fazoens sejaõ uteis ao serviço de Vossa Magesta-  
de, obriga-me o meu affecto, e o empenho da con-  
servaçao da minha Patria a dizer claramente a Vo-  
sa Magestade as desfattençoens do Governo, que coa-  
demnaõ os mais interessados na conservaçao deste Rei-  
no. E naõ basta a consideraçao de que põdem offendre  
estas notícias o animo de Vossa Magestade para me im-  
pedir que eu as refira, assim, e da maneira que com-  
mumente saõ julgadas, ainda que a adulçaçao as emu-  
deça. Consta das cartas dos Governadores das Armas  
das Províncias, que Entre Douro, e Minho naõ chega-  
a ter hoje 400 soldados pagos, e que estes naõ se-  
guros, porque faltando-lhes a consignaçao para os soc-  
corros, faltaráo elles na guarniçao das Praças. Traz  
os Montes se acha da mesma sorte. Na Beira consta a  
Vossa Magestade por avisos muito repetidos de Fernão  
Telles a falta que tem de soldados, de dinheiro, e de  
todas as mais prevençoens necessarias para defensia da-  
quella Província. Em Alentejo justificaõ as ultimas  
mostras que se passaraõ; que falta mais da metade da  
gente que ja teve; em particular os Regimentos Ho-  
landeses, que quasi todos estao desbaratados. O con-  
trato, que se fez para a conservaçao da gente que fi-  
cou naquella Província, naõ basta, nem poderá persi-  
rir, se divertirem, como se costuma, aos contratado-  
res as consignaçeoens que se lhes offerecem; de que re-  
sultará naõ só perderem-se estes, mas tambem os que  
adiante se celebrarem, pela falta de credito com que  
ficaráo os Ministros de Vossa Magestade. O Reino do  
Algarve nsõ tem meyo algum de se defender. Cascaes,  
Peniche, S. Filipe, e Outaõ se achaõ taõ destituidas de  
guarniçoes, que em melhor estado conservavaõ os Ca-  
telhanos estas fortalezas, quando naõ temiaõ a invaçao  
de inimigos taõ poderosos. Os Armazens desta Cidade se  
vem desocupados, sendo taõ necessario vêlos preveni-  
dos. Lisboa sem esperança de se fortificar, e o Castello  
sem cuidado de se pôr em melhor defensia, os Terços da  
Ordenança naõ tem exercicio, e os fidalgos, e gente no-  
bre estao sem armas, e sem forma, e todos incapazes de

Anno

1642.

Anno  
1642

398 PORTUGAL RESTAURADO,

acodirem aos muitos, e perigosos accidentes a que estarmos expostos. O Brasil consideramos anulado a ser despojo dos Hollandezez, como o tem sido Angola, e S. Thomé, e tudo, Senhor, vemos em estado tão perigoso, que parece que nos conservamos só pela impossibilidade de nossos inimigos. Deste lethargo processa de a desestimação que soffriemos aos Estrangeiros, e o desalento que experimentamos nos naturaes; entendendo que não tarda mais a sua ruina, que em quanto se não melhora o partido de Castella: e desta suposição se pôdem temer resoluções mais nocivas ao estado presente, que o damno da guerra. Soltamente murmura o Povo, e fente a Nobreza com grande excesso a pouca attenção, com que se acode as matérias em que consiste a defensa do Reino: dizem que o Conselho de Guerra não tem sufficientes Ministros, e que quando acertaõ em algumas propostas convenientes à boa disposição da guerra, que V. Magestade as não admitté, prevalecendo o Conselho de outras pessoas que tem muito menos noticia da arte militar: reparação em que havendo anno e meyo que V. Magestade tem a Coroa na cabeça, não assistiu hum só dia no seu Conselho de Guerra, gastando muitos em outros Tribunaes, e em occupações menos precías para a defensa do Reino: dizem que he grande a confusão das ordens do Conselho da Fazenda, e por V. Magestade não entender a ella, se perde a mayor parte: as decimas seculares, bens de ausentes, e confiscados, e as Cômendas vagas não se cobram por iguaes inconvenientes. Julgo tambem preciso advertir a V. Magestade que vejo todos os negocios decididos pelos quatro Conselheiros de Estado, com quem V. Magestade despacha, e entendo que não tem as notícias, e disposições necessarias, para poderem encaminhar as matérias q̄ tocaõ à guerra: e só serve esta forma de governo de dilatar os despachos, e peyorar as resoluções. E assim convém que V. Magestade se conforme o mais que for possível, com as consultas dos Tribunaes, porque ainda que ignorem muito, entendem melhor do seu officio, que os Ministros

PARTE I. LIVRO VI. 399

tos do despacho, do alheyo. As contribuiçõens dos Povos, applicadas á guerra, tem grandes divertimentos; e os soldados além de mal pagos, saõ muito des- favorecidos dos Ministros, negandolhes naõ só os des- pachos, mas as palavras cortezas, que obrigaõ muito, e custão pouco. Mas este mão termo nasce, de que co- mo senaõ criáraõ na guerra as pessoas de que V. Mage- tade se serve, naõ sabem pezar quanto importa gran- gear os soldados por todos os caminhos. Porém mais que tudo ouço que sentem todos naõ se inclinar V. Ma- gestade muito ao exercicio militar; e juntamente que abraça a pratica de senaõ fazer caso do poder dos Caste- lhano. veneno taõ prejudicial, que nasce da malicia dos que naõ querem que se trate da defensa do Reino, a que V. Magestade he taõ obrigado como à sua pro- pria vida. Este he, senhor, o estado em que se acha Portugal, e esta a voz commua de todo o Reino, com taõ pouca exceiçao, que só os dependentes de Castel- la deixaõ de pedir a V. Magestade com lagrimas o rei- medio. E por este respeito entendi que era obrigado, como quem ama tanto o serviço de V. Magestade, a referir sem rebuço o meu sentimento, para que antes de chegar o damno, se possa divertir o perigo. porque se estando os inimigos com taõ poucas forças, nós ou- tros nos consideramos em tanto risco, que ferá, senhor, se por algum dos accidentes que pódem sobre- vir, melhorarem o seu partido, vendose desembara- çados da guerra de Catalunha, de França, e Holanda, que agora os divide? O remedio que julgo mais pro- porcionado, e a pedra fundamental deste edificio, pa- rece que ferá attender V. Magestade ao governo, e melhorar os Conselheiros, pondo nos Conselhos de Guerra, e Fazenda os mais expertos sujeitos destes dous exercicios, que se acharem no Reino, e authorizar V. Magestade estes Tribunaes com sua assistencia, ao menos huma vez na iomana. E quando V. Magestade averigue que a fazenda que hoje ha, naõ basta para a defensa do Reino, devem buscarse meyos de se aug- mentar; proporcionando os tributos quanto for pos-

Tom. I.

Bb iii

i. sivel;

Anno

1642.

## 400 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

„ fivel, repartindo o dinheiro pelas Praças mais arriscadas, e pelos soldados peyor socorridos; porque desta forte seraõ sem duvida seguros, e felices os succesos das armas de V. Magestade. Tambem sera muito conveniente, para desvanecer a opiniao do Povo, favorecer V. Magestade as artes militares exercitando-se nelas pesoalmente: porque todos buscarão a guerra, vendo que V. Magestade se deleita em formar esquadroens de Cavallaria, meter Terços em batalha, visitar as officinas de artilharia, e as fortificaçõens, e applicar-se as mais artes, e instrumentos bellicos, exercicios todos regios, dignos do alto coraçao de Vossa Magestade, e approvados com exemplos dos maiores Príncipes do mundo. Com estas opperaçõens exercitadas pouco tempo, terá V. Magestade muito menos trabalho, o Reino se verá defendido, o amor nos Vassallos seguro, e a reputaçao nas naçõens Estrangeiras aumentada, vendo que V. Magestade segue os passos das quelles Príncipes, que nas virtudes proprias fundáraõ, e estabelecerão os Imperios. Achando V. Magestade nestas occupaçõens inteira satisfaçao, esperámos sem dúvida que V. Magestade se resolva a passar á Província de Alentejo, a ver o seu exercito, e animar os seus soldados. Desta resoluçao resultará terror aos contrários, e aos amigos confiança, naõ haverá Vassallo algum de Vossa Magestade que se exima do exercicio da guerra, nem haverá cabedal que se recate para o sustento della: porque ao Príncipe, Sol da Monarquia, costumaõ a corresponder as plantas dos Vassallos com proporcionadas finezas ás que grangeaõ, e com iguaes benefícios aos que recebem. Repartirá V. Magestade pelos soldados, conhecendo-os, os premios sem desigualdade; e desta consonancia resultará a segurança das vitórias. V. Magestade com seu soberano juizo resolverá o que mais convier á conservaçao deste Reino, e á utilidade de seus Vassallos, para quaõ o Príncipe nosso Senhor, depois de muitos annos que ha de durar a vida de V. Magestade, logre seguro, e felice este Imperio.

Admiti

Admittio ElRey a verdade, e pureza destas razoes com muito agrado, e ponderouas com grande prudencia. Resultou desta reflexao despedir soccorros a todas as fronteiras, attender com cuidado as consignações que se davão, e attalhar as que se divertiaõ, e determinou passar a Alentejo a Primavera seguinte. Para executar este seu intento, o mandou propor aos Conselheiros de Estado, dizendo: que a guerra de Catalunha era a mais util diversaõ que este Reino conseguia; e que nenhuma outra poderia desfogar mais aos Catalaens, que entrarem em Castella as armas de Portugal: naõ sendo este o interesse que resultava á sua Coroa do intento que propunha, senão tambem outro mais essencial, que era a reputaçao das armas, e a satisfaçao dos Principes aliados: porém que naõ queria tomar a ultima resoluçao, sem entender os pareceres dos Conselheiros: e que juntamente ordenava a cada hum delles, que declarassem o seu voto: que exercito bastaria para aquella Campanha: e que Praça devia eleger para formar o exercito. Forão varios os pareceres dos Conselheiros de Estado. Hum dos que votavaõ com mayor acerto nas materias mais importantes daquelle tempo, era o Marquez de Montalvaõ. Foy o seu voto da substancia seguinte. Que elle estreitava o seu entendimento á proposta que Sua Magestade mandava fazer, esperando ter occasião de representar, a Sua Magestade as duvidas que se lhe offereciaõ sobre a jornada, que Sua Magestade queria fazer a Alentejo: e que respondendo só ao que se lhe perguntava, dizia: que hum dos pontos mais principaes, a que se devia atender, era occultar que Sua Magestade determinava passar a Alentejo, e juntamente a Praça de Castella, aonde se houvesse de empregar o exercito, para que o inimigo senão prevenisse, e a naõ bastecesse: que da mesma sorte convinha que as nossas Praças demais importancia estivessem bem fortificadas, e garnecidas; porque se o inimigo intentasse a diversaõ, nos naõ fosse necessario hum exercito para a conquista, outro para a defensa: e que supposta esta prevençao, lhe parecia que o exercito constasse de doze mil Infantes pagos, e

Anno  
1642.

Admitte ElRey  
o Memorial de  
D. João da Cos-  
ta, e manda  
propor ao Con-  
selho de Estado  
e deve passar  
a Alentejo.

Voto do Mar-  
quez de Mon-  
talvaõ.

Anno  
1642.

402 PORTUGAL RESTAURADO,

, 8000 Auxiliares, de 2000 Cavallos, e 30 peças de artilharia, 20 grossas, e 10 de Campanha, 4 morteiros, todas as muniçōens, mantimentos, e bagagens para sustentar este Corpo; e todos os Officiaes que faltavaõ para o animarem: e que tudo o referido convinha que se prevenisse com tempo, e com abundancia, repartindo cada operaçāo por diferentes Ministros, sendo todos obrigados a dar conta a Sua Magestade do effeito da sua diligencia: e que sobre tudo era necessario ajustarem-se consignaçōens certas de dinheiro, columna, e capitel da guerra: que a Praça que devia de eleger para formar o Exercito, era Estremōs: a qual devia prevenirse com grande attenção muito anticipadamente; e que com a mesma se devia dispor as guardas de sua pefloa; e que todas estas materias pela importancia delas mereciaõ particular ponderaçāo; que esperava que Sua Magestade dispuzesse o que fosse mais conveniente a seu serviço. Depois deste parecer fez o Marquez de Montalvaõ hum papel que deu a El Rey, que continhā estas razoens: .. Senhor, depois de me ver desobrigado dos preceitos da proposta, que V. Magestade mandou fazer ao Conselho de Estado, sobre a resoluçāo de passar a Alemtejo, me pareceu representar a Vossa Magestade as duvidas, que se me offerece n esta jornada. Aceite Vossa Magestade esta minha confiança, lembrando-se do meu zelo, onde Vossa Magestade de encontrarā affectos que a desculpem. Parece-me que o perigo de Vossa Magestade se auientar de Lisboa ha de qualidade, que naõ pôde recompençalio outro algum interesse. E como as Monarquias seguem o estílo dos corpos humanos, he necessario aos Medicos prudentes, naõ 10 tentar o pulso para conhacerem os males que padecem, senaõ tambem averiguat a origem don de procedem, para lhe applicarem remedios proporcionados. Tirou Vossa Magestade a Castella justissimamente este Reino depois de 60 annos de posse: e he infallivel que em tanto tempo, e tantas alianças, como houve entre as duas Coroas, produzisse o interesse ou maldade de muitos affeicoados ao partido de Castella, como ja

se tem experimentado nos que se declaráraõ, e se deve temer dos que se recataõ só obrigados do receyo, estimulados das diligencias dos Castelehanos, de quem eu temo mais a manha que a força, mais o silencio que o ruido. Nesta incerteza de animos naõ pôde ser conveniente que a Real pessoa de Vossa Magestade se aparte da sua Corte, Cabeça de todo o Reino, a que esta Cidade costuma dar Leys; principalmente achando-se ella sem fortificaçao alguma, e naõ podendo ficar com numero sufficiente de gente paga. Tambem me obriga a recear muito o perigo da pessoa de Vossa Magestade, naõ só o zelo, e o amor, mas a madura consideraçao; porque he de crer que de Castella procurem a offensa de Vossa Magestade, naõ perdoando aos meyos mais illicitos: e esta idea ensina que naõ he tempo de V. Magestade andar entre o estrondo das armas. A estes forçoso reparos, se seguem outros tambem de grande importancia. Se Vossa Magestade empenha na guerra a sua Real Pessoa, poem o mundo em esperanças de grandes emprezas, as quaes pôdem faltar por accidentes insuperaveis: e se naõ succederem, ficaráõ os contrarios mais animosos, e os amigos menos confiados. O tempo ainda naõ permite, que Vossa Magestade se ponha diante dos seus exercitos: e a naõ ser assim, ao mesmo exercito convém, que Vossa Magestade se naõ aparte de sta Corte, donde devem sahir todos os soccorros capazes de o alimentar, naõ havendo mais que 30 leguas de distancia, que he a menor em que pôde assitir hum Principe, quando naõ delibera achar se pessoalemente nas facçoes militares. Neste sentido, Senhor, sou de opinião, que Vossa Magestade dê a entender que vay a Alemtejo, para que as prevençoes se jaõ mais promptas, e que tanto que o exercito estiver prevenido, Vossa Magestade o entregue a pessoa de que fizer mayor confiança, dando-lhe por segundos Cabos os que tiverem mayores experiencias: e alcançando as Armas de Vossa Magestade os felices successos, que eu espero, entao poderá ser tempo de Vossa Magestade fazer com a sua pessoa alguma demonstraçao, porque hum

Anno

1642.

feliz

404 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1642.

Prevalecem as razões do Marquez de Montalvão.

Passa-se Salvador de Mello com 300 Soldados ao serviço do Rey.

Di. El Rey hiz  
Comenda, e a Ca-  
pitania mór de  
Bragaça a Sal-  
vador de Mello.

Chezão de Cis-  
tella D. Fránci-  
co de Azevedo, e  
Alvaro de Sousa

o feliz principio facilita grandes dificuldades. Fez em El Rey grande mudança este parecer do Marquez de Montalvão, porque ponderadas bem as razoens por huma, e outra parte, ainda que as de D. Joaõ da Costa eraõ muito efficazes, e generosas, as que o Marquez offerecia incluhiãs materias muitas importantes: e depois de largos debates, prevalecerão nestã occasião. Chegou nesse tempo a Lisboa Salvador de Mello com 150 soldados Portuguezes. Achava-se na Villa de Praga nos confins de Aragaão, tanto que lhe chegou a noticia de que El Rey era acclamado, fingio que intentava huma enterpreza; sahio depois do Sol posto da Villa com os soldados, e declarou-lhes que o seu intento era passar a Barcelona, para se embarcar naquelle porto para Portugal. Todos lhe approváraõ a resolução, e antes de amanhecer estavão seguros em Catalunha. Chegáraõ a Barcelona, achou Salvador de Mello dinheiro, que para este fim o Padre Ignacio Mâscarenhas havia deixaõ naquella Cidade. Unio aos que levava outros 150 soldados, que achou em Barcelona, com esta gente incorporada atravessou França, chegou a Arrochela, aonde tambem achou dinheiro, que El Rey havia mandado áquella Cidade para os Portuguezes que chegasssem a ella: embarcou 150 que mandou diante, e com os outros entrou em Lisboa. Deu-lhe El Rey huma Comenda, e o posto de Capitão mór de Bragança. Os soldados se dividiraõ pelas fronteiras, e passaraõ depois muitos a grandes postos. No mesmo tempo chegáraõ de Inglaterra D. Franciso de Azevedo, e Alvaro de Sousa. Achavaõ-se em Madrid, quando El Rey se acclamou; passaraõ a servir a Flandes, donde de facil nente acharaõ embarcação para Londres, de Londres se embarcaraõ para Lisboa. Recebeo os El Rey com a demonstração que merecia a sua fineza, grangeando com ella ficarem muito poucos Portuguezes servindo aos Castelhanos. E destas, e outras politicas lhe era necessário usar, para senão desvanecer a gloria, e incerta acção que emprendera.

Determinou El Rey mandar segunda embaixada a França, por ser a parte aonde eraõ mais seguras as dependencias

pendencias, na consideraçāo dos interesses que resu tava á Coroa de França da guerra de Portugal, sem contorvercia, o mais abonado fiador das alianças dos Príncipes. Ele-geo EIRey por Embaixador de França a D. Vatco Luiz da Gamma Conde da Vidigueira. Era avaliado por muito capaz desta occupaçāo, ainda que de poucos annos: mas como desse vicio, conforme o discurso de hum cortezaõ, se emendaõ os homens todos os dias, concorrendo no Conde da Vidigueira as outras virtudes, desempenhou no acerto da Embaixada o conceito que se formava dele. Partio de Lisboa a 9 de Abril, e levou por Secretario da Embaixada Antonio Moniz de Carvalho, que antes havia passado a Dinamarca, e Suecia com a mesma occupaçāo. Depois de experimentar alguns dias o vento contrário, chegou a Arrochela a 4 de Mayo, desembarcou, e foy hospedado magnificamente do Graõ Prior de França. Delle soube, que EIRey Christianissimo era parrido a situar Perpinhão. Com esta noticia sahio de Arrochela a buscar a Corte: atrevessou a mayor parte de França, e por todos os lugares por onde passou, foy examinando as Reliquias de mayor veneraçāo, os edificios de mayor esplendor, e antiguidades de mayor preço. Fez alto em Narbona cem leguas de Arrochela: em Narbona achou doente ao Cardeal Richilieu de huma grave infermidade que havia trazido do exercito, e no mesmo dia por melhorar de sitio havia sahido em hum leito aos hombros dos soldados (que nem aos que seguem este generoso exercicio sāo os validos pezados) para Buciers, cinco leguas distante. O Conde mandou ao Secretario da embai-xada pela posta a dar conta ao Cardeal de como havia chegado. o mesmo aviso fez a EIRey ao exercito, que lhe ordenou passasse a Buciers, dizendo-lhe que a incommodidade que havia no exercito para o receber, fazia forçosa a dilaçāo. Dentro de poucos dias ve yo EIRey doente para Buciers, e seguindo os mesmos passos do Cardeal, passou a Avinhaõ, donde o seguiu o Conde da Vidigueira: foy de Avinhaõ a Pariz, e acabando a vida naquelles dias a Rainha Māy, se deteve EIRey alguns dias em Fonte Neblō. Tanto que EIRey chegou a Pariz, deu audiencia

Anno

1642.

*Elege EIRey o  
Conde da Vidigueira  
guerra por Embaixador de  
França.*

*Tem audiencia  
del Rey o Conde  
da Vidigueira.*

## 406 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1642.

cia ao Conde. Foy conduzido de huma quinta, onde estava fóra da Cidade, do Marichal de S. Luca, e recebendo o ElRey, e a Rainha com todas as ceremonias costumadas, lhe nomeáro Chavigni Secretado de Estado dos negocios fóra do Reino, para conferir os da sua embaixada. Os primeiros que o Conde tratou com mais calor, forao a liberdade do Infante D Duarte, e de que o Summo Pontifice aceitasse a embaixada do Bispo de Lamego. Porém nem huma, nem outra cousta teve efeito, pelas razoens acima declaradas. Tratou o Conde com todo o calor da liga formal entre as duas Coroas: porém, tendo dado principio a este negocio com boas esperanças de o conseguir, acabou a vida o Cardeal Duque de Richilieu, e variando no governo de França todos os Ministros, começo a tratar de novo com o Cardeal Julio Mazarini, que sucedeo ao de Richilieu, elegendo o ElRey por primeiro Ministro daquelle Coroa. Continuou o Conde as negociações propostas, e outras de grande importancia com o sucesso, que em seu lugar referiremos.

Huma das materias que neste tempo dava a ElRey mayor cuidado, era a perda de Angola, S. Thomé, e Maranhaõ: porque recuperar tantos lugares por força em partes tão diversas, parecia muito difficult, durando a guerra dos Castelhanos, e sendo os Holandezes tão poderosos; e reduzir os Estados com razoens depois de estarem de posse, havendo elles sido Authores de toda a cavilação, era quasi impraticavel. Porém como outros relevantes respeitos faziaõ forçosa esta diligencia, não sendo menos consideravel mostrar ao mundo o euganoso procedimento dos Holandezes, mandou ElRey ordem a Francisco de Andrade Leitaõ, que assistia em Inglaterra, para que passasse a Holanda a representar aos Estados o injusto procedimento dos Governadores Holandezes, que assistiu no Brasil; porque quando não conseguisse o efeito que se procurava, ao menos entenderia a resolução dos Estados, para se procurarem os meios de recuperar os danos padecidos no Brasil. Logo que Francisco de Andrade recebeu a ordem delRey, passou de Londres a Holanda; tanto que chegou a Haya, não lhe dilatando

Morte do Cardeal Richilieu.

Sucesso o Cardeal Mazarini.

Passa a Holanda Francisco de Andrade Leitaõ

os Ministros a audiencia que pedio, lhes mostrou em  
húa larga oraçāo: .. A injustiça com que os Hollande-  
zes do Brasil haviaõ occupado o Reino de Angola, S.  
Thomé, e Maranhaõ, tendo ja noticia certa de que  
El Rey D. Joaõ era acclamado em Portugal, e de que  
aqueelles Estados haviaõ admittido Tristão de Mendo-  
ça seu Embaixador, e ajustado com elle tregos por dez  
annos, assim desta, como daquella parte da Linha, e  
de que as forças dos Estados se haviaõ unido ás de Por-  
tugal, em prejuizo del Rey Catholico, inimigo de hu-  
ma, e outra Naçāo; e que álem de terem por muitas  
vias a certeza de todos estes successos, os Governado-  
res das Praças, que cautelosamente renderaõ, quando  
chegaraõ a ellas, lhe fizeraõ presente tudo o referido  
para que em nenhum tempo podessem cobrir o seu en-  
gano com a capa da ignorancia: e que sem embargo  
deitas admonestaçōens, se haviaõ mettido de posse das  
Praças, fazendo-se inimigos daquelle que os receberaõ  
como hospedes; e que convencidos das razoens que  
os Governadores Portuguezes lhe representaraõ, res-  
ponderaõ, que haviaõ dado conta áquelle Estados,  
cuja resoluçāo esperavaõ para seguir o que lhes orde-  
nasse: o que supposto, ficava claro, e sem duvida  
haverem procedido os Hollandezes do Brasil com des-  
ordenada cubica, offendendo o direito das gentes, a fē-  
publica, a confiança, e singileza natural de que Tris-  
taõ de Mendoça havia usado nas capitulaçōens feitas  
com aquelle Estados, a verdade constante da palavā  
que lhe deraõ, o intento pacifico da embaixada, a can-  
dida, e liza tençāo que El Rey teve quando a despe-  
dio, e confirmou o assento della. E que suppostos to-  
dos estes antecedentes, para que naõ houvesse no mun-  
do quem erradamente imaginasse, que as Províncias  
Unidas cooperavaõ em acção taõ iniqua, e que de-  
presente era escandalo universal, esperava naõ só que  
os Estados mandassem restituir a El Rey tudo o que aa-  
merica, e Africa se havia usurpado injustamente, sei-  
naõ que sentissem os Authores da culpa com exemplar  
castigo a gravidade della: porque havendo qualque-  
,, omis;

Anno

1642.

Oração que sez  
aos Estados.

## 408 PORTUGAL RESTAURADO,

ANNO

1642.

„ omissas nas duas precizas demonstraçōes, que cauçāo  
„ se poderia dar no mundo á fé publica, vendo-se a paz  
„ em todos os seculos sacrosanta, neste caso indignamen-  
„ te violada? E que a interpretaçō que alguns costuma-  
„ dos ás subtilezas do cōmercio davaõ aos capítulos da  
„ paz, era taõ indigna, que se corria de refutalla diante  
„ de taõ illustre Congreso: porque o tempo que se deu  
„ para se publicar a paz nas conquistas, era lizamente o  
„ que pareceo necessário para chegarem a ellas os Embai-  
„ xadores que levassem os traslados dos capítulos, e que  
„ durante este prazo, sendo notoria no Brasil a paz, taõ  
„ obrigados estavaõ a guardalla os Holandezes da Ame-  
„ rica, como os da Europa, senaõ queriaõ encorrer na  
„ Ley Civil dos Romanos, que chama dolo a naõ se dar  
„ credito ao que todos crem, e dizem em algum lugar:  
„ e que entendendo-se esta ley em huma só parte, se po-  
„ deria forçolamente explicar em tantos lugares, como  
„ forao os em que no Brasil se publicou a acclamaçō  
„ del Rey. Que por estas razoens (*e outras muitas que*  
„ *accrescentou*) esperava EI Rey seu senhor, que os Esta-  
„ dos gloriosos em tantas acçōes militares, e politicas  
„ naõ haviaõ de querer desluzillas, usurpando cautelo-  
„ samente as Praças, e Lugares que lhes naõ pertenciaõ.  
Este bem fundado discurso pedia huma Armada muito  
poderosa para passar ao Brasil, quando os Holandezes  
naõ admittissem as proposiçōes delle: porem os Holan-  
dezess, desprezando o pouco danno que podiaõ receber  
das nossas armas, fizeraõ pouco caso das nossas queixas.  
Mas naõ passou muito tempo, que naõ mostrasse Deos  
que accodia pela nostra justiça.

EI Rey achando-se dependente, tratou de con-  
temporizar, em quanto se naõ pode satisfazer, e pouco  
a pouco foy melhorando todas as disposiçōes. Conside-  
rando que nas primeiras Cortes, que no principio do an-  
no de 1641 havia celebrado, naõ tinhaõ os Povos con-  
guinado os effeitos necessarios para assistir ás grandes despe-  
zas, que fazia a guerra, os convocou legunda vez a 18  
de Setembro. Celebraraõ-se na sala dos Tudescos com as  
ceremonias costumadas. Repartiraõ os tres Estados pa-  
los

Segundas Cor-  
tes.

## PARTES I. LIVRO VI. 409

los Conventos de Santo Eloy, S. Domingos, e S. Francisco: ao primeiro foy o da Nobreza, ao segundo o Ecclesiastico, ao terceiro o dos Povos. Foy proposta, que El Rey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos que te orçou nas primeiras Cortes, que era necessario para defender as fronteiras do Reino, se naõ podiaõ sustentar com menos de douz milhões e quatrocentos mil cruzados, que a este respeito se apontalem os meyos mais suaves de se tirar do Reino este dinheiro. Depois de varias consultas, concordaraõ os tres Estados, que as decimas eraõ o caminho mais proprio, e o tributo mais igual, de que se podia usar: porém declararaõ os Povos, que na contribuïçao havia de ficar o seu corpo separado, para que se foubesse o que cada hum dos tres dispendia, e naõ viesse a cair no Povo, como menos poderoso, o mayor pezo. Os Ecclesiasticos, e a Nobreza uniraõ-se contra esta proposta, naõ querendo desunitir-se na contribuïçao. Repetiraõ os Povos as instancias. Mandou El Rey persuadir aos Procuradores pelo Secretario de Estado Francisco de Lucena. Ajudavaõ o designio del Rey o Marquez de Montalvão, e Duarte Alvares de Abreu Desembargador dos Aggravos, que eraõ Procuradores de Lisboa. Propoz o Secretario de Estado, que El Rey offerecia do patrimonio Real, e das consignações, que lhe tocavaõ, prefazer novecentos mil cruzados, e que queria que os tres Estados sem separaçao pagassem hum milhão e quinhentos mil cruzados das decimas das f. zendas. Os Procuradores dos Povos vendo esta resoluçao, e domesticos com as negociações os que estavaõ mais asperos, se reduziraõ á vontade del Rey, e veyo tem separaçao a ficar asentado o tributo das douz milhõens e quatrocentos mil cruzados para as despezas da guerra. Nestas Cortes se déraõ a El Rey varios papeis sobre o procedimento dos Ministros de que se servia. Resultou o mayor efecto de huma petição que se fez contra Francisco de Lucena assinada por muitos Procuradores dos tres Estados do Reino, e presentaraõ na a El Rey alguns dos Ministros de mayor esfera. Francisco de Lucena havia assistido em Madrid com a occupação de Secretario do

Anno

1642.

*Proposta del Rey.*

*Assentarse a contribuïçao.*

*Petição contra Francisco de Lucena Secretario do Estado.*

Anno  
1642.

He prezado em  
São Gião.

Sabe a Armada  
da a correr a  
Costa.

Tomaõ-se na  
Ilha Terceira  
dous navios de  
Indias.

410 PORTUGAL RESTAURADO,  
do Conselho de Portugal: por industria de seus inimigos  
o tinha mandado El Rey D. Filipe para este Reino por  
Secretario das Mercês. Neste exercicio o achou a accla-  
maçao del Rey, e inculcado pela sua grande capacidade,  
o elegeraõ os Governadores para servir de Secretario de  
Estado, até que El Rey chegasse: porque ainda que elle  
no tempo de Castella havia encontrado os interesses da  
Casa de Bragança, era conhecidamente inimigo de Mi-  
guel de Vasconcellos. Deu-lhe El Rey a posse do exercicio  
em que o achou, e satisfez-se de forte do seu talento, que  
se accommodava ao seu parecer em todas as matérias  
mais importantes. Este favor incitou a inveja, e provocou  
a calunia, e foy occasião da ruina de Francisco de Lu-  
cena. Estava prezado em Madrid seu filho Affonso de Lu-  
cena, e procurava meios de o livrar da prisaõ, ou ao me-  
nos de lha suavizar: cresceo de sorte a murmuraçao de-  
sta diligencia, que passou a fazer suspeitoza a sua fidel-  
idade. E este foy o fundamento dos capitulos que se de-  
raõ contra elle, de que se originou mandallo El Rey prez-  
ado para a Fortaleza de S. Gião; porque ainda que na sua  
opinião era inocente, e havia dado consentimento ás  
diligencias que Francisco de Lucena fazia pelo alivio da  
prisaõ de seu filho, eraõ tantas as pessoas, e de tanta  
authoridade as que se fizeraõ partes neste negocio, que  
lhe pareceo a El Rey preciso satisfazelhas. E desta relo-  
luçao veyo a resultar a Frâncisco de Lucena a ultima ca-  
lamidade, como em seu lugar diremos.

Neste anno mandou El Rey a Armada a correr a  
Costa: era General della Antonio Telles de Menezes,  
Almirante Cosme do Couto, que havia passado de Cas-  
tella a servir este Reino. Levava a Armada 15 navios de  
guerra, e tres de fogo, que guarneciaõ 2500 Infantes:  
recolheo-se na entrada do Inverno sem mais effeito, que  
segurar os nossos mares. Melhor e empreza conseguião na  
Ilha Terceira os soldados da Fortaleza de S. Filipe: por-  
que chegando a ella dous navios de Indias na fé de que se  
conservava sujeita a El Rey de Castella, quando recon-  
hecerão o engano, acháraõ inevitavel o perigo, forão  
remetidos a Lisboa, e interessou El Rey nelles conside-  
ravel fazenda.

Neste

Em quanto duráraõ estes successos em Portugal, naõ estiveraõ socegadas as armas no Brasil. Mandou El-Rey por Governador daquelle Estado Antonio Telles da Silva. Tanto que chegou à Bahia, procedeo contra os tres que governavaõ, pelas offensas feitas ao Marquez de Montalvaõ. Mandou prezos pa a Lisboa Luiz Barbailho, e Lourenço de Britto. A Luiž Barbailho perdoou EIR y, por se averiguar, que os seus erros procederaõ mais do entendimento que da vontade. Lourenço de Britto esteve muitos annos prezado na cadea publica de Lisboa. Ao Bispo fez Antonio Telles repor todos os ordenados, que havia levado. Neste tempo conseguiraõ os moradores do Maranhaõ, sem mais socorro que o estímulo dos aggrevos que receberaõ dos Hollandezes, gloriosa satisfaçao de tantas offensas. Depois de ocupado o Maranhaõ guarneceraõ os Hollandezes a Cidade, e repartiraõ 300 soldados pelos Engenhos da terra firme. Huns, e outros com a soberba de injustos vencedores se licenciaõ de sorte, que naõ perdoando ao sagrado, nem ao profano, em todos os lugares visão lastimolamente os Portuguezes as Igrejas, e as honras offendidas. Eraõ mayores os excessos dos que habitavaõ nos Engenhos, e assim foraõ os pri meiros que padeceraõ o castigo. Desenganados os Portuguezes de que lhe naõ valia, nem apparent rem se com os Hollandezes casando-os com suas filhas, nem queixarem-se ao Governador, como repetidas vezes fizeraõ, appellaraõ para o valor de seus braços, nos quaes por antiga disposição da natureza, acharaõ sempre o mais eficaz remedio. Elegeraõ por superior acertadamente Antonio Moniz Barreto, que havia exercitado o posto de Capitão mór da Cidade com grande opinião de fôlderio pratico, e valerofo: aceitou elle a occupação, attendendo assim ao bem publico, como á offensa particular, por haver recebido muito máo trato de vinte Hollandezes, que alojavaõ en huñ Engenho, que elles lhe haviaõ deixado. Resoluto em intentar taõ difficult empreza, ajuntou cem Portuguezes, e alguns negros, e huma noite entrou em todos os Engenhos que lhe ficavaõ mais perto, e naõ ficou Hollandez que com a vila naõ pagasse os delictos.

Tom. I.

Ce

com:

Anno

1642.

*Successos do Barreto, fil de que ha Governador Antonio Telles da Silva.*

*Antonio Moniz Barreto se levanta no Maranhaõ contra os Hollandezes.*

Anno  
1642.

*Ganha o Forte  
do Calvario.*

*Derrota os Ho-  
landeses.*

*Sitio a Cidade.*

## 412 PORTUGAL RESTAURADO,

commettidos. Passou o empenho a mais difficult, e mais generosa vingança; e antes de amanhecer, chegaraõ a hum forte chamado do Calvario, que os Holandezes guardavaõ com 70 soldados, e oito peças de artilharia. Conservaraõ o silencio até que conseguiraõ matar huma sentinelha, que com repetidas vozes acordou aos Holandezes, mas acodiraõ a tempo que o Forte estava entrado pelo mesmo lugar, em que a sentinelha perdeo a vida. Intentáraõ elles em vaõ a resistencia: porque a razaõ, e o valor dos nossos soldados lhes facilitava hum triunfo em cada golpe. Degolaraõ todos os Holandezes que guardavaõ o Forte, e sabendo distinguir a razaõ do agravo entre os maiores impetos da colera, perdoáraõ a alguns Francezes. Ganhando o Forte, passou Antonio Moniz sem dilacão à Ilha, por naõ haver na terra firme outra oposição, intentando conseguir a victoria no descuido dos Holandezes: porém naõ logrou este acertado discurso; porque hum negro que fugio da terra firme, de tudo o que nelle havia acontecido deu aviso na Cidade. Preveni-se o Governador, e passaraõ se os maiores dos Portuguezes, a que chegou esta noticia, a se incorporarem com 30 que Antonio Moniz havia mandado diante. Huns, e outros degolaraõ 40 soldados Holandezes, que sahiraõ da Cidade a descobrir a campanha. O dia seguinte chegou Antonio Moniz a se incorporar com os Portuguezes da Ilha, e marchando para a Cidade, se encontrou com hum Capitão Escocez chamado Sandalim, que vinha por Cabo de 120 Holandezes a reconhecer o seu intento. Tanto que huns, e outros se avistaraõ, resolutamente se investiraõ: porém naõ valendo ao Escocez o valor com que pelejou, foi derrotado naõ escapando mais que cinco Holandezes. Logrou Antonio Moniz neste sucesso, naõ so conseguilho sem perder mais que dous soldados, mas ganhou nelas armas para os que conduzia, de que tinha grande falta. Animado do favor da fortuna se resolveo a sitiaria a Cidade com pouca gente, faltou de polvora, e instrumentos. Chegou a ella, ganhou logo alguns postos, e fortificou-se nelles, querendo ter os Holandezes opprimidos, quando naõ pudeste conquistallos: fizeraõ elles algumas sortidas.

tidas, e de todas se recolheraõ com grande perda. Continuou o sitio, e como os maiores successos delle se conseguiraõ com a restauraçao da Cidade no anno de 1643, daremos em seu lugar esta noticia, por naõ sahirmos da ordem da historia. No Reino de Angola se passou este anno com grande oppressao, conservando-se Pedro Cesar nos Lugares apontados, sem se offerecer occasiao digna de referir. Em S. Thomé guarneçeraõ os Hollandezes só as fortificações, e deixaraõ livres aos moradores a Cidade, e mais Lugares, que de antes occupavaõ, obrigando-os a que lhe pagassem a contribuiçao que costumavaõ dar a Portugal. El Rey tendo noticia do que succedia em S. Thomé, mandou por Governador daquella Ilha a Lourenço Pires de Tavora com ordem, que usasse do tempo confórme as occasioens que lhe offerecesse a fortuna. Chegou elle a S. Thomé, e sem contradicçao tomou posse do governo, e se foy dispendo para conseguir o que El Rey lhe ordenava. Passados alguns annos veyo a corresponder felizmente o successo ao intento.

Continuou no Estado da India a guerra com os Hollandezes na mesma fórmā que a deixamos o anno antecedente, naõ podendo prevalecer as diligencias que o Viso Rey fazia por effeituar a Tregoa, e os requerimentos, e protestos, que por repetidas vezes mandou fazer ao General da Armada, que assistia na Barra de Goa, de que corriaõ por sua conta todas as perdas, e danos; que de guerra taõ injusta sobreviesse. Porem os Hollandezes, idolatras do interesse, naõ attendiaõ mais que ao fim pertendido, de ficarem senhores da India nesta occasiao, em que consideravaõ, por todas as circunstancias, as nostas forças mais debilitadas. Teve noticia o Viso Rey de que em Ceilaõ intentavaõ sitiari Columbo, e que ao mesmo tempo determinavaõ ganhar S. Thomé, e Jafanapataõ, e que para este effeito haviaõ sahido de Battavia seis navios de guerra a se incorporar com outros quatro, que se separavaõ da Armada, que estava sobre a barra de Goa. O Viso Rey embaracado com taõ diferentes, e vigorosos cuidados, naõ se achando com poder para mandar occorso ao mal no tempo a todos os Lugares

Anno  
1642.

Anno  
1642.

414 PORTUGAL RESTAURADO,

que os Holandezes ameaçavaõ , ordénou a Domingos Ferreira Belliago , que era Capitão mór da Armada do Cabo de Comorim , que seguisse os quatro navios Holandezes , que haviaõ sahido de Goa , coiteando ate Cochim ; e que naõ achando naquelle Reino noticia do intento dos Holandezes , chegasse ao Cabo de Comorim , e a todo o risco soccorrele a Praça que elles ententassem invadir. E porque a Armada de Domingos Ferreira naõ era muito poderosa , ordenou o Viso-Rey a D. Alvaro de Attaide , que com nove navios se encorparasle com elle , e seguisse a sua ordem. Neste tempo apparecerão nos mares de Ceilaõ doze navios Holandezes , e intentando lançar em Negumbo gente em terra , defvaneceo a sua resolução o valor com que os do presidio se deliberaraõ á defensa da Praça , e fizeraõ se na volta de Calature , mostrando que seguião o intento de atacar Jafanapataõ . D. Filipe Mafrenhas accodio promptamente a soccorrer Jafanapataõ ; mandou lhe artilharia , e muniçōens , e despedio hui n navio , e oito galeotas a se incorporarem com Domingos Ferreira ; e juntamente passou ordem a Francisco de Seixas , que com 400 homens m chasse para aquella parte. O mesmo receyo com que neste tempo passavam dos Holandezes , tinhaõ elles de que intentassem recuperar a Fortaleza de Gále. Para se segurarem desti suspeita , mandáraõ a'guns navios que continuamente assistissem na boca da barra , por ser o ataque pela parte do mar , o que avaliavaõ por mais perigoso : porque a coaduçō da artilharia por terra era muito difficultosa. Vendo D. Filipe as difficultades de ganhar Gále por força , dete minou conquistalla por acedio : porque tiradas as comodidades da campanha , poderia conseguirela largarem os Holandezes a Fortaleza. Pórem como pela parte do mar estavaõ livres os soccorros , parecia infructuoso este empenho , de que podera tirallo a ordem do Viso Rey , que chegou a fete de Outubro , de estarem ajustadas as trégoas com os Holandezes entre El Rey , e os Estados por dez annos , na fórmā , e com as condições que fica referido : mas naõ pode conseguir , que o Governador da Fortaleza de Gále Joab Mattheus quizesse sujeitarse a esta noti-

# PARTE I. LIVRO VI. 415

noticia ; que lhé mandou fazer presente por Lourenço Pereira de Brito, usando da mesma cautela, de que se valéraõ os que estavaõ na barra de Goa: respondeo, que sem ordem do seu General, que assistia em Battavia, que era naquelle tempo Antonio Wandamien, nãõ podia alterar o estado da guerra, e se resolvia a continualla. Com esta reposta, e sem outro efecto seguiraõ o mesmo esti-  
lo os negocios da India até o fim deste anno que acabamos de escrever. Sahiraõ neste tempo da barra de Lisboa pa-  
ra soccorro da India os Galeoens S. Bento, de que era Capitão mór D. Joaõ da Gamma, e N. Senhora de Penha de França, que governava Joaõ da Costa, os Patachos N. Senhora do Rosario, e N. Senhora da Oliveira, go-  
vernados por Antonio Cabral, e Pedro de Oliveira. S.  
Bento perdeu-se em Moçambique, salvou-se parte da  
gente; e o Capitão mór, que falleceu em terra dentro de  
poucos dias. Destas, e de outras desgraças succedidas na  
viagem, e guerra da India se originou a opiniao, de que  
seria facil fabricar-se huma calçada de ossos, que chegasse  
de Portugal à Goa, em que se contaõ mais de 5500 le-  
guas de distancia, se se dera caso que se pudessem ajun-  
tar os corpos dos Portuguezes mortos nesta arrojada, e  
gloriõsa conquista. Porem os animos grandes nãõ costu-  
mão desviarse de emprezas difficultosas; antes se incitaõ  
mais quando as consideraõ menos factiveis: tendo por  
certo o triunfo ou na execuãao, ou ao menos no in-  
tentio.

Entrou o anno de 1643, e tanto que cessou o ri-  
gor do Inverno, tornou a travar-se o exercicio da guerra  
em todas as Províncias de Portugal. O Conde de Obidos,  
que governava Alemtejo, passou a Lisboa com licença  
del Rey a receberse com Dona Joanna Mâscarenhas filha  
de seu irmão o Conde de Santa Cruz: ficou governando  
a Província o Mestre de Campo General Joanne Mendes  
de Vasconcellos. Foy o primeiro bom succeso do seu go-  
verno mandar a Villar del Rey o Coronel Til com o Re-  
gimento de Hollandezes que governava, a que se uniraõ  
as Tropas de Campo Mayor. Marcharaõ todos de noite,  
ao amanhecer lançaraõ 40 Cavallos a pegar no gado que

Tom. I.

Cc iii

sahia velhano.

Anno

1642.

*Nãos que passa-  
raõ á India.*

Anno

1643.

*Successos de  
Alemtejo.*

*O Coronel Til  
derrota 50 Ca-  
valhos.*

Anno  
1643.

Rompe o Com-  
missario Gaspar  
Pinto huma  
Tropa.

416 PORTUGAL RESTAURADO,  
sahia da Villa : sahio della huma Companhia de Cavallos  
com cincoenta Infantes, e empenháraõ-se com tanta im-  
prudencia, que todos forão derrotados, e os mais delles fi-  
cárão mortos. Retiráraõ-se as nosas Tropas sem oposição  
da Cavallaria de Badajoz : porque havia marchado a noi-  
te antecedente para Valverde, acodindo a huma rebate que  
a este fim se lhe deu de Olivença. Passados poucos dias  
juntou Joanne Mendes seiscentos Cavallos, e entregou-os  
a D.Rodrigo de Castro, Tenente General da Cavallaria,  
ordenando-lhe, que antes de amanhecer se emboscassem na  
riveira de Alcarrache, desta parte de Guadiana, vizinha  
a Badajoz : Joanne Mendes com douz mil Infantes fez  
alto nas vinhas das Caldeiras, que ficaõ junto a Caya, por  
onde este rio entra em Guadiana. Era o fim derrotar as  
Tropas de Badajoz, que costumavaõ vir à forragem áquel-  
le sitio. Naõ sucedeo sahirem no dia que as esperavaõ  
por passarem mostra. Desenganado D. Rodrigo, mandou  
quarenta Cavallos que carregassem as sentinelas até a pon-  
te que remata na porta de Badajoz, que olha par Portugal.  
Assim o executáraõ, sahiraõ da Cidade duzentos Ca-  
vallos, vieraõ carregando os quarenta que com boa fortu-  
na os meteraõ na emboscada, se D.Rodrigo sentio antici-  
pára a sair della, de que resultou retirarem-se os Castelha-  
nos sem danno consideravel. Sentio Joanne Mendes tan-  
to esta desordem, que mandou prender D.Rodrigo : mas  
durou-lhe o castigo poucos dias. Joanne Mendes, desejan-  
do fazer gloriosos os principios do seu governo, mandou  
ao Commissario Geral Gaspar Pinto Pestana, que fosse  
armar ás duas Tropas que estavaõ no Almendral; Villa  
cinco leguas de Olivença. Derrotou o Commissario humas  
das Tropas, matando o Capitão della, e retirouse com  
brevidade, receando as muitas Tropas do inimigo, que  
estavaõ alojadas em varios quarteis vizinhos ao Almen-  
dral, e achou, segurando-lhe o porto da riveira de Oli-  
vença, ao Mestre de Campo André de Albuquerque, que  
de Capitão de Infantaria havia passado a este posto pe-  
lo grande valor, e capacidade que mostrava. D. Joaõ  
de Garay, em satisfação destas entradas, juntou a Ca-  
vallaria, parte da Infantaria das Praças vizinhas, e cor-  
teo

reto a campanha de Santa Olaya, duas leguas de Elvas, com grande prejuizo dos lavradores. Naõ foy possivel a Joanne Mendes impedir esta entrada pela desigualdade do poder: bulcou a satisfaçao tornando a unir a Cavallaria, marchou com ella D. Rodrigo de Castro a armar ás Tropas de Albuquerque, succedeolhe taõ felizmente que as derrotou, tomndo-lhe 80 Cavallos. Sentio D. Joao de Garay igualmente este successo ao que experimentava de se lhe passarem de 600 Napolitanos, que haviaõ chegado montados a Badajoz, a mayor parte a Portugal: quiz evitar este damno, espalhando, que tanto que chegavaõ ás nossas Praças lhes tiravaõ as vidas. Desbaratou Joanne Mendes esta industria, mandando aos que se passavaõ que escrevessem varios papeis, nos quaes declarassem o bom tratamento que recebiaõ. Foraõ lançados em Badajoz, e em outros lugares de Castella, de que resultou continuarem os Napolitanos de forte em se passarem para este Reino, que foy necessario a D. Joao de Garay desmontar a mayor parte delles: e estimulado destas, e de outras desordens que experimentava; sem poder remedialas, pedio licença a El Rey para ir a Madrid. Permittiõlha, e succedeolhe D. Diogo de Benavides, que com o titulo de Mestre de Campo General ficou governando o exercito. Tanto que chegou a Badajoz, reconhecendo todos os sitios vizinhos daquelle Praça, parecendo-lhe importante o lugar de Telena o mandou guarnecer de Infantaria, e levantar-lhe huma trincheira. Teve Joanne Mendes esta noticia, e determinou livrarse deste embaraço: juntou mil Cavallos, e 3000 Infantes passou Guadiana, entrou o lugar facilmente arrazou o, e pozelhe o fogo, e deixou-o incapaz de se guarnecer sem nova fortificaçao. D. Diogo de Benavides achando-se com inferior poder, naõ quiz arrojarse ao empenho dificil de se oppor a este intento, e Joanne Mendes se retirou a Elyas. Poucos dias depois deste successo, tave aviso que os Castelhanos mandavaõ duas Tropas segurar o gado que passava entre Xevora, e Guadiana. Ao nascente defronte de Badajoz entra em Guadiana Xevora; e por que de Inverno corre impetuoso, tem huma ponte

Anno

1643.

*Derrota D. Ro-  
drigo de Castro  
as Tropas de  
Albuquerque.*

*Passaõ se muitos  
Napolitanos a  
este Reino.*

*Retirase do go-  
verno D. Joao  
de Garay. Suc-  
cedelhe D. Dio-  
go de Benavides*

*Ganha Joanne  
Mendes de Vas-  
concellos Telena*

Anno  
1643.

418 PORTUGAL RESTAURADO,  
bem fabricada, meya legua desta Cidade. Matchou Dom  
Rodrigo de Castro de Campo Mayor, e o Mestre de  
Campo Ayres de Saldanha; e unindo le lhe as Tropas de  
Elvas, ajuntáraõ quinhentos Cavallos, e seis Companhias  
de Infantaria; passou D. Rodrigo com a Cavallaria o mais  
perto da ponte que lhe soy possivel, para dar calor ao  
Coronel Til, que com o seu Regimento de Hollandezes  
se havia adiantado a hum vale encuberto do Forte de São  
Christovaõ, e Ayres de Saldanha ficou segurando hum  
porto de Xevora. Sahiraõ pela manhã trinta Cavallos  
de Badajoz, a que davaõ calor as duas Tropas destinadas  
para comboy do gado: avançaraõ os Hollandezes, tomá-  
raõ quinze Cavallos, os mais se retiraraõ para as duas  
Tropas, e todos á ponte de Badajoz. Montou ao rebate  
a Cavallaria daquelle Praça, e sahio della governada pe-  
lo Commissario Geral D. Joaõ Baptista Filo Marino: car-  
regou elle com tanto impeto os Hollandezes, que os obri-  
gou a se retirarem. Soccoreo os D. Rodrigo, e fizeraõ  
alto os Castelhanos: travou-se huma bem contendida es-  
caramuça, esforçaraõ se os soccorros de huma, e outra  
parte; ultimamente avançou D. Rodrigo com todas as  
Tropas, cederaõ os Castelhanos, e retiraraõ se ao Forte  
de S. Christovaõ, e deixando morto o Commissario Geral,  
leváraõ prisioneiro a D. Francisco de Almada, porque se  
lhe desenfreou o cávallo, e sem poderem soccorrelo, se  
meteo entre os Castelhanos. Mandaraõ no para Madrid,  
e trocaraõ no depois pelo Marquez de la Puebla: vive  
hoje Religioso da Companhia de JESUS com grande ex-  
emplo, e letras. Retirou-se D. Rodrigo; e ficaraõ de húa,  
e outra parte alguns mortos na campanha. Os Castelhanos  
o dia seguinte derrotáraõ na campanha de Elvas jun-  
to a Atalaya de Uveda a companhia de Cavallos de An-  
tonio do Canto de Castro, não se achando elle presente.  
Estavaõ os Cavallos desmontados, e não haviaõ as ten-  
tinetas ocupado os postos convenientes; salváraõ se só  
alguns soldados que se recolhéraõ á Atalaya. Tomou  
Joaõ de Saldanha da Gáma satisfaçao desta offensa: sahio  
de Campo Mayor com as Tropas, e Terços daquelle  
guarniçao, e derrotou em Albuquerque duzentos Infantes,  
que

*Escarâmuça em  
Badajoz, em q  
foi prezado Dom  
Francisco de Al-  
mada.*

*Derrotaõ os Ca-  
selhanos huma  
Tropa de Elvas.*

*Derrotaõ Joaõ  
de Saldanha em  
Albuquerque  
200 Infantes.*

que com pouca cautela achou fóra da Praça ; perdeu a vida os mais dos soldados , e trouxe os Officiaes prisioneiros. Em quanto em Alemtejo succediaõ estes breves encontros , e outros de menos importancia , preparava ElRey o exercito , que no Outono seguinte determinava que sahisse em campanha. Os annos antecedentes se tinha ventilado esta materia , e ElRey havia prudentemente dilatado a execuçāo , considerando as poucas forças do Reino , arruinado do governo de Castella , e a pouca experiençāo dos soldados. Porém tendo ja quasi tre annos de exercicio , e havendo-se augmentado as fortificaçōens , e sobre tudo querendo satisfazer as instâncias del Rey de França , que desejava divertir o poder dos Castelhanos de Catalunha , seando esta guerra hum das m. yores funda- mentos da conservaçāo de Portugal ; por est s , e outras razoens muito consideraveis , resolveo ElRey que o exercito sahisse em campanha , e juntamente assistir em Evora todo o tempo que durasse , assim para que todos seus Vasallos accodissem ao exercito , como para que não fiassem nelle os soccorros , e provimeatos , e a Praças da Província estivessem seguras de qualquer diverso , que os Castelhaos intentassem. Tomada esta resoluçāo , e ajustadas todas as prevençōens , declarou ElRey que a Rainha D. Luiza ficava em Lisboa governando em sua au- lencia , e nomeou para lhe assistirem no governo a D. Manoel da Cunha Bispo Capellaõ mór , a Sebastião Cesar de Menezes , e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho à tarde montou ElRey a cavallo , adornado , e os que o acompanhavaõ , de gallas militares : foy á Sé a benzer o Estendarte , que entregou a D. Francisco Coutinho Conde de Redondo seu Alferes mór : sem voltar ao Paço entrou em hum bergantim , e passou a Aldea Galega , donde partiu o dia seguinte , e avisou a Evora que havia de entrar de noite naquella Cidade ; e não bastou esta prevençāo para deter o povo que sahio a esperalho com tanta alegria , que annuncjava o bom successo da campanha. Estavāo prevenidas para ElRey as casas do Conde de Ba- fio , onde esteve até 30 do mesmo mez , dia em que entrou na Cidade publicamente com grande apparato , e magnificencia

Anno

1643.

*Resolvo ElRey  
passar a Alem-  
tejo , e que fi-  
que governando  
a Rainha.*

*Entra ElRey em  
Evora.*

Anno  
1643.

*Sahio o Exercito  
em campanha.*

## 420 PORTUGAL RESTAURADO,

magnificas festas. A 7 de Agosto passou E!Rey encuberto a Lisboa a ver a Rainha, que havia deixado em vespertas do parto, de que násceo o Infante D. Affonso, que depois sucede o Reino: porém vendo que a dilação era maior do que supunha, tornou a voltar para Evora, e com toda a attenção foy dispondo as prevenções que faltavao para sahir o Exercito no mez de Setembro seguinte em campanha, tempo em que o Sol vay perdendo a força incontrastavel do verão na Província de Alemtejo. Havendo chegado a Elvas as levas de Cavallaria, e Infantaria, e todas as carruagens, sahio o Exercito daquella Cidade a seis de Setembro, governado pelo Conde de Obidos; era seu Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro mor, da Artilharia Dom Joao da Costa, posto a que pouco antes havia passado. Constava o Exercito de doze mil Infantes, dois mil Cavallos, dez peças de artilharia de Campanha, dois morteiros, e varios instrumentos de expugnação, esmaltava-se com a maior parte da Nobreza do Reino, que se dividio pelas Tropas, e Terços de Infantaria, sendo hum dos primeiros que fentárao praça Mathias de Albuquerque, que exercitava o Ofício de Soldado, como se não houvera governado pouco tempo antes aquelle Exercito. A Cavallaria se compunha de quatorze Companhias Portuguezas, e de cinco Regimentos, traz Hollandezes, e dois Francezes. Antonio de Saldanha Capitão mór da Torre de Belém ficou em Elvas com dois mil Infantes de guarnição, entregue do governo da Província. Sahio o Exercito de Elvas ás duas horas da tarde, e ficou alojado desta parte do Guadiana; o dia seguinte passou a ponte de Olivença, onde se incorporárao alguns Terços, e Tropas que faltavao, e fez alto nas hortas de Olivença, Praça que ficou governando D. Gastaõ Coutinho. Amanheceu, e passou o Exercito a Ribeira de Valverde, e entrou pela Extremadura, havendo 170 annos contados desde o tempo d'E!Rey D. Affonso V, que não havia entrado em Castella Exercito de Portugal, aquartelou-se pouco distante de Valverde, Praça destinada para ser o primei-

ro emprego desta campanha. Era Governador de Valverde Joao Baptista Pinha Teles Napolitano com 120 Infantes pagos Hespanhoes, e Italianos, e 80 Cavallos divididos em duas Tropas: a fortificação não havia melhorado muito, depois que esta Villa a primeira vez foy entrada; e as muitas paredes das hortas, e pomares que a rodeavaõ, davaõ grande commodid. de à Infantaria para chegar ás trincheiras: os moradóres que estavaõ dentro eraõ poucos, havendo sahido a maior parte delles para os lugares do sertão, por ordem do Conde de Santo Este. vaõ; que havia chegado a Badajoz a governar as Armas da Estramadura, com pouca tisfaçõ dos Castelhanos, pela pouca pratica que havia conseguido na Arte Militar. Na manhaã de 10 de Setembro chegou o exercit a Valverde, e havendo o Mestre de Campo General reconhecido os postos, mandou avançar 500 Infantes governados pelos Sargentos mōres Bento Maciel, e Antonio Gallo, com o fim de ganhar huma encina vizinha à Praça: ocupáraõ-na, desprezando as muitas balas que os Castelhanos atiravaõ das trincheiras. O exercito se dividio em dous quartéis: ficou o Conde de Obidos alojado junto a esta eminencia, a que dava nome huma hermita de S. Pedro, que nella havia, e o Mestre de Campo General na parte opposta. Repartiraõ-se os Terços, e facilmente forao chegando, cobrindo-se com os vallados das vinhos, ás trincheiras da Praça as mangas de Mosqueteiros. Defendiaõ-se delles os Castelhanos com repetidas cargas. Joao de Saldanha de Sousa (que havia sucedido no Terço a D. Joao da Costa, depois de ocupar o posto de Tenente General da Cavallaria da Beira) Ayres de Saldanha, e Estacio Pique ganharaõ huma ruina quasi igualas ás trincheiras, donde o inimigo recebia consideravel danno. Dom Joao da Costa fez jogar a artilharia das duas eminencias de S. Pedro, e Martyres com pouco efecto; e por esta causa mandou a Olivença buscar dous meios canhoens. Em quanto não chegavaõ, molestava a Praça com os morteiros, fuzelando nella as bombas danno consideravel. O Conde de Obidos, antes que se passasse a maior empecho, mandou huma trombeta a per-

Anno

1643.

*Sirio de Valverde.*

fusão

## 422 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno  
1643.

ſadir ao Governador que ſe rendeſſe. Respondeo e le com arroganeia, moſtrando desprezar o perigo, fiado na promessa que o Conde de Santo Estevoão lhe havia feito de o ſoccorrer. Ayres de Saldanha, das ruinas onde aſſiſia, deu principio a hum aproche, em que trabilhavaõ igualmente com os ſoldados as peſtoas mais principaes, que andavaõ no Exercito. O Conde de S. Estevoão intentou com mil Cavallos, e cento e cincuenta Infantes in- truzir ſoccorro em Valverde pela parte de Albuſeira, diſtante duas leguas deſta Praça: porém retirou ſe antes de chegar ao Exercito, parecendo lhe pouco o poder que le- vava para o desbaratar, e que a Praça naõ neceſſitava de guarniçāo, ficando por este reſpeito intempeſtivo o em- penho a que ſe deliberava. Retirou ſe para Badajoz, e in- truzio em Valverde hum Sargento com avifo ao Go- vernador ) que elle, para ſe justificar, fez publico quando rendeo a Villa ) em que lhe ordenava que pelejasse em quanto lhe falle poſſivel, ſem esperar ſoccorro, porque elle ſe achava ſem forças para tomar este empenho; e que estimaria infinito, que os Portuguezes queimafleem toda a Eſtremađura, para ver ſe crião os Ministroſ de Madrid, que havia Rey em Portugal, e que tinha Exercito em Ca- ſtella. Com este desengano vendo o Governador que a ar- tilharia groſſa começava a jugar, e que a Infantaria, ha- vendo chegado ás trincheiras, ſe diſpunha para dar o ata- to, paſſados tres dias rendeo a Praça, declarando que ca- pitulara com o Conde de Obidos Governador das Armas do Exercito del Rey de Portugal Titulo, que ſó a artilha- ria, que contavaõ por ultima razāo dos Reys, obrigava aos Caſtelhanos naquelle tempo a proferir. Eraõ as con- diçōes, que a guarniçāo fahiria formada, ſegurando- ſe lhe toda a comodiſade para paſſar a Ayamonte, lu- gar de Andaluzia, aonde naõ poderia entrar ſenão em principio de Novembro, por ſe evitar a aſſiſtencia daquel- la gente na campanha daquelle anno. A mayor parte dela ſicou em Portugal por ſua vontade, principalmente a Napolitana. Tanto que fahio a guarniçāo, entrou o Exer- cito em Valverde, e depois de retirada a artilharia, as muniçōes, e baſtimentos, e de fahirem os moradores

Rendeſe a Pra-  
ça.

pa-

para os lugares vizinhos, se poe fogo á Villa, refrestando-se a Igreja. Foy de grande utilidade esta empreza: porque Valverde era continua molestia de Olivença, e dos mais lugares vizinhos; e entrando o exercito a campear com bom succeso, lograva-se o fim para que fora formado, que era a reputaçao das Armas, e a diversaçao de Catalunha, suspendendo os soccorros daquelle parte o cuidado desta. Cinco dias se deteve o Exercito em Valverde, aguardando a Cavallaria, e Infantaria, que havia marchado com os rendidos a Estremoz. Neste tempo chegou avizo ao Conde de Obidos, de que o Conde de Santo Estevoão sahira de Badajoz para Merida com a mayor parte da Cavallaria, e Infantaria, e que em Badajoz havia ficado o Conde de Torrejon Mestre de Campo General com muito pouca guarniçao. Chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz esta noticia, mostrando afiçaoar-se à empreza de Badajoz. Naõ achou contradicçao nos que votaraõ, nem fez reparo no pouco numero de gente, e na falta de artilharia grossa, e de outras prevençoes, que sem contradicçao eraõ voto contrario, passando juntamente pelo escrupulo da ob.ig. ção de avisar El Rey estando taõ vizinho, naõ parecendo justo tomar esta resoluçao sem seu consentimento, porque a ambiçao de gloria lhe facilitou todos os inconvenientes. Com o intento proposto marchou o Exercito para Badajoz, e na segunda marcha alojou junto das ruinas de Teleno, e a legoa que este Lugar dista de Badajoz marchou sem mudar forma. As aguas do Guadiana, que banhão as muralhas de Badajoz, serviaõ de trincheira ao lado esquerdo, cobrindo o direito todo o Corpo da Cavallaria; marchava de vanguarda o Mestre de Campo Martin Ferreira, soldado de conhecido valor, com tres Companhias de cada Terço. Chegou o Exercito á vista de Badajoz, (situacao que descreveremos em lugar mais competente, porque as poucas occasioens que houve nesta empreza naõ pedem a explicacao dos sitios) o inimigo lançou fora algumas Tiopas, que sustentaraõ de baixo da mosqueteria da Praça huma leve escaramuça. Guarnecerao os Castelhanos huns moinhos que estavaõ em Guadiana.

Anno  
1643.

*Chega o Exercito a Badajoz.*

Anno  
1642.

424 PORTUGAL RESTAURADO,

diana vizinhos da muralha : investiu os o Sargento mór Belchior do Crato com trezentos Infantes , e desalojou as mangas que os guarneciaõ favorecidas da artilharia , e mosquetaria da muralha , e sustentou valerosamente este posto , até que por ser inutil á empreza , o mandáraõ retirar. Martim Ferreira havia ganhado huns vallados , que ficavaõ na frente do Exercito , e guarneceo-os a pezar da opossição , que fizeraõ algumas mangas de mosqueteiros , que os Castelhanos lançáraõ da Praça : porém repetindo-se o empenho do inimigo , e conhecendo a pouca importancia do posto , mandou o Conde de Obidos retirar Martim Ferreira , custando a empreza a vida do Capitaõ Manoel Serraõ , e de alguns soldados. O Exercito ficou alojado com a frente em Badajoz , aretaguarda para a parte de Telena , Guadiana cobria o lado esquierdo , o direito os carros de muniçõens , e bagagens , guarnecidos de mangas de mosqueteiros , a Cavalaria no centro , a artilharia na vanguarda , e todo o exercito coberto de oliveiras , que guarneciaõ aquele sitio. E porque a artilharia da Praça offendia muito os soldados , se começou a levantar na frente do exercito huma trincheira : remedio taõ arriscado para os que a fabricavaõ , como inutil para o exercito. E esta experiençia forra justo que ensinasle , antes de crescer o damno , ou a se tomar resoluçao de atacar , se o poder era capaz da empreza : ou a desviar o exercito do perigo da artilharia , em quanto se naõ deliberava applicallo a outro emprego : porque nenhum prejuizo he maior para os exercitos , que verem os soldados acabar inutilmente os que morrem por erro dos que governaõ , costumando fazer neste caso duas inferencias : a primeira , a insuficiencia dos Cabos ; a segunda , a difficultade dos premios : entendendo que quem naõ sabe reservar lhes as vidas para os perigos importantes , naõ sabera avaliar-lhes as acçõens para a satisfaçao que merecerem , nascendo de huma , e outra desconfiança muito arriscadas consequencias. Vendo o Conde de Obidos os muitos soldados que custava o trabalho da trincheira , e confiando-lhe que se murmurava da pouca utilidade desta obra ,

obra, para tomar a ultima resoluçāo mandou a Joanne Mendes que foste reconhecer a Cidade, ordenando que se fizesse juntamente diligencia por tomar lingua para averiguar o estado em que se achava a Praça de muniçōens, e bastimentos. Acompanharaõ a Joanne Mendes, Mathias de Albuquerque, e o Padre Joaõ Paschasio Cosmander, Religioso da Companhia de JESUS de naçāo Flāmengo, natural de Lobaina insigne Mathematico, e que depois com o exercicio das fortificaçōens de Portugal, se fez consumado engenheiro, grangeandolhe a maior estimāçāo outras muitas partes que lograva. Observaraõ os tres a disposiçāo da Praça; porém a facilidade que acharaõ de atacar, por naõ ter fortificaçāo alguma moderna, encontrou a noticia que ouviraõ aos frades Capuchos de hum Convento, que fica fôra de Badajoz, da invocação de S. Gabriel, os quaes lhe seguraraõ que o Conde de Santo Estevoõ havia voltado para Badajoz, e que trouxera comigo mil Cavallos, e 4000 Infantes, numero muito superior a qualquer das partes em que se dividisse o exercito, quando se resolvesse a sitiaria a Praça. Esta noticia se justificou por varias linguas que se tomaraõ, e logo que Joanne Mendes, e os mais chegaraõ ao exercito chamou o Conde de Obidos a Conselho, e propoz o pouco numero de gente de que se compunha o exercito, o grosso presidio com que se achava em Badajoz o Conde de Santo Estevoõ, a dilatada circunvalaçāo da Cidade, a vizinhança do Inverno, e outras difficuldades que totalmente encontravaõ continuarse aquelle sitio. Tocou ao Mestre de Campo Joaõ de Saldanha de Sousa votar primeiro que os quattro Cabos do exercito, Mestres de Campo, Tenentes Generaes da Cavallatia, Titulos, e Confelheiros de Guerra, que se achavaõ no exercito, de que se compunha o Conselho, e disse: que elle se naõ havia achado na primeira conferencia, em que se tomou a resoluçāo de vir aquella Praça; porém que suppunha da capacidade das pessoas que forao deste parecer, que o naõ seguiriaõ sem fundamentos muito solidos de lograr a empreza que intentaraõ; que nesta fé, e juntamente vendo que o exercito senaõ havia diminuido depois de chegar aquell-

Anno

1643.

Reconhece Jo:  
anne Mendes a  
Cidade.Voto de Joaõ de  
Saldanha.

Anno  
1642.

426 PORTUGAL RESTAURADO,

áquelle Praça, havendo crescido no empenho o cuidado da reputação do exercito, não via causa bastante que o obrigasse a retirarse, antes as poucas fortidões do inimigo insinuavaão, que não era tão grosso o presídio da Praça como as línguas diziaão; e que se era justo governarem-se pela sua confissão, também elas afirmavaão que os soccorros e reconheciaão impossíveis pelo aperto em que estavão os lugares vizinhos; e que formar-se exercito de soldados velhos era impossível, impossibilitando-o o grande empenho da guerra de Catalunha: e que huma, e outra noticia justificava o Conde de Santo Estevão na resolução que tomara de entrar em Badajoz com todo o poder que tinha, pois ficara fóra da Praça, se tivera esperança de formar exercito com que a socorrer; que os mantimentos, e prevenções para a defensa da Praça eraão muito poucos, porque os Castelhanos não haviaão imaginado que o exercito tomasse a resolução de sitiá-la; e que por todas estas considerações era de parecer que se fizessem doutrinariais que dividisse Calamom, pequeno rio que entra em Guadiana, e que se mandasse vir de Elvas a artilharia grossa, e todos os instrumentos de expugnação que fossem necessários, e chegando os soccorros que esperavaão, que se podiaão inferir o bon successo de empreza tão gloriosa, e de tantas consequências, que merecia exporem-se, pela conseguir a maiores dificuldades; e que ultimamente quando esta opinião parecesse duvidosa, que El Rey estava tão perto, que em nenhum caso sem a sua resolução devia abalar-se o exercito de quelle sitio; pois hum dos fins que obrigaria a El Rey a vir de Lisboa assistir em Evora, fora decidir as duvidas que se lhe consultassem do exército sem prejudicar a dilação; e que no caso presente, ainda que El Rey não houvesse passado a Evora, era razão que a Lisboa se lhe desse conta do parecer do Conselho, e se esperasse a sua ordem, pois o espaço de tres dias não embaraçava outro qualquer progresso que se intentasse, quando o empenho em que se achavaão não parecesse conveniente. Foy da mesma opinião D. Nuno Mascarenhas, e Mathias de Albuquerque, e esforçou o seu voto com outras muitas razões não menos for-

forçosa. Todos os mais que seguiraõ contrario parecer, e Joanne Meades de Vasconcellos ampliando as razoens de se retirar o exercito, disse: que buscar empeños dificultos sem meyos proporcionados era erro inditculpavel, que os Castelhanos defendiaõ Badajoz como a Praça mais principal daquelle Provincia, e que por este respeito se achavaõ dentro todos os Cabos, e Officiaes, com taõ grosso presidio que excedia a qualquer das partes do exercito que intentava dividido sitiaria; que a circunvalação era taõ larga, occùpando-se o terreno de huma, e outra parte do Guadiana ( como era preciso para evitar os socorros ) que se entendia mais de tres leguas, e que só para guarnecer os fortins, e linhas que se levantaõ, era necessario dobrado exercito; que se achavaõ sem artilharia grossa para sustentar as batarias que se deviaõ fazer: que a reputação não perigava, pois não haviaõ repartido quarteis, nem começado aroches; e que El Rey dotado de summa prudencia se conformataria com as resoluções mais úteis a seu serviço; e que neste sentido o que lhe convinha era sitiaria outros lugares mais faceis de conseguir, e de muito grande utilidade. Approvou o Conde de Obidos este parecer, e assentaraõ marchar contra Alconchel, Chéles, e Villa Nova del Fresno. Tomada a resolução referida, desalojou o Exercito de Badajoz a 20 de Settembro pela manhaã. Custou a assistencia daquelle alojamento 120 soldados, e entre elles o Capitão de Cavallos Antonio Machado da Franca, sentido de todos, por se conhecer nelle singular valor. Os feridos passaraõ de 150. O Conde de Santo Estevão vendo que o Exercito se retirava, fez sahir de Badajoz toda a guarnição, esperando valerse na retaguarda de alguma desordem: porém a terra era taõ cortada de sanjas, e vallados, que guarnecedendo se de mangas de mosqueteiros, impediaõ a resolução da Cavallaria: não conseguindo Joanne Mendes, pelo pouco exercicio militar daquelle tempo, pequeno applaudo pela disposição desta retirada. Ficou o Exercito alojado aquella noite em Telena, e deixou destruida toda a campanha vizinha a Badajoz. O dia seguinte alojou fôra do Alcornocal, que largamente occupa aquella

Anno  
1643.

Voto de Joanne  
Mendes.

Retiraseõ exer-  
cito.

## 428 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1643.

Manda El Rey  
retirar o Conde  
de Obidos, e  
Joanne Men-  
des, e entregar  
o exercito a Ma-  
thias de Albu-  
querque.

aquella campanha para aparte de Valverde. Passou a alojar na serra de Olor, e naquelle noite havendo o Conde de Obidos distribuido as ordens para se dar principio ao intento proposto, lhe chegou hum correyo com resolução del Rey, para que elle, e Joanne Mendes de Vasconcellos se recolhessem a Lisboa, donde tem nova ordem naõ sahiriaõ de suas casas, e que o exercito ficasse entregue a Mathias de Albuquerque. Foy a caita del Rey despedir esta ordem (que pudera ser muito arriscada, a naõ ter Vassallos tão fieis, e obedientes) o sentimento que teve da empreza de Badajoz: porque quando o exercito marchou para aquella Praça, foy sem se lhe d' conta senão depois de se chegar a ella, e dissimulando este enfado com as esperanças que se lhe deraõ de se ganhar Badajoz, passou apertadas ordens a todo o Reino, para que toda a gente capaz de tomar as armas acodisse ao exercito, e ordenou todas as mais prevençoens pertencentes ao fim da empreza começada. Vendo pois que os mesmos que o obrigaraõ a estas disposiçoens, e a revolver todo o Reino, haviaõ sem consentimento seu levantado o sitio de Badajoz, ficando por este sucesso na sua consideraõ exposto a poderem avaliar se as suas acçoens por pouco ponderadas, e as suas ordens por intempestivas, se deliberou a antepor a este perigo todos os mais que podiaõ acontecer, e a dar satisfaçao ao Reino, tirando do exercito os dous Cabos mayores delle. Obedeceraõ elles promptamente, e despedindo Joanne Mendes de Mathias de Albuquerque, lembrado do seu voto em Badajoz, e suspeitando que fora arrifício para conseguir este sucesso, lhe disse: Agora tomará V. Senhoria Badajoz Mathias de Albuquerque, que era discreto, e prudente lhe respondeo: Mal poderey eu intentar empreza; que V. Senhoria sendo tão grande Soldado naõ pode conseguir. Naquelle noite sahiraõ os dous do exercito, e ficou entregue a Mathias de Albuquerque com grande satisfaçao dos soldados, de quem era sumamente amado, assim pelas virtudes, que reconheciaõ no seu animo, como pelo grande cuidado que tinha de lhes procurar todas as cogimodidades. Esta mudança de governo foy util

aos Portuguezes moradores de Badajaz : porque o Conde de Santo Estevoão naõ entendendo o fim que o Exercito tivera para sitiar aquella Praça, e se retirar sem accidente algum , suspeitou que fora intelligencia , e concerto entre elles, e os Cabos do Exercito , para entregarem Badajoz. Quando o Conde sahio desta Praça para Merida com esta suspeita , os mandou prender , e pôr alguns a tormento ; porem constando-lhe a demonstraçao que ElRey havi feito com os dous Cabos principaes do Exercito , conhecendo a ianocencia dos moradores, mandou soltaos.

Mathias de Albuquerque , naõ alterando a dis. posição do Conde de Obidos , despedio o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria , e quinhentos Infantes a queimar as Villas de Albufeira : Almendral , e Torre ; todas de dilatada povoação. Chegando a elles o Monteiro mór , achou-as sem gente , mandou-lhes pôr o fogo , reservando as Igrejas , e hum Convento de freiras que havia no Almendral , e voltando para o Exercito , o achou aquartelado na serra de Olor , que fica junto a Olivença da outra parte daquella Praça. O dia seguinte , que eraõ 29 de Setembrio , marchou Mathias de Albuquerque contra Alconchel , e levou de Olivença dous meyos canhões , ainda que com pouca esperança de serem de utilidade , pela grande asparea do sitio em que o Castello está fabricado. Alconchel fica tres leguas de Olivença para a parte de Xerês , a Villa que se compunha de seiscentos vizinhos , se estendia pela campanha , a hum lado della , olhando a Portugal , se levanta o Castello , taõ antigo ; que o ganhou aos Mouros ElRey D. Affonso Henriques no anno de 1166 , occupa o alto de hum levantado monte , sem haver nelle mais sitio , que o que foys necessario para fabricar o Castello , seando precipicio toda a circumferencia. Sobe-se ao Castello por hum estreito , e aspero caminho , que tem principio com diferentes voltas na Igreja da Villa. Estava dentro D. Joaõ de Menezes Soto Mayor Marquez de Castro Forte , senhor de Alconchel. Tinha o Castello trezentos Infantes de guarnição , e todas as mais prevenções necessarias para hum largo sitio: a Villa estava

Anno

1643.

O Monteiro mór  
queima algumas  
Villas.

Sítio de Alcôchel

rodeada

Anno  
1643.

430 PORTUGAL RESTAURADO,

rodeada de huma trincheira, a Igreja terraplenada, e os moradores dispostos a se defenderem em huma, e outra parte. Tanto que o Exercito chegou a Alconchel reconheceo Mathias de Albuquerque, e D. Joaõ da Costa todos os postos, e julgáraõ muito duvidosa a empreza do Castello: porém a industria venceo todas as dificuldades. Mandou Mathias de Albuquerque a D. Joaõ da Costa, que fizesse subir a hum monte, quasi igual ao Castello, entaõ muito assaltado delle, os dous meyo canhoens, e duas peças de melhor calibre. Conseguio se, ainda que com grande trabalho, fizeraõ se as plataformas, e preparou-se á vista dos moradores o assalto da Villa; os quaes obrigados do temor fizeraõ o que Mathias de Albuquerque desejava, que era recolherem toda a gente inutil dentro do Castello, para que a falta dos mantimentos, e os clamores das mulheres facilitassem a entrega delle. Na mesma noite que se fizeraõ as plataformas, ganharaõ Luiz da Silva, e Joaõ de Saldanha com grande perigo huma Hermida, que ficava a tiro de arcabuz do Castello, e humas casas quasi em igual distancia, onde pozeraõ hum morteiro, começoou a jogar a artilharia sem mais efeito, que derrubar algumas ameias. Tocou a André de Albuquerque investir ao mesmo tempo as trincheiras da Villa entrou-as com o seu Terço, custando as vidas de quatorze soldados; persuadio aos que defendiaõ a Igreja que se rendessem sem aguardarem a ultima ruina. Naõ querendo elles ceder, se expuzeraõ a padecer a mayor desgraça, porque dos artificios de fogo, que se lançaraõ dentro se ateou de sorte na muita roupa, que estava recolhida na Igreja, que rompendo o fogo o tecto, comunicando-se á Capella mor, foraõ aqueles moradores lastimoso emprego das chamas, a naõ lhes valer a grande piedade de André de Albuquerque, a cujo valor andava unida esta virtude: advirtio a hum Frade Capucho que appareceo no telhado, que salvasse o Sacrario, e pedindo-lhe o Religioso da parte dos moradores misericordia, a qual elles imploravaõ com sentidas, e levantadas vozes que feriaõ o ar, rompendo o fogo, e o fumo, respondeo-lhes André de Albuquerque, que estava propmpto para os ajudar,

se

# PARTÉ I. LIVRO VI. 431

se do Castello suspendessem os tiros, donde cahiaõ tantas ballas, que offendiaõ igualmente os Castelhanos, e Portuguezes. Fez-se aviso ao Castello, e ajustou-se suspensão de armas por tres horas: abriraõ-se douos portinhos na parede da sancristia, preservou-se do fogo a Capella mór, e ficaraõ livres os moradores. Acabadas as tres horas, continuaraõ as baterias com pouco effeito: porém as bombas intimidavaõ de sorte a gente do povo, que estava dentro do Castello, que com repetidos clamores desanimavaõ os soldados, e obrigavaõ ao Gover- nador a se arrepender de os haver recolhido. Luiz da Silva, e André de Albuquerque ganharaõ com dificuldade uns penhascos vizinhos da muralha, e Joaõ de Saldanha, e Ayres de Saldanha levantaraõ huma trincheira, pela qual se communicaraõ com a Hermita que se havia ocupado, e de huma, e outra parte se forão ganhando postos, favorecidos os soldados, que se melhoravaõ de terreno, das mangas de maõ posta, as quaes com fogo vivo naõ davaõ lugar aos do Castello a poderem atirar como delejavaõ. Obrigados deste temor, e do receyo das bombas, appareceo na muralha huma bandeira branca; mandou Mathias de Albuquerque averiguar a causa, respondeo hum Sargento mór, chamado Joaõ de Pedrassa, soldado de conhecido valor, que se retirasse para os seus postos, porque a bandeira fora desordem, e o Castello se havia defender em quanto elle tivesse vida. Assim succedeo, porque comiuando as baterias, foy morto de huma balla de mosquete, e crescendo nos soldados o receyo suspenderaõ a defensa. Tratarao logo de partidos, deraõ refens, e entregaraõ o Castello. Sahio delle Dom Joaõ de Menezes com toda a sua familia, os soldados pela capitulação ficaraõ detidos até se acabar a campanha. Mathias de Albuquerque deixou no Castello Manoel da Silva Peixoto, Sargento mór de Ayres de Saldanha, com duzentos Infantes; parecendo aquelle sitio capaz de se guarnecer, para segurança das partidas, que entravaõ em Castella.

Antes que o Exercito sahisse de Alconchel, mandou Mathias de Albuquerque a Dom Rodrigo de Castro

Tom. I.

Anno  
1643.

Entrega-se o  
Castello de Al-  
conchel, que se  
guarnece.

Dd 3

com

## 432 PORTUGAL RESTAURADO

Anno

1643.

*Rede-se Figueira de Vargas*

com seiscentos Cavallos reconhecer Figueira de Vargas, tres leguas de Alconchel, Villa de quattrocentos vilinhos com huma trincheira, e hum Castello governado por Dom Gabriel da Silva, de quem era a Villa, casado com Dona Anna de Mendoça, irmãã de Pedro de Mendoça. Entendendo Dom Gabriel que as Tropas de Dom Rodrigo eraõ a vanguarda do Exercito, tendeo o Castello com permisão de pallar a Xeréz, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Ficaraõ no Castello duas Companhias de Infantaria para mayor segurança dos combois, em quanto durasse a campanha, se acaso o inimigo os impedisse por outras estradas. Incorporado Dom Rodrigo com o Exercito, marchou de Alconchel para Villa Nova del Fresno, quatro leguas distante, deixando Olivença á mao esquerda. Adiantou-se o Monteiro mór com a mayor parte da Cavallaria a ganhar postos sobre Villa Nova para lhe evitare os socorros: chegou o Exercito o dia seguinte. He Villa Nova fabricada em húa eminencia, a que se sobe por todas as partes por entre pomares, e hortas. Estende-se a Villa em forma prolongada, cercada de huma muralha antiga, que por huma, e outra parte rematava no Castello, situado para onde o Sol nasce, que he a parte que olha a Badajoz. O Castello era grande, e quadrado, franqueava-se com alguns torreões, rodeava o huma barbacã bem feita, e hum fosso naõ muito largo. Havia além do primeiro recinto, tres interiores, e unia-se a ultima muralha para o nascente. O Arrabalde da Villa, defendido de huma larga trincheira, constava de quattrocentos fogos, e na Villa havia seiscentos. Seguia-se huma grande quinta do Marquez de Barca Rota, de quem era Villa Nova, e hum Mosteiro de frades de S. Francisco. Constatava a guarnição de seiscentos infantes pagos, e sessenta Cavallos, fora os paizanos, governados pelo Mestre de Campo Dom Francisco Geldres, assistido de Dom Francisco Agueip, Mestre de Campo, e Engenheiro. Haviaõ lançado para Xeréz a gente inútil, e achavaõ-se na Praça muitas peſsoas de qualidade de todos os lugares vizinhos. Tinha o Castello duas peças de artilharia de bronze, e muitas munições, e mantimentos; sustentavaõ-se da agua de húa grande cisterna;

*Sítio de Villa Nova del Fresno*

Anno

1643.

terna; e os moradores receando o sitio recolherão quantidade sem faltas. Tanto que acabou de chegar todo o exercito, mandou Mathias de Albuquerque marchar os Terços cubertos do Castello, ordenando-lhes que fizessem alto na parte opposta, que fazia rosto aos lugares de Castella mayores, e mais vizinhos. Adiantou-se Mathias de Albuquerque a reconhecer a Praça, e observando-a, não deixou de recear as dificuldades que se lhe ofereciam, vendo-a muito capaz de se defender, o Trem do Exercito faltó de instrumentos de expugnação, o inverno vizinho, e os soldados molestados do rigor do Sol muito nocivo naquelles mezes, por andar muito baixo, de que se originava adoecerem em grande numero: porém a importancia da Praça, e a reputação das Armas o obrigáraõ a romper por todos os impossiveis. Ordenou logo ao Sargento mór Belchior do Crato, que com quatro mangas de mosqueteiros ganhasse humas hortas, que os Castelhanos defendiam, por suspeitar a agua, que levavaõ para a Villa: obrigou-os a desampararem o posto, e morreu na empreza o Capitão Francisco Soares da Cunha. Naquelle noite ganhou João de Saldanha com o seu Terço o Arrabalde, e ficou levemente ferido em huma perna. Nas ultimas casas delle levantou Dom João da Costa huma plataforma, em que poz douos meyos canhoens, que começaraõ a jogar tanto que amanheceu; porém com pouco effeito, por ser a muralha do Castello terraplenada. Tambem as bombas de hum morteiro, que daquelle parte começou a jogar, não fizeram grande damno. Outra bateria se levantou contra a Villa, que jogava da outra parte do Arrabalde: mas fendo as peças ligeiras era maior o estrondo que o prejuizo. Mathias de Albuquerque considerando o pouco effeito das baterias, mandou ao Mestre de Campo da Armada Dom António Ortiz com seiscientos Infantes do seu Terço, e ao Commissario Geral da Cavallaria Dom João de Ataide com trezentos Cavallos buscar a Olivença douos meyos canhoens. Quando voltavaõ com elles para o Exercito, e setecentas cargas de munições, e mantimentos, descobriram os batedores cinco Tropas do inimigo

*Ganha João de  
Saldanha o Ar-  
rabalde.*

## 434 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1643.

migo: que vigorosamente os carregaraõ. Soccorreu os Dom Joao de Attaide a tempo que appareciaõ outras cinco: fez elle alto, e aguardou ao Conde Fiasco, que vinha de retaguarda. Unio se lhe brevemente a Infanta, e formados marcharaõ a buscar os Castelhanos. Naõ quizeraõ elles pôr em contingencia o succeso, retisaraõ se, dando lugar ao comboy a que chegasse ao Exercito. Antes que se reformasse a bateria, mandou Mathias de Albuquerque persuadir ao Governador que se rendesse, e naõ quizesse experimentar na furia dos soldados o damno que padeciaõ os contumazes, que pelejavaõ sem esperança de soccorro. O Governador respondeo, que agradecia a advertencia, mas que na Praça havia tudo, o que era necessário para defendella muitos mezes, que era o que tocava á sua obrigaçao, e aos seus Generaes soccorrelo, quando lhes parecesse conveniente. A este tempo tinha a artilharia arruinado hum lanço da barbacã, e parte de hum torreão. Pareceo lhe a Mathias de Albuquerque que a ruina capaz de assalto: mas como se naõ havia conseguido cegar se o fosso, tendo o inimigo queimado por muitas vezes as faxinas que se lançavaõ dentro parecia a empreza muito difficultosa. Para a facilitar ordenou D. Joao da Costa huma ponte de madeira, que por naõ ser o fosso largo, podia dar caminho para se chegar á muralha. Lançou se a ponte duas horas antes de amanhecer, diversitando repetidas cargas de artilharia o preciso ruido de armalla. Foy o primeiro que se offereceo ao perigo; de a passar, Joao Rodrigues de Sá Camareiro mór del Rey, que havia dado nas occasioens passadas grandes mostras do seu valor. Fizeraõ o mesmo trinta Officiaes, e pelos partculares, nomeou lhes Mathias de Albuquerque por Cabo a Fulgencio de Matos, Capitão do Terço de Joao de Saldanha. Entraraõ todos com grande resoluçao na ponte: porém sentindo os os Castelhanos, acodiraõ aquella parte com tantos instrumentos de fogo, e pedras, que lançaraõ, que naõ podendo resistir os que estavaõ na ponte, cahiraõ cinco no fosso mortos, e alguns feridos. O Camareiro mór, e os mas chegaraõ á brecha, e acharaõ que estava tão alta, e tão bem defendida, que era

Defende se a Praça com valor

100

impossivel entrar por ella. Vendo Fulgencio de Matos o  
damno que sem fruto recebiaõ , mandou tecer a recolher,  
e retiraraõ le todos quando rompia a manhaã. O mesmo  
efeito experimentou Gilot , engenheiro Francez , a noite  
seguinte a esta: porque querendo animar humas mantas  
á muralha do Castello , soy rebatido dos sitiados , retiran-  
se ferido , deixando alguns mortos. No mesmo tempo  
destas operaçoes se voltaraõ as baterias contra as defen-  
sas com melhor emprego , do que se conseguia na mura-  
lha. Arruinaraõ as casas do Marquez , donde se recebia  
muito damno , e huma meya lua , que cobria a porta  
principal do Castello. Fabricaraõ se logo tres minas  
contra a muralha daquella parte : atacada a principal ,  
se lhe deo fogo . cahio hum grande lanço , custando as  
vidas a muitos soldados Castelhanos. Com este damno  
começou a entrar o temor nos sitiados , que se acrescentou  
com outra ruina , que a artilharia mudada , por ordem de  
Mathias de Albuquerque , fez na muralha , que dividia  
o Castello do Arrabalde , vindo a terra por ser mais fraca  
a mayor parte della. Receosos do assalto , rendidos do  
trabalho , e desesperados do socorro , trataraõ os sitiados  
de se entregar. Mandou o Governador hum Religioso de  
Santo Antonio fallar com Dom Joaõ da Costa , que assistia  
na bateria , dizendo que estava resoluto a render a Praça  
Dom Joaõ da Costa lhe respondeo , que aquellas materias  
as naõ tratavaõ senaõ Officiaes de Guerra. Com esta re-  
posta tornou o Governador a pelejar ; mas durou lhe pou-  
co tempo o ardor , e tocou caixa para a parte opposta ,  
onde estava de guarda com o seu Terço o Mestre de Cam-  
po Francisco de Mello. Enfadado Dom Joaõ da Costa de  
naõ capitular a Praça , pela parte onde elle assistia n an-  
dou continuar as baterias , recebendo grande prejuizo os  
Castelhanos , que se haviaõ descuberto na se de se quere-  
rem entregar. Advittido o Governador com este damno ,  
chamou para o lugar das baterias : suspendeo as D. Jordõ  
da Costa ; e sahio da Praça o Sargento n o: Dom Sebastião  
de Negreiros. Ajustaraõ as capitulacçens na forma das  
de Valverde , só com a diferença de se entregarem os  
cavalllos que houvessem na Praça , soia os dos Officiaes ,  
e todas

Anno  
1643.

Rende-se , e for-  
tifica-se Villa-  
Nora.

Anno  
1643.

## 436 PORTUGAL RESTAURADO

e todas as armas. Dados refens de huma, e outra parte; sahio o Governador com quinheatos Infantes, e setenta e quatro soldados de Cavallo, e entrou na Praça Dom Antonio Ortiz com o seu Terço, ( duzentos moradores que havia na Praça se passaraõ para Xerés. ) Achou nella muitas armas, e mantimentos. Ficou governador a Bento Matiel Parente, Sargento mór do Terço de João de Saldanha com dez Companhias de vatis Terço. Brevemente o rendeo o Mestre de Campo André de Albuquerque com o seu Terço, mandando o El Rey para aquelle presidio, e a Joas Pachasio Cosmander, com ordem que reduzisse o sitio do Castello a fortificaçao moderna: o que executou com grande brevidade. Em todas as occasioes que se ofereceriaõ, assim neste sitio, como nas mais daquella campanha, eraõ os primeiros no perigo, e trabalho os Titulos, e Fidalgos que andavaõ no Exercito; porque a competencia se excediaõ huns aos outros no valor, e no desejo da defensa da sua Patria. A perda de Villa-Nova foy muito sentida dos Castelhanos, pela grande oppresião que dava aos Povos vizinhos o presidio que ficou naquella Praça, e pela reputaçao das Armas de Portugal, que viaõ prevalecer como conquistadoras contra o mesmo Príncipe que determinava sujeitallat. O Exercito passou de Villa-Nova a Figueira de Vargas, donde se retirou a guarniçao, ficando arrazado o Castello, e destruhida a Villa. O mesmo se executou em Chéles, que os Castelhanos haviaõ despovoado: passou a Alconchel, e entrou em Olivença com tão grande tempestade, que impedio a Mathias de Albuquerque continuar os progressos da campanha, considerando que como era principio de Inverno, todos os dias que sucedessem seria mais rigoroso o tempo.

Despeditaõ-se os soccorros das Províncias, e dividiraõ-se as guarniçõens pelos quarteis costumados. Aquartelado o Exercito, passou Mathias de Albuquerque a Villa-Viçosa, onde El Rey havia chegado a aliviar alguns dias as saudades, que sempre teve daquelle sitio. Recebeo a Mathias de Albuquerque com grandes honras, mercidas das suas virtudes. O mesmo favor experimen- tariaõ da sua grandeza os Cabos, e Officiaes do Exercito que che-

Retira-se o Ex-  
ercito.

Passa El Rey  
Villa Viçosa.

chegáraõ a beijalhe a maõ. Voltou para Evora, e a cinco de Outubro partiu para Lisboa, onde foy recebido com grande contentamento, amando-o o povo como Pay, vencendo-o como Rey, e considerando-o victorioso. Achou nascido no mez de Agosto o Infante Dom Afonso seu filho segundo, que depois pela infeliz morte do Príncipe Dom Theodosio vejo a ier primogenito. Havia sido bautizado com grande solemnidade por Dom Manoel da Cunha Bispo de Elvas, e Capellaõ mór del Rey, sendo seus Padrinhos o Príncipe Dom Theodosio, e a linda Dama Joana. Não teve El Rey io esta occasião de contentamento nesta jornada, senão tambem a universal aceitação do governo da Rainha na sua ausencia. Passou a Corte Mathias de Albuquerque, e ficou governando Alentejo o Monteiro nór General da Cavallaria: que de Oliveira, Vença, aonde estava, foy assistir em Elvas; e constatando que na devez de Pedra Buena, que era do Almirante de Castilla, se havia levantado huma casa forte, guardada de alguns mosqueteiros, que defendia quantidade de gado, que pastava naquelle sitio, mandou com trecentos Cavallos a buscar a preza, e destruir a casa. Hum, e outro intento conseguiu Dom Rodrigo de Castro com duzentos Cavallos que levava de vanguarda. Chegou o aviso a Albuquerque, lançaraõ os Castelhanos duzentos Infantes, e triuta Cavallos, esperando tirar a Dom Rodrigo a preza em hum passo estreito visinho á Praça, por onde forçosamente havia de passar. As partidas que estavaõ sobre Albuquerque, deixaõ esta noticia ao Monteiro nór; que mandaõ ao Capitão D. Antonio Alvares da Cunha com a sua Companhia, e alguns Dragomens, ordenando-lhes que impedissem aos Castelhanos a determinação que traziaõ. Conseguio-se como se dispeç: porque não lhes valeu do retirarem-se a húa serra aspera, forão todos derrotados, ficando muitos mortos, trazendo D. Antonio os outros prisioneiros. No mesmo dia, que o Monteiro nór fez esta estrada: faleio Dom João de Ataide de Amonches, onde estava de quartel com cinco Companhias, entrou em São Vicente, duas leguas distante, e nas ruas do lugar, que era Acções de D. João de Ataide aberto, fez alguns Castelhanos prisioneiros: passou acian-

Anno

1643

Recolheõ a Lisboa.Nascimēto del Rey D. Afonso.Ganhão e Monteiro nór Pedra Buena com rota dos Castelhanos.

## 438 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno  
1643.

te, correu a campanha de Valença, e fazendo huma grande preza, sahio a querer tirar-lha Dom Francisco de Inojoza Capitão de Cavallos com a sua Companhia, derrotou-lha D. Joaõ, e trouxe-o prisioneiro. Retirou-se com a preza a Arronches, e pastados quatro dias teve noticia, que o inimigo com cem Cavallos, e trezentos Mosqueteiros havia entrado no Aflumar; que distava só huma legua de Arronches, e que levava a mayor parte dos paizacos prisioneiros. Achava-se D. Joaõ com cincuenta Cavallos, e outros tantos Infantes: marchou com elles a buscar o inimigo: seguindo-o alguns paizanos com espingarda. Apreslaraõ de sorte à marcha, que ganhou huma das terras que corre para Albuquerque, antes que os Castelhanos a occupassem. Chegaraõ elles sem cuidado do perigo que os ameaçava; atacou os D. Joaõ com tanto vigor, que sem lhes dar lugar para se formarem, os desbaratou, matando huns, e fazendo outros prisioneiros, entrando nelles o Capitão de Cavallos Sebastião Correa, natural de Olivença, que tantas diligencias havia feito pela entregar aos Castelhanos; como ja referimos. Esteve muitos annos prezo em Lisboa, e na prisaõ veyo a acabar a vida. Entendiaõ-se de sorte neste tempo os successos acaso com as boas fortunas, que antes que D. Joaõ de Ataide avançasse, vinhasõ os Castelhanos dizendo aos prisioneiros que levavaõ do Aflumar: que ja que o seu Rey Dom Joaõ era santo, como diziaõ, que chamassem por elle, que o livrasse daquelle trabalho ( porque haviaõ determinado antes obrigarlos a que dissessem: Viva El Rey D. Filipe, e elles com grande constancia respondido: Que naõ queriaõ negar o seu Rey que era santo.) Naõ haviaõ os Castelhanos acabado de pronunciar as palavras referidas, quando os investiu, e derrotou Dom João de Ataide, e livrou os prisioneiros, os quaes espalharaõ este successo pelos Povos em grande utilidade do serviço del Rey. Esta foy a ultima occasião este anno na Província de Alentejo: porque o Inverno cerrou a porta de Jano, e suspendeo a guerra.

*Confiança fiel  
dos Portuguezes.*

Em quanto as Armas de Alentejo se illustravão com successos tão ventajosos, não estiveraõ ociosas as Armas

## PART E I. LIVRO VI. - 439

Armas das outras Províncias. Passou o Conde de Castello-Melhor a governar Entre Douro, e Minho, e tendo por mais proprio, para se livrar do māo trato que havia padecido na prisa de Cartagena de Indias, o estrondoso da guerra que o de canço da Corte, sahio de Lisboa a 27 de Março, e entrou na sua Província com geral aceitação de todos os moradores della, pela opinião que dignamente havia adquirido de valor, de zelo, e de astabilidade. Achou as Praças muito destituída de todas as prevenções necessárias para se defenderessem; porque o governo dos tres Mestres de Campo não podia ser tão activo, nem tão respeitado da Província, e da Corte, que os preceitos, e os avisos se lograssem com a regularidade que convinha. Fez o Conde passar mostra, e achou-se só com mil Infantes pagos, e tantos Oficiaes, que requeria maior numero de soldados. Reformou os que eraõ superfluos, pagou tres mezes, e accodio ao mais preciso. Informouse das forças, e das Praças do inimigo, e determinou dar feliz principio ao seu governo, interpendendo a Villa de Salvaterra, fronteira a Monç ã, situada sobre o rio Minho, que era a sua maior seguranç a, porque não se podia passar a ella sem passar o rio em barcos, por se não vadear em porto algum daquelle distrito. Nasce o rio Minho em Galiza na fonte Minhaõ; donde toma o nome, quatro leguas para o Norte da Cidade de Lugo que vem buscar, banhando os muros del, a junto da ponte das Mestas em Porto Marim. Entra nelle o rio Sil, tão caudaloso, que dizem vulgarmente os moradores, que as águas saõ do Sil, e do Minho a hora do nome. Com outros muitos rios se vay engrossando o Minho, e fertilizando muitos lugares até entrar por hum só arco de huma maravilhosa ponte junto da Cidade de Orense: passa por Ribadavia, e chegando a Raya de Portugal, corre a Poente, formando elle a Raya perto de onze leguas, e enriquecendo com as águas de 14 rios, os mais delles muito caudalosos, e depois de passar por Melgaço, Monç ã, Valença, Villa Nova de Serviça, e Caminha, e de costear pela parte de Galiza as Villas de Crelcente, e Salvaterra, a Cidade de Tuy, e

ANNO  
1643.

*Successos de Ent  
tre Douro, e  
Minho, que  
governou o Con-  
de de Castello-  
Melhor.*

*Descrição do  
rio Minho.*

Anno  
1643.

## 440 PORTUGAL RESTAURADO,

outros muitos lugares, recolhe mais onze rios todos abundantes de aguas, e com 38 leguas de curso; se confunde com as aguas do mar na Villa de Caminha. Antes que o Conde de Castello Melhor chegasse a governar a Provincia do Minho, havia o Mestre de Campo Vióle Datis fabricado alguns barcos com intento de ganhar Salvaterra, que forao ao Conde de grande utilidade nesta mesma empreza. Era Governador de Salvaterra Gregorio Lopes de Puja, e guarnecia a Villa com seis Companhias pagas, fóra a gente da terra: sustentava com grande cuidado varias correspondencias com os nossos lugares, de que lhe resultava ter aviso de todos os movimentos, que se fazio da nostra parte. A certeza destas intelligencias obrigou ao Conde de Castello Melhor, para as divertir, a passar a Ponte de Lima, seis leguas da Raya, onde depois fez sem ruido as prevençoes da interpreza. Tendo ajustado tudo o que julgou conveniente, fingio nos ultimos dias de Mayo, que lhe chegara aviso de Dom Joao de Sousa da Silveira Governador das Armas de Traz os Montes, que havia succedido a Rodrigo de Figueiredo, de que os Castelhanos entrao com groslo poder por aquella Provincia, e que para a defender lhe pedia socorro. Com este pretexto mandou ordem ao Mestre de Campo Vióle Datis, que estava em Villa Nova de Servieira, que tirasse 500 Infantes das guarniçoes das Praças vizinhas, e que marchasse com elles meya legua diante de Monçaõ; porque este sitio era vizinho ás barcas, e caminho de Traz os Montes. Despedida esta ordem partio o Conde para Monçaõ, e prevenio carruagens para passar a Melgaço tres leguas distante, publicando que hia despedir o loccorto de Traz os Montes. Tanto que anoitcece, se poz em marcha, fazendo primeiro vir barqueiros de Lapella. Executou o mesmo Vióle Datis, e á meya noite estavao ambos junto das barcas com 250 soldados, que erao os que cabiaõ nellas. Entrou dentro o Mestre de Campo Vióle Datis, e o Sargento mór Roquemont Fraacez de naçao; e o Conde com o resto da gente marchou para hum Mosteiro de freiras de Santa Clara, que fia desfronte do sitio, onde havia de desembarcar

embarcar a vanguarda, levando os barqueiros expressa ordem para voltarem a buscar a gente que ficava, tanto que lançarem em terra a primeira que conduziraõ. Sentiraõ as sentinelas do inimigo o rumor dos primeiros barcos, tocaraõ arma, fizeraõ o mesmo os sinos de Salvaterra; apertaraõ os barqueiros (com os remos, saltou a Infantaria em terra, e afaltou as trincheiras com tanto valor, e velocidade, que os Galegos que hiaõ accodindo ao rebate encontravaõ primeiro a morte que a trincheira, porque acháraõ os Portuguezes dentro da Villa. Entrou o Governador em o numero dos mortos, pelejando com tanto valor, que primeiro tirou a vida a dous soldados nossos, sendo hum delles Joaõ Sanches de Moscozo natural de Monçaõ, que naõ passando de 16 annos lhe deo muitas feridas antes que elle o mataste. Voltaraõ os barcos ao porto finalado, entrou nelles o Sargento mõr Luiz de Oliveira Famel com outros 250 Infantes, deu hum dos barcos em seco, meteoõe o Conde no rio até os peitos, e ajudou-o com os hombros a sahir do embaraço, justificando nesta acção, que podia sustentar nelles o peso do governo da Provincia. Desembarcou o Sargento mõr com o segundo Corpo de Infantaria, cederaõ de todo os Galegos, e largaraõ a Villa tirando alguns, que se recolheraõ ás casas do Conde de Salvaterra, que estavão fortificadas. O Conde passou a Salvaterra, e naõ se achando com poder para sustentar esta Praça, que era todo o seu desejo, para ficar com porta aberta em Galiza, naõ quiz que se investissem os soldados, que se recolheraõ ás casas do Conde de Salvaterra, por naõ perder gente sem utilidade, naõ trazendo prevençõens para obrigar aos Galegos a que se rendessem. Saquearaõ os soldados a Villa, e puzeraõ fogo ás casas. Foy o danno consideravel por assistirem em Salvaterra muitos mercadores com grossos cabedaelas. O Conde se retirou sem mais perda que a de 14 soldados.

Governava as Armas de Galiza D. Martim de Redim Prior de Navarra da Ordem de S. Joaõ: achavase em Ponte Vedra, e sentindo a perda de Salvaterra, determinou satisfazela: juntou groslo poder na Villa de Sella-Nova

Anno

1643.

*Ganhado de Salvaterra.*

## 442 PORTUGAL RESTAURADO,

Anno

1643.

*Luiz de Olivei-  
ros quinta Ds.  
teria.*

Nova na Raya Seca oito leguas de Salvaterra. Tendo o Conde esta noticia marchou a fortificar alguns passos estreitos, por onde o inimigo forçolamente havia de passar, e guarneceo os de Infantaria paga. Bastou esta prevençāo para divertir o intento do Prior de Navarra; é o Conde, nuô querendo ter as Armas ociofas, fez conduzir os barcos em que havia passado a Salvaterra, a huma enseada junto a Lapella: embarcou nelles cem Infantes á ordem de Pedro de Betancor Ajudante do Tenente do Mestre de Campo General, e mandou-lhe que investisse hum reducto que o inimigo havia feito da outra parte do rio, que por aquella, era taô estreito, que com os arcabuzes chegavaõ a Lapella em grande prejuizo dos moradores desta Praça. Embarcou-se Pedro de Betancor, sentiraõ no duas Companhias de Galegos que estavaõ no fortim, e intentaraõ em vaõ defenderte; porque os nossos soldados, desprezando a arte, cobertos de valor investiraõ o reducto, e ganharaõ-no, largando-o os Galegos, depois de alguns delles mortos. Acodio no rebate huma Companhia de Cavallos, deteve o que fugiaõ, e unidos todos quizeraõ recuperar o reducto: porém achando o melhor defendido, desistiraõ da empreza. Arrazoou Pedro de Betancor, e retirouse com alguns soldados feridos. Intentou o Conde desmantelar outro reducto, que o inimigo tinha levantado na barra de Caminha, opposto a hum que haviamos fabricado desta parte: marchou a esta empreza nas barcas do Capitaõ Thomé de Passos com sessenta Mosqueteiros, mas faltando-lhe a maré, nuô conseguiu o intento. Acoditaõ os Galegos a esta parte, entendendo que era mayor o poder, e o Conde attento a todos os accidentes mandou o Sargento mór Luiz de Oliveira, com setecentos Infantes a queimar o lugar de Desteriz; que ficava na Raya Seca, junto da ponte das Varzeas doze leguas da barra de Caminha. Marchou Luiz de Oliveira, e ainda que achou oppostos oitocentos Infantes, que governava o Mestre de campo D. Fradique de Valadares; queimou Desteriz, e o inimigo intentando na terirada carregar a nossa gente, foy de forte rebatido, que deixando quarenta mortos desamparou o campo. Retirou-se Luiz de

Anno

1643.

de O'iveiros, e marchou logo o Captaõ Christovaõ Mo-  
zinho com quatrocentos Infantes para o lugar de Tamu-  
gem na foz do Minho: chegou, e ganhou-o, ainda que os  
moradores se defenderaõ. O mesmo successo teve o Ca-  
pitaõ Pedro Mauricio Duquisné de naçao Francez, que  
assistiu em Melgaço nos lugares de Ferreiros, Pereiros, e  
Gogende, Sentindo os Gallegos por toda a parte o danno  
das nossas Armas, chegou ao Conde de Castello-Melhor  
ordem del Rey para continuar a guerra com o mayor aper-  
to que lhe fosse possivel, sendo o fim divertir o poder dos  
Castelhanos para que naõ engrossasse pela parte da Este-  
madura, para onde El Rey determinava encaminhar os  
progressos das suas Armas: porém naõ correspondendo  
os toccorros á ordem, foy necessario ao Conde, para se  
prevenir, despender os seus proprios cabedaes. Convocou  
com grande diligencia a gente mais luzida, e mais des-  
obrigada da Provincia, unio-se toda em Monçao a treze  
de Agosto, e acharaõ-se cinco mil Infantes, de que eraõ  
pagos novecentos e cincuenta Cavallos, tolerando a aspe-  
reza daquelle sitio o pouco numero da Cavallaria, com que  
se intentava qualquer empreza. Dividio-se a Infanteria  
em sete Tercos, e com esta gente determinou o Conde vol-  
tar sobre Salvaterra com intento de fortificar, e conservar  
aquella Praça, parecendo-lhe justamente o posto mais util  
para molestar os lugares de Galiza. Da Hermidã de N.Se-  
nhora dos Milagres, onde este poder estava junto, mar-  
chou o Conde de Castello-Melhor para Montaõ, meia  
legoa distante, e o denou ao Mestre de Campo Viole Da-  
tis que passasse a Lapella com parte da Infantaria paga:  
e algumas pessoas principaes da Provincia, e que tanto que  
rompesse a manha, se metesse nos barcos, que acharia  
prênidios, e que ao calor da artilheria, que mandava  
plantar desta parte do rio, procurasse saltarem terra, e  
que se acaço o conseguisse, voltassem os barcos para pas-  
sarem a gente que ficava. Viole Datis ainda que fez gran-  
de diligencia por chegar a tempo, amanheceu antes de  
entrar nos barcos, omissao de que o Conde teve grande  
molestia, conhecendo as grandes dificuldades, que se ha-  
viaõ de vencer, para ter bom successo, sentindo o ini-

## 444 PORTUGAL RESTAURADO !

Anno.  
1645.

Ganha  
Viõe  
Datis as forti-  
ficaçõens dos  
Gallegos.

migo a nossa resoluçāo antes de executada ; porém superou as o valor dos Officiaes, e Soldados; e sendo o primei-  
ro que se embarcou Antonio de Queirós Mascarenhas, Ca-  
pitaõ de húa Companhia de Aveatuteiros, que te com-  
panhia da gente mais nobre da Província, pôs a proa no  
porto opposto, e achouo defendido pelo Conde de Tor-  
reson, Alemaõ General da Cavallaria de Galliza, com qui-  
nhentos mosqueteiros á sua ordem, cubertos de húa trin-  
cheira bem franqueada. Fazia horror a opposiçāo, mas  
bulcando os nossos soldados, para saltarem em terra, a  
parte mais desquartinada da artilheria, e mosquetes de  
Lapella, desembarcou Antonio de Queirós com a sua  
Companhia; e valorosamente sustentou o posto que ga-  
nhou, até que veyo soccorrêlo o Mestre de Campo Viõ-  
le Datis. Incorporada a vanguarda, marcháraõ todos para  
as trincheiras, saiu o inimigo a recebê-los fora delas com  
duzentos Infantes, e trezentos Cavallos, por lhe have-  
rem chegado novos soccorros. Teve Viõe Datis esta re-  
soluçāo por grande fortuna, por ser mais verosimil rom-  
per os Corpos sem trincheiras, que as trincheiras guarne-  
cidas. Correspondeo o succeso á esperança, porque ain-  
daque o inimigo resistio algum tempo com muito valor ;  
largou o posto, e retirouse com grande estrago para húas  
eminencias, que ficavaõ meya legua antes de chegar a  
Salvaterra. Em quanto durou o combate soy engrossando  
o nosso poder com a gente que passava nas barcas, e o  
Capitaõ Duquisné com os cincocentas Cavallos deo grande  
calor á empreza. O inimigo voltou com a Cavallaria a  
atacar a noſſa vanguarda; porém achando nella impene-  
travel resistencia, unidas as Tropas da Infanteria, se fo-  
raõ retirando para Salvaterra. Seguirão os nossos soldados  
o alcance com tanto ardor, que superando o que lhes  
causava o Sol, e a sede, chegáraõ os Capitães An-  
tonio de Queirós, e André da Costa á ponte de Fi-  
lhabõi, por onde forçosamente haviaõ de passar, e  
ganharaõ na com tanta diligencia, que quando os Gal-  
legos caiaõ no erro de a não defender ( o que pu-  
dêõ conseguir, se a guarnecêõ antes) ja a acha-  
raõ ocupada, e taõ valo.olamente defendida, que  
com

## PARTE I. LIVRO VI. 145

continuaraõ a marcha para Salvaterra, desesperados de a recuperar, livrando em o numero da gente a esperança de se defender a Praça. Depesta a conheceraõ baldada; porque chegando a vanguarda ás tres da tarde, sem esperar que a mais gente se encorpo rasfe, avançou Antonio de Queirós as trincheiras: seguiraõ no os mais, e nõ dilatando o efeito da revoluçao, entraraõ a Villa, a pezar da resistencia dos Gallegos. Recolheo-se alguma Infantaria à fortificaçao, fabricada nas casas do Conde de Salvaterra, a mais gente se retirou para os lugares vizinhos. O Mestre de Campo Viôle Datis nõ quiz dar á variedade da fortuna tempo de se arrepender, investio a fortificaçao, mas achou tão perigosa resistencia que ubrigou aos soldados a que se cebissem de huma trincheira, que corria da Villa até a fortificaçao, levantada a primeira vez que se atacou Salvaterra, e que os Gallegos nõ desfizerao, por nõ recearem segunda def. graça. Viôle Datis tendo a gente cuberta, desprezando o proprio risco, se delecto para reconhecer a fortificaçao com tão infeliz valor, que acertando o huma bala pelos peitos, cão do impulso do golpe, e em breve espaço morre da ferida, com geral sentimento de todos os soldados, metecido do seu procedimento, e do zelo com que havia acodido á defensa deste Reino. Antonio de Queirós, estimulado desta desgraça, investio com as trincheiras a peito descuberto, e achando que o Conde de Castello Melhor fazia o mesmo, seguido da mayor parte dos soldados, lhe disse: *Senhor, quem traz aqui a Vossa Senhoria?* Respondeo o Conde com grande socorro, e igual valor: *Ninguém me traz, eu venho.* A esta imitaçao, caindo hums feridos, e outros mortos, ganharaõ os Oficiaes, e Soldados as trincheiras: investiaõ com a porta, e ainda que os defensores se defendissem com grande valor, vendo infructuosa a defensa, se renderao, tendo dos primeiros que subiraõ ao alto das casas, em quanto se defendiaõ, o Ajudante Joaõ Cardoso, e Joaõ da Cunha Sotto Mayor. An-

Anno

1643.

*Contra se Sal-  
vatera.*

*Morre Vible  
Datis.*

*Rende se a For-  
maçao.*

## 446 PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1643.

tonio de Queitós esmaltando com a piedade o valor que havia mostrado, defendeo os rendidos de os degolarem: porque os soldados estimulando os a pena de ver morto o Mestre de Campo, lhes não queriaõ dar quartel. Acharaõ se vinte e seis mortos, e outros tantos feridos: ficáraõ prisioneiros cento e quarenta Gallegos, entre elles o Alcaide mór D. Francisco Bottelo; que morreu de duas feridas que havia recebido, e em todo o dia passáraõ de cento os que perderaõ as vidas. Dos nossos soldados morreraõ vinte e ficáraõ quarenta feridos. O inimigo, ajuntando a gente, que havia retirado, a formou defronte da Villa: porem, rendidos os da cata forte, formada a Infantaria, sahio o Conde com el a buscar o inimigo, que não quiz aguardar o succeso, desenganado da desgraça antecedente. O dia seguinte *Fortificaçõe Sal-* começoou o Conde a fortificar Salvaterra, esperando *vaterra.* jogar as utilidades, que havia considerado quando intentou esta empreza. Levantou primeiro huma trincheira capaz de se alojarem dentro della cinco mil Infantes, e guarnecedora, ficou seguro de qualquer intento a que o inimigo se arrojasse. Acabada a trincheira, mandou fabricar huma ponte de barcas, que lançou com dificuldade no Minho, por ser naquelle parte muito fundo, e correr com muito impeto. Tanto que a ponte ficou segura, concorreráõ por ella todos os materiaes para a fortificaçõe, a que se deu principio, arrazando o Arrabalde, e ocupando só o sitio de hum monte, em que haveriaõ oitenta casas: levantaraõ se quatro baluartes de canteria, e terraplenaraõ se á prova com quartinas, e meyas luas, foslos, e estradas cubertas, e apeifeiçoou se toda a obra a pouco custo da fazenda Real. Durando o trabalho da fortificaçõe, soube o Conde de Castello Melhor que o inimigo fortificava a ponte de Filhabõa: ordenou ao Mest e de Campo Diogo de Mello Pereira, que sucedeo no Terço a Viole Datis, que fosse com douz mil Infantes, e cincocentos Cavallos, de que era Capitão Duquisnê a atacar na ponte a fortificaçõe começada. Marchou elle, e encontrando no caminho quatrocentos Infantes do inimigo,

inlhos; e cem Cavallos, que caminhavaõ para a ponte, os investio, e desbaratou facilmente, matando muitos, e ficando prisioneiros cento e vinte. Continuou a marcha, chegou à ponte, e dividio a Infanteria em tres Troços. Chegou primeiro o que governava o Capitão Antonio Rodrigues Castelhano (que havia ajudado ao Conde a se livrar da prizaõ de Cartagena) affaltou valorosamente as trincheiras, e ga-  
thouas. Chegaraõ os outros douss Troços, e obrigaraõ ao inimigo a se retirar sem grande damno, que naõ he difficultoso nos lugares daquellea Provincia, por ser o terreno taõ aspero, que bastaõ poucos mosqueteiros para segurar a marcha de hum Exercito sem offensa de outro mayor. Diogo de Mello, desfeitas as trincheiras, e desmantelado hum reducto, a que o inimigo havia dado principio, e que depois tornou a levantar, queimou alguns lugares que estavaõ visinhos á ponte, e reiõou-se para Salvaterra. Os Gallegos cuidadosos da fortificação de Salvaterra, que ameaçava grande ruina a todo o distrito de Tuy, chave do Reino de Galliza, ajuntaraõ o mayor numero da gente que lhes fosse possivel, tirando de Bayona, da Curuña, e de Monte-Rey os soldados velhos, que se achavaõ naquelles presídios, e tendo Cabo deste Troço o Conde de Torreón de General da Cavallaria, se alojou em húa eminencia hum quarto de legoa de Salvaterra. Deste sitio baixou a vinte e cinco de Agosto, e occupou com a Cavallaria outro posto, chamado o Facho, visinho das trincheiras, e mandou marchar a Infantaria resolu-  
to a atacá-las. Guarneceraõ o Conde de Castello-Melhor, e lançou fóra dellas os Capitães Antonio de Quei-  
rós Mascarenhas, e Rodrigo de Moura Coutinho com trezentos mosqueteiros, os quaes se oppozeraõ valoro-  
samente aos Gallegos, e recebendo a sua Cavallaria grande damno das repetidas cargas que atiravaõ as mangas, desalojou do sitio em que estava, sem aguardar que chegasse a Cavallaria que vinha marchando. Naõ se detiveraõ os douss Capitães em occupá-lo, e de forte o seguraraõ, que depois de quatro horas que duraraõ

Anno

1643.

Desbarata Diogo de Mello Pe-  
reira, os Gallegos.

## 448. PORTUGAL RESTAURADO;

Anno

1643.

*Inteta o inimigo a Praça, e retira-se.*

as cargas de huma, e outra parte, se resolveo o Conde de Torreson a retirar-se, deixando na campanha quarenta mortos, e ficando dos nossos soldados alguns feridos. Poucos dias depois deste successo teve o Conde de Castello Melhor noticia, que o inimigo estava emboscado com grosso poder hum tiro de mosquete de

Salvaterra, mandou sair da Praça o Capitaõ Pedro de Betancor com duas Companhias a descobrir a campanha. Pouco havia marchado, quando as Tropas do inimigo carregaraõ a nosla gente desorte, que a naõ se valer da aspereza do sitio, fora facilmente derrotada: mandou o Conde soccorrêla pelo Tenente do Mestre de Campo General com algumas Companhias, e logo em soccorro destas o Mestre de Campo Diogo de Mello com todas as que havia na Praça. Porém o inimigo pelejava taõ valorosamente, que era muito difficultola a defensa nos vallados, e sitio aspero, e fez maior o perigo a imprudencia do Capitaõ Christovõ Mousinho; porque saltou fôra dos vallados, e seguindo o outros Officiaes, e grande parte da Infantaria, investio com as Tropas do inimigo, as quaes reconhecendo a sua temeridade os investiraõ com tanto impeto, que, depois de perderem alguns soldados, e levarem outros feridos, se retiraraõ para outro sitio mais alto, e mais seguro. Quando andavaõ no mayor aperto lhes valeo a prudencia, e valonil coraçaõ da Condesa de Castello Melhor, Dona Marianna de Alercastre: porque reconhecendo de Monçõ o conflito, baixou ao rio, e fez conduzir

*Acção da Condesa de Castello Melhor.*

com grande diligencia duas peças de artilheria, que jogavaõ a tempo taõ proprio, que respeitando Marte o seu preceito, e encaminhando Vulcano obediente as balas, se empregaraõ nas Tropas do inimigo com damno taõ consideravel, que o obrigaraõ a retirar-se, e ficaraõ os nossos soldados (aindaque com alguns mortos, e muitos feridos, em que entraraõ o Tenente General da artilheria Francisco Latuche Françez, e o Capitaõ Rodrigo de Moura Coutinho) livres do grande perigo que os ameaçava. Derao noticia

dia ao Conde, alguns prisioneiros, que no lugar de Linhares se alojavaõ duzentos Infantes: mandou ao Sargento mór Roquemont com trezentos, e a Diogo de Mello com o resto das Companhias a atacar este lugar. Naõ teve duvida a empreza: porque os soldados andavaõ costumados a vencer. Entrou Roquemont as trincheiras, que o inimigo defendia, e degolando a maior parte da guarnição, saqueou, e queimou Linhares, e retirou-se para Salvaterra.

Chegáraõ a Madrid as novas deste successo, e da fortificaçao de Salvaterra, e deo huma, e outra noticia grande cuidado aos Ministros daquelle Coroa, considerando a Portugal, que imaginavaõ facilmente conquistado, author da guerra com repetidas felicidades em todas as Provincias. E como os Generaes costumaõ muitas vezes pagar as omissoens dos Príncipes, tirou El Rey Catholico o Prior de Navarra do governo de Galliza, e entregou-o ao Cardeal Spinola, Arcebispo de San Tiago. Acceitou elle o posto, parecendo-lhe facil manejar decorosamente tão incompatíveis exercícios, e vendo que lhe haviaõ entregue o governo, para que as Armas daquelle Reino melhorassem de fortuna, intentou, ganhando Salvaterra, restaurar em huma só empreza toda a opiniao perdida. Chegáraõ-lhe novos soccorros de Infantaria de Flandres, e grossas levas de Cavallaria. Com esta gente, e a melhor da Provincia, formou hum Exercito de dez mil Infantes, e mil Cavallos com todas as prevençoes necessarias, e a vinte e tres de Settembro ás sete horas da tarde se alojou á vista de Salvaterra. O Conde de Castello Melhor teve noticia deste movimento tão pouco antes de chegar o Exercito, que naõ pôde fazer mais prevençao, que dispor a gente, que tinha na Praça, para a defensa das trincheiras. Naõ chegava o presidio de Salvaterra a tres mil Infantes, e cincuenta Cavallos, ausentando-se, e adoecendo o resto da Infantaria, que havia trazido aquella empreza, e faltando-lhe os mortos, e feridos nas occasioens passadas. Guarneceo o Conde as trincheiras, e repartio

Anno  
1643.

*Roquemont sa-  
quea Linhares.*

*Fit 6.*

*Alojase o Car-  
deal Spinola co-  
o Exercito á vi-  
sta de Salvateri-  
ra.*

*Disposições do  
Conde para a  
defesa.*

*Facultas*  
Anno  
1643.

## 450 PORTUGAL RESTAURADO;

os postos com grande diligencia, finalando os lugares onde deixava as muniçoes, fazendo varios Corpos dedicados para os soccorros das partes mais arriscadas, e animando os soldados a desprezarem os inimigos, e a se não perturbarem na confusaõ da noite, se o inimigo se resolveste a atacar as trincheiras antes de chegar o dia, segurando-lhes nesta consideraçao a victoria, dizendo-lhes, com razão: „ Que a noite „ he mais favoravel aos defensores, que aos que al- „ faltão; porque aquelles seguraõ o hum lugar que „ tem certo para não errar os golpes, e estes cami- „ nhaõ por sitios não conhecidos, em que encontraõ „ taõ perigosos accidentes, que os obriga a diminui- „ rem o ardor, e errar a execuã; e que álem de- „ stas razoens a memoria das victorias passadas lhes „ faria sem duvida desprezar o perigo presente; que „ feria facil de vencer, sendo o numero dos valorosos „ sempre menor que o dos covarde, e estes por na- „ tureza affeiçoados ás emprezas que se intentaõ da- „ noite costumando a não empenhar nellas as vidas; „ entendendo que não perdem a honra: que elle se „ não obrigava à assistencia de algum lugar, por af- „ sistir promptamente a todos; que naquelle parte „ que o não achasse mandando, e defendendo as trin- „ cheiras, entendesle que estava em outra, onde o „ conflicto era maior, e mais precisa a sua assisten- „ cia. A este tempo ja as sombras da noite occultaõ o resplendor ao dia, e o Cardeal Spinola ex-“hortava os seus soldados com a memoria do antigo valor dos Hespanhoes, dizendo: Que se nas acca-“sioens passadas parecia que estava esquecido, não po-“dia conhecer-se extinto, sendo a natureza a mes-“ma; que lhes lembrava o damno, que se seguiria „ áquelle Reino, se os Portuguezes conservassem Sal-“vatoria, que ja contava como rendida, sendo ata-“cada de taõ valorosos soldados, ajudados do escu-“ro, e confusaõ da noite, mais favoravel para os „ que assaltavaõ, que para os que eraõ investidos, „ porque aquelles para atirar tinhaõ as trincheiras por „ ponto

Anno  
1643.

ponto certo , aonde as ballas fariaõ sem duvida mortal emprego , e estes como para aceitar os gol- pes careciaõ de alvo pela falta de luz , sendo os ti- ros sem pontaria , cairiaõ as ballas sem effeito , e que vencida esta difficultade , seria facil entrar as trincheiras , cedendo o menor ao mayor numero , e a rebelliao dos Portuguezes ao valor dos Castle- lhanos . E que esperava fazendo prisioneiro ao Conde de Castello Melhor , segurá-lo com prizoen- taõ fortes , que naõ as rompesse com tanta facilida- de como as de Cartagena de Indias . Seguiõ-se a estas palavras mandar aos soldados com mais resoluçao que disciplina , que atacassem as trincheiras . A noite , que costuma accrescentar os perigos que en- cobre , se encheo de estrondo com os tiros , de hor- ror com as vozes , e de confusaõ com o assalto . Chegáraõ os Gallegos furiosamente ás trincheiras do primeiro alojamento , que o Conde de Castello-Mel- hor havia ocupado , e forao taõ galhardamente re- batidos , que mortos huns , e feridos outros , suspen- deraõ o primeiro impulso . Porém servio-lhes de incen- tivo o de que puderaõ usar como detengano , e mul- tiplicando-se por ordem do Cardeal os socorros , se esforçou o assalto delorte , que por muitas partes parecia contingente a victoria . Duquisnè , que havia ficado fóra das trincheiras para reconhecer os movi- mentos do inimigo , vendo que era necessario abri-  
*Affalto o ini- migo as trin- cheiras de noite.*  
*Acção valoro-*  
*Acção valoro-  
sa de Duquisnè.*

caminho para entrar nellas , desmontouse , acompa- nhando-o alguns soldados , rompeo pelos esquadroens ás cutiladas , e entrou dentro nas trincheiras ferido na cabeça , e naõ quiz valorosamente retirar-se sem se acabar a occasião . O Conde acodia promptamen- te a todas as partes , socorrendo humas com muni- çoens , outras com soldados , e a todas com o ex- emplo do seu valor . Cresceo o vigor da contenda para a parte do Mosteiro de S. Francíco : porém resis- tia com grande actividade , e acordo o Capitão André da Costa , que defendia aquelle sitio , e mon- tando o inimigo por varias vezes ás trincheiras , de todas

Anno  
1643.

## 452 PORTUGAL RESTAURADO;

todas tornou a retirar-se com grande estrago. Lançavaõ-se muitas bombas, e granadas, e outros artifícios de fogo, que davaõ ao valor com que se pelejava menos luz da que merecia. Os Gallegos, como ondas que perdendo a força se recolhem ao mar, e ajudadas das agoas tornavaõ a accometter as areás, assim se retiravaõ quando eraõ rechaçados, e tornavaõ a montar as trincheiras, sendo socorridos. Era passada a mayor parte da noite, quando o Cardeal se delibrou a applicar á empreza o ultimo empenho. Ordenou que se desmontassem os soldados de Cavallo, e fazendo emulação entre estes, e os Infantes, os mandou unidos, e competidores avançar por todas as partes. O Mestre de Campo Diogo de Mello, que havia escolhido para guarnecer huma meia lua, que cobria a entrada das trincheiras, pela achar, por menos reparada, peyor defendida, vendo crescer o perigo, ajudou excellente mente o valor com a arte: mandou fair fóra cincuenta mosqueteiros com ordem, que divididos em dous Corpos ao som de algumas caixas atacassem a retaguarda do inimigo; e que repetindo ás cargas lhe accrescentassem o receyo, e a confusão. Foy esta ordem executada com tanto acerto, que os Gallegos entendendo que Monçaõ passava socorro a Salvaterra, desenganados da empreza se retiravaõ, deixando a terra cuberta de mortos, as pedras de sangue, e toda a campanha de armas. Tanto que amanheceo, e se descubriõ as Tropas confusamente formadas no Outeiro do Facho, pouco distante de Salvaterra, começou a jogar contra elles a artilheria, que as obrigou a se retirarem com mayor danno, deixando mortos mais de trezentos soldados, e levando muitos feridos, entre elles o Mestre de Campo D. Fadrique de Valladares, oito Capitães, e outros Officiaes. Da nossa parte ficaraõ quarenta mortos, e muitos feridos. Fez alto o Cardeal com o Exercito em Linhares, e mandou passar alguns soldados o Minho a tomar lingua. Foraõ sentidos em Monçaõ, montou promptamente em hum filhaõ a cavallo a

*Estratagema de  
Diogo de Mello  
de que resulta  
a retirada do  
inimigo cõ grande  
de perda.*

Con-

Condesa de Castello Melhor, sahio ao rebate com a guarnição da Praça, obrigou aos Gallegos a se retirarem sem levar lingua. O Cardeal, vendo deivaneidas as esperanças de ganhar Salvaterra, intentou passar o rio, e interpretar Valença. Foy sentido o rumor dos Gallegos, quando passavaõ o Minho, dos Religiosos da Ordem de S. Bento, do Convento de Gaifey, repicaraõ o sino, guarnecendo a muralha de Valença, e vendo os Gallegos que eraõ sentidos, se retiraraõ. Com peyor succeso emprendeo o Cardeal ganhar Villa Nova de Cerveira, situada sobre o Minho, seis legoas de Salvaterra, sobre Villa dos Vilcondes de Ponte de Lima. Determinava o Cardeal fortificar Villa Nova, e contrapezar o damno de Salvaterra. Para esta empreza prevenio quantidade de barcos, e mostrou que mandava atacar Lanhelas, termo da Villa de Caminha. Conseguiu com esta apparença, que a gente daquelles Lugares acudisse a Lanhelas. Vendo lograda a primeira idéa, passariaõ dous mil e quinhentos Infantes com varios instrumentos de expugnação á meya noite o rio Minho nos barcos, que estavão prevenidos na parte que chamaõ a barca de Gayaõ, encuberta de Villa Nova com huma serra, que lhe fica diante. Sentiraõ as sentinelas os barcos, tocáraõ arma, acudio com diligencia Gaspar Mendes de Carvalho, Capitão mór de Villa Nova, levando consigo duas Companhias de Infantaria, e entendendo que os Gallegos vinhaõ buscar huns barcos de misteriaes, que hiaõ para Salvaterra, acodio á parte onde estavaõ. Quando chegou, ainda que reconheceo que o perigo era mayor do que supunha, naõ quiz retirar-se: o que naõ fizeraõ os seus soldados; porque o deixaraõ só com hum Sargento de conhecido valor. Desprezou Gaspar Mendes o risco, a que estava exposto, e com huma espada, e hum broquel se metteo entre os Gallegos ás cutiladas. Vendo elles quanto era metedor de mais dilatada vida, lhe offereceraõ muitas vezes quartel, que naõ quiz aceitar, e depois de dar, e receber muitas gridas cahio molto, e o Sargento fi-

Anno

1643.

*Desvanecem'se  
os intentos do  
Cardeal.*

cou

## 454 PORTUGAL RESTAURADO

Anno  
1643.

*Affaltão os Gal-  
legos Villa No-  
va, e retiraõ-  
se.*

*Perdem huma-  
barca.*

cou prisioneiro. Lograraõ seus filhos grandes mercês del Rey por premio desta fineza. O inimigo naõ achando outra opposiçõ, marchou para Villa Nova, queimando no caminho o pequeno lugar das Cortes. Em Villa-Nova succedeo no governo a Gaspar Mendes Manoel de Sousa de Abreu, o qual com todo o cuidado, e diligencia recolheo dentro do muro a gente, e roupa do Arrabalde, e preparou para a defensa tudo o que em taõ poucas horas se podia prevenir. Chegaraõ os Gallegos á Villa ao romper da manhaã de viute e cinco de Setembro; achando vasias as casas do Arrabalde puzeraõ fogo a algumas delas, e intentando por muitas vezes arrimar ás muralhas as escadas que levavaõ, as experimentaraõ em seu danno taõ bem defendidas, disparando os homens as armas com grande effeito, e despedindo as mulheres pedras, e vigas, que se retiraõ todas as vezes que investiraõ. Desconfiados da empreza, e obrigados das vozes dos de Villa Nova, que lhes diziaõ que aguardassem o soccorro de Salvatera, que naõ podia dilatarse, tentaraõ ultimamente a fortuna com hum furioso assalto: porém sendo com maior valor rebatidos, voltaraõ as costas taõ confusamente, deixando as escadas, e os mais instrumentos, que animados alguns paisanos; que haviaõ ficado fóra da Villa, a que se uniraõ outros de Lanhelas, catregiraõ desorte a retaguarda; que além de matarem muitos Gallegos, fizeraõ logo trinta e cinco prisioneiros. Cresceo o numero da noſſa gente, ocodindo de Coura com alguma o Capitão Francisco Rebello de Sousa: e sahindo de Villa-Nova o Capitão Manoel de Sousa de Abreu com toda a guarniçõ, todos aper- turaõ desorte os Gallegos, que entre mortos, feridos, e prisioneiros perdéraõ quinhentos homens, e fez maior a desgraça huma peça de artilheria que Manoel de Sousa de Abreu mandou vir da Villa, que metteo no fundo huma barca cheya de gente. O Conde de Castello-Melhor tanto que teve noſticia que o inimigo marchava para aquella parte, despedio algumas Companhias de soccorro, que chegá-  
raõ

rão depois dos Gallegos passarem o rio. Pediraõ elles  
 permisão para enterrarem os mortos, que se lhes  
 concedeo com grande, e merecida justancia dos que  
 haviaõ sido causa deste danno. Naõ podiaõ tolerar os  
 Gallegos ver que crescia a fortificaçao de Salvaterra.  
 que ameaçava áquelle Reino molesta continua. Este  
 cuidado os obrigava a inquietar, quanto lhes era pos-  
 sivel, aqueille presidio. Marcharaõ tres Tropas com o  
 sim de reconhecerem a fortificaçao de Salvaterra. Sa-  
 hiraõ algumas peſloas particulares a cavallo, levando  
 dez moqueiros, que lhes segurassem a retirada: em-  
 penharaõ-se detórte, que se acharaõ cortados; inven-  
 tio: o inimigo, valeraõ-se de hum sitio alpero, e  
 defenderaõ-se com tanto valor, que deraõ tempo a  
 que Duquisné, e Roquemont sahisse a soccorrerlos;  
 que obrigaraõ os Gallegos a se retirarem, justamente  
 admirados da constancia de taõ poucos Portuguezes.  
 O Cardeal, vendo que naõ podia conseguir a empre-  
 za de Salvaterra, mandou levantar hum reducto no  
 lugar da Salgoſa, meia legoa desta Praça para a par-  
 te de Levante junto ao rio Minho. O Conde de Ca-  
 stello Melhor, tendo por perigosa esta vizinhança, or-  
 denou ao Mestre de Campo Diogo de Mello, que  
 marchasse com douz mil Infantes a atacar este redu-  
 cto: sahio elle de Salvaterra, e dispondo com boa dis-  
 ciplina a gente que levava, chegou ao reducto, de  
 que era Cabo o Mestre de Campo Belchior de Ulhoa  
 com as melhores Companhias do seu Terço. Tanto que  
 deo vista dos noslos soldados, fez sahir tres Compa-  
 nhias, que se emboscaraõ em hum valle cuberto, e se-  
 guro: deraõ algumas cargas com pouco effeito, e reti-  
 raraõ-se para o reducto a tempo, que já a noſla gen-  
 te o avançava por todas as partes, e taõ animosamen-  
 te, que o entraraõ, a pezar da resistencia. Salvou-  
 se o Mestre de Campo, e ficaraõ priſioneitos douz Ca-  
 pitães, e parte dos soldados. Desmantelou Diogo de  
 Mello o reducto, e entrou por Galliza, saqueou, e  
 queimou seis lugares muito abundantes, e ricos. Vin-  
 do retirando-se achou na Salgoſa quatrocentos Cavallos  
 do

Anno

1643.

 Ganhado  
 Reducto

 746.  
 300 pds

## 456 PORTUGAL RESTAURADO

Anno  
1643.

Governa Galili-  
za e Marquez  
de Tavora

do inimigo ; guarnecendo alguns valiados, que lhe seguravaõ a marcha, e continuoua. Antes de chegar a Salvaterra, lhe chegou aviso do Conde de Castelo Melhor, de que o inimigo havia passado a ponte de Filhaboa, e que o aguardava com o resto das suas Tropas. Achavaõ Diogo de Mello desfronte de Monçaõ, em o lugar de Alcabria, mandou com toda a diligencia a Antonio de Queirós Mascarenhas, e a Rodrigo de Moura, que com as suas Companhias guarnecessem huns vallados, por onde o inimigo forçosamente havia de passar. Marchou com toda a gente a buscar a margem do rio, e tanto que a conseguiu, vejo retirando as mangas pelos furos mais apertos, e segurando todos os que o inimigo podia ocupar em seu damno ; e com esta bôa ordem chegou a Salvaterra sem os Gallegos se atreverem a investi-lo. Neste tempo entrou a governar as Armas de Galliza o Marquez de Tavora, aliviando deste pezo o Cardeal Spinola, de que desejava ver se livre, assim pelas desgraças succedidas, como por outros respeitos que pertenciam á sua Dignidade. Correndo o Marquez a frôntea, e chegando ao reduto da ponte Filhaboa, teve noticia, que duas Companhias de Infantaria nossas davaõ comboy a alguns paizanos, que cortavaõ lenha. Eraõ elles as dos Capitães Antonio de Queirós, e Antonio Ferreira. Mandou sair tres, carregáraõ estas duas, e depois de larga contenda, obtigáraõ ás tres a se item retirando. Reforçou as o Marquez com outras tantas, cederaõ as nossas, e viereõ pelejando até as trincheiras de Salvaterra. O Conde reconhecendo a desigualdade, e o valor das duas Companhias, mandou sair quatro a socorrê-las : pelejáraõ de huma, e outra parte largo espaço, caindo de ambas muitos mortos, e feridos ; ultimamente se retiraraõ os Gallegos, e os nossos soldados os seguiráraõ até o reduto, e a noite apartou a contenda. O Marquez de Tavora tratou com grande cuidado de reforçar as

guar-

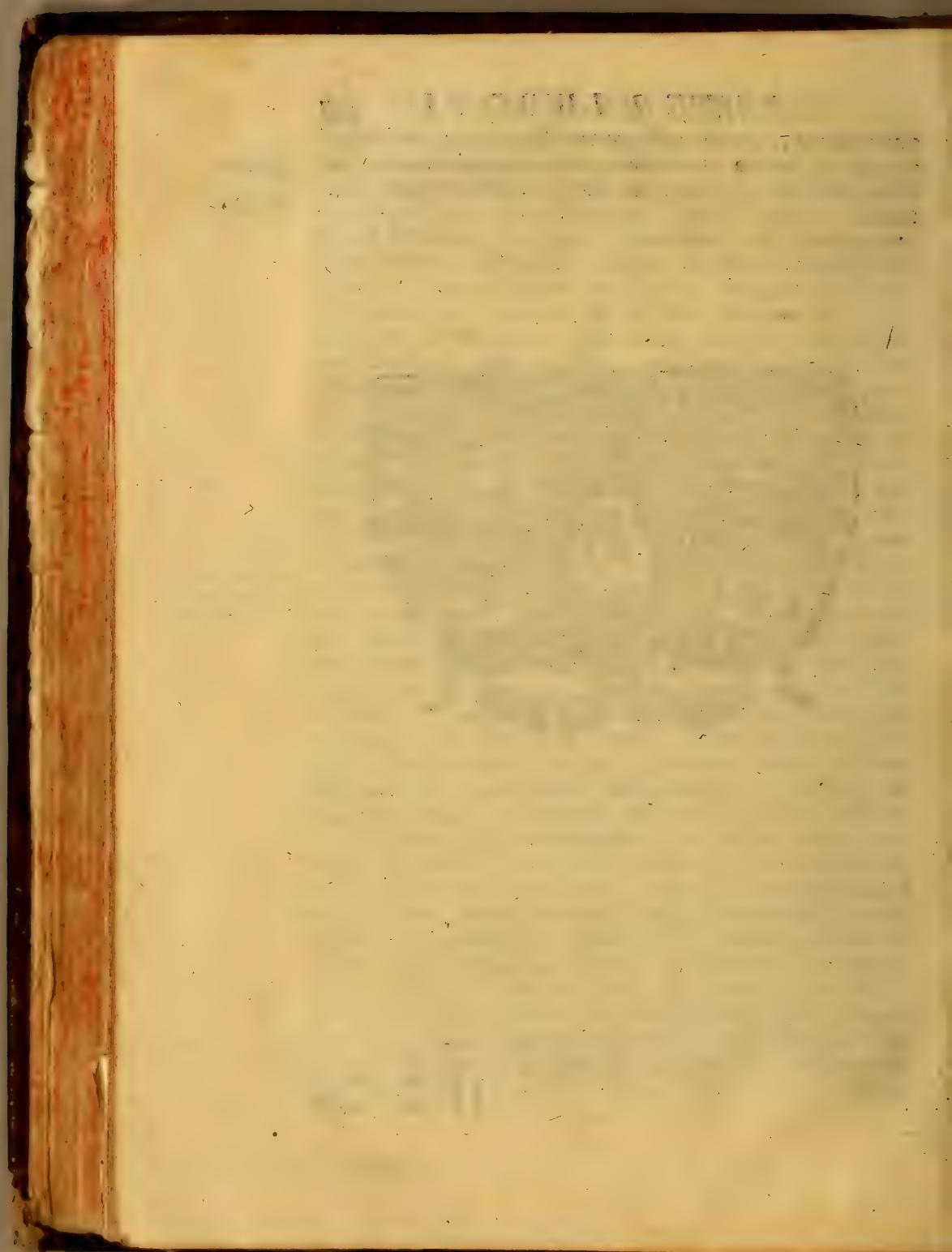
**PARTE I. LIVRO VI. 457**

guarniçõens, e de pedir novos soccorros: porém co-  
mo era o fim de Dezembro parou a guerra sem a for-  
tuna mostrar ao Conde de Castello. Melhor rosto con-  
trario.

Anno  
1643.



**INDICE**





**INDICE**  
**DAS ACCOENS HEROICAS,**  
 que se contém nos seis Livros  
 desta primeira parte, To-  
 mo primeiro.

**A**

A Bbade de Bouro entra em Galiza , oppoem-se a Ihe os Galegos , peleja e vence.	273.
Acção valerosa de duas senhoras em Lisboa no dia da Acclamação.	107.
Acção prudente de Isabel Rainha de Inglaterra.	229.
Acção varonil da Condeça de Castello Melhor.	448.
Acclamação d'El Rey Dom Joaõ IV em Lisboa , afi- fentão os confederados a forma , e tempo da ex- ecuão della.	106.
Dasle lhe principio accomettendo o Paço.	107.
Publica-se pela Cidade.	111.
Confirmação os Desembargadores.	112.
D. Affonso o Catholico foy o primeiro que emprende a conquista de Portugal.	5.
D. Affonso Henriques primeiro Rey de Portugal , e seu Elogio.	6.
D. Affonso II , e seu Elogio.	7.
D. Affonso III , e seu Elogio.	8.
Tom. I.	Ff
	D, Af.

D. Affonso IV, e seu Elogio.	Ibid.
D. Affonso V ; e seu Elogio.	91.
Affonso de Albuquerque Heróe insigne de Portugal.	111.
D. Affonso de Menezes acclama El Rey D. Joaõ, e ganha na sala dos Tudecos as alhardas.	107.
D. Affonso de Portugal Conde do Vimioso procura com outros fidalgos applicar o Povo de Evora.	69.
Elegeo-o El Rey D. Joaõ Conselheiro de Estado.	124.
Nomeao El Rey Capitaõ General do Reino.	219.
Pasta a Alemtejo, elege Elvas para Praça de Armas.	ib.
Conferencia que tem com Mathias de Albuquerque.	228.
Chama-o El Rey á Corte,	231.
D. Agostinho Manoel ajunta-se á conjuração do Arcebispº Primaz.	298.
Sua prizaõ.	302.
He sentenceado á morte.	314.
Fórmula da execuçã.	317.
Alcobaça, Lugar de Entre Douro e Minho, he quasi-mado pelos Gallegos.	268.
Alconchel, Villa de Castella, he saqueada pelos Portuguezes.	361.
He sitiada pelo nosso Exercito.	429.
Rende-se o Castello, e guarnece-se.	431.
Aldea da Ponte, na Beira, he ganhada pelos Castelhanos.	380.
Aldea do Bispo, no Partido contrario á Beira, he ganhada pelos Portuguezes.	381.
Alemtejo, primeira Província de Portugal: disposta para a guerra, e successos do anno de 1641, governando-a o Conde do Vimioso.	219.
Successos do anno de 1642, governando-a Martin Affonso de Mello.	351.
Successos do anno de 1643, em que sahio o nosso Exercito em campaõa.	415.
Santo Aleixo, Aldea em Alemtejo, defende-se valerosamente dos Castelhanos.	248.
Algarve, Reino unido á Coroa de Portugal: alterações dos Povos.	75.
	Casti-

## ÍNDICE.

Castigo dos amotinados.	461
Desune-se da Coroa de Castella, e dá obediencia a ElRey D. Joaõ.	83.
Alteraçao do Povo com a noticia de se querer ele- ger ElRey de Castella.	117.
Alteraçao do Povo de Lisboa por causa dos Fidal- gos que fugiraõ para Castella.	20.
Diligencias com que se applaca.	133.
Alteraçoens de Evora por causa dos tributos.	134.
Excessos do, a motinados.	67.
Diligencias para o socorro.	68.
Extravagante proposta, que o Conde Duque manda fazer aos Povos.	70.
Castigo dos amotinados.	80.
D. Alvaro de Abranches accommette o Paço accla- mando ElRey D. Joaõ.	82.
Entra na Camera, pega na Bandeira da Cidade, e sahe por ella acclamando ElRey.	108.
Toma posse do Castello de Lisboa.	111.
Passa á Beira por Governador das Armas, corre a Provincia, e poem-na em defensa.	114.
Manda a Navesfria tomar satisfaçao da prizaõ de hum paizano.	283, e 284.
Amareleja, Lugat de Alemtejo: elcaramuçaõ nel- le os Castelhanos.	285.
He saqueado.	234.
Fr. Ambrosio do Espírito Santo Confessor do Con- de de Castello Melhor em Indias ajuda com in- dustria à fugida do Conde.	235.
Foge com o Conde.	193, e seg.
Premio que ElRey D. Joaõ lhe dá.	196.
André de Albuquerque Capitaõ de Infantaria em Alemtejo, desbarata os Castelhanos em Albu- querque.	198.
Passa a Mestre de Campo.	352.
Angola, Reino na Costa de Africa Austral dà obe- diencia a ElRey D. Joaõ.	416.
Interprendem os Hollandezes a Cidade de S.Pau- lo de Loanda.	144.
Ff 2	331.
D. An-	

D. Antaõ de Almada , ajuntaõ se em sua casa alguns Fidalgos , e fazem conferencia sobre a Acclamaõ d'ElRey D. Joaõ. 95.

Acclama ElRey , e sobe ao quarto da Duqueza de Mantua. 109.

Vay por Embaixador a Inglaterra , ajusta a paz , e volta para Lisboa. 163.

Antiguidades do Reino de Portugal. 4.

D. Antonio Prior do Crato pertendente da Coroa , e seus fundamentos. 13.

He acclamado em Santarém , entra em Lisboa , prepara se para se oppôr ao Exercito d'ElRey de Castella. 22.

Marcha a Belém , retira se a Alcantara , he desbaratado na Ponte. 31.

Passa a França. 35.

Entra em Portugal com huma Armada Ingleza. 41.

Morre em Pariz. Ibid.

Antonio de Mello de Castro avança o Paço , e ganha o Corpo da guarda acclamando ElRey D. Joaõ. 107.

Antonio de Saldanha acclama ElRey D. Joaõ em Lisboa. 108.

Passa á Ilha Terceira , e volta a Lisboa com duas navetas da Índia. 143.

Antonio Telles de Menezes he eleito General da Armada na mesma noite em que chegou da India. 158.

Antonio Telles da Silva acclama ElRey D. Joaõ , e ferido em hum braço accõmette a casa de Miguel de Vasconcellos. 108.

Governa a Bahia. 411.

Antonio de Azevedo Capitaõ de Infantaria em Indias he persuadido de Pedro Jaques para a empreza do Conde de Castello Melhor. 188.

Descobre o trato , e accusa os cumplices. Ibid. e seg.

Seu miseravel fim. 192.

Antonio de Queirós Capitaõ de Aventureiros em Entre Douro e Minho avança as trincheiras de Salvaterra , entra a Villa , investe as trincheiras. 223.

*I N D I C E.*

ras da Fortificaçāo , e rende-a.	463
Faz retirar o inimigo de Salvaterra , intentando ganhalla.	445.
<b>Antonio Mexia Capitāo da Ordenança em Campo</b>	
Mayor corresponde-se com os Castelehanos ,	
nao he admittido seu trato.	229.
Seu falso trato , enganando ambos os partidos.	247.
Intenta acreditar sua fidelidade.	355.
Sua prizaō , e morte.	356.
<b>Antonio Moniz Barreto levantase no Maranhāo</b>	
contra o Hollandeze.	411.
Ganha o Forte do Calvario , derrota os Hollandeze , e sitia a Cidade.	412.
<b>Arcebispo de Braga : veja D. Sebastiāo de Matos de Noroaha.</b>	
<b>Arcebispo de Lisboa fomenta a empreza da Accia-</b>	
maçāo.	102.
Sahe da Sé no dia da Acclamaçāo , acclamando El-	
Rey , e desprega o Christo o braço.	111.
He eleito Governador em quanto ElRey nao che-	
gava a Lisboa.	112.
Elige o ElRey Ministro para o despacho de todos	
os dias.	124.
<b>Arca , e contracto , nome que se deo a huma mara-</b>	
vilhosa industria para conservaçāo da Cavalla-	
ria.	218.
<b>Armada Hollandeza que interprende a Bahia.</b>	52.
<b>Armada de Portugal para a restauraçāo da Bahia.</b>	53.
<b>Armada de Hollanda sobre Pernambuco.</b>	56.
<b>Armada de Castella derrotada pelos Hollandeze.</b>	87.
<b>Armada de Hollanda entra em Lisboa com socorro.</b>	328.
Recontro que tem com a de Castella.	330.
Discursos sobre se deter a Armada em Lisboa pe-	
la cavilaçāo dos Hollandeze.	344.
<b>Armada Hollandeza contra Angola.</b>	330.
<b>Armada Hollandeza contra o Maranhāo.</b>	335.
<b>Armada da Costa no anno de 1642.</b>	410.
<b>Armadas de Portugal , e Castella para a restauraçāo</b>	
de Pernambuco.	59.

Armadas de Portugal , e Castella para a restauraçāo de Pernambuco.	61.
Armadas de Portugal , e de França a interpretender Cádis.	326.
Arzilla entrega-se a El Rey de Marrocos.	39.
Ayres de Saldanha accomette o Paço acclamando El Rey D. Joaõ.	108.
Faz confirmar a Acclamaçāo pelos Desembarga- dores.	112.
Segura'os do perigo da Cidade, acompanhando'os até suas casas.	Ibid.
Soccorre Campo Mayor , governa a Praça , e for- tifica'a.	248.
Manda huma partida a Villar d'El Rey , succe- sos della, e de outras Tropas.	249.
Perigo que teve em Valverde.	252.
Derrota a Tropa de Villar d'El Rey.	253.
Arma à guarniçāo de Albuquerque , desbarata os que acodem ao rebate.	352.

## B

Bahia , sua descripçāo , he ganhada pelos Hol- landezes.	52.
Sua restauraçāo.	53. e seg.
Sitiaõ'a os Hollandezes.	61.
Ballaro Heróe insigne Portuguez.	11.
Balthazar Teixeira Capitaõ mór em Traz os Mon- tes sujeita á obediencia d'El Rey oito Lugares de Galiza.	272.
Queima Villa Mayor.	278.
Queima tres Lugares grandes aos Galegos.	279.
Rende o Lugar de Medeiros.	281.
Barrancos , Lugar em Alemtejo , arraza'se pela in- fidelidade de seus moradores.	234.
Baúcio Capeto Heróe insigne Portuguez.	11.
Beira , quarta Provincia de Portugal , sucessos do anno de 1641 , governando'a Dom Alvaro de	

INDICE.

465

283.

de Abranches. 283.

Succeslos do anno de 1642, governando Fernão Telles de Menezes. 374.

Brandilhaens, Lugar fortificado na Raya de Traz os Montes, he ganhado pelos Portuguezes. 283.

Braz Nunes Caldeira, acção valerosa que faz em Roma. 175.

Braſil, Estado Vastissimo na America, succeslos da guerra com os Hollandezes do anno de 1641. 330.

Succeslos do anno de 1642, Governando António Telles da Silva. 411.

C

**C**ampo Mayor, Praça de Alemtejo, intentão os Castelhanos interprendella. 229.

Degollaõ os Castelhanos alguns Soldados desta Praça. 235.

Damno em Campo Mayor por não pelejarem os Hollandezes. 362.

Capitulos que ElRey D. Philippe jurou ao Reino. 34.

Cardial D. Henrique succede no Reino. 11.

Inclinaõ á Casa de Bragança para a successão do Reino. 14.

Chama a Cortes, e nomea Governadores, e Juizes. 16.

Muda de opinião, determina eleger D. Philippe, e manda propôr á Duqueza de Bragança condições para desistir. 17.

Sua morte, e clausulas de seu testamento. 21.

Cardial Alberto Governador de Portugal. 38.

Liberdade generosa que com o Cardial teve o Padre Luiz Alvares da Companhia de Jesus. 40.

Cardial Riario Legado a ElRey sobre o Reino de Portugal. 32.

Cardial Richilieu Ministro Mayor de França dá audiencia aos nossos Embaixadores. 162.

Sua morte. 406.

Cardial Mazarino succede ao de Richilieu. Ibid.

Ff 4

Car.

255 *INDICE*

Spinola chega com Exercito sobre Salvaterra	449
Ata os Soldados, e assalta a Praça de noite	451
Assalta com grande perda	452
Assalta Vila Nova, e retira-se com mayor perda	454
Paz levantar hum reduto meya legua de Salvaterra, ganhaõ lho os Portuguezes.	455
D. Carlos de Noronha aclama El Rey D. Joaõ.	109
Sobe ao quarto da Duqueza de Mantua; palavras resolutas que lhe diz.	110
Carta da Duqueza Dona Catharina ao Cardeal D. Henrique.	18
Carta do Duque de Caminha a El Rey D. Joaõ.	311
Carta a El Rey do Cardeal Richilieu com prudentissimos conselhos.	322
Carta ao Emperador do Senhor Infante D. Duarte.	207
Cartas a El Rey do Inquisidor Geral.	305
Carta a El Rey do Arcebispo de Braga.	347
Castelhanos, excessos com que trataraõ ao Colleito.	87
Imprudencia dos que estavaõ de presidio no Castelo de Lisboa.	
Discursos dos Castelhanos sobre a conquista de Portugal.	128
Segunda mostra dos Castelhanos em Alemtejo.	224
Rompem duas Companhias em Olivença.	226
Disposiçoes com que atacaõ Olivença.	229
Poem fogo ás lementeiras.	230
Excessos crueis, e sacrilegos dos Castelhanos.	232
Retiraõ se derrotados.	233
Queimaõ Talega, e Olor.	237
Degolaõ alguns soldados em Campo Mayor.	253
Correm a campanha de Campo Mayor, e Arronches com não succeso.	240
Interprendem a Aldea de Santo Aleixo com muito grande perda.	248
Degolaõ duas Companhias de Castello de V de, e entraõ o lugar de Ferreira.	367
Artificioia composiçao na Beira sobre o rompimento da guerra.	376
Ganhaõ Aldea da Ponte, e queimaõ outros Lugares.	380
Der-	

Derrotaõ o Capitaõ Diogo de Toar , e huma Tro- pa de Alfayates.	387. e segi-
Crueldade que uiaõ com os rendidos de Almotalla,	389.
Attacaõ Eſcashaõ , e retiroõ ſe com perda.	390.
Recontro dos Castelhanos com D.Sancho.	391.
Castello de Lisboa entregaõ ſe com ordem da Duque- za de Mantua.	114.
Castello de Elges rendeõ ſe aos Portuguezes.	377.
Castello de Ouguella he avançado dos Castelhanos que ſe retiraõ.	353.
Castellos de Viana , e Setuval rendemõ ſe aos mora- dores destas Villas.	117.
Catalunha tuas alteraçoens.	92.
Castigo de Cambriz.	93.
Exercito de Castella ſobre Barcelona , e attaque de Monjuic.	158.
Embaixada de Catalunha a Portugal.	160.
Don: Catharina Duqueza de Bragança pertendente do Reino , e fundamentos de ſu justiça.	13.
Reposta de huma propoita que lhe fez o Cardeal D. Henrique.	18.
Chega a Almeirim a fallar ao Cardeal.	20.
Generoſa reposta da Duqueza a El Rey Filipe in- tentando caſar com ella.	38.
Moſtra a meſma conſtancia , visitando a E'Rey , Ibid.	
Catharina de Medicis Rainha de França pertendente da Coroa.	13.
Cauſas de ſe romper guerra entre França , e Castell.	74.
Cezinando Rodrigues Juiz do Povo de Evora he cau- ſa da alteraçoõ.	67.
Propoita extravagante que ſe lhe faz.	80.
Seu castigo.	82.
Ceilaõ : ſucessos da guerra que os Hollandezes fizem nesta ilha.	341.
Poem ſitio os de Ceilaõ á Fortaleza de Gale.	414.
Chéles he ganhado pelos Portuguezes.	363.
Christina Rainha de Suecia , e ſeu Elogio.	171.
Ajuſtaõ ſe a paz , e manda ſocorro a El Rey D. Joaõ.	172.
Christo.	

Christo despregi o braço na Acclamaçāo.	111.
Ciumes dos Castelhanos da Casa de Bragança.	44.
Codiceira, Lugar entre Albuquerque, e Arro- ches, he queimado pelos Portuguezes.	359.
Compendio do que se escreve nesta Historia.	3.
Compostella Villa de Galiza he queimada com al- gumas Aldeas.	273.
Conde Dom Henrique, e seu Elogio.	6.
Conde do Sabugal, acção generosa que faz.	64.
Conde de Linhares tem differenças com Diogo Soares.	76
Proposta que faz aos Povos de Portugal para fo- cego dos alterados.	79.
Efeitos de sua ira.	81.
Conde de Nálio Governador dos Hollandezes em Pernambuco, seus progressos naquelle Provin- cia.	60.
Poem sitio á Bahia de que se retira com perda.	61.
Conde da Torre General da Armada para Pernam- buco, e successo della.	61.
Persuade estando prezo na Fortaleza de São João ao Tenente della a que a entregue.	118.
Passa a Alemtejo a reformar o Exercito	368.
Conde de Obidos General da Artilharia no Brasil.	62.
Elege-o El Rey Governador das Armas de Alem- tejo.	369.
Conde de Monte-Rey Governador das Armas Caste- lhanas resolve-se a atacar Olivença.	229.
Fórmia bateria, dá hum assalto, e retira-se com perda.	231.
Intenta Elvas; retira-se com perda.	242.
Interprende segunda vez Olivença, retira-se com grande perda.	244, e 245.
Retira-se do Governo.	247.
Conde de Aveiras Viso-Rey da India, disposiçōens do seu Governo.	340.
Conjuraçāo contra El Rey, e pessoas della.	294.
Conquistas de Portugal saõ excluidas na Tregoa de Castella com Hollanda.	43.
Daõ obediencia a El Rey Dom João.	135.
Concl.	

## I N D I C E

Consideraçōens dos Portuguezes antes da Acclama-	469
çāo.	88.
Constancia dos Portuguezes.	438.
Cortes em Lisboa chamadas pelo Cardial D. Hen-	
rique , e effeito dellas.	16.
Cortes em Thomar chamadas por El Rey Filipe	
em que he jurado.	33.
Capitulos que jurou nas Cortes.	34.
Cortes em Lisboa ch madas por El Rey Philippe.	36.
Cortes em Lisboa chamadas por El Rey D. Joaõ o	
IV , em que se levantārāo os tributos impo-	
stos por El Rey de Castella , e se resolvoe a de-	
fensa do Reino.	128.
Cortes em Lisboa chamadas por El Rey D.Joaõ , em	
que se assentou contribuiçāo para a despeza da	
guerra.	408 , e leg.

## D

Decreto que El Rey D. Joaõ manda publicar em	305.
varios editaes para socego do Povo alterado	
com a noticia dos conjurados.	
Deos mostrava , que se offendia dos Portuguezes	
que se prslevava a Castella , porque ou ac ba-	
vaõ as vidas nas primeiras occasioens , ou fica-	
vaõ prisioneiros.	229.
Dieta de Ratisbona.	204.
Diligencias d El Rey para se recolherem a Portugal	
os Fidalgos que estavāo em Indias.	184.
Diligencias de Filipe II para conseguir a Coroa de	
Portugal.	14.
Diligencias de Dom Antonio Prior do Crato para	
Reinar.	13.
Diligencias do Monteiro mór para eclamar El Rey	
Dom Joaõ.	91.
Diogo Soares he eleito pelo Conde Duque Secreta-	
rio de Portugal em Madrid.	63.
Differença que tem com o Conde de Linhares.	
Faz apartar da Corte o Conde por se livrar dos	
capi-	76.

capitulos do Abbade de Pera.	79.
D. Diogo de Castro Conde de Basto Viso Rey de Portugal.	65.
Ajuntaſe com outros fidalgos em Santo Antaõ de Evora para applicar o Povo amotinado.	69.
Palavras, e authoridade cõ q̄ repreme a fúia do Povo.	Ib.
D. Diogo de Menezes paſſa a Alemtejo, e allenta praça de soldado, fendo hum dos primeiros da sua esfera que valerosamente se oppozeraõ à invaſão dos Castelhanos.	219.
Exercita todos os poſtos até Capitaõ.	362.
Governa hū Troço de lofantaria, e ganha Chêles.	363.
Industria com que livra de perigo as noſtas Tropas.	364.
Paſſa a Capitaõ de Cavallos.	365.
Diogo de Mello Pereira em Entre Douro e Minho ganha aos Galegos hum Forte principal, e muitos reductos.	271, e seg.
Desharata os Galegos na Ponte de Filhaboa, e ganha a Fortificaçāo da Ponte.	447.
Estratagema de que uſou com felice ſucesso no assalto de Sarvaterra.	452.
G. nha aos Galegos o reducto da Salgoza, e retiraſe tem os Galegos se atreverem a investiſlo.	455.
D. Diniz Rey de Portugal, e seu Elogio.	8.
Discursos ſobre o Duque de Bragança ſer General das Armas de Portugal.	89.
Discursos dos Confederados ſobre a execuſão da empreza da Acclamaçāo.	106.
Discursos dos Castelhanos ſobre a Conquista de Portugal.	128.
Discursos ſobre ſe haver de mandar a Duqueza de Mantua para Castella.	292.
Discursos ſobre ſe haver de deter no rio de Lisboa a Armada de Hollanda, em ſatisfaçāo dos aggravios recebidos.	344.
Dispoſiſão da Historia.	253.
D. Duarte Rey de Portugal, e seu Elogio.	9.
D. Duarte Infante de Portugal, e ſeus ſucessos.	198.
Diligencias dos Castelhanos, e ordens do Empereor.	
dor	

# ÍNDICE

	471
dor para o prenderem.	200
Confiança generosa do Infante.	203
He prezo em huma estalajem, e da-se lhe palavraria da parte do Imperador de o não entregar aos Castelhanos.	Ibid., e 204.
Diligencias da Dieta a seu favor.	Ibid.
Passa á Fortaleza de Pasiovu, e depois de cinco mezes a Grats.	205, e seg.
Carta que manda ao Imperador, e sua reposta.	207
Recado mysterioso que manda ao Imperador, partindo para Milaõ, depois de o haver entregue por dinheiro aos Castelhanos.	209.
Sua morte no Castello de Milaõ, e seu Elogio.	211.
Duque d'Alva General do Exercito de Filipe II.	22.
Entra em Portugal com o Exercito, chega a Setúbal, embarca-se na Armada, chega a Cascaes, e marcha a Lisboa.	30.
Desbarata a D. António na ponte de Alcantara, e entra em Lisboa com triunfo.	31.
Duque de Orluna Embaixador de Filipe II ao Cardinal Henrique.	16.
Duque de Medina Sidonia levanta gente para fogo do Algarve.	75.
Defafia a ElRey D. Joaõ pondo cartais em varias partes, para se justificar das suspeitas que del le tinha ElRey de Castella.	325.
Sua prizaõ.	326.
Duque de Caminha; vejvse D. Miguel de Noronha.	
Duque de Feria intenta Mouraõ e retira-se com perda.	238
Duqueza de Mantua, e noticia de seus succ ssos.	65.
Entra em Lisboa a governar o Reino.	66.
Temores, e diligencias da Duqueza na Alteração de Evora.	70.
Especula os passos mais occultos dos Fidalgos de Lisboa.	101.
Palavras da Duqueza aos Fidalgos da Acclamação que sobiraõ ao seu quanto, recolhe-se ao seu Oratorio, e passa ordens para se entregar o Castello.	111.

Reti.

Retirar-se ao Paço de Xibragas, e dahi para o  
Convento dos Santos, 115.  
Consegue licença del Rey para passar a Madrid. 292.

## E

E Pfeitos da liberalidade, e da miseria. 194.  
Elvas, Cidade da Provincia de Alemtejo, elege-  
se Praça de Armas, e prepara-se para a defensa. 219.  
Embaixada de Roma, e considerações sobre ella. 173.  
Embaixada de Catalunha a Portugal. 160.  
Embaixada a Hollanda, e effeitos della. 164.  
Embaixada a Suecia, e Dinamarca. 169.  
Embaixada do Vice-Rey da India aos Hollandezes. 342.  
Embaixada da França do Conde da Vidigueira, ve-  
ja-se D. Vásco da Gama: 405.  
Embaixada de França a Portugal. 322.  
Embaixadores de França, ajustaõ a paz, e voltaõ  
para Lisboa. 162, e seg.  
Chegaõ a Lisboa com a Armada de França. 321.  
Embaixadores de Inglaterra entraõ em Londres, saõ  
recebidos del Rey, ajustaõ a paz, e voltaõ pa-  
ra Lisboa. 163, e seg.  
Emmanuel Phelisberto Duque de Saboya, perten-  
dente da Coroa, e fundamentos de sua justiça. 133.  
Empreza heroica do Conde de Castello-Melhor em  
Carthagena. 186.  
Ensina-lola he queimada pelos Portuguezes. 360.  
Entradas em Galiza, e effeito dellas. 272.  
Entradas varias com diferentes successos em Traz  
os Montes. 279.  
Entradas varias de huma, e outra parte em Entre  
Douro e Minho. 256.  
Entradas em Galiza por Entre Douro e Minho com  
bom succeso. 372.  
Entre Douro e Minho, segunda Provincia de Por-  
tugal, successos da guerra do anno de 1641,  
governando as Armas D. Gastão Coutinho. 254.  
Suc:

# INDICE

473

Successos do anno de 1642, governando tres Governadores,	371.
Successos do anno de 1643, governando o Conde de Castello Melhor,	439.
Escaramuça das primeiras Tropas de Alemtejo,	226.
Escaramuça no Lugar da Amareleja,	234.
Escaramuça em Olivença,	228.
Escaramuça em Badajoz,	418.
Estremoz Villa de Alemtejo fortifica-se.	237.
Evora, veja alterações de Evora.	
Exercito de Filipe II contra Portugal.	21.
Exercito de Castella sobre Barcelona, ataca Monjuic.	558
Paslaõ muitos Portuguezes que nelle serviaõ a Portugal.	559.
Exercito dos Castelhanos sobre Olivença, que se retira com perda.	230.
Exercito de Portugal no anno de 1642, sitiа a Villa de Valverde.	421.
Chega a Badajoz.	423.
Retira-se o Exercito.	427.
Queima tres Villas, e sitiа Alconchel.	429.
Entrega-se o Castello de Alconchel que se guarnece, e rende-se a Villa de Figueirà de Vargas.	431, e seg:
Poem sitio a Villa Nova del Fresno.	432.
Rende-se a Villa, e fortifica-se.	435.
Retira-se o Exercito a Portugal.	436.
Exercito dos Gallegos governado pelo Cardial Spinola sobre Salvaterra, de que se retira com máo sucesso.	449.

# F

Filipe II pôntender te da Coroa de Portugal, e fundamentos de sua justiça.	13.
Manda Exercito a Portugal.	22.
Sentença dos Governadores de Portugal a seu favor, que não estima.	29.
Chega-lhe a nova do Exercito entrar em Lisboa, e entra em Elvas,	33.
Vila.	

Visita a Duqueza de Bragança, chama Cortes a	
Thonar, em que he jurado, e lança o Tuzaõ	
ao Duque de Bragança.	33.
Capitulos que jura nas Cortes.	34.
Entra em Liboa com magnifico apparato:	35.
Intenta casar com a Duqueza de Bragança.	37.
Volta a Madrid, deixa o Cardeal Alberto com o	
governo de Portugal, e visita a Duqueza.	38.
Sua morte, e seu Elogio.	41.
Fi ipse III. manda a Portugal fazer levas para Flandes.	43.
Entra em Lisboa, e he magnificamente recebido.	44.
Volta a Madrid aonde morre.	46.
Filippe IV. succede na Coroa de Portugal, e principio de seu governo.	50.
Acrescenta os tributos, e amotinase o Povo pela oppressão delles.	51.
Mercê que faz aos fidalgos Portuguezes pela restauração da Bahia.	55.
Intenta fazer de Portugal Provincia, e chama a	
Madrid os Prelados, e Nobres.	83.
Manda a Portugal fazer levas para a guerra de	
França.	85.
Chegalhe a nova da Acclamação del Rey D. Joaõ.	127.
D. Filipe Mascarenhas governa Ceilaõ, e ganha a	
Fortaleza de Negumbo.	154.
Rompe os Chingalas.	Ibid.
Fernão Telles de Menezes acclama El Rey D. Joaõ	
em Lisboa, e avança o Paço.	109.
Exercita o Officio de Alferes mór no juramento	
del Rey.	122.
Governa a Provincia da Beira.	374.
Rompe a guerra aos Castelhanos, e rende á obediencia del Rey a Villa de Valverde.	376, e seg.
Ganha Aldea do Bispo depois de valerosa resistencia.	381.
Derrota valerosamente os Castelhanos em Val de la mulla.	384.
Rende o Castello de Guardaõ, e arruinaro.	386.
Preparação que faz para resistir aos Castelhanos	
sem	

*INDICE*

sem conseguir os soccorros que tinha pedido ;	475
Desbarata os Castelhanos com desigual poder,	388.
Retirase a Lisboa depois de ter feito muito grande dano aos Castelhanos ,	395.
D. Fernando Rey de Portugal ; e seu Elogio ,	Ibid.
D. Fernando de Menezes Conde da Ericeira parte a Lisboa com a noticia da Acclamaçao a dar obe- dienza a ElRey ,	9.
D. Fernando Mascarenhas chega com a nova de ser acclamado ElRey no Brasil , e ve-se apertado em Peniche com a furia do povo ,	125.
Fernando III. Emperador de Alemanha proposta que lhe fazem os Castelhanos sobre a prizaõ do In- fante D. Duarte ,	148.
Dá ordem para se prender o Infante ,	200.
Palavra do Emperador de o naõ entregar aos Ca- telhanos ,	202.
Reposta do Emperador a huma carta do In- fante ,	204.
Falta à palavra , e entrega o Infante por dinheiro aos Castelhanos ,	207.
Tyranna ordem do Emperador na entrega do In- fante ,	208.
Fidalgos da Acclamaçao ,	210.
Depois de renderem o Paço sahem pela Cidade aci- clamando ElRey .	109.
Voltaõ ao Paço , elegem Governadores , e fazem aviso a ElRey ,	111.
Fidalgos Portuguezes que concorrem de fóra a dar obediencia a ElRey D. Joaõ ,	112.
Fidalgos que estavaõ em Madrid offerecem-se a El- Rey de Castella para a Conquista de Portugal ,	125.
Fidalgos que estavaõ em Indias no tempo da Accl. maçao ,	127.
Fidalgos que se passáraõ a Castella ,	131.
Fidalgos que se passáraõ a Castella ,	134.
São todos condemnados por traidores ,	135.
Fidalgos , e pessoas conjuradas contra ElRey Dom Joaõ .	300.

Tom. I.

Gg

Con.

Confissoens de todos.	305.
Sentença de morte contra elles.	314.
Forma de sua execuão.	317.
Fidelidade generosa de huma Senhora Castelhana.	195.
Fidelidade de Manoel da Silva.	299.
Figueira de Vargas Villa de Castella rendese aos Portuguezes.	432.
Fortaleza de S. Giaõ rendese depois de resistir alguns dias.	118.
Fortaleza da Ilha Terceira rendese havendo resistido quatorze mezes.	139.
Sua descripçao.	Ibid.
Fragata Hollandeza rende hum navio nosso em Indias que hia livrar o Conde de Castello Melhor da prizaõ, e resolvese o Capitão Hollandez á empreza.	195.
Ajuntase com outra da mesma conserva, e consegue a empreza.	196.
Perdele o navio Portuguez com a tormenta, e as fragatas Hollandezas rendem huma Castelhana, que tambem se perde com a tormenta.	197.
Ponderaõ sobre a variedade destes successos.	Ibid.
Premio que se deu ao Capitão Hollandez.	198.
França, negocios do anno de 1641, assistindo por Embaixador Francíscio de Mello Monteiro mór.	161.
Negocios do anno de 1642, sendo Embaixador o Conde da Vidigueira.	405.
D. Francíscio de Mello Marquez de Ferreira procura com outros fidalgos applicar o povo de Evora.	69.
Acompanha ElRey depois de acclamado de Villa Viçosa até Lisboa.	116.
Exercita o officio de Condestavel no juramento delRey D. Joaõ.	122.
Acompanha a Rainha de Villa Viçosa até Lisboa.	124.
Francíscio de Mello Monteiro mór principal author da felice Acclamação delRey: suas diligencias.	91.
Avança o Paço acclamando ElRey, e sobe ao quarto da Duqueza de Mantua.	109.

**I N D I C E.**

	477
Vay por Embaixador a França.	161.
Ajusta a paz, e volta a Lisboa na Armada de França.	162, e seg.
Pasha a Alemtejo por General da Cavallaria.	358.
Ganha a Villa de Alconchel.	361.
Ganha Chêles.	363.
Retirada de Telena.	369.
Queima as Villas de Albufeira ; Almeadral, e Torre.	429.
Ganha Pedra-Buena com rota dos Castelhanos.	437.
D. Franciso de Souza aclama El Rey D. Joaõ em Lisboa,	109.
Attaca a Fortaleza de S.Giaõ, e entra nella,	118.
Fórma em Beja hum Terço com titulo de Mestre de Campo,	228.
Socega os moradores de Moura,	233.
Interprende Valença de Bomboy,	235.
Attaca a Villa de Arouche, entra o Arrabalde, e retira-se com grande despojo,	357.
Queima Ensinatola,	360.
D. Franciso de Castro Inquisidor Geral elegeo-o El- Rey Conselheiro de Estado,	124.
Sua prizaõ,	302.
Cartas que manda a El Rey em que confesla o seu elicto,	305.
He solto;	320.
Francisco de Lucena Secretario de Estado commu- nica a Duqueza de Mantua com intento de grangear a liberdade de seu filho,	292.
Sua prizaõ;	410.
Francisco de Ornellas Capitaõ mór da Villa da Praya na Ilha Terceira manda o El Rey à empreza de sujeitar a Ilha á sua obediencia,	136.
Acclama El Rey na Villa da Praya,	137.
Soccorre a Cidade, e dispoem a defensa,	138.
Rende a Fortaleza, e embarca-se para Lisboa ;	142.
Francisco de Abreu de Lima Sargento mór em Moura he desterrado com nota de infamia por cobarde,	234.

Francisco de Andrade Leitão Desembargador dos  
Aggravos faz a oraçāo do Juramento del Rey  
D. Joaō. 123.

Vay por Embaixador a Inglaterra. 163.

Pasha a Hollanda, e faz huma oraçāo aos Esta-  
dos. 407.

Francisco Rebello Homem Vereador da Camera faz  
huma oraçāo no Pelourinho velho depois de ju-  
rado El Rey D. Joaō. 123.

Oraçāo que faz nas Cortes. 129.

Francisco de Sousa Coutinho Embaixador de Suecia,  
e Dinamarca negalhe El Rey de Dinamarca au-  
diencia publica. 169.

Falla a El Rey em particular, parte a Suecia tem  
audiencia da Rainha. 170, e seg.

Conferencia com os Ministros, ajusta a paz, e  
volta para Lisboa. 172.

Papel que apresentou na Dieta de Ratibona. 205.

Francisco de Mello Governador de Olivença resis-  
te valerosamente ao Conde de Monte Rey. 2301.

Francisco de Mendoça Alcaide mór de Mourão in-  
terpende Valença de Bomboy, 236.

Funchal Cidade da ilha da madeira foy exemplo a  
todas as Conquistas para acclamarem El Rey  
D. Joaō, 135.

Fundamentos para se escrever esta historia, 3.

## G

**G** Alegos queimāo algumas Aldeas em Entre  
Douro e Minho, 256.

Derrotaõ douz Capitães, e queimāo Alcobaça, 268.

Entraõ o Lugar de Duas Igrejas, e queimāo ou-  
tras Aldeas, 281.

Assaltaõ Villa Nova, retiraõ se com perda. 454.

Galeoens Castelhanos rendemse no dia da Acclama-  
çāo os que estavaõ no rio. 113.

D. G. Spar dc Gusmaõ Conde Duque de Olivares,  
sua

## ÍNDICE.

479

sua notícia ;	63.
Elege Secretarios de Estado de Portugal Diogo Soares em Madrid, e Miguel de Vasconcellos em Lisboa ,	Ibid.
Meyor que toma para o socego da Alteração de Evora ,	72.
Manda as Tropas de Guepuscia , e Navarra a Portugal ,	75.
Politica ambiciosa do Conde Duque ,	76.
Ajunta em sua casa os fidalgos Portuguezes para mostrar que suavilava o castigo dos amotinados ,	Ibid.
Extravagante proposta que faz aos povos de Portugal ,	80.
Procura tirar do Reino ao Duque de Bragança ,	85
Executa excessos sem dissimulação , resolvendo- se fazer de Portugal Província ,	87.
Elege o Duque de Bragança General das Armas de Portugal : e discursos sobre esta eleição ,	89.
He causa das alterações de Catalunha ,	92.
Persuade a El Rey que passe a Catalunha com hum Exercito com intento de chamar a Madrid o Duque de Bragança , e toda a Nobreza de Portugal ,	93.
Resolve-se continuar os progressos de Catalunha , dilatando a conquista de Portugal em utilidade nossa ,	128.
Gaspar Pinto Pestana , Comissario Geral ganha Figueira de Vargas , e livra as Tropas com industria ,	363.
Desbarata duas Tropas Castelhanas ,	365.
Rompe huma Tropa do Almendral ,	416.
D. Gastaõ Coutinho aclama El Rey D. Joaõ , e avança a casa de Miguel de Vasconcellos ,	108.
Solta os prezos ;	112.
Rende a Fortaleza de Cascaes ,	119.
Governa as Armas de Entre Douro e Minho ,	254.
Rompe a guerra com varias entradas ,	255.
Ganha alguns reductos aos Gallegos ,	270.

Gg 3

Ar.

Arruina as Fortificaçõens de Pedrenda ;	Ibid.
Governadores , e Juizes nomeados pelo Cardeal D.	16.
Henrique ,	
Tomaõ posse do governo , despedem as Cortes , e	
fazem aviso a ElRey de Castella ,	21.
Daõ sentença a favor del'Rey Filipe ,	29.
Governadores do Reino em quanto ElRey D. Joaõ	
naõ chegava a Lisboa ,	112.
Passaõ ordens para o socego da Cidade ,	113.
Prendem os Ministros de Castella ,	115.
Gregorio Correa acçaõ valerosa que faz em Oli-	
vença ,	245.
Guardaõ he sitiado , e rendido pelos Portuguezes : e	
sua descripçao ,	386.
Guarniçaõ Castelhana que contra os Capitulos jura-	
dos se põem nas Fortalezas de Portugal ;	39.
Guerra de França com Castella , e causas de seu	
rompimento ,	74.

## H

D. Henrique Rey de Portugal ; e seu Elogio ,	11.
D. Henrique Henriquez Capitaõ de Cavallos	
passa com a sua Companhia de quartel para	
Moura ,	243.
Desbarataõ os Castelhanos , e tira lhe huma preza ,	356.
Hidalcaõ intenta sitiatar Goa com os Hollandezes ,	150.
Desiste do sitio .	153.
Historia utilidades que tem em se lêr ,	126.

## I

I Lha Terceira , primeira revolta que tem os mora-	
dores da Cidade em que começaõ a Acclamar a El-	
Rey D. Joaõ ,	137.
Ganhaõ o Forte de S. Sebastiaõ ,	139.
Soccorros que tomaõ aos Castelhanos ,	140.
	Ea.

# I N D I C E.

481

Entraõ a Fortaleza depois de resistir quatorze me- zes,	142.
Tomaõ dous navios de Indias;	410.
Ilha de S. Thomé entraõ na os Hollandezes, ganhaõ a Cidade, e Fortalezas,	334.
Ilha da Madeira, e as mais Ilhas Acclamaõ ElRey,	135.
Imprudencia do Padre Francifco de Vilhena em exe- cutar as ordens d'ElRey,	146.
India, relaçao do estado em que a achou a Accla- maçao,	153.
Succesos da guerra do anno de 1641, sendo Vil- Rey o Conde de Aveiras,	338.
Succesos do anno de 1642,	413.
Inglaterra, negocios do anno de 1641; sendo Em- baixador D. Antao de Almada,	163.
Interdito do Coleitor.	88.
Levantaõ o Auditor da Legacia no tempo da Ac- clamaçao,	117.
Inveja do Duque de Villa Formosa,	65.
Joanne Mendes Mestre de Campo General em Alem- tejo governa a Provincia em ausencia do Conde de Obidos,	415.
Ganha Telena, arraza o lugar, e põem-lhe o fogo,	417.
Vay reconhecer Badajoz,	425.
Seu voto, e razoens sobre se retirar o Exercito de Badajoz,	427.
D. Joao I. Rey de Portugal, e seu Elogio,	9.
D. Joao II., e seu Elogio,	10.
D. Joao III. e seu Elogio.	Ibid.
D. Joao Tello acçaõ que faz de grande credito,	21.
Joaõ Pinto Ribeiro Agente dos negocios do Duque de Bragança: sua opiniao na legunda junta da Nobreza sobre a Acclamaçao,	95.
Parte a Villa Viçosa: despedeõ o Duque com or- dem de ser Acclamado em Lisboa,	100, e seg <sup>o</sup>
D. Joao I. Duque de Bragança pertendente da Coroa, e fundamentos de sua justiça,	13.
Diligencias do Duque, e razoens em que mostra a sua	

à sua justiça ,	22.
Não admitte os despachos del Rey Filipe :	36.
Sua morte ,	37.
D. João II. Duque de Bragança ; e IV. Rey de Portugal , he acclamado em Villa Viçosa nas alterações de Evora ,	70.
Naõ se fia da inconstancia do Povo ,	73.
Procuraõ os Castelhanos tira-lo de Portugal ,	85.
He nomeado General das Armas de Portugal com industria para o tirarem do Reino ,	89.
He chamado para passar a Catalunha , e resolve-se á empreza da liberdade ,	93.
Manda-se acclamar em Lisboa ,	101.
He acclamado em Lisboa ,	107, e 108.
Entra em Lisboa , e he recebido com universal aplauso ,	116.
Daõ-se he obediencia todas as Provincias do Reino ,	117.
He jurado Rey de Portugal ,	122.
Elege Ministros ,	124.
Chama a Cortes em que he jurado Rey ;	128.
He acclamado na Ilha da Madeira ,	135.
He acclamado na Ilha Terceira ,	136.
He acclamado na Bahia , e no Rio de Janeiro , 144, e seg.	149.
He acclamado em todos os lugares da India ,	149.
Disposições do seu governo ,	157.
Manda Embaixadores aos Príncipes de Europa ,	161.
Diligencias para livrar seu Irmão o Infante D.	
Duarte ,	211.
Dispõem a defensa do Reino ,	215.
Conjuração contra a sua pessoa ,	294.
Utilidades que conseguiu com o castigo dos con-	
jurados ,	321.
He acclamado na Ilha de S. Thomé ,	333.
Passa a Alentejo , deixa governando a Rainha ,	419.
D. João da Costa seu voto sobre a Acclamação ;	102.
Livra da morte os Ministros dos Tribunaes no dia da Acclamação , e sobe ao quarto da Duquez	
za de Mantua ,	109.
Rende os Galeoens dos Castelhanos ,	113.
	Le.

# INDICE.

483

Levanta gente em Evora, e he o primeiro Mestre de Campo em Alentejo,	220.
Governa Elvas, e oppoem-se aos Castelhanos,	230.
Faz sahir as Tropas de Elvas que conseguem hum felice succeso,	232.
Informaçao que dá a Martim Affonso de Mello do estado da Provincia de Alemtejo,	239.
Recontro com bom succeso nos Olivaes de Elvas,	242.
Soccorre com grande actividade o Monteiro mór, livra-o de perigo,	370.
Joaõ Rodrigues de Sá Acclama ElRey D. Joaõ em Li boa,	109.
Rende os Galeoens dos Castelhanos, que estavaõ no Rio, com D. Joaõ da Costa,	113.
Exercita o officio de Camareiro mór,	122.
Joaõ Rodrigues de Vasconcellos Conde de Castello. Melhor empreza heroica que intenta em Ia- dias de Castella,	186.
He prezo descobrindo-se o trato da empreza,	189.
Sentenciaõ-no á morte pondo-o primeiro a tor- mento,	191.
Depois de se lhe permittir appellaçao intenta le- vantar-se com o Castello em que estava prezo,	192.
Fugida admiravel do Conde para Portugal com circunstancias notaveis,	196.
Governa a Provincia de Entre Douro e Minho,	439.
Ganha Salvaterra, e põem-lhe o fogo,	441.
Ganha segunda vez Salvaterra, e fortifica-se,	445.
Valor, e disposiçao com que a defende de hum Exercito,	451.
Joaõ da Silva Tello Conde de Aveiras, Viso-Rey da India, acclama ElRey D. Joaõ em Goa,	151.
Disposiçoes para o seu governo,	154.
Descobre huma traíçao dos Hollandezes,	155.
Joaõ Paes de Carvalho manda-o ElRey D. Joaõ a Indias,	184.
Prendem-no em Cartagena, descobrindo-se o in- tento, sentenceaõ-no á morte de que se livra por quinhentas patacas,	185.
	Joaõ

Joaõ de Saldanha da Gama Acclama El Rey D. Joaõ  
em Lisboa, 108.

Faz preza em todo o gado da Villa da Povoa go-  
vernando Campo Mayor, 366.

Derrota duzentos Infantes de Albuquerque, 418.

D. Joaõ Soares de Alarcaõ, passa-se com outros fidal-  
gos a Castella, 131.

He condemnado por traidor, 134, e seg.

Entra em Portugal governando hum Troço de Ex-  
ercito, entra aguns lugares, e attaca o Castello  
de Escalhaõ de que se retira com grande perda, 389.

D. Joaõ de Garay Mestre de Campo General dos Ca-  
ste'hanos intenta ganhar Elvas enganado de hu-  
ma falso noticia, 241.

Intenta ganhar por interpreza Campo Mayor, 247.

Disposiçoes que faz para tirar de Elvas os priso-  
neiros. 353.

Manda enforcar trinta Hollandezes de Campo Ma-  
yor que sem ordem tinhaõ ido a roubar, 366.

Industria com que quer evitar passarem-se os Napo-  
litanos a Portugal, 417.

D. Joaõ de Attaide successos prosperos que consegue 437.

Joaõ de Saldanha de Souia Acclama El Rey em Li-  
boa, 108.

Seu voto sendo Mestre de Campo no Exercito so-  
bre Badajoz, 425.

Joaõ de Almeida Alferes acçaõ valerosa que faz, 368.

D. Joaõ de Sousa Mestre de Campo acode a hum  
rebate em Elvas, 355.

Joaõ Paschasio Cosmander Religioso da Companhia  
de Jesus passa a Alemtejo, e reconhece Badajoz, 425.

Fortifica Villa-Nova del Fresno, 436.

D. Jorge Mascarenhas Marquez de Montalvaõ Accla-  
ma El Rey na Bahia, 144.

He prezo, e mandado para Lisboa, 147.

Voto do Marquez sobre passar El Rey a Alemtejo, 401.

Junta do desempenho em Madrid, 67.

Junta de Santo Antaõ em Evora, 69.

Ordens, e poderes que lhe dá o Conde Duque, 72.

Jun.

## INDICE.

48

Junta dos Nobres em casa de Jorge de Mello sobre a Acclamaçāo.	92.
Junta dos Nobres em casa de D. Antaō de Almada sobre a Acclamaçāo.	95.
Junta em casa de Joāo Pinto, em que se elege o pri- meiro de Dezembro para a Acclamaçāo, 101, e teg. Embaraçaçāo se os confederados com o voto de D.	105.
Joaō da Costa,	
Dificulos dos confederados sobre a execuçāo da Acclamaçāo, assentaõ a fórmā, e tempo della,	106.
Junta em Madrid dos fidalgos Portuguezes,	76.
Junta dos Tres Estados, e sua instituiçāo,	130.
Juntas em Badajoz, e Aya-Monte.	83.

## L

L Evas de gente de Portugal para Flandes;	43.
L Levas de Portugal para a guerra de França,	85
Linhares Lugar de Galiza he saqueado pelos Portu- guezes.	449.
Lobios Villa de Galiza, e outros Lugares saõ quei- mados,	273.
Lopo Pereira ganha hum forte, e os reductos do Porto dos Cavalleiros em Galiza,	271.
Luiz Barbalho valor com que se livra em Pernam- buco dos Hollandezes,	62.
D. Luiz de Menezes Marquez de Villa Real elege o ElRey Conselheiro de Estado,	124.
Junta te á confederaçāo do Arcebispo Primaz,	295.
Sua prizaõ,	302.
Carta que escreve a ElRey,	313.
He fentenceado á morte,	314.
Fórmā da execuçāo,	317.
Juizo da Casa de Villa-Real;	319.
Luiz da Silva valor com que se livra dos Castelha- nos,	273.
D. Luiz de Menezes Author desta Historia cria-se com o Principe D. Theodosio,	126.
D. Luiz	

D. Luiz de Portugal passa a Alentejo, e occupa Vá-  
rios postos, 219.  
Socaga Portalegre, e tem bom successo contra os  
Caitelhanos, 243.  
Luiz Peteira de Barros descobre a El Rey a conjura-  
ção do Arcebispo Primaz, 298.  
D. Luiza de Gusmão, Duqueza de Bragança, e Rai-  
na de Portugal approva varonilmente o intento  
da Acclamação, 99.  
Entra em Lisboa depois de acclamado El Rey, 124.  
Suas prerrogativas, 292.  
Severa reposta que dá ao Arcebispo de Lisboa, 316.  
Governa Lisboa em ausencia del Rey, 419.

## M

**M**acáo, Cidade na China, dá obediencia a El-  
Rey D. Joaõ, 152.  
Fazem os moradores hum grande donatiyo a  
El Rey, Ibid.  
Malaca he sitiada pelos Hollandezes, 155.  
D. Manoel Rey de Portugal, e seu Elogio, 10.  
Manoel de Mello acclama El Rey em Lisboa, 109.  
Manoel de Sousa queima Monte Redondo, e ou-  
tras Aldéas em Galliza, 256.  
Manoel da Silva, sua grande fidelidade, 299.  
Manoelinho doudo celebre de Evora: passaõ os amo-  
tinados as ordens em seu nome, 70.  
Maranhaõ, Ilha na Costa do Brasil, sua descripção, 336.  
Entraõ, e saqueaõ a Cidade os Hollandezes, e  
ganhaõ a Fortaleza faltando á fé, 337.  
Successos do anno de 1642, em que se levantou  
contra os Hollandezes Antonio Monis Barreto, 411.  
Marquez de los Valles, General do Exercito de Ca-  
stella, sobre Barcelona, 158.  
Vay por Embaixador extraordinario a Roma, 175.  
Impedem-lhe os Portuguezes assistir à festa de San-  
to Antonio no seu Hospital, Ibid.  
In:

*I N D I C E.*

487

Intenta prender o nosso Embaixador, e diligências que faz.	178.
Encontro dos dous Embaixadores de que o Marquez sahe descomposto.	181.
Sahe de Roma.	182.
Marquez de Lagañes intenta prender ou matar o Padre Ignacio Mascarenhas em Genova.	159.
Marquez de Toral goveina Badajoz, e rompe a guerra.	222.
Manda hum bolatim com os primeiros prisioneiros.	225.
FaMo trato com os paizanos de Portugal.	Ibid.
Martim Afonso de Mello aclama ElRey D. Joaõ.	109.
Nomea o ElRey Governador das Armas de Alemtejo.	231.
Pontifica Estren õs.	236, e leg.
Sahe de Elvas a hum rebate com bom succeso.	242.
Soccoire Olivença, e augmentalhe o presidio.	247.
Interprende a Villa de Valverde.	250.
Ganha o Lugar da Codiceira.	259.
Pasla a governar o Algarve.	369.
S. Martinho Villa junto a Elges he atacada pelos Portuguezes.	379.
Mathias de Albuquerque: governa Pernambuco.	52.
Parte de Liboa com socorro a defender Pernambuco dos Hollandezes.	56.
Pasla a Alemtejo, e fortifica Olivença.	220.
Augmenta as fortificações de Elvas, e Campo Mayor.	221.
Governa as Armas de Alemtejo em ausencia do Conde do Vimioso.	222.
Anim a o Povo de Elvas no primeiro rompimento da guerra.	223.
Sahe ao Campo com a gente da Praça, e satisfaz os soldados com emboscadas, e escaramuzas.	224.
Soccoire Olivença, e naõ se atrevem os Castelhanos a investi-lo na retirada.	227.
Sua opinião sobre o falso trato de hum Capitão.	228.
Sua piizaõ.	304.

He

He folto com grande applauso ,	320.
Governa o Exercito de Alemtejo ;	428.
Entra a Villa de Alconchel , rende o Castello , e guarnece'o ,	431.
Maximas diabolicas de hum Ministro de Castella ,	209.
Mazagaõ dã obediencia a ElRey D. Joaõ ,	143.
Medeiros Lugar grande , e guarnecido em Galiza he entrado pelos Portuguezes ,	280.
D. Miguel de Almeida aclama briosamente a ElRey das varandas do Paço ,	107.
Miguel de Vasconcellos he nomeado Secretario de Portugal em Lisboa ,	63.
Governa sem dependencia , e confunde se na exe- cuçao dos tributos ,	66.
Sua morte no dia da Acclamaçao ,	109.
D. Miguel de Noronha Duque de Caminha dã prin- cipio áo juramento delRey D. Joaõ ,	123.
Estranha a seu pay o cego intento da conjuraçao ,	296.
Sua prizaõ ,	302.
Carta que escreve a ElRey ;	311.
He sentenceado à morte ,	314.
Fórmula da execuçao ,	317.
D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego elegeo El- Rey Conselheiro de Estado ,	124.
Vay por Embaixador a Roma ,	174.
Encontro com o Embaixador de Castella , recolhe- se o Bispo vistorioso ,	181, e seg.
Não admittte audiencia co no particular , e volta a Portugal , onde morre ,	184.
Minho rio de Portugal , sua descripçao ,	439.
Ministros que ElRey elegeo , logo que tomou posse do Reino .	124.
Ministros de que ElRey fazia mais confiança ,	291.
Moçambique aclama ElRey ,	149.
Utilidades de Moçambique ,	156.
Monte Redondo Lugar de Galiza he queimado ;	267.
He saqueado segunda vez depois de rendidos tres reductos ,	270.
Morte de D. Anna de Austria Rainha de Castella ,	321.
Mor.	

## INDICE

Morte de D. Diogo Príncipe de Castella.	489
Morte gloriosa de Roque Antunes.	36.
Motivos da perda de Portugal.	223.
Motivos das alterações de Catalunha.	12.
Motivos de se escreverem os primeiros sucessos da guerra.	92.
	225.

## N

N Apolitanos passaõse muitos de Castella a este Reino.	417.
Nascimento del Rey D. Affonso.	437.
Naufragio da Armada de Tristão de Mendoça.	346.
D. Nuno Malcarenhas Governador de Castello de Vide destroie toda a campanha de Valença de Alcantara.	236.
Saquea Ferreira.	241.
Queima o Lugar de Santiago.	359.

## O

O ffícios da Casa Real.	122.
Hollanda negocios do anno de 1641; fendo Embaixador Tristão de Mendoça.	164.
Negocios do anno de 1642, assistindo a elles Francisco de Andrade Leitão.	406.
Hollandezes interprendem a Bahia.	52.
Preza grande que fazem na frcta de Indias.	55.
Conquistaõ Pernambuco.	57.
Celebraõ com festas em Pernambuco a nova da Acclamação.	145.
Ganhão Angola, S. Thomé, e Maranhaõ faltando à fé.	332.
Olivença Villa de Alemtejo fortificale.	221.
Exercito dos Castelhanos sobre esta Praça, e retiraõ com perda.	230.
Interprede'a o Conde de Monte Rey com não sucesso.	244.
	Pala:

## P

P Alavras com que o Conde de Basto detem a furi  
 ria do povo de Evora, 69.  
 Pantalão Rodrigues Pacheco Inquisidor Agente dos  
 negocios de Portugal em Roma, 174.  
 Apresenta hum memorial em que declara o direito  
 del Rey, 176.  
 Satisfaz as dificuldades do Cardeal Barbarino, 177.  
 D. Payo Correa Heros insigne Portuguez que fez pa-  
 rar o Sol, 11.  
 D. Pedro Rey de Portugal, e seu Elogio, 8.  
 Pedro de Mendoça Furtado proposta que faz ao Du-  
 que de Bragança sobre a Acclamação, e sua re-  
 posta, 96.  
 Acclama El Rey D. João em Lisboa, 107.  
 Pedro Jaques de Magalhães he prezó em Cartagena, 189.  
 Generosa reposta contra o accusador, he condem-  
 nado a tratos, e passa-se a Portugal, Ibid. e segi.  
 Pedro de Bettencourt ganha hum redusto aos Galegos, 442.  
 Pedro Mauricio Duquisnè Capitão de Cavallos accião  
 que fez em Salvaterra, 451.  
 Pernambuco sua discrição, 55.  
 Conquistaõ no os Hollandezes, 57.  
 Portugal; sua discrição, 215.  
 Portuguezes quando concorrerão a renderse, conse-  
 guirão os Castelhanos conquistarlos, 32.  
 Considerações dos Portuguezes mais zelosos so-  
 bre a Acclamação, 88.  
 Passaõ a Portugal muitos dos que serviaõ no Exer-  
 cito de Catalunha, 159.  
 Praças das Conquistas ocupadas pelos Hollandezes  
 no tempo da Acclamação, 165.  
 Praças, e feitorias que os Hollandezes occupavaõ na  
 India no tempo da Acclamação, 339.  
 Pertenentes da Coroa de Portugal, e seus funa-  
 mentos, 13.  
 Prin-

# INDICE

491

Principes devem pôr grande cuidado no recato do prometer,	204.
Prizaõ de D. Sabiniano Manrique,	119.
Prizaõ da Marqueza de Montalvaõ, e outros fidalgos,	134.
He solta;	148.
Prizaõ dos fidalgos conjurados contra El Rey D. Joaõ,	302.
Proposta dos Castelhanos á Nobreza de Lisboa para se assentarem quinhentos mil cruzados de tributo,	64.
Proposta aos Ministros Portuguezes em Madrid,	86.
Proposta de hum Frade a D. Joaõ de Garay,	241.
Protesto do Duque de Bragança,	145.

# R

R Aynuncio Duque de Parma pertendente da Coroa, e seus fundamentos,	113.
Real da Agoa, e seu principio,	221.
Recontro de Verim com rota dos nossos soldados,	373.
Recontro de Guardaõ com Rota dos Castelhanos,	382.
Recontro com os Castelhanos,	392.
Resoluçao valorosa do Capitaõ Francisco de Gouveia,	255.
Reys da India mandaõ Embaixadores ao Viso Rey com o parabem da Acclamaçao,	342.
Rodrigo de Figueiredo acclama E Rey em Lisboa,	110.
Rompe a guerra em Traz os Montes, governando a Provincia,	275.
Ganha duas Villas; e sujeita alguns Lugares de Galliza,	276.
Desbarata os Gallegos, e ganha Tamagueios,	278.
Ganha Brandilhães,	283.
Entrada que faz em Galliza de que se retira com perda,	371.
D. Rodrigo Lobo chega a Indias com alguns navios da Armada do Conde da Torre,	184.
Comunica-lhe o Conde de Castello Melhor hu. Tom. I.	Hh ma

ma grande empreza,	188.
Acção valorosa em defensa do Conde, e passa a Portugal onde morre,	192.
D. Rodrigo de Castro primeiro Capitão de Caval- los em Alentejo,	220.
Derrota as Tropas de Albuquerque;	417.
Rodrigo de Miranda defende Olivença valorosamen- te de huma enterpreza,	245.
Roma negocios do anno de 1641, sendo Embaixa- dor D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego, 173, e seg.	
Roquemont saquea Linhares,	449.
Rota de humas Companhias de Olivença;	224.
Rota de humas Tropas de Villar del Rey;	415.
Rota dos Castelhanos em Val de la mula,	384.
Ruy de Mattos de Noronha Conde de Armamar ajun- ta-se á conjuração do Arcebispo Primaz,	296.
Sua prizaõ,	302.
He sentenceado á morte,	314.
Fórmula da execuão,	317.

## S

<b>S</b> Alvador de Mello passa-se de Castella ao serviço de Rey com trezentos Portuguezes,	404.
Salvaterra he ganhada aos Gallegos,	441.
Ganha-se segunda vez, e fortifica-se,	445.
Intentão os Gallegos ganhá-la com mão sucesso;	448.
D. Sancho I. Rey de Portugal, e seu Elogio,	7.
D. Sancho II. e seu Elogio,	8.
D. Sancho Manoel, Mestre de Campo na Beira, quei- ma o lugar de Carzilhas,	375.
Rende o Castello de Elges,	377.
Ataca a Villa de S. Martinho,	379.
Recontro do Guardaõ,	382.
Rompe os Castelhanos em Villar Formoso;	Ibid.
Ganha a Villa de Freixenedas, e levanta o Forte de Val de la mula.	383.
Serve de Mestre de Campo General no sitio do Guardaõ,	386.
	Santa-

*INDICE.*

	493.
Santarem primeiro lugar que acclama ElRey sem ter carta de Lisboa ,	117.
D. Sebastiaõ Rey de Portugal ,	11.
D. Sebastiaõ de Matos de Noronha Arcebispo de Braga quer favorecer a Duqueza de Mantua , retira-se temeroso dos confederados ,	110.
He eleito Governador de Lisboa em quanto ElRey naõ chegava ,	112.
He author da conspiraçao contra ElRey ,	295.
Sua prizaõ ,	302.
Cartas que da prizaõ escreve á ElRey ,	307.
Sua morte ,	320.
Sertorio Heroe insigne Portuguez ,	11.
Severidade com que he degollado em Castella o Marquez de Aya Monte ,	326.
Soccor o de Hollanda mais applaudido visto , que experimentado ,	328.
Sitio da Bahia ,	61.
Sitios de Negumbo , Malaca , e Mascate ,	154, e seg.

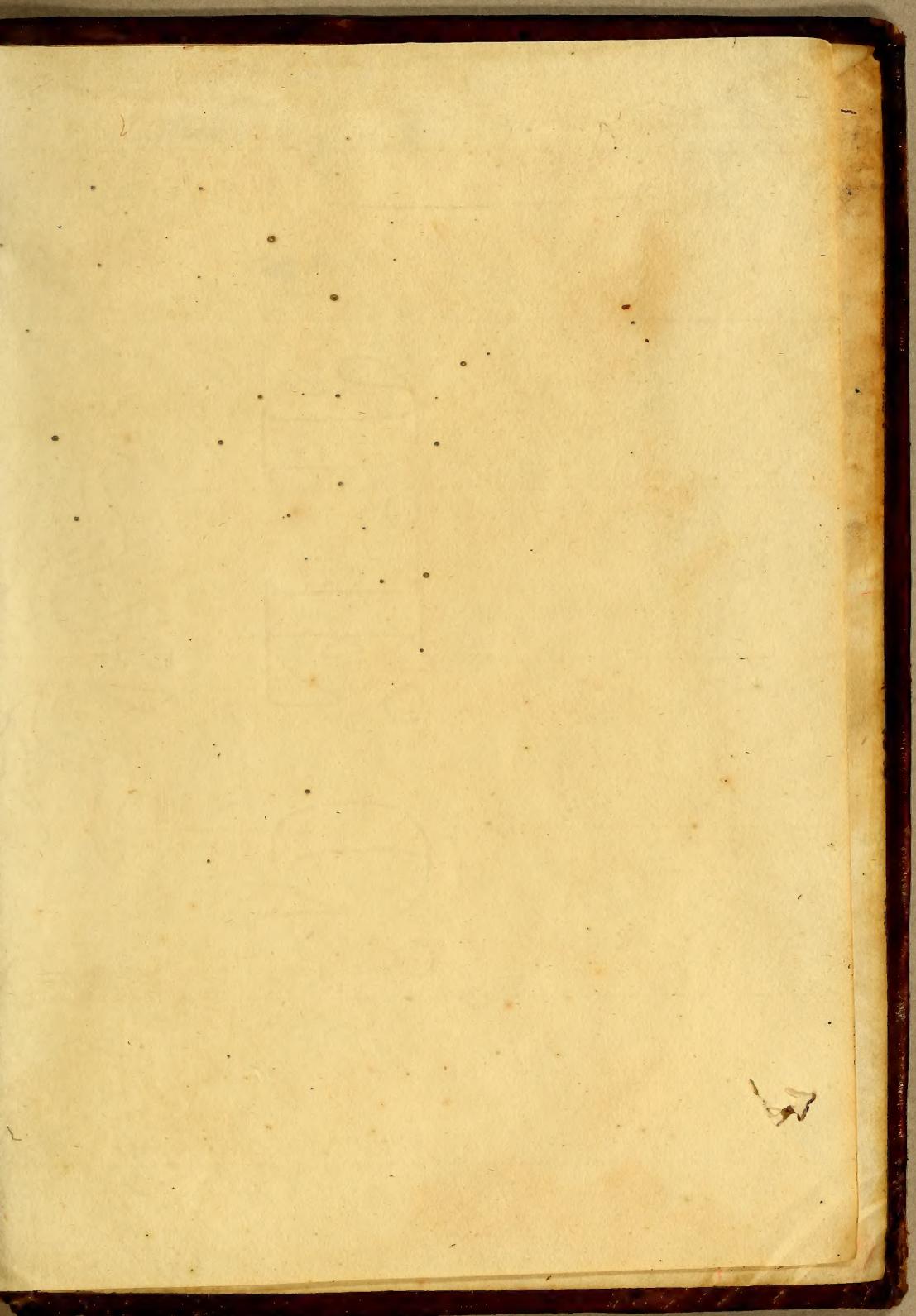
**T**

T Amaguelo Villa de Galliza he ganhada pelos Portuguezes ,	276.
He ganhada seguda vez ,	278.
D. Theodosio Duque de Bragança tem os Castelhanos ciumes da sua grandeza , acçoeis varias , e protestos do Duque ,	44.
D. Theodosio Duque de Barcellos focega em Villa Viçosa o povo alterado ,	70.
Seus costumes , e exercicio sendo Principe ,	126.
Torre de Ervededo he queimada pelos Gallegos ,	279.
Traz os Montes , terceira Provincia de Portugal , sucessos do anno de 1641 , governando as Armas Rodriguez de Figueiredo ,	275.
Successos do anno de 1642 ,	372.
Tregoa indecorosa que os Castelhanos fazem com os Hollandezes ,	43.
Tregoa com os Hollandezes ,	167.
Tributo de 5000U cruzados ,	64.
In.	

Institue-se em Madrid junta para se executar o tributo, e altera-se Evora por causa do mesmo tributo,	67.
Tributos intoleraveis,	51.
Tristaõ de Mendoça acclama El Rey em Lisboa;	109.
Vay por Embaixador a Hollanda,	164.
Chega a Lisboa com a Armada, e soccorro,	169.
Tormenta da Armada de que era General,	346.
Perde-se querendo-se salvar em hum batal,	347.
Tropas de Castella que passaõ ás fronteiras de Portugal,	75.
Tyrannias dos Castelhanos,	39.

## V

V Alença de Bomboy he atacada, e ganhada pelos Portuguezes,	236.
Valverde Villa dos Castelhanos interprendem-na os Portuguezes,	250.
He sitiada, e rendida,	421.
Valverde Villa no Partido contrario á Beira dá obediencia a El Rey D. Joaõ,	377.
Varões insignes Portuguezes,	11.
D. Velsõ da Gama, Conde da Vidigueira, vay por Embaixador a França,	405.
Villa Mayor he queimada aos Gallegos;	278.
Villa Verde he atacada pelo Marquez de Tarafona que se retira com perda,	Ibid.
Villa Nava del Fresno he sitiada, ganhada, e fortificada pelos Portuguezes,	432.
Uimbra Villa que se ganha aos Gallegos;	276.
He entrada segunda vez, e queimada,	280.
Viato Heroe insigne Portuguez,	11.
Voto de D. Joaõ da Costa sobre a Acclamaçao com razoens notaveis,	102.
Voto do Archiduque Leopoldo sobre a prizaõ do Infante D. Duarte,	201.
Voto do Padre Quiroga,	Ibid.
Wamba Varaõ insigne Portuguez;	11.



file 15

Portugal Histórica

114

Portugal Histórica

Portugal Histórica

Portugal Histórica

C 751

EGG

V. 1

1000

2 #50

